Nota Explicativa

Esta tese foi digitalizada a partir do exemplar disponível na Biblioteca Florestan Fernandes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. O exemplar não possui a página 283.

Triunfo Católico no Calendário Republicano: N. S. Aparecida no Calendário Secular [*1930-1980*]. **Tese de doutorado**: **vol. I**.

Pesquisador: *Marcelo Pedro de Arruda*.

Orientador: Prof. Dr. *Augustin Wernet*.



Nossa Senhora Aparecida

PADROEIRA DO BRASIL

Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo [FFLCH-USP].

São Paulo, Junho de 2005.

[*] **1]** De acordo com a argüição da banca examinadora, composta dos seguintes membros Professores-Doutores: *Augustin Wernet*, Presidente, USP; *Elias Thomé Saliba*, USP; *Fábio José Garcia dos Reis*, UniSal-Lorena; *Maria Helena Rolim Capelato*, USP; e *Milton Carlos Costa*, Unesp-Assis; e conforme com o consignado na Ata que a Banca apresentou, a tese foi **aprovada com distinção**, e se ressaltou sobre **"a importância da pesquisa empírica ampla e inovadora"**. Apontou-se a necessidade de uma revisão "formal", pois, não obstante a mesma ter sido apresentado em forma de capítulos, conforme as normas acadêmicas, faltou-lhe a *numeração* em itens e sub-itens - porém, já havia a descrição dos mesmos em itens; **2]** O profº Saliba afirmou que se travava de uma "**preciosa** pesquisa com **fontes primárias inéditas**" apresentadas na tese; o profº M. Costa salientou vivamente que na tese, além das referidas fontes apontadas, compulsou-se "uma **excepcional** bibliografia das relações Igreja-Estado" e que ele, na condição de docente e orientador de pesquisadas da área de história e da temática Igreja-Estado não conhecia, e que o pesquisador havia articulado documentos e fontes primárias, agenciando-as com a bibliografia já estruturada num todo operatório e inovador no problema abordado; ressaltou que o orientador da pesquisa com a presente tese havia consolidado a sua posição única na academia de "formador de uma escola" de pesquisa da instituição Romana no país, e que o pesquisador havia apontando algo inédito: como a política ultramontana, por meio da devoção mariana, havia cingido a cúpula curial romana, a alta hierarquia católica da Nação e os quadros mais expressivos da política secular do Brasil. O profº Fábio, especialista nos padres afonsinos, disse-se impactado com o Relatório da especialista Maria H. Chartuni que relatou sobre o seu 3º restauro da Imagem de Aparecida, pois o **Ícone da Padroeira havia sido submetido a material abrasivo, produto químico com elemento cancerígeno e tinta automotiva**, inclusive - para surpresa dos membros da Banca e do argüido -, ele revelou que havia telefonado a dirigentes da Congregação Redentorista lotados no Santuário Nacional para constatar da veracidade do fato, obtendo a confirmação do ocorrido. A profª Maria Helena Capelato afirmou que o trabalho revelava um pesquisador "dedicado" que controlava de modo ímpar o seu objeto, assim revelando um atilado especialista das relações Igreja-Estado que se revelava em "**momentos magníficos**" da tese; vincou que na parte da pesquisa referente aos anos 1930-1945, para ela se tratava de uma revelação, pois na condição de especialista no período, pois desconhecia, em detalhes, os eventos que envolveram multidões no espaço público - anteriores às mobilizações das massas populares no Estado Novo - em torno da Imagem de Aparecida; além "... **do importantíssimo documento de Dom Leme de 1931 que estabeleceu uma política de massas no campo católico**". Ela sugeriu que fosse adicionada ao título da tese a expressão "**sacralização da política e laicização do sagrado**", retirada da pesquisa e que fora consistentemente desenvolvido por todo o trabalho. O profº Wernet, na condição de orientador do trabalho, salientou que a tese reforçava o traço que distingui a Pós-Graduação em História da FFLCH-USP: "a partir de um *corpus* documental inédito" o pesquisador hauriu do "**copioso material empírico compulsado**" os elementos para as suas afirmações ao longo da tese. Ressaltou que o financiamento da pesquisa, por duas Agências públicas de fomento - FAPESP e CNPq -, justificava-se pelo resultado obtido, pois, engendrava novos elementos na compreensão das relações Igreja-Estado, "... **tornando-se consulta obrigatória**" doravante; **3]** Na versão lida pela Banca apresentei uma série *excursos* devidamente nomeados, e na presente versão eles aparecem enumerados e subdivididos. Assim, fiz remanejamentos, desloquei passagens, corrigi excessos etc., de acordo com os prazos da CPG da FFLCH-USP; **4]** Nesta ordem de coisas, como disse um historiador a respeito da Banca que o argüiu: "... agradeço-lhes o modo gentil de suas intervenções, a generosidade dos comentários, sem prejuízo da crítica mais elevada e fina. Lamento não ter incorporado todas as sugestões feitas, algumas delas por estarem além dos meus recursos, outras por implicarem desvios de rota que redundariam fatalmente em trabalho diverso".[1]

[*] **Nota Pós-Defesa da Tese em 27 de outubro de 2005**.

---

[1] HARDMAN, Francisco Foot. *Trem-Fantasma. A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. São Paulo, Cia. das Letras, 2ª ed., 2005, 345p; cit. p. 17.

ÍNDICE: pp. 2-10.

APRESENTAÇÃO GERAL:

[*] Nota Pós-Defesa da Tese em 27 de outubro de 2005; p. 1.

a] Abstract ; p. 11.

a.1] Key-Words; pp. 11.

a.2] *In memoriam*; p. 12.

a.3] Agradecimentos; pp. 13-15.

a.4] Epígrafes; pp. 16-17.

a.5] Documento da CNBB de 14-04-2002; pp. 18-19.

a.6] Sumário da pesquisa e dos capítulos; pp. 20-25.

a.7] Introdução; pp. 26-31.

a.7.1] Aparecida na historiografia; pp. 32-33.

a.7.2] Aportes teórico-metodológicos; pp. 34-36.

a.7.3] A Episcopalização como política de elevação à condição de padroeiro[a]; pp. 37-41.

PRIMEIRA PARTE:

b] *Imbricamento do histórico e do mítico: matriz do* ethos.

b.1] Introdução; pp. 42-46.

b.2] Estampas de N. S. Aparecida que narravam o seu encontro e divulgavam seus prodígios, 1930-1967, e a relação amorosa de uma escolar com cromos da Padroeira; pp. 47-58.

b.3] A Tentativa de falsificação da cor da Imagem de Aparecida por religiosos que atuam no Santuário Nacional: a aplicação de tinta automotiva e de produtos químicos corrosivos e cancerígenos na Estátua de N. S. Aparecida - década de 1990; 59-60.

b.4] Os Desagravos à N. S. Aparecida,1963-1995. O Desagravo de 1963 a partir de uma charge da Padroeira publicada no jornal *Última Hora* - o percurso pela Via Dutra, de Aparecida à Capital de São Paulo: o roteiro que espalhou o rastilho de pólvoras que lançou a Nação na longa noite *orwelliana*; pp. 61-73.

SEGUNDA PARTE:

c] *A Episcopalização da devoção popular à Aparecida.*

c.1] Processualidade da racionalidade e controle devocional: romarias organizadas e encantamento ritual; desde 1900; pp. 74-80.

c.2] Aparecida *locus* de enlevo: peregrinação, deslocamento humano e inculcação de uma pastoral ultramontana; 1904; pp. 81-89.

c.3] 8 de Setembro de 1904: ritos e cerimônias da coroação do Ícone de Aparecida; pp. 81-99.

c.4] O significado simbólico do Pastor a partir do *Oratio* de D. Joaquim Arcoverde; 1904-1942; pp. 100-107.

c.5] O Brasil, Nação católico, apresentava-se *às Repúblicas no concerto dos países de regime capitalista de mercado informado de valores cristãos e apontava estabilidade no plano político* - o pastoreio hierocrático que prometia *ordem* e *obediência* do seu rebanho. O significado da elevação cardinalística de D. Joaquim Arcoverde como o Primeiro Cardeal do país e o envolvimento do Estado brasileiro que custeou as despesas dos ritos cardinalísticos; 108-111.

c.6] Romarias organizadas à Aparecida. Dados quantitativos, dimensionamento e significado da adesão devocional, de cerca de 1930 até 1981; pp. 112-118.

c.7] "A primeira romaria que veio de um Estado distante: **a Padroeira do Brasil como sentinela de paz na fronteira da pátria**". Romeiros gaúchos partiram de Porto Alegre em 19 de julho de 1930 rumo à Aparecida. Conclusões preliminares; pp. 119-123.

TERCEIRA PARTE:

d] *A Construção racional de expectativas messiânicas*.

d.1] A Celebração pelos vinte e cinco [25] anos da coroação da Imagem de Aparecida em 1929. Racionalidade [planejamento, organização, logística e metas a serem alcançadas] ritmada por elementos emotivos. A cúpula curial romana e a hierarquia da PEM se uniram em evento de celebração mariana; pp. 124-129.

d.2] Os Ritos e as celebrações da Semana mariana em setembro de 1929. *Exortações e cânticos; hinos e ladainhas, ave-marias e jaculatórias* ritmavam sessões de estudos, conferências e procissões, criavam um ambiente e proporcionavam *uma atmosfera onírica e mística*: operavam-se *laços de coesão e pertença* nos ritualistas *num período histórico de mutação social*; pp. 130-145.

d.3] *Diagnóstico de uma situação histórica em vias de mutação e argumentos pânicos*. O discurso: "O Brasil e N. Senhora!" em 7 de setembro de 1929 do bispo Sebastião Leme: o homem brasileiro e o *ethos* mariano como autenticidade e representação do Brasil profundo; pp. 146-155.

d.4] O decreto papal de Pio XI de 16 de Maio de 1930: "Nostra Signora dell' Apparecida Patrona del Brasile"; pp. 156-161.

d.5]. O Vaticano e as Concordatas como política de Estado: o modelo fascista como orientador das relações Igreja-Estado e realidade histórica brasileira. A ação política de D. Bento Aloisi Masella, o Núncio Apostólico no Brasil; de D. Duarte Leopoldo e Silva, o Arcebispo de São Paulo; do

Arcebispo do Rio de Janeiro, o Cardeal D. Sebastião Leme e a mobilização do laicado católico, 1930-1931; pp. 162.

d.5.1] A *Circular Reservada* nº 5330 de 09 de dezembro de 1930: a Nunciatura instruía o episcopado para uma factível Concordata com o Estado brasileiro; pp. 162-166.

d.5.2] O Regime político liberal, a expansão patrimonial, a influência política e o adensamento devocional da Igreja católica de 1891 a 1930, segundo o balanço de Duarte Leopoldo e Silva, o Arcebispo de São Paulo, e o seu posicionamento frente à *Circular Reservada* nº 5330: "**Jamais a Igreja, no Brasil, dispôs de tanto recurso material, como depois que o Estado lhe negou toda e qualquer subvenção oficial** [fim do regime do Padroado régio], **e isto é tão verdade para as dioceses e paróquias mais dotadas, como para as mais pobres e necessitadas**"; pp. 167-174.

d.5.3] O Pêndulo político do jovem e ambicioso Cardeal Leme oscilou em consonância à hierarquia curial romana. D. Sebastião Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro, em 24 de dezembro de 1930, fez eco à "*le rivendicazioni dei Cattolici*" apontada pelo Núncio Apostólico. D. Leme elaborou um programa político e estabeleceu o roteiro para as ações dos católicos: os pleitos da Igreja a serem contemplados na futura Constituição; pp. 175-189.

d.5.4] O Laicado católico se movimentava e se lançava à ação, de novembro de 1930 a abril de 1931. Os Católicos, os Tenentes e o roteiro do Estado autoritário: os Legionários paulistas e mineiros se manifestaram: "**a questão social; Federação e centralização; um governo forte**" e as demandas dos católicos: "**a associação dos três poderes: o poder político, o poder econômico, e o poder espiritual**" para atender as necessidades e "**os interesses de uma nacionalidade essencialmente cristã como a nossa**", segundo Tristão de Ataíde; pp. 190-198.

d.6] Outubro de 1934: o cardeal Eugênio Pacelli visitou o Brasil. O Secretário de Estado da Santa Sé reconhecia a Concordata de fato: Igreja-Estado, informalmente, engastavam-se. O Núncio D. Aloisi Masella, o Cardeal Leme e o Presidente da República Getúlio Vargas e as demandas católicas na Constituição de 1934; p. 199.

d.6.1] **Abertura**. Membro do laicado se pronunciava a respeito da vitória dos católicos na Constituição de 1934 e alertava em relação a valores contrários aos da Igreja. Tristão de Ataíde instruía para a *delação* dos seus opositores e afirmava a respeito da *inferioridade* dos não-católicos: "**liberais e comunistas, maçons e espíritas, protestantes e judeus**"; pp. 199-201.

d.6.2] Astúcia Política eclesiástica, continuidade cultural e espaço simbólico de celebração do poder: a missa ultramontana celebra pelo Cardeal Eugênio Pacelli no Campo de Santana em outubro de 1934; pp. 202-207.

d.6.3] O Legado católico como o *locus* de unidade da Nação. Os poderes da República: Legislativo, Executivo e Judiciário se irmanaram em torno do Secretário de Estado da Santa Sé; pp. 208-215.

d.6.4] *Os Representantes dos poderes religioso e secular sorriem*; p. 216.

d.6.5] O Cardeal Eugênio Pacelli ri: um lapso do intelecto e a elaboração sígnica. Da construção da figura *sacra* de Pacelli a *gravidade ritualística* do papa Pio XII como *divinizada* e *pastor angelical*; pp. 217-220.

d.6.6] Imagens e instantâneos fotográficos como propaganda política. Vargas não ri apenas. Ele gargalha e o seu sorriso contagia o ambiente. Fotos que registram Vargas qual um pastor: paternalmente ele chamava a si a infância, 1934-1944; pp. 221-226.

d.6.7] Propaganda política nos discursos ou "orações" de Vargas, e meios de Comunicação de massas. O "Memorial" do sociólogo Antônio José de Azevedo Amaral de 1938: *contemplar os anseios subjetivos e as pulsões das massas. O vínculo de afinidade entre a população e o Chefe da Nação*: a matriz cristã no embaralhamento de fronteiras e no imbricamento entre poder político instituído e o corpo social do país; pp. 227-233.

QUARTA PARTE:

e] *Os Ex-votos à Aparecida: o reconhecimento às graças e ações extra-humanas consubstanciadas em narrativas e artefatos imagéticos e a dimensão da devoção mariana da Padroeira*; p. 234.

e.1] Introdução: a definição de milagre e o "filtro" dos relatos prodigiosos atribuídos à Aparecida pelos padres redentoristas como mecanismo de controle da devoção popular; pp. 235-242.

e.2] Imperícia humana e intervenção sobrenatural. O imprevisto e o terror humano à morte: N. S. Aparecida agindo; pp. 243-252.

e.3] Catálogo de enfermidades; contabilidade de doenças: Aparecida domava os males físicos e curava os corpos; pp. 253-260.

e.4] Prodígios que ultrapassavam motivos imediatos: ação divina de Aparecida sobre "corpos e almas"; pp. 261-263.

e.5] Aparecida vergava a si às forças da natureza; pp. 264-266.

e.6] Diversos prodígios da Padroeira e conclusões preliminares. Para além de uma expressão de arte *naïf*: os Ex-Votos como documento de história social e a difusão devocional mariana mediante estampas de N. Senhora: do camponês italiano no século XVIII à criança pobre do Vale do Paraíba no século XX: conversões e curas; pp. 267-274.

QUINTA PARTE:

f] *Aparecida como instrumento de combate a projetos políticos contrários aos da Igreja católica.*

f.1] Introdução: a condenação mitigada - o **nazismo**; pp. 275-279.

f.1.2] A Encíclica *Mit Brennender Sorge* e a condenação da adulteração nazista dos ritos religiosos católicos. A apropriação do patrimônio lingüístico do sagrado num vocabulário de um léxico do "provocante neopaganismo" nazista: celebração da raça e culto ao corpo; pp. 280-283.

f.1.3] A Eugenia na Europa e no Brasil. O padre Hermann Muckermann, S.J., abordou a "Eugenia e catolicismo" e a recepção local no *Boletim de Eugenia*, desde 1929; pp. 284-286.

f.1.4] A Eugenia na propaganda comercial brasileira e valores cristãos, década 1940; pp. 287-290.

f..1.5] A Guerra pelo controle dos símbolos: a Cruz Gamada *x* a Cruz Cristã; pp. 291-294.

f.1.6] Conclusão. De 1929 a 1953: nesta última data, religiosos da Arquidiocese de São Paulo se reuniram para discutir o "exame pré-nupcial", e o fizeram a partir de uma abordagem de critérios *positivos* e *negativos* da eugenia; pp. 295-298.

f.2] Erosão moral, definhamento físico ou o *mal absoluto*: o **comunismo**; 299.

f.2.1] Introdução. O combate ao comunismo em periódicos ligados à N. S. Aparecida e outras publicações católicas, de 1904 a 1933; pp. 300-302.

f.2.2] O Anticomunismo no *Almanak de N. Senhora Aparecida* - argumentos do medo e imagens pânicas: traição, infiltração, destruição. O Estado policial na Rússia e perseguição religiosa, segundo a Igreja católica; 303-306.

f.2.3] Oposições homólogas na Espanha. Comunistas *x* Nacionalistas: destruição, rancores, insultos e perseguições [dos Republicanos] *versus* ordem, afeto/amor maternal, obediência e disciplina [dos Franquistas]; pp. 307-311.

f.2.4] A Súmula do pronunciamento do episcopado espanhol sobre o comunismo; p. 312.

f.2.5] A condenação formal ao comunismo. A Encíclica *Divini Redemptoris* do papa Pio XI de 1937; pp. 313-314.

f.2.6] O "Solilóquio de Lênin" ou o fim trágico de um perseguidor contemporâneo do cristianismo. Da boca do líder bolchevique escorreu um fio vermelho de sangue coagulado nos seus instantes finais. Afeto incondicional, reconciliação e o perdão maternal como solução, caução e blindagem ao signo do ódio e do seu serpentário: a cor vermelha e comunismo; pp. 315-316.

f.2.7] A Reconciliação familiar e o afeto maternal do lar cristão e católico *versus* o ódio e a traição comunista no conto o "Natal de um comunista" nos trópicos em 1943; pp. 317-319.

f.2.8] A Erosão do *ethos* cristão pelo comunismo a partir da subversão dos papéis femininos. Tristão de Ataíde e Getúlio Vargas se pronunciaram sobre a doutrina materialista na *ANSAp*, e outros elementos pânicos contra "as garras vermelhas deste abutre vermelho" do comunismo; pp. 320-322.

f.2.9] Contabilidade do horror: vinte anos de Regime Soviético. Estado policial e sistema totalitário, segundo a Igreja católica; pp. 323-325.

f.2.10] Imagens pânicas e vingança divina. Perseguidores do cristianismo: da Igreja nascente ao regime bolchevique: textos e imagens, décadas de 1930 a 1960; pp. 326-328.
f.2.11] O Fim da II Guerra mundial e o pós-guerra: a URSS "base do movimento anti-religioso mundial"; pp. 329-332.
f.2.12] O quadro o "Dragão de três cabeças" do pintor acadêmico austríaco Horsnstein como alegoria e instrumento de luta: "**SÃO MIGUEL ARCANJO, EM NOME DE DEUS E DA IGREJA, COMBATE AS POTÊNCIAS E O DRAGÃO DO BOLCHEVISMO**"; pp. 333-337.
f.2.13] Textos e Imagens da propaganda anti-comunista dos católicos nas décadas de 1930 e 1940; no pós-guerra, nas décadas de 1950 e 1960, em veículos como o anuário *Almanak de N. S. Aparecida*, em publicações católicas, na imprensa diária, em outros veículos impressos e outros suportes; pp. 338-352.

SEXTA PARTE:
g] *Ritual e Política*; p. 353.
g.1] Introdução: a definição de ritual e política, e do conceito teológico-político - na antropologia e na filosofia política; pp. 354-357.
g.2] O Documento, de abril de 1931, a partir do qual se instaurou a política de massas no campo católico: a ida do Ícone de N. S. Aparecida à capital da República em 31 de Maio de 1931. A astúcia eclesiástica instrumentalizou o Padroado de Aparecida: potência devocional mariana e capital político da hierarquia. Arregimentar, racionalmente com elementos emotivos, *um milhão de pessoas* para celebrar a sua Padroeira e Mãe simbólica: N. S. Aparecida; pp. 358-361.
g.3] As Negociações para a ida do Ícone de Aparecida para o centro do poder político em Maio de 1931. O "VOTO NACIONAL DO POVO" à Padroeira, de D. Leme: "queremos uma era de **ordem, trabalho**, paz e tranqüilidade para a **família** brasileira" cujo antípoda era o " *facho vermelho do ódio*" comunista, segundo o Cardeal; pp. 362-368.
g.4] *Organização, Planejamento*, logística, ou seja: racionalidade. Os programas que antecederam a ida do Ícone de Aparecida à capital da República - das Zonas Norte a Sul, do Campo de Santana a Cascadura: o Rio de Janeiro se transformou num "braseiro" festivo e celebrativo à Aparecida; pp. 369-371.
g.5] *Persuadir e Arregimentar* a massa dos católicos. A quinzena que antecedeu a chega do Ícone de Aparecida no Rio de Janeiro. O discurso do Cardeal Leme no dia 30 de Maio de 1931 no Auditório do Colégio Santo Afonso. O religioso condenava "o laicismo repugnante" e apontava ser o Parlamento um tablado circense: **em maio de 1931 a Igreja apresentava as vigas do edifício do Estado-Novo**; pp. 372-383.

g.6] *Percurso Místico*. Sobre trilhos de aço a Padroeira percorreu um itinerário extraordinário. O Ícone de Aparecida deslocou-se na noite de 30 de maio de 1931 até a capital da Nação: do *breu* noturno emergiria ao *clarão* diurno da Padroeira a ser obedecido pelo país, pp. 384-397.

g.7] *A Tessitura hierárquica do tecido social: os corpos estáveis ocupava o seu lugar na ordem social e se apresentava no espaço público* - a Grande Procissão Triunfal à N. S. Aparecida, Rio de Janeiro, tarde do dia 31 de Maio de 1931; 398-412.

g.8] *Astúcia Eclesiástica* em Júbilo. A repercussão na Europa: "um millione di persone alla festa indimenticabile. Um omaggio senza precedenti alla Vergine "Apparecida". Regine e Signora del Brasile"; pp. 413-417.

g.9] *Multiplicidade de apropriações* e polissemia de significados: cânticos, hinos e votos celebrativos à Aparecida. O *ethos* cristão e a familiar católica como paradigma para a Nação - 1931-1945; pp. 418-442.

g.10] O *Voto Nacional ao Padroado de N. S. Aparecia* em 1931 no Rio de Janeiro como paradigma organizacional e logístico dos Congressos Eucarísticos Nacionais [CENs] e outros eventos religiosos dirigidos às massas. *Arregimentação* e *mobilização* dos católicos pela hierarquia como mecanismo de despolitização: o poder hierocrático apresentava no espaço público o seu controle sobre as multidões: *ordem* e *estabilidade*; *obediência* e *unicidade* do corpo social a partir dos valores cristãos; pp. 443.

g.10.1] O Primeiro Congresso Eucarístico Nacional [CEN], em 1933. Dos valores de ordem e obediência pregados pelos católicos aos desagravos à *Causa Paulista* de 1932; pp. 444-452.

g.10.2] O II e III CENs: Belo Horizonte, 1936 e Recife, 1939; respectivamente; pp. 453-466.

g.10.3] IV CEN: São Paulo, 1942: o apogeu das manifestações de massas político-religiosas promovidas pela Igreja católica; pp. 467-478.

g.10.4] Sob o signo do ódio e do discurso da ordem católicos e comunistas disputaram os destinos da classe operária em meados de 1945, e apontaram o seu roteiro político, econômico e social no pós-guerra: "Sábado, 14 de Julho de 1945". A Noite da Padroeira: "A Estrela do Brasil para salvar o Brasil" e iluminar, doutrinariamente, a Nação. Os católicos afirmavam, perante uma multidão calculada em 400.000 pessoas: "**Abomino, detesto, repudio o comunismo** [...]. - Virgem Aparecida, defendei o nosso povo! Protegei o vosso Brasil! Organizai os vosso Filhos!"". *Versus* "Domingo, 15 de Julho de 1945, o Comício no Pacaembu "São Paulo a Luz Carlos Prestes": "os **comunistas, esteio máximo da ordem**'"; pp. 479-504.

g.10.5] As Saídas do Ícone de Aparecida para o espaço urbano: celebrar a Pátria, difundir os valores cristãos e combater o comunismo, décadas de 1950 e 1960; pp. 505-518.

g.10.6]. O Ícone de N. S. Aparecida presidiu o *XXXVI Congresso Eucarístico Internacional*. A cristandade católica, *urbi et orbi*, no período da Guerra Fria, em "peregrinação" excursiona turisticamente e anunciava ao mundo: "... [o] Rio de Janeiro será mais uma importante manifestação da *Pax Romana*, da verdadeira paz, refutando a mentira dos falsos congressos de paz, das chamadas democracias populares [ou comunistas]" e a "1ª Missa em Brasília em 3 de Maio de 1957", a presença da Imagem Verdadeira na capital da República em 1962: JK "... **o estadista que a Providência talhou**" segundo a alta hierarquia e outros elementos do imbricamento Igreja-Estado no processo de estabilidade social no período desenvolvimentista; pp. 519-549.

g.10.7] A Estátua de Aparecida percorreu o espaço geográfico do país e mobiliza a Nação na década de 1960: o triunfo do projeto ultramontano e o apogeu da fixação da devoção à Padroeira brasileira imbricava-se com a política autoritária do Regime Militar: "[...] a proclamação de N. S. Aparecida Generalíssima das Forças Armadas Brasileiras"; pp. 550-575.

g.10.8] Óbolos: *Accepta et expensa*, ou a Contabilidade de Fé católica da Nação brasileira [décadas de 1950 e 1960]; pp. 576-589.

SÉTIMA PARTE:

h] *Monumento;* p.590.

h.1] A Definição de *Monumentum* e elementos culturais e políticos do *ethos* mariano; pp. 591-607.

h.2] As Negociações com os proprietários para a aquisição das glebas de terras para construção da nova Basílica e o Projeto de Lei nº 1234 de 1953 do governo de S. Paulo que desapropriava propriedades e criava às condições para as transformações urbanísticas para a construção do "... **maior centro religioso do País**"; pp. 608-618.

h.3] O Anteprojeto para a nova Basílica de Aparecida de autoria do arquiteto Clemente Holzmaister datado de 1940 e outras fontes: a razão técnica projetava um cenário onírico no qual se encenaria o encantamento ritual; pp. 619-633.

h.3.1] O Estilo da arquitetura religiosa colonial apontado nas fontes. Da quebra dum padrão estético religioso haurido da tradição cultural à adoção de outro ancorado nos valores ultramontanos e à permanência do dado político que viabilizou a construção da nova Basílica. Os elementos que cristalizam o *compus* semióforo religioso que revelava *fixidez, estabilidade, perenidade, gravidade e austeridade* apanhados dos valores cristãos como orientadores dos princípios para a sociedade brasileira; pp. 634-657.

h.3.2] O Pós-II Guerra mundial [simultaneamente tempo de escombros, de construções física e espiritual e oportunidade para se impor doutrinariamente] e a retomada da ereção da Basílica nacional de N. S. Aparecida. A devoção mariana da Padroeira como axialidade política: a Igreja católica, os agentes leigo e estatal e o imbricamento das esferas sagrada e secular; pp. 658-685.

h.3.3] O Novo Santuário de Aparecida como um *corpus* de semióforo da Nação: o maior Santuário mariano *urbi et orbi*; pp. 686-691.

h.3.4] Razão Técnica e a Construção da "Eternidade": do projetado ao erigido. A Basílica Nacional de N. S. Aparecida, o maior templo mariano, *urbi et orbi*; pp. 692-706.

h.3.5] Laicado Católico. Atividades devotas e ações políticas: a *União dos Amigos da Padroeira do Brasil* [UNPB ou *União*]. Sob o selo de uma alegada tradição, católicos e liberais esvaziaram os cofres públicos da Nação para construir monumentos que vincavam um duplo significado: a nova Basílica de Aparecida, espaço da *teofonia* e afirmação da potência teocrático e Brasília como marco do poder secular liberal; pp. 707-722.

OITAVA PARTE:

i] *Calendário*; p. 723.

i.1] As Abordagens histórica e antropológica do calendário, pp. 724-733.

i.2] Calendário e *Ethos*, pp. 734-742.

i.3] Tempo Sagrado e calendário litúrgico/eclesiástico-episcopal. Imbricamentos: normas eclesiásticas; práticas devocionais, pp. 743-772.

i.4] As Festas relativas à Maria e calendário litúrgico, pp. 773-791.

i.5] O Processo histórico da episcopalização de uma devoção: N. S. Aparecida no calendário eclesiástico e os dados políticos para a sua incorporação no calendário da República brasileira; pp. 792-799.

i.5.1] A Instabilidade no Calendário de Aparecida e o mês de Outubro: da passagem do Conde de Assumar pelo Vale do Paraíba em 1717 às deliberações ultramontanas do *Octobri Mense* [do Rosário de Mariano] - séculos XVIII-XX; pp. 800-814.

j] Conclusão, pp. 815-820.

l] Relação dos Acervos, Arquivos e Bibliotecas. *Corpus* documental, fontes primárias, documentação impressa e manuscrita; bibliografia específica e geral: livros, periódicos, teses e monografias; pp. 821-910.

a] Abstract.

The research *Catholic Triumph in the Secular Calendar. N. S. Aparecida in the Republic Calendar. [1930-1980]*, has as analytic object the relations between Catholic Church and the Brasilian State. We elect as the basis or the analyze of those relations the politic process and the envelopment of the Catholic Church with the Stete, taking it to institute in 1980, through the law-decree nuber 6802, in the ending of the Military Regime, the national holiday on October 12, commemorative of N. S. Aparecida patron ond mother of Brazil. We adopt the follow chronologic markers: 1930, when the Aparecida image was consecrated and raised to the condition of national patron by the Vatican and 1980, when it was instituted the incorporation of the catholic ephemeris by the secular power in the calendar of the Republic through the, already referred, low-decrete. We understand that the relation of the ecclesiastic hierarchy with the politic questions was pendulous: now it was presented near to the instituted power, now it was moved back. On examining the oscillating practices of the political actions of the Episcopal Brazilian Corps in the relation to the civil power, we work with the hypothesis that such practice reveals a strategy os the ecclesiastic power in appropriating of the devotion to N. S. Aparecida as security to the instabilities of the civil power.

a.1] Key-Words.

N. S. Aparecida patron ond mother of Brazil, 1930-1980. Relations between Catholic Church and the Brasilian State. Calendários Religioso e Secular. Ethos Católico e Liberalismo. Política teocrática e laica.

a.2] *In memoriam*.

À memória de *Beatriz Alves de Arruda*, minha mãe, que me deu a vida. Sertaneja, ex-professora primária no semi-árido pernambucano que se tornou operária tecelã em São Paulo. Educou-me de modo implacável para jamais transigir com a verdade, de modo a ser justo e fiel aos amigos. Sempre repetia: orgulhe-se da sua origem e condição, pois será a partir daí que divisará o seu lugar no mundo.

a.3] Agradecimentos.

A *Augustin Wernet*, o orientador. Nesses anos de orientação o nosso relacionamento foi formal e institucional. Assim, faço minhas as palavras de Zilda Iokoi: o professor Wernet, desde a minha graduação e ao longo dos anos de pós-graduação, ofereceu-me subsídios à compreensão da "problemática da Igreja".[2] Ele foi receptivo quando lhe apresentei a primeira versão do texto desta pesquisa que se tornou a presente tese de doutorado. Concordou com o envio do mesmo à FAPESP, num momento em que a Agência cortava drasticamente os recursos às Humanidades; inclusive por aqueles dias, um projeto de uma orientanda sua havia sido recusado pela Agência.

À *Maria Helena Rolin Capelato* que acompanhou a presente pesquisa desde a primeira versão do projeto. Ela, além de ter sido *a minha* professora na graduação e na pós-graduação, contribuiu de modo decisivo para a minha formação de pesquisador. Sob sua orientação, após seleção de currículo, entrevista e recomendação dos profs. Ilana Blay e John M. Monteiro, tornei-me bolsista do *CNPq*, desde a *Iniciação Científica* até o *Aperfeiçoamento em Pesquisa*. Ela e o seu paradigma: a tolerância e o sentido da eqüidade democrática no cotidiano são o Norte que tenho procurado seguir. *À Maria Helena devo formação intelectual, amizade e afeto.* Ela por carta recomendou o projeto à FAPESP. Logo, também lhe devo apoio institucional.

À *Maria Lígia Coelho Prado*, pelos exemplos de docente e reteza ética [neste particular lembro um fato que a professora Ilana Blay narrou a mim e ao professor John M. Monteiro, quando nos relatou, na *Anpuh-Nacional* onde eu trabalhava como bolsista do *CNPq*, e John Monteiro era, voluntariamente, o Secretário da *Anpuh-SP*, sobre a sua entrada no Departamento de História da USP, que só fora possível porque a professora Maria Lígia, 'isenta e ética' fora membro da banca do seu concurso de ingresso], M. Lígia preocupada com a formação dos alunos, numa conjuntura social e política – fins dos anos 1980 e início dos anos 1990, governo Collor, período de esmaecimento no plano social e desfibramento das energias políticas [eu e o meu projeto político havíamos sido derrotados em 1989], ela nos instava a verticalização das nossas leituras e ao exercício do ceticismo como método às nossas práticas e ações no plano político, mas sem perder certa latitude de otimismo. Eu, à época, homem feito, tomei o seu exemplo acadêmico como roteiro, tornando-me, ainda mais, infeso aos discursos panfletários e engajados.

In memoriam de Ilana Blay, energia afetuosa e força militante consubstanciada na forma de mulher e dignidade do profissional docente. Em anos de pessimismo e esmaecimento no plano político, as suas aulas de Brasil Colônia lotavam a Sala Caio Prado Jr. [o maior espaço do Depto. de História] eram um acontecimento. Ali, com rigor, acuidade metodológica e teórica, ela nos lançava nas "tramas e tensões", nos "segredos internos", nos "fluxos e refluxos" da nossa formação social e

[2] IOKOI, Zilda G. *Igreja e Camponeses. [...], 1964-1986*. S. Paulo, Hucitec/Fapesp, 1996, 255p; cit. p. 12.

histórica, de onde emergíamos com elementos para compreender, no registro histórico, o que éramos em fins do século XX. Eu, originário do semi-árido pernambucano, que nos meus verdes-anos nadara no rio Capibaribe, [Manuel Bandeira afirmou ser este rio mais importante que o Tejo, afinal era o rio da infância do poeta, e da minha também] hoje o Capibaribe é uma cloaca do capitalismo agro-exportador; eu, como poucos, tinha claro nas suas aulas e seminários, a partir dos autores selecionados, o valor do que discutíamos: desterritorialização e diáspora dos afro-ameríndios; latifúndio; sociedade patriarcal; pobreza e desclassificados sociais; o sertão e o litoral; a grande lavoura exportadora e a agricultura de subsistência; racismo, preconceito racial e exclusão social. Na minha carne e no meu ser eu vivenciara muita daquelas questões. Ainda menino, na segunda metade da década de 1960, sem entender bem, ouvi do meu avô paterno sobre a mulher de um irmão do meu pai: ela não deveria ser parte da família, pois fisicamente ela tinha "ventas e beiços". Só posteriormente compreendi aquilo: a suave e amorosa tia Maria era negra, logo no critério do meu avô ela não possuía "nariz e lábios, atributos dos brancos, assim não era digna da nossa família. Eu, posteriormente, arrimo de família, migrante [a diáspora interna] nordestino e morador de Santo André no ABC paulista, experimentei o preconceito – os colegas do chão de fábrica não me chamavam pelo meu nome, mas de "baianinho", eclipsando uma das poucas coisas que um operário possui: o seu nome, a sua identidade. O racismo das elites se enquistou nas fibras do tecido social, ele varra todos os planos da nossa existência. Em meados dos anos 1970, no período do Milagre Econômico do Regime Militar, menor de idade e operário horista, tive a prova no meu corpo do que eram as jornadas de trabalhos extenuantes e a exaustão física daí decorrente: do trabalho escravo no eito ou o do negro de ganho até 1888, às jornadas que exauriam o trabalhador na década de 1970. As aulas da professora Ilana Blay nos forneciam os elementos para a compreensão da diáspora moderna e a exploração humana engendrada pelo Capitalismo. As energias humanas eram o combustível que o alimentava, e o *ethos* cristão na sua expressão católica lhe fornecia o humo, quando exortava os trabalhos à resignação, incutindo-lhes medo - [este, no registro teológico, tem sido um instrumento potente de controle dos corações e mentes. Drummond no seu célebre "O Medo" - dedicado ao prof. Antonio Candido - alertava-nos em alguns versos: "... /O medo, com sua física, tanto produz: carcereiros, edifícios, escritores, /.../. /Fiéis herdeiros do medo, /eles povoam a cidade", in: *Rosa do Povo.*]- e diabolizava projetos emancipacipadores aos mesmos.

Nos meus anos de formação acadêmica no Departamento de História da FFLCH-USP, também fui aluno de professores tais: *Elias Thomé Saliba, Modesto Florenzano, Ana Maria Camargo, Wilson N. Barbosa, Arnaldo Contier, Carlos Guilherme Mota, Jorge Grespan, Mary Del Priore, Maria Inês Borges, Maria Odila Leite da Silva Dias, Tereza Aline Pereira de Queiros* e outros. Tereza

Aline, cuja alegria e sorriso contagiante, se o poeta lhe conhecesse, a rima do verso - da canção de 1969, que, apesar do horror da ditadura, havia alegria, frescor e certa inocência celebrativa - mudaria de "Quero ver *Irene* rir /Quero ver Irene dar sua risada" para "quero ver *Tereza* rir / [...] / Quero ver Tereza dar sua risada [...]", ela é sempre uma festa que nos emancipa e humaniza. Tereza é um júbilo para o espírito, rimaria Dante.

À *Laura de Mello e Souza*, que à época era chefe do Departamento de História, assinou os formulários da Agência FAPESP, sou-lhe igualmente grato. A Profª Laura é autora d'*Os Desclassificados do Ouro*, cuja leitura foi decisiva para me tornar historiador.

Aos membros da Comissão de Bolsas do Depto. de História que avaliaram o Projeto e concederam à Bolsa do *CNPq*. Assim, ao *CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Desenvolvimento Tecnológico*, de quem obtive bolsa para a redação final da pesquisa em 2005.

À *FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado São Paulo*; a agência financiou a pesquisa de 1999 a 2003.

Aos conservadores dos Arquivos Eclesiásticos das Cúrias de São Paulo, Aparecida e Rio de Janeiro; do Santuário Nacional de N. S. Aparecida; do Museu da Torre de Aparecida etc., onde travei contato com a documentação. Os profissionais do Arquivo da Cúria Metropolitana de S. Paulo são paradigma no trato com os pesquisadores, principalmente os seculares, que é o meu caso.

Aos acervos da Congregação do Santíssimo Redentor [C.SS.R] em Aparecida e em S. Paulo nos bairros do Ipiranga e Jardins. Ao Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional e Arquivo Histórico do Itamarati, todos no Rio de Janeiro. Ao CAPH-USP; as bibliotecas: central da FFLCH-USP; da Faculdade de Direito da USP; do Museu Paulista da USP; central da PUC-SP; do Colégio São Luís em S. Paulo; Municipal "Mário de Andrade" em S. Paulo; e do acervo IHGSP em S. Paulo.

À Elisabeth C. Mirra. Ao Danilo Zioni. Nessa jornada conheci muita gente, fiz amigos. Alguns ficaram, outros se foram. Com todos aprendi: ao Francisco Alberto e a Cristina Freire – o "Chico" e a Cris; o Carlos Alberto, o Beto e a Dayse; ao Laércio, o "Moke", que hoje é pai de um "imperador", o Caio, seu filho de dois anos; ao Alceste lá no Rio: companheiros pacientes e fraternos, e aos outros que omito os seus nomes aqui: a todos, ausentes e presentes, sou vivamente agradecido por suas amizades.

Foram anos de trabalho árduo em arquivos públicos e privados [Eclesiásticos ou ligados à Igreja católica], e outros tantos de reflexão e solidão sobre o material compulsado. É isso: *uma tese de doutorado é a conjugação de esforço físico e isolamento reflexivo*. Assim vivi os últimos dez anos da minha vida. E deles saio forte e confiante, pois cumpri uma etapa na compreensão do Brasil, assim localizando-me no tempo e espaço.

Toda a responsabilidade da presente tese é apenas minha.

a.4| Epígrafes.

"[...] *Calendário*. O dia com o qual começa um novo calendário *funciona como um acelerador histórico*. No fundo, é o mesmo dia que retorna sempre sob a forma dos dias feriados, que *são os dias da reminiscência*. Assim, *os calendários* não marcam o tempo do mesmo modo que os relógios. Eles *são os monumentos de uma consciência histórica* [...]".[3]

Walter Benjamin.

"*Depositário dos acontecimentos*, lugar de *potências* e *ações duráveis*, lugar *de ocasiões místicas*, o quadro temporal [o *Calendário*] adquire um interesse particular para quem quer que seja, *deus, heróis ou chefe, que queira triunfar, reinas, fundar*: ele quem quer que seja, *deve tentar assenhorar-se do tempo* [o Calendário], *tal como do espaço*".[4]

Georges Dumézil.

"A propósito de Deus, Newton afirma: [...] é eterno e infinito, não é a duração e o espaço, mas dura e está presente. [...], *o tempo está em relação com Deus, e de modo tão íntimo que o seu próprio ser parece indissolùvelmente ligado à duração divina* [p. 39]. *Já o tempo litúrgico é linear e orientado*. [...]. Mas conhecendo um pouquinho o seu conteúdo, *torna-se claro que, do Natal à Assunção, estamos perante a projeção no ano solar de uma sucessão de eventos que constitui uma progressão*. No seu centro está a vida do Cristo, [...], a sua vida terrena, [...], *emoldura-se a vida da Virgem, concluída com a Assunção* [...]. *O tempo litúrgico é, pois linear e orientado* [...] , [...]: não simplesmente do nascimento à morte, mas do nascimento cá na Terra, através da morte carnal, para a vida eterna do Além. [...]: *é o nascimento de Cristo que serve de data inicial para o cômputo dos anos, uma vez que abre uma época na história do mundo*. [...], *tais eventos se consideram situados, não no passado, mas numa espécie de presente atemporal e tornam a atualizar-se durante a celebração litúrgica, o tempo religioso é*, [...], *irreversível*. [...]: *a finitude do tempo religioso é efeito do discurso que promete a eternidade aos fiéis* [p. 15]."[5]

K. Pomian.

---

[3] BENJAMIN, Walter. "Sobre o conceito de história". In: _____. *Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 230, trecho adaptado; itálicos meus.

[4] DUMÉZIL, Georges. "Temps et mythes". In: *Recherches Philosophiques, 1935-1936*. Apud: GOFF, J. Le. "Calendário". In:_____. *História e Memória*. Campinas. Ed Unicamp, 3ª ed., 1994, pp. 485-533, cit., p. 486, itálicos meus. Em outro trabalho Le Goff cita esse fragmento de Dumézil que teve a seguinte tradução: "Reservatório dos acontecimentos, *local dos poderes e das ações duráveis, lugar de ocasiões místicas, o tempo-quadro* adquire particular *interesse para quem – deus, herói ou chefe – quer reinar, triunfar, fundar: esse*, seja quem for, *deve tentar apropriar-se do tempo tal como do espaço*". LE GOFF, J. In: *Para um novo conceito de Idade Média. Tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa, Editorial Estampa, 1980, nota 1, p. 14, itálicos meus.

[5] POMIAN, K. "Tempo/Temporalidade". In: ROMANO, Ruggiero. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nac.-Casa da Moeda, vol. 29: Tempo/Temporalidade, 1993, 251p; pp. 11-91, cit. pp. 39 e 15, respectivamente, trecho adaptado; itálico meu.

"[...] engajamo-nos no passado enquanto ele é presente".

Ernest **Bloch**.

"O jugo da lei e o brilho da glória, essas me parecem ser *duas faces pelas quais o discurso histórico visa a certo efeito de fortalecimento do poder*. [...]. O eixo genealógico narrava a antiguidade dos reinos, ressuscitava os grandes ancestrais, reconhecia as façanhas dos heróis fundadores dos impérios ou das dinastias. Nesse tipo de tarefa genealógica, *trata-se de fazer com que a grandeza dos acontecimentos ou dos homens passados possa caucionar o valor do presente*, transformar sua pequenez e sua cotidianidade em algo igualmente heróico e justo [In: *Il fault défendre la société*. Curso no Collège de France, 1975-1976.Cit. da trad. brasileira, p. 77, itálicos meus]".

Michel **Foucault**.

a.5] Documento da *CNBB* de 14-04-2002.

"*Alimento, dom de Deus, direito de todos!* Apelo ao povo brasileiro. "Dai-lhes vós mesmos de comer" [Mc. 6,37]. 1. As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo [GS 1]. É nesta fidelidade a Jesus, a serviço do povo de Deus, que, como pastores, celebramos a vida de nossas comunidades de fé, a graça de caminharmos juntos com elas e a alegria da comunhão e colaboração fraternas no seio da nossa Conferência Episcopal que celebra 50 anos de fundação. Uma coisa, porém, nos preocupa e aflige: a desumana miséria e a fome que atingem particularmente mães e crianças nos lares de dezenas de milhares de brasileiros. Encontrando-nos com eles, somos tomados pelo mesmo sentimento de Jesus, que "*encheu-se de compaixão..., porque eram como ovelhas sem pastor*" e convocou os discípulos dizendo: "*dai-lhes vós mesmos de comer*". 2. A fome é o indicador mais visível e grave da situação desumana que coloca nosso país entre os mais injustos do Planeta, apesar de todo o progresso tecnológico e de toda a modernização da economia. As desigualdades sociais cresceram como fruto deste modelo de globalização do mercado, que concentra poder e riqueza enquanto faz diminuir os postos de trabalho na indústria e no campo. Degrada a natureza, causa desastres ecológicos e multiplica, a cada dia, o número de excluídos. Existe, entretanto, alimento suficiente para todos e a fome e a miséria de devem à má distribuição de terra e à desigual repartição dos bens e da renda. Daí brota a interpelação: Como pode uma população cristã, em sua maioria, conviver com tal situação? A consciência cristã clama, pois nada pode justificar que tantos irmãos e irmãs padeçam fome. 3. O Concílio Vaticano II traça-nos uma clara linha de conduta: "Satisfaçam-se em primeiro lugar, as exigências da justiça...; eliminam-se as causas dos males, não só os efeitos; seja encaminhada a ajuda de tal maneira que, os que a recebem, pouco a pouco, se libertem da dependência externa e se tornem auto-suficientes" [AA 8] Por isso, não bastam respostas paliativas e compensatórias e um problema que exige outra mentalidade e políticas públicas adequadas, firmes e ousadas. Exige-se também mudança espiritual: "... há na pessoa dos pobres uma especial presença de Cristo, obrigando a Igreja a uma opção preferencial por eles" [NMI 49], no dizer de João Paulo II. 4. Sigamos os passos de Jesus, firmados na sua palavra de alento: "*No mundo tereis aflições. Mas tende coragem! Eu venci o mundo*" [Jo 16,33]. Ele também nos adverte: "*O tempo se cumpriu!*" [Mc 1,14]. Agora não é mais tempo de espera, mas de tomada de posição. A vinha amadureceu, é tempo de colheita. Não é aceitável ficarmos indiferentes diante da injustiça, da exclusão social, da fome frente ao consumismo exacerbado e ao desperdício. Não podemos assistir impassíveis à destruição do planeta, terra e água, agravada por um modelo econômico que busca o lucro a qualquer custo, particularmente na especulação financeira. O momento urge. 5. "*O Reino de Deus está próximo!*" [Mc 1,14]. "A Palavra se fez carne e veio morar entre nós" [Jo 1,14]. Impõe-se a construção de uma nova sociedade, de novas relações entre homens e mulheres e entre todas as pessoas que buscam alternativas solidárias. O resgate da dignidade humana, especialmente dos pobres, não pode limitar-se à assistência emergencial, mas exige que todos participem na transformação da sociedade e da economia, promovendo uma ordem voltada para o bem comum. O Reino é vida nova, defesa incondicional da pessoa humana como centro de decisões políticas alicerçadas em princípios éticos; uso sóbrio e responsável dos

recursos naturais, com respeito à biodiversidade. O Reino fundamenta-se na solidariedade, cuja raiz "*é a paz, fruto da justiça*" [Is 32,17] que permite congregar irmãos e irmãs ao redor da mesa, no banquete da vida na partilha do mesmo pão. 6. "*Convertei-vos e crede na Boa Nova!*" [Mc 1,14]. O apelo de Jesus é dirigido às pessoas, às comunidades e a toda a sociedade. Converter-se é mudar de rumo. João Paulo II nos convida "a decifrar o apelo de Cristo a partir desse mundo da pobreza" e trilhar criativamente outros caminhos: "É hora de uma nova 'fantasia da caridade', que se manifesta não só, nem sobretudo, na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar o ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna" [NMI, 50]. Não basta sobreviver, é preciso viver e conviver! Não basta vencer a dor, é preciso sorrir com as crianças e esperar com os jovens! Não basta suportar os dias de nossa existência, é preciso acreditar na felicidade e transformar sonhos em realidade. Não há verdadeira conversão sem a superação da miséria que atinge milhões das famílias brasileiras. 7. Um dos primeiros sinais de efetiva evangelização, no início deste milênio, será a eliminação da fome, das causas da miséria, em nosso país. Alimento é dom de Deus e direito de todos. Pessoa com fome, é pessoa violentada em seu direito. Deve ser atendida por gestos pessoais, por ações solidárias de nossas comunidades; por novo modo de organizar a produção e distribuição dos bens e serviços, segundo as necessidades do povo, pelo empenho da Sociedade Civil e por uma mudança ética nas prioridades das políticas públicas. 8. Em espírito de sincera vontade de conversão, **a CNBB, reunida aos pés da Virgem Aparecida**, com humildade e confiança em Deus, convoca a todos para um grande **Mutirão Nacional pela superação da Miséria e da Fome**, como resposta ao imperativo do evangelho: "*Dai-lhes vós mesmos de comer*". Para vencermos tamanho desafio, unidos aos esforços dos próprios excluídos, imploramos a bênção de Deus e nos associamos a todas as pessoas de boa vontade, na Igreja Católica, nas outras igrejas cristãs e grupos religiosos, nos movimentos populares, sindicatos, instituições e Podres Públicos, para superar a miséria e a fome. [...]".[6] Aparecida, 14 de abril de 2002. 40ª Assembléia Geral da CNBB. Itaici/SP, de 10 a 19 de abril de 2002".

Documento da *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*, em Aparecida, 14 de abril de 2002, na 40ª Assembléia Geral da CNBB. Itaici/SP, de 10 a 19 de abril de 2002. Neste ano a CNBB completou 50 anos de fundação: sob Aparecida celebrava meio século de existência e apresentava o roteiro da sua próxima ação política a ser executada pelo Executivo Federal a partir de 2003: o **Programa Fome Zero** da gestão do Governo do Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva.

Nesta ordem de coisas, a força e potência dos campos religioso e eclesiástico não devem ser minimizadas na atual conjuntura, pois continuam a eleger e a derrubar políticos na sociedade liberal de massas no Brasil.

---

[6] Documento da *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*, em Aparecida, 14 de abril de 2002. 40ª Assembléia Geral da CNBB. Itaici/SP, de 10 a 19 de abril de 2002. In: Jornal *Santuário de Aparecida*. Aparecida, 20 a 26 de abril de 2002, p. 9, negritos meus. In: Pasta 71. ASNAp.

a.6| Sumário da pesquisa e dos capítulos.

A pesquisa da tese *Triunfo Católico no Calendário Secular. N. S. Aparecida no Calendário Republicano [1930-1980]* - mas como o leitor constatará, expandi o período até 1900: neste ano houve a primeira romaria organiza ao Santuário, e 1904 quando a Imagem de Aparecida foi coroada em 8 de setembro, em cerimônia comandada pela hierarquia da Província Eclesiástica Meridional [PEM]: o objetivo é apontar uma dupla questão: a episcopalização da devoção popular centenariamente expressa no Santuário de Aparecida e apanhar a historicidade do processo de romanização da devoção - elegeu como fulcro analítico as relações entre a Igreja Católica e o Estado brasileiro, cujo desdobramento foi a incorporação de N. S. Aparecida no Calendário secular da República. As relações, o processo político e o envolvimento da Igreja Católica com o Estado acarretaram que este instituiu, em 1980, nos estertores do Regime Militar, por meio do Decreto-Lei nº. 6802, o feriado nacional de 12 de Outubro, comemorativo de N. S. Aparecida Padroeira e Mãe do Brasil.

Adotamos as seguintes balizas cronológicas – 1930: a Imagem de Aparecida foi sagrada e elevada à condição de Padroeira do País pelo Vaticano; – 1980: a incorporação da efeméride católica pelo poder secular no calendário das celebrações da República. A pesquisa procura deslindar os mecanismos utilizados pela hierarquia eclesiástica para dar visibilidade e publicitar uma **única** devoção religiosa e identidade católica.

No período entre 1931 e 1968 houve uma série de "saídas" da Imagem de Aparecida para eventos organizados pela hierarquia da Igreja. Esses eventos ocorreram em torno de manifestações políticas e em contextos de manifestações de massas no meio urbano. Os Acontecimentos tinham o envolvimento político do poder hierocrático. O envolvimento da hierarquia com questões políticas era *pendular*: ora se apresentava próximo, ora se afastava do poder secular instituído.

Nestes termos, *a pesquisa tem por fito perscrutar essa prática oscilante das ações políticas do corpo episcopal brasileiro em relação ao poder civil. Trabalhamos com a hipótese de que a razão dessa prática e ação política pendular do poder episcopal foi um dos mecanismos nucleares para potencializar Aparecida, apropriando-a como caução às instabilidades políticas do poder civil*. A hierarquia católica apossou-se da devoção de Aparecida para combater visões de mundo e projetos políticos não coincidentes com os da Igreja.

Outras estratégias para dar visibilidade e publicitar a Imagem de Aparecida como símbolo e representação identitária da religiosidade da Nação, foram os mecanismos em torno da construção do Novo Santuário Nacional de Aparecida. A construção da nova Basílica iniciou-se em 1952, teve, nos anos de 1950, o efetivo envolvimento do poder secular: no segundo governo Vargas; e, principalmente, na administração JK quando foram carreados montantes expressivos do Erário

Público para o Santuário. Eram valores em espécie ou doação de matéria-prima: dezenas e dezenas de toneladas de ferro da CSN de Volta Redondo.

Em meados da década de 1950 fundou-se em São Paulo, sob autoridade do cardeal Carlos C. de Vasconcelos Mota, uma associação de leigos: *União dos Amigos da Padroeira*.[7] Ela tinha entre os seus membros importantes líderes empresariais – da indústria e do comércio, de altos funcionários da burocracia pública [juristas, desembargadores] e políticos com projeção nacional: o líder do governo JK na Câmara Federal Ulysses Guimarães, o próprio presidente Juscelino Kubitschek, ex-prefeitos e ex-governadores de São Paulo, deputados estaduais e federais. A associação tinha por inspiração a agremiação de leigos católicos norte-americanos *Cavaleiros de Colombo* cujo fito das suas ações, com contribuições financeiras, era o combate ao comunismo.[8] Simultaneamente à construção do novo Santuário brasileiro, também nos Estados Unidos, em Washington, D. C, estava sendo erigida a Catedral Nacional católica, também mariana. O período é o da guerra fria.

Com isso queremos apontar os liames entre devoção mariana, a ereção de monumentos religiosos como elementos físicos e simbólicos. Eram armas na luta ao "mal absoluto": o comunismo – entendido como "definhamento físico e erosão moral" da humanidade, cujo fim era destruir do *ethos* Ocidental ou a "civilização cristã" e a instauração da barbárie, segundo as falas papais.

Em 1980 a "casa" de Aparecida foi sagrada por João Paulo II, o primeiro papa a visitar o país. Deste modo, instituiu-se um *único* espaço da *hierofania*[9] para a Nação.

Questão importante a ser tratada é a das várias tentativas empreendidas por uma ala da elite episcopal em estabelecer uma **única data no calendário devocional da Santa**, de modo a não se confundir com outras datas.

---

[7] *Estatutos da União dos Amigos da Padroeira do Brasil*. Registro nº 4322, no 4º Cartório de Registro de Títulos. São Paulo, 1958, 24p. In: Documentos não catalogados. ACMSP.

[8] CORNWELL, John. *O Papa de Hitler. A História Secreta de Pio XII*. Rio de Janeiro, 2000, 472p; veja-se sobre esse ponto pp. 367, 370-371 ss. O historiador afirma que os Cavaleiros de Colombo foi organizada sob os auspícios do cardeal de Nova Yorke, cardeal Francis Joseph Spellman. Segundo Cornwell, a associação de leigos católicos norte-americana, ela tomou parte e deu apoio afetivo ao "Comitê de Atividades Anti-Americanas da Câmara Federal dos Estados Unidos", assim, pois, "os Cavaleiros de Colombo, [...] [e] o cardeal Spellman, apoiaram a cruzada enticomunista de MacCarthey", cit. p. 370. O mesmo historiador afirma em outra pesquisa que em 1996 os Cavaleiros de Colombo continuavam em plena atividade, agora atuando para obstar os avanços do catolicismo social pós-Vaticano. _____. *Quebra de Fé. O papa, o povo, e o destino do Catolicismo*. R. Janeiro, Imago, 2002, 318p; a referência à reação católica aos avanços da secularização foi entendido como "colapso das tradições", pp. 32-3 ss, e a presença da agremiação de leigos católicos no papado de João Paulo II foram as de caráter eminentemente conservador.

[9] ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo, M. Fontes, 2ª ed., 1996, 178p. Eliade define *hierofania* como o *locus* no qual os homens atribuem o surgimento, a manifestação ou a presença da divindade ou do sagrado; cf. _____. Op. cit., p. 10 ss.

Iremos apontar como as várias mudanças pelas quais passaram as datas que celebravam e comemoravam as festas de Aparecida, desde o século XIX, a partir de orientações vindas do Vaticano sobre as festas de Maria, foram colocadas em prática pelos hierarcas católicos.

Nestes termos, **compreendemos essa instabilidade no calendário celebrativo da Santa como estratégia política**. Deste modo, interpretamos a fixação do dia da festa a partir de 12 de Outubro de 1953 – imediatamente após a fundação em 1952 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil [CNBB] –, como ato político do corpo episcopal.

Em suma, a pesquisa tem por escopo compreender o *ethos* compartilhado e as afinidades eletivas entre os projetos católico e secular; apreender os elementos constitutivos do processo que levou Aparecida a fazer parte do calendário da Nação. E assim configurar-se *Triunfo Católico no Calendário Republicano*: o feriado nacional de 12 de Outubro celebrativo de N. S. Aparecida – Rainha, Padrocira e Mãe da Nação. Reminiscência com desdobramentos nas práticas sociais e políticas do país. Revelando uma realidade histórica contaminada entre o "*teológico politizado e político teologizado*",[10] configurando-se a *sacralização da política*.

Ao longo dos capítulos apresento dados empíricos e argumentos que me possibilitaram afirmar que a devoção mariana de Aparecida se restringia ao Centro-Sul do país.

Então como explicar a escolha episcopal por ela?

Os motivos são diversos, e eles irão aparecer ao longo da pesquisa. Não obstante, havia um lastro devocional efetivo à Aparecida que apresento e dimensiono nos capítulos "Imbricamento do Histórico e do Mítico: a matriz do *ethos*", neste o leitor encontrará **documento inédito sobre as tentativas de membros da Igreja em falsificar a cor do Ícone de Aparecida. Eles aplicaram produtos químicos corrosivos na Estátua mais venerada da Nação.**

Em "A dimensão da devoção mariana à Nossa Senhora Aparecida. Os ex-votos a N. S. Aparecida: o reconhecimento às graças e ações extra-humanas se consubstanciam em narrativas e artefatos imagéticos"; em "Imperícia humana e intervenção sobrenatural. O imprevisto e o terror humano à morte: N. S. Aparecida age"; em "Catálogo de enfermidades; contabilidade de doenças: Aparecida doma os males físicos e cura os corpos"; em "Prodígios que ultrapassavam motivos imediatos: a ação divina sobre "corpo e alma"; em "Aparecida verga a si às forças da natureza. Aparecida verga a si às forças da natureza"; em "Conclusão preliminar e Amostragem de ex-votos", perscruto e procuro dimensionar a devoção à Padrocira apropriando-me de ex-votos, relatos dos fiéis etc. Além de apreendermos, uma "física do sagrado" em múltiplas planos, a partir dos prodígios atribuídos à Aparecida, detectamos problemas humanos e sociais do período que afligiam

---

[10] LEFORT, Claude. "Permanência do Teológico-Político?". In: _____. *Pensando o Político*. São Paulo, Paz e Terra, 1991, pp. 249-296; cit. p. 289, itálicos meus.

à população devota. Assim, a devoção mariana de N. S. Aparecida, constitutiva do *ethos* católico, operava sobre o cotidiano dos seus devotos, para além das questões especificamente políticas. Para compreendermos a dimensão, a latitude e espessura da crença na Padroeira, pois a análise dos prodígios creditados à Padroeira dimensionam não apenas a sua devoção, mas revelam questões do imaginário social ancoradas na realidade histórica dos fiéis.

Nesta ordem de coisas, articulando agradecimentos dos devotos pelos prodígios alcançados e a vinculação de Aparecida como mecanismo para combater projetos que não os católicos para o país, o fito é apontar, entre outros motivos, a importância dos dois no espraiamento e dilatação da sua devoção pela Nação. Assim, os capítulos que combatem e condenam o comunismo, e num segundo plano o nazismo, o conteúdo é explicitamente político, estão em "Aparecida como instrumento de combate à projetos contrários aos da Igreja católica. Erosão moral e Definhamento físico: o comunismo"; e em "Contabilidade do horror: vinte e cinco do Regime Soviético. Estado policial e Sistema totalitário, segundo a Igreja católica"; em "Imagens pânicas e vingança divina. Perseguidores do cristianismo: da Igreja nascente ao regime bolchevique"; em "Nazismo: a condenação mitigada" constituem o arcabouço da primeira parte da pesquisa.

Articulado aos elementos acima, no capítulo **Ritual e Política** apresento uma série inédita de fontes sobre o estabelecimento de práticas pastorais voltadas às massas, a partir de 1931 quando a Imagem de Aparecida reunião no Rio de Janeiro uma multidão estimada em **um milhão** de católicos. Inaugurando a política de massas no campo católico. Em "A Construção racional de expectativas messiânicas", com base em material empírico inédito articulado com a bibliografia, abordo os deslocamentos dos católicos em eventos e nas **procissões** que demandavam ao Santuário de Aparecida, estas **descreviam um percurso místico e de enlevo**; assim recuperando o evento da coroação da Imagem em 1904, pois ele marca o início do processo de controle eclesiástico sobre Aparecida, instituindo uma prática devocional ultramontana. O leitor também encontrará os elementos para o que denominei de "Concordata informal: Igreja e Estado se engastam", com base numa documentação inédita originada na Nunciatura católica, no Cardeal Leme e no Arcebispo de São Paulo D. Duarte Leopoldo e Silva, e na passagem e estadia no Rio de Janeiro do Cardeal Eugenio Pacelli, secretário de Estado da Santa Sé, em 1934. Em apenas dois dias Pacelli e Vargas, num frenesi de banquetes e de visitas de agradecimentos recíprocos, eles se encontraram seis [6] vezes!

Assim, redimensionamos as relações Igreja-Estado e apresentamos novos elementos para o período 1930-1945: a nossa percepção, a partir das fontes apresentadas, é que a imagem de uma Vargas positivista não se sustenta mais!

No capítulo **Monumento**, cuidamos da construção do Novo Santuário Nacional de Aparecida, com base em fontes não perscrutadas por pesquisadores que abordaram a Basílica. As fontes são anteprojetos arquitetônicos, esboços etc.

Neste capítulo também trago à luz documentos onde aparecem à hierarquia católica, membros do laicado e políticos de projeção nacional. Analiso uma série de atas da Associação de Leigos de São Paulo *União dos Amigos da Padroeira*, que foi fundada sob a autoridade do cardeal e Mota, e tinha por inspiração a similar norte-americana Cavaleiros de Colombo, que sob a orientação do cardeal de Nova Iorque Francis Spellman, apoiou o senador J. MacCarthy na sua cruzada anticomunista.

Ofereço uma série de dados referentes às **verbas públicas** que foram invertidas na construção do Santuário Nacional de Aparecida. Assim como as toneladas de aço que foram usados na construção da Torre da Basílica, ferro doado pela CSN no Governo do liberal JK.

Revelando, nesta ordem de coisas, o *ethos* compartilhado em católicos e liberais, a partir da devoção mariana de Aparecida, que interpretamos como contaminação ou imbricamento das esferas secular e religiosa: Triunfo do teológico-político. Traduzido na sacralização da política na sociedade liberal de massas.

No capítulo **Calendário** abordo a questão do calendário tendo por base as contribuições de historiadores e antropólogos, mas principalmente dos primeiros.

Conforme as indicações presentes na bibliografia compulsada, para uma devoção ser constitutiva do calendário eclesiástico, ela passa por todo um processo de *episcopalização* – o crivo da alta hierarquia católica –, de modo a figurar tanto no calendário devocional quanto no *Livro do Ordo*. Além dessa questão do calendário eclesiástico, analiso as festas de Maria, para assim adentrar nas datas da Padroeira, que ao longo da primeira metade do século XX foi *instável* [tal *instabilidade* é um índice revelador do controle episcopal sobre a devoção popular à Aparecida]: o calendário consuetudinário celebrava a festa em 8 de dezembro; mudou-se para 8 de setembro; posteriormente para 7 de setembro [esta mudança ocorreu em 1939, no período do Estado Novo: sobrepunham-se as celebrações, religião e pátria engastavam-se: constituindo-se uma espécie de casamento *hipostático* entre a Padroeira e o ocupante do poder secular, os nubentes eram Aparecida e Vargas]; e finalmente para 12 de outubro de 1953. A partir de outubro de 1980, nos estertores do Regime Militar, a data foi incorporada ao calendário secular da República como feriado nacional que o país deve guardar em homenagem a Aparecida, configurando-se *Triunfo Católico no Calendário Republicano*. Também apresento elementos constitutivos à compreensão da abordem empreendida, tanto na **Introdução** quanto em **Aparecida na historiografia**; em **A episcopalização como política de elevação à condição e dignidade de Padroeiro[a]**; e em **Aportes teórico-**

metodológicos. Aparecida no período abordado aqui, *circa* de 1930-1980 - porém analiso eventos como a coroação do Ícone em 1904, de modo a apreender a processualidade[11] histórica do objeto como elemento constitutivo do problema abordado - foi instrumentalizada como espécie de "martelo dos hereges" e funcionava como anteparo e blindagem às visões de mundo e projetos não coincidentes aos dos católicos. De modo, a tornar à Nação infesa a partir da sua devoção, a Aparecida Padroeira e Mãe simbólica: Ela sob o seu manto protegia e aninhava os seus fiéis.

---

[11] Toda a pesquisa foi orientada a partir da *noção de processo histórico*. Pois um "estudo de processo supõe a permanente inserção" do problema abordado "no respectivo contexto, única forma de compreender o significado das ações levadas a cabo", cf. BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições. Portugal, Espanha e Itália. Séculos XV-XIX*. São Paulo, Cia. das Letras, 2004, 531p; cit. p. 15. Friso essa questão do **processo histórico**, pois ele demarca, creio, o campo, o *locus*, a especificidade, e é uma das *credenciais* - no sentido em que foi apontado por E. P. Thompson na sua crítica a Althusser - *da história* em conjunto às noções de espaço e tempo. Neste particular recordo uma experiência vivida por mim na condição de aluno de pós-graduação, no 1° semestre de 1995, na disciplina antropologia política na FFLCH-USP, num curso ministrado pela docente Paula Monteiro. Em uma das aulas, a professora Monteiro convidou uma docente da área de Antropologia, Lílian Schwarcz, que à época desenvolvia, em conjunto com bolsistas, uma pesquisa sobre D. Pedro II, financiada pela FAPESP. Na ocasião L. Schwarcz nos apresentou um espesso relatório científico que havia sido encaminhado à Agência de fomento. Inquirida pela professora Monteiro sobre questões conceituais e a respeito dos aportes teórico-metodológicos que orientavam a pesquisa, já que se tratava de um problema histórico, logo a noção de processo era constitutiva para a compreensão do objeto, L. Schwarcz se posicionou - para espanto de muitos dos alunos - afirmando que a noção de processo era uma "velharia" [assim interpretamos a sua rejeição a noção de processo histórico] de certos historiadores que insistiam em falar em processo histórico, para Schwarcz isso era uma construção, espécie de artificialismo atinentes aos procedimentos adotados pelos historiadores. Penso que a noção de processo é - para além do agenciamento de fontes primárias e bibliografia e do encadeamento de fatos e eventos num dado período da experiência humana, apanhados numa espécie de rede cuja tessitura remete ao ideal-tipo weberiano -, antes de tudo, a capacidade do pesquisador de racionalizar em termos lógicos e formais, os problemas originados na documentação articulados aos questionamentos lançados nos mesmos pelo pesquisador, de modo a apanhar a historicidade do objeto nas suas dimensões de processualidade-espácio-temporal. O resultado da pesquisa de L. SCHWARCZ é o livro *As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo, Cia. das Letras, 2ª ed., 2000, 623p. Neste particular cito o cap. "o Império das Festas e as Festas do Império", pp. 247-294, em co-autoria com Valéria M. de MACEDO, quase todo tem por base relatos dos viajantes. Ao não adotar procedimentos de processualidade compreensiva no objeto abordado, o resultado da pesquisa de Schwarcz é o de um conteúdo lábil e oscilante. Não no sentido do procedimento pós-moderno da desconstrução, presente em autores como Homi K. BHABHA no ensaio "DissemiNação" - este, inclusivo, foi lido na sua versão em inglês no curso de Monteiro - ensaio, aliás, tão recente e já envelhecido -, mas simplesmente, penso, a abordagem de questões atinentes às práticas culturais que não incorporam a noção de processo, numa pretensa *thick description* do objeto, não apanha questões de fundo do objeto. Uma abordagem próxima a das autoras, consulte-se: PIERUCCI, Antonio F. de O. "Apêndice: 'Secularização em Max Weber'". In: _____. *Desencanto do Mundo. Os Passos do Conceito em Max Weber*. São Paulo, Dept° de Sociologia da FFLCH-USP, [Tese de Livre Docência], 2001, 230p. "Apêndice", pp. 169-212. Tanto na tese quanto no Apêndice, o sociólogo cita uma "exuberante" massa de textos, principalmente de autores anglo-saxônicos; faz piadinhas, abusa de frases em outros idiomas, principalmente em alemão. Mas, estranhamente, quando cita *Virtschaft und Gesellschaft. Grundriss der Verstehenden Soziologie* se apropria da tradução da Fondo de Cultura d'*Economia y Sociedad*. Pierucci desqualifica a produção local, escarnece H. Habermas etc. A "exuberância" de autores citados é, no meu entender, uma cortina de fumaça do autor, pois *após percorremos a sua narrativa não se chega a lugar nenhum. Trata-se da análise e da compreensão de um problema que fica à deriva.* Ele *não incorpora na sua elaboração o lastro da efetividade da história, inclusive em termos conceituais e nos aportes teórico-metodológicos: a ação humana*. O texto de BHABHA, H. K. In: *O Local da Cultura*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2005, 395p; pp. 198-238.

a.7| Introdução.

Em texto sobre as relações Igreja-Estado e com ampla repercussão na historiografia, o padre católico José Oscar Beozzo publicou, na influente coletânea *História Geral da Civilização Brasileira*, o ensaio "A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização [1945]".[12] Utilizou-se da bibliografia sobre a temática e de textos impressos disponíveis, *mas não de fontes primárias*;[13] estas depositadas em acervos eclesiásticos, e, por suposto, de fácil acesso ao pesquisador, principalmente por se tratar de um membro da instituição romana.

No seu ensaio o padre Beozzo abordou uma série de elementos que constituíram a tessitura das relações Igreja-Estado, e entre eles as manifestações em volta à devoção a Nossa Senhora Aparecida. Indagou o religioso "[...] por que a escolha de Aparecida?"[14] para ser Padroeira da Nação.

Aparecida foi eleita pela hierarquia para ser a Padroeira do Brasil em 1929. Teve a confirmação pela Cúria Romana em 16 de julho de 1930. As razões plausíveis arroladas por Beozzo para tal escolha são: o "[...] caráter mariano do santuário de Aparecida",[15] a sua localização geográfica no Vale do Paraíba no Estado em São Paulo; o santuário encontrava-se no entroncamento entre São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais; Beozzo apontou o melhoramento pelo qual a região passou no século XIX com a malha ferroviária do Segundo Império, facilitando o acesso ao centro devocional mariano. Num segundo plano explicativo, mas não em termos de subordinação, para a escolha Aparecida, segundo Beozzo, era que o culto mariano de Aparecida tinha origem popular, e que ela fora cultuada desde o seu surgimento das águas do rio Paraíba por um contingente de desclassificados sociais, "homens livres dentro da ordem escravista".[16]

Nestes termos, Aparecida inicialmente não possuía vínculos nem com a hierarquia curial nem com a oligarquia senhorial. Segundo a tradição oral, após a sua retirada das águas barrentas do rio

---

[12] BEOZZO, J. O. "A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização" [1945]. In: FAUSTO, Boris. [Dir]. *História Geral da Civilização. Tomo III. O Brasil Republicano*. 4º Vol. *Economia e Cultura [1930-1964]*. São Paulo, DIFEL, 1984; 666p, pp. 271-341. No mesmo volume, na seqüência do ensaio de Beozzo, publicou-se o texto "Igreja Católica: 1945-1970" de autoria de sociólogos, estes encabeçados pelo por Cândido Procópio Ferreira de CAMARGO. In: FAUSTO Boris. [Dir]. Op. cit., pp. 345-380. Aponto os dois exemplos para vincar a questão de que a história das relações Igreja-Estado não tem sido, largamente, escrita por historiadores.

[13] Percorrendo as cento e vinte [120] notas de rodapé do ensaio de Beozzo, só há referência a uma [1] fonte primária que embasa as suas afirmações. O que nos leva, no mínimo, a duas hipóteses: trata-se de um tipo de "prática historiográfica" concernente à época em que foi produzida, em 1984; ou, *por se tratar de um membro da hierarquia católica, não quis compulsar fontes primárias que comprometessem tanto a instituição romana quanto os seus membros.*

[14] BEOZZO, J. O. Op. cit., 1984, cit. p. 294.

[15] BEOZZO, J. O. Op. cit., 1984, p. 293 ss.; cit. p. 295

[16] BEOZZO, J. O. Op. cit., 1984, cit. p. 295.

Paraíba, a imagem ficou encerrada nas dependências de casas humildes e sob a proteção das famílias que a cultuavam em cerimônias familiar.

Também alude Beozzo à cor do Ícone; afirma o autor que "[...] *a pequena imagem retirada do rio eram uma virgem negra*",[17] como elemento explicativo da identidade devocional de Aparecida, pois

> "[...] no Brasil, terra construída inteiramente pelo suor de escravos negros, agrilhoados por quase quatrocentos anos a um brutal sistema de produção e relações de trabalho, discriminados pela condição de escravos e pela cor da pele, numa Igreja dominada até hoje pela camada branca da população, não é de se estranhar que as camadas populares pretas ou mulatas, em sua maioria, se aproximassem com maior confiança da pequena Virgem negra. Sendo uma Virgem dos mais pobres podia ser uma Virgem de todos".[18]

Esse tipo de abordagem que o pe. Beozzo exercita opera uma compreensão maniqueísta do objeto histórico nos seguintes termos "[...] Igreja dominada até hoje pela camada branca da população" pois por um lado condena a instituição, e por outro elege: "[...] as camadas populares pretas ou mulatas, em sua maioria, se aproximassem com maior confiança da pequena Virgem negra. *Sendo uma Virgem dos mais pobres podia ser uma Virgem de todos*".[19]

Mas essa série de elementos apresentados por Beozzo como constitutivos da escolha por Aparecida carrega um silêncio importante, quando o autor não aponta o evento litúrgico-político que redimensionou, em termos institucionais, a devoção à Aparecida: *a coroação da imagem em 1904 em ato organizado pela hierarquia católica*. Essa solenidade episcopal coroou a Imagem com um halo cuja doação – discutível –, tivera origem na família imperial do II Império. *Esse ato da hierarquia episcopalizou a devoção à Aparecida*. Nestes termos, a escolha de uma Padroeira[o], mormente de uma Nação, remete a uma série de questões que vão além das apontadas no ensaio de Beozzo. Deste modo,

> "É evidente que o nome [escolhido para Padroeiro[a] implica *uma opção*. Essa eleição coletiva do padroeiro, que é muitas vezes, acompanhado por um padroeiro secundário – padroeiro de igreja ou de capela, e não menos padroeiro da paróquia – encerra um sentido religioso, com freqüência apagada pelo curso dos séculos, *mas permanece sempre o traço da opção*, e que *é*, justamente, *o vocábulo imposto ao edifício religioso*. É com freqüência um duplo vocábulo, porque *a piedade popular transpõe o nome*, ou, por muitas razões contingentes que assumem rapidamente a força de um hábito, domina de forma diferente o titular da igreja [...]. Pois, "[...] se, modernamente. Há poucos titulares saídos de canonizações, [...]. [...], o que se poderia chamar de "*episcopalização*" necessária do santo padroeiro, como uma compreensão do poder de uma sociedade cujo elemento dominante era

[17] BEOZZO, J. O. Op. cit., 1984, p. 295, itálico meu.
[18] BEOZZO, J. O. Op. cit., 1984, p. 295.
[19] BEOZZO, J. O. Op. cit., 1984, p. 295, itálico meu.

monástico; *a importância relativa do padroeiro autóctone*, ou como tal considerado, e do estrangeiro; a camada essencial dos santos oriundas do Oriente, ou a parte dos cultos apostólicos, quiçá romanos".[20]

Do excerto acima de Alphonse Dupront vincamos as questões da *opção* e da "*episcopalização*" concernentes à eleição da[o] Padroeira[o]. Elas são constitutivas da compreensão do nosso problema como veremos detalhadamente à frente. Opção que envolve, efetivamente, cálculo e astúcia político da hierarquia episcopal. Assim, será necessário abordar o ato da coração em 1904.

Retomando o texto de Beozzo. Ele afirma que a hierarquia se apropriou de Aparecida, invocação brasileira da "Mãe de Deus", dado ao "[...] imenso capital espiritual e social acumulado pelo apego e fidelidade do povo à [...]"[21] Nossa Senhora. Essa apropriação reverteu-se e atendeu tanto aos "[...] interesses da hierarquia eclesiástica [...] [quanto] [...] [a] ideologia das classes dominantes".[22]

A crítica à abordagem e prática historiográfica do padre Beozzo e do seu grupo político, a CEHILA, já foi empreendida pela historiadora Kátia Mattoso. No "livro V: "A Igreja"" do seu *Bahia, Século XIX. Uma Província no Império*,[23] escreveu a autora: "[...] trata-se de julgamentos severos, que acentuam os aspectos negativos da ação da Igreja no Brasil. Mas são anacrônicos, pois

---

[20] DUPRONT, Alphonse. "A religião: Antropologia religiosa". In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. [Orgs]. *História: Novas Abordagens*. Rio de Janeiro, Liv. F. Alves Ed., 2ª ed., 1986; pp. 83-105; cit. pp. 92-93, itálicos meus. Neste texto Alphonse Dupront fala de "escolha" e "episcopalização" do padroeiro[a], a indicar opção histórica e política dos agentes nessa eleição. Mas Michel Lagrée em um ensaio de síntese no qual trata das muitas abordagens da História religiosa, afirma sobre o tratamento de Alphonse Dupront à questão: este apreende a religião numa "abordagem fenomenológica", segundo Lagrée temos "uma das palavras-chave na linguagem de Alphonse Dupront é o ""mistério", cuja profundidade para aumentar perante os passos do investigador, e que marca uma espécie de exterioridade radical em relação às referências habituais da investigação histórica". LEGRÉE, Michel. "História Religiosa e História Cultural". In: RIOUX, Jean-Pierre. *et* SIRINELLI, Jean-François. [Dirs]. *Para uma Nova História Cultural*. Lisboa, Editorial Estampa, 1998, 432p; pp. 365-384; cit. p. 370 e ss.
Essa abordagem fenomenológica tem a sua anterioridade em Rudulf Otto. No seu célebre *Das Heilige* [*O Sagrado*] R. Otto fala do "*Mysterium Tremendum*" em matéria atinente ao sagrado, ao divino, em suma a tudo o que a religião enfeixa. Alfonso di Nola realizou uma das críticas mais efetivas à abordagem fenomenológica do sagrado, em Rudulf Otto, em Mircea Eliade e outros. Escreveu di Nola: "No fundo, Otto, Söderblom e Leeuw são espíritos, por um motivo ou por outro, profundamente religiosos ou, no caso de Eliade, predispostos a sensibilizar-se religiosa ou misticamente perante os materiais estudados: tanto é assim que transferem para esquemas de uma suposta ciência das religiões os conteúdos emotivos e ideológicos que se radicam nas suas próprias experiências pessoais ou que [e é esse o caso de Eliade] são revividos nas diversas experiências". NOLA, Alfonso di. "Sagrado/Profano". In: ROMANO, Ruggiero. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nacional-Casa da Moeda, Vol. 12: Mythos/Logos, Sagrado/Profano, 1987, 391p; pp. 105-160; cit. p. 147.
[21] BEOZZO, J. O. Op. cit., 1984, p. 296.
[22] BEOZZO, J. O. Op. cit., 1984, p. 296.
[23] MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia, Século XIX. Uma Província no Império*. Rio de Janeiro, 1992, 747p; o "Livro V: "A Igreja"", [caps. 18-23], pp. 295-431, além das notas pp. 683-699, constitui-se o núcleo do livro.

julgam séculos passados partindo de premissas e de critérios próprios às realidades contemporâneas".[24] Reportando-se especificamente à escrita historiográfica do padre Beozzo, a historiadora assim se expressou:

> "[...] não estamos de acordo com o padre José Oscar Beozzo, para quem dom Pedro Maria de Lacerda [bispo do Rio de Janeiro, sede da corte e centro político do Império] se opunha à escravidão e desejava a Abolição. A afirmação de dom Pedro Maria [cita a historiadora] – "Que sejam os revolucionários [abolicionistas] a profanar a palavra liberdade; nós, no entanto, mostramos que a liberdade, quando justa [isto é, legal] pode levar-nos a alguns sacrifícios que devem ser compensados pela manutenção da ordem e das vantagens materiais e pecuniárias" – é uma prova suficientemente clara do espírito conservador e antiabolicionista do prelado carioca cujos argumentos alinhavam-se com os proprietários de escravos, antiabolicionista".[25]

Recolhi esses exemplos da crítica da historiadora para apontar questões que se formaram e solidificou-se nas minhas leituras e pesquisa concernente às relações Igreja-Estado, da ação social da instituição romana ou da devoção popular e a produção historiográfica de expressivos grupos de historiadores ou cientistas sociais[26] que de alguma forma eles foram ou são ligados à Igreja católica. Eles afirmam que as suas análises tratam de questões históricas. Mas acabam produzindo outros discursos teológicos. E estes têm sempre a sua dimensão política. Os argumentos dos seus discursos

---

[24] MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Op. cit., 1992, p. 297. A crítica da historiadora tem em mira os livros publicados sob a direção da CEHILA. Com títulos como *História da Igreja no Brasil. Segunda Época – Século XIX*. São Paulo/Petrópolis, Eds. Paulinas/Vozes, Tomo II/2. À p. 684, nota 4, afirma Kátia Mattoso: "[...] obra coletiva recente [1977-1980], redigida por membros do clero brasileiro, é o melhor exemplo de uma atitude que se pretende revisionista, como prova, alias, o subtítulo da obra: *Uma interpretação a partir do povo*". Do projeto da CEHILA para uma *História Geral da Igreja da América Lática*, foram publicados, entre nós, dois Volumes: *História Geral da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo. Primeira Época*. Petrópolis/São Paulo, Vozes/Edições Paulinas, 4ª ed., [1ª ed. 1977], Tomo II/1, 1992, 442p. *História Geral da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo. Segunda Época*. Petrópolis/São Paulo, Vozes/Edições Paulinas, 3ª ed., [1ª Ed. 1980], Tomo II/2, 1992, 322p. A historiadora se refere a Beozzo *et alii* que escreveram, sob a direção da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina – CEHILA uma História da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação **a partir do povo**. *Este subtítulo – Ensaio de interpretação a partir do* povo, aponta *o autoritarismo de empreendimentos que se querem democráticos: os cultores dessa prática historiográfica seqüestraram talvez o único ou último meio de expressão política do povo e um dos mecanismos para a sua efetivação enquanto seres políticos: a sua fala.*

[25] MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Op. cit., 1992, p. 330.

[26] O antropólogo do Museu Nacional-UFRJ Rubem César Fernandes produziu um ensaio sobre a devoção de N. S. Aparecida. O texto opera numa atmosfera de afinidade eletiva com o projeto da CEHILA. Cf. FERNANDES, Rubem C. "Aparecida: nossa rainha, senhora e mãe, saravá!". In: SACHS, Viola. [Org]. *Brasil & EUA: Religiosidade e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro, Graal, 1988, 189p; pp. 85-111. Sem pesquisa de campo e nem a compulsão de fontes primárias, o cientista social carioca faz afirmações sobre o sincretismo entre divindades afro-ameríndias, N. S. Aparecida e identidade nacional, cf. p 104 ss. Os dados sobre a devoção de Aparecida o autor os retira das informações do Padre J. Brustoloni, cuja abordagem é memorialística e a hagiográfica – dos agentes religiosos da C.SS.R Mas, provavelmente, no âmbito acadêmico, seja Carlos Rodrigues Brandão quem efetiva pratica o projeto político da CEHILA. Cf. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. "Ser católico: dimensões brasileiras um estudo sobre a atribuição através da religião". In: SACHS, Viola. [Org]. *Brasil & EUA: Religiosidade e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro, Graal, 1988, 189p; pp. 27-58. Do mesmo autor: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do Povo*. São Paulo, Brasiliense, s/data, 306p. _____. *A Cultura na Rua*. Campinas, Papirus, 1989, 219p. _____. *Somos as Águas Puras*. Campinas, Papirus, 1994, 317p.

giram, elegem-se os "despossuídos sociais" como núcleo explicativo de uma "nova" e possível consciência dos homens da instituição romana: todavia, vergam-se ao divino hierarquicamente legitimado. Para o caso específico do objeto da presente pesquisa: sob o manto da Virgem as dissensões se aplainam. *O apaziguamento social e as diferenças de classes são dirimidas. Constroem-se os elementos e os mecanismos constitutivos da dominação social no plano simbólico: institui-se o controle do imaginário, garante-se o monopólio do sagrado*. No concernente a devoção à Aparecida, agora sob o controle do episcopado, todo pesquisador conseqüente, principalmente os seculares e republicanos, das relações Igreja-Estado, deverá ter no seu horizonte que a sua abordagem se remete às questões teológico-política, e ao núcleo dessas relações que é o poder no seu sentido mais amplo. A devoção ou "*a piedade popular* [...]", conforme a expressão de Alphonse Dupront, na experiência histórica brasileira, reportar-se à Maria desde a chegada da esquadra cabralina, que aportou em Porto Seguro com uma imagem de N. S. da Esperança. No período que se reporta à América portuguesa, no capítulo III "A Instituição Eclesiástica" do volume da *História da Igreja no Brasil. Primeira Época*, da CEHILA, há referências a N. S. Aparecida.[27]

A documentação registra que a devoção à Maria constituiu-se política de Estado a partir do término da União das Coroas Ibéricas em 1640. De fato, segundo a historiografia portuguesa, Dom João IV, o primeiro rei da dinastia de Bragança, consagrou o reino e as colônias de além-mar à Mãe de Jesus. O monarca bragantino em cerimônia de juramento ofereceu o seu império a Nossa Senhora, sendo que os súditos e fiéis deveriam ser submetidos e respeitar o dogma da Imaculada Conceição de Maria, "[...] cuja festa se celebrava anualmente em 8 de dezembro".[28]

No volume do CEHILA imediatamente citado acima registra que "[...] surgiu em 1717 uma nova tradição: a de Nossa Senhora Aparecida, morena". Em seguida, sem apresentar fontes documentais que dêem consistência aos seus argumentos, informa que

> "[...] pode-se afirmar, com séria base histórica, que a tradição de Nossa Senhora Aparecida representa no Brasil a tradição latino-americana de Nossa Senhora de Guadalupe, largamente difusa no Brasil no período da união da coras espanhola e portuguesa [...]" [p. 350]. Igualmente sustentam que: "[...] no Brasil, a imagem da Virgem Morena", traduziria e simbolizaria "[...] a imensa maioria do povo". Deste modo, "[...] a tradição de N. Senhora Aparecida, [...], significa a aliança de Maria com os pobres que viviam na margem do sistema, [...], [...] o rio Paraíba ou as casas dos pescadores na paróquia de Guaratinguetá [...]". Ato contínuo argumenta-se que: "A partir desta data [1745] instalou-se uma dialética que perdura até hoje, entre a imagem que pertence ao povo e significa a sua dignificação e o

---

[27] HOORNEART, Eduardo [Coord]. *História da Igreja no Brasil. Primeira Época*. São Paulo, Eds. Paulinas; Petrópolis, Vozes, Tomo II/1, 4ª ed., 1992, 442p. A referência à Aparecida, pp. 349-351. Nos capítulos não há indicações de quem os escreveu. Na abertura do volume constam os nomes de Eduardo Hoornaert, Riolando Azzi, Klaus Van Der Grij e Benno Brod.

[28] SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *O Tempo dos Filipes em Portugal e no Brasil [1580-1668]*. Lisboa, Colibri, 1994, 343p. Sobre a consagração do reino a Nossa Senhora, p. 41. _____. *Do Brasil Filipino ao Brasil de 1640*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, [Col. Brasiliana, Vol. 336], 1968, 263p.

poder da Igreja institucional que procura manipular a imagem e por conseguinte as massas que a ela ocorrem".[29]

Dos elementos acima há efetivamente a consistente e pertinente questão da manipulação das massas católicas devotas à Maria. Utilizou-se a devoção mariana de Aparecida para frear "[...] à penetração do comunismo", afirmou Beozzo. Como veremos ao longo da pesquisa, o comunismo e a sua ideologia tornar-se-ia o *target* de uma série de manifestações de massas em torno de Aparecida levadas a cabo pela hierarquia desde os anos da década de 1930. Oscar Beozzo constatou sobre a questão da Igreja instrumentalizar a devoção mariana de Aparecida como mecanismo para enfrentar o comunismo no Brasil, porém ele não detalha como se operou tal mecanismo. Iremos apontar como se deveu, por intermédio de Aparecida, o combater à doutrina comunista, e compreendermos a respeito da instrumentalização da devoção mariana, porém indicando que a devoção à Maria era efetiva entre os católicos, assim ressaltado a sua força mobilizadora que foi apropriada pela hierarquia. E tal apropriação operou-se, centralmente, por meio de ritos. Estes, como apontou Pierre Bourdieu,[30] pressupões e têm o seu enraizamento partilhado no mesmo conjunto de práticas culturais que lhes dão sustentação, e são experienciados e vivenciados por expressivo número de ritualistas, cujas características são informadas por enunciados simbólicos da ordem social na qual se encontram inseridos, eles carregam traços consistentes de estratégias da instituição que os executam. Logo, apontam o compartilhamento de valores entre os administradores dos ritos e dos aderentes, os agentes religiosos e seculares envolvidos.

Como já apontaram os estudos antropológico e sociológico,[31] como o referido, *os ritos têm por características serem constituídos de grande inércia: eles são arrastados e espessos. Nesta ordem de coisas, a análise aqui empreendida é longa, pois, assim, tenho por objetivo apanhar a sua racionalidade, cuja intelecção é o de uma realidade histórica contaminada entre as esferas*: a política sacralizada e a laicização do teológico.

---

[29] HOORNEART, Eduardo [Coord]. *História da Igreja no Brasil. Primeira Época.* São Paulo/Petrópolis; Eds. Paulinas/Vozes, Tomo II/1, 4ª ed., 1992, pp. 350-351.

[30] BOURDIEU, P. "Les rites comme actes d'institution". In. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales.* Paris, nº 43, 1982, pp. 58-63.

[31] Participei, entre os dias 30/09 e 01/10 de 1999, numa maratona de 24 horas de aulas, dos "Seminários Temáticos de História das religiões e Antropologia Histórica Italianas: Uma contribuição às Ciências Sociais dos Programas de Pós-Graduação de Antropologia, História e Sociologia e do Centro de Estudo da Religião "Duglas Teixeira Monteiro"" da FFLCH-USP, cujas as aulas foram ministras em italiano pelos docentes Nicola GASBARRO da Universidade de Roma "La Sapienza" e Marcello MASSENZIO da Universidade de Roma 2 "Tor Vorgata"; quando abordou-se questões do comparativismo antropológico e história religiosa em Tylor e M. Müller; a fenomenologia religiosa na abordagem de M. Eliade; a religião como produto cultural e método histórico comparativo; religião e magia na abordagem de Ernesto de Martina etc. Penso que a nossa formação no campo da História das Religiões em nada fica a dever ao que nos foi ofertado pelos docentes italianos que eram, nuclearmente, influenciados pela conceito de hegemonia de matriz gramsciana em relação à Igreja católica.

a.7.1 | Aparecida na historiografia.

Da historiográfica acadêmica sobre N. S. Aparecida trabalhei com a seguinte produção: a pesquisa de Juliana Beatriz Almeida de Souza cujo título é *A Identidade Posta no altar. Devoção à N. S. da Conceição Aparecida e Questão Nacional.*[32] onde ela analisa a questão da devoção mariana de Aparecida e a identidade nacional no período da Republica Velha. Abordagem empiricamente consistente foi a realizada por Mariangel de Faria Vieira, em *Uma devoção estratégica. O culto a N. S. Aparecida – 1960-1989.*[33] Trata-se da análise do Jornal *O Santuário*, periódico fundado em 1900 pelos Redentoristas. Neste trabalho a questão do anticomunismo aparece no periódico mais que o próprio assunto Aparecida, como mostra detalhadamente a autora. Lourival dos Santos tratou da devoção à Padroeira em *Igreja, Nacionalismo e Devoção Popular: As Estampas de Nossa Senhora Aparecida – 1854-1978.*[34] Martha dos Reis tem uma pesquisa de doutorado cujo título é: *O Culto à Senhora Aparecida: Síntese entre o Catolicismo Oficial no Popular no Brasil.*[35]

Outro trabalho compulsado foi *Um templo para Cidade-Mãe;*[36] de Chistian D. M. de Oliveira, trata-se de um doutorado em Geografia.

Desse conjunto de trabalhos acadêmicos que abordaram diretamente Aparecida, o de Mariangel de Faria Vieira, o de Martha dos Reis e o de Lourival dos Santos, num primeiro plano analítico são os mais consistentes. Num outro nível de análise o trabalho de Juliana Beatriz Almeida de Souza. Não obstante haver nesta última uma espécie de "desvio" do objeto, pois ela volta-se à análise da devoção das Virgens na América e perde o escopo da sua abordagem: a devoção à Aparecida e a questão da nacionalidade.

Noutro plano há trabalhos principalmente sobre a atuação dos Redentoristas no Santuário. Isnard de A. Câmara Neto realizou uma pesquisa *Um caso de Sobrevivência: os Redentoristas e a*

---

[32] SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. *A Identidade Posta no Altar. Devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida e Questão Nacional.* Niterói, Deptº de História, CEG-ICHF-UFF, [Dissertação de Mestrado. Trabalho orientado por Ângela de Castro Gomes], 1996, 250p.

[33] VIEIRA, Mariangel de Faria. *Uma Devoção Estratégica: O Culto a Nossa Senhora Aparecida [1960-89].* São Paulo, PUC-SP, Deptº de História, [Dissertação de Mestrado, orientado por Holien G. Bezerra]. 1993, 171p.

[34] SANTOS, Lourival dos. *Igreja, Nacionalismo e Devoção Popular: Estampas de Nossa Senhora Aparecida – 1854-1978.* São Paulo, FFLCH-USP, Deptº de História, [Dissertação de Mestrado, orientado por José Carlos S. B. Meihy], 2000, 200p.

[35] REIS, Martha dos. *O Culto à Senhora Aparecida: Síntese entre o Catolicismo Oficial e Popular no Brasil.* Assis, Depto. de História, UNESP, [Tese de doutorado, orientada por Palmira P. Teixeira], 1999, 254p.

[36] OLIVEIRA, Christian Dennys M. de. *Um Templo para Cidade-Mãe. A Construção Mítica de um Contexto Metropolitano na Geografia do Santuário de Aparecida-SP.* São Paulo, FFLCH-USP, Deptº de Geografia, [Tese de Doutorado, orientado por Adyr Aparecida Balastreri Rodrigues], 1999, 213p. + Anexos. Remeto o leitor a esse trabalho, pois a mim ficou a convicção: não se trata de uma pesquisa acadêmica.

Festa de São Benedito em Aparecida [1894-1922].[37] Como o título indica, a análise é voltada à atuação dos Redentoristas. Fábio José Garcia dos Reis[38] também fez as suas pesquisas de mestrado e doutorado sobre os Redentoristas. Augustin Wernet escreveu por encomenda três volumes,[39] nos quais narra a atuação dos Redentoristas de origem alemã no Santuário nacional de Aparecida.

Há, igualmente, uma produção sobre o culto mariano, e sobre Aparecida no âmbito das instituições acadêmicas de formação dos religiosos.[40]

Existe uma produção sobre N. S. Aparecida cujo caráter é hagiológico e memorialistico, cujo exemplo maior é o trabalho do pe. Júlio Brustoloni,[41] CSSR. No registro hagiográfico, anterior à produção do pe. Brustoloni temos o trabalho do pe. Machado *Aparecida na História e na Literatura*.[42] Outros religiosos como o pe. Fernando Altemeyer Jr.[43] também se debruçaram sobre a Padroeira no mesmo registro e diapasão da hagiografia.[44]

---

[37] CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. *Um Caso de Sobrevivência: Os Redentoristas e a Festa de São Benedito em Aparecida (1894-1922).* São Paulo, FFLCH-USP, Deptº de História, [Dissertação de Mestrado, orientado por Carlos Roberto F. Nogueira], 2000, 321p.

[38] REIS, Fábio José Garcia dos. *Os Redentoristas, O Cônego Antonio Marques Henriques e Romanização da Igreja Paulista. 1888-1917.* São Paulo, FFLCH-USP, Deptº de História, [Dissertação de Mestrado], 1993, 319p. _____. *Os Redentoristas de Aparecida e Regeneração do Brasil: 1916-2931.* São Paulo, FFLCH-USP, Deptº de História, [Tese de Doutorado], [2 Vols.], 1998, 421p.

[39] WERNET, Augustin. *Os Redentoristas no Brasil.* Aparecida, Ed. Santuário, Vol. I, 1995, 308p. _____. *Os Redentoristas no Brasil.* Aparecida, Ed. Santuário, [Vol. II: 1920-1944], 1995, 338p. _____. *Os Redentoristas no Brasil.* Aparecida, Ed. Santuário, [Vol. III: 1945-1972], 1997, 390p. *Os três volumes são o resultado de uma pesquisa* encomendada *pelos Padres Redentoristas de Aparecida, cuja origem é alemã, em comemoração ao centenário da sua atuação no Santuário de Aparecida.*

[40] AZEVEDO, Manuel Quintério de. *O culto a Maria no Brasil. História e Teologia.* Aparecida, Ed. Santuário, 2001, 260p. [Trata-se da versão de um doutorado em teologia defendido na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma].

[41] BRUSTOLONI, Júlio J. *História de N. S. da Conceição Aparecida. A Imagem, o Santuário e as Romarias.* Aparecida, Ed. Santuário, 1998, 393p. _____. *N. Senhora Aparecida. Sua Imagem e o seu Santuário.* Aparecida, Ed. Santuário, 1998, 93p. _____. "Aparecida". In: FIORES, Stefano de. *Et* MEO, Salvatore. [Dirs]. *Dicionário de Mariologia.* São Paulo, Paulus, 1995, 1381p; pp. 105-113.

[42] MACHADO, [Padre]. *Aparecida na História e na Literatura.* Campinas, 1979. Obra em dois [2] volumes e três [3] livros: Livro I, Volume I: "História do Culto à Padroeira [1500 a 1889]", 504p; Livros II e III, Volume II: Livros II e III: "Coletânea de Poesias sob o tema de "Aparecida"" e "Páginas Literárias sobre N. S. Aparecida", pp. II-XXIV e pp. 1-112 e 1-160 + Apêndice: pp. I-XV, respectivamente. [Total de 812p].

[43] ALTEMEYER JR. Fernando [texto]. *Et* CORDEIRO, José [fotos]. Aparecida. Caminhos de Fé. São Paulo, Edições Loyola, 1998, 126p.

[44] Hagiografias são narrativas edificantes, que "santifica", só informam e dizem bem daquilo ou daquele[a] de que falam. Assim, *hagiográfico* eleva ao nível da perfeição aquilo de que trata. Cf. FEUILLET, M. *Vocabulaire du Christianisme.* Paris, PUF, 2002, p. 71. Um exemplo da abordagem hagiográfica é a *Legenda Áurea* de Jacopo de VARAZZO que narra a vida dos santos, cujo sentido é *o que deve ser lido*, pois informado dum *caráter moral, pedagógico e edificante.* Cf. BOUREAU, A. *La Légende dorée. Le système narratif de Jacques de Voragine.* Paris, CERF, 1984. VARAZZO, J. de. *Legenda Aurea.* São Paulo, Cia. das Letras, 2003, 1040p.

a.7.2] Aportes teórico-metodológicos.

Para as questões de ordem teórica-metodológicas adotaremos, em termos gerais, os procedimentos indicados por Claude Lefort para a questão do *político-teológico*, e o seu corolário em relação ao poder. O pensador francês tem se ocupado com a questão da permanência de elementos teológicos na prática política secular, bem como nas *representações sobre povo, nação, poder, líder*.[45]

Logo, *elementos originados no sagrado, acarretem óbices na construção dos processos democráticos: ao sagrado apenas se adere-se*. Sabemos o quanto à instituição católica é mestra em produzir discursos, imagens, representações como portadoras de uma mensagem que não pressupõe ser negada, pois ela se diz originada no divino. Assim, transportemos essa realidade para uma única identidade religiosa, selecionada entre outras identidades da religiosidade católica. Pensemos em outras práticas religiosas como as práticas Reformadas que na sua maioria não têm o reconhecimento e legitimidade das suas expressões de crenças em termos institucionais. *A solução por uma única identidade religiosa indica e evidência, do ponto de vista político, o alto grau de autoritarismo dos seus promotores religiosos e seculares*. O mesmo autor em texto importante para a pesquisa afirma que a:

> "[...] *questão da desintrincação, advinda historicamente, entre Religioso e político*. [...] são postas como duas ordens de práticas e de relações separadas; o *problema está em compreender como eles se* [...] *articulam* no exame de uma história empírica [...]", pois "[...], *a idéia de uma eliminação da religião supõe marcar a formação de um tipo de sociedade racional ou potencialmente tida como tal, na qual as instituições e as práticas aparecem ou recomeçam a aparecer tais como realmente são*". [Deste modo], "[...] *o fundamento religioso do poder se encontra plenamente afirmado*, assim *ele surge como o guardião e fiador da certeza que sustenta a experiência do mundo* e, ao mesmo tempo, *surge como detentor da lei que se imprime nas relações sociais e as mantêm unidas*". [Nestes termos] "[...] na sociedade moderna, [...] [a permanência de] *uma formação teológico-política*, [demanda por] *um trabalho simbólico que possa pela provocação dos acontecimentos*, detectar como alguns esquemas de organização e de representações se mantêm, graças a deslocamentos ou transferências ou se nela apenas aparece o fantasma teológico-político".[46]

Informados por essas indicações e aportes contidos nos textos de Lefort, também apropriamo-nos da contribuição de Max Weber, quando o sociólogo alemão afirma na sua obra clássica *Wirtschaft und Gesellschaft* [*Economia e Sociedade*],[47] nas seções 7 e 10 do capítulo V, onde aponta a abrangência do *ethos* nos seguintes termos: para ele a religião é produtora de *ethos*,

---

[45] LEFORT, Claude. *A Invenção Democrática. Os limites do totalitarismo*. S. Paulo, Brasiliense, 2ª ed., 1987. Nos caps. "A lógica totalitária", pp. 70-88 e "A imagem do corpo totalitário", pp. 107-131, o autor aborda questões como "representações-chaves [no sistema totalitário] que compõem sua matriz ideológica [...], não tolera[m] divisões sem hierarquias aparentes". E "[...] o que aparece em primeiro lugar é a imagem do povo-Uno", op. cit. p. 80.

[46] LEFORT, Claude. *Pensando o Político. Ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. R. de Janeiro, Paz e Terra, 1991; trechos citados, pp. 257-258, 265-266 respectivamente, itálicos meus.

[47] Utilizarei as edições de *Wirtschaft und Gesellschaft* [1ª ed. 1922] nas traduções da Fondo de Cultura Económica – México, DF., 9ª ed., 1992; e da Librarie Plon – Paris, 1971; cujos títulos são *Economia y Sociedad* e *Économie et société*, respectivamente.

constrói sistemas de dispositivos – estes contendo ordem, prescrição, regra, preceito; "a lei não escrita", conforme indicou Jean Poirier.

Segundo Poirier, no *ethos* estão contidas "as regulações sociais", nele "*a 'lei' moral, ideal herdado do grupo, internalizado, mas também reinterpretado pelo indivíduo*, e as *normas formuladas pela religião*" etc., é o

> "*ethos* [...]; [...] *o único que não tem sanções formalizadas: modelo, em princípio, facultativo mas que, contudo, é de todos o mais exigente e o mais bem obedecido; a pressão social é, com efeito, tão forte que ninguém pode subtrair-se ao ethos, simultaneamente convenções e conveniências cujo respeito condiciona a inserção do indivíduo no grupo.*"[48]

Assim, o nosso fulcro analítico apropria-se da sociologia da religião de Weber; igualmente do conceito de *afinidade eletiva* de origem weberiana que foi alargado por Michel Lövy;[49] das contribuições teóricas de Pierre Bourdieu[50] sobre *campo religioso, campo político, monopólio do sagrado* etc. Michel De Certeau na sua obra *Escrita da História* fez um contribuição importante para questões de ordem teórica e metodológica no concernente ao objeto à presente pesquisa. Mas, não nos fixamos em nenhum autor em particular.

Assim, posicionou-se De Certeau: "nesta perspectiva "compreender" os fenômenos religiosos é, sempre, perguntar-lhes outra coisa daquilo que eles quiseram dizer; é interrogá-los a respeito do que nos podem ensinar a respeito de um estatuto social através das formas coletivas ou pessoais da vida pessoal; é entender como *representação* da sociedade aquilo que do seu ponto de vista, *fundou a sociedade*. Nós pretendemos compreender, referindo-os à organização da sua sociedade, o que elas disseram, não apenas para justificar, mas explicar este estatuto social". Deste modo, "o *objeto* religioso [por ex., os padres, a prática sacramental, a espiritualidade etc], sendo doravante tratada em *função* de uma sociedade [segundo critérios hoje comuns a todos e que não são mais "religiosos"], o historiador crente não pode fazer mais do que introduzir sub-repticiamente convicções *subjetivas* no seu estudo científico, estas motivações na escolha do objeto [relativo a uma interesse religioso] ou na *finalidade* do estudo [em função de preocupações presentes, por ex.: a descristianização e as suas origens, a realidade de um cristianismo popular, etc]".[51]

Há uma série de outros autores que foram adotados na presente pesquisa. São antropólogos, sociólogos, filósofos e centralmente historiadores. Eles aparecerão ao longo da abordagem. Com esse registro quero indicar que não adotamos essa ou aquela abordagem sobre a religião e/ou o

---

[48] POIRIER, J. "Introduction". In : _____. [Dir]. *Histoire des Moeurs*. Paris, Éditions Gallimard, 3 vols., 1990 ; cit. vol 1, itálicos meus.
[49] LÖVY, Michel. *Redenção e Utopia*. S. Paulo, Cia. das Letras, 1989, pp. 13-18.
[50] BOURDIEU, P. *Economia das Trocas Simbólicas*. S. Paulo, Perspectiva, 3ª ed., 1992, 361p. _____. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989, 311p.
[51] CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro, Forense, 2ª ed., 2000, 345p; cit, p. 123 ss.

sagrado, para assim evitarmos o *engastar* conceitual, pois poderia *reificar* o objeto e a problemática que emerge do mesmo, assim obstando as questões hauridas nas fontes.

Não obstante, trata-se aqui de uma *tese*, logo assentada em hipóteses, arrazoados e corolários que lhe são constitutivos, porém penso que apresento, antes de tudo, o resultado de uma *pesquisa*, assim, indicando uma abertura a outras contribuições. Nestes termos, abordar as relações Igreja-Estado a partir de um objeto com o de uma devoção religiosa como N. S. Aparecida, padroeira da Nação é um trabalho de peso, num duplo registro: Físico e intelectual. O físico, pois há uma massa fenomenal de fontes sobre Aparecida, pois ela tornou-se Padroeira de uma Nação. O intelectual: são muitas as visões sobre os problemas da religião e do sagrado. Agenciar fontes e reflexão é um trabalho árduo. Como apontou Jacques Le Goff na sua pesquisa sobre o padroeiro francês, quando indicou a contaminação e imbricação em aspectos dos mais comezinhos até o nível político: a sua ubiqüidade atinge todos os planos.[52]

Não obstante a sua importância para o imaginário da Nação, Aparecida tem uma historiografia rala, quase escassa. Mesmo historiadores que se impuseram a tarefa analítica sobre os símbolos da República, quando abordam Aparecida realizam-na tergiversivamente e com afirmações generalistas. A presente pesquisa visa redimensionar a compreensão concernente à Aparecida, a partir de das ações de atores tais como membros da hierarquia eclesiástica, do laicado católico e políticos de projeção nacional. E, antes de tudo, a pesquisa objetiva, de acordo com as diretrizes indicadas por Lefort, a desintrincação "... advinda historicamente, entre religioso e político"; "... em compreender como eles [se] articulam" na verificação ou "no exame de uma história empírica". De forma que, "[...], a idéia de uma eliminação da religião supõe marcar a formação de um tipo de sociedade racional ou potencialmente tida como tal, na qual as instituições e as práticas aparecem ou recomeçam a aparecer tais como realmente são". Cuja implicação diz respeito ao "... fundamento religioso do poder se encontra plenamente afirmado, assim ele surge como o guardião e fiador da certeza que sustenta a experiência do mundo e, ao mesmo tempo, surge como detentor da lei que se imprime nas relações sociais e as mantêm unidas". Nesta ordem de coisas, "... na sociedade moderna, ..." há a permanência de "uma formação teológico-política," que demanda por "um trabalho simbólico que possa pela provocação dos acontecimentos, detectar como alguns esquemas de organização e de representações se mantêm, graças a deslocamentos ou transferências ou se nela apenas aparece o fantasma teológico-político".[53]

Interpretamos que N. S. Aparecida enfeixa o conjunto de problemas acima indicados.

---

[52] LE GOFF, Jacques. *São Luís*. R. de Janeiro, Record, 1999, 862p + anexos.

[53] LEFORT, Claude. *Pensando o Político. Ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. R. de Janeiro, Paz e Terra, 1991; trechos citados, pp. 257-258, 265-266 respectivamente.

a.7.3] A Episcopalização como política de elevação à condição e dignidade de padroeiro[a].

Imagem de Aparecida da década de 1930. O Ícone é de cor escura, ele porta manto bordado com motivos florais e porta coroa. Aqui não há referências às questões propriamente políticas: Ela encontra-se serena e apaziguadora.



Aparecida é a grande representação feminina da Nação, pois passou a ser constitutiva do Calendário Republicano a partir de 1980. E tal incorporação é o triunfo do *ethos* compartilhado entre liberais e católicos, a partir da episcopalização da devoção popular expressa no Santuário Nacional de

Aparecida. Ela também é paradigma do feminino, na sua condição de Mãe simbólica da Nação, que desde a cena da Anunciação anuiu ao Deus único em termos de *obediência, nutrição e maternidade*; Aparecida como modelo a ser seguido pelas mulheres.

O Ícone evoca uma *estabilidade* originada no sagrado. Neste Sentido, se as construções teológicas sobre o gênero feminino apontam ser este o *locus* do instável, e indicavam a tutela masculina sobre as mulheres, N. S. Aparecida era o roteiro de um itinerário a ser seguido, a Padroeira era justamente o contrário de outra figura de mulher originado na literatura do país: Capitu. A personagem machadiana é identificada pelos seus *olhos de ressaca*. Assim, a *metáfora marinha da massa oceânica em perene movimento*, identificado-a, Capitu, numa perspectiva de afinidade eletiva com as construções teológicas sobre as mulheres.

De certa forma a devoção à Aparecida e o seu significado, centralmente político, pois ela se tornou Padroeira da nação, não têm sido objeto de análises especificas. Nesta ordem de coisas, lembro o exemplo de Jacques Le Goff na sua pesquisa monumental que demandou quinze [15] anos de trabalho, inclusive com uma equipe da *École*, sobre São Luís o Padroeiro francês, abordando-lhe em múltiplos planos analíticos, mas uma deles enfeixa os demais: o plano político.[54]

O cientista social belga Pierre Delooz no texto "A canonização dos Santos e seu uso Social"[55] **efetivamente apreende o sentido político do processo de canonização e o seu desdobramento: a sua incorporação no calendário litúrgico**. O autor aponta uma série de questões e critérios atinentes à canonização. Penso que os mesmos princípios são válidos à elevação de uma devoção à condição de Padroeira[o]. Registra Delooz que há "uma diferença entre o culto público permitido e o culto público obrigatório". Deste modo, a elevação à condição de Padroeiro[a] ou "a canonização serve para afirmar a autoridade do canonizador", há "a passagem progressiva da canonização episcopal à canonização pontificia". Nestes termos tanto a canonização quanto a elevação de uma devoção à condição de Padroeira[o] , "o que a canonização visou foi raramente a afirmação direta e sem rodeios da autoridade do papa".[56] A esse aspecto de centralização e controle na figura pontífice,

---

[54] LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro, Record, 1999, 862p + anexos. Le Goff lembra que demorou quinze [15] anos entre a pesquisa e a elaboração do livro. Ao que tudo indica ele contou com o apoio de uma equipe da *École pratique dês hautes études em sciences sociales* na realização do trabalho. Os múltiplos e polissêmicos aspectos que uma invocação religiosa encerra, conforme a abordagem de le Goff, o padroeiro da França cristalizou-se nesta pesquisa em registros como: o guerreiro e cruzado, "o justiceiro sem indulgência", o homem "dos *exempla*": modelo para o indivíduo e o corpo social; "o rei sofredor, o rei cristo" etc., o conteúdo martirológio evocado sempre se cristaliza em termos políticos, quer no plano religioso quer no secular.

[55] DELOOZ, Pierre. "A canonização dos Santos e seu uso Social". In: Revista *Concilium*. Dossiê: Santidade. Petrópolis, Vozes, nº 149 [Santidade: Privilégio de Elites ou Patrimônio de Todos?], 1979/9, 116p; pp. 24-34.

[56] DELOOZ, Pierre. Op. cit., 1979, cit.; para todos os trechos entre aspas, p. 25.

os critérios de martírio, "a heroicidade das virtudes",[57] a ortodoxia e o milagre são os elementos constitutivos para se alçar a condição de canonizado ou de padroeira[o]. Assim, a canonização ou a sua elevação à condição de Padroeira[a] "se manifesta, portanto, como uma ato situado na confluência de dois poderes: o poder que emana do povo de Deus [a devoção popular a evocação cultuada] e o poder exercido pelas diversas autoridades eclesiásticas". Delooz conclui indicando a necessidade de um outro "modelo de poder", a partir do Vaticano II, para se chegar a "um outro modelo de santo".[58]

Lembro que Aparecida, a Padroeira do Brasil, nome da invocação local de N. Senhora aparece, mesmo na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* [Luz dos povos] originária do Vaticano II, como paradigma: "a Mãe de Deus [é] fé e obediência", "Maria"[59] é maternidade.

O periódico católico *Concilium*[60] publicou um dossiê no qual especialistas trataram de Santidade, da política eclesiástica para a canonização, de processos hagiográficos de legitimidade etc: no editorial do volume o teólogo dominicano Christian Duquoc aponta os critérios de verificação de santidade. Informa que "só a Igreja católica possui um sistema oficial e rigoroso de canonização". Também lembra que a instituição romana "[...] é uma sociedade hierárquica no seio da qual os detentores do poder são clérigos masculinos celibatários", **em suma uma devoção e a sua legitimidade hierárquica** como a "[...] síntese, o céu oficial reflete os interesses da Igreja terrestre". Sobre Maria afirma o autor, "*Maria é um modelo*, pois valoriza papéis femininos, mas não permanece *um modelo imitável senão na renúncia à maternidade*".[61]

Já o italiano Cláudio Leonardi, especialista em clássicos latinos e em hagiografia da alta Idade Média escreveu no mesmo dossiê um texto precioso. Segundo Leonardi "a santidade é o processo pelo qual o ser humano é incorporado em Cristo pelo Espírito ao Pai", assim, "fala-se de modelos de santidade, [...] o único modelo de santidade é Cristo [segundamente, a Virgem Maria]". Ele recorda que "O Ocidente conhece uma cristandade diferente [da Oriental]: o poder histórico de Cristo não se acha ligado ao poder do Imperador, o rei, do partido cristão, manifesta-se ao invés mediante o poder eclesiástico, do papado e dos bispos ou dos leigos. Assim, "*a cristandade, isto é, a justificativa do poder profano ou eclesiástico através de Cristo*".

Nestes termos, "a figura da Virgem Assunta ao céu, dogma solenemente proclamado em primeiro de novembro de 1950 por Pio XII, é figura dominante do novo período da Igreja: a

---

[57] DELOOZ, Pierre. Op. cit., 1979, cit.; pp. 27-28.
[58] DELOOZ, Pierre. Op. cit., 1979, cit.; p. 34.
[59] Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. [Luz dos Povos]. São Paulo, Paulinas, 14ª ed., 2000, 104p; cit. pp. 94 e 93, respectivamente.
[60] *Concilium*. Dossiê: Santidade. Petrópolis, Vozes, nº 149 [Santidade: Privilégio de Elites ou Patrimônio de Todos?], 1979/9, 116p.
[61] DUQUOC, C. "Editorial". *Concilium*. Ed. cit; cit. pp. 9, 10 e 7 respectivamente, itálicos meus.

natureza humana contém o corpo glorioso de Cristo e contém, por conseguinte, a criação em sua consumação escatológica".[62]

Ora, o padroado de Aparecida e a sua incorporação no calendário secular das festas que a nação deve guardar revelam um tríplice aspecto: imbricam os poderes curial romano, o episcopal local e a elite secular. Revelando assim a tentativa ou o controle sobre o *ethos*. Ora, se dada devoção passa a ser constitutiva do calendário pública de um país, aponta o compartilhamento desse *ethos* nos planos secular e religioso.

A par desse conjunto de constatação, apontamos o núcleo política da escolha de uma devoção para figurar no calendário como resultado das ações episcopais. A compreensão do *ethos* compartilhado entre esferas secular e religiosa, será um dos escopos da presente pesquisa sobre a Aparecida Padroeira da Nação brasileira, configurando-se *Triunfo Católico no Calendário Secular*.

Especificamente em relação à questão das festas que a Nação deve guardar apropriо-me do ensaio "As Festas que a República Manda Guardar" de Lúcia L. Oliveira[63] que abordou, do prisma político, as festas e celebrações que passaram a constituir o calendário republicano, logo *instituindo*, tais efemérides, *lugares de memória*.

O problema por mim tratado espraia-se para além do regime político republicano – não obstante ser ele parte constitutiva do mesmo –, pois ele diz respeito ao *ethos*, à Nação – o *corpus* imaginário, *locus* de unidade e pertença –, objeto das preocupações de autores como Elias Thomé Saliba que se referiu à dificuldade do nascente regime republicano em encontrar figuras femininas que simbolizasse. [64] Penso que a resposta esteja na representação marial da Mãe simbólica da Nação, que foi subestimada pelo autor[65] citado no ensaio de Saliba.

José Murilo de Carvalho fez uma sucinta referência ao ato de coroação da Imagem de Aparecida em 8 de setembro de 1904, a partir de Gilberto Freire. Assim, Carvalho não apresentou uma pesquisa original, fiou-se nas informações do autor pernambucano, para quem a escolha por Aparecida seria "[...] o repúdio ao patriarcalismo de D. Pedro II [...]". É interessante observar que o empreendimento analítico de Carvalho é o inventário *do conjunto dos semióforos* de origem

---

[62] LEONARDI, C. "Da Santidade "Monástica" à Santidade "Política"". *Concilium*. Ed. cit., 1979, pp. 58-58: cit. pp. 58, 63, 67 e 64, respectivamente.

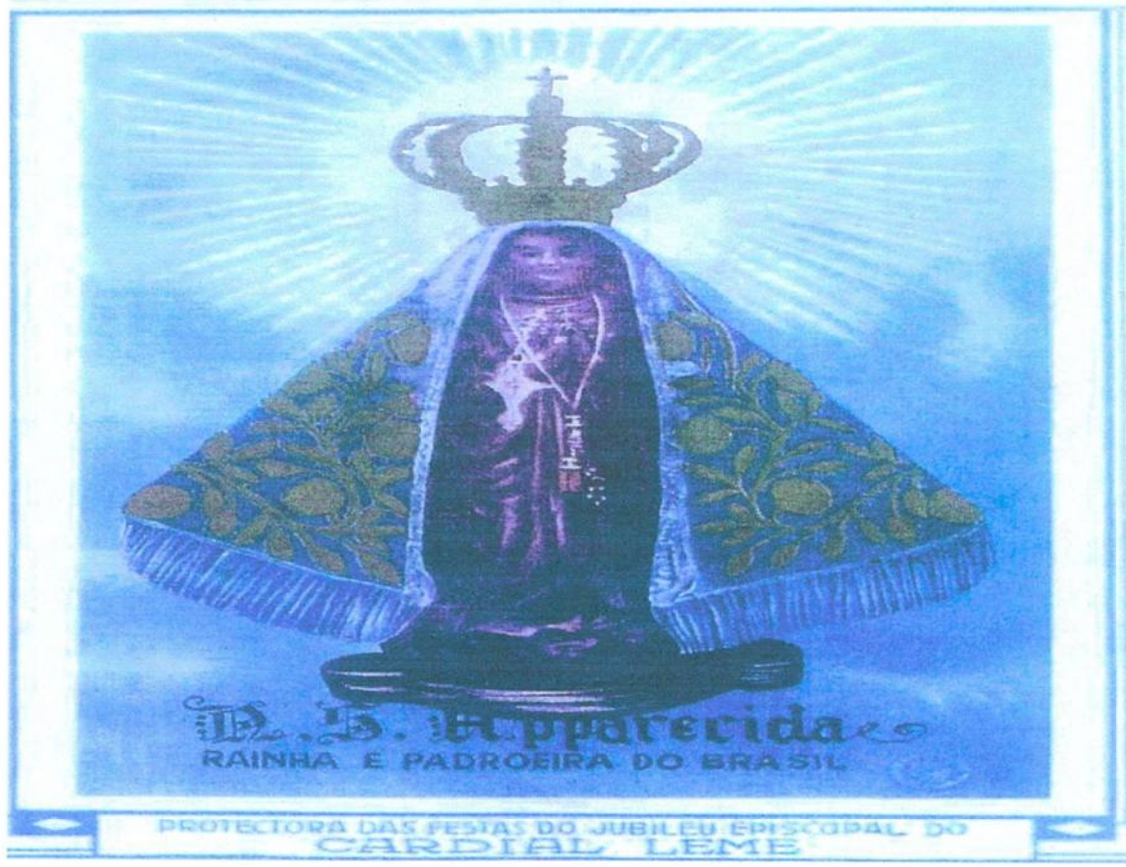
[63] OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Op. cit. In: *Estudos Históricos*. República. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, vol. 2, nº 4, 1989/4, pp. 172-189.

[64] SALIBA, Elias T. "A dimensão cômica da vida privada na República". In: SEVENKO, N. [Org]. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo, Cia. das Letras, Vol. 3 – República, da *Belle Époque* à Era do Rádio, 3ª reimp., 1999, 724p; pp. 290-365; cit. p. 313.

[65] O autor é CARVALHO, J. M. de. Em *A Formação das Almas*. São Paulo, Cia. das Letras, 9ª reimp., 2000, 166p; às pp. 93-94.

Essas questões foram retomadas por Maurice AGULHON pioneiro na abordagem da questão, que inspirou a análise de J. M. de Carvalho. Veja-se: _____. "Marianne, Objeto de "Cultura?"". In: SIRINELLI, J-F. *et alii*. [Dirs]. *Para uma História Cultural*. Lisboa, Ed. Estampa, 1998, 432p; pp. 111-122.

positivista no nascedouro da República. J. M. de Carvalho o fez um século após a instauração deste regime político, quando as representações de cunho positivista eram apenas vestígios depositados em logradouros públicos, na sua maioria deteriorados. Mas, a representação de origem religiosa dava demonstração da sua força e potência, pois na mesma década que Carvalho escreveu o seu livro, Aparecida passou a figurar no Calendário secular da República. Em texto[66] recente este autor relativiza as suas afirmações anteriores.



O texto "Consagração a N. S. Aparecida Padroeira do Brasil" formava um conjunto com esta Imagem de Aparecida que abria o *Álbum* das festas do jubileu - 1911-1936 - episcopal do Cardeal Leme. O controle episcopal sobre a centenária devoção popular ao diminuto Ícone de Aparecida revela-se nesta estampa: a Estátua de cor parda/cafuza portando coroa e mento, com esses elementos de adorno, Ela ficou acanhada quase desaparecendo na construção sígnica-teológica da estabilidade do divino que pairava sobre as vicissitudes humanas na sua condição de ubiqüidade. Afinal, afirmava o texto: "... o Brasil vos ama", pois é "vossa a sua natureza, [...], vossa as suas riquezas, vossos os campos e as montanhas, os vales e os rios; vossa a sociedade, vossa os lares e os seus habitantes, [...", assim, "[...] amparai o povo, esclarecei o nosso governo, guiai a nossa gente [...]".[67]

---

[66] CARVALHO, J. M. de. "A Humanidade Como Deusa". In: *Revista de História*. RJ, nº 1, ano 1, 2005, pp. 68-72. Mas, abordagens como a do ex-frade dominicano R. Romano da Silva - *Igreja Contra Estado*, 1979 -, já apontava, *pioneiramente*, a respeito dos limites do projeto positivista que minimizou as forças e potências originadas no sagrado e na religião no recém instaurado regime republicano em 1889.

[67] *Álbum do Jubileu Episcopal de D. Sebastião Leme da Silveira Cintra Cardeal do Arcebispado do Rio de Janeiro. 1911-1936 [...]. Sob a proteção de N. S. Apparecida. [...]*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráficas do "Jornal do Brasil, s/d., págs. não numeradas.

b] *Imbricamento do histórico e do mítico: matriz do* ethos.

b.1] Introdução.

Narra a tradição[68] – o que significa dizer que não se baseia em fontes documentais, mas adquiriu uma densidade e espessura que passou a ser constitutiva do imaginário social da Nação – que na primeira quinzena[69] de Outubro de 1717 três pescadores: Domingos Garcia, Felipe Pedroso e João Alves, após várias tentativas, quase todas em vão, sem conseguirem tirar peixes do leito Rio Paraíba, numa das tentativas emergiu na rede dos pescadores parte do corpo de uma imagem. Em outro lance da rede, veio à superfície a cabeça do ícone. Assim, veio à tona, de forma dilacerada e na cor marron/cafuza, mediante a ação de três pescadores, a estátua que seria oferecida, em 31 de maio de 1931 – um ano após um decreto papal ter legitimado N. S. Aparecida, como Padroeira do Brasil -, pelo cardeal Sebastião Leme a Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório e Presidente da Nação.

A mesma tradição registra que depois do encontro da imagem, operou-se o primeiro prodígio: os pescadores lançaram de novo as suas redes nas águas barrentas do rio Paraíba, elas voltaram abarrotadas de peixes e deste modo encheram as embarcações em pouco tempo.

Do relato acima que a tradição estabeleceu sobre o encontro do Ícone de Aparecida, infere-se uma potente metáfora altamente operatória para os fins da presente pesquisa: desde os seus albores, na sua aurora, a Imagem de tez escura de N. S. da Conceição, a partir de então passou a ser denominada de **Virgem Conceição Aparecida**, a ela articulavam-se interesses políticos [o encontro da Imagem ocorreu a partir de uma demanda da Coroa Portuguesa quando da viagem de um alto funcionário[70] a seu serviço], as práticas econômicas e as formas de relacionamento entre homens pobres, os desclassificados sociais, e o poder público instituído à época - a pesca realizada pelos três

---

[68] Tradição, do latim *traditio*, cujos significados são: consignação, ensinamento, narração etc., e também costumes. Estes "pertencem à complexa fenomenologia das tradições: caracterizam-se estas, sobretudo pelo fato de estarem "inscritas" na consciência coletiva dos grupos que delas são portadores, como normas implícitas ou diretas tidos como adquiridos no tempo [...]". PRANDI, Carlo. "Tradições". In: ROMANO, R. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nac-C. da Moeda, vol. 36: Vida/Morte-Tradições-Gerações, 1997, 417p; pp. 166-197; cit. p. 166.

[69] A data do encontro do Ícone de Aparecida será detalhada no cap. Calendário.

[70] O registro dessa viagem acha-se em: *Diário da jornada que fez o exmo. Sr. Dom Pedro* [Conde de Assumar] *desde o Rio de Janeiro até a cidade de S. Paulo e desta até Minas no Ano de 1717*. In: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 3, 1943. Foi o historiador Sérgio Buarque de HOLANDA que pioneiramente fez menção às condições das viagens e do deslocamento pelo território, inclusive citando a viagem do conde de Assumar em 1717. _____. *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro, Liv. J. Olympio Ed., 2ª ed., 1975, pp. 148-159; especialmente p. 150. As condições cotidiana desse tipo de viagem foram retomadas por Laura de M. e SOUZA, consulte-se: "Formas provisórias de existências: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações". In: SOUZA, L. de M. e. [Org.]. e NOVAIS, F. [Dir]. *História da Vida Privada no Brasil*. S. Paulo, Cia. das Letras, Vol. 1, 1997, pp. 42-81. A viagem do Conde de Assumar é citada às pp. 58-59. Mas, a historiadora não faz menção ao evento do encontro da imagem.

homens foi uma exigência da Câmara Municipal de Guaratinguetá, eles foram obrigados a conseguir víveres para alimentar o Conde de Assumar e a comitiva que o acompanhava no pernoite nas proximidades do porto de Itaguaçu, onde a Imagem de Aparecida foi encontrada - e capital simbólico para o poder hierocrático católico. Foi para esse Ícone, cuja origem se assentava no imbricamento de elementos míticos e históricos que, em 1 de julho de 1980 foi publicado no *Diário Oficial da União*, em texto telegráfico, o Decreto-Lei nº 6802.[71]

A partir de 1980, o estabelecimento do feriado nacional no dia 12 de Outubro, conforme o Congresso Nacional decretava, de acordo com o texto do Decreto nº 6802, visava a comemorar, evocar uma reminiscência, introjetar uma **única identidade religiosa** – *católica* -, em detrimento de outras identidades e práticas religiosas. A devoção episcopalizada de Aparecida, ao se tornar membro do calendário da República, passou a instituir *lugar de memória* e modelo a ser observado pela Nação.

Cabe entender o significado político desse ato em torno de Aparecida, pois ao selecioná-la, escolhê-la e instituí-la, no conjunto dos ritos católicos, esse rito específico a figurar no calendário secular do país, como mãe da Nação, evidencia-se uma opção por parte dos ocupantes do poder laico em prejuízo de outros ritos e devoções. Ela, a devoção escolhida, remete a um conjunto de representações que eram explicitadas em cerimônias e festas cujo alvo era publicitar no espaço público a construção de uma única identidade religiosa para a nacionalidade brasileira originada no campo religioso católico.

Atentando-se para a conjuntura política na qual o feriado nacional de 12 de Outubro foi estabelecido, ele nos parecerá ininteligível. Recordemos alguns fatos: as fricções entre Igreja e Estado haviam atingido tal ponto de tensionamento que, em agosto de 1980 foi expulso do país, por conta do Estatuto do Estrangeiro e a matriz de lhe dava base, a Lei de Segurança Nacional, o padre italiano Vito Miracapillo.

Logo, o decreto presidencial que instituiu o feriado nacional de 12 de Outubro aponta que as tensões das relações Igreja-Estado eram de cunho epidérmico, pois havia um conjunto de prelados em sintonia com a política secular em curso.

Outros eventos daquele contexto histórico foram as greves dos metalúrgicos do ABC paulista em abril de 1980, quando foram presos 13 líderes sindicais. As ações dessas lideranças tinham o reconhecimento e o envolvimento de eclesiásticos como d. Paulo Evaristo Arns, d. Ivo Lorscheider etc.

---

[71] O texto do Decreto-Lei 6802 é: "Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei: art. 1º - É decretado feriado nacional o dia 12 de Outubro, para culto oficial a N. S. Aparecida, padroeira do Brasil; art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação. Brasília, em 30 de julho de 1980. João Batista Figueiredo, Presidente do Brasil". Brasília, *Diário Oficial da União*, 1 de julho de 1980.

Com isso aponto para o fato de que não foi para atender a chamada Igreja progressista como indicou certa historiografia[72] que o feriado nacional de 12 de Outubro foi decretado, mas para contemplar outro setor da hierarquia, que alguns autores, em termos políticos, denomina-o de **centro estruturante**.[73]

Recordemos, neste particular, fatos recentes. Os acontecimentos do Vaticano e a sua política para alguns membros e/ou setores da Igreja no país, como a exigência de silêncio obsequioso - caso do teólogo L. Boff -, a divisão de arquidioceses progressistas - o exemplo é o da Arquidiocese de S. Paulo -, e a nomeação de bispos e arcebispos com orientação e práticas conservadoras [catolicismo carismático], indicam a nova orientação política vinda de Roma e a sua recepção local. O acolhimento dessa política conservadora do Vaticano encontrou expressivo número de religiosos dispostos a adotá-la no país.

O ato político do último presidente do regime autoritário, decretando o feriado nacional de 12 de Outubro, remete-nos ao passado – ao ano de 1930 – quando em 16 de julho daquele ano, Pio XI consagrou a Imagem de N. S. Aparecida como Padroeira do Brasil. Esse gesto papal atendia à demanda de uma ala da hierarquia[74] para sagrar um símbolo religioso para a Nação. E também um *locus* identitário mariano para o conjunto dos religiosos.

A consagração e a elevação de Aparecida à condição de Padroeira do país, atendia a uma antiga solicitação do episcopado e da alta hierarquia da Igreja católica [a demanda remontava ao

---

[72] MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil [1916-1984]*. S. Paulo, Brasiliense, 1989. Para o brasilianista norte-americano a "[...] **Igreja** [católica brasileira é a instituição que] **continua a evoluir num sentido progressista até 1982**", cit. p. 169 ss; negrito meu. Este historiador compreende a ação da instituição católica como um todo, sem divisões internas, homogênea do ponto de vista político, una e sem diferenciações, não a vendo de modo setorizado, principalmente em questões de orientação política.
Incide na mesma avaliação de Mainwaring, outro brasilianista, o historiador Kenneth P. SERBIN. _____. *Diálogos na Sombra. Bispos e Militares, Tortura e Justiça Social na Ditadura*. São Paulo, Cia. das Letras, 2001, 566p.

[73] SILVA, Roberto R. da. *Igreja contra Estado*. S. Paulo, Kairós, 1979. À p. 47, nota 78, este autor afirma sobre um centro estruturante no interior da hierarquia católica no país, cuja função é fazer a ligação entre o Vaticano, o poder político secular local e os demais membros do clero, e não apenas uma "manobra populista ou modo de garantir a autoridade dos bispos na sociedade brasileira", como afirmou K. Serbin, em *Diálogos na Sombra*, em relação às abordagens de Romano da Silva e Vanilda Paiva. O trecho acima entre aspas é de Serbin e encontra-se à p. 435 do seu *Diálogos na Sombra*. [...], 2001.

[74] No ano de 1929 realizou-se Aparecida às festas jubilares que celebraram os vinte e cinco [25] anos da coroação da Imagem de Aparecida em 1904. Foi no bojo das comemorações que membros da hierarquia, encimados pelo arcebispo de S. Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, remeteram à Roma o pedido para a oficialização de Aparecida como Padroeira da Nação. Cf. *Polyanthéia das Festas Jubilares da Coroação da Imagem Milagrosa de N. S. Apparecida – 1904 Setembro – 1929*. Aparecida, "Suplemento do "Almanak de N. S. Apparecida"", 1929, 80p. O leigo católico Lacerda de Almeida aponta "a importância da proclamação de N. S. Apparecida como rainha e Padroeira: união indissolúvel entre religião e Pátria, N. S. Apparecida e Brasil – unidade nacional", o texto encontra-se às pp. 46-48; cit. p. 46.

ano de 1904 quando membros da Província Eclesiástica Meridional - PAM, na sua segunda reunião,[75] coroaram o Ícone de N. S. da Conceição Aparecida].

Até aqui elencamos alguns elementos que justificam a nossa periodização. E também apresentamos os elementos para a compreensão da sua escolha, as relações Igreja-Estado, o modo pelo qual a hierarquia católica procurou dar visibilidade ao Santuário da Padroeira; a coroação da imagem em 1904.

Outros dados reforçam o argumento do nosso objeto e tema: desde que foi encontrada a imagem de N. S. da Conceição Aparecida atrelou-se aos interesses do Estado. Houve o imbricamento do dado histórico e do elemento mítico na base dessas relações. Elas foram, no período de 1717-1929, estruturadas e operacionalizadas pela hierarquia católica. Tratava-se da construção de uma identidade religiosa interna da instituição no país. Já no período entre 1930-1980, após ter sido legitimada pela hierarquia curial romana, o corpo episcopal no Brasil, ou parte dele, utilizou-se de uma série de estratégias cujo fito era torná-la, efetivamente, Padroeira da Nação. **O reconhecimento do poder estatal secular com a sua inclusão no calendário do país como feriado nacional**, aponta o que estamos indicando. Há uma estampa com a imagem de Aparecida no *Manual do Devoto de N. S. Apparecida* na edição de 1938.[76] Ali ela se encontrava no centro do cromo: achava-se ladeada pelos brasões dos Estados e Territórios que compunham a federação. Ela, a Mãe e Padroeira da Nação apareceu como um centro convergente do qual emanava a unidade do país. Em outro documento do ano de 1942 quem abre uma série de imagens, é Getúlio Vargas, o presidente da República e o interventor federal em S. Paulo, Fernando Costa. Nas páginas seguintes do documento há vários cromos com a reprodução de imagens de membros da hierarquia, como o cardeal D. Sebastião Leme entre outros. Há no referido documento um texto que destaca Aparecida como "Senhora, Padroeira e Defensora do Brasil".[77] A qualidade de *defensora* era invocada, talvez, devido ao contexto do período: o Brasil havia entrado na II Guerra Mundial.

Não obstante, a estratégia mais utilizada pela hierarquia eclesiástica no período 1931-1980, que objetivava torná-la *a* identidade religiosa da Nação, foram as "saídas" da Estátua do seu nicho diocesano e a construção do novo Santuário nacional. Depois da ereção do monumento religioso surgiu outra astúcia da hierarquia para dar visibilidade ao seu capital simbólico: Aparecida não mais

---

[75] Dom Joaquim de Arcoverde de A. Cavalcanti, arcebispo romanizado da diocese do Rio de Janeiro, pronunciou *Oratio* em latim no momento antes do gesto da coroação da imagem. Foi no bojo da coroação da imagem que se projetou, pela primeira vez, o trabalho dos padres Redentorista de origem alemã. Eles haviam iniciado as suas atividades a partir de 1894.

[76] *Manual do Devoto de N. S. Apparecida*. Aparecida, Liv. N. S. Aparecida, 13ª ed., 1938, cit., pp. 1-2.

[77] *São Paulo no IV Congresso Eucarístico Nacional*. S. Paulo, Gráfica de "O Estado de S. Paulo", 1942; cit., pp. 9-10.

sairia do seu nicho: a partir de então os devotos e fiéis deveriam se deslocar até a "casa" da Mãe simbólica da Nação. Aparecida triunfou sobre as demais devoções.

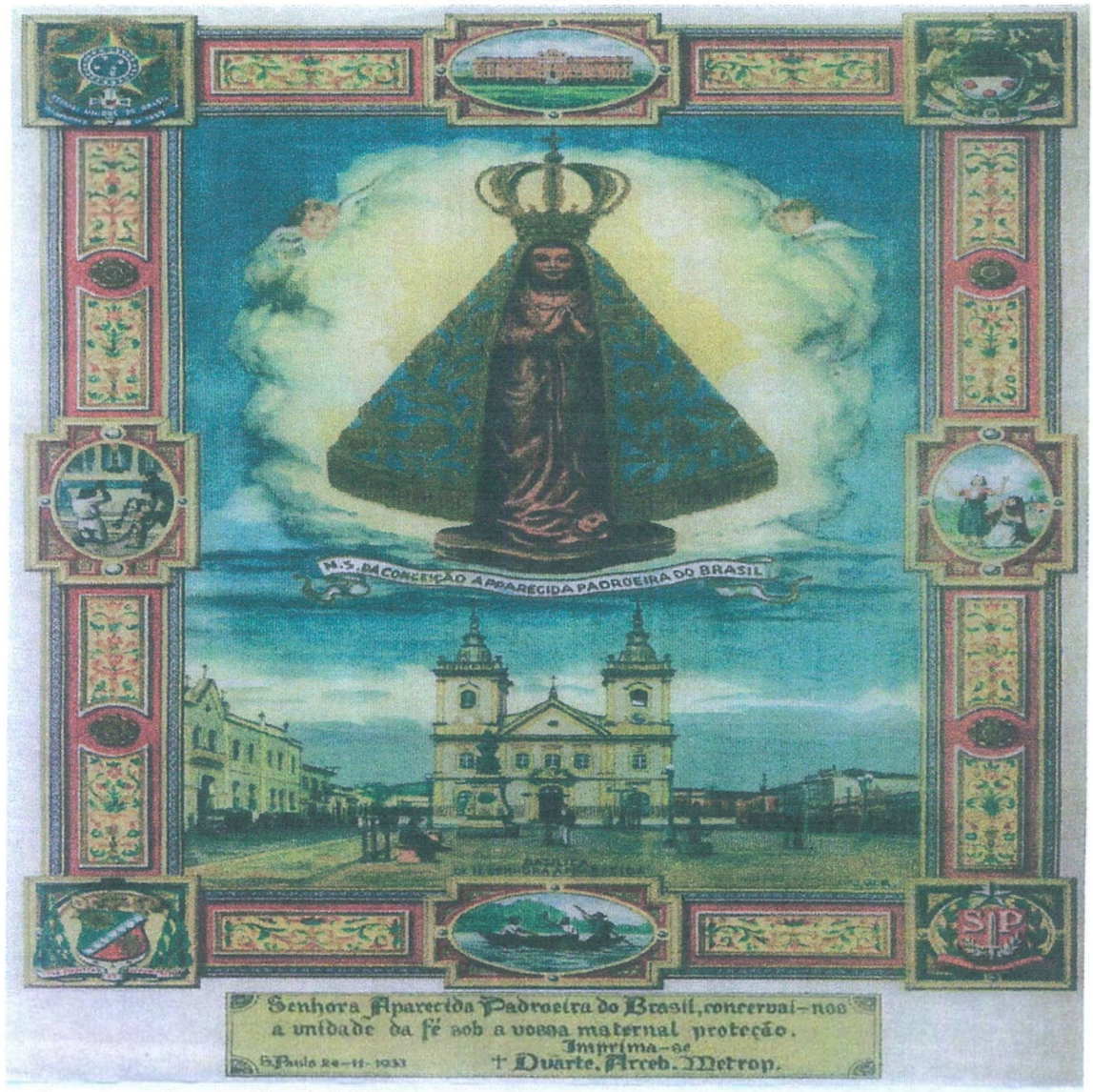
A seguir apresento uma série de estampas que vão desde a década de 1930 até fins de 1960 nas quais há elementos e mensagens veiculados pelo/ou em conjunto com o Ícone de Aparecida, mas em todos eles o relato do encontro da imagem é sistematicamente repetido. A fixação desse acontecimento e os seus protagonistas são ostensivamente reafirmados. A intenção provável dos promotores das estampas era vincar a relação da devoção de Maria com os humildes e os pobres. Ademais, na maioria das imagens, a Estátua porta manto azul bordado com motivos florais em dourado. Em alguns mantos aparecem os brasões da República brasileira e da Santa Sé, noutro encontra-se escrito: "Patrona Brasiliae". Em vários, da década de cinqüenta em diante, a narrativa do aparecimento do Ícone nas redes dos pescadores articula-se à maquete da nova Basílica que se achava em construção. Aparecida era "Patrona" de uma Nação que havia adotado o regime republicano de governo, sistema capitalista de mercado e liberalismo político. Assim, explicando-se o motivo pelo qual uma instituição bancária mandaria imprimir e distribuir "santinhos" nos quais se celebravam os duzentos e cinqüenta anos [em 1967] do aparecimento da Estátua.



Adesivo auto-colante para suportes transparentes como vidro. Ele poderia ser colado em veículos automotores, indicando larga difusão. Os festejos pelo Sesquicentenário da Independência política da Nação em 1972 foram um dos ápices do Regime Militar. Enquanto o Governo Médici exilava, bania, torturava e/ou assassinava os seus opositores, os administradores da Basílica Nacional, cuja imagem encontra-se dentro mapa do Brasil, realizavam em Aparecida o "Ano Marial". No primeiro plano da imagem vê-se a "Passarela da Fé" que na verdade é uma Rodovia Federal, ela foi viabiliza utilizando o arcabouço jurídico do AI-5. Ela foi construída com o empenho do Min. Mário Andreazza.

b.2] Estampas de N. S. Aparecida que narravam o seu encontro e divulgavam seus prodígios, 1930-1967, e a relação amorosa de uma escolar com cromos da Padroeira.

1. Cartaz do ano de 1933.[78]



A imagem está reduzida à 75% do seu tamanho original. Ela veicula no centro um Ícone da Padroeira de tez branca; no centro da narrativa, à direita, o milagre da menina cega que por mediação de Aparecida voltou a enxergar; à esquerda, o prodígio da quebra dos grilhões do escravo que era seviciado implacavelmente pelo seu dono, e que num gesto de desespero demandou clemência e foi atendido. Em 1933 o fim do regime escravista contava apenas quarenta e cinco [45]

[78] Cartaz publicado de 1933: "Senhora Aparecida Padroeira do Brasil, conservai-nos a unidade da fé sob a vossa maternal proteção", São Paulo, 24-11-1933, com o imprima-se de D. Duarte Leopoldo e Silva, o arcebispo de São Paulo. Talvez a referência à unidade, a partir da fé na Padroeira, fosse uma alusão do religioso à recente guerra fratricida de 1932. *Na devoção à Aparecida a Nação encontraria a harmonia necessária à unidade do país.*

anos, a memória social e política da Nação tinha aquele acontecimento ainda bastante presente. Em estampas posteriores os dois milagres irão desaparecer. A partir da década de 1930 Ela veiculará a mensagem e passará a ser o *locus* do estável, pois se tornou "Patrona Brasiliae". Nesta ordem de coisas, a sua mensagem tornar-se-á política.

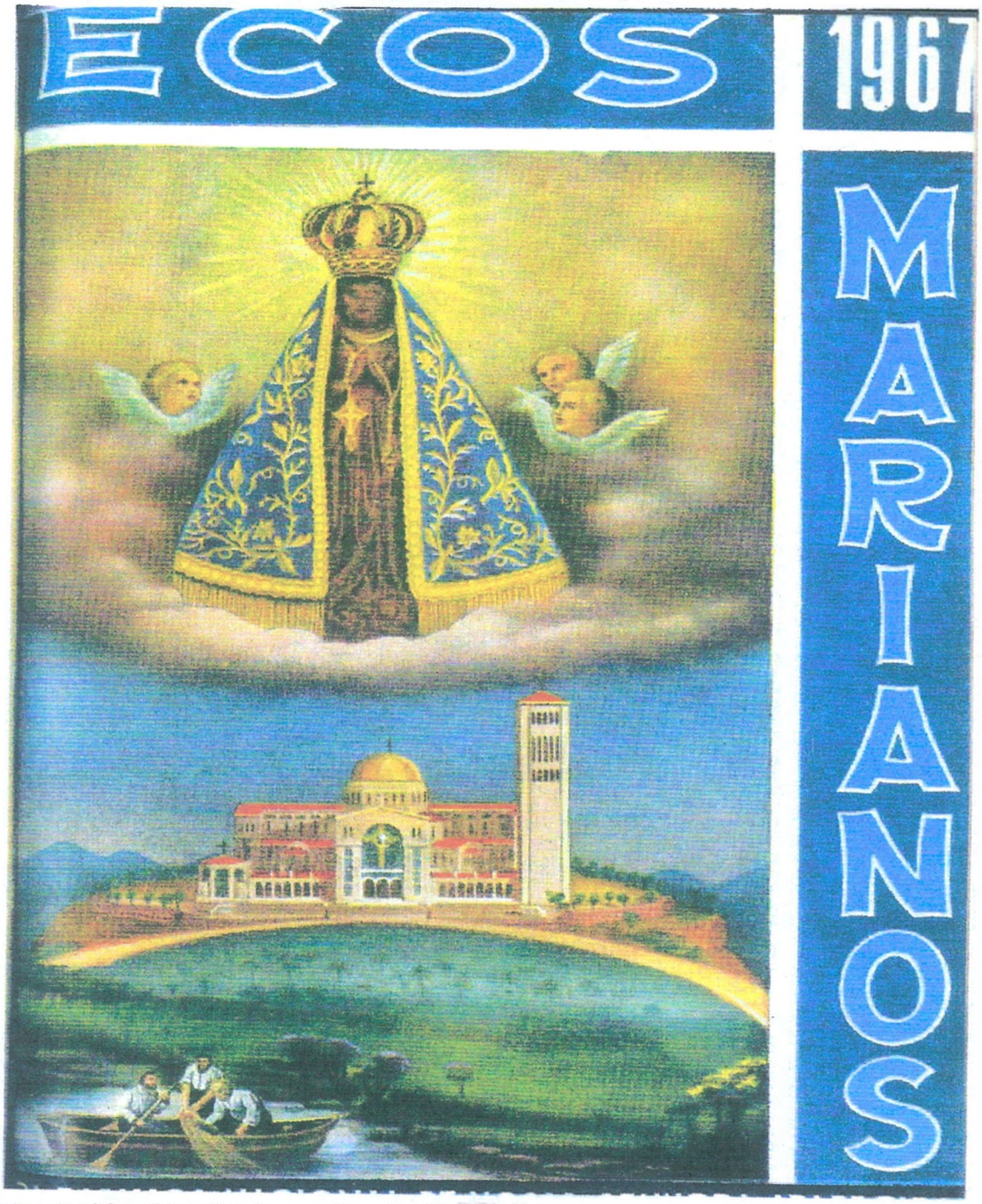
2. Pôster com o Ícone de Aparecida provavelmente das décadas de 1930-1940. Na base da imagem narra-se a cena do encontro da Estátua da Padroeira pelos três pescadores em 1717.[79]



Na base desta estampa, aqui reduzida a 50%, há a frase: "Verdadeiro Retrato de N. S. Apparecida". O encontro do Ícone pelos três pescadores é constitutivo da narrativa visual.

[79] Original no Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida, [ACMAp]. Aparecida, São Paulo.

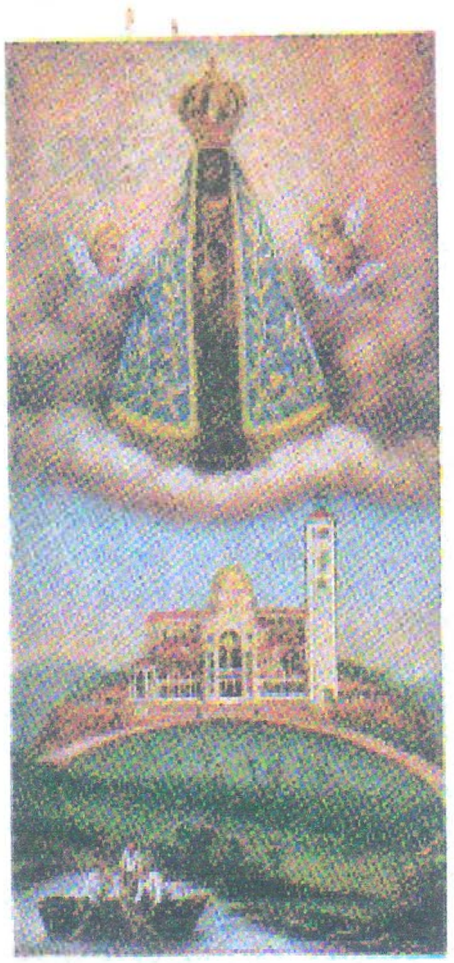
3. Capa dos *Ecos Marianos* ou *ANSAp*, 1967.[80]



Entre os vários elementos da narrativa visual, na base da estampa na a cena do encontro da Estátua de Aparecida. Veicula-se a maquete da nova Basílica, que encontra entre à cena mítica do aparecimento da Imagem pelas mãos de homens humildes e o Ícone da Padroeira na parte superior.

[80] Capa do "Ecos Marianos" ou *ANSAp*. Aparecida, 1967. O mesmo desenho foi capa do vols. dos anos de 1959 e 1963. Originais na Biblioteca dos padres CSSR, no bairro do Ipiranga, São Paulo, Capital.

4. Folheto do Banco da Lavoura do ano de 1967.[81]



LEMBRANÇA DO

Banco da Lavoura

DE MINAS GERAIS S.A.

EM APARECIDA

Rua Barão do Rio Branco, 2

LEMBRANÇA DO ANO JUBILAR
DO ENCONTRO DA IMAGEM N/ LAGOINHA
DE NOSSA SENHORA APARECIDA
1717 — OUTUBRO — 1967

A cor do Ícone nas estampas números 2, 3 e 4 são marrom e/ou cafuza, indicam a fixação da cor escurecida que passou a caracterizar a Estátua de Aparecida.

Como veremos noutra parte da pesquisa, o Ícone de Parecida foi utilizado na propaganda comercial. A Padroeira se prestava à divulgação de produtos, como o tradicional tonificante, o biotônico Fontoura: Aparecida era vinculada a instituições e mercadorias originadas no sistema capitalista de mercado.

[81] Original no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. [ACMSP]. São Paulo, SP.

5. Imagem retirada do *Missal Romano* que faz menção à Aparecida, 1959.[82]



A imagem impressa no *Missal Romano* é de uma Virgem de tez branca, não obstante se referir à Aparecida no texto que lhe acompanha. Na página ao lado dessa imagem encontra-se o seguinte texto:

> "12 de outubro - N. S. Aparecida, Padroeira do Brasil. [...]. Em 1773 [*sic*], nas águas do Rio Paraíba apareceu, Ito é, foi retirada por pescadores uma imagem de N. S. da Conceição, que se tornou logo objeto de crescente devoção do povo brasileiro. O apelido popular dado à imagem é de "N. S. Aparecida". Em seu santuário, em Aparecida do Norte [Estado de São Paulo], acham-se aos milhares os testemunhos de sua proteção celestial sobre os fiéis da Terra de Santa Cruz: inúmeros quadros votivos ali estão, a recordar os benefícios obtidos com a invocação da Mãe de Deus sob o título de "N. S. Aparecida", com toda razão foi ela proclamada a Rainha do Brasil".[83]

---

[82] *Missal Romano Quotidiano*. São Paulo, Soc. Pia de S. Paulo, p. 1158. Original na Biblioteca da Faculdade de Teologia N. S. Assunção da Cúria Metropolitana de São Paulo. São Paulo, SP.
[83] *Missal Romano Quotidiano*. São Paulo, Soc. Pia de S. Paulo, 1959, p. 1159.

6. Parte de um cartaz com a Imagem de Aparecida, 1967.[84]



O Ícone porta coroa e manto. Sobre este último encontram-se os brasões da República e do Estado de São Paulo. Na base, a cena da pesca milagrosa que retirou do leito do rio Paraíba a Imagem de Aparecida.

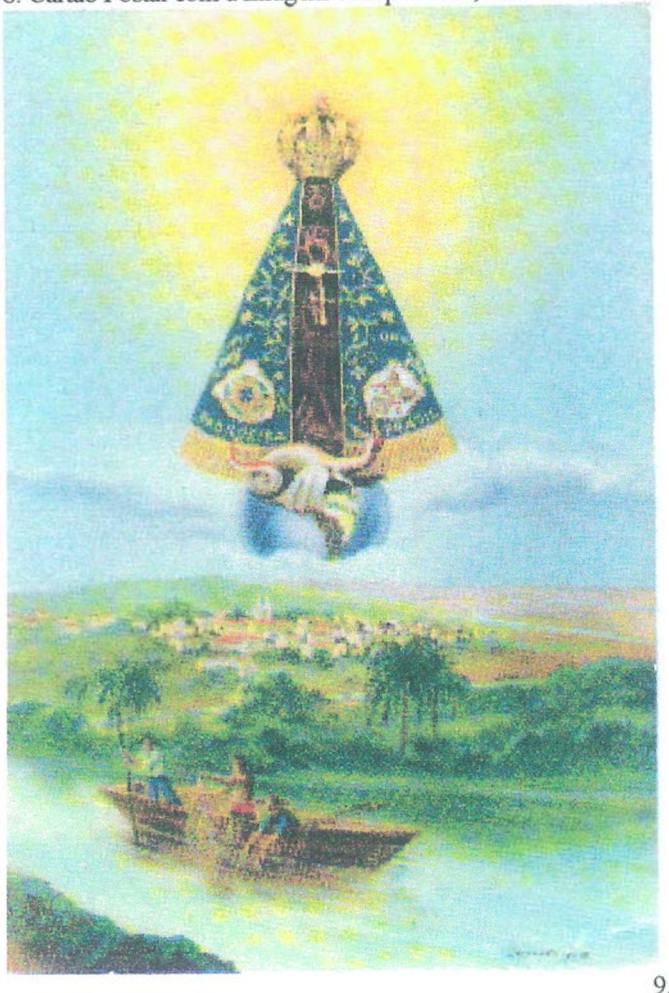
[84] Original no Arquivo do Santuário Nacional de Aparecida. [ASNAp].Aparecida, São Paulo.

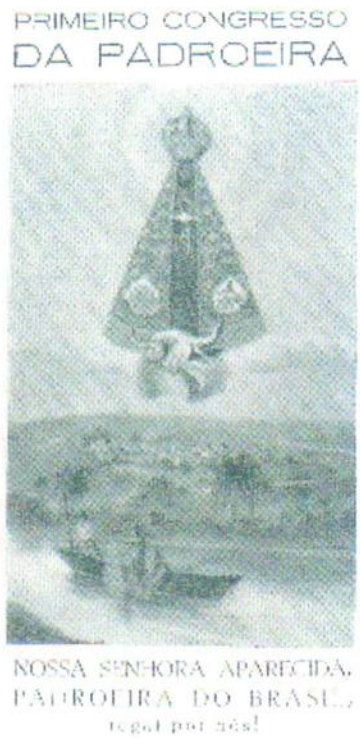
7. Capa do "Ecos Marianos" de 1955.[85]



[85] Capa do "Ecos Marianos" ou *ANSAp*. Aparecida, 1955. A mesma capa com pequenas variações vinha sendo publicada como capas do anuário desde os anos: 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1953 e 1956. Originais encontrados na Biblioteca dos padres da CSSR, no bairro do Ipiranga, São Paulo, Capital; e no ACMSP, setor de periódicos.

8. Cartão Postal com a Imagem de Aparecida, década de 1950.[86]





9. Imagem em b&p, 1954, com o hino da Padroeira.[87]

Nas estampas números 7, 8 e 9, além de veicular o evento da encontra da Estátua em 1717, Aparecida paira sobre o espaço, posiciona-se entre o cosmo e o globo terrestre; entre este e Aparecida há um mostro alado com cauda que bifurca. Sobre a esfera há o desenho de parte do mapa da América Latina, no qual se destaca os contornos do mapa do Brasil.

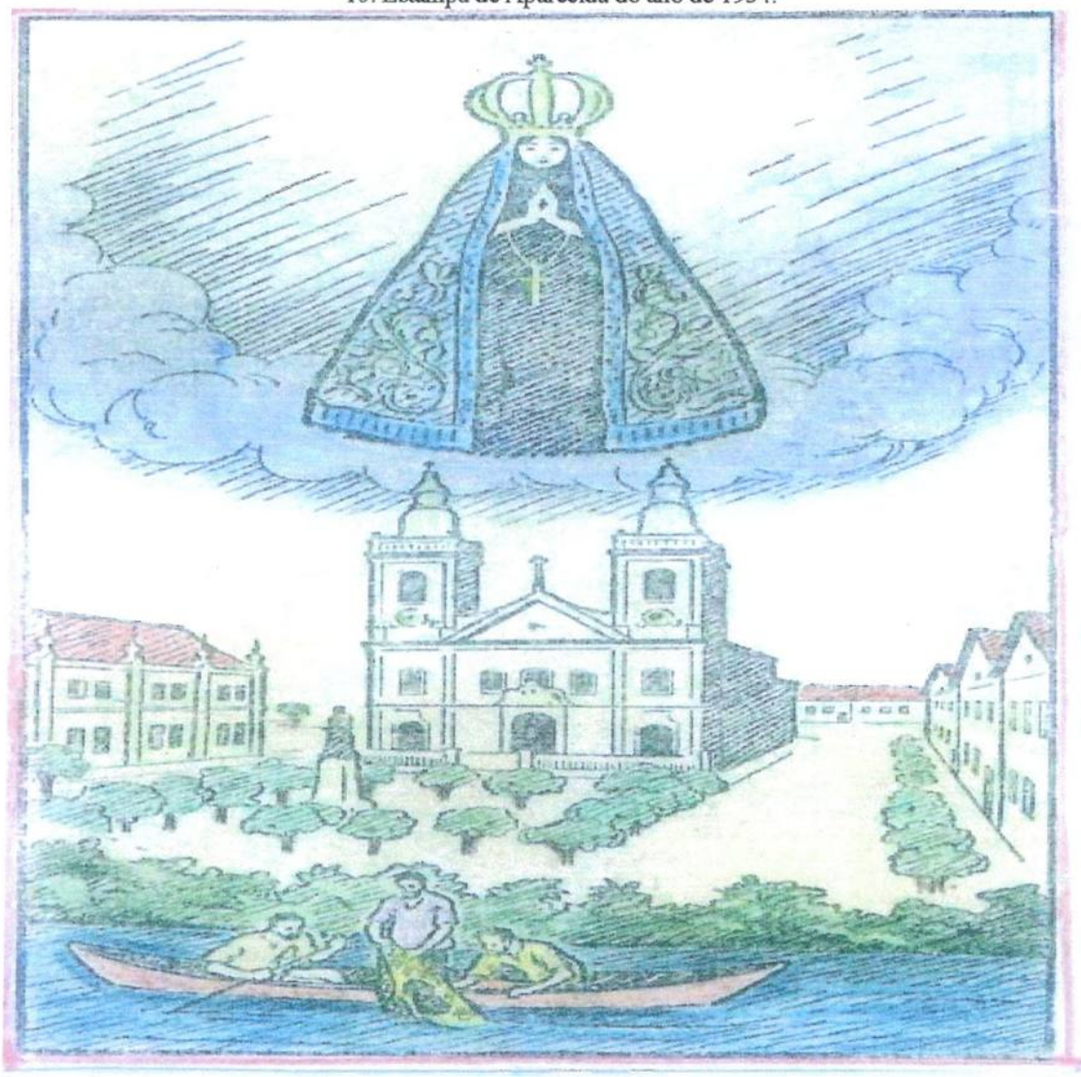
Quando um santo pisa um animal arquétipo – serpente ou dragão, entes que no imaginário cristão encarnam o *mal* numa polissemia de registros – isto significa o seu triunfo no plano doutrinário. Maria veio remir a humanidade do *pecado original*, da *heresia laicizante*, ou especificamente no registro político, Ela esmaga *o mal absoluto* do século XX, que segundo a hierarquia era o *comunismo*.

Estas estampas disparavam dispositivos psíquicos arcaicos de medo e pânico: persuadia-se as massas devotas instaurando-se *pathos*. Adoeciam-lhes as almas.

---

[86] Original no ACMAp. Aparecida, São Paulo.
[87] Original no ACMSP. São Paulo, SP.

10. Estampa de Aparecida do ano de 1954.[88]



Segundo me relatou Elizabeth C. Mirra foi ela quem coloriu, com o auxílio dos pais esta estampa de N. S. Aparecida em 1954 por ocasião do Congresso da Padroeira. Além dessa imagem, que narra, na sua base, o evento do encontro da Estátua de Aparecida, há outras no seu *Álbum* composto por textos manuscritos, recortes de jornais e "santinhos", que também foram desenhadas e coloridas por ela juntamente com seus progenitores. Num dos textos manuscritos, com letra miúda, organizada, limpa e ereta, de provável autoria da escolar Elizabeth lê-se, afetuosamente:

> "Amo N. Senhora, pois ela é muito boa para nós. Nós recebemos muitas graças de N. S. Aparecida. [...]. Os pescadores Domingos Garcia, João Alves, e Felipe Pedroso em suas canoas acharam-na partida no rio Paraíba. Primeiro acharam seu corpo e depois a sua cabeça. O rio Paraíba recebeu um grande favor de imenso tesouro, a Mãe do Senhor. Gosto muito de N. Senhora, pois ela me protege muito".[89]

---

[88] Estampa retirada do *Álbum da Padroeira*, 34 fs., de Elizabeth Conceta Mirra, que em 1954 era aluna do "3° ano A" no **Colégio das Cônegas de Santo Agostinho** na capital paulista.
[89] MIRRA, Elizabeth C. *Álbum da Padroeira*. São Paulo, 1954, 34 fs.

Neste conjunto de dez imagens desde a década de 1930 até fins da de 1960, elas narram o evento que a tradição oral fixou sobre o encontro da Imagem dilacerada – em duas partes – e pequenina – 37 cm – de Aparecida retirada do leito do rio Paraíba pelos três pescadores. No relato do acontecimento prodigioso do surgimento da Estátua da *Aparecida* tudo aponta para a confirmação em terras brasileiras em 1717 acontecimentos narrados no Novo Testamento: evoca-se o ocorrido no Lago de Tiberíades como a pesca milagrosa; a Estátua de Maria emergindo ao homem humilde e simples, os desclassificados sociais, também se reporta à tradição neotestamentária do texto lucano, o *Magnificat*, Lucas [Lc 1, 39-56], no qual Ela é solidária com os despossuídos materialmente, e mãe de uma nova família, a cristã. Ela, mãe piedosa, aninha no seu colo, ou sob o seu manto protege, cuida e apazigua os seus filhos. Na sua invocação local, Maria Aparecida é o *locus* da unidade da Nação.

Nessa ordem de coisas, como vimos acima no texto da pequena escolar, já em tenra idade a menina ia incorporando e internalizando o relato do encontro da imagem, e não menos importante, ela já testemunhava o seu agradecimento pela proteção da "Mãe do Senhor". Assim, por vias indiretas, ela recepcionava a mensagem teológica dirigida às mulheres: a partir do paradigma mariano de Aparecida, caberia-lhe desempenhar papéis atinentes à maternidade e subordinação. Naquele ambiente doméstico, sob os cuidados das figuras paternas a menina é protegida pela Padroeira, a jovem escolar era lançada num *iter para tatum*: preparavam-na, a partir do modelo mariano de Aparecida, *um caminho seguro*.

As estampas, "santinhos" e outras imagens da Padroeira jogaram um papel importantíssimo não só na dilatação da devoção mariana de Aparecida; elas serviram, precipuamente, à divulgação da doutrina católica ultramontana.[90]

Veja-se na estampa colorida por Elizabeth, que se acha envolto pelo conjunto de arbustos pintados pela escolar na praça fronteiriça à Basílica, um elemento que se destaca. Ele é o

---

[90] O processo de romanização ou ultramontanismo enfeixava, segundo a definição de Roger Bastide: a] **a autoridade episcopal** – a instituição eclesiástica hierarquicamente estruturada **agindo e controlando o vasto campo de devoções do catolicismo populares**; b] a reforma do corpo episcopal, **o controle doutrinário e da fé**, das instituições de ensino e educação dos membros do clero e do laicato, a partir de meados do século XIX; c] para a experiência específica da realidade brasileira, o ultramontanismo incorporou um grande número de padres estrangeiros, na sua grande maioria de origem européia, e de **ordens e congregações missionárias**, tendo como tarefa básica: normatizar segundo as ordenações ultramontanas as práticas devocionais do catolicismo popular estruturado, **e aplicar um catolicismo de caráter universalista, matriciada numa doutrina rígida e moral absoluta**; d] **a dimensão política da aplicação do ultramontanismo dependia dos objetivos e interesses políticos locais**. BASTIDE, Roger. "Religion and the Church in Brazil". In: SMITH, T. Lynn e MARCHANT. [Orgs]. *Brazil, Portrait of Half a Continent*. New York, 1951, pp. 334-355. Ralph Della Cava apresentou um consistente sumário do conceito de ultramontanismo a partir dos aportes de Bastide. Cf. DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joaseiro*. [trad. Maria Yeda Linhares]. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, 279p; veja-se, especialmente, pp. 31-34, e a nota 33 às pp. 43-44.

monumento erigido em 1904 em comemoração ao cinqüentenário do dogma da Imaculada Conceição, cujos custos foram arcados pelo laicado católico de São Paulo. O monumento é encimado por uma reprodução de uma Imaculada Murilo do século XVII. A efigie de Nossa Senhora foi confeccionada em bronze. A Mãe de Jesus, rodeada de serafins finca e repousa os seus pés sobre a terra e a lua: *olha para o céu, mira o infinito*. A imagem da Virgem evoca a representação da *maestà*: em atitude majestosa e circundada por anjos; mas há a ausência do Menino, do trono dourado e do santos. A parte inferior do monumento é de granito: a imagem repousa sobre essa base. Todo conjunto mede cerca de 5 metros de altura. No *Oratio*, D. Joaquim Arcoverde ele registra "[...] incrível entusiasmo invade a minha alma ao ver erigida sobre uma coluna de granito essa estátua de bronze, *que ficará na praça pública* para sempre terna memória de tão grande acontecimento".[91]

A intenção dos promotores[92] da construção do monumento era *vincar e cinzelar na rocha* – no granito – e *no metal* – no bronze –, uma memória perene do gesto da Coroação. Celebrar o ato dogmático do pontifice romano de 1854. Assim, reproduziu-se imageticamente um ícone europeu avesso àquele que era cultuado no Santuário: a Estátua de Aparecida era de escala diminuta, e nuclearmente a sua cor: a sua tez oscilava entre o ébano, o negro de pátinas depositadas pelas camadas do tempo, ou o cafuzo. Este último a indicar a troca entre as gentes formadoras da Nação: índios e negros sintetizados na Imagem da devoção de origem européia – aqui a contribuição branca. Com efeito, o monumento amalgamado em bronze e granito, é um marco na fundação de uma memória ortodoxa e ultramontana.

Ele consubstanciava, no plano simbólico, o projeto religioso para o país. Nesta ordem de coisas, instituía práticas no *ethos* da Nação, logo com desdobramentos no plano secular.

---

[91] ARCOVERDE, Joaquim [d]. "Oratio". In: HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação*... Ed. cit., 1905, p. 35, itálico meu. A descrição do Monumento, pp. 59-67, ed. cit. Desde fins dos anos 1990, quando fazia pesquisa de campo em Aparecida e ali fixei residência por cinco meses, assim como numa série de viagens diárias feitas no 1º semestre do ano 2003, constatei, *in loco, o estado de deteriorização em que se encontrava o Monumento celebrativo do Ato da Coroação de 1904*. Partes significativas das letras metálicas que compunham as expressões foram arrancadas. *Pichações emporcalhavam a base de pedra. A própria reprodução da Madona de Murilo tinha depositado sobre si camadas de fuligem e sujeira*. A denunciar a falta de manutenção. A própria Basílica Velha acha-se em estado de conservação deplorável. Descaso da Diocese de Aparecida e dos padres Redentoristas que administram o Santuário? Ou mecanismo deliberadamente urdido cujo fito é olvidar as práticas da instituição romana? Creio que não podemos simplesmente imputar esse estado de coisas a um processo de secularização, a revelar a profanação do espaço sagrado e dos seus artefatos. Para o caso de Aparecida, está ligado à opção da hierarquia por uma prática pastoral de massas desenvolvida na Nova Basílica.

[92] Entre os elementos de maior relevo do laicado católico que eram membros das Comissões: "[...] Conde de Prates, Dr. João Antonio Oliveira Cezar, Dr. José Vicente de Azevedo, Dr. Ismael Dias da Silva, Comendador João Fagundes do Nascimento, Conselheiro Dr. Manuel Antonio Duarte de Azevedo...". In: HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação*... Ed. cit., p. VIII.

A cor do Ícone de Aparecida é uma questão importante no processo de fixação da "imagem verdadeira de Aparecida". Pois se trata de uma Estátua de Maria, que é, no plano local, Conceição Aparecida na devoção brasileira. Como podemos constatar no conjunto de estampas em várias delas a sua cor é branca.

A Imagem depositada no nicho do Santuário Nacional além de ter sido vítima de atentados como o que a estilhaçou em 16 de maio de 1978, também foi objeto de ato predador dos padres afonsinos como indica a fonte em seguida no item b.3.

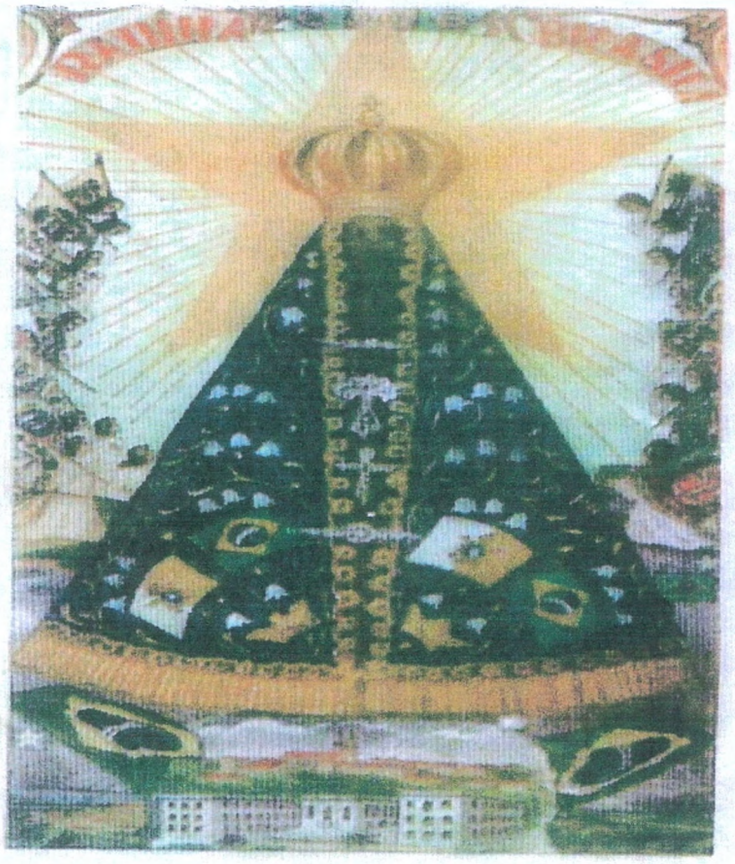


Imagem de Aparecida provavelmente da década de 1950 com os adornos da coroa e do manto. Sobre este, na sua parte inferior, as flâmulas do Brasil e da Santa Sé: imbricando-se, assim, as esferas religiosas e secular. Ladeando o Ícone no centro da cena - Aparecida é um *locus* estável e estruturante ao qual o corpo social deveria se referendar, segundo a hierarquia -, querubins portam bandeiras dos Estados da federação, e abaixo, entre a Estátua e um conjunto de edifícios, mais pavilhões nacional compõe a narrativa visual. O suporte no qual se acham inscritas essa imagem é de polietileno, material plástico, cujo acabamento lembra mármore travertino.

b.3] A Tentativa de falsificação da cor da Imagem de Aparecida por religiosos que atuam no Santuário Nacional: a aplicação de tinta automotiva e de produtos químicos corrosivos e cancerígenos na Estátua de N. S. Aparecida - década de 1990.

Na documentação guardada no Arquivo da Basílica Nacional de Aparecida há uma série de pastas nas quais esse material está precariamente acondicionado. Na Pasta nº 12, cujo conteúdo compulsei no primeiro semestre de 2003, encontrei um impressionante documento que reproduzo abaixo, pois ele trata tanto da cor da Imagem quanto revela como ela foi tratada pelos religiosos que a administra. Trata-se de uma Carta-Relatório de um restauro que a Estátua foi submetido em 1993. O documento foi enviado a D. Geraldo M. de Morais Penido da Arquidiocese de Aparecida, quem o remeteu foi a especialista Maria Helena Chartuni que já havia executado outros restauros no Ícone de Aparecida:

> "Relatório sobre o terceiro restauro da Imagem de Nossa Senhora Aparecida, ocorrido em 11 de Outubro de 1993. – Durante o ano de 1993 fiz duas viagens, incógnitas, à Aparecida do Norte, quando diante da Imagem de N. S. Aparecida em seu nicho na Basílica, notei uma alteração na sua cor. Pensei tratar-se de uma ilusão ótica, talvez provocada pela luz fluorescente e também porque pude entrever pouco do original, apenas pela abertura na frente do manto. Na segunda visita tive a oportunidade de almoçar com os padres, e então criei coragem e me manifestei com o Padre Jadir, Reitor da Basílica, sobre minhas dúvidas a respeito da Imagem. Ele, imediatamente, pediu-me que retornasse, pois, iria providenciar a remoção da Imagem para que eu pudesse examiná-la, eventualmente, limpá-la. Voltei após alguns dias, e Ela já estava colocada sobre a mesa no quarto nº 23 do Convento. Quando retirei o pano branco que a envolvia, **constatei com surpresa, que estava literalmente manchada, como se fosse a pele de onça, devido a algum produto abrasivo passado sobre Ela**. Penso que **deve ter sido gasolina ou *thiner*, não saberia precisar qual, mas o fato é que toda a sua pátina havia sido retirada neste processo, causando as manchas, tão enti-estéticas, além de ter deixado a terracota muito seca, e todo o restauro de 1979 aparecia visivelmente**. Como nesta ocasião não havia levado material de restauro adequado para este fim, pois não esperava encontrá-la nestas condições precárias, Padre Jadir me convidou então a passar uns dias em Aparecida, por ocasião da Festa da Padroeira no dia 12 de Outubro de 1993. Assim, confortavelmente, instalada me hospedei por 4 dias no Convento quando tive a oportunidade de proceder [a]o 3º restauro da Imagem de N. S. Aparecida. No dia 11 de Outubro ela foi retirada do seu nicho e colocada no meu quarto de nº 23, às 8:30 da manhã. **A partir de então até às 16 horas da tarde consegui reintegrar, novamente a sua cor. Para isto usei os mesmos materiais empregados por ocasião do 1º restauro de 1978, ou seja, pigmento puro e verniz, em uma finíssima camada**, apenas para fechar as falhas existentes, e após várias horas de trabalho quase ininterrupto a cor havia voltado ao seu original e Ela pode ser recolocada em seu nicho às 16 horas da tarde do dia 11 de Outubro de 1993, e dei por encerrado o meu trabalho. **Como se criaram dois precedentes anteriores, ou seja, o primeiro quando a Imagem foi repintada com tinta automotiva, logo após o restauro de 1978, e a segunda agora, quando sua pátina foi removida misteriosamente**, confirmo por escrito, o que havia dito à palavra ao Padre Jadir Teixeira da Silva: enquanto eu estiver viva comprometo-me a dar permanente e periódica assistência técnica, totalmente gratuita, à Imagem da Padroeira do Brasil, a fim de que se preserve intacta sua integridade artística, além de evitar que Ela [caia] em mãos não preparadas para este trabalho".[93]

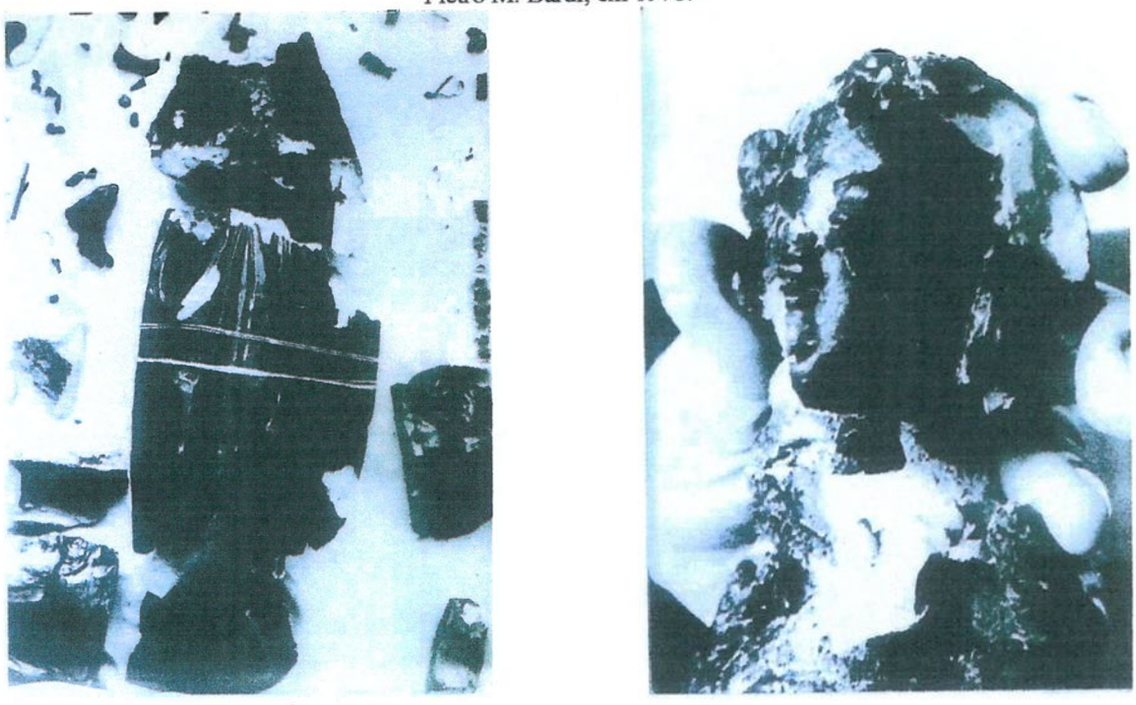
O que impacta no conteúdo deste documento é como tem sido tratado o maior e mais conhecido símbolo religioso da Nação. Segundo a restauradora, **aplicou-se na Imagem de Aparecida material abrasivo**. A Estátua foi embebida por **produtos químicos** "gasolina ou thiner", este último é um agente químico altamente cancerígeno. A **Estátua da Padroeira foi**

---

[93] "Carta-Relatório" de Maria Helena Chartuni enviada a Dom Geraldo M. de Morais Penido, datada de São Paulo, 10 de janeiro de 1994, negritos meus. [Endereço da remetente: R. Com. Elias Zarzur, 1324, SP-SP; tel. 246-09410]. In: Pasta 12: Restauro da Imagem de Aparecida. ABNNSAp.

pintada, por **duas vezes, com tinta automotiva**! E a primeira dessas intervenções com tinta para carro ocorreu em 1979, como se infere do relato de Chartuni, logo após o seu primeiro trabalho em 1978, depois do atentado que transformou a frágil estatueta de terracota em minúsculos fragmentos que os especialistas precisaram de ferramentas como pinças cirúrgicas para recompor-lhe a forma original.

Imagens fotográficas do restauro da Imagem da Padroeira executado pela equipe do MASP sob a direção de Pietro M. Bardi, em 1978.[94]



Estas duas imagens fotográficas nos dão a dimensão do ato de "Rogério Marques de Oliveira, 19 anos, residente em São José dos Campos-SP, quebrou o vidro de proteção existente naquele altar e tentou apossar-se da Imagem de N. S. Aparecida".[95] Como interpretar o gesto do morador da Vale do Paraíba abruptamente fragmentou a mais célebre moradora da região? Seria um ato contra a tirania da Imagem sacra que, ubiquamente, tudo vê e a todos controla? Ou uma última ação de alguém que pedia amparo e proteção, mas não era atendido? Afinal, desde o séc. VII os cristãos, principalmente os iletrados, segundo a alta hierarquia católica, deveriam venerá-las. Assim, saturando a sua presença no cotidiano dos devotos. Nesta ordem de coisas, cabe a hierarquia toda a responsabilidade do estilhaçamento que vitimou a Estátua da Virgem.

---

[94] Pasta nº 10. In: ABNNAp. Nesta pasta 10 há o registro fotográfico do restauro que o Ícone foi submetido por especialistas do MASP sob a supervisão de Pietro Maria Bardi em 1978, depois do atendo que a Imagem sofreu, quando foi estilhaçada em mais de uma centena de fragmentos. A responsável pelos trabalhos em 1978 foi a especialista em restaura Maria Helena Chartuni. Há, também, uma massa documental acondicionada em cem [100] Pastas numeradas, e mais um número significativo de documentos avulsos em Pastas que não identifica o seu conteúdo. A de nº 9 tem por título "Desagravo". O material do restauro da Imagem encontra-se depositado nas Pastas nº 10 e 12.

[95] *ANSAp*. Aparecida, 1979, p. 50. Nesta edição o anuário publicou fotos da Estátua despedaço, em estado quase volátil.

d.4] Os Desagravos à N. S. Aparecida,1963-1995. O Desagravo de 1963 - o percurso pela Via Dutra, de Aparecida à Capital de São Paulo: o roteiro que espalhou o rastilho de pólvoras que lançou a Nação na longa noite *orwelliana*.



Esta imagem é a charge de autoria do chargista Otávio. Ela foi publicada no jornal *Última Hora*.[96]

A caricatura acarretou a mobilização dos católicos descrita à frente. À esquerda a figura da mascote - um espadachim - do Esporte Club Corinthians Paulistas e à direita uma figura masculina - um pescador - que transporta peixes e tem inscrito sobre as vestes a palavra "SANTOS", referência ao time da baixada santista que à época tinha por maior estrela o jogador Pelé.

Assim, o desenho, que bricolou à forma geométrica, remetia a Estatua da Padroeira da Nação com as faces do maior ídolo futebolístico do país, se indagava [o sinal de interrogação é claro neste sentido] sobre o "campeonato-63" - a ser disputado entre corintianos e santistas? -, como sugere o desenho com "Aparecida" **comprimida** entre os símbolos dos dois clubes.

Com base nestes elementos é possível falar em desrespeito à divindade da Padroeira como afirmou o professor de Ética da Unicamp Roberto Romano da Silva?

---

[96] Jornal *Última Hora*. São Pulo, 27 de ago,. de 1963, Esportes, p. 15.

Na conjuntura política, social e econômica do segundo semestre de 1963, [inclusive, em termos climáticos, havia no período uma grande estiagem, o que vinha causando uma série de incêndios em pequenas e médias cidades do Paraná, e em vários municípios limítrofes ao Estado de São Paulo], a hierarquia católica, em conjunto com o poder secular instituído, instrumentalizou o fato jornalístico e manipulou a fé dos devotos de Aparecida.

Não obstante, os esforços da diretoria do diário que na sua edição de 29 de ago.de 1963, com texto na sua capa informava aos leitores que os seus diretores estiveram em audiência com o Cardeal Mota quando se explicaram e se retrataram sobre o acontecido. Mas, o religioso havia decidido transportar a Imagem de Aparecida para a capital paulista no próximo dia da Pátria, o 7 de set./1963.

O documento acima de autoria da especialista Maria Helena Chartuni é cristalino no modo pelo qual os próprios religiosos trataram a Estátua de Aparecida.

Ora, em datas ocasiões o episcopado mobilizou os católicos em ação de desagravo por entender que Aparecida e a sua devoção haviam sido agredidas. No segundo semestre de 1963 houve um desses desagravos.

Ele foi motivado por causa da publicação de uma *charge* no diário *Última Hora* de São Paulo – que apoiava o governo João Goulart – , na qual o chargista motivado pela ida do Time dos Santos F.C. à Basílica em romaria, e produziu um desenho no qual o jogador Pelé – rei do futebol – é articulado à Aparecida – *Regina* do Brasil.

Os diretores[97] do periódico imediatamente se pronunciaram e se desculparam ao cardeal Mota. Sobre essa questão assentou-se o seguinte no *I° Livro do Tombo da Arquidiocese de Aparecida, 1958-1976*:

> "No dia 27 de agosto, o jornal "Última Hora" na sua edição matutina, apareceu com uma caricatura altamente injuriosa à N. S. Aparecida. A reação popular foi rápida e espontânea. O Vale do Paraíba quase em peso, levantou-se, como protestos devolvendo o número do jornal e ameaçando os entregadores. Esse protesto alastrou-se logo, primeiramente no Sul de Minas. Foi um verdadeiro teste da grande devoção e amor filial do povo brasileiro a sua querida Padroeira. A autoridade eclesiástica tomou logo a posição, que o caso exige. O Vigário Geral D. Antonio F. de Macedo, [...] fez sair nos jornais de São Paulo, no dia imediato um artigo de protesto, pedindo desagravo. Sua Emcia. o Cardeal Administrador Apostólico [Dom Motta] fez uma manifestação, pela Rádio 9 de Julho e pela Rádio Aparecida, protestando e convocando o povo a desagravo a Rainha do Céu e da Terra. Programou-se a ida da Imagem Milagrosa à S. Paulo no próximo dia 7 de setembro para um ato solene de desagravo. A imprensa deu cobertura a nossa manifestação. Os diretores [do jornal *Última Hora*] vieram pedir desculpas, alegando que não tinham intenção de injuriar N. Senhora. Fizerem por ignorância. Mas, não deixou de ser uma brincadeira de muito mau gosto. A imagem foi à S. Paulo com grandes demonstrações populares através das cidades do Vale do Paraíba. Na Praça da Sé, em

[97] Nas Pastas de Documentos Avulsos do ACMSP há cartas dos dirigentes do jornal se explicando e desculpando-se ao cardeal Mota. Esforços em vão, pois o religioso deslocou a Imagem até São Paulo para um Ato de Desagravo.

São Paulo, foi recebida pelo Sr. Cardeal Administrador Apostólico, pelo clero e pelas Autoridades, inclusive o Governador Dr. Adhemar de Barros. Após o solene ato de desagravo, a imagem permaneceu na Catedral até o dia seguinte. Alternadamente, o povo passou a noite em preces aos pés da Imagem. Dia 8, [...] foi reconduzida de volta à Aparecida, sendo recebida por grande multidão de devotos, que aguardavam o seu retorno, na Praça da Nova Basílica, depois da Santa Missa, foi prestada uma grande homenagem de desagravo. Foi esta mais uma prova di grande amor do povo brasileiro a sua Rainha e Padroeira".[98]

Outra fonte registra o acontecido:

"Charge de N. S. Aparecida com feições do jogador Pelé, alusão à romaria realizada pelos jogadores dos Santos F. Clube. A reação em Aparecida e no Vale foi imediata. No mesmo dia à noite houve uma grande concentração em frente à Basílica e o comércio cerrou suas portas. O fato repercutiu na imprensa, Rádio e TV. A Rádio Aparecida liderou a campanha de protesto. O Sr. Cardeal Motta transmitiu pela Rádio 9 de Julho uma mensagem de protesto. A Rádio Aparecida recebeu 11 milhões de adesões entre cartas e telegramas. Esse volume de protestos era sem duvida uma reação contra a orientação deletéria do jornal e o desagravo publicado contra a Imagem. Diante do boicote o povo contra o jornal, seu diretor tentou dar suas explicações [...]. Atendendo o desejo do povo foi programado um ato público de desagravo em S. Paulo. A Imagem Milagrosa foi levada a Capital para a "Noite do Desagravo" na praça da Sé entre 7 e oito de setembro".[99]

No arquivo do Santuário Nacional de Aparecida, no Acervo Memória Fotográfica,[100] encontrei um Álbum com fotos do "Caso do Jornal "*Última Hora*" que publicou charge ofensiva a N. Sra. Aparecida. 27-08-1963".

O Álbum é composto de 40 fotos numeradas e em branco e preto, e mais 5 fotos não-numeradas. Na foto número 1 do dia 27-08-1963, registra um automóvel "perua [Kombi que] conclama o povo revoltado para uma passeata de protesto e desagravo. A indignação do povo de Aparecida e, geral". Fotos 6 e 7: "Na Câmara [Assembléia Legislativa, na capital]. Deputados são cientificados do acontecimento e prometem tomar providências". Entre os políticos, destaca-se o deputado Roberto Cardoso Alves.

Na Foto 8, há dois cartazes segurados por populares. Em um de eles ler-se: "SALVE RAINHA DO BRASIL. Abaixo os traidores de Nossa Pátria. Jornal "*Última Hora*". No outro a frase: "Quem for de Aparecida. Defensor de N. S. Aparecida. Sigamos a São Paulo para Defendê-la". A Foto 11 mostra: "No Palácio do Governador. Adhemar de Barros beija a Imagem que

---

[98] *I Livro do Tombo da Arquidiocese de Aparecida, 1958-1976*. Aparecida, 250 fs. manuscritas; 500p. Os apontamentos no Livro iniciam-se em Maio de 1958. Trecho entre aspas. Idem: "Registro nº 215" de 1963: "Caso triste do jornal "Última Hora"". fs. 68v-69v. Até referência em contrário, o registro e a redação dos fatos e eventos constantes no Livro são de bispo auxiliar, Dom Antonio Ferreira de Macedo, CSSR.

[99] "A Imagem Milagrosa sai de seu Santuário". In: *Documentos. Capela. Vol. II*. Arquivo da Cúria de Aparecida. Aparecida, Fs. 29-37 [pp. 19-28]. Ref. à charge da edição de 27-08-1963 do *Jornal Última Hora*. In: ACMAp.

[100] Para a questão teórica da fotografia como fonte histórica, remeto o leitor à pesquisa de Carlos Alberto Sampaio BARBOSA. *A Fotografia à Serviço de Clio: uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana [1900-1940]*. São Paulo, Depto. de História, FFLCH-USP, [tese de doutorado], 2004, 280p, + Anexos.

acompanhava a caravana aparecidense, agora prestigiada também por deputados paulistas". A imagem registra grande número de populares em volta do ícone de Aparecida que se encontra levantada enquanto o governador a beija. As fotos: 6, 7, 8, 9, 18, 20, 21, 33, 23, 23 e 25, conforme a legenda que lhe acompanha, referem-se à: "Recepção da Santa Imagem pelo povo de Taubaté. Foi a mais bela, a mais espontânea e a mais concorrida de todas as recepções ao longo da Via Dutra naquele memorável dia 7 de Outubro. Aí também estavam concentrados grupos vindos das cidades vizinhas da Paraibuna, S. Luiz do Paraitinga, Natividade da Serra etc. Cerca de 50.000 pessoas aclamaram N. S. Aparecida naqueles momentos. A Emissora [de Rádio] local transmitiu tudo", conforme o registrado na Foto 22.

Os promotores do Ato de Desagravo sabiam da força da devoção à Aparecida. A Foto 10, mostra fiéis ajoelhados, entre o grupo há um altar construído pelos devotos, provavelmente com material simples, o mesmo que serve de suporte para uma réplica da Imagem de Aparecida; o altar forrado com tecido branco, sobre a Imagem, um arranjo com ramagem formando um arco, uma bandeira do Brasil, a Imagem e mais duas bandeirolas também do Brasil enfiados na ramagem por meio de mastros. Nesta cena o grupo humano é formado majoritariamente por mulheres e crianças de joelhos, aquelas com as mãos postas em gesto de oração.

Na foto 11 aparece outro grupo de fiéis ajoelhados, e alguns em pé. A foto 12, registra aglomerado de fiéis de joelhos, e outro número de pessoas em pé. Mulheres e crianças em maior número. Suas roupas muito simples assim como os seus calçados, a maioria calça sandálias de dedo. Há, inclusive, pessoas descalças – o motivo pode ser por cumprimento à determinação de fé, ou simplesmente por motivo da condição econômica dos fiéis. Entre as pessoas que compõem essa imagem, há um homem descalço com uma menina no colo. A foto registra um grande número de bicicletas estacionadas. Na número 14 vemos Fiéis ajoelhados e em pé, a simplicidade e o despojamento das suas roupas mostram homens, mulheres e crianças de origem humilde. Na 7, populares acenam à passagem da Imagem.

A foto 8 registra um viaduto na Via Dutra: sobre ele, os espaços são preenchidos compactamente por populares, sob o mesmo e na seqüência da rodovia, vê-se um cordão humano contínuo e perfilado tomando parte no evento; esta cena se repete na Foto 8, com populares acenando com lenços brancos. Na Foto 18, populares concentrados nas duas margens da rodovia assistem à passagem da Imagem da Padroeira, e uma série de carros forma o cortejo que a transporta para a capital. O carro da Polícia Rodoviária puxa o cortejo. Foto 19 flagra cena idêntica a anterior: **grande e compacta massa humana que assiste à passagem do cortejo.** Foto 20, **a massa humana acena: flagram-se individualidades – civis e religiosos.** Nela se destacam **homens e mulheres e crianças, com a sua tez branca, negra ou parda – Aparecida unifica e**

funde diferenças étnicas, de gênero e de classes. Na Foto 21, grande e compacta massa humana. Na Foto 22, Dom Macedo segura a Imagem de Aparecida, que porta manto e coroa, o religioso fala em um microfone. Na 24: grande massa humana, quase que a repetição da foto 18. Nas 30 e 31: "Chegada à praça da Sé. Dom Macedo sobe as escadarias da Catedral".

Na Foto 33 [duas vezes]: "A imagem é beijada pelo secretário da Educação o pe. Januário Baleeiro, logo após ter sido recepcionado pelo Governador do Estado Dr. Adhemar de Barros, que também a osculou". Na 34: "Concentração de populares na praça da Sé para receber a Santa Imagem". Panorâmica da multidão compacta durante a concentrada na praça da Sé, em cena noturna. Nas 35 e 36 há a legenda:

> "Durante a breve cerimônia na porta da Catedral, a Imagem era sustida pelo Cardeal Arcebispo Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta. Autoridades rezam com o povo a oração de desagravo. – Pe. Antonio Siqueira preparou o povo para a recepção".[101]

Nas Fotos 37 e 38: "No interior da Catedral. A Imagem foi dada a beijar [foto 37]. Por fim Dom Vicente Zioni [Foto 38] deu a bênção a todos com a Santa Imagem Milagrosa. Teve início a vigília noturna de preces que se prolongou até 5 horas da manhã. Às 6 horas, após a missa celebrada pelo Cardeal Motta, a Santa Imagem regressou a Aparecida, desta vez em caráter menos solene, conduzida pelo Sr. Cardeal Arcebispo".[102]

Na produção historiográfica sobre a Igreja nesse período não há nenhuma menção ou análise desse evento do segundo semestre de 1963, a não ser um registro telegráfico de um ex-religioso dominicano.

Fato incrível ocorreu: em dois acervos eclesiásticos havia indicações onde ela, a charge, estava depositada, mas ao abrir as pastas não encontrei nada, ela tinha sido arrancada. Só encontrei a charge num acervo público. Mas um ex-dominicano a descreveu: a charge "satirizava o apego dos futebolistas à Virgem. Trata-se de um desenho onde o corpo da Sra. Aparecida trazia a face de Pelé".[103]

Nesta ordem de coisas, por vias oblíquas, o desenho da charge *bricolou* o corpo Eterno da Virgem Aparecida com um rosto humano, falível, perecível e corruptível e revelou, na minha avaliação, *a seminal questão atinente à Estátua de Aparecida: a sua cor. Há um silêncio absoluto*

---

[101] Álbum com fotos do "Caso do Jornal "*Última Hora*" que publicou charge ofensiva a N. Sra. Aparecida. 27-08-1963". O Álbum é composto de 40 fotos numeradas + 5 fotos não-numeradas. Acervo: Memória Fotográfica. ABNNSAp.

[102] Álbum com fotos do "Caso do Jornal "*Última Hora*" que publicou charge ofensiva a N. Sra. Aparecida. 27-08-1963". O Álbum é composto de 40 fotos numeradas + 5 fotos não-numeradas. Acervo: Memória Fotográfica. ABNNSAp.

[103] SILVA, Roberto R. da . *Lux in Tenebris*. São Paulo, Campinas; Ed. Cortez, Ed. da Unicamp, 1987, 158p. Cit. p. 133.

da hierarquia sobre a cor da Imagem. A reação dos religiosos assentava-se em centenárias camadas de preconceito e racismo presentes neste país em relação aos afro-ameríndios e seus descendentes.

Da face do humano no corpo da divindade frise-se: o rosto *bricolado* era o de um negro. O componente racista estava na raiz da reação da hierarquia e dos membros da elite leiga. Mas à reação de cunho racista, articulavam-se outros elementos igualmente explosíveis.

Sabemos do contexto no qual ocorreu essa mobilização das massas católicas: o Governo de J. Goulart.[104] A constante mobilização das massas urbanas, a politização do meio rural etc. Segundo o registrado em uma das fotos não-numeradas, do repórter Stil Junior e de uma religiosa de Belo Horizonte, ambos na Rádio Aparecida, de acordo com o texto da legenda, "**a Rádio Aparecida recebeu cerca de 7 milhões de mensagens de desagravo**".[105]

Mais uma vez foi a partir de Aparecida que hierarquia e elite leiga irmanavam-se com fins manipulatórios, pois, não obstante os empenhados pedidos de desculpas dos dirigentes do diário, optou-se pela mobilização das multidões. O fato revelava a potência eclesiástica a partir da força devocional à Aparecida.

Interpreto que o "desagravo" à Aparecida em 1963 foi o *start*, pois no seu percurso pela Via Dutra até a capital lançou-se um longo rastilho de pólvoras que desembocou na série de "Marchas" que galvanizou o país, cujas chamas queimaram a Constituição, destruíram o Estado de direito e desaguou no Golpe Militar de 1964, lançando-nos na longa noite *orwelliana*. Os acontecimentos de 31 de março de 1964 mereceram os seguintes comentários, conforme os assentamentos registrados no *Livro do Tombo Arquidiocese de Aparecida*, no título "Mudança de Governo":

> "dia 31 de março, pela madrugada, eclodiu um movimento armado, que, em menos de 48 horas, derrubou o Governo do Dr. João B. Goulart do poder. A conspiração dos três Estados: Minas Gerais – São Paulo, e Guanabara teve a adesão do Estado do Rio Grande do Sul. O I, II e III Exércitos deram plano apoio enquanto que grande parte do III Exército também acompanhou. Todos foram unânimes em afirmar, ter-ser dado um verdadeiro milagre da Providência Divina e uma visível proteção de N. S. Aparecida, Mãe e Padroeira do povo brasileiro, pois não houve um tiro de arma de fogo, nem derramamento de uma gota de sangue. **Assim, o Brasil ficou livre da grande ameaça do comunismo**. [Pede-se] [...] a Deus que venham as reformas necessárias para segurar a Pátria Brasileira".[106]

---

[104] Cf. FICO, Carlos. *Como eles agiam*. [...]. Rio de Janeiro, Record, 2001, 269p; especialmente , pp. 33-70.
[105] Álbum com fotos do "Caso do Jornal "Última Hora" que publicou charge ofensiva a N. Sra. Aparecida. 27-08-1963". O Álbum é composto de 40 fotos numeradas + 5 fotos não-numeradas. Negrito meu. Acervo: Memória Fotográfica. ABNNSAp
[106] *I Livro do Tombo da Arquidiocese de Aparecida, 1958-1976*. Aparecida, 250fs. Manuscritas; 500p., cit. f. 81, negritos meus.

Quem assentou esses registros foi o bispo D. Macedo, religioso redentorista, e auxiliar do cardeal Mota. Infere-se do excerto que o Golpe era a solução para esmagar o inimigo mais conspícuo dos católicos: o comunismo.

Mas os atentados à Aparecida não cessaram. E o irônico nisso tudo é quem intenta contra Aparecida, tanto fisicamente quanto em tentativas de suprimir o seu dia da Padroeira no calendário da Nação, são cristãos!

Em 12 de Outubro de 1995, feriado de Aparecida, a Nação assistiu pela televisão um religioso da Igreja Universal do Reino de Deus chutar uma réplica do Ícone da Padroeira, o que causou reações do episcopado católico, dos seus devotos,[107] e até de religiosos estrangeiros.[108]

O episódio foi capitaneado por emissoras televisivas concorrentes à TV Record, de propriedade da Igreja Universal do Reino de Deus, como a TV Globo, das Organizações Globo.

E a imprensa escrita, em periódicos católicos e liberais com os jornais *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo*,[109] eles deram ampla cobertura ao "atentado", foram claramente facciosos em prol da instituição romana.

Ao ato de disputa pelo monopólio e a gestão dos bens gerados na economia do sagrado, a CNBB se pronunciou nos seguintes termos:

---

[107] Na Pasta 13: Desagravo. Há uma série de documentos sobre o atentado à Imagem de Aparecida pelo bispo da Igreja Universal. Paróquia São José, de Rolândia, PR, carta do monsenhor José Agius e cópia de carta de solidariedade do pastor luterano Reine Luis Lebtago, também de Rolândia, aos católicos, em repúdio aos acontecimentos da Igreja Universal. Esta Carta foi endereçada a Dom Aloisio Lorscheider. Noutra Carta com um extenso abaixo assinado [aproximadamente 5.184 assinaturas]. Propõe-se o boicote a TV Record, pois de acordo com os missivistas, quem "chuta a mãe, atinge o filho". O mesmo ato do bispo da Igreja Universal, foi objeto da monção nº 225/95 de repúdio enviada pela Câmara Municipal de Sertãozinho, SP. Monção nº 35/95 em repúdio ao ato do chute da imagem, foi a da Câmara Municipal de Jardinópolis [Terra da Manga], SP. Monção nº 0003/95 em repúdio ao ato do chute da imagem foi a da Câmara Municipal Ribeirão Branco, SP. Monção nº 15 em repúdio ao ato do chute da imagem foi remetida pela Câmara Municipal Paulínea, SP. Ofício nº 360/95 da Câmara Municipal de Pedro Leopoldo, MG., em repúdio ao ato do chute da imagem. Monção nº 003/95 da Câmara Municipal de Itambé, BA, em repúdio ao ato do chute da imagem. Abaixo assinado [456 assinaturas] de romeiros da cidade de Santo André, SP, também em repúdio ao ato do chute da imagem. In: ABNNSAp.

[108] Carta d' "El Secretariado de la Confederación de Santuarios de América-Latina y el Caribe y los delegados de las áreas del continente, reunidos em Bogotá, [...], nos hacemos solidarios con el dolor de su Dioceses y el suyo personal, ante la afrenta publica y televisada a la imagem de NUESTRA SEÑORA DE APARECIDA, el pesado 12 de octubre". Carta datada de 25-12-1995, remetida de Santafé, Bogotá, enviada ao cardeal Aloísio Lorscheider, assinada por delegados Argentinos, Colombianos, Chilenos, Brasileiros, Mexicanos, Paraguaios, Venezuelanos. A mesma mensagem foi remetida a CNBB. Pasta 13. In: ABNNSAp.

[109] O levantamento encontra-se em: BIRMAN, Patricia. "O Bispo, o Povo e a TV: Alguns Efeitos, talvez Inesperados, da Presença Política Recente dos Pentecostais". In: *Cadernos de Conjuntura*. Religião e Política. IUPERJ. Rio de Janeiro, nº 54, abril de 1996, pp. 5-13.
A Igreja Universal do Reino de Deus foi objeto de pesquisa no campo antropológico. Cf. GIUMBELLI, Emerson. *O fim da religião. Dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França*. São Paulo, Attar Editorial; Brasília, CNPq, 2002, 454p. Voltares a essa importante pesquisa quando tratarmos, noutro passo da tese, da **tolerância religiosa hoje** a partir da matriz liberal e do *ethos* católico.

"[O ato] praticando contra a imagem N. S. Aparecida, Padroeira do Brasil, veiculado em um canal de Televisão, no último dia 12 de Outubro, **provocou forte consternação, exatamente quando mais de 100 milhões de católicos, no Brasil inteiro, louvaram a Mãe de Jesus**". Assina a nota Dom Jayme Chemello presidente em Exercício da CNBB e Dom Raymundo D. Assis, Secretário Geral. A hierarquia, na mesma nota, explica que **o culto às imagens é "desde o início do cristianismo, nós católicos adoramos somente Deus e ao único Salvador Jesus Cristo. Guardamos as imagens igrejas, como representações de pessoas queridas, os nossos santos, testemunhas da vida e modelos de fé. São eles [os santos] presença que nos interpela a sonharmos e nos comprometermos com o mundo que esperamos**". Nota datada de "Itaici/Indaiatuba, 13 de outubro de 1995".[110]

Concluindo: a pequena Elizabeth que cursava o 3º ano primário em 1954 coloriu, amorosamente, com lápis de cera ou gauche, o cromo de Aparecida.

Já os membros da hierarquia a quem cabe à guarda [aqui reside o núcleo do problema: a gestão do Santuário da Padroeira a uma *única* Congregação ou Ordem religiosa, e não uma administração compartilhada entre as várias atuantes no país] do Ícone Verdadeiro, aplicam-no produtos que lhe corrói, fisicamente destruindo-o.

Nos planos moral e ético, quais dos atentados à Imagem de Padroeira é mais grave, o do chuto de um filisteu ou os das tentativas de falsificação na cor da sua tez por membros da instituição?

Cabe à cúpula da hierarquia representada pela CNBB uma resposta clara aos devotos e à Nação.

O silêncio da cúpula curial será interpretado como um coonestar de tais práticas, traduzindo-se num escárnio aos homens e mulheres de boa vontade que rendem afeto, amor e gratidão à Aparecida, como já o fazia a pequena escolar Elizabeth C. Mirra, aluna do Colégio *Des Diseaux* em 1954.

[110] Nota, um Fax, datada de "Itaici/Indaiatuba, 13 de outubro de 1995", negritos meus. Pasta nº 13 Desagravo. ABNNSAp.

Capa de uma brochura de Romeiros Nipo-Brasileiros, década de 1990.[111]

XVI ROMARIA A APARECIDA
DA COMUNIDADE NIPO - BRASILEIRA
第十六回　アパレシーダ大巡礼
04 de agosto de 2002



MARIA, MÃE DE TODOS OS POVOS
すべての民の母、マリア

PANIB - PASTORAL NIPO - BRASILEIRA
Rua Pires da Mota, 1173 tel. (011) 3277-5866 fax. (011) 3208-3554
CEP 01529-001 Aclimação São Paulo - SP

[111] Original nas Pastas de Romarias. ABNNSAp.

Sabemos a partir de autores como Peter Brown[112] que desde o século IV instaurou-se uma nova sensibilidade, principalmente no âmbito doméstico, em relação às imagens no cristianismo nascente, e que no albores do século VII elas foram legitimadas hierarquicamente, conforme as indicações de J-C. Schmitt[113] e G. Duby,[114] quando o papa Gregório, o Grande, as legitimou como pedagógicas quando dirigidas às massas, pois estas são incapazes, de acordo com o papa, em apreendem as coisas abstratamente, conceitualmente, logo o princípio cristão-católico: *Omnia in figura* - as imagens narram -, adquiriu musculatura.

É possível conter as apropriações étnicas de Maria? Têm-se discutido sobre os ritos e a liturgia católica em termos das práticas culturais locais, cuja expressão *inculturação*. Sobre o problema em relação à figura de Jesus veja-se a pesquisa J. Pelekian,[115] na qual se ponta o conteúdo étnico na liturgia romana.

O debate sobre a *inculturação* é da maior importância, pois ele nos indicará o índice e a dimensão da incorporação das culturas nacionais nos ritos romanos.

Ao ampliar a imagem acima originada em devotos de origem nipônica, o leitor irá constar que os olhos do Ícone são "puxados" como os de uma nissei.

O ex-dominicano citado anteriormente se interrogou em relação ao evento de 1963: "tinham razão os católicos?" Roberto Romano da Silva respondeu: "Certamente".[116] Como interpretar essa colocação? Como ele se pronunciaria sobre essa "liberdade" dos nipônicos?

O ex-frade dominicano depois de quase um quatro de século do fato ocorrido com a charge de 1963 afirmou, sem base material, posicionou-se e endossou, de forma açodada e retórica, que os católicos agiram corretamente. Em hipótese, se um mulçumano reagisse e condenasse uma representação figurativa do Profeta, como se posicionaria o Professor de Ética da Unicamp?

O grave nisso tudo é que ele atualmente exerce atividade docente numa instituição pública de ensino superior na cidade de Campinas no interior do Estado de São Paulo. Logo é pago pelo Erário Público. É bolsista de Agências de fomentos em nível estadual e federal. Orienta trabalhos

---

[112] BROWN, Peter. *The Rise of Western Christendom*. Oxford, Basil Blackvell, 1996, 365p. Cf. Também: J. PELIKAN. *A Imagem de Jesus ao Longo dos Séculos*. S. Paulo, C&N, 2000, 254p; especialmente pp. 87-101.

[113] SCHMITT, Jean-Claude. "Imagem". In: LE GOFF et SCHMITT, Jean-Claude. {Dirs]. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo, Imp. Oficial SP; Bauru, EDUSC, vol. I, 2002, 675p; pp. 591-605; cit. p. 599.

[114] DUBY, Georges. "Arte e Sociedade". In: DUBY, Georges; *et alii*. [Coords]. *História Artística da Europa. A Idade Média*. São Paulo, Paz e Terra, Tomo I, 1997, 247p; pp. 15-97; sobre a ação do papa Gregório, o Grande, em relação às imagens: "no limiar do século VII, estava absolutamente convencido de que aquilo que se ensina aos letrados pelo texto ensina-se aos que não sabem ler pela imagem", p. 27.

[115] PELIKAN, J. *A Imagem de Jesus ao Longo dos Séculos*. S. Paulo, C&N, 2000, 254p; especialmente pp. 235-248

[116] SILVA, Roberto R. da. *Lux in Tenebris*. Ed. cit., 1987, 158p; cit. p. 133.

acadêmicos. Publica, regularmente, na imprensa diária na capital paulista, onde se identificado como católico. Como qualificar a fala de R. Romano da Silva professor de ética política?

Seria a sua produção acadêmica um embuste ou fraude? Pois se ela origina-se na reflexão científica - ancorada em conceitos, métodos e *base empírica* - deveria, penso, ater-se a tal campo discursivo.

Mas, qual um célebre par seu de sua ordem religiosa, o paranaense e ex-frade R Romano da Silva retoricamente[117] produz, com financiamento público, discurso no qual coonesta a manipulação das massas devotas pelos hierarcas católicos.

Penso que o modelo do frade brasileiro seja o monge dominicano Girolamo Savonarola que em fins do séc. XV instituiu em Florença, como apontou Maquiavel, uma ditadura. Ele "anunciava o apocalipse [...]. Sob o efeito de seus sermões - uma eloqüente mistura de profecia bíblica, nebulosos comentários políticos e fulminação moral - [...]", lançando a cidade "numa extraordinária experiência de republicanismo teocrático. Baniram-se quase todas as formas de diversão pública, [...]". Convocados pelo monge, mulheres abandonaram a vida urbana-cidadã-leiga e "passaram a arder jóias, livros eróticos e roupas de luxo nas fogueiras da vaidade".[118] Todo o conjunto de ações moralizantes do prior da casa dominicana de San Marco tinha uma intenção de *propaganda que se baseava em milícias de virtude*. Georges Balandier evocando a experiência do "monge ... inflamado", lembrou a matriz dos seus posicionamentos: "Savonarola fala e é obedecido. A mecânica empregada para produzir efeitos é a máquina oratória" religiosa. Sabemos do destino trágico do dominicano que afirmava ter visões como a "Ira Domini" - a ira do Senhor - e acusava, retoricamente, ser Roma "um chiqueiro moral" e onde tudo, absolutamente tudo, achava-se "à venda, inclusive os sacramentos".[119]

Depois de ter manipulado a opinião pública com uma série atos teatrais Savonarola foi "enforcado e queimado na praça onde presidia" as referidas fogueiras da vaidade.

Auguramos melhor destino ao seu par brasileiro paranaense. Savonarola foi o modelo adotado por Romano da Silva quando "critica" os costumes políticos, como quando afirmava que Brasília e o Parlamento do país são um "prostíbulo risonho", o que lhe valeu processo do católico e falecido deputado católico Roberto Cardoso Alves que afirmava com todas as letras que o ex-frade dominicano não possuia autoridade moral ou ética para levantar e apontar o dedo em riste acusando quem quer que fosse, já que mantinha uma vida dupla, principalmente em termos privados, mas se arvorava em guardião de padrões éticos.

---

[117] DUFFY, E. *Santos e Pecadores. História dos Papas.* São Paulo, Cosac & Naify, 1998, 326p; cit. p. 151.
[118] DUFFY, E. Op. cit., ed. cit., 1998, 326p; cit. p. 151.
[119] BALANDIER, G. *O Poder em Cena.* Brasília, Ed. UnB, 1982, cit. p. 6.



Nossa Senhora Aparecida - Padroeira do Brasil

Congresso Eucarístico - Rio de Janeiro Julho 1955

Essa imagem de "N. S. Aparecida - Padroeira do Brasil", na página anterior, impressa para o "[36°] Congresso Eucarístico [Internacional] - Rio de Janeiro Julho de 1955", originalmente tem 25cm de alt., *x* 18,5cm de larg.

Ao compararmos esta estampa com outras, constatamos que ela não tem semelhanças com o Ícone centenariamente venerado na Basílica.

O rosto da Estátua presente na estampa acima se aproximava da face da mulher comum da Nação.

No período em que foi confeccionada esta imagem "a Igreja, como instituição social" sofria críticas contundentes em relação à discriminação racial, pois "mandar um preto pregar, vá lá, isso lisonjeia o senso democráticos do brasileiro, mas beijá-lo já é diferente, é manifestar uma espécie de crítica dos brancos...".[120]

Mas a hierarquia da Igreja lotada em São Paulo não ficou parada. Os astutos membros da hierarquia reagiram às críticas em relação ao preconceito racial no seio da Igreja. Em 1956 realizou-se em São Paulo o *II Congresso das Vocações Sacerdotais* promovido pelo Cardeal Mota.

Numa sessão de estudos desenvolvida durante o encontro, publicou-se uma foto na qual duas mulheres negras[121] tomavam parte ativa nos debates.

---

[120] BASTIDE, R. e. FERNANDES, F. *Brancos e Negros em São Paulo*. [1ª ed., 1951]. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 2ª ed., 1959, cit. pp. 241 e 249, respectivamente..

[121] *ACTAS do II Congresso das Vocações Sacerdotais*. São Paulo, de 4 a 9 de nov. de 1956. São Paulo, 280p; as fotos se encontram entre as pp. 112-113.

c] *A Episcopalização de uma devoção religiosa popular.*

c.1] Processualidade da racionalidade e controle devocional: romarias organizadas e encantamento ritual, desde 1900.

As procissões organizadas pela hierarquia foram um mecanismo central nesse conjunto de ações no processo ultramontano.

> *" [...]. As pessoas que nela [Procissão] vão passando /Acreditam nas coisas lá do céu /As mulheres cantando tiram versos /Os homens escutando tiram o chapéu /Eles vivem pensando aqui na Terra /Esperando o que Jesus prometeu /[...]. /Entra ano, sai ano, e nada vem /Meu sertão continua ao deus-dará /Mas se existe Jesus no firmamento /Cá na terra isto tem que se acabar".*[122]

O poeta popular apanha, de modo ímpar, o *ethos* religioso expresso nas procissões do Brasil profundo. Indaga-se, na idade da razão e com as energias de uma consciência histórica transformadora, acerca do sentido dessas expressões externas do sagrado. Tal experiência do *encantamento ritual e alheamento histórico* foram captados com agudeza e percuciência pela sensibilidade do artista, indicando o que se encontrava disperso no imaginário social: a redenção messiânica, como nos versos: "*Mas se existe Jesus no firmamento /Cá na terra isto tem que se acabar*".

Deste Modo, as procissões são ritos, pois:

> *"[...] a ordem do mundo, imposta pelos deuses, e a ordem da sociedade, instaurada pelos antepassados do príncipe [em sociedades clânicas] ou pelos fundadores do Estado. O ritual garante a manutenção do primeiro, a ação política a manutenção do segundo:* são processos considerados próximos. *[...].* [Nestes termos temos a] *solidariedade do sagrado e do político* [...]".[123]

Tanto eventos religiosos como o da Coroação da Imagem quanto às romarias organizadas, as Santas Missões etc. foram objeto de longo processo organizacional, indicando, deste modo, esquema organizacional, planejamento, logística etc.: *racionalidade.*

Entre os meios utilizados para a aplicação de uma pastoral de matriz romanizada, temos as Santas Missões ou Missões Populares, estas eram desenvolvidas por religiosos que atuavam em espaços geográficos distantes dos centros urbanos, espécies de *in portibus infidelium* [nas regiões dos infiéis], as Romarias organizadas e o controle eclesiástico sobre os Santuários. Estes eram os mais importantes e eficientes mecanismos no processo de romanização da Igreja Católica no Brasil. Deste modo, os Santuários se encaixavam como uma luva à aplicação de uma pastoral e da doutrina ultramontana na reforma do catolicismo popular. Os serviços litúrgicos e sacramentos

---

[122] GIL, Gilberto. "Procissão" [Canção composta em 1964]. In: RENNÓ, Carlos. [Org]. *Gilberto Gil. Todas as Letras*. São Paulo, Cia. das Letras, 2ª ed., 2000, 390p.; cit., p. 56.

[123] BALANDIER, Georges. *Anthropologie Politique*. Paris, PUF. [Trad. portuguesa]. Lisboa, Presença, 2ª Ed., 1987, 202p; cit. p. 112, trecho adaptado por mim; itálico no original.

desenvolvidos nos Santuários tais como: batizados, crismas, casamentos; confissões, comunhões, missas etc., internalizavam, nos fiéis, os valores ditados por Roma. As ações desenvolvidas nas Missões Populares, nas Romarias e, principalmente, espaços como os Santuários, tinham por alvo as multidões.

Já em 1900, as romarias que afluíam ao Santuário de Aparecida, como fica evidente em fontes como o Jornal *Santuário de Aparecida* e no *Boletim Eclesiástico*[124] da diocese de São Paulo, no período de 1900-1920, originavam-se, inicialmente, no nível diocesano ou arquidiocesano, e depois passa a ser paroquiano: havia uma convocação sistemática de fiéis, instando-os para que fossem ao Santuário da Virgem. Dom Antônio Cândido Alvarenga deu início às romarias diocesanas organizadas, em 8 de dezembro de 1900.[125]

Neste ano e mês, no dia 16, afluiu ao Santuário a romaria vinda da capital da República organizada pelo arcebispo d. Joaquim Arcoverde da Arquidiocese fluminense. O ano de 1900 era ano Jubilar e, como estabelece a tradição católica, *nos Anos Santos são praticadas as indulgências, que eram instrumentalizadas para atrair multidões*.

Havia todo um ritual envolvendo essas romarias, tanto no período da sua organização e convocação, como, e principalmente, durante a ida, a chegada e no seu retorno. Evidencia-se uma efetiva e sistemática racionalização na organização das romarias diocesanas, como se verifica no aviso-convite da romaria do ano de 1900 organizada por D. Joaquim Arcoverde:

> "Juntem-se os romeiros na Igreja de São Joaquim – Rio de Janeiro -, no dia 15 [de dezembro], às 7:00 hs. Entrarão [na Igreja] mediante um cartão preso ao bilhete da inscrição receberão a cruz, o rosário, o livreto e a tocha [...] os peregrinos seguirão em procissão para a Estação Central: 48 pessoas por vagão. Vagões somente para homens, mulheres, famílias. Em cada vagão, haverá um sacerdote encarregado de dirigir as rezas e os cânticos. Nas estações há exortação e leitura da bíblia. De hora em hora, 10 minutos de tempo livre. Meia-noite, repouso. Em Guaratinguetá acordar e oração da manhã. Em Aparecida seguem em procissão para o Santuário".[126]

---

[124] A organização sistemática e racional das romarias pode ser conferida nesta fonte cujos chamados eram "Peregrinação Diocesana à Apparecida". Cf. *Boletim Eclesiástico*. São Paulo, ano III, nº 3, 1907; cit. pp. 55-56. O diretor do mensário, a partir de julho de 1907, passou a ser o "revmo. snr. pe. dr. Sebastião Leme", cf. carta do bispo diocesano D. Duarte, in: *Boletim Eclesiástico*. São Paulo, ano III, nº 1, jul-1907, pp. 1-2.

[125] O número de romeiros que compunham essa peregrinação foi de aproximadamente "1.200 romeiros", p. 9. À romaria da capital, somou-se às vindas de "Jundiaí, Taubaté, Lorena, Guaratinguetá". HOMEM DE MELLO, José Marcondes, Mons. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, 1905, ed. cit.

[126] *Jornal o Santuário de Aparecida*. Aparecida, Ano I, nº 5, dezembro de 1900. O número de peregrinos dessa romaria girou em torno de "100 romeiros das mais distintas classes da sociedade [fluminense]". HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...* São Paulo, ed. cit. p. 9. No seu *Oratio* lido durante a cerimônia de Coroação da Imagem de Aparecida, d. Joaquim cita essa romaria: "[...] quando da capital Federal aqui viemos há três anos acompanhados por centenas de pessoas da melhor sociedade daquela capital". *Op.cit.*, p. 33. Talvez o que importava ainda não era o número, mas qualidade. A diferença entre as estimativas numéricas talvez indique uma disputa entre a liderança de d. Joaquim frente a PEM e membros da diocese de S. Paulo onde estava localizado o Santuário de Aparecida.

As romarias organizadas tinham um programa e cerimonial que eram racionalmente elaborados como os ritos na chegada e saída do Santuário. Os peregrinos eram recepcionados já na Estação Ferroviária e *guiados* até a Igreja-Santuário. Comumente quem os conduzia era um missionário redentorista. Eram recebidos por banda de música; entoavam-se hinos e cânticos em louvor à Maria, Mãe de Jesus, N. S. Aparecida. Havia a cruz da procissão; os peregrinos saíam da Estação Ferroviária rezando; serpenteavam pelas ruas estreitas, escarpadas e íngremes, com uma topografia de aclives e declives abruptos e de difícil acesso da pequena cidade até o Santuário, no topo da Colina.

A própria geografia da cidade neste período prestava-se à inculcação de uma pastoral ultramontana: era um cenário no qual o peregrino, em gesto de purga e em contrição, expunha a sua condição de crente conduzido e guiado pelo pastor que ditava a reta conduta ao seu rebanho. À porta do Santuário, eram recebidos pelo repicar sonoro dos sinos e da música tocada no órgão. Uma das primeiras atividades dos fiéis era a **comunhão**, que faziam antes e depois da missa. Em seguida, assistiam à missa com pregação. Essas eram atividades desenvolvidas no período da manhã. Na parte da tarde, antes do regresso dos fiéis, organizavam-se os peregrinos em procissão para o ritual do beijamento da Imagem: beijavam-se fitas que estavam presas ao Ícone.

Segundo Augustin Wernet,[127] essa tecnologia para organizar as romarias e administrar seus ritos e cerimônias, fora importada do Santuário mariano de Altötting na Baviera, Alemanha e aplicada em Aparecida pelos padres redentoristas. Em Altötting os padres afonsinos já haviam atuado e aplicado esses métodos. Acostumados a lidar com a gente humilde e rude dos campos bávaros, transferiram e adaptaram as suas estratégias de atuação à gente simples dos grotões mais distantes que afluíam ao Santuário de Aparecida.

Um dos mecanismos mais eficazes da pregação redentorista, fora dos Santuários, eram as Santas Missões. Elas duravam dias, em lugarejos pequenos e povoados ermos.

Em relação às Missões Populares - o nome mudou no pós-guerra - desenvolvidas pelos redentoristas no meio urbano, operou-se uma mudança: houve a percepção, da parte da hierarquia, para a questão da pregação nos bairros operários, não penas como mecanismo de enfrentamento às doutrinas contrárias à sua: *aperceberam-se o que* era ***o viver no mundo urbano: isolamento: solidão; indiferença humana; violência: o desespero e os desarranjos internos do ser.*** Essa percepção, por parte dos homens da Igreja, se torna mais nítida no pós-Segunda Guerra.

Assim, esses homens desenvolveram mister e habilidades com os populares que habitavam as brenhas e sertões do país; gente rústica e quase esquecida no interior da nação. Populares que estabeleciam pouquíssimos contatos com os sacramentos, e quando o faziam era em momentos

[127] WERNET, A. *Os Redentoristas no Brasil.* Aparecida, Ed. Santuário, [Vol. 1], 1995, cit. p. 202 ss.

específicos como: batizados, crismas, casamentos ou os serviços fúnebres. O acesso ao serviço religioso das missas, confissões etc., quando ocorriam com regularidade, era uma vez ao ano. O contacto com os sacramentos davam-se, principalmente, quando da afluência dos fiéis aos Santuários, momento no qual eles eram atualizados e os fiéis desimpedidos.

Nestes termos, as romarias diocesanas organizadas que antecederam o evento da coroação da Imagem de Aparecida são constitutivas do processo de implementação da reforma ultramontana aplicados à realidade brasileira. Não obstante, o ato da coroação é o marco inicial das várias iniciativas do corpo episcopal brasileiro para tornar Nossa Senhora Aparecida Padroeira do País, a partir 1904.

2Já no primeiro encontro dos bispos da Província Eclesiástica Meridional [PEM], realizado em S. Paulo em 1901, ficou estabelecido que a comemoração dos cinqüenta anos do estabelecimento do dogma de Imaculada Conceição dar-se-ia no Santuário de Aparecida.[128]

Assim, a Coroação da Imagem de Aparecida, era o desdobramento da celebração daquela reminiscência.[129] O evento da Coroação foi acompanhado por um número expressivo de autoridades eclesiásticas. Esse ato desempenhou papel importante na afirmação do poder hierocrático, pois demarcava, na esfera religiosa, um centro devocional hierarquicamente legitimado e instituía capital simbólico a cúpula curial do país.[130]

---

[128] *Mensageiro Parochial*. Paróquia de S. Cecília. S. Paulo, ano II, nº 2, nov./1901, pp. 1 e 12. Desde o dia 29 out. que o arcebispo do Rio de Janeiro e metropolitano da PEM, D. Joaquim Arcoverde se encontrava em S. Paulo, era a primeira vez que voltava à cidade desde que assumira a diocese fluminense. O articulista registra que na gestão de D. Joaquim frente à diocese de S. Paulo, "sob iniciativa sua, ou com o empenho de sua colaboração, *organizaram-se associações*, ou meramente de piedade, ou *de franca ação social*; *criaram-se paróquias*, para atender de mais pronto às necessidades espirituais do povo; *erigiram-se casas de ensino, em contrapeso às escolas donde foram banidos os direitos de Deus*; *abriram-se santuários*, para onde hoje a piedade de centenares de almas acode, como posto de refúgio e consolação; ... [estimulou] as obras da imprensa e das *conferências públicas*". Cit. p. 12, itálicos meus. O articulista nesse seu inventário das realizações de d. Joaquim, informa que foi ele quem criou a Paróquia e Igreja matriz de S. Cecília.

[129] WERNET, Augustin. "O Auge da Romanização: O Concílio Plenário da América Latina". In: *Anais da X Reunião da SBPH*. Curitiba, 1991, pp. 197-200, o autor se refere ao evento à p. 200.

[130] Para Bourdieu: "*A Igreja contribui para a manutenção da ordem política*, [...], *para o reforço simbólico das divisões desta ordem, pela consecução de sua função específica, qual seja a de contribuir para a manutenção da ordem simbólica*: [I] *pela imposição e inculcação dos esquemas de percepção, pensamento e ação objetivamente conferidos às estruturas políticas* e, por estas razões, tendentes *a conferir a tais estruturas a legitimidade suprema que é "naturalização"*, capaz de *instaurar e restaurar o consenso acerca da ordem do mundo mediante a imposição e a inculcação de esquemas de pensamento comuns*, bem como pela *afirmação ou pela reafirmação solene de tal consenso por ocasião da festa ou da cerimônia religiosa*, que constitui *uma ação simbólica de segunda ordem que utiliza a eficácia simbólica dos símbolos religiosos com vistas a reforçar sua eficácia simbólica reforçado a crença coletiva em sua eficácia*; [II] ao lançar mão da autoridade propriamente religiosa de que dispões a fim de combater, no terreno propriamente simbólico, as tentativas proféticas ou heréticas de subversão da ordem simbólica". BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 3ª ed., 1992, 361p. cit. p. 70, itálico meu. Não obstante, Bourdieu alerta sobre as relações homologas entre Igreja e poder secular; o campo religioso contribui nessa homologia com o "poder [secular] e na estrutura das relações de classes", porém "*não elimina as tensões e os conflitos entre poder político e poder religioso*". Op. cit., p. 72, itálico meu.

Nestes termos, "[...] os ritos são criações culturais que se organizam em torno de elementos focalizados, [...], com os seus modos de coerência, mas [...] com aspectos lúdicos, estéticos, [...]. [Igualmente] [...], as operações rituais estão sempre ligadas às circunstâncias que comandam a sua produção: circunstâncias periódicas, como as estações da vida de um indivíduo; circunstâncias ocasionais, como calamidades naturais e sociais, ou acidentes da vida individual.

Através de palavras proferidas, gestos cumpridos, objetos manipulados, *o ritual tanto introduz diferenças no seio de operações que poderiam parecer idênticas, como reproduz internamente o mesmo enunciado, mostrando assim estar estranhamente habitado por uma estranha obsessão: refazer o contínuo a partir do descontínuo*, evitar toda a interrupção na continuação do vivido [...]".[131]

Como apontou um historiador: "[...] os rituais religiosos são ações [...], que sinalizam uma orientação para o extra-humano ou sobre-humano. De fato, *esta orientação para algo não humano tem também uma função eminentemente social*". Assim, "[...] este algo, [...] o "sagrado" ou [...] a "força", e a vivência do sagrado é retratada como o entrosamento, *repleto de tensões*".

Nestes termos, o conjunto ritual é constituído e tem por base um "repertório dos sinais, o ameaçador se encontra a par do sedutor – de um lado, fogo, sangue, armas, de outro, alimento e sexualidade; gestos de submissão a par de um comportamento arrojado. [...] *as alternâncias das trevas e da luz, do disfarce e do desvelamento, da imobilidade e do movimento, do som e do silêncio*".

Nessa ordem de coisas "o ritual religioso é dado como instrução coletiva; o indivíduo participa do quadro da comunicação coletiva, onde a necessidade de não ficar à margem é a força motivadora mais forte".[132]

---

[131] DETIENNE, Marcel. "Mito/Rito". In: ROMANO, Ruggiero. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nacional-Casa da Moeda, [Vol. 12: Mythos/Logos. Sagrado/Profano], 1987, 391p; pp. 58-74; cit. p. 72, trechos adaptado por mim.

[132] BURKERT, Walter. *Religião Grega na época clássica e arcaica*. Lisboa, F. C. Gulbenhian, 1993, cits. entre aspas pp. 125, 126 e 127, respectivamente, itálicos meus.

Assim, *Encantamento ritual e alheamento histórico* são elementos efetivos em expressões rituais como as romarias.[133]

Como captou a sensibilidade do poeta na citação que abre esse trecho, ao indicar o que se encontrava disperso no imaginário social brasileiro: a redenção messiânica *"Mas se existe Jesus no firmamento /Cá na terra isto tem que se acabar"*. Deste modo subtraindo da ação humana o ato emancipador. O gesto ou ato humano emancipador, pois instituinte do humano como humano, tem sido sistematicamente negligenciado por acadêmicos próximos à instituição romana e por religiosos "críticos" às suas práticas.[134]

Riolando Azzi ao abordar o que denomina de "Ciclo Romano" das romarias aponta que a hierarquia se apropriou da "fé popular" expressa nos Santuários. Ele deliberadamente olvida dos mecanismos que a instituição romana fez uso para inculcar um pastoral ultramontana articulada a uma política de massas desenvolvida nos Santuários, principalmente os marianos, e, efetivamente, o engendrar, no mais íntimos dos fiéis, o convencimento pânico. Neste artigo em tela de Azzi, ele comete erros como quando diz que "[...] em **1930** o cardeal Leme promoveu uma grandiosa manifestação popular no Rio de Janeiro em honra de N. S. Aparecida [...]".[135] *O evento referido ocorreu em 1931*. Não se trata apenas de um descuido do autor em relação à data citada, mas

---

[133] Para uma leitura contrária a essa minha, veja-se, por exemplo:
FERNANDES, Rubem César. *Os Cavaleiros do Bom Jesus. Uma Introdução às Culturas populares*. São Paulo, Brasiliense, 1982, 147p. _____. *Romarias da Paixão*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, 251p. STEIL, Carlos A. *O Sertão das Romarias. Um Estudo Antropológico sobre o Santuário do Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis, Vozes, 1996, 309p. Especialmente p.124-128. Escreve o antropólogo: "A multidão, mais de cem mil pessoas, caminhando pelas ruas estreitas da cidade, é como se por um breve lapso de tempo a vida saísse de seus trilhos habituais e penetrasse no domínio da liberdade utópica". Cit., p. 126. A mim me parece que esse tipo de compreensão do problema, a partir da chamada pesquisa participativa e da sua narrativa não explicam o problema. A que utopia esses fiéis demandariam? O Santuário do Bom Jesus da Lapa é administrado desde 1956 pelos padres redentoristas holandeses, da C.SS.R. A partir de 1973, a administração foi assumida pelos padres da mesma congregação, mas agora são os de origem polonesa. Afirma o autor que os religiosos da C.SS.R., "[...] aprofundaram a separação entre o santuário e os moradores da cidade". Cit. nota 13, p. 74. Segundo o autor, os padres afonsinos são "Especialistas em Santuários", pp. 77-89. Steil registra sobre as relações tensas entre romeros-devotos e os gestores do santuário. Situação que mudou para uma *espécie de meio-termo e benevolência*, conforme a formulação de Jean Delumeau em relação a Santo Afonso de Ligório, fundador da C.SS.R., a partir da chegada dos religiosos poloneses da mesma congregação. Steil informa que "os padres mantêm sua loja de materiais religiosos e *souvenirs*, da qual fazem propaganda durante os atos religiosos, justificando está prática comercial como ajuda para a formação dos seminaristas". Cit, p. 83. Não afirmo serem os redentoristas *experts* em santuários como faz o antropólogo-participativo; mas a partir da minha experiência de trabalho de campo na Basílica Nova em Aparecida posso afirmar: eles estão próximos dos mercadores da fé denunciados por Jesus.

[134] Sobre o que afirmo, conferir em autores como: SANCHIS, Pierre. "Festas e Religião Popular: as Romarias de Portugal". In: *Revista de Cultura Vozes*. Dossiê: Religiosidade Popular na América Latina. Petrópolis, Vozes, ano 73, vol. LXXXIII, nº 4, maio de 1979, pp. 245-258.

[135] AZZI, Riolando. "As Romarias no Brasil". In: *Revista de Cultura Vozes*. Dossiê: Religiosidade Popular na América Latina. Petrópolis, Vozes, ano 73, vol. LXXXIII, nº 4, maio de 1979, pp. 279-294; cit. 294, negrito meu. Noutra passagem Azzi cita o nome de "Douglas Monteiro", p. 289; mas a grafia correta do nome é "*Duglas* Monteiro".

indica desconhecimento do processo histórico e do contexto político específico: a ida da Imagem de Aparecida em 1931 não foi apenas "uma grandiosa manifestação popular", mas **um evento de massas** a partir do qual se estabeleceu uma nova prática no campo católico, pois **como escreveu D. Leme o certame valeria muito mais que centenas de pastorais**. Que se registre: tantos estes quanto outros pesquisadores, acadêmicos ou não, produzem narrativas ajustadas às da Igreja, assim comprometendo os seus conteúdos.



Esta imagem, Aquarela sobre papal, retrata uma cena de devoto à porta do Santuário de Aparecida na 1ª metade do século XIX, é de autoria de Jean-Baptiste Debret, datada de 1827 e intitula-se "N. S. d'Aparecida". A Aquarela teve ampla difusão, pois ilustrou livros didáticos de autoria de Borges Hermida durante o Regime Militar na década de 1970, editados pela editora católica FTD.[136] O modo como a imagem aparece nos livros de Hermida, sem nenhuma mediação analítica, passava uma mensagem subliminar: a Nação era composta, desde sempre, por proprietários e trabalhadores, os primeiros eram superiores aos segundos, inclusive estes os transportavam, e possuíam uma única fé: católica, apostólica, romana, cujo padroado cabia à N. S. Aparecida.

---

[136] Cf. ARRUDA, Marcelo P. de. *et alii.* "O Uso de Documentos no Ensino de História". In: CAMARGO, Ana Maria de A. *et alii.* [Coords]. In: *Anais do 2º Encontro de Perspectivas do Ensino de História.* São Paulo, FEUSP/CNPq, 1996, 797p; pp. 348-350. Os livros de História ou Estudos Sociais de Hermida destinados ao 1º grau foram adotados em nível nacional pelo MEC, e adquiridos pelos poderes públicos por muitas décadas. Eles podem ser consultados na Biblioteca da Faculdade de Educação da USP.
O original de Debret encontra-se na no Acervo Museus Castro Maya-MINC-IPHAN, RJ.
Outros viajantes registraram em suas pranchas a Capela de Aparecida, como Thomas ENDER em 1817; Arnaud Julien PALLÀRE em 1821; ou foi descrita como em Saint-Hilaire, Spix & Martius, A. E. Zaluar e outros. Cf. MOURA, Carlos Eugênio M. de. *O Visconde de Guaratinguetá. Um Fazendeiro de Café do Vale do Paraíba.* São Paulo, Studio Nobel, 2ª ed., 2002, 318p; especialmente pp. 33-37, 47-51 ss.

c.2] Aparecida *locus* de enlevo: peregrinação, deslocamento humano e inculcação de uma pastoral ultramontana, 1904.

> "[...] o Templo constitui uma *imago mundi*, [...], como obra dos deuses, é sagrado. Mas a estrutura cosmológica do Templo permite uma nova valorização religiosa: lugar santo por excelência, casa dos deuses, o Templo ressantifica continuamente o Mundo, uma vez que o representa e o contém ao mesmo tempo. [...], é *graças ao Templo que o Mundo é ressantificado na sua totalidade*".[137]

> "[...] *a Romaria a Aparecida [...] expressou de modo inesquecível a gratidão* àquela *[Maria Aparecida]* que é exemplo e intercessora [...]".[138]

Ação importante de afirmação da hierarquia para a aplicação de uma pastoral de matriz ultramontana era a concernente às peregrinações aos Santuários. De acordo com monsenhor Homem de Mello, organizador da narrativa do Ato de Coroação da Imagem e membro da *Comissão de Peregrinação*, no concernente à Peregrinação, todas as ações pautaram-se na Pastoral Coletiva da Província Eclesiástica Meridional de 12 de Novembro de 1901, e nas deliberações do bispo diocesano, a partir de "22 de Julho d'este ano [1904]".[139] *A Comissão de Peregrinação* contratou da Estação de Ferro Central dois trens especiais. Rapidamente, segundo o religioso, foram inscritas "869" pessoas, número esse que poderia ter sido bem maior, mas "[...] a Estrada de Ferro não disponha de material para um terceiro trem".

Assim, na manhã do dia Sete de Setembro, véspera do Ato da Coroação no Santuário, uma "multidão" se concentrou na "Sé Catedral" na capital. Na ocasião distribui-se "[...] *mais de seiscentas [600] **Comunhões***", houve celebração de missa etc. Em outras paróquias também foi dada "[...] a sagrada **Comunhão**", para assim fortalecer os peregrinos na sua jornada em breve. Deste modo, tal "[...] circunstância denota a alta compreensão e o mais elevado grau de piedade destes peregrinos". Segundo o religioso, "[...] uma *peregrinação é um testemunho público de fé* [...]".[140]

Na tarde do mesmo dia, "[...] na Sé Catedral" houve "solene *Te Deum*" com a participação dos peregrinos celebrando "[...] a primeira das nossas festas nacionais" o 7 de Setembro. Assim, "*A pátria e a religião ali estavam irmanadas*", tudo comemorado e celebrado publicamente.

---

[137] ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo, Martins Fontes, 3ª tiragem, 1996, 191p; cit. p. 56, itálico no original.
[138] ALMEIDA, Luciano Mendes de. [Dom]. In. Jornal *Folha de S. Paulo*, 10-07-2004, p. A-2, itálicos meus.
[139] HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, 1905, ed. cit., p. 11.
[140] HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, ed. cit., 1905, p. 12, itálicos meus.

Após essas demonstrações públicas dos católicos, que enlaçavam Religião e Pátria, eles partiram da "Catedral" portando "[...] *estandartes* à frente *desfilarão os peregrinos* em demanda da Estação do Norte, *entoando alegres hinos e ladainhas* em honra da Virgem Santíssima".[141] Ao chegarem a Estação ferroviária, foram recepcionados por expressiva multidão do "[...] povo que dava vivas aos peregrinos", e que com entusiasmo cantavam com vozes calorosas "[...] os mais belos cânticos religiosos". Tanto o desfile até a Estação do Norte, quanto à recepção da massa popular, como o embarque nos vagões de trem transcorreram "[...] *com tal ordem*" que fora objeto de manifestação de elogios dos ferroviários.

Conforme o planejado, cada pessoa já conhecia de "[...] antemão o carro que deveria tomar, e o lugar que tal carro ocupava no comboio", em cada vagão seguia junto um religioso como "diretor espiritual" que era auxiliado por um membro do laicado. *Guiando a todos, o diretor* "[...] da peregrinação [que] presidia a entrada dos peregrinos na plataforma; *todos obedeciam aos seus avisos e direção*". Já era noite aberta, a partir das 10:00 e 10:30 hs., respectivamente, partiram os trens "[...] em demanda da Aparecida": *um itinerário de enlevo e arrebatamento* tinha início. Deste modo, a multidão ordeira, irmanada e feliz respondia obediente ao seu guia e diretor espiritual, deslocava-se noite adentro pelos trilhos ferroviários, cantando com "vozes afinadas [...] festivos hinos", a revelar uma cadência regulada "[...] da recitação do rosário", esse clima e essa atmosfera eram a tradução de "um cortejo fantástico [...]".[142]

Ambiente extraordinário: deslocando-se de trem, o meio de transportes mais desenvolvido da época, em procissão e em gesto de recolhimento, os católicos se enlaçam por meio de cânticos, hinos, ladainhas e da recitação rosário, a revelar "[...] um único sentimento comum". Neste sentido, a idéia de um corpo social uno e harmônico está lançada: "[...] senhoras e cavalheiros, velhos e moços representantes de *todas as classes e de todas as condições sociais*".[143] Impulsionados pelas forças religiosas e as potências do sagrado, a multidão convergia para um centro que lhes dava sentido e nexo: o Santuário de Aparecida. Segundo monsenhor Homem de Mello, neste itinerário no qual os peregrinos se encontravam em um estado de júbilo interior intenso, muitos se "sensibilizavam até às lágrimas", deste modo consumiam-se as horas, não havia sinal de fadiga:

---

[141] HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, ed. cit., 1905, p. 13, itálicos meus.
[142] HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, ed. cit., 1905, pp. 12, 13 e 14, respectivamente para as citações entre aspas nesta pág.; itálicos meus.
[143] HOMEM DE MELLO.[Org]. *Coroação..1904*. São Paulo, ed. cit., p. 15, para os trechos entre aspas. Itálicos meus. O narrador registra a propósito do aplainamento das diferencias de classes, gêneros, idades, etc.: "Ali [nos vagões dos trens] ao lado do sacerdote está o velho carregado de anos, a mocidade representada nos moços, os representantes das diversas gradações da sociedade desde o magistrado severo até o artífice". Cit., idem, p. 15.

"todos rezavam quando os primeiros albores da madrugada vieram anunciar que a Aparecida estava perto, todos queriam avistar ao longe a colina suspirada; o trem caminha veloz, passa uma estrada, mais outra, atravessa um regato, encurva numa outra, se alinha numa reta, transpõe um corte, margeia o Paraíba [...]".[144]

Percurso múltiplo e sinuoso, enfrentado com as energias do sagrado e regado na fé à Virgem Aparecida. São seis horas da manhã, silvos das locomotivas anunciam a chegada: adentra-se ao espaço da *hierofania*. À recepção dos peregrinos na Estação Ferroviária, encontrava-se religioso que os recebe com "[...] uma comovente e eloqüente exortação". Simultaneamente, na mesma hora, chegam peregrinos vindos das cidades circunvizinhas: "Cruzeiro, Cachoeira e Lorena".

Formou-se uma extensa procissão. Juntos, empunhando estandartes e entoando cânticos, "move-se àquela multidão", *deslocando-se e rasgam o espaço escarpado e íngreme em sentido ascensional, segue em direção ao Santuário.* À porta da casa de Aparecida já se encontrava o bispo diocesano d. José de Camargo Barros. Em seguida ele se encaminhou para encontrar peregrinos que chegam em procissão, colocou-se nos degraus de acesso à Igreja-Santuário:

"[...] visivelmente *sensibilizado* [o bispo diocesano] *contempla aquela multidão* de seus filhos espirituais". Em seguida, "[...] *em paternal saudação* deu boas vindas aos peregrinos [...], *congregando ao seu Pastor uma porção de seu querido rebanho*, [...] e *incitou a todos a orarem piedosamente* naquela viagem *à Virgem Aparecida*".[145]

A praça fronteiriça à Basílica fora tomada por "[...] uma onda humana", na qual havia "dificuldades" para se mover naquele espaço. No interior do templo "sempre" cheio os devotos faziam a "sagrada **Comunhão**". O ato da comunhão é um gesto ressaltado pelo narrador do Ato da Coroação, pois "[...] senhoras de bastante idade e um grande número de donzelas, por espírito de devoção, foram fazer sua Comunhão ali no Santuário da Virgem Aparecida".

Ingerir a hóstia no sacramento Eucarístico da comunhão[146] tem um conteúdo simbólico forte. Por meio da Comunhão o católico significa em si o gesto expiatório da perda e ressurreição do Ungido. É subjacente ao ato da comunhão o mecanismo da união, uniformidade, unidade. A eucaristia, internalizada no rito da comunhão, é ato de dar graças. Nele, simbolicamente, Jesus Cristo se faz presente sob aparência do pão e do vinho: a sua alma e divindade; o seu corpo e o seu sangue. Na comunhão, precipuamente, lamenta-se.

---

[144] HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, ed. cit., p. 17.
[145] HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, ed. cit., p. 18, itálicos meus.
[146] Em 20-12-1905 foi publicado pela S. Congregação do Concílio o Decreto *Sacra Tridentina Synodus* [Petrópolis, Vozes, D.P. Nº 103, 1953, pp. 3-8], no qual também se trata da comunhão freqüente. Este decreto aparecerá juntamente com outros dois de 14-02-1906 e de 7-12-1906 que tratam, respectivamente, do "Privilégio para a Comunhão quotidiana" e "Comunhão aos que não estão em jejum" na *Pastoral Coletiva [...] das Províncias Ecclesiasticas de S. Sebastião do Rio de Janeiro e Mariana [...] de 1907*. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1907, 219p; Decretos [*Sacra Tridentina Synodus*] pp. 175-182; pp. 182-183 e p. 184 respectivamente.

Elias Canetti referiu-se à lamentação nos seguintes termos: no cristianismo, ela adquiriu "validade universal". A está constatação Canetti se interroga: "o que foi que deu consistência às formas de fé que derivam da lamentação?".[147] Respondendo a questão, ele recolheu da tradição a explicação que a sustenta e valida: "[...] a lenda em torno da qual elas se formam é de um homem ou de um deus que pereceu injustamente. Sempre é a história de uma perseguição [...]". Após sumariar e agenciar uma série de lendas que dão sustentação a sua argumentação, Canetti afirma:

> "[...] sempre corre sangue, mesmo na mais humana de todas as paixões; nem mesmo na de Cristo abre-se mão do sangue e das chagas. Cada uma das ações que formam a paixão é tida como injusta; quanto mais se afasta dos tempos místicos, tanto mais existe a tendência em prolongar e em equipar a paixão com inúmeras características humanas. *A caça ou perseguição sempre é percebida do ponto de vista da vítima.* Em torno do seu fim *forma-se uma malta de lamentação*, mas o seu lamento tem uma nota especial: *um homem que morreu por amor dos homens que chorou. Ele era o salvador deles,* talvez por ser um grande caçador, talvez por ter outros méritos maiores. *Seu valor é destacado de todas as maneiras possíveis*; ele é justamente aquele que não deveria estar morto. *Sua morte não é aceita pelos que o lamentam*".[148]

Nesta ordem de coisas, conjugam-se comunhão e lamentação. Ora, se a ordem humana apreende o seu lugar no mundo a partir do simbólico, que é a "a capacidade para relaciona-se com o ausente", a lamentação efetivamente é uma potência mobilizadora do humano, e aponta outro núcleo: imbrica-se com o sacrifício.[149]

Como indicou Guy Stroumsa, o sacrifício é o núcleo dos cultos religiosos desde a Antigüidade greco-romana, pois o sacrifício físico era o ato ritualizado da vida religiosa: a partir dele se estabelecia o laço comunitário, do ponto de vista étnico, civil ou camponês.

O cristianismo nasceu negando esses atos do sacrifício físico, transferindo-os aos planos individual e simbólico, o que gerava nos homens o sentimento do terrífico, da angústia, da depressão.

Este autor numa abordagem de cunho político do sacrifício, aponta sobre o cristianismo vencedor que ao proibir os sacrifícios físicos pagãs, que eram, simultaneamente, a marca visível do poder estatal nas diversas partes do Império romano – principalmente nas Províncias –, assim, operou-se "a dissolução das comunidades cívicas", pois as identidades culturais eram medidas pelo crivo religioso, ou seja: passaram a ser matriciadas pelo *ethos cristão*. Assim instituindo nova identidade ao corpo social. Nesta ordem de coisas, como lembrou uma pensadora política liberal sobre um dos pais da Igreja,

> "Ele [Santo Agostinho] sabe que a Igreja só pode fundar a sua universalidade sobre a universalidade do império romano no seu declínio, e concede-lhe o direito para tal. Não se pode compreender o alcance e

[147] CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. São Paulo/Melhoramentos; Brasília/Ed. UnB. 1983, 532p; cit., p. 157.
[148] CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. Ed. cit., p. 158, itálicos meus.
[149] STROUMSA, G. Guy. *Le Fin du Sacrifice*. Paris, O. Jacob, 2005, 224p.

a riqueza do Santo Agostinho cristão sem se ter em conta o duplo significado da sua existência como romano e como cristão [...]".[150]

Assim, poder político imperial e espraiamento religioso cristão articulavam-se: sem aquele este não existiria, e vice-e-versa. *Um engastava-se no outro*. Nestes termos, há no Cristianismo católico a latente pretensão imperial: a tudo e todos absorve. Mormente em contextos de crises, em situações limiares, em períodos de transição ou "de fronteiras" duma realidade em "queda" e nos albores de outras ainda não inteiramente configuradas. Numa palavra: *em situação histórica em vias de mutação*.

Até aqui indicamos elementos constitutivos desse estado de suspensão e enlevo: cânticos, hinos, ladainhas, recitação do rosário de Maria etc., mas eles serão efetivamente obtidos mediante a Comunhão, cujos significados apontamos acima.

Alguns anos depois do Ato da Coroação do Ícone de Aparecida, dentro do seu processo de *aggiornamento* a instituição romana visava macerar nos inocentes, a partir dos sete [7] anos de idade, uma culpa presumível, a Igreja decretou a comunhão freqüente desde os anos tenros dos inocentes.[151]

D. Joaquim Arcoverde se refere à devoção mariana desde a infância;[152] tanto no âmbito doméstico quanto às peregrinações aos Santuários como o de Aparecida.

Talvez a comunhão em idade tão reduzida, fosse uma estratégia da Igreja católica para aplicar um dos elementos estruturantes do Cristianismo: a lamentação. Ora, isto significava inculcar nas crianças em idade de formação do *mores*, por intermédio do gesto da absorção da hóstia cujo significado contempla toda a experiência humana do Cristo divino.

Deste modo, macerar-se nas fibras do ser e internalizar-se nos infantes, mais nos meninos do que nas meninas, [de acordo com o *Quam Singulari*], em idade tão lábel, tem por fito penetrar nos

---

[150] ARENDT, Hannah. *Der Liebesbegriff Bei Augustin*. [1ª ed., 1929]. {*O Conceito de Amor em Santo Agostinho*}. Lisboa, Inst. Piaget, 1997, 189p; cit. p. 174.

[151] PIO X. Decreto *Quam Singulari*. {8 de agosto de 1910. *Sobre a Comunhão Freqüente e Cotidiana*}. Petrópolis, Vozes, D.P. nº 103, 1953, pp. 8-16.
A historiadora francesa Anne MARTIN-FUGIER faz referência à Primeira Comunhão como um dos belos dias "da vida" burguesa, e lembra que "o compromisso exigido pelo sacramento é feito perante toda a comunidade. O espetáculo é orquestrado de forma a suscitar a emoção simultânea dos atores, dos comungantes e dos espectadores" etc. Ela menciona o *decreto Quam Singulari*, não obstante não se atem na sua analise pormenorizada. Cf. _____. "Os Ritos da Vida Privada Burguesa". In: PERROT, M. [Org]. *História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, Cia. das Letras, 1992, 2ª reimp., [vol. 4], 637p; pp. 193-261; cit. p. 251; o decreto de Pio X é cit. à p. 254.

[152] ARCOVERDE, Joaquim [d]. "*Oratio*". In: HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, ed. cit., 1905, p. 30.

interstícios das suas almas para lhes infundir valores católicos que, segundo o selo eclesiástico opera-se de forma binária ou por oposições homólogas: vícios *x* virtudes. É sempre uma luta entre esses dois pólos. Os vícios têm origem no Pecado Original, na "[...] concupiscência [...] languidez da natureza: tirano entronizado no corpo, obrigação da carne".[153] Daí desdobram-se os pecados capitais: orgulho, vaidade, inveja, cólera, preguiça, avareza, gula, luxúria; e os pecados veniais. Estes são centrais na economia religiosa cristã.

Neste sentido, há uma "[...] nova atenção com que os homens da Igreja consideram os compromissos sociais no contexto de um discurso ético que, a despeito da contínua insistência sobre a interioridade e a escolha individual, se molda cada vez mais pelo exercício da autoridade, dotado, como os órgãos da justiça secular, de códigos próprios de justiça e de mecanismos de punição".[154] Pois, "a interiorização do pecado provoca, no homem, sentimentos e condutas especiais: o medo, a angustia, o sentimento de culpa, o remorso".[155] Nestes termos, no cristianismo o pecado produz *pathos*, que nas sociedades contemporâneas e nas "nações ocidentais desenvolvidas" permanece fortemente presente, pois é à base de todo o pensamento judaico-cristã, que "[...] vêem a tradição da culpa humana reanimada pelo mal-estar perante a crescente revelação da desventura do mundo ["fome, guerra, [...], tortura, miséria"], perante a impotência [da Igreja e dos seus agentes] contra a burocracia e a tecnocracia".[156]

Com isso queremos apontar o compartilhamento entre valores cristãos, no caso brasileiro eles são especificamente católicos, e ordenamento jurídico liberal. Num *ethos* compartilhado entre valores cristãos e legislação liberal.[157]

Nestes termos, permanece, para a hierarquia católica, uma apreensão da humanidade do homem em termos de "[...] humilhação, medo, alienação". Continuava o mesmo "[...] "universo

---

[153] Pedro Lombardo, *Sentenças*; escrevendo no séc. XII sobre o pecado original, o seu pensamento tem matriz agostiniana.

[154] CASAGRANDE, Carla e VECCHIO, Silvana. "Pecado". In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. [Coords]. *Dictionnaire Raisonné de l'Occident Médiéval*. Paris, Fayard, 1999. [Trechos entre aspas, tradução brasileira. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, Edusc; São Paulo, Imprensa Oficial SP, Vol. II, 2002, 636p; cit. pp. 346-347].

[155] LE GOFF, Jacques. "Pecado". In. ROMANO, Roggiero. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nacional-Casa da Moeda, [Vol. 12: Mythos/Logos, Sagrado/Profano], 1987, pp. 266-286; cit. p. 267.

[156] LE GOFF, Jacques. "Pecado". Op. cit, ed. cit., 1987, p. 283.

[157] Citemos, à guisa de exemplo, o projeto que atualmente tramita no Parlamento Federal do país, no qual se quer reduzir a idade dos adolescentes para a imputação de punição. Sintomático, em fins de 2003, o então cardeal de Aparecida – religioso que fora cotado para ser papa no mesmo conclave que elegeu João Paulo II –, após visita *ad limina* a Roma, e à saída de uma audiência no Palácio do Planalto em Brasília, faz declarações e se posiciona a favor de punição rigorosa e célere aos jovens faltosos: defendeu a diminuição da idade para penalizar e encarcerar a adolescência. Deste modo, quase um século após legislação sobre o *ethos* como o decreto *Quam Singulari*, ajustam-se normas no plano secular e no ordenamento jurídico positivo do Brasil.

mórbido [da] culpa"". Não cabe para essa hierarquia "[...] a necessidade de formar homens libertos de toda a mística interior do Erro, do Ódio e da Culpa [...]".[158]

Outro historiador evocou o relato de uma religiosa e afirma: "a incapacidade de suportar as regras [da sua Ordem religiosa] a levou para a culpa, não para a contestação".[159]

Penso que esse mecanismo seja dos mais eficazes na instituição católica apostólica e romana, pois é extremamente operatório a um regime político como o da sociedade liberal de massas: *incuti-se um culpa individualizada; assim despolitiza-se a conscientização, o que levaria ao enfrentamento da instituição, logo do sistema no qual ela se insere. Ethos* compartilhado, no plano político, entre católicos e liberais. Não podemos perder de mira que o cristianismo na sua forma católica é uma religião do sacrifício e da renúncia aos prazes terrenos. Assim, pois, ela opera por um ardil no qual para realizar os seus desejos, os homens descrevem tortuosas sendas e pagam um alto preço por eles: *homens e mulheres são lançados nas teias da renúncia e da abstinência, articulados com disciplinas e castigos – nos planos físico e psicológico.*

O *ethos* com o brasileiro, majoritariamente mariano – informado por culpa e desapego material –, toma Maria como paradigma, cuja construção teológica é a de *obediência* e *maternidade*,[160] sendo que alvo dessas imagens são as mulheres, principalmente as proletária. Isto evidência toda a sua potência ao eleger a devoção mariana de Aparecida como Padroeira do Brasil.

Segundo o relato abaixo, *Aparecida tem força centrípeta a revelar toda uma física das potências do sagrado. As suas leis eram imantadas por amor, afeto, contentamento: operando um estado de suspensão nos devotos.*

> "era enternecedor ali dentro do Santuário contemplar *aquela multidão genuflexa* ante a Virgem Aparecida, [...], com o *coração* [os fiéis] *repleto de satisfação*, a *alma inundada de doces consolações*, [...], [nas dobraduras do seu ser *confessam] à Virgem Aparecida os seus votos. balbuciar as suas mágoas, pedir o seu valimento, e protestar o seu amor, o seu afeto*. A fé a mais ardente transluzia em todas as frontes, a Virgem Aparecida tinha *atraído todos para si*, [...] todos só pensavam na [...], só cuidavam [...], só queriam ver ..., *só estavam contestes ao pé da Virgem Aparecida*".[161]

Assim, "ninguém sabia ali o que fosse cansaço, fome, sede, aperto". Igualmente, num ambiente que a primeira vista poderia ser de estranhamento, pois era de anonimato: "no meio de

---

[158] LE GOFF, Jacques. Op. cit, ed. cit., 1987, pp. 283 e 282, respectivamente.
[159] VINCENT, Gerard. "Os Católicos: o Imaginário e o Pecado". In: PROST, A. et. VINCENT, G. [Orgs]. *História da Vida Privada. Da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo, Cia. das Letras, 1ª reimp., [vol. 5], 1992, 633p; pp. 391-457; cit. p. 405.
[160] Tais princípios e imagens em relação às mulheres não ficavam no plano do discurso. Eram difundidos e incorporados por membros do laicado feminino católico. As mulheres identificam-se como "angelicalmente puras"; essa condição era obtida, pois elas foram "batizadas". . Cf. *Ação Católica*. Rio de Janeiro, nº 7, ano II, jul./1939; cit. p. 209.
[161] HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, ed. cit., 1905, p. 20, itálicos meus.

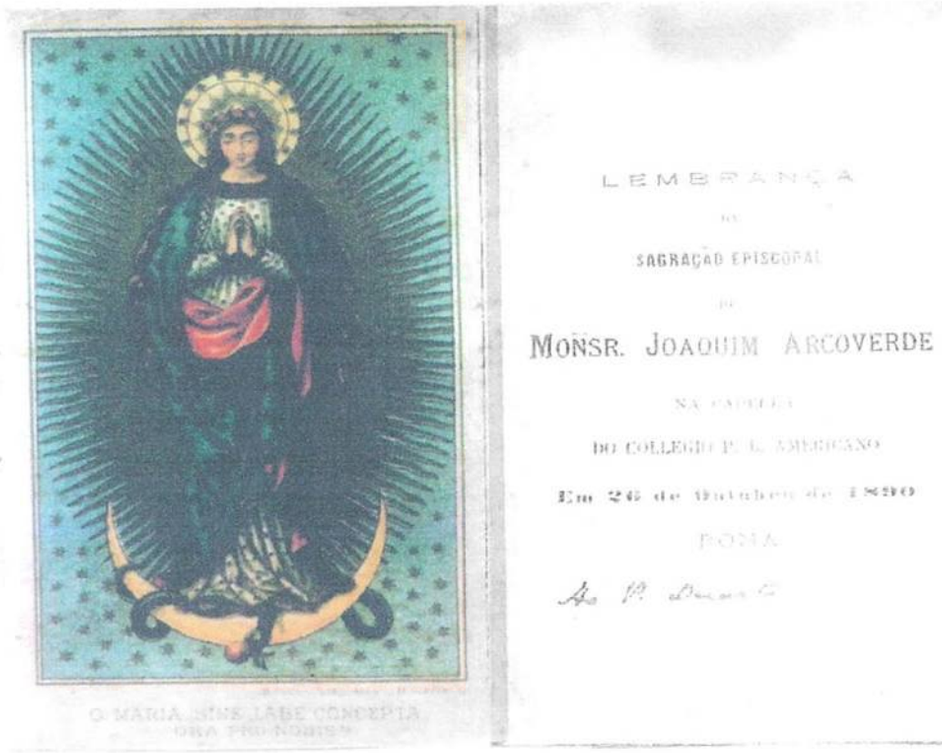
milhares de pessoas, vindas de todas as partes, parecia que todas eram conhecidas", mas irmanados na unicidade da Virgem Aparecida havia se "confraternizado, de verdade, toda aquela *grande multidão*".[162] Neste sentido, temos o corpo episcopal se apropriando da devoção dos fiéis e estabelecendo controles, normas e regras. Ditando à reta conduta aos fiéis.

A multidão presente ao ato da coroação foi captada em registro fotográfico e interpretada em quadro sobre o evento: os dois registros narram, cada um ao seu modo, *a multidão ordeira, à mercê da Padroeira, conduzida pela hierarquia.* **O itinerário de arrebatamento místico e encantamento ritual, racionalmente elaborado e hierarquicamente legitimamente se concretizava:** *o ultramontanismo triunfava.*



[162] HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação... 1904*. São Paulo, ed. cit., 1905, p. 20, itálicos meus.

Esta ilustração[163] é uma reprodução do "Quadro da Coroação" de 1904;[164] este era uma provável interpretação do registro fotográfico do evento, aqui em forma de quadrinhos. Convencimento pânico, ordem e estabilidade: a Igreja dita a reta conduta, obtida mediante ritos que têm por base o "repertório dos sinais, o ameaçador se encontra a par do sedutor – de um lado, fogo, sangue, armas, de outro, alimento e sexualidade; gestos de submissão a par de um comportamento arrojado. [...] *as alternâncias das trevas e da luz, do disfarce e do desvelamento, da imobilidade e do movimento, do som e do silêncio*". Nessa ordem de coisas "o ritual religioso é dado como instrução coletiva; o indivíduo participa do quadro da comunicação coletiva, onde a necessidade de não ficar à margem é a força motivadora mais forte".[165]



Este cromo da Virgem cuja bela é invulgar, foi impresso por ocasião da sagração episcopal do "Mons. Joaquim Arcoverde"[166] em Roma em 1890. A Imaculada Conceição de tez branca, em gesto de oração e purga pelas faltas humanas, pousa sobre uma meia-Lua pisando em um ente peçonhento que remete ser uma serpente. Estampas da Virgem como esta jogaram um papel importante na implementação do ultramontanismo: afinal, o dogma da Imaculada Conceição de Maria foi definido por Pio IX em 1854, e foi constitutivo do processo de centralização em Roma, contribuindo para o triunfo do poder papal na sua infabilidade.

---

[163] *Série Sagrada. História de N. S. Aparecida*. Rio de Janeiro, Ed. Brasil-América, nº 22, jun/1955, p. 23.
[164] Fotografia do Quadro da Coroação. Ref.: CX. 07-34. In: ACMSP. Foto que registrou a multidão presente ao Ato da Coroação encontra-se na brochura: *Basílica Nac. de N. S. Aparecida. [...]*. Aparecida, Of. de Arte Sacra, ["26/07/1945"], [40p não numeradas].
[165] BURKERT, Walter. *Religião Grega na época clássica e arcaica*. Lisboa, F. C. Gulbenhian, 1993, 638p; cit. p. 127, itálicos meus.
[166] Cromo original nas Pastas de Documentos Avulsos de D. Duarte Leopoldo e Silva. In: ACMSP.

c.3] 8 de Setembro de 1904: ritos e cerimônias da coroação do Ícone de Aparecida.

Imagem de Aparecida Coroada em 1904.[167]

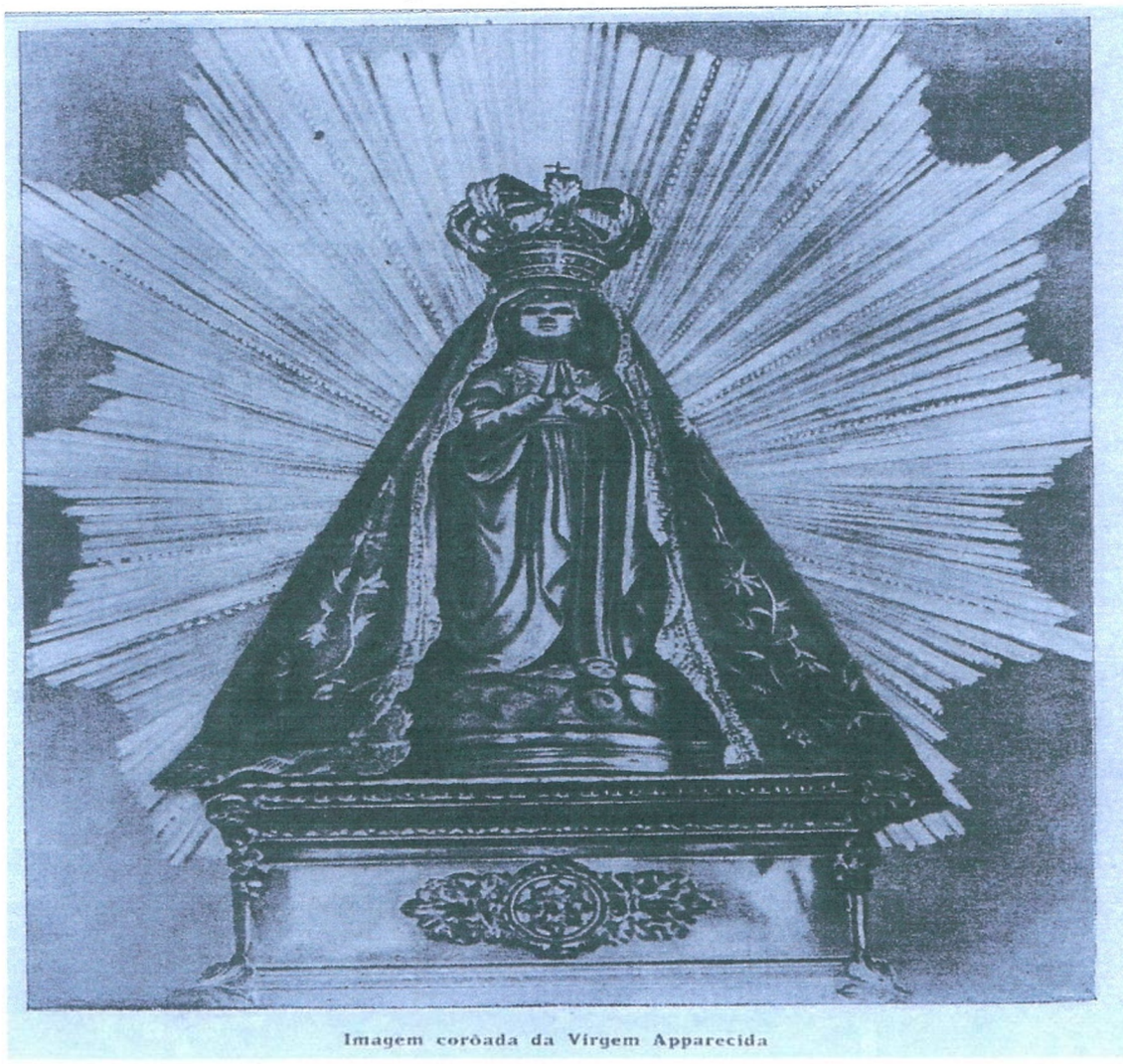


Imagem corôada da Virgem Apparecida

A imagem do Ícone de Aparecida: halo, esplendor, manto e base entalhada formam o conjunto da Imagem, em branco e preto, da Padroeira publicada na *Narrativa da Coroação...1904*. Às costas do Ícone nimbado, rutila feixes de luzes resplandecendo o ambiente, luzindo o espaço. Não fica nítido nesta imagem se a cor da Estátua de Aparecida era escura, negra. A fixação da imagem cafusa-marron de Aparecida terá um longo processo de maturação durante o século XX. Desvela-se no registro da *Narrativa da Coroação...1904* que o simbolismo do círculo se assentava no *ethos*: este entendido como práticas culturais, logo constituinte do imaginário.

[167] HOMEM DE MELLO, José Marcondes, Mons. [Org]. *Coroação de N. S. Apparecida, a 8 de Setembro de 1904. Narrativa Ilustrada*. São Paulo, Duprat & Comp., 1905, [84 p. + pp. I-VIII]; imagem, p. 19.

O narrador evoca o exemplo bíblico do ato profético de Ezequiel que teve uma visão do círculo, quão "[...] semelhança da glória do Senhor". Relembra que o círculo-coroa se encontrava na tradição dos Livros santos e na liturgia católica. Constata que na tradição testamentária no Livro dos Cânticos [IV, 7-8]: "Tu é toda formosa, e em ti não há mácula, vem do Líbano, vem; *serás coroada* do alto do Amaná, do cume de Sanir e de Hermon"; e no Apocalipse [XII, 19]: "Apareceu no céu uma mulher vestida do sol, que tinha a lua sob seus pés e *na cabeça uma coroa* de doze estrelas" são interpretados com "referindo-se à Maria Santíssima". Também cita exemplo da antiguidade grego-romana, cujo círculo-coroa possuía significado simbólico, sendo a coroa entendida como "*símbolo de realeza*, como *sinal de festa*, como *ornamento de prazer e de graça*, [...], [era] *a mais alta distinção civil, religiosa, militar*" e que se traduzia como "Ovação" e "Triunfo" do portador. Neste sentido, tanto as tradições que o registro histórico constata, quanto o das Escrituras, segundo o articulista, são interpretadas pela voz "autorizada da Santa Igreja" no que se reporta à "Maria Santíssima" e a "*Cena Mística*" da coroação, assim "hoje [em 1904 se] *reproduz ao vivo a imagem da SS. Virgem Aparecida*, cujo significado é que "[...] *a fé se inflama* com estas iluminações" e que "o povo fica compreendendo que na Santa Igreja tudo é grande; que *as suas cerimônias têm a sanção da palavra divina, a sanção dos séculos*,[...], *a sanção da fé das multidões*".[168]

No plano simbólico, o Ato da Coroação do Ícone de Aparecida engastava os projetos hierocrático e secular. Triunfo que se consubstanciará, no concernente à Aparecida, quando ela se tornou membro do calendário Republicano, com o feriado nacional de 12 de Outubro, a partir de 1980. Sintomático: foi nos estertores do regime autoritário que o militar e presidente da República, o general João Batista Figueiredo decretou[169] esta data como celebrativa da identidade religiosa da Nação. Entendemos que as imagens veiculadas pela instituição romana, como as estampas relativas aos Santos, devido a sua origem, pois se reportam ao sagrado, apontam uma eficácia pedagógica, logo têm funções sociais e apropriações políticas.

> "Especialmente em nossos dias [1904], os inimigos da fé, por uma perversidade geral, no intuito de mais facilmente destruírem nas almas a mesma fé "["mas estes princípios ["... Cristo, ... Evangelho, ... Igreja"]" destroem até a raiz, pulverizam todo o *racionalismo* e *materialismo*..."]" repelem, e clamam deverem todos repelir qualquer reverência ou obediência à Igreja e a todo o poder humano. É a origem do *anarquismo*, **a doutrina mais contraria e nociva a toda ordem natural ou**

[168] HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação..1904*. São Paulo, 1905, ed. cit., trechos entre aspas pp. VI-VII, itálicos meus.

[169] Em 1 de julho de 1980 foi publicado no Diário Oficial da União, em texto telegráfico, o Decreto-Lei nº 6802. O seu texto é o seguinte: "Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei: art. 1º - É decretado feriado nacional o dia 12 de Outubro, para culto oficial a N. S. Aparecida, padroeira do Brasil; art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação. Brasília, em 30 de julho de 1980. João Batista Figueiredo, Presidente do Brasil". Brasília, *Diário Oficial da União*, 1 de julho de 1980.

sobrenatural. Mas, [...] o dogma da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, aniquila essa calamidade, igualmente funestíssima à sociedade civil e à cristã [...]".[170]

"[...]. Será o combate da verdade [proferida pela Igreja Católica] contra o erro; da confraternização cristã contra o egoísmo das seitas infiéis ["a maçonaria", "a judiaria", "o racionalismo [...]", "o materialismo insensato"]; da imanência do lar e da sociedade contra os desorganizadores da família e do estado; [...] contra a incredulidade, que é a origem do desespero e da amotinação. [Para assim restaurar] tudo em Christo".[171]

"[o] conceito de que o estável, o fixo, o invariável [atributo do divino] possui qualquer prerrogativa sobre o variável [condição do humano]; [a adoção do "conceito de que o invariável é superior ao mutável ...] sua origem é escolástica, até aristotélica".[172]

Missa Pontifical antecedeu a coroação da Imagem de Aparecida. À missa, tomou parte número significativo de membros da elite eclesiástica da PEM, além de contar com a presença do Núncio Apostólico no Brasil D. Júlio Tonti. Ela transcorreu na parte externa do Santuário, onde havia sido construído um "[...] altar que era encimado por um *riquíssimo trono dourado* onde entre os *esplendores das mais cintilante ornamentação* e *um sem número de cirios iluminados* avultavam *a sagrada e venerada Imagem da Virgem Aparecida*".[173]

Neste cenário divino e luxuriante, e em ambiente místico, a capacidade de Aparecida em imantar os fiéis é ressaltada, pois "todos os olhares estavam convergidos para aquele ponto na imobilidade do reconhecimento e no enlevo da oração". Azáfama controlada se instaura, "[...] *estremece aquela multidão*, a cruz procissional aparecia [...]. Ia desfilar diante *daquele povo uma procissão nunca vista em todo o Brasil*, de quatorze [14] Prelados".

---

[170] PIO X, Papa. Encíclica *Ad Diem Illum*. [Roma 02-02-1904. Celebrativa dos 50 anos do dogma da Imaculada Conceição. Esta é a II encíclica oficial de Pio X]. [Tradução de d. Joaquim Arcoverde]. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1904, pp. 33-57; cit, pp. 48 e 49, itálicos no original; negritos meus, trecho adaptado por mim.

[171] DUARTE DE AZEVEDO, Conselheiro. Discurso: "O Apostolado da Imprensa". In: *Segundo Congresso Católico Diocesano de São Paulo. De 28 de Setembro a 2 de Outubro de 1904. Atas e Documentos*. São Paulo, Typ. Cardozo, F° & Motta, 1905, 214 p: pp. 30-36; cit. p. 35, trecho adaptado por mim.

[172] GERBI, A. *La disputa del Nuevo Mundo. [...]*. Trecho adaptado por mim da trad. brasileira. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, 807p: cit. p. 33.

[173] HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação... 1904*. São Paulo, ed. cit.,1905, p. 21, itálicos meus.

A própria hierarquia se apresenta em procissão no espaço público. Todos "[...] paramentados de ricos pluviais e ornadas as cabeças com mitras preciosas caminham um ao lado do outro [...]".[174]

A procissão tem o seu sentido, significado e importância vincado pelo papa Pio X no seu "*Compendio da Doutrina Christã* ...": as "procissões [como mecanismo de] verdadeiros espírito de penitência e de oração, cantando devagar e com piedade o que canta a Igreja"; ele aponta no sentido do enlace dos fiéis unidos no coração e na reza e instrui para que a "modesta e recolhimento, não olhando para um lado e para outro, falando a ninguém sem necessidade"; assim "Deus há de ouvir os nossos gemidos, e as orações comuns, e conceder-nos o que nos é necessário tanto para alma como para o corpo".[175]

Deste modo, naquele momento, diante do Santuário e do altar ali montado, a hierarquia teve dificuldade em abrir caminho e de transpor a "[...] *multidão* que apinhada esperava a solenidade". Inicia-se a missa, celebrada pelo Núncio. Na parte musical foram "executadas o mais belo e clássico cantachão", pelos padres Salesianos da vizinha cidade de Lorena. Foram lidos trechos "do Evangelho". Em seguida,

> "[...] de pé em frente ao altar voltado para o celebrante, [...] d. Joaquim Arcoverde proferiu [...] *Discurso vazado em puro latim. O porte aprumado* [...], a sua *dicção corretíssima*, uma *declamação vigorosa*, tudo concorria para dar vida a esses períodos, onde em *harmonioso concerto a piedade, a história e as esperanças se congraçavam produzindo um hino de louvores à Virgem Aparecida*".[176]

---

[174] Segundo a fonte essa era à disposição da hierarquia na procissão: "[...] vem na frente d. Geraldo Von Caloen, abade geral da Ordem Beneditina, de mitra na cabeça; ao seu lado o bispo grego [...] d. Cyrillo Mogabgab [...], os bispos d. Duarte Leopoldo e Silva, [...] de Curitiba; d. Fernando de Souza Monteiro, [...] do Espírito Santo; d. João Francisco Braga, [...] de Petrópolis; d. Eduardo Duarte Silva, [...] de Goiás e d. José Lourenço da Costa, [...] do Amazonas; d. Joaquim Silvério de Souza, [...] coadjutor de Diamantina e d. Silvério Gomes Pimenta, [...] de Mariana; d. Cláudio José Ponce de Lion, [...] de S. Pedro do Rio Grande do Sul e d. José de Camargo Barros, [...] de S. Paulo; por último d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti arcebispo do Rio de Janeiro e metropolita da Província Meridional do Brasil. Em seguida vinham os diáconos da missa e do sólio, e logo atrás d. Júlio Tonti, [...] Núncio Apostólico no Brasil [...]; todos carregavam paramentos bordados a ouro. Fechando o cortejo vários Protonatários, Camareiros secretos, cônegos da Catedral de S. Paulo e do Rio, e sacerdotes em número avultado". O cerimonial teve como mestres de cerimônias do Sólio Arquiepiscopal monsenhor Eduardo C. de Carvalho Rodrigues. HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, ed. cit.,1905, pp. 21-25.

[175] PIO X. *Compendio da Doutrina Christã. Prescripto por sua Santidade Pio X para as Dioceses da Província de Roma* [1905]. Coimbra, França Amado-Editor, 1906, 301 p.; cit. pp. 269-271, itálicos meus. O compendio é o desdobramento da sua Encíclica *Ad Diem Illum*, editada em 02-02-1904. PIO X. Encíclica *Ad Diem Illum*. Petrópolis, Vozes, 2ª edição, [D.P. nº 48], 1953, pp. 24-40. A Encíclica de 2 de fevereiro de 1904 celebrava cinqüenta [50] anos da Bula *Ineffabillis Deus* de Pio IX, de 12 de dezembro de 1854, que instituiu o dogma da Imaculada Conceição de Maria. **Importante lembrar que essas procissões transcorriam no espaço público. Elas eram incentivadas pela hierarquia. Como dissemos acima, romarias e procissões haviam sido proibidas em países europeus no século XIX, como decorrência das fricções entre Igreja e Estado.**

[176] HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, ed. cit.,1905, p. 25.

As qualidades do orador são ressaltadas, apontam mecanismo racional da escolha e seleção: a sua figura física viril. D. Joaquim[177] tinha porte destacado, era um homem robusto, cuja altura girava em torno de 1,75m, altura que o destacava entre os seus contemporâneos; ricamente vestido, com indumentária borda a ouro etc.; fala nítida e discurso eloqüente.

Essas qualidades serão frisadas em relação aos demais oradores que tomaram parte nos ritos do Ato de Coroação. O bispo de Pouso Alegre, d. João Baptista Correa Nery, que pronunciou discurso na volta da procissão das 17 horas do dia 8 de Setembro, é descrito nos seguintes termos: ao assumir o púlpito, perante uma multidão estimada em cinco [5] mil pessoas, D. João "tem a magia de cativar os [...]" presentes, qual um "Príncipe da oratória sagrada. Dos seus lábios saiam como pérolas"[178] em celebração à Virgem Aparecida.

O momento que antecedeu à Coroação do Ícone, outro religioso, o bispo de Petrópolis discursou. Ele tinha "a sua voz potente, a sua presença cheia de nobreza, a hombridade [ou virilidade], o calor e entusiasmo" da sua fala se dirigia para que o "[...] povo ficasse prezo a sua palavra". Eram "frases acaloradas [...], eram como lampejos celestes" que tinha por fito operar "sobre aquela multidão"[179] um estado de encantamento.

D. Joaquim Cavalcanti pronunciou *Oratio* antes da coroação. Aspecto que chama atenção é que o *Oratio* foi pronunciado em latim, língua[180] que provavelmente aquela multidão de caboclos não dominava.

Bem, mas para a reforma ultramontana, isso era um detalhe, pois para Roma e seus agentes locais no país, o que lhes importava era impor a sua doutrina.

Deste modo, negavam e desqualificavam devoções e meios de expressar gratidão ao sagrado que se estruturava na Nação por quase quatrocentos anos em geral, e em relação à Aparecida por

---

[177] Segundo o especialista Alceste Pinheiro, que entrevistou parenta do cardeal em meados dos anos 1990. De acordo com a definição de uma religiosa, esse era o seu perfil: "D. Joaquim era um homem rígido. Pertencia a uma geração formada na lei do silêncio absoluto, para o qual **a disciplina é *nervo* de toda a sociedade** e muito especialmente da Igreja. Faltavam-lhe horizontes, o senso dos problemas contemporâneos e mesmo um certo dom de compreensão humana. [...]. **Queria ser acima de tudo uma autoridade a que se obedece e que respeita** sem aproximação e sem contato humano". In: SANTO ROSÁRIO, Ir. Maria Regina do, [o. c. d]. [RAJA GABAGLIA, Laurita Pessoa]. *O Cardeal Leme. [1882-1942].* Rio de Janeiro, Liv. J. Olympio Editora, [Col. Documentos Brasileiros, Vol. 113], 1ª ed., 1962, p. 55, negritos meus.

[178] HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904.* São Paulo, ed. cit.,1905, p. 68.

[179] HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904.* São Paulo, ed. cit.,1905, p. 42.

[180] O antropólogo Claude Lévi-Strauss fez um comentário certeiro sobre o surgimento da escrita e da sua apropriação em termos de língua e idioma: "[...] os primeiros usos da escrita [...] os do poder: inventários, catálogos, recenseamentos, leis e mandamentos, em todos os casos, quer trata-se do controle de bens materiais ou de seres humanos, manifestações de autoridade de alguns homens sobre outros homens e sobre riquezas". In CHARBONNIER, Georges. *Entretiens avec Claude Lévi-Strauss.* [Entrevistas realizadas em fins das décadas de 1950 e início da de 1960]. Paris, Ed. Plan-Juliard. [Cit., trad. brasileira: Campinas, Papirus, 1989, cit. pp. 25-26]. Evoco essas imagens para aqueles que manipulam os idiomas: o escrito e o falado.

quase dois séculos. O *Oratio* de D. Joaquim é peça central do projeto ultramontano em curso naquele período e na apropriação da devoção mariana de Aparecida pela hierarquia.

Assim, o *Oratio*, pronunciado em latim, para um amplo público que não dominava o idioma, aponta os aspectos graves, ritualísticos e cerimoniais da celebração: a hierarquia [a tradição estabeleceu: *a hierarquia é sagrada* - conforme a etimologia do grego: hierós + arché: *ordem, subordinação e a gradação das autoridades correspondendo às diversas categorias das estruturas*. Mas *também significa série continua em graus ou escalões, observado ordem e escala que as orientam*. Organizações, classes e objetos, *indicando suas subordinações com em relação à hierarquia*, aos quais estão veiculadas e são parte constitutivas e instituístes. Sendo que aqueles que ocupam nichos altos numa estrutura burocrática, mormente quem está no topo da estrutura, "*depende de uma ordem divina*"],[181] representada por D. Joaquim, firma essa condição de cimo na cadeia da burocracia eclesiástica. É também um mecanismo de convencimento das multidões humanas por meio da palavra.

Em certo trecho do *Oratio* D. Joaquim se reporta ao encontro da Imagem de Aparecida [o evento do encontra da Imagem é interpretado pele bispo - *Oratio*, p. 29 - dentro das matrizes da tradição eclesiástica: repetia-se ou confirmava-se no rio Paraíba o evento bíblico do Lago de Tiberíades. Tratando desse evento do Lago milagroso o historiador Jean Delumeau afirma que o "Cristo escolheu doze discípulos, como reminiscência das doze tribos de Israel [Lc 6, 13]. Cada um deles recebeu um chamado individual. Sua missão consistia em testemunhar; ensinar a palavra de Cristo, dois a dois, no espírito de pobreza; batizar; repetir a Ceia, julgar e perdoar"].[182] *a origem de Aparecida nos remete a um evento que cruza o dado histórico* [a presença do burocrata da Coroa português] *e ação prodigiosa*: fartura de víveres surgida nas redes dos pescadores, após uma imagem dilacerada ter sido recolhida do leito do rio Paraíba. Nestes termos, *estruturou-se uma burocracia eclesiástica em torno da Imagem* e instituiu uma teia de mecanismos que efetivamente a levou, a hierarquia, a fazer parte,

> "[...] ou *recebendo o seu mando* [da divindade]. *Logo o passado coletivo, elaborado em uma tradição, em costume, é a origem da legitimidade. É uma reserva de imagens, de símbolos, de modelos de ação: permite empregar uma história idealizada, construída e reconstruída segundo as necessidades, a serviço do poder presente*".[183]

Como fica patente em trechos do *Oratio* - p. 32 ss -, D. Joaquim afirma que por quase duzentos anos houve devoção e peregrinos demandaram à Imagem de Aparecida.

---

[181] Cf. BALADIER, Georges. *O poder em Cena*. Brasília, Ed. da UnB, 1980, 78p.
[182] Cf. DELUMEAU, Jean e MELCHIOR-BONNET, Sabine. *Des Religions et des Hommes*. Paris, Desclée de Brouwer, 1997, p. 73.
[183] BALANDIER, G. Op. cit., ed. cit., 1980, p. 7, itálicos meus.

Não obstante, esses fiéis por meio dos seus testemunharam, espraiaram os prodígios operados por Aparecida, como "rumor". Mas não a legitimou institucionalmente. A legitimidade, então, dar-se-ia a partir de eventos organizados pela jerarquia: romarias diocesanas, o Ato da Coroação etc. Garantindo, deste modo, ordem e estabilidade: esse é o processo de episcopalização da devoção à Aparecida.

Como corolário, em outra parte do *Oratio* D. Joaquim se dirigi aos detentores do poder secular. Se a implantação do regime republicano separou formalmente a instituição hierocrática dos áulicos do poder secular,

> "[...] criadores das leis, decretareis coisas justas; vós, em Jesus Cristo, pastorais auxílio eficaz não à religião, mas também à sociedade civil e nossa prática". [Ora, ao afastar os pastores das almas das coisas públicas, os homens que detinham o poder laico o fizerem por incorporarem em suas práticas] "[...] ímpias doutrinas [...] [que os fez] lançar nas trevas a verdade católica e plantar entre irmãos a semente da discórdia.[...] não se propague à pestilenta praga com força e coragem lançando mão dos remédios para aqueles que porventura se achem infectados pelo erro voltem à primitiva fé e santidade de nossos antepassados. É [...] restauração das coisas em Cristo".[184]

Na sua Carta Pastoral como introdução à Encíclica *Ad Diem Illum* de Pio X, D. Joaquim Arcoverde se refere ao "*Instaurare omnia in Christo*"[185] [Restaurar tudo em Cristo], o lema do papado de Pio X. O religioso brasileiro no seu discurso fala da "[...] Pátria restaurada [...]"[186] a partir daquele dia da Coroação do Ícone de Aparecida. O mundo em 1904, segundo Pio X encontrava-se assim: "[...] não há mais verdade, não há mais misericórdia, não há mais ciência de Deus sobre a terra. A blasfêmia, a mentira, e o homicídio, e o furto, e o adultério, tudo avassalam".[187]

Corroborando a fala papal, um leigo católico brasileiro apontava Maria como o instrumento contra o "[...] *positivismo* científico e dogmático [...] [que se assenta em] argumentos [...] *materialistas* [...]". [Segundo o articulista Rufino Tavares, o positivismo se articulava com o] "[...] que apregoam os *protestantes* [...]"; [porém, a] "[...] nossa Pátria [se] dirige à sua Egrégia Padroeira]". N. S. Aparecida no combate às doutrinas ímpias, desagregadoras e intrinsecamente males. A Padroeira tornaria a Nação católica infesa às doutrinas pestilentas.[188]

---

[184] ARCOVERDE, Joaquim [d]. "*Oratio*". In: HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, ed. cit.,1905, pp. 37 e 36, respectivamente para as citações entre aspas. Trecho adaptado por mim.

[185] ARCOVERDE, Joaquim [d]. Carta Pastoral [como introdução à *Encíclica Ad Diem Illum* de Pio X]. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1904, [32p]; cit. p. 10.

[186] ARCOVERDE, Joaquim [d]. "*Oratio*". In: HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, ed. cit.,1905, p. 37.

[187] PIO X, [papa]. Encíclica *Ad Diem Illum* [02-02-1904]. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1904, [pp. 31-57 - 26p -; cit., p. 56. **Maria era, para Pio X, o instrumento para enfrentar esse mundo** "*obumbrado*", p. 57.

[188] TAVARES, Rufino. "O Culto de Maria". In: Revista Santa Cruz. São Paulo, Ano IX, nº 8, 1909, pp. 289-291; itálicos meus.

Nestes termos, Yves Déloye afirma, após citar um longo excerto de um religioso para quem "[...] o catolicismo não é simplesmente uma religião, é uma identidade [segundo o cardeal Langénieux da diocese de Reims] que a nação deve preservar sob o risco de colocar em perigo sua própria existência".[189]

Esse aspecto do risco pânico de uma outra identidade que não a cristã, ou mais precisamente, católica para a nação brasileira foi profusamente aplicada pela hierarquia eclesiástica do país.

A cúpula curial elegera inimigos: espíritas, protestantes, praticantes das religiões afro-ameríndias, secularistas etc., como escopo de suas ações.

A análise mais acurada aponta que o Ato da Coroação da Imagem não se restringe à disputa por elementos simbólicos ou mecanismo de enfrentamento da hierarquia aos novos ocupantes do mando laico. Também ia além dos regimes políticos monárquico ou republicano.

Assim, para aqueles que não comungavam pelos cânones ditados pela doutrina do catolicismo ultramontano restava anátema: o outro era entendido como ser pestilento que espalhava e inoculava cizânia por meio das suas doutrinas ímpias; "[...] lobos vorazes [da] discórdia [...]".[190]

Tratava-se do inimigo a ser eliminado. As palavras dos hierarcas não eram apenas retórica, metáforas ou imagens fortes. Elas vão de um rigor absoluto – *anetema sit*; e no respeitante a devoção mariana, ao acolhimento maternal. A audiência do discurso era composta pela "falange de varões", e por uma multidão de caboclos e membros do laicado.

---

[189] A pesquisa do professor da Universidade de Strasbourg III – Sorbonne – tem por mira uma série de manifestações postas em curso na França pela hierarquia católica, em comemoração aos quatorze [14] séculos do batismo do rei merovíngio Clóvis, cuja data da efeméride deu-se em 25 de dezembro de 1896. Tratava-se de "[...] celebrar, em 1896, "as festas cristãs da pátria", a Igreja Católica determina com exatidão o sentido profundo do *Relliement* [religação] [...]". Trata-se do "*relliement* da Igreja ao regime republicano" [p. 510]. O autor aponta a conjugação de dois atores políticos importantes: a alta hierarquia católica e a *intelligentsia*. Cita nominalmente E. Renan como exemplo de uma *intelligentsia* que "[...] insere sua definição [pendular de Nação] sob uma perspectiva voluntarista [o "plebiscito de todos os dias"]"; já para um religioso inaciano, o pe. "J. Pacheu [...] que "a alma da França" deve ao catolicismo, pois "a verdadeira França, que é Cristão, ... [deve] encontrar-se a si mesma em seu destino" [p. 518] que é cristã e católica. Assim, a França se assentava num "passado", era uma "nação", um "solo", uma "língua" e em "fronteiras naturais" etc., tributárias de uma herança católica [p. 518 para as palavras e expressões entre aspas]. Fora dessa herança o que haveria era o caos, como atestava o argumento de inúmeras pastorais que apropriavam, segundo o autor, "o episódio da Comuna e, em seguida, aquele da Primeira Guerra Mundial servem freqüentemente para ilustrar os cataclismos que atingem as coletividades ou nações ímpias". De acordo com Yves Déloye tais aportes são constitutivos de "[...] **uma regressão em direção a uma mentalidade supersticiosa, a sentimentos primordiais ancorados numa sensibilidade e numa pastoral religiosas que representam Deus como um terrível vingador**" [p. 513 – negritos meus]. DÉLOYE, Yves. "A respeito do Ressentimento Identitário – Religião, Passado e Nacionalismo Ideológico na França [Sécs. XIX e XX]". In: BRESCIANI, Stella. *et alli*. [Orgs]. *Memória e [Res]sentimento. Indagações sobre uma Questão Sensível*. Campinas/São Paulo/Brasília; Ed. Unicamp/Fapesp/CNPq, 2001, 554p; pp. 507-528. O leitor aferirá na presente pesquisa elementos que corroboram, para o caso brasileiro, os argumentos da análise da experiência francesa.

[190] ARCOVERDE, [d] Joaquim. "*Oratio*". HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, ed. cit., 1905, p. 36.

Lida em um certame religioso no qual estavam presentes as principais autoridades religiosas do Centro-Sul do país, a mensagem de D. Joaquim deveria ater-se aos aspectos doutrinários, de fé e da devoção mariana à Imagem de Aparecida.

Mas, *o prelado não dirige a sua mensagem unicamente à audiência presente, não se ateve aos aspectos propriamente pastorais, principalmente quando avisa aos homens do Estado brasileiro, referia-se que os sacerdotes deveriam ser co-gestores do poder secular na tarefa de tanger e dominar às multidões humanas.*

O seu *Oratio* opera nesse duplo registro: o convencimento pela ameaça pânica e o argumento afetuoso que lhe aproximava de um imaginário piegas, mas racionalmente elaborados, de modo que o leitor ao percorrer todo o *Oratio* de D. Joaquim observará esses elementos polares ou oposições homólogas do *afeto* amoroso e solar da Mão Aparecida *x* uma *orfandade* engendradora de discórdia e da solidão dos homens nas profundezas da existência humana. O *Oratio* de D. Joaquim nos indica as ferramentas de como lidar com as multidões em termos teológicos: a ameaça pânica e o afeto racionalmente elaborados.

Multidões entendidas pela hierarquia católica no Brasil como rebanho a ser conduzido pelo pastor que a tange com o seu cajado. Este é um instrumento confeccionado normalmente com madeira grossa ou trabalhada; também pode ser vara fina e delgada que se lança sobre o rebanho na correção dos rumos estabelecidos pelo pastor. Outro aspecto do cajado é que ele pode ser entendido como instrumento de proteção, arrimo ou amparo. O pastor guia e estabelece o como, o quando e o porquê para o seu rebanho.

No plano simbólico, instrumentos como o cajado e a figura do pastor desempenham papel importante em termos de imaginário. Sendo o pastor capaz de ver além do imediato, consegue estabelecer os rumos ao seu rebanho. Nas representações figurativas de fundo religioso eles são quase sempre figuras masculinas em idade provecta. Estão sempre topograficamente num plano superior, diferenciando-se também da massa que forma o conjunto que constitui o rebanho. D. Joaquim falou da "solicitude pastoral para que não [seja] invadido o rebanho de Deus [os católicos] por lobos vorazes".[191]

[191] ARCOVERDE, [d] Joaquim. "*Oratio*". HOMEM DE MELLO, [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, ed. cit., 1905, p. 36.

Como já apontou Michel Foucault[192] *o pastor exerce o seu poder sobre um conjunto de entes que os conduz: ele estabelece, dada a sua condição de chefe que ao lançar a sua visão mira além do horizonte, e estabelece o que é melhor para o seu rebanho.*

Essas imagens são copiosamente utilizadas pelas jerarquias religiosas. Porém, **não se restringem ao sagrado**. Mas têm apropriações nos planos social e político. Logo, **elas são constitutivas dos mecanismos de dominação social**.

A compreensão hierocrática de como agir sobre as multidões humanas, nos termos acima apresentados, é o mecanismo da tutela. Assim, falar às multidões e a capacidade de convencimento dessa fala são enfeixadas pelo conjunto de expressões como: emoção, afeto, amor; entusiasmo, piedade, fé; louvor, júbilo, ardor. Têm por fito a unidade uníssona do corpo social. Cuja tradução prática é a dominação social e política. Do exposto, o *Oratio* de D. Joaquim é teológico-político.

O mesmo diapasão condenatório de D. Joaquim Arcoverde era ecoado por membros do laicado católico. Na sua conferência sobre "Maria Imaculada e o Brasil" no Círculo Católico da cidade do Rio de Janeiro, o paulista Brasilio Machado afirma que o dogma da Imaculada Conceição era o anteparo à "[...] degradação do homem [...] contra a protervia indigente do racionalismo [...] contra a impotência do pessimismo [...] contra as pretensões do naturalismo [...]". As falas tanto da alta hierarquia curial romana quanto às dos membros do laicado convergiam para um *locus* centralmente Maria no "[...] Brasil [ela dava nexo] [...] à unidade da religião e dava unidade à pátria".[193] *Assim, Família, Unidade e o Estável são imagens constitutivas dos discursos tanto da hierarquia quanto do laicado.*

Porém, o núcleo do estável e do imperecível é Maria, segundo o registro ultramontano, e Nossa Senhora Aparecida neste país era o seu *locus*.

---

[192] FOUCAULT, Michel. "*Omnes et Singulatim*: por uma Crítica da "Razão Política"" [Conferência proferida na Universidade de Stanford, out./1979]. In: *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, N° 26, Mar./1990, pp. 77-99.

[193] MACHADO, Brasilio. "Maria Imaculada e o Brasil". In: Revista *Santa Cruz*. São Paulo, Ano IV, n°s 9 e 10, 1904, págs. não numeradas. O mesmo mensário trazia, em outros números, anúncio de uma obra de Brasílio Machado cujo título era: *A Instabilidade da Família Mercê do Projeto do Código Civil Brasileiro*. In: Revista *Santa Cruz*. S. Paulo, Ano II, n° 7, 1902.

c.4] O Significado simbólico do Pastor a partir do *Oratio* de D. Joaquim Arcoverde; 1904-1942.

Quadro ""Repouso", de Ado Malagoli".[194]



"Repouso" de Ado Malagoli

O quadro premiado "Repouso", de 1942, evoca o Pastor, tema presente no imaginário social do país e instrumentalizado pelo Estado-Novo. A provável intenção dos promotores que premiaram a pintura não era evocar um mundo pastoril: bucólico, campesino e rústico.

Mas, a figura do homem que dirigi, guia, governa, apascenta, guarda e protege o seu rebanho. No primeiro plano do quadro, o homem repousa, ele acha-se, topograficamente, num plano

[194] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 23, ano III, jan./1943. O mesário informava que "o quadro que hoje abre a nossa revista, de autoria do pintor brasileiro Ado Malagoli, tirou o prêmio de viagem ao estrangeiro, no salão de 1942. Tratas-se de uma obra de verdadeira e sincera expressão artística, cuja publicação aqui constitui mais uma justa homenagem ao seu autor".

superior, o seu semblante é de tranqüilidade, afinal, no segundo plano da cena, o rebanho se apresenta unido e pacífico.

Não obstante, trata-se de uma harmonia obtida coercitivamente.

Afinal, o pastor traz na sua mão direita um bastão, o cajado. Este é instrumento ou signo de um poder exercido mediata a violência simbólica.

O Pastor, no plano simbólico, tange multidões. Estas são entendidas pelas hierarquias religiosas como rebanho a ser conduzido pelo pastor que a tange com o seu cajado.

O cajado é um instrumento confeccionado normalmente em madeira grossa ou trabalhada; também pode ser vara fina e delgada que se lança sobre o rebanho na correção dos rumos estabelecidos pelo pastor. Outro aspecto do cajado é que ele pode ser entendido como instrumento de proteção, arrimo ou amparo. O pastor guia e estabelece o que é bom para o seu rebanho.

Instrumentos como o cajado e figuras como a do pastor desempenham papel importante em termos de imaginário social. Pois *o Pastor é aquele que detém um acervo de conhecimento que o capacita para ir além do imediato*. Ele consegue estabelecer os rumos ao seu rebanho.

Nas representações figurativas de fundo religioso – o que não é o caso do quadro "Repouso" aqui analisado, não obstante tais elementos serem constitutivos do *background* compreensivo, disparado por operações mentais que lhe daria nexo – eles são quase sempre figuras masculinas em idade provecta. Estão sempre topograficamente num plano superior, diferenciando-se também da massa que forma o conjunto que constitui o rebanho.

O pastor estabelece, dada a sua condição de chefe que ao lançar a sua visão, mira além do horizonte, estabelecendo o que é melhor para o seu rebanho. Essas imagens são copiosamente utilizadas pelas jerarquias religiosas.

E podemos afirmar que foram igualmente instrumentalizadas pelos detentores do poder secular num *ethos* compartilhado.

Essas imagens e representações do Pastor e de instrumentos como a do cajado, quando aplicados a um "Pastor secular", numa rede intertextual, como se tentou investir a figura de Vargas a partir dos instantâneos fotográficas aqui analisados, dispararia operações mentais cujos conteúdos assentavam-se em valores cristãos; podemos intuir o seu grau de abrangência e legitimidade em termos sociais e políticos.

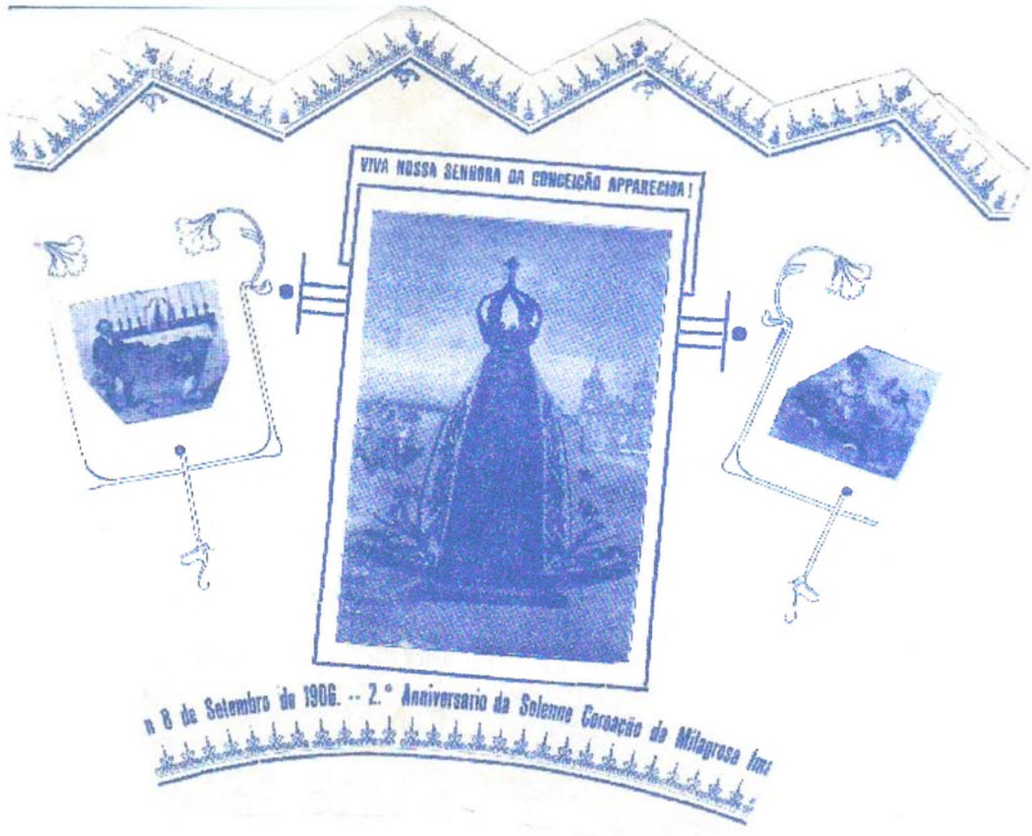
Assim, a mensagem do Pastor relacionada a Cristo apontava a "função retórica" da imagem: isto é, a do retrato exemplar, da *imago*. E a personagem, *retrato vivo* de uma ou das virtudes, *modelo de vida*: *imitatio Christi*".[195]

---

[195] CAPRETTINI, G. P. "Imagem". In: ROMANO, R. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nac.-C. da Moeda, vol. 31: Signo, 1994, 277p; pp. 177-199; cit. p. 194, itálicos no original.

Nessa ordem de coisas, virtudes angelicais e astúcia demoníaca – nos planos secular e religioso – articulam-se em funções pedagógicas e apropriações políticas dessas imagens, aplicadas à dominação social. Como afirmou B. Baczko "os imaginários sociais não funcionam isoladamente, [...] a utilização do simbolismo do sagrado a fim de legitimar um poder"[196] estava dado.

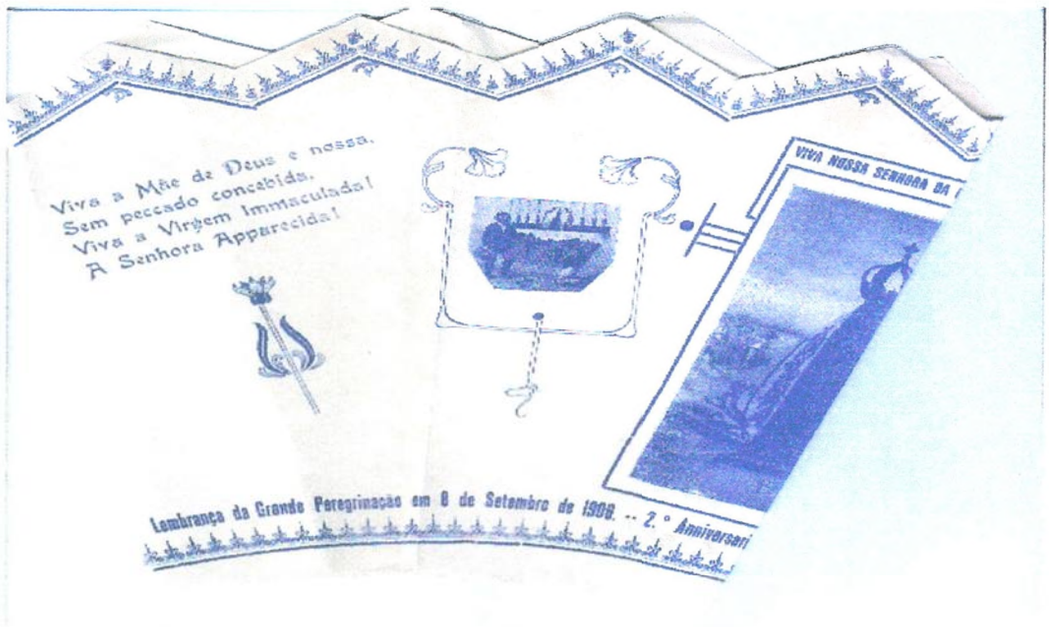
As três imagens abaixo fazem parte de uma "caixa" do ano de 1906 que servia para proteger velas durante as procissões.[197]



[196] BACZCO, B. "Imaginação Social". In: ROMANO, R. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nac.-C. da Moeda, vol. 5: Anthropos-Homem, 1985, 396p; pp. 296-332; cit. p. 312.

[197] *Imagem de Aparecida em 1906* cujo suporte era uma "caixa" [a caixa forma uma pirâmide cuja base mede 7cmx18cm de altura] que os peregrinos de Aparecida utilizavam para proteger as velas acesas durante os atos litúrgicos, e principalmente no percurso das procissões. Original: ACMAp.





Na primeira imagem acima, o Ícone de Aparecida no primeiro plano, porta coroa e está encoberto por um manto bordado. Ao fundo, à direita vê-se frontispício do Santuário; dentro da estampa, à esquerda três homens evocam o momento do encontro da imagem. O rosto do ícone é diferente daquele publicado na *Narrativa da Coroação... de 1904*. À esquerda do Ícone de Aparecida, uma imagem narra a quebra dos grilhões do escrevo – este foi um dos prodígios mais divulgados pela hierarquia – que era seviciado pelo seu senhor: a memória da recente extinção – decorridos apenas dezesseis [16] anos –, o regime escravista é recordado.

Amparo e proteção são evocados – a Virgem Aparecida porta um manto –, pois uma multidão de seres humanos havia sido lançada numa realidade social e histórica que operava pelo cálculo racional das suas ações; assim, a astúcia curial se articulava com a leiga.

No plano secular, *formalmente*, há igualdade etc., porém: *em formação social liberal efetivamente tudo se promete, mas nada se garante.*

Nesta ordem de coisas, recorrer a uma potência divina como Aparecida aponta a apropriação política da sua devoção, a indicar elementos de um *ethos* compartilhado entre catolicidade e liberalismo. À direita do Ícone, a imagem narra o evento do encontro da Imagem de Aparecida com o seu primeiro prodígio: a abundância de peixes nas redes dos pescadores.[198]

No seu "*Oratio*" D. Joaquim se reporta ao encontro da Imagem de Aparecida: ***a origem de Aparecida nos remete a um evento que cruza o dado histórico*** [a presença do burocrata da Coroa português] ***e ação prodigiosa***: fartura de víveres surgida nas redes dos pescadores, após a imagem [...] ter sido recolhida do leito do rio Paraíba".

Assim, o aparecimento, em 1717, saída do fundo do leito do rio Paraíba, a imagem da Conceição de Aparecida, na interpretação de D. Joaquim Arcoverde, ancorada nas fontes da tradição da Igreja católica, cinge hierarquia católica e os fiéis.

Contudo, essa ligação deu-se por motivo específico: foi a partir de uma demanda do Estado português, quando da passagem pelo Vale do Paraíba do "ilustre homem", Conde de Assumar. O poder estatal, via Câmara Municipal de Guaratinguetá, "mandou" os pescadores colherem a maior quantidade possível de peixes para alimentar a comitiva de Pedro de Almeida Portugal, então a maior autoridade do Império Português em terras brasileiras.[199]

Nestes termos, os pescadores, os desclassificados sociais em 1717, ao lançar os seus instrumentos de pesca encontraram e recolheram a APARECIDA, que veio às suas redes dilacerada: num dos lances uma cabeça e noutro o corpo de um Ícone. No plano simbólico a Imagem da Virgem Conceição Aparecida dava unidade ao campo religioso e articulava o tecido social da Nação que a partir de agora tinha uma única Mãe, Aparecida. Ela lhe dava nexo e pertencimento.

---

[198] Há dois textos na "caixa": "Muito felizes, /Nesta e na outra vida, /Si formos sempre devotos, /Da Senhora. Apparecida" e "Viva a Mãe de Deus e nossa, /Sem pecado concebida, /Viva a Virgem Imaculada! /A Senhora Apparecida!". Até em artefatos mais banais como nessa "caixa" que protegia velas acesas, a mensagem dogmática é veiculada: "**Viva a Virgem Imaculada!**".

[199] In: "Diário da jornada que fez o exmº. senhor Dom Pedro desde o Rio de Janeiro até a cidade de São Paulo, desta até as Minas no ano de 1717". *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, Nº 3, pp. 295-316. Cf. também: SOUZA, Laura de M. e. [Estudo Crítico. Estabelecimento do Texto e Notas]. *Discurso Histórico e Político sobre a Sublevação que nas Minas houve no ano de 1720*. Belo Horizonte, Fundação J. Pinheiro, 1994, 193p. Estudo [...], pp. 13-56. Discurso [atribuído à Assumar], pp. 57-193.

Mas não esqueçamos: *após duzentos e oitenta e oito* [288] *anos da emersão do leito do Paraíba do Ícone dilacerado de Aparecida, o que temos na atualidade é um rio assoreado, com a suas margens dilaceradas, em cujo leito escorre um líquido poluído e fétido, um composto de dejetos, resultado da ocupação humana e da exploração econômica capitalista, modelo adotado por suas elites religiosa e secular para a Nação.*

O Ato da Coroação gerou práticas No ano seguinte, em 1905, os administradores do Santuário programaram a comemoração do "Primeiro Aniversário da Coração de N. S. Apparecida". Dentre as várias atividades planejadas, desde o dia 30 de agosto até o 8 de setembro, ápice das celebrações, no 7 haveria a "[...] a comunhão geral dos meninos e meninas [...]".[200] A peregrinação ao Ato da Coroação da Imagem irá gerar romaria anual que doravante demandará em todo oito de setembro ao Santuário de Aparecida.[201] Nesse ano um devoto anônimo mandou imprimir um Hino "*À Nossa Senhora da Conceição Apparecida*". Frise-se no concernente a este documento, que a hierarquia estabelece o "Imprima-se" a partir de 1909.

O documento relata que no ano de 1910 se comemorava o 6º aniversário "[...] da faustosa e inolvidável solenidade da Coroação da prodigiosa imagem de nossa Mãe Maria Santíssima, em seu Santuário d'Apparecida". Informa sobre as inscrições: "haverá dois trens de peregrinos: um de 1ª classe com 460 lugares; outro de 2ª classe com 850 lugares. As passagens de 1ª classe custam 20$000; as de 2ª classe 12$000". Nos valores estavam incluídos: a passagem de ida e volta, distintivos, livros de cânticos, velas enfeitadas e café após a missa. Todos deveriam se apresentar no dia 7 de setembro, "[...] na matriz de Santa Efigênia, às 8 horas da noite". Os trens irão partir agora da Estação Inglesa da Luz, saindo "[...] [o trem de 1ª classe] às 9 horas e 45 minutos da noite do 7 de Setembro, e o de 2ª classe meia hora depois do primeiro". À volta de Aparecida estava programada para partir no dia 8 "[...] o trem de 2ª classe às 3 horas e 15 min. da tarde, e o de 1ª classe meia hora depois".[202]

---

[200] "Primeiro Aniversário da Coroação de N. S. Apparecida". In: Revista *Santa Cruz*. São Paulo, Ano V, nº 9, 1905, p. 553.

[201] *Peregrinação à Basílica de N. S. Aparecida. No sexto Aniversário da Coroação*. S. Paulo, 31/07/1910, 3p.

[202] *Peregrinação à Basílica de N. S. Aparecida. No sexto Aniversário da Coroação*. S. Paulo, 31/07/1910, 3p; cits. entre aspas, pp. 1, 2, 3 e 3, respectivamente.

Em 1931, na sua 20ª edição do Hino "*À Nossa Senhora da Conceição Apparecida*",[203] há um *nihil obstat* do censor e um *imprimatur* do vigário geral da Arquidiocese, apontando a legitimidade eclesiástica. O Hino à *N. S. da Conceição Aparecida* apreende-a como Padroeira da Nação; protetora da Pátria; cita o 8 de Setembro; evocava-se Aparecida a partir da sua proteção maternal, e daí decorria a exortação para que ela velasse pelas famílias – assistência à infância, cura às doenças físicas e d'alma; a obliqüidade da Padroeira foi ressaltada: a ela, indistintamente, todos demandavam, e a todos, indiscriminadamente, ela acolheria. Mãe simbólica da Nação, Padroeira de um país de ordenamento jurídico liberal, que recentemente descartara um contingente de milhões de pessoas como sobras da antiga ordem e que a nova não os queriam, eles aos seus pés se colocavam, "Cheios de fé incendida": forças religiosas e potências do sagrado que Aparecida contêm.

---

[203] "**Coro**: Viva, a Mãe de Deus e nossa, */Sem pecado concebida*, /Viva a Virgem Imaculada! A Senhora Aparecida. **Solo**: No primeiro aniversário, /Da Coroação merecida, /Aos Vossos pés nos achamos /Oh! Senhora Aparecida! Aqui estão vossos devotos /Cheios de fé incendida, /De conforto e de esperança, /Oh! Senhora Aparecida! Nossos rogos escutai, /Nossa voz seja atendida, /Do imo d'alma pedimos, /Oh! Senhora Aparecida! Virgem Santa, Virgem bela, /Mãe amável, Mãe querida, /Amparai-nos, socorrei-nos, /Oh Senhora Aparecida! Visando altos desígnios /Fostes por Deus escolhida **/Padroeira do Brasil**, /Oh Senhora Aparecida! Quem assim vos proclamou /Cumpriu ordem recebida, /Foi inspiração do Céu, /Oh Senhora Aparecida! Protegei a Santa Igreja, /Mãe terna e compadecida, **/Protegei a nossa Pátria**, /Oh Senhora Aparecida! **Velai por nossas famílias**, / **Pela infância desvalida**, /Pelo bem dos Vossos filhos, /Oh Senhora Aparecida! **Aos enfermos dai saúde**, **/Aos transviados guarida**: *Que todos, todos se salvem*, /Oh Senhora Aparecida! **Salve 8 de Setembro!** /Salve data engrandecida! **/No presente e no porvir**, /Oh Senhora Aparecida! **Que sempre, todos os anos**, **/No correr de nossa vida**, **/neste dia aqui estejamos**, **/Oh Senhora Aparecida!** Permiti que fielmente /Tal palavra prometida, /Não deixemos de cumprir, /Oh Senhora Aparecida! Muitos felizes seremos, */Nesta e na outra vida*, /Se formos sempre devotos, /Da Senhora Aparecida! [Itálicos e negritos meus]. *Hinos a N. S. Aparecida. Versos oferecidos à N. S. Aparecida por um servo e devoto na faustosissima data de 8 de setembro de 1905, 1° aniversário da solene Coroação da Milagrosa Imagem da mesma Excelsa Senhora*. São Paulo, 8 de Setembro de 1905. 3 p; negritos e itálicos meus. _____. [1907], 2p. _____. e LARRABURE, J. [Maestro, c/música do mesmo]. São Paulo, 21/07/1909, 4p. _____. [1910], 2p. _____. São Paulo, 06/09/1911, 2p. _____. [1912], 2p. _____. S. Paulo, 26/08/1915, 2p. _____. [1916], 2p. _____. S. Paulo, 28/08/1917, 2p. _____. [1930], 2p. _____. 11 de maio de 1931, 20ª ed., c/nihil obstat do Censor, pe. Ernesto de Paula e imprimatur de mons. Pereira Barros, Vigário Geral, 2p. _____. 1932, 21° ed., c/nihil obstat do Censor, pe. Ernesto de Paula e imprimatur de mons. Gastão Liberal Pinto, Vigário Geral, 2p. _____. 1935. São Paulo, 05/09/1935, 22ª ed., c/ nihil obstat do Censor, pe. João Kulay, e *Imprimi potest* do mons. Ernesto de Paula, Vigário Geral, 2p. _____. 1936, 28/08/1936, 23ª ed., idem, 2p. _____. 1943, São Paulo, 16/06/1943, 25ª ed., Imprimatur d. José, Arceb. Metropolitano, 2p. Não tivemos acesso a todas as edições do "Hino a N. S. Aparecida", mas aos anos acima citados e que estão disponíveis no Arquivo da Cúria de Aparecida. Além do "Hino...", temos nesse conjunto documentos como: a *Suplica à N. S. da Conceição Aparecida. [Por um devoto de N. S.]*. São Paulo, Cardozo, F° & Motta, [1932], 1p.

Em seguida apresento elementos estatísticos nos quais procuro dimensionar a "espessura" da devoção mariana de Aparecida, no espírito acima indicado: aferir "o número" ou a quantidade da adesão à sua invocação como índice e critério constitutivos da modernidade política, conforme indicou a historiadora Michelle Perrot num dos textos da coletânea *Os Excluídos da História*; mas, precipuamente, penso, com base na massa de fontes compulsadas que registram a experiência histórica do Brasil tratar-se, no atinente à opção por Aparecida como a Padroeira deste país, de uma escolha da hierarquia eclesiástica em concerto com o poder secular instituído: o Centro-Sul da Nação estabelecia mecanismos de controle e monopólio do imaginário em termos religiosos, o que lhe garantia a dominação social.

A virgem Aparecida, imageticamente, era o paradigma vicário de uma ordem social ordeira e obediente.

Assim revelando a escolha "pelo alto" típica de experiências políticas autoritárias com neste país: elites religiosa e leiga se irmanavam numa pastoral cujo escopo era despolitizar o social e sacralizar a política. Pois, no entendimento das classes dominantes referidas, a política não poderia ser exercidas pelas massas populares, que agiam segundo aquelas, de modo instintivo [em estado de natureza] ou "animista" [em termos religiosos], logo necessitavam serem controladas, administradas, ao fim e ao cabo, serem tuteladas. Assim, para a nossa compreensão de como a devoção mariana sob a invocação de Aparecida se fez e a tornou Padroeira da Nação, e como Ela passou a ser constitutiva do calendário secular republicano, os elementos apresentados abaixo são fundamentais.

A elevação cardinalística, em 1905, do bispo pernambucano D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, então lotado na arquidiocese do Rio de Janeiro, foi mais dos mecanismos do imbricamento das esferas religiosa e secular, numa pastoral que visava o controle das massas ou o pastoreio do rebanho leigo.

c.5] O Brasil, Nação católico, apresentava-se *às Repúblicas no concerto dos países de regime capitalista de mercado informado de valores cristãos e apontava estabilidade no plano político*: o pastoreio hierocrático que prometia *ordem* e *obediência* do seu rebanho. O significado da elevação cardinalística de D. Joaquim Arcoverde como o Primeiro Cardeal do país e o envolvimento do Estado brasileiro que custeou as despesas dos ritos cardinalísticos.

A eleição e a elevação de d. Joaquim Arcoverde como primeiro cardeal brasileiro e da América Latina, é uma referência importante do processo ultramontano[204] aplicado às práticas religiosas católicas no país e nas relações Igreja-Estado. Esse processo da sua elevação à condição de cardeal teve início em março de 1899, no governo Campos Sales, encerrando-se na presidência de Rodrigues Alves, na administração de Rio Branco no Itamarati,[205] cujo ápice foi a sagração cardinalística de D. Joaquim Arcoverde. Os custos com os gastos do cardinalato foram orçados em

> "[...] 30 mil francos [...]", a serem arcados pelo Itamarati. **As despesas finais somaram** "[...] **38.224 liras** [...]", aproximadamente "[...] 37 contos de réis [...]". **Sendo que** "[...] **25.333 liras** [...], **foram carreadas à Burocracia Curial Romana".** [206]

À análise interna de fontes primárias disponíveis em acervos como o Arquivo Histórico do Itamarati, apontam a necessidade de uma revisão historiográfica para o tema das relações Igreja-Estado nesse período da passagem do séc. XIX para o XX.

Na conjuntura em que D. Joaquim foi sagrado cardeal, já não havia a "*acomodação tensa*", nem o "[...] choque entre hierarquia católica e capitalismo", [207] com indicou um ex-religioso dominicano e analista das relações Igreja-Estado no Brasil, que faz essas afirmações sem compulsar fontes primárias nem documentos específicos.

---

[204] PINHEIRO, Alceste. *O Cardeal Arcoverde e a Reorganização Eclesiástica*. São Paulo, Deptº de História, FFLCH-USP, [Tese de doutorado], 2004, 398 p. Esse processo de centralização não se restringia à instituição católica no país, havia efetivo interesse do poder secular, como mostrou o Alceste Pinheiro no trabalho em tela. Pinheiro apontou como o processo de centralização se operou internamente na Igreja católica, e como se deu a ação do primeiro cardeal do país na reforma da instituição. Especificamente, a respeito do processo da reforma interna da Igreja, há uma análise verticalizada em sua extensão e profundidade, a partir de uma pastoral de cunho ultramontano, por intermédio da ação D. Joaquim Arcoverde o arcebispo do Rio de Janeiro.

[205] Há no Arquivo Histórico do Itamarati na cidade do Rio de Janeiro uma copiosa documentação: cartas, ofícios, memorandos, relatórios, despachos etc., referente às negociações entre o Estado brasileiro e a Santa Sé para a eleição de um cardeal brasileiro. Essas fontes não foram ainda satisfatoriamente exploradas.

[206] Cf. PINHEIRO, Alceste. Op. cit., 2004, pp. 294 e 299, respectivamente.

[207] SILVA, Roberto R. da. *Igreja Contra Estado*. São Paulo, Kairós, 1979, 270p; trechos entre aspas, pp. 71 e 67, respectivamente. O autor faz essas *afirmações de forma genérica*, a partir das teses de Max Weber. Neste trabalho R. Romano da Silva realizou uma leitura crítica do conceito de propriedade, que aparentemente tem matriz marxista. Porém, como apontou recentemente Alceste Pinheiro na sua tese aqui citada, trata-se, efetivamente, de uma leitura neotomista do conceito de propriedade privada. Aliás, bastante lógico, pois o ex-frade R. R. da Silva teve, precipuamente, formação teológica.

Neste sentido, abordagens cujos títulos como *Os Subversivos da República*,[208] mostram-se totalmente não operatórios à compreensão da problemática da ação política dos agentes leigos católicos e poder político liberal daquela quadra histórica.

Nestes termos, a elevação do pernambucano de D. Joaquim à condição de cardeal foi entendida como uma

> "[...] vitória da diplomacia que representa para o Brasil a obtenção do barrete cardinalício para o nosso prelado, é um dos maiores títulos de benemerência que não se podem negar ao atual Governo Tudo conspirava contra nós, desde a separação da Igreja do Estado, até as intrigas de vizinhos poucos leais [clara referência à Argentina, Chile, México etc.]; mas a ação decisiva e influente [...] do Núncio Apostólico, d. Júlio Tonti, [do] Barão do Rio Branco e dr. Bruno Chaves".[209]

Infere-se, da eleição de D. Joaquim, segundo a visão dos homens da diplomacia do Estado brasileiro, ser a sua elevação à condição de cardeal, uma distinção do poder espiritual em relação ao poder secular. Sendo que à época o poder teocrático já era apreendido, pelos homens do Estado, em termos simbólicos. Não obstante, um poder simbólico teocrático que se prestava a coonestar o poder secular instituído. Já há, efetivamente, uma acomodação nos planos religioso e secular, transcorridos dezesseis anos da instauração do regime republicano.[210]

Essa acomodação foi claramente explicitada pelo Cardeal D. Joaquim em entrevista ao *Osservatore cattolico* de Milão em 13 de março de 1906.[211] Ele afirmava a respeito da separação da Igreja e do Estado no Brasil, pois "[...] a separação", no Brasil "obedeceu a um regime muito diverso daquele que animou o regime separativo", a partir de dezembro de 1905,

> "da França. [...], devemos reconhecer que foram movidos por sentimentos de lealdade aqueles que no Brasil promoveram o regime de separação. [...]. No Brasil, os bispos têm reconhecida a sua personalidade jurídica e gozam de efetiva liberdade. [...], entre nós o regime da separação não reduziu a Igreja a uma instituição perseguida".[212]

---

[208] JANOTTI, Maria de Lourdes M. *Os Subversivos da República*. S. Paulo, Brasiliense, 1986, 265p.
[209] "Cartas Cariocas". In: Revista *Santa Cruz*. São Paulo, Ano VI, nº 8, 1906, cit. p. 381.
[210] MAGALHÃES DE AZEVEDO. "O Cardeal Arcoverde". In: Revista *Santa Cruz*. São Paulo, Ano VI, nº 5, Fev. 1906, pp. 241-245. O secretário da Legação do Estado brasileiro em Roma afirma sobre "[...] o extraordinário aumento da influência católica no Brasil nestes dezesseis anos". Assim, se em 1905 a França desferia um golpe à Igreja, separando-se da instituição, a Santa Sé contemplava à América Latina e distinguia o Brasil em particular com a elevação de um cardeal. Cit. p. 241.
[211] *Osservatore cattolico*. Milão, 13 de março de 1906. Entrevista de d. Joaquim Arcoverde na qual o religioso fala da Igreja no Brasil e das relações com o Estado. APUD: Revista *Santa Cruz*. São Paulo. Ano VI, nº 8, 1906, pp. 375-376.
[212] ARCOVERDE, Joaquim [d]. Entrevista ao *Osservatore cattolico* de Milão, em 13-03-1906. Ed. cit., pp. 375-376, cit. p. 375.

Deste modo, reconhecia D. Joaquim: "poderia apenas dizer que o governo brasileiro não se desinteressa perante a Santa Sé das tentativas feitas para que a escolha do primeiro cardeal sul americano recaísse na pessoa de um prelado brasileiro". Nesta ordem de coisas, temos que *as negociações entre o Estado brasileiro e a Santa Sé, as marchas e contra-marchas no processo de eleição do primeiro cardeal brasileiro, revelava uma temporalidade arrastada, a indicar um tempo história que oscilava entre a astúcia dos negociadores e o cálculo político das suas ações e decisões*. Porém, de todo esse processos infere-se que fazer um cardeal brasileiro tinha significados e implicações não só no país, mas desdobramentos no plano político em termos da geopolítica continental.[213] Nestes termos, *o Brasil apresentava-se como nação católica e de regime político republicano* **estável**: *credenciava-se ao concerto dos países Ocidentais de economia de mercado.*[214]

Podemos haurir vários significados da elevação cardinalícia de D. Joaquim. Porém uma deve ser vincada: no concernente às relações Igreja-Estado, a deferência curial em relação ao Brasil é que a instituição romana *se credencia a servir o Estado brasileiro*. Os Católicos, leigos e hierarquia, se irmanam com os liberais detentores do poder e do mando secular numa pastoral cujo escopo era a dominação social.

---

[213] PINHEIRO, A. Op. cit. Para quem trabalha com as relações Igreja-Estado, terá que passar, necessariamente, pelo capítulo "O cardinalato" dessa pesquisa, pois *ele ilumina a questão das relações Igreja-Estado no Brasil na sua dinâmica e processualidade histórica, e como a elite política republicana operava a inserção do país no concerto das nações.*

[214] Juntamente com d. Joaquim Arcoverde foram sagrados, no mesmo Consistório, mais três religiosos com cardeais: os arcebispos de Eger e o de Sevilha, "[...] o primeiro a pedido do Rei da Hungria, e o segundo a pedido de Affonso XIII da Espanha"; e "Octavio Cagiano de Azevedo, Mordomo Pontificio". Porém, uma tensão de cunho político pulsa nos argumentos dos relatos narrados sobre a eleição dos novos cardeais e a situação das relações Igreja-Estado naquele ano de 1905: a França havia formalmente se separado da Igreja. A eleição de Arcoverde é, segundo o relato do Secretário da Legação Brasileira junto à Santa Sé, Magalhães de Azevedo, uma demonstração da benevolência papal em relação ao Brasil, pois se aqui, o Estado estava, por mais de uma década e meia separado da Igreja, mesmo assim "[...] já notei a singular circunstância de distinguir o Papa com a maior demonstração que ele pode dar da sua estima a um país em que a Igreja está separada do Estado, no mesmo Consistório em que protestou contra a lei da separação promulgada em França; mas a originalidade do caso não pára ai. Não existe no Brasil religião do Estado, nosso Cardeal não está entre os chamados de Coroa e formalmente apresentados pelos seus respectivos Soberanos [como caso da Hungria e da Espanha]. [...]; entretanto, a promoção do Arcebispo do Rio de Janeiro por uma deferência sem precedentes, *é evidentemente considerada pela Santa Sé como um ato de amizade*, não só para com o nosso povo, *mas também para com o nosso Governo; tanto é assim que todas as cerimônias oficiais de sua criação*, exceto naturalmente as que por sua natureza se tinham de realizar no Vaticano mesmo, *tiveram lugar na casa da Legação brasileira*". Magalhães de Azevedo também registrava que "[...] foi bom e útil para nós que, além dos artigos publicados na imprensa européia e americana, também *a Santa Sé evidenciasse, até nos pormenores da pragmática, ser esta criação uma vitória*, não só do povo, mas *igualmente do Governo* [...]". MAGALHÃES DE AZEVEDO. Op. cit., 1906, ed. cit., p. 242, trecho adaptado e itálicos meus. Na sua entrevista ao *Osservatore cattolico* de Milão, em 13-03-1906, D. Joaquim se refere à questão francesa, ele afirmava que "[...] no Brasil [...] a separação obedeceu a um regime muito diverso daquele que animou o regime separativo da França. [...], devemos reconhecer que foram movidos [os liberais] por sentimentos de lealdade aqueles que no Brasil promoveram o regime de separação". Entrevista do Cardeal Arcoverde ao *Osservatore cattolico* de Milão, em 13-03-1906. APUD: Revista *Santa Cruz*. São Paulo, Ano VI, nº 8, 1906, p. 375.

Nestes termos, Aline Coutrot aponta os "liames entre Igreja e Estado" e das relações do atores políticos leigos e religiosos. Neste sentido, diz a autora sobre: "identidade cristã e atitudes políticas". Coutrot afirma no concernente à "intervenção do episcopado sobre a vida social e política" da Nação.[215]

Com isso quero acentuar a respeito do papel político que o Vaticano passou a desempenhar a partir de meados do século XIX como fiador de projetos políticos seculares de matriz cristã.

E mais: naquele contexto o Vaticano já havia contemplado os Estados Unidos, Nação não-católica - mas cristã, rica e de população majoritariamente branca - com dois [2] cardeais![216] O primeiro cardeal latino-americano foi o brasileiro Joaquim Arcoverde como vimos acima.

---

[215] COUTROT, Aline "Religion et politique". In: RÉMOND, René. [Dir.]. *Pour une Histoire Politique*. Paris, Éditions du Seuil, 1988, 401p; pp. 287-314; cit, pp. 287, 292 e 297, respectivamente e ss.

[216] Já no transcorrer do Concielio Vaticano, desde 8 de dezembro 1869, por ocasião da votação da questão da infabilidade papal, em 18 de julho de 1870, há a presença de religiosos norte-americanos. Após a aprovação do decreto, "o bispo Fitzgerald, de Little Rock, Arkansas, nos Estados Unidos", ele "saiu do lugar onde estava, ajoelhou-se a seus pés", de Pio IX, "e bradou: "Modo credo, sancte pater" ["agora eu creio, santo pai"]". DUFFY, Eamon. *Santos & Pescadores. História dos Papas*. São Paulo, Cosac e Naify, 1998, 326p; cit. p. 232.

c.6] Romarias organizadas à Aparecida. Dados quantitativos, dimensionamento e significado da adesão devocional, de cerca de 1930 até 1981.

Os dados apresentados nesta seção articulam-se aos demais, como os abordados a partir de 1904 quando ocorreu a Coroação do Ícone de Aparecida até o ano de 1930 [com isso também tenho por fito evidenciar a estruturação e a processualidade histórica do problema: apanhar a historicidade do projeto ultramontano de reforma do catolicismo popular].

Essa abordagem em conjunto à análise da série de documentos, atos litúrgicos, ritos e celebrações que foram constitutivos dos festejos pelos "25 Anos da Coroação do Ícone de Aparecida" os quais apresentam os elementos constitutivos para o que denominamos ***A Construção Racional de Expectativas Messiânicas***, pois a nossa meta é adensar os dados explicativos à compreensão do problema e a sua especificidade em relação ao *ethos* mariano no país.

Igualmente iremos demonstrar com os dados quantitativos que a devoção à Aparecida se circunscrevia ao Centro-Sul do Brasil. Neste sentido, demonstraremos sobre o afirmado com dados estatísticos e mais duas digressões, que são elementos atinentes às romarias organizadas, reportam-se a período anterior aos anos de 1930. Questão que merece ser colocada em relevo é o mecanismo das romarias, principalmente as de origem diocesana, pois elas eram organizadas pela hierarquia e mostraram-se produtivas no incremento do fluxo de devotos ao Santuário, cujo fito era a aplicação de uma pastoral romanizada.

Quadro I – Romarias do ano de 1923.

Número de Romarias:	Cidade:
• 03	São Paulo.
• 03	Rio de Janeiro.
• 01	Belo Horizonte.
• 02	Mogi das Cruzes.
• 02	Tremembé.
• 02	Caçapava.
• 01	Rezende.
• 01	Silvestre Ferraz.
• 01	São Carlos.
• 01	São José dos Campos.
• 01	Jacareí.
• 01	Cruzeiro.
• 01	Campinas.
• 01	Cachoeira.
• 01	Queluz.

Total de vinte e duas [22] romarias vindas de 15 cidades. O meio de transporte foi o trem, pois todas elas chegaram à Aparecida em "trens especiais".[217] O total informado de romeiros é de 17.080. Das três [3] romarias de São Paulo, duas [2] eram de bairros operários: Penha e Belém. A organização das romarias era arquidiocesana ou paroquiana. Os meses de maior afluência foram: setembro com cinco [5] romarias e dezembro também com cinco. Nestes dois meses eram comemoradas as festas de maior relevo de Aparecida. Outra data que se comemorava a festa de Aparecida, o mês de maio recebeu uma [1] única romaria organizada.

Evidentemente, durante todo o ano havia a presença de fiéis, que se deslocavam em grupo ou avulso, mas a fonte registra só o dado coletivo. Como mostra os dados dos quadros acima, a maioria das romarias originava-se nas cidades próximas ao Santuário.

Quadro II – Romarias do ano de 1924.[218]

Números de Romarias:	Cidade:
• 03	São Paulo.
• 01	Rio de Janeiro.
• 03	Mogi das Cruzes.
• 01	Rezende.
• 02	Taubaté.
• 01	São José dos Campos.
• 01	Cruzeiro.
• 01	Jacareí.
• 01	Pindamonhangaba.

Total de 12.430 devotos em quatorze [14] romarias. O meio de transporte utilizado foi o ferroviário. Seis [6] romarias chegaram à Aparecida no mês de outubro. O mês de novembro teve três [3] romarias. E o de dezembro duas [2]. Uma romaria vinda de São Paulo era de fiéis do bairro operário da Penha; e uma outra era composta somente por homens, num total de 320 pessoas. O refluxo de peregrinos foi atribuído aos acontecimentos sociais e políticos ocorridos em São Paulo no ano de 1924.

Quadro III – Romarias do ano de 1925.

Número de Romarias:	Cidade:
• 03	São Paulo.
• 01	Rio de Janeiro.
• 01	Belo Horizonte.
• 02	Caçapava.
• 01	Cachoeira.
• 01	Mogi das Cruzes.
• 01	São José dos Campos.
• 01	São José d'Além Paraíba.

[217] *ANSAp* [esta sigla é: *Almanak de N. S. Aparecida* « Ecos Marianos de N. Senhora »]. Aparecida, nº 2, Ano II, 1928, p. 55 ss.
[218] Dados contidos no *ANSAp*. Aparecida, nº 2, Ano II, 1928, p. 55.

- 01 ..... Barra Mansa.
- 01 ..... Jacarei.
- 01 ..... Taubaté.
- 01 ..... Juiz de Fora.
- 01 ..... Pindamonhangaba.
- 01 ..... Santa Rita/Pompa.

Total de 12.476 devotos. Sendo que o total do ano foi de vinte e oito [28] romarias. Os dados disponíveis informam que dezessete [17] romarias chegaram à Aparecida em trens especiais. A organização dessas romarias era principalmente paroquiana. Das três [3] romarias de São Paulo um era composta de 336 vicentinos. Uma outra com 900 fiéis saiu do bairro operário da Penha. A romaria de Belo Horizonte era composta de 250 homens. O número dos romeiros de Pindamonhangaba[219] não está computado, pois o registro não informa a sua quantidade. Os meses de setembro e novembro receberam cada um quatro [4] romarias; o mês de agosto recebeu três [3] romarias.

No ano de 1925, ano jubilar, foram dadas 94.580[220] comunhões na Basílica.

Quadro IV – Romarias do ano de 1926.

Número de Romarias:	Cidade:
01	Rio de Janeiro.
01	Campinas.
01	Itu.
02	Mogi das Cruzes.
01	Paraíba do Sul.
01	Cachoeira.
01	Barbacena.
01	Caçapava.
01	Tremembé.
01	Miracema.
01	Barra Mansa.
01	São José dos Campos.
01	Varginha.
01	Alfenas.
01	[Santa Rita do] Passa Quatro.
01	Cristina.
01	Taubaté.
01	Descalvado.

A documentação informa que no ano houve um total vinte e três [23] romarias. Sendo que estão denominadas as 17 acima arroladas. Em três delas não há o número de romeiros. O montante de 7.820 romeiros foi o número que a documentação registrou. Nos meses de janeiro e

[219] A documentação informa que essa romaria chegou no dia 29 de novembro de 1925, mas não informa o número de peregrinos. *ANSAp*. Aparecida, nº 2, Ano II, 1928, p. 55.
[220] *ANSAp*. Aparecida, nº 2, Ano II, p. 58.

novembro chegaram três romarias em cada. O meio de transporte foi o trem ferroviário. A organização das romarias foi principalmente paroquiana. Em 1926 foram dadas **72.260**[221] **comunhões na Basílica.**

O cronista informa que a partir do ano de 1926 começa a avultar o número de romeiros que chegam ao Santuário utilizando outros meios de transportes além do trem: "auto-ônibus e caminhões de todas as cidades servidas pela estrada de automóvel S. Paulo-Rio".[222]

Quadro V – Romarias do ano de 1927.[223]

Número de Romarias:	Cidade:
• 03	São Paulo.
• 03	Rio de Janeiro.
• 01	Belo Horizonte.
• 02	Mogi das Cruzes.
• 01	Caçapava.
• 02	Tremembé.
• 01	Rezende.
• 01	Sylvestre Ferraz.
• 01	São Carlos.
• 01	São José dos Campos.
• 01	Jacarei.
• 01	Cruzeiro.
• 01	Caçapava.
• 01	Campinas.
• 01	Cachoeira.
• 01	Queluz.

Total de romeiros 17.380. Sendo que uma [1] das romarias do Rio, a de 27 de maio, foi composta de 430 homens. Os bairros operários da Penha e do Belém na capital paulista mandaram duas [2] romarias. O trem era o transporte pelo qual chegou à maioria dos romeiros à Basílica. Os meses de maior afluência eram setembro [5 romarias] e dezembro [6 romarias].

Quadro VII – [Não dispomos dos dados referentes às romarias do ano de 1928]. **Contudo no ano de 1928 houve 88.822**[224] **comunhões na Basílica de Aparecida.**

O ano de 1929 foi ano jubilar no qual se celebraram os 25 anos da coroação do Ícone de Aparecida. Veja-se à frente.

---

[221] *ANSAp*. Aparecida, nº 2, Ano II, 1928, p. 58.
[222] *ANSAp*. Aparecida, nº 2, Ano II, p. 55.
[223] Dados retirados do *ANSAp*. Aparecida, nº 2, Ano II, 1928, p. 55.
[224] *ANSAp*. Aparecida, nº 4. Ano IV, 1930, p.s/nº. Em 1931 foram dadas 111.785 comunhões na Basílica de Aparecida. Cf. *ANSAp*. Aparecida, nº 7, Ano VI, 1932, p. 19.

Quadro VI – Romarias do ano de 1930.[225]

Número de Romarias:	Cidade:
04	São Paulo.
02	Rio de Janeiro.
01	Porto Alegre.
01	Guaratinguetá.
01	Lorena.
01	São João Batista de Cachoeiras.
01	São José d'Além Paraíba.
01	Roseiras.
01	São João Nepomuceno.
02	Tremembé.
01	Varginha.
01	Carmo da Cachoeira.
01	Cabreúva.
01	Affonso Penna.
02	Taubaté.
01	São José do Picú
01	Barra do Piraí.
01	Três Corações.
02	Mogi das Cruzes.
02	Pindamonhangaba.
01	Guararema.
01	Pouso Alegre.
01	Juiz de Fora.
01	Cotia.
01	Encruzilhada.
01	Paraibuna.
01	Itanhandu.
01	Tremembé.
01	Silvestre Ferraz.

Total de trinta e seis [33] romarias vindas de vinte e nove [29] localidades. Sendo que três dessas romarias eram de Ordens religiosas e uma de Associação religiosa. Uma das romarias de Pindamonhangaba era composta de 150 militares. Do bairro operário da Penha [à época a Igreja da Penha era administrada pelos padres redentoristas], na capital paulista foi uma das romarias de São Paulo; outra também de São Paulo era de Associação religiosa composta apenas de homens. Uma das romarias do Rio de Janeiro era só de homens. O número de romeiros presentes às festividades em setembro de 1929 foi estimado entre 20 a 30 mil. No mesmo período das comemorações foram distribuídas comunhões a mais de 15 mil fiéis.[226]

Várias eram as táticas lançadas para atrair devotos aos Santuários, como o Ano Jubilar, assim com base na movimentação registrada neles podemos dimensionar a devoção à Aparecida. Conforme uma fonte "todas as Festas religiosas, que anualmente se celebram neste Santuário,

---

[225] Os dados do ano jubilar de 1929 estão computados no total do ano de 1930.

[226] Segundo o registrado na *Polyanthéia [...]. 1904- setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929: "nos dias [...] das festas jubilares receberam 15.900 pessoas o Pão Eucarístico", cit. p. 42.

terão, *neste ano jubilar*, um brilho particular, um esplendor extraordinário, como digna comemoração dessa data inesquecível que marcou época no desenvolvimento da devoção a N. Sra. Aparecida. Os favores espirituais serão abundantes; as bençãos do Céu serão copiosas; os benefícios da devoção a Maria serão imensos. Mil louvores a Deus e à Virgem Maria!".[227]

São os próprios Redentoristas que definem o **Ano Jubilar**, o seu significado e mecanismo arregimentador de almas:

> "O **ano jubilar** no Antigo Testamento gozava **por ordem divina de privilégios especiais** e era preenchido de práticas que **contribuíram eficazmente para santificação das almas**. Semelhantemente **há de salientar-se o XXV Aniversário da Coroação de N. S. Aparecida** pelos graças e indulgências que o S. Padre concederá: há de **sobressair por um movimento intenso de romarias, devoções e festejos em louvor da nossa sublime Padroeira**".[228]»

No inventariar das comunhões realizadas na Basílica nos anos de 1914 e 1925, conforme o quadro comparativo, constate-se a eficácia da estratégia eclesiástica colocada em prática nos Anos Jubilares, nas Romarias, nas Peregrinações, em Desobrigas, nas Confissões, em Comunhões, nos Batizados, nas Crismas etc. de romeiros, peregrinos, fiéis e visitantes em geral:

- Ano: 1914 – 37.800 comunhões;
- Ano: 1925 – 94.590 comunhões.[229]

Em termos percentuais o progresso é significativo: 39,96% em apenas 9 anos. Mediante a ação da hierarquia da PEM Aparecida vai se tornando uma potência!

Contudo, aspecto que vale ressaltar é que o crescimento da devoção e da adesão masculina à Aparecida, na condição de associado, tomando apenas como exemplo o Apostolado e o Círculo dos Moços Católicos para 1914, num total de 374 associados; e para o ano de 1925: o Apostolado e a Liga Católica de Homens, total de 882 associados.

Em termos percentuais atingiu-se *42,5%* no aumento de devotos masculinos em menos de uma década.

O projeto eclesiástico para construir uma devoção mariana nos padrões ultramontanos foi se edificando.

---

[227] *ANSAp*. Aparecida, ano III, nº 3, 1929, p. 34, negritos meus.
[228] *ANSAp*. Aparecida, anos III, nº 3, 1929, p. 35, negritos meus.
[229] Revista *Ecos Mariano/Almanak de S. Aparecida*. Aparecida. Número 1, Ano I, 1927, p. 52. Não estão computadas nos números acima as comunhões, para **o ano de 1914**: Apostolado [homens associados]: 300; Arquiconfraria do Rosário [mulheres associadas]: 600; Pia União das Filhas de Maria [associadas]: 90; Círculo Católico dos Moços [associados]: 75; Vicentinos [associados]: 39. Para **o ano de 1925**: Apostado [homens associados]: 572; Arquiconfraria do Rosário [mulheres associadas]: 885; Pia União [masculino e feminino – associados]: 108; União M. Católica [associados] [M ou F?, o texto não deixa entrever de que gênero se trata] : 90;Liga Católica de Homens [associados]: 312.

De acordo com o documento "Estatística do nº de comunhões distribuídas no Santuário desde o ano de 1894 até 1981" temos o seguinte: "**1894** – 100; **1895** – 2.000; **1896** – 7.000; **1897** – 11.000; **1898** – 12.542; **1899** – 9.580; **1900** – 10.000; **1901** – 11.345 [Ano Jubilar...]; **1905** – 15.400; **1910** – 34.500; **1915** – 42.000; **1920** – 57.145; **1925** – 120.855; **1929** – 139.696 [Ano Jubilar ...]; **1930** – 110.785; **1935** – 120.374; **1935** – 120.374; **1940** – 144.300; **1945** – 162.000; **1950** – 269.848 [Ano Santo]; **1954** – 571.256 [Ano Jubilar – C. Mariano]; **1955** – 559.382; **1960** – 712.2568; **1965** – 779.150; **1967** – 889.345 [Ano Jubilar- 250 do encontro da Imagem]; **1970** – 910.000; **1975** – 980.000; **1976** – 1.103.160; **1977** – 1.229.000; **1978** – 1.087.150; **1979** – 1.168.737; **1980** – 1.171.000 [Ida do papa João Paulo II, sagração da Basílica nova]; **1981** – 1.196.000".[230]

Esta fonte cobre os anos desde a chegada dos padres Redentoristas em 1894 até 1981. Flagra-se a ***física do sagrado*** racionalmente organizado, o que significa a sua episcopalização.

Sem esse processo Aparecida seria apenas um entre os vários "centros paulistas de devoção"[231] religiosa. Escrevendo e registrando em fotografias, na década de 1930, a respeito de um desses centros paulistas de devoção popular, o Santuário de Pirapora do Bom Jesus, Claude Lévy-Strauss expressou-se nos seguintes termos sobre a devoção religiosa e a celebração da divindade pelos populares: "uma multidão, em que predominava o sangue negro, ocupava as ruas" da cidade de Pirapora, e que "grupos formavam-se ao redor de indivíduos em transe". O autor de *Tristes trópicos*, ao se referir ao espaço destinado aos ex-votos e peças votivas, colocou entre aspas, num evidente lapso de preconceito eurocêntrico, que "havia lá uma "casa dos milagres"", na qual "as paredes de um salão com vinte metros de extensão eram cobertas de fotografias, ex-votos de miraculados ou de peregrinos solicitando alguma graça do Céu".[232] O membro da comissão francesa que fundou a Universidade de São Paulo, por vias oblíquas?, apreendeu e fez coro, na nossa avaliação, que a celebração do sagrado pelos populares cuja maioria era de "sangue negro", muito próximo da hierarquia romanizada: a devoção popular era animista.

A análise dos dados estatísticos acima sobre esse conjunto de romarias organizadas que vão desde 1923 até o ano de 1930, o que nos possibilita dimensionar tanto o volume anual quanto mensurar a distância percorrida pelos peregrinos até a Basílica, e nos possibilita *calibrar se a devoção a N. S. Aparecida era efetivamente nacional conforme afirmavam os membros da PEM.*

---

[230] Depositado no ABNNAp. A fonte é datada de "Aparecida, 29 de jul. de 1982; JJB. CssR".
[231] FRANÇA, Maria C. *Pequenos Centros Paulistas de Função Religiosa*. São Paulo, Depto. de Geografia, FFLCH-USP, [tese de doutorado], 1972, 227p.
[232] LÉVI-STRAUSS, C. *Saudades do Brasil*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, 225p; trechos entre aspas, pp. 40-42, respectivamente.

c.7] "A primeira romaria que veio de um Estado distante: **a Padroeira do Brasil como sentinela de paz na fronteira da pátria**". Romeiros gaúchos partiram de Porto Alegre em 19 de julho de 1930 rumo à Aparecida. Conclusões preliminares.

Agora faço um comentário sobre a romaria gaúcha do ano de 1930: ela foi a primeira de fiéis sul-rio-grandeses ao Santuário, e segundo a fonte *ANSAp*, era "**a primeira romaria que veio de um Estado distante**".[233]

A romaria porto-alegrense foi organizada no paradigma ultramontano então em curso: D. João Becker o arcebispo de Porto Alegre presidiu as cerimonias que antecederam o embarque dos fiéis. Desde do mês de Maio de 1930 houve uma série de ações para mobilizar a população em torno da futura romaria.

Entre outros mecanismos de chamamento de fiéis, no dia 11 de maio ocorreu procissão e comunhão geral na matriz do Rosário. **Entre os organizados leigos da romaria encontrava-se Darcy Sarmanho Vargas, mulher do presidente da Província do Rio Grande do Sul Getúlio Vargas, que desempenhou papel ativo.**

Segundo o cronista da Basílica, o grupo de romeiros que, partiu de Porto Alegre no dia 19 de julho de 1930, foi um marco para o Santuário e para propagação da devoção mariana de Aparecida no extremo sul do país. A adesão mobilizou fiéis de Porto Alegre e das cidades vizinhas. Foram à capital gaúcha para tomar parte nos festejos, devotos das Cidades de Torres, de Tramandaí [região litorânea], Caxias [serra gaúcha] e Uruguaiana [fronteira com a Argentina].

O fluxo em massa dos fiéis não se deu apenas pela capacidade de ubiqüidade da divindade, o que seria natural para uma Santa, mas pela arregimentação dos fiéis organizados pela hierarquia: Aparecida unia oceano, serra e fronteira no extremo Sul do país.

Neste sentido, constata a expansão da devoção à Aparecida nos limites físicos do território Sul do país, o cronista de Aparecida afirma: "**a Padroeira do Brasil como sentinela de paz na fronteira da pátria**".[234]

Na leitura hierocrática, Aparecida é uma potência! Ela não conhece idade, gênero, classe ou fronteiras físicas; Aparecida, Mãe e Protetora, igualava, nivelava e harmonizava a Nação. Uma formação social fundada em lutas e interesses, ao ser apreendida como um corpo harmônico e uno como nessa leitura teológica a partir da Padroeira da Nação, aponta todo instrumental autoritário que lhe embasa.

Mas para que houvesse o adensamento devocional à Aparecida, narra o articulista, houve todo um trabalho de preparação mediante a propaganda, cuja presença de missionários

---

[233] *ANSAp*. Aparecida, n 5, Ano V, 1931, p.37, negritos meus.
[234] *ANSAp*. Aparecida, n 5, Ano V, 1931, p. 41, negritos meus.

redentoristas no estado fronteiriço foi fundamental: a propaganda ocorreu tanto na capital quanto nas cidades do interior, pois "no interior do Estado conheciam muitas famílias nossa padroeira, mas em geral somente as famílias abastadas".

O depoimento de um estancieiro que participou dessa primeira peregrinação foi paradigmático: "o primeiro peão que [...] [me convidar] para padrinho de uma filha, havia de lhe permitir botar o nome de Aparecida na criança".[235]

Dessa forma a devoção à Aparecida lançava as suas digitais no extremo Sul do país, principalmente entre os humildes que não dispunham de recurso para a viagem até o Santuário. A devoção era principalmente mediada pela Estátua da Padroeira.

Segundo o mesmo cronista a imagem de N. S. Aparecida que havia na Matriz do Rosário, confeccionada em cera e de cor branca, foi substituída por uma de madeira, "cópia exata da verdadeira imagem"[236] existente no Santuário de Aparecida.

Por intermédio das romarias,[237] além da prática de uma pastoral de caráter ultramontano, a hierarquia visava lograr um duplo êxito: adensar o número de devotos que convergiam ao Santuário; e por meio de artefatos como as "medalhas de Aparecida", estampas, santinhos, Almanaques, Jornal, o *Manual do Devoto*[238] etc., que espraiavam a invocação da Mãe da Nação "entre o povo". Mas entre todos esses "artigos" que visavam à propagação e divulgação da devoção de Aparecida, a sua "Imagem Verdadeira" foi a mais importante.

Em relação às romarias, o aspecto fulcral desses mecanismos e ações da hierarquia era: "contribuir para a ***orientação reta*** da devoção", pois o povo é, segundo esse registro eclesiástico, susceptível às práticas animistas e às "superstições" que facilmente se entranham "nas devoções populares". O controle da hierarquia às devoções populares, principalmente em Santuários marianos, foi elemento nuclear à aplicação de uma prática religiosa estabelecida por Roma; noutros termos, a adoção da política ultramontana.

Assim, o mecanismo das romarias era uma tática importante para induzir os devotos aos Santuários marianos e o Ano Jubilar, como já afirmamos, outro. Objetivava-se atrair grandes contingentes humanos, tanto por meio das graças mediadas por Aparecida, quanto das "indulgências

---

[235] *ANSAp*. Aparecida, n 5, Ano V, 1931, p. 41.
[236] *ANSAp*. Aparecida, n 5, Ano V, 1931, p. 38.
[237] Noutro trecho da pesquisa abordo sobre a ida da Imagem para o Rio em 1931, quando o cardeal Leme respondendo a um pe. Afonsino sugere que todos lucrarão com o translado da Imagem, principalmente os administradores do Santuário, pois aumentaria o fluxo de devotos à Basílica, traduzindo-se em óbulos depositados no seu cofre.
[238] Serão utilizadas na pesquisa quatro [4] edições do *Manual do Devoto de N. S. Aparecida*. As dos anos de 1904 [1ª ed]; 1928, 1938 e 1996.

[...] [pois o Ano Jubilar decretado pelo] S. Padre [...] há de sobressair por um movimento intenso de romarias, devoções e festejos em louvor da nossa sublime Padroeira".[239]

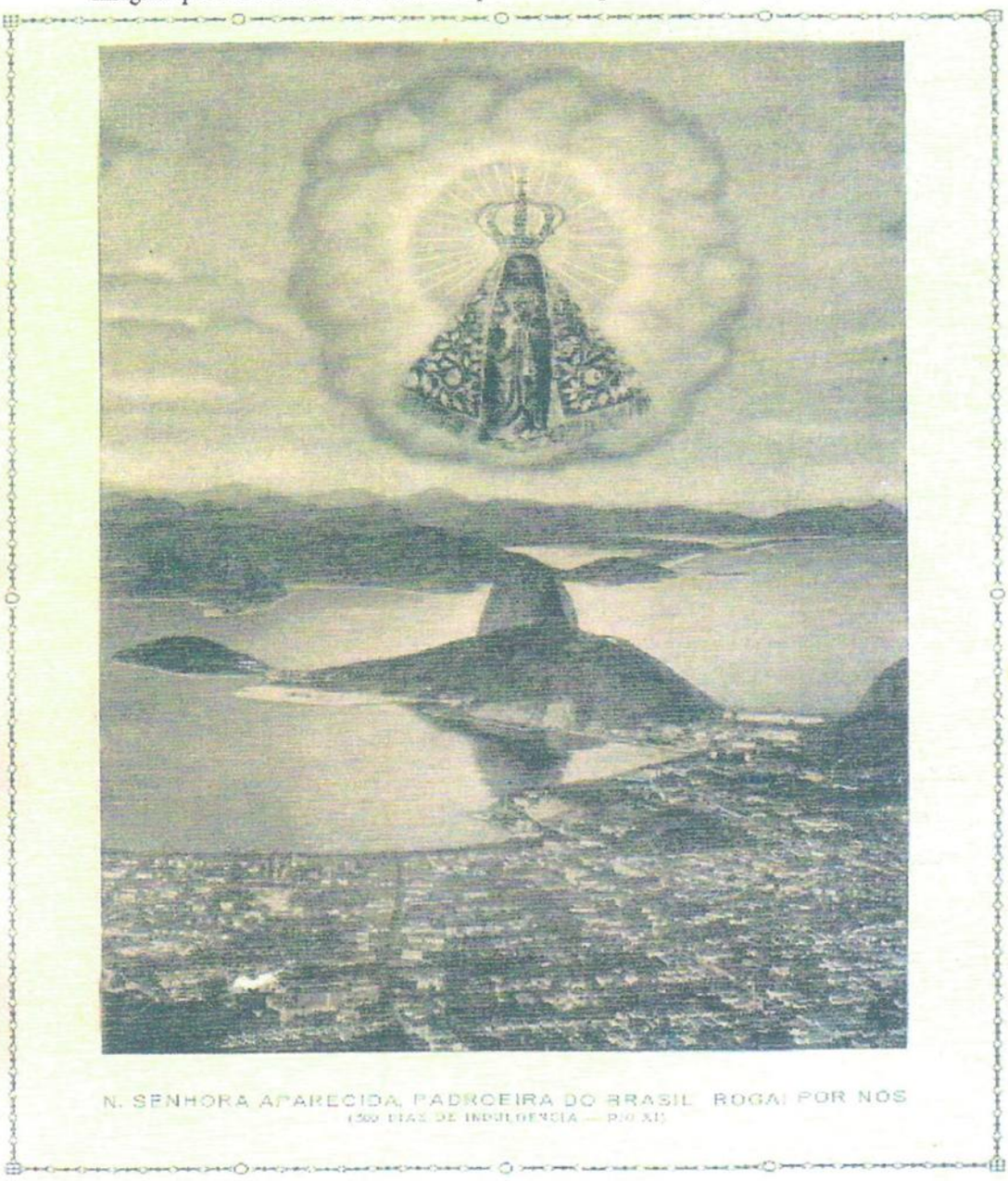
A astúcia eclesiástica não pensava pequeno: interessava-lhe as multidões. A partir do exemplo francês selecionado por este bispo brasileiro, a França que fez a Revolução; executou e baniu religiosos e católicos, secularizou os ritos divinos, laicizou calendário, ou seja, republicanizou o *ethos*; ela foi o país escolhido pela Virgem como a terra onde dar-se-ia à reconversão das almas.

Os dados das romarias permitiram apontar, para o período entre 1923-1930, às conclusões seguintes: a] a presença dos peregrinos se circunscrevem a cidades próximas ao Santuário, e majoritariamente dos Estados, nesta ordem, de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro; b] o número de peregrinos que anualmente demandavam ao Santuário era pequeno, basta que tomemos o número anual de comunhões dadas; c] a organização das romarias, que inicialmente era arquidiocesana, posteriormente passa a ser paroquiana; d] mesmo em ano jubilar no qual havia uma série de desimpedimento, para que o fiel fosse até o Santuário, o resultado era apenas mediano.

A partir de 1930, legitimamente reconhecida por Roma com Padroeira da Nação brasileira, outras estratégias se impunham para massificar a devoção mariana à Imagem de Aparecida. E o hierarca responsável pelas estratégias foi D. Sebastião Leme, arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, e posteriormente cardeal lotado na capital da República a partir do segundo semestre deste ano. O ano de 1931 seria um marco de uma nova prática em relação à Padroeira: os eventos religiosos de massas e a arregimentação de multidões voltadas à Aparecida.

[239] Foram enviadas duas Petições ao Papa pedindo Indulgências Plenária e Parcial aos participantes das Festas Jubilares. Em 11 e 18 de fevereiro de 1929 a Sacra Penitência Apostólica anuiu aos pedidos encaminhados. In: *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 3.

Imagem que evoca a ida da Estátua de Aparecida à capital da República em 1931.[240]



No alto da imagem o Ícone de Aparecida – que lembra ser a mesma imagem publicada na *Poliantéia de 1929* – paira sobre a Baía da Guanabara. Se o acidente geográfico e o seu entorno geravam impacto ao avistá-la, em diferentes pessoas, como o pintor Paul Gauguin, o artista popular Cole Porter; ou no "ascético moderno" o cardeal Eugênio Pacelli que afirmou ser aquele um

[240] *ANSAp*. Aparecida, nº XII, ano 12, 1938.

"cenário maravilhoso" que o havia deslumbrado, de modo que a sua "alma foi mergulhada numa espécie de êxtase encantado".[241]

A presença da Imagem da Padroeira realçaria ainda mais a beleza do lugar, e, centralmente, fazia-se presente no espaço onde se exercia o poder secular. Ela, simbolicamente, governava, velava e apontava o horizonte reto e seguro para os destinos dos seus filhos.

O Ícone não revela uma emoção avivada, ou o manto que lhe cobre o corpo não apresenta nem um índice de tonalidades vibrante ou solar, o que há é uma "*gravis et decora construtio* [a construção grave e majestosa]",[242] conforme o cânone pictórico matriciada no "epicurismo" que se articula às imagens "austeras" originadas "no rigor jansenista".[243]

Há, na cena, alguma coisa de misterioso, de crepuscular, *não obstante a Estátua pairar sobre um cenário natural famoso por ser solar*: Aparecida apresenta-se "assertiva, autoritária, peremptória"[244] como se fosse, colocada as devidas diferenças, uma imagem de Mantegna.Afinal, na condição Padroeira, ela deveria reter qualidades como "*concentus*" [harmonia] e "*austeritas*" [austeridade], articulando-se a uma atmosfera *serena* e *apaziguadora* evidenciada na sua face maternal.

Do conjunto de documentos que compulsei, só encontrei uma única referência sobre a autoria da imagem de Aparecida, ela é do religioso monge beneditino D. Clemente Maria da Silva-Nigra. Ele afirma que:

> "Das piedosas e delicadas mãos do seráfico beneditino carioca, Frei Agostinho de Jesus, unidas na prece e o trabalho do Mosteiro de Santana Paraíba, saiu compassiva e terna a IMAGEM DE N. S. DA CONCEIÇÃO APARECIDA. Suas mãos levam as nossas a se juntarem na fé e na esperança",[245]

Harmonia e *austeridade*; *compassividade* e *ternura*, estas são construções teológicas sobre a mulher.

A sua força se potencializava quando traduzida em imagens, estátuas, ícones etc., se tornado um paradigma.

---

[241] PACELLI, E. "Discurso do Eminentíssimo Cardeal Legado E. Pacelli, em resposta à saudação do Chefe do Governo do Brasil". In: OLIVEIRA, X. de. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Dept. de Imp. Nacional, 1950, p. 53.
[242] ARGAN. Giulio C. *Clássico e anticlássico*. São Paulo, Cia. Das Letras, 1999, 497p: cit. 371.
[243] ARGAN, Giulio C. *Imagem e Persuasão*. Cia. das Letras, 2004, 567p; cit. p. 104.
[244] ARGAN, Giulio C. *Clássico e anticlássico*. São Paulo, Cia. Das Letras, 1999, 497p; cit. 369.
[245] SILVA-NIGRA, Clemente Maria de. [Dom]. *Os dois escultores. Frei Agostinho da Piedade – Frei Agostinho de Jesus e o arquiteto Frei Macário de São Paulo*. Salvador, UFBA, 1971, 87p., cit. p. 23. In: Livro 22 – ACMAp. Cf. também: ETZEL, E. *Imagens Religiosas em São Paulo: apreciação histórica*. São Paulo, EDUSP/Melhoramentos, 1971, pp. 77-82.

d]. *A Construção Racional de Expectativas Messiânicas.*

d.1] A Celebração pelos vinte e cinco [25] anos da coroação da Imagem de Aparecida em 1929. Racionalidade [planejamento, organização, logística e metas a serem alcançadas] ritmada por elementos emotivos. Cúpula romana curial e hierarquia da PEM se unem em evento de celebração mariana.

Imagem de Aparecida veiculada na *Polyanthéia [...]. 1904 – set. – 1929*. Aparecida, 1929.



Apresentado como o *Verdadeiro retrato de N. S. Apparecida*, na sua base há o texto: "a imagem milagrosa foi encontrada em 1717 no porto de Itaguaçu, distante alguns kms. da Basílica atual. Em 1743 erigiu-se a primeira capela de taipa. No ano de 1884 a Imagem foi transferida para a nova igreja, onde se realizou aos 8 de setembro de 1904 sua solene Coroação". Não há referência explícita às questões políticas, mas na *Polyantéia [...]. 1929,* [pp. 42-3], há o registro: "o momento supremo [do evento], esperado por todos e reservado para a grande emoção de todos os corações

amantes da Virgem Santíssima e da *Pátria estremecida*", apontando o contexto de crise pelo qual o país passava.

A hierarquia católica no ano de 1929 celebrou as festas jubilares pelos 25 anos da coração da Imagem de N. S. Aparecida. Ela havia adquirido a condição de Padroeira do Brasil em 8 de setembro de 1904. Programou-se uma série de ritos e cerimônias, transcorridos entre os dias 30 de Agosto e 8 de Setembro de 1929. O ápice dos festejos deu-se no dia 8, pois nesta data, desde 1904, celebrava-se a festa oficial da Padroeira.

Em decorrência de reuniões e de contatos entre os membros da alta hierarquia, uma copiosa correspondência[245] foi remetida tanto aos religiosos do país, quanto à hierarquia romana, comunicando-os e/ou convidando-os às celebrações jubilares. Deste modo, esses certames religiosos organizados pelo episcopado em relação à Aparecida, eram orientados e estavam sob autoridade eclesiástica; esta era assistida e auxiliada por outros religiosos.

Vistos no detalhe, os eventos revelam expressiva *racionalidade*, tendo por base: *planejamento*, *organização*, *logística* e *metas a serem alcançadas*. Racionalidade ritmada por elementos emotivos.

Dado constitutivo dessa *racionalidade-emotividade* e muito valorizado é o elemento sacrifical: o organizador do evento foi o arcebispo metropolitano de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva. Ele passou o mês de abril 1928 em Aparecida num "*trabalho ativo para a escolha dos oradores*". A fonte afirma que D. Duarte estivera em Aparecida para gozar férias, mais abriu mão do seu descanso e ócio, "em sacrifício", para dedicar as suas energias à organização da Festa da Padroeira.

De modo que foram remetidas "2.500 Circulares" às dioceses das duas Províncias Eclesiásticas do país, às autoridades e ao laicado. Não obstante, o Santuário obteve "260 respostas".

O programa e os membros que participaram do certame, era "**resultado de labuta imensa**" de D. Duarte. As cartas-convite, datadas de 16 de novembro de 1928 foram assinadas pelo pe. Antão Jorge, CSSR, do Santuário de Aparecida. Nelas, o religioso afirmava que "não há Estado desde o Amazonas até o Prata que não tivesse recebido graças e não prestasse suas homenagens à sua excelsa Padroeira"; também recomenda a leitura do "Manual do Devoto" de Aparecida, e remetia um exemplar junto ao convite.

---

[246] *Polyanthéia das Festas Jubilares da Coroação da Imagem Milagrosa de N. S. Apparecida. 1904 – Setembro – 1929*. Aparecida, Supplemento do "Almanak de N. S. Apparecida", Officinas Graphicas Santuário N. S. Apparecida, dez. de 1929, 80p; ed. cit. p. 8, negritos meus. **Doravante a referência a esse documento** dar-se-á da seguinte forma: *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Local, ed. cit., seguida da respectiva página. O exemplar do Manual do Devoto de N. S. Aparecida, que o religioso mandou, provavelmente seja da edição: *Manual do Devoto de N. S. Aparecida*. Alemanha, Typographia Frederico Pustet, duadécima edição, 1928, 418p. Exemplar depositado no ACMSP.

Membros da hierarquia dedicavam as suas energias, qual vigília perene, tanto na fase organizacional dos certamos, quanto durante a sua consecução diante de grandes contingentes humanos presentes aos eventos para que tudo transcorresse conforme o planejado, de forma que as metas planejadas fossem atingidas.

O Congresso Mariano merecera o reconhecimento da alta cúpula curial romana. O Secretário de Estado, cardeal Gasparri,[247] saudou os participantes do evento em mensagem remetida ao arcebispo de São Paulo nos seguintes termos:

> "O Augusto Pontífice [Pio XI] recebeu com muita satisfação a notícia de que na celebérrima cidade de Aparecida, honra de v. Arquidiocese, em breve há de celebrar-se um Congresso Mariano por ocasião do 25º ano depois que à insigne Imagem da Imaculada Conceição foi imposta solenemente a coroa de ouro". Na seqüência do parágrafo desta mensagem ler-se que é desejo do papa que "[...] *dia a dia tome um novo impulso entre os povos" a devoção "para com a Mãe de Deus*". Assim, o pontífice "*elogia o plano de realizar um Congresso, para estudar* **os modos e meios de fomentar a devoção à Virgem Maria entre o povo**". Afirma o cardeal e Secretário de Estado Mons. Gasparri "o pai comum [o papa] envia congratulações pela celebração do Congresso [...], e faz votos para que **todos que lá se reunirem em grande número**, qualquer que seja sua posição social, tirem os mais preciosos frutos da salvação. Para conseguir este fim envia de todo o coração, como testemunho de Sua benevolência, a Bênção Apostólica a Vós, ilustríssimo e reverendíssimo senhor, e a todos que tomarem parte nas reuniões".[248]

Vinquemos, a partir desse documento da cúpula romana, que a devoção mariana significava na relação da Virgem com o povo, pois desde o texto lucano do *Magnificat*, **Maria era mediadora e tinha uma profunda ligação com os despossuídos e humildes**. Logo, a astúcia eclesiástica articulava a massa humana em eventos públicos "em grande número" ou seja, as multidões, cuja tradução prática era a capacidade da hierarquia em pastorear grandes contingentes de pessoas. A definição e o significado do Congresso são apresentados, pelos organizados brasileiros, com os seguintes argumentos:

> "Congresso Mariano na Aparecida é o *incitamento forte da devoção à Virgem Imaculada sob o título de Aparecida*. É notório o fato, de que *o culto de N. S. Aparecida, difundido em* **quase todo o Brasil**, se tende a intensificar cada vez mais. *A prova mais evidente está nas romarias sempre crescentes que afluem o seu Santuário, nas promessas* que se fazem à Virgem Aparecida nas horas difíceis, nas *medalhas* de Aparecida que se espalham maravilhosamente entre o povo [...]. Os promotores do Congresso Mariano na Basílica d'Aparecida tiveram o desejo de, além do culto público a se consagrar à Virgem, *contribuir para a orientação reta da devoção* [...], *expungindo toda e qualquer superstições* ou prática menos honrosa a Maria, *as quais com facilidade se introduzem nas devoções populares*. A

---

[247] Monsenhor Pietro Gasparri era um homem de baixa estatura e corpulento, exercera o magistério por 18 anos no Instituto Católico de Paris, onde lecionou direito canônico; possuía talento jurídico. Foi nomeado secretário de Estado em 1914 por Bento XV [1914-1922], permanecendo no cargo por longos dezesseis [16] anos, até 1930 quando foi substituído pelo cardeal Eugênio Pacelli. Foi um dos artífices, em conjunto com Pacelli, futuro papa Pio XII, da política de Concordatas imprimida pela Santa Sé no período. Essa política visava à implantação e adoção do Código Canônico de 1917 nos países concordatários. Gasparri era inimigo do secularismo, do liberalismo político, e **nutria um misto de medo e ódio ao bolchevismo**.

[248] GASPARRI, [Cardeal]. Secretário de Estado, papado de Pio XI. "Mensagem de Bênção do Santo Padre enviada ao Congresso Mariano de Aparecida". Cidade do Vaticano, Roma, 5 de Agosto de 1929. In: *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit, 1929, cit. p. 22, para todos os trechos entre aspas, itálicos e negritos meus.

reunião teve por meta difundir, sistematicamente, em todo a Terra de Santa Cruz **quase todo o Episcopado do sul do Brasil e de alguns Bispos nortistas** e devoção especificidade a N. S. Aparecida, que, declara já Rainha do Brasil, **há de ser ainda, como esperamos, oficialmente declarada Padroeira do Brasil** [...]".[249]

Sabemos que a invocação de Maria sob o título de Aparecida não era unânime no Brasil, pois ela era conhecida apenas em parte do país. O *quase* na citação acima aponta que a devoção se circunscrevia à Província Eclesiástica Meridional. Mesmo a adesão do episcopado dessa Província Eclesiástica ao evento foi parcial. Flagra-se, aqui, uma questão central no concernente à devoção que em breve será a unidade da religiosidade católica da Nação: a adesão de apenas "alguns bispos nortistas", que são os religiosos da Província Eclesiástica Setentrional, pois em sua reposta, datada de 12 de Novembro de 1928, à carta-convite, remetida em 16 de Setembro de 1928, para que tomasse parte nos atos e ritos litúrgicos do Congresso Mariano, D. Manoel, arcebispo de Fortaleza, Ceará, posicionou-se com a seguinte resposta:

"**Aqui no Ceará** há, graças a Deus, muita devoção à Santíssima Virgem, mas **não é muito conhecido o título de Aparecida**. [...], [o religioso augura êxito aos organizadores do certame afirmando que] **ai nesse Santuário** realmente **célebre, e conhecido sobretudo no sul** [do país]".[250]

Assim, a devoção mariana de N. Senhora Aparecida se restringia ao Sul do País, mais precisamente à Província Eclesiástica Meridional [PEM], e centralmente aos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Esse traço permanecerá até meados da década de 1960. Nas cartas-convite, datadas de 16-11-1928 que foram assinadas pelo pe. Antão Jorge, CSSR, do Santuário de Aparecida, nas quais religioso afirma que "[...] não há Estado desde o Amazonas até o [rio] Prata que não tivesse recebido graças e não prestasse suas homenagens à sua excelsa Padroeira", não correspondia à verdade dos fatos.

Assim, ao reafirmar sobre a devoção de Aparecida na condição de Padroeira da Nação, a cúpula eclesiástica da Província Eclesiástica Meridional também reforçava a sua força e poder político em relação ao restante do conjunto clerical do país. Revelando a hegemonia do Centro-Sul deste país não apenas em termos de política secular, mas também religiosa.

---

[249] "Histórico do Congresso" [Mariano celebrado em Aparecida pelos 25 anos da coroação da Imagem de N. S Aparecida]. In: *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed.cit., 1929, cit. p. 23.

[250] D. Manoel, arcebispo de Fortaleza, Ceará, em carta de 12-11-1928 respondendo ao convite formulado pelo Pe. Antão do Santuário de Aparecida para que aderisse às celebrações pelos 25 anos da coroação da Imagem de N. S. Aparecida. In: *Polyanthéia [...]. 1904 – Setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 7, negritos meus. Esse pronunciamento de D. Manoel nega a afirmação de uma pesquisadora carioca. Veja: SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. *A Identidade Posta no Altar: Devoção a N. S. da Conceição Aparecida e Questão Nacional*. Niterói, UFF-ICHF, Dissertação de Mestrado, 1996. Esta autora afirma que a devoção à Aparecida na década de 1930 "[...] já encontrava alguma ressonância na região nordeste", cit. p. 181.

Ora, a região que foi escolhida, selecionada ou eleita para ter uma devoção ali cultuada como constitutiva do calendário devocional na condição de Padroeira da Nação, também tinha outros desdobramentos importantíssimos, como o seu significado simbólico, no caso da devoção de Aparecida, cultuada como *a Mãe* do país.

Aqui um exemplo do que estamos querendo apontar sobre essa elevação à condição de Padroeira. A devoção mariana era centenariamente presente no Brasil. Havia desempenhado papel importante como utensílio mental, força e *estabilidade* psicológica. Neste particular, apontou Evaldo Cabral de Mello sobre a devoção mariana no teatro da Guerra travada entre pernambucanos e Holandês no século XVII:

> "os chefes do movimento [de restauração] haviam timbrado em manifestar seu reconhecimento pela ajuda divina, erguendo igrejas para celebrar a expulsão dos hereges. *O primeiro a dar o exemplo foi o general Francisco Barreto, ao fazer erigir a capela de Nossa Senhora dos Prazeres nos montes Guararapes em comemoração das duas grandes vitórias ali alcançadas.* [...]. Cumprindo promessa feita no momento mais incerto da batalha das Tabocas, Fernandes Vieira, [...], teria feito construir a igreja de N. S. do Desterro [Olinda] [...]".[251]

Nesta ordem de coisas, a escolha de Aparecida como Padroeira e Mãe simbólica deste país assentava-se num duplo registro: remetia-se à devoção mariana de "longa duração", num *ethos* mariano estruturado, e revelava a "opção" da hierarquia da PEM, a partir de 1904, por Aparecida. Neste sentido, desvelava-se a conjugação entre os agentes religiosos e poder secular. O santuário da Padroeira localizava-se no Estado de São Paulo, e estava situado no entroncamento dos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, entes da federação centrais no período da República Velha. Faço aqui, igualmente, uma observação paralela, mas extremamente esclarecedora das relações Igreja-Estado e dos homens que exerciam lideranças nas duas esferas de poder neste período. O promotor do ato da coroação de Aparecida em 1904 foi o pernambucano e arcebispo do Rio de Janeiro dom Joaquim Arcoverde. No ano seguinte este religioso tornar-se-ia o primeiro cardeal do país e da América Latina. A sua elevação ao posto cardinalístico só foi possível graças aos esforços e lutas renhidas travadas por aqueles que detinham o mando e poder no Estado brasileiro, principalmente em relação a outros países latino-americanos. Assim, poderes secular e

---

[251] MELLO, Evaldo Cabral de. *Rubro Veio. O Imaginário da Restauração Pernambucana.* Rio de Janeiro, 2ª ed. ampliada, Topbooks, 1997, 473p; cit. pp. 42-43, itálicos meus. Noutro trabalho este historiador evocou sobre a preservação da "fé católica, o sentimento português e a fidelidade monárquica relativamente à contaminação de valores inerentes à convivência com hereges", estes protestante, judeu etc., lembra "o fenômeno pelo qual, sob a dominação estrangeira, o sentimento nacional tende a proteger-se sob a carapaça do exclusivismo religioso". MELLO, E. Cabral de. *A Ferida de Narciso. Ensaio de História Regional.* São Paulo, Ed. Senac, 2001, 115p; cit,. p. 26 ss.

hierocrático se irmanam numa pastoral cujo escopo era a dominação social. Aparecida seria o *locus* de junção desse projeto de controle sobre a Nação.

Havia em todo o território nacional, desde os tempos da América portuguesa a devoção mariana à Nossa Senhora da Conceição invocada sob uma série de denominações, tais como Nossa Senhora do Socorro, das Dores, do Bom Parto, do Rosário, etc. Nestes termos havia uma profusão de representações da Virgem.[252]

Essas invocações davam-se pela premência das necessidades e agruras cotidianas da população, mas também havia devoção à Virgem ligada ao poder.

---

[252] MOTT, Luiz. "Cotidiano e Vivência Religiosa: Entre a Capela e o Calundu". In: SOUZA, Laura de Mello e. [Org]. *História da Vida Privada no Brasil. Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. São Paulo, Cia. das Letras, 1997, pp. 155-220, 477-480 e 494-496, para a questão em tela p. 164 ss.
Santo Antonio desempenhou papel importante no cotidiano colonial. Conforme o registrado no célebre sermão do pe. Vieira: "Se vos adoece filho: Santo Antonio; /se vos foge um escravo: Santo Antonio; /se mandais encomenda: Santo Antonio; /se esperais o retorno: Santo Antonio; /se requereis o despacho: Santo Antonio; /se aguardais a sentença: Santo Antonio; /se perdeis a menor miudeza da casa: Santo Antonio; /e, talvez, se quereis os bens alheios: Santo Antonio". VIEIRA, Antonio [pe]. "Sermão de Santo Antonio", 1663. In: *História da Igreja no Brasil. Primeira Época*. Petrópolis, Vozes; São Paulo, Paulinas, Tomo II/1, 442p; cit. p 351.
Luiz Mott, em ensaio de comentário bibliográfico sobre Santo Antonio, aponta os diversos planos da existência humana nos quais se invocavam o Santo, onde ele se fazia presente no período da América portuguesa, e evidencia a performance do "mais célebre de todos os filhos de Portugal" no papel de militar. Cf. MOTT, L. "Santo Antônio, o Divino Capitão-do-mato". In: REIS, João J. *et alii*. [Orgs]. *Liberdade por um fio. História dos quilombos no Brasil*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, pp. 110-137; cit. p. 111.
O franciscano lisboeta desempenhou performance importante no imaginário religioso do Império colonial português. A suas imagens foram massivamente difundidas na África, na América etc. Em África os seus ícones eram confeccionados em metais como "cobre, latão, ferro e outras ligas de ferro" etc. além dos em madeira; elas formavam par com "pequenas imagens" de "Nossa Senhora". Cf. SOUZA, Marina de M. e. "Santo Antonio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro". In: *Revista Tempo*. Niterói, Rio de Janeiro; UFF, Sete Letras, nº 11, 2001, pp. 171-188; cit. p. 176. Segundo a autora "os Santo Antonio de nó-de-pinho são, eles mesmos, objetos mágico-religiosos, por meio dos quais os homens mantiveram relações com o sagrado e com o sobrenatural", p. 188. Outros signos imagéticos religiosos como "a cruz", p. 178, eram anteriores à chegada dos cristãos católicos no continente africano, e segundo as práticas culturais principalmente entre os Bacongo, ela era o artefato de cunho mágico-religioso que tinha a capacidade de estabelecer pontes entre os planos transcendentes e imanentes – o celeste e o terreal; o solar e o noturno etc. A historiadora lembra sobre a presença do santo no Brasil, e, especificamente na região "do Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo", p. 180.

d.2] Os ritos e celebrações da Semana mariana em setembro de 1929. *Exortações e cânticos; hinos e ladainhas, ave-marias e jaculatórias* ritmavam sessões de estudos, conferências e procissões, criavam um ambiente e proporcionavam *uma atmosfera onírica e mística*: operavam-se *laços de coesão e pertença* aos ritualistas *num período histórico de mutação social*.

Estampa de Aparecida da década de 1930.[253]



O Ícone de Aparecida coroado porta manto azul bordado com motivos florais em dourado. O rosto da Estátua não é o mesmo da chamada "imagem verdadeira" da Padroeira.

[253] A imagem fazia parte da "folhinha de N. S. Apparecida", impressa pela Cia. Melhoramentos..

Os esforços e as ações dos organizadores do Congresso Mariano de 1929 tinham por escopo obter de Roma a legitimidade curial para que Aparecida se tornasse e fosse "[...] **oficialmente declarada Padroeira do Brasil** [...]".[254] Para todos os dias do Congresso Mariano havia uma extensa programação: Novenas, ritos com a saudação ao papa, cânticos e hinos à Aparecida, a ter início das 7 horas da manhã até a noite, às 20 horas, quando começava uma série de cerimônias. Assim, "às 18 horas haverá diariamente novenas solenes que antecediam conferências religiosas".[255]

Deste modo, às seis horas da tarde, momento de passagem, boca da noite, hora da ave-maria; era o momento de recolhimento, de meditação, de introspecção e de contato com a divindade. Jaculatórias como a abaixo eram repetidas à exaustão:

> "**Senhora d'Aparecida, /Milagrosa Padroeira,**
> **/Sede nossa Guia. Nesta mortal carreira**".[256]

Executaram-se Ave-Marias de autores famosos como "Carlos Gomes, Luige Luzzio, Mercadante, Francisco Rego, Gregório de Rezende, Anunciação Lorena etc.", cantadas por solistas e coro que "eletrizaram" os ouvintes. Deste modo, jaculatórias, ave-marias, ladainhas, exortações, cânticos e hinos criavam um ambiente e proporcionaram uma atmosfera onírica e mística.

Esse clima de encantamento envolvia os membros dos grupos participantes, e lhes incutia fortes laços de coesão e pertencimento. Para Pierre Ansart a questão do "**afeto**" era elemento engendrador de reciprocidade e pertença, principalmente em "périodes de grande mutation sociale".[257] O ano no qual se deu o jubileu da coroação de Aparecida; a situação social, política e econômica daquele contexto histórico; os acontecimentos políticos do ano seguinte, 1930, consubstanciaram-se nos "novos" gestores do poder político nacional.

Como veremos ao longo da pesquisa, **a questão do afeto é central. Os argumentos teológicos concernentes à Padroeira da Nação apontavam: ela é maternal, e carinhosamente protege e aninha sob o seu manto os seus filhos, os membros da Nação.**

Em ritos como a comunhão "das senhoritas, especialmente das Filhas de Maria" e missa celebrada por prelados de dioceses da Província Meridional nas cerimônias do dia 5, todo um clima

---

[254] "Importância da proclamação de N. S. Aparecida como rainha e padroeira: união indissolúvel entre Religião e Pátria, N. S. Aparecida e Brasil – Unidade Nacional". In: *Polyanthéia... 1904-1929*. Ed. cit., p. 46, texto de Lacerda de Almeida, membro do laicado.

[255] "Programa das festas jubilares". In: *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, pp. 8-10, negritos meus.

[256] *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro* – 1929. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 11, negritos meus.

[257] Este autor trata de modo exemplar da questão da "coesão dos grupos" em: ANSART, Pierre. *La Gestion Des Passions Politiques*. Lausanne, Éditions L'Age d'Homme, 1983, 152p ; cit. p. 25 ss.

de coesão foi executado.[258] Assim, a Virgem Aparecida, a hierarquia e os fiéis eram enlaçados por louvores.[259]

O rito que abriu o Congresso foi a "Comunhão Geral das Filhas de Maria". Naquela manhã, de 5 de Setembro, como que distinção da divindade para com seus fiéis, tudo remetia a um cenário de "encantamentos" no qual se desenvolveu "um espetáculo extraordinário" que ultrapassava "o deslumbramento da luz, [...] a pureza do azul", protagonizado por "flores abotoadas, num advento de primavera", pois "nada existia na natureza" que pudesse ser comparado ao "arrebatamento" e à "empolgação" presenciada na "Comunhão Geral das Filhas de Maria", qual agapetas.[260] Deste modo, as filhas de Maria dirigiam-se à Basílica:

> "Sós, em pequenos grupos, ou grandes turmas, passavam, *sorridentes e pressurosas*, como um bando feliz de *aves brancas num vôo ascensional, em demanda da luz*. Vinham *todas se congregar no alto da colina*. [...], [elas com] *a alma cheia de flores* [...], eram Filhas de Maria de Aparecida, Guaratinguetá, Lorena, Cachoeira, Cruzeiro, Pindamonhangaba, representantes de S. Paulo, do Rio e de muitas outras cidades. *Todas, num ordem perfeita, dispostas em alas numerosas, estendiam-se, na largura da Praça, em frente à Basílica*. Era um *batalhão gerido, irmanado* no desejo de *homenagear, com efusão*, Aquela, que dentro em pouco seria proclamada Rainha dos Brasileiros. Prostradas, *com recolhimento*, [...] *todas, num só voz, recitavam e cantavam hinos* jacundos a N. Senhora. [Deste modo, formou-se] *um ambiente muito místico*. [...], [e no] momento da comunhão [...] [configuraram-se] *cordões intermináveis de jovens*, [...] *um rebanho de alvas ovelhinhas* [...]"[261]

No dia 6 de Setembro, [logo cedo, quase ao alvorecer, como no dia anterior os ritos tiveram início, assim, talvez, a hierarquia quisesse indicar o seu controle sobre a multidão de devotos que respondia à suas indicações de forma ordeira a partir da devoção à Aparecida], às 7 horas da manhã, houve comunhão geral "das senhoras".[262]

---

[258] Os ritos do dia 5 de Setembro, a missa e o sermão, foram celebrados pelo "bispo d. Benedicto Paulo Alves de Souza, do Espírito Santo".

[259] *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, pp. V-VIII. Aqui uma série de Hinos e Versos à Virgem Aparecida e ao Episcopado Brasileiro: em imagem gráfica, p. V: do Alfa ao Omega [do início ao fim...], Aparecida *Lux Mundi* é invocada como a divindade capaz de dirimir, a partir do seu exemplo, os dissensos entre os homens. No plano político, o exemplo da França reconquistada pela Virgem é citado.

[260] SALGADO, Annita. "Comunhão Geral das Filhas de Maria". In: *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit. pp. 23-24. Entre aspas, p. 23.

[261] SALGADO, Annita. *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, pp. 23-24, itálicos meus.
Entre as páginas 28 e 29 da *Polyanthéia [...]. 19004 – setembro – 1929*, há uma folha não numerada com fotos das oradoras que apresentaram teses durante o Congresso. No verso da folha há instantâneos fotográficos que registram o interior da Igreja de S. Benedito. Uma foto plasma o momento no qual a tese "A mocidade e a escola" é apresentada por Idathy de Azevedo. O número de presentes era pequeno. **O público** era majoritariamente **composto por mulheres, sentadas em perfeita ordem e vestidas com apurado decoro, conforme o desejo da hierarquia**; conta com a presença de pelo menos sete [7] prelados. Entre eles há uma figura de religioso de costas para quem olha a imagem, sentado à mesa, à esquerda da foto, que indica ser o então bispo coadjutor da Diocese Rio de Janeiro, d. Sebastião Leme. A ele coubera a direção dos trabalhos nas sessões femininas.

[262] À D. Antonio dos Santos Cabral, arcebispo metropolitano de Belo Horizonte, coube os trabalhos desse rito.

No período da tarde, na Igreja São Benedito, houve a "secção feminina", com a apresentação de três teses, desenvolvidas por membros do laicado feminino, abordando desde a devoção "verdadeira ou falsa" à Maria até "a mocidade e a Escola", evidentemente sob a proteção de N. Senhora Aparecida. No dia seguinte, 6 de Setembro, deu-se a "Comunhão Geral das Senhoras".

Logo cedo, aquela manhã "apresentou-se perfumada", qual um cenário idílico e paradisíaco, onde se entoou "hino entretecido de risos e flores: era a homenagem da natureza à Virgem Aparecida, que colocada à frente da Basílica [...], ia receber o preito de gratidão das senhoras brasileiras. [...]. [Contava-se] *número avultado de senhoras* [...] *com toda a piedade, devoção e entusiasmo.* [...]. [Na cerimônia] que se prolongou até perto das nove horas, *reinou a mais impecável ordem*".[263]

No concernente às teses apresentadas neste dia destacamos a da professora Maria Francisco de Moura, de São Paulo, que tratou de "A Pia União, uma ótima escola para a formação do lar", pois a julgamos reveladora de uma série valores caros à hierarquia católica: a mulher agindo sob o paradigma mariano a partir dos valores católicos de união e do casamento, e respectiva maternidade, e lares católicos seriam o modelo da *estabilidade social.*

Às conclusões da tese,[264] em número de seis, direcionavam-se para que "todas as moças se *alistem*" em Associações religiosas próprias, pois desse modo a mulher "se preservará eficazmente do contágio do nosso século"; ela deveria observar "escrupulosamente" que os seus "divertimentos, vestuários e leituras" reportar-se-ão ao que foi estabelecido pela norma e pelos diretores da Associação à qual estivesse veiculada.

Os argumentos, aqui apresentados por uma leiga, giravam e indicavam ser a *tutela* do homem em relação à mulher *o valor ressaltado.* Nos excertos acima, relativos aos dois ritos da comunhão das mulheres católicas, as imagens femininas que emergem e das quais se pode haurir: jovens são vincados os valores atinentes à *pureza*, cujo modelo são 'aves' brancas ou reses alvas, 'ovelhinhas', alegres e em azáfama de contentamento e júbilo num itinerário que almejava às alturas e tinha por escopo a luz da divindade.

---

[263] *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929.* Aparecida, ed. cit., 1929, p. 26, itálicos meus. A missa campal que cuminou na Comunhão Geral foi celebrada d. Octávio Chagas de Miranda. O bispo de Belo Horizonte, d. Antonio dos Santos Cabral, leu trechos do Evangelho durante o ato litúrgico.

[264] As teses apresentadas por mulheres leigas aparecem apenas em resumos na *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*, sendo que as teses desenvolvidas por homens, em número de seis [6], além dos resumos, foram publicadas na íntegra: três de religiosos e três de leigos. Entre estes, um ex-presidente da República e um deputado que já fora ex-presidente [Governador] de Estado. Além da reprodução de um artigo publicado na grande imprensa, de autoria de um jornalista católico que estivera presente às celebrações.

Para *a mulher adulta* o *sacrifício*[265] é ressaltado de modo indireto, pois desde as primeiras horas do dia até quase a metade da manhã, elas permaneceriam na mais absoluta *ordem*, como já o fizeram as jovens: *em recolhimento ritual*. Indicavam, deste modo, que internalizavam os valores cristãos e os apresentavam no espaço público. Como corolário dessa prática ritual é que ela legitimavam o que havia sido sancionado pela hierarquia para o corpo dos aderentes católicos. Já no dia 2 de Setembro, falando nas Conferências Religiosas, o bispo de Pouso Alegre, D. Octávio Chaves de Miranda abordou

> "[...] as maravilhas operadas nas Missões Redentoristas e nas Romarias pela Virgem Aparecida". [Assim], o Brasil, mais do que nunca, precisa de sua proteção [Aparecida]; e no Brasil, mais que todos, *a mulher brasileira*, cujas virtudes tradicionais vão sendo abaladas pelas correntes maléficas no mundanismo moderno. Oremos, pois, *a N. S. Aparecida*, pois só ela pode deter a onda de lama que caminha. *Só ela pode salvar esse tesouro da simplicidade, da candura e da virtude, que constitui a maior riqueza do Brasil*".[266]

Deste modo, reforça-se mais uma vez: Aparecida é o paradigma. O seu exemplo, o roteiro a ser imitado: a mulher brasileira vista como *simples*, *cândida* e *virtuosa*, deveria mirar-se em Maria como mecanismo para torná-la infesa às "correntes maléficas" da modernidade; contra as "doutrinas dissolventes", tais como o "Protestantismo, o Espiritismo, o ateísmo político, [...] o laicismo etc. etc. etc.".[267]

Todas essas cerimônias e ritos eram pontuados e ritmados por cânticos e hinos. A Basílica de Aparecida, essa força centrípeta, era o centro[268] de convergência que dava nexo às forças e ações humanas.

As Conferências Religiosas[269] desenvolvidas durante as festas jubilares contaram com a colaboração de destacados ou "ilustres", como eles se classificavam, membros do clero nacional e

---

[265] Nesse particular, a pena papal produziu uma copiosa literatura sobre Maria entre 1854 e 1969, quase quarenta documentos. Ela, mesmo nas fontes produzidas tanto no Vaticano II quanto em Encíclicas de Paulo VI e outros, a partir de seu exemplo *maternal* e *obediente*, representavam paradigma a ser seguido pelas mulheres.

[266] *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p.15, itálicos meus.

[267] Essas são palavras do bispo de Jacarezinho, d. Fernando Taddei. *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 12.

[268] A questão do "Centro" religioso e do simbolismo por ele informado será trado no capítulo Monumento.

[269] Após as Novenas, tomaram parte nestas Conferências Religiosas os seguintes religiosos: "Dia 30 a 31 de Agosto – [...] o bispo d. Fernando Taddei, de Jacarezinho, Paraná. Dia 1 de Setembro [...] o bispo d. Alberto José Gonçalves, de Ribeirão Preto, [São Paulo]. 2 de Setembro [...] o bispo d. Octávio de Miranda, de Pouso Alegre, [Minas Gerais]. Dia 3 de Setembro [...] o bispo d. Francisco de Campos Barretos, de Campinas, [São Paulo]. Dia 4 de Setembro [...] o bispo d. José Carlos Aguirre, de São Carlos, [São Paulo]. Dia 5 de Setembro [...] o bispo d. Ranulpho da Silva Faria, de Guaxupé, [Minas Gerais]. Dia 6 de Setembro [...] o bispo d. Áttico Eusébio da Rocha, de Cafelândia, [São Paulo]. Dia 7 de Setembro [...] o bispo d. José Maurício da Rocha, de Bragança Paulista, [São Paulo]". In: *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 8.

tinham por fito ir além do "Entusiasmo religioso, [...] [ultrapassar as] preces piedosas, [...] [não se ater apenas à] sedução momentânea, mas havia de ter por *base [atingir] a convicção íntima da alma do crente*". [Lembra o autor do texto o exemplo do Apóstolo para quem] *"Fides ex auditu", a fé vem pela audição, pelas pregações* [...]".[270]

Nestes termos, o proselitismo das pregações tinha a Padroeira como escopo em diversos aspectos: "Aparecida no céu", "Aparecida na terra"; "Aparecida no Brasil"[271] etc. Desvendando-se, assim, do discurso de matriz teológica, os nexos teológico-políticos: a ubiqüidade da divindade que a todos envolve e a tudo abrange. O sagrado e o divino nas suas dimensões terrenas. Igualmente, pulsa em argumentos com *"Fides ex auditu"* o latente desejo teológico da conversão absoluta: a *metanóia*. Esta visa o homem como um todo, a internalizar a mensagem de origem teológica. *Ipso facto*, mensagem teológico-político. O bispo de Campinas, D. Francisco de Campos que falou no 3 de Setembro, quinto dia das Novenas, traçou um paralelo entre as devoções marianas de Lourdes e Aparecida. O religioso lembra que tanto na França quanto no Brasil "[...] a Virgem apareceu sob o [...] título de Imaculada Conceição. [...]. Em Lourdes aparece N. Senhora a uma menina; aqui milagrosamente em imagem aparece a bons pescadores". De uma parte *infância* e *inocência*, de outra *rusticidade* e *simplicidade* dos homens. Estes são os traços distintivos dos eleitos da divindade. Não obstante, registra outro religioso, Aparecida sempre consola e protege, pois é a mãe que "acolhe a todos ["dos mais longínquos recantos do sertão"; "o roceiro simples e ingênuo"], até [aqueles] dos grandes centros de maior civilização e progresso ["o mestre e o doutor"] com igual clemência, *sobre todos estendendo o seu manto caricioso e maternal*".[272]

D. Francisco aponta as dificuldades iniciais da devoção mariana em Lourdes que só adquiriu desenvolvimento a partir de 1867, quando "começaram as peregrinações; de tal modo que até 1903, houve 4271 peregrinações", carreando para o Santuário o expressivo número de

> "Cerca de 3.800.000 romeiros. Hoje vão a Lourdes cerca de um milhão de peregrinos. [...]. Os peregrinos são atraídos para Lourdes pelo desejo de conhecer o lugar abençoado onde apareceu a Virgem, e também para beber da água, que, por sua ordem, provocada pelas mãos de Bernadete, brotou do solo junto a Gruta. [...]. Essa água que no princípio era pequeno fio, aumentou de forma que a produzir 122.000 litros por dia".[273]

O mesmo prelado constata que os inimigos da Igreja acusaram-na de fraude em relação à água no referente a sua origem e composição. Porém, diz o bispo que nada foi constado. Assim,

---

[270] *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 11, Itálicos meus.
[271] *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, pp. 11-21.
[272] LEOPOLDO E SILVA, Duarte. [Arcebispo metropolitano de S. Paulo]. "Circular da Promulgação do Jubileu [...]". In: *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, pp. 4-5, Itálico meu.
[273] Narrativa de d. Francisco de Campos Barreto. In: *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 16.

"[...] a água da Virgem, nessa água, que pelas torneiras é entregue ao público e que nas piscinas serve para os doentes se banharem. É ai nesses banhos, que com freqüência registram curas milagrosas [...]. De 1.000 a 1.500 banhos diários são fornecidos ai aos doentes". D. Francisco, que esteve no Santuário de Lourdes em 1924 e se serve dessa experiência para a sua narrativa, lembra que o ápice das romarias eram as "[...] procissões do Santíssimo a qual cada doente recebe a sua bênção individual". O bispo de Campinas afirma que num só dia abençoou aproximadamente "500 doentes" naquela sua estadia no Santuário francês. Segundo o prelado, os inimigos de Deus e da instituição romana não cessam de acusá-la de mistificação. Aos opositores responde que "só o milagre explica no pequeno período de dez anos mais de 500 tuberculosos, 100 cegos e 80 cancerosos tenham-se curado em Lourdes". Porém, deslocar-se em romarias aos santuários, quer em Lourdes ou em Aparecida, de acordo com o religioso "*Não é propriamente a cura dos corpos, mas sim a ressurreição das almas mortas pelo pecado. Penitências, orações, procissões é o que pedia a Virgem. Conversão das almas é o fim principal de Lourdes como de Aparecida.* Tudo o mais é meio da bondade da Virgem para o fim último da salvação das lamas".[274] Esta realidade ocorreu na "Era" em que as "explicações científicas plicadas aos fatos sociais" tornaram-se hegemônica.[275]

---

[274] BARRETO, Francisco de C., [dom]. *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929.* Aparecida, ed. cit., 1929, p. 17, itálicos meus.

[275] HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital.1848-1875.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed., 1982, 343 p; p. 261-285. Em outros volumes de suas "Eras" o historiador inglês trata dessas questões, como em: HOBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções. Europa. 1789-1848.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 4ª ed., 1982, 366 p; pp. 239-274. _____. *A Era dos Impérios. 1875-1914.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 4ª ed., 1988, 546p; pp. 363-381. Neste volume o historiador abre o capítulo "Razão e Sociedade" com a epígrafe "Eles acreditavam na Razão como os católicos na Virgem Maria", cuja autoria é de Romain Rolland. A crítica do historiador inglês tem por alvo as aporias da racionalidade. Esta aparece, segundo o historiador, como um dogma, pois todas as manifestações do espírito são, por meio da "ciência", submetidas ao seu crivo.
Uma série de posições da Igreja Católica no século XIX foram assinaladas em alocuções de consistórios e cartas apostólicas, nas quais se condenavam toda e qualquer modernidade, quer no campo social, quer no intelectual e simultaneamente eram reafirmados nos princípios da Instituição Romana e da autoridade do papa, cuja sua infalibilidade torna-se dogma. Elas foram enfeixadas na Encíclica *Quanta cura et Syllabus* do Papa Pio IX, em 1864. Uma historiadora afirma que, mesmo após 1789 – nos planos científico - o dos saberes médicos e o da política burguesa – a mulher era apreendida como o antípoda do homem; este era "identificado por seu espírito e energia", já aquela era definida a partir de um órgão "o útero *define a mulher e determina seu comportamento emocional*". Nesta ordem de coisas "as mulheres tinham menos músculos desenvolvidos e eram sedentárias por opção. *A combinação de fraqueza muscular e intelectual e sensibilidade emocional fazia delas os seres mais aptos para criar filhos.* [...], o útero definia *o lugar das mulheres na sociedade como mãe*". Cf. HUNT, L. "Revolução Francesa e Vida Privada". In: PERROT, M. [Org]. *História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra.* São Paulo, Cia. das Letras, 2ª reimp., [vol. 4], 1992, 637p; pp. 21-51; cit. p. 50, itálicos meus. Deste modo, a partir do afirmado por Hunt, **articulava-se fala médica, discurso político burguês e prédica religiosa católica: as teias do encarceramento feminino são poderosas! O seu roteiro, no plano religioso, e nos múltiplos registros das invocações católicas, era Maria**.

Subliminarmente, o prelado católico admoesta o regime republicano adotado pelo Brasil: não olvidem das forças religiosas, pois elas detêm as potências do sagrado: Aparecida e o seu santuário eram o epicentro e consubstanciavam essa força de potência. A Igreja católica formalmente fora banida dos atos gestores do poder pelo regime político que se instaurara em 1889, através do decreto *119-A* que separou Igreja-Estado, depois de lutas renhidas, de árduo trabalho de expansão territorial e de ganhos patrimoniais daí decorrentes. Quarenta anos depois apresentava a sua maior arma: a devoção mariana de N. S. Aparecida e o seu santuário. Este era localizado num espaço geográfico estratégico: assentado no Estado de São Paulo e nas fimbrias de outros dois entes federados fundamentais, os Estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro.

Segundo o mesmo religioso, assim como Lourdes, Aparecida nos "enche de entusiasmo e viva fé, visto as grandes semelhanças que existe na vida no movimento desses dois santuários. [...]. Cá como lá vemos essas intermináveis e numerosas romarias que durante o ano cantam os louvores da Virgem [...]. Por isso prestemos nossas homenagens a N. S. Aparecida [...]".[276]

No encerramento das conferências, no dia 7 de Setembro, ouviu-se a seguinte exortação "Ó Padroeira do Brasil! Ouvi os nossos rogos! Abençoai o Brasil todo, com as suas cidades, vilas e aldeias; abençoai suas instituições; abençoai o povo brasileiro. Ó Senhora Aparecida, ó Senhora do Brasil, velai pelo Brasil!", proferida pelo bispo de Taubaté, D. José Maurício da Rocha. Talvez a exortação à divindade, cujo significado diga mais fundo à condição humana, tenha sido aquela proferida por D. Áttico Eusébio da Rocha:

> "*A luta é tremenda sobre a terra no mundo psíquico e no mundo moral. O homem suspira e anseia por uma força, um auxílio, um elemento superior que lhe dê vigor e alento*", [para o religioso, *ipso facto*, encontramos abrigo no manto e colo maternal da] "Virgem Santíssima [...], nosso amparo e nossa consolação [N. S. Aparecida]".[277]

Os Homens, submetidos ao cálculo racional, à violência do mundo secular; enfim, às vicissitudes sua existência [tais como as profundas mudanças pelas quais o país passa a partir dos anos 1930, como a efetiva transferência de grandes contingentes humanos do mundo rural para o meio urbano, daí decorrendo novas sociabilidades etc.] demandam à divindade, apontava ir além da

[276] BARRETO, Francisco de C. [bispo]. *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 17.
[277] ROCHA, Áttico E. da. [bispo]. In: *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 19.

"necessidade pelo sagrado"[278] no plano transcendente; abrindo-se, dessa maneira, amplíssimo espaço para atuação dos gestores do sagrado.

Os argumentos de *abrigo e proteção* aos homens, sob o manto da divindade – da Mãe da Nação - serão profusamente destacados pela hierarquia, como já indicamos acima. Porém, os trabalhos colocados em relevo pela hierarquia foram os atinentes ao "Congresso Mariano", que se desenvolveu de 5 a 7 de Setembro, cuja presidência coube a D. Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo Metropolitano da diocese de São Paulo, a quem pertencia o Santuário Nacional de N. S. Aparecida. No mesmo dia 6 de Setembro, também à tarde, transcorreram as "sessões de estudos masculinas", que foram desenvolvidas na Basílica, cujas teses, em número de quatro, versaram desde o "valor social da devoção mariana" até "Maria Mediadora". Membros do laicado masculino e religiosos apresentaram tais teses. À noite, às 20 horas do dia 6, deu-se a "segunda Assembléia Geral" do Congresso.

Para tanto se programou declaração de poesia que homenageava Aparecida, cânticos e hinos invocativos e celebrativos a N. S. Aparecida, passando pela alocução "*a devoção mariana* fundada na *razão e* no *coração humano*" do "[...] exmo. sr. dr. Altino Arantes, ex-presidente de São Paulo".[279] Além de outros membros do laicado católico e de religiosos que participaram dos ritos da Assembléia Geral, o deputado estadual do Paraná, cônego Alcidino Pereira falou das "Associações marianas".

No dia 7 de Setembro, Dia da Independência do país, às 7 horas da manhã houve a "comunhão geral dos homens", cujos comungantes eram membros das Congregações "[...] marianas, da União de Moços Católicos e das Ligas Católicas Jesus Maria José", o rito foi co-celebrado pelo então bispo-coadjuntor do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme.

O ambiente na comunhão geral dos homens é descrito pela fonte nos seguintes termos: "às 7 horas teve início a missa solene" no espaço público na praça em frente à Basílica, e contou com a participação de "*incalculável massa popular*, máxime por *homens e moços* que se agrupavam, [...] [com] respeito humano, aos lados do altar". A ordem era de tal dimensão que "entre os homens, singelamente imiscuído entre a massa popular, via-se o ex-presidente da República, Dr. Wenceslau Braz".

No mesmo 7 de setembro de 1929, em Aparecida, às 10 horas da mesma manhã transcorreu a "Procissão Eucarística no Largo da Basílica". A partir das 14 horas, na "segunda Sessão de Estudos", na "secção masculina" foram apresentadas três teses por religiosos e membros de relevo

---

[278] A formulação da religião como *necessidade* humana encontra-se Marc AUGÉ: "Religião". In: ROMANO, Ruggiero. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nacional-Casa da Moeda, Vol. 30: Religião-Rito, 1994, 487p; cit. pp. 177-246. Ou: AUGÉ, Marc. *La Construction du Monde*. Paris, Maspero, 1974.

[279] *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro - 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 9, itálicos meus.

do laicado, como o "exmo. sr. dr. Joaquim Moreira da Fonseca, lente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro" que desenvolveu a tese "Oportunidade da Organização de Associações Masculinas". Já o leigo de Belo Horizonte, o "exmo. sr. dr. Affonso dos Santos" tratou de "Maria Santíssima e a Educação". Na "secção feminina" mais três teses foram discutidas por membros do laicado feminino, com mulheres de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro: "srta. Maria Luiza de Almeida Cunha, [...] sra. dra. Margarida de Barros [...] [e] srta. Stella Faro", respectivamente, cujas teses tinham, nesta ordem de autoria os seguintes títulos: "Maria Imaculada, a defensora da inocência", "A Virgem Aparecida, distribuidora de graças e milagres" e "Maria Santíssima e o apostolado leigo".

Nos trabalhos noturnos, a partir das 20 horas, houve a terceira "Assembléia Geral" que contou com a presença do "dr. Corrêa Brito", senador Federal, que em nome dos congressistas nortistas saudou os sulistas; já o advogado da cidade paulista de Santos, "exmo. sr. dr. José de Freitas Guimarães" abordou o tema "A devoção mariana fundada na história da humanidade", além de cânticos e hinos.

As cerimônias de encerramento do Congresso Mariano foram conduzidas pelo bispo de Niterói, D. José Pereira Alves.

Porém, o apogeu dessa série de teses, ritos e cerimônias desenvolvidas desde o dia 30 de Agosto, deu-se no dia 8 de Setembro, pois foi nesta data que se comemorava a "Festa do Aniversário da Coroação" da Imagem de N. S. Aparecida, rememorava-se, agora, o ato de 1904.

O programa para esse dia era longo, com atividades planejadas das 7 horas manhã até a noite, às 20 horas. Com Comunhão de romeiros, Missas Pontifical e campal, procissão solene, membros do laicado que interpretaria "os sentimentos populares" da nação, presença de políticos destacados e Manifestação ao Episcopado Brasileiro.[280]

As atividades relacionadas com a comunhão iniciaram-se na alvorada do dia, a partir das "5 horas da manhã" com a demanda expressiva de fiéis. Às 9 horas da manhã a hierarquia presente ["24 bispos e 2 abades"], encabeçada por D. Duarte o arcebispo de São Paulo, tomou parte nos ritos

---

[280] O Programa do dia 8 de Setembro foi o seguinte: "Às 7 hs. – *Comunhão geral dos romeiros em louvor de N. S. Aparecida*. Às 9 hs. – Missa Pontifical com assistência de todos os exmos. srs. Arcebispos, Bispos e Abades presentes em Aparecida. Pregará durante a Missa campal, o exmo. sr. Arcebispo de Curitiba D. João Francisco Braga. Será celebrante o exmo. sr. Arcebispo Metropolitano [de São Paulo, d. Duarte Leopoldo e Silva]. Em Seguida à missa far-se-á a *Consagração solene do Brasil à Virgem Aparecida*. Às hs. 11 – Colocação de placa de bronze no Largo da Basílica que será futuramente chamada: "Largo de N. S. Aparecida". Pronunciará o discurso da inauguração da artística placa o exmo. sr. dr. *José Pires do Rio, Prefeito [da capital] de São Paulo*. Às 12 hs. – Procissão solene, "Te Deum" e bênção do Santíssimo Sacramento. Às 20 hs. – Manifestação religiosa no Largo da Basílica. Falará em nome do povo católico o exmo. sr. *dr. Armando Prado, líder da Câmara Estadual de São Paulo*. 2] Manifestação ao Episcopado Brasileiro. *Interpretará os sentimentos populares* o exmo. sr. dr. Vicente Mellilo, advogado em São Paulo". In: *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 10, itálicos meus.

da "grande missa pontifical" e campal, na "vasta praça da Basílica [que] estava literalmente repleta de fiéis, representantes de todas as classes". O conjunto de ritos e cerimônias foi ritmado por um "coro misto [que] executou [...], a missa de Reinberger, Op. 169, a quatro vozes. *Parecia uma cena do paraíso*, [de modo à] [...] *empolgar a alma crente* [...]". Havia uma orquestra composta de exímios músicos. Tocou-se o órgão, "foram cantadas a "Ave Maria" e o Hino à Padroeira do Brasil".

Assim, produziu-se uma atmosfera onírica cujo fito era o enlevo e a coesão dos participantes. A fonte apresenta elementos que não pode escapar ao analista: o arcebispo de Curitiba, D. João Braga, "o mesmo que há 25 anos [em 8 de setembro de 1904] pregou na solenidade da Coroação", pronunciou o discurso "*A Rainha do Brasil*" e o fez com "voz juvenil, entusiástica e empolgante", para o religioso "os Brasileiros queriam dar a Maria [...] uma coroa [1904], hoje [1929] [...] querem dar e lhe dão um trono na vastidão das suas terras, um trono digno deles, feito do ouro e das pedrarias que brotam das entranhas de sua terra, ornado de verde das suas campinas e alcatifado dos cânticos que embalaram o berço do seu descobrimento, trono feito de idílios". A par dessa *continuidade* referente tanto à pessoa do bispo curitibano no início do século e em fins dos anos vinte em Aparecida, quanto da presença da religião cristã no Brasil e em São Paulo em particular, pois o Estado "merece a primazia, porque aí foi o campo de Anchieta, o cantor de Maria, o anjo do Brasil, o Apóstolo de Piratininga, S. Paulo a merece, porque a própria Virgem o escolheu aparecendo nas águas do Paraíba, em seu território abençoado". A fonte sustenta que D. Braga disse que "vindos do Brasil inteiro, ali [em Aparecida] se acham para o tributo solene de seu amor e gratidão, "Rainha do Brasil, o Brasil vos promete que virá sempre aqui, trazer suas flores, acender os seus círios, cantar os seus cânticos, [...], a Maria e a Pátria". Os presentes, hipnotizados "por mais de uma hora" com o discurso do bispo "foi tão *suave*, *tão arrebatadora que arrancou lágrimas de comoção* [...]".[281] Nestes termos, a devoção mariana era evocada à memória do povo; a ação de religiosos-Apóstolos os seus disseminadores; a *fé em Aparecida como caução às instabilidades* do plano humano e secular. O Estado de São Paulo, mediante os membros da PEM, vai açambarcando marcos do imaginário e da identidade da Nação: se em seu território ocorreu o gesto que estabeleceu o nascimento do país com independente, das águas de um dos seus rios emergiu Aparecida: Padroeira e Mãe simbólica: *locus* de harmonia e apaziguamento.

Em seguida D. Duarte Leopoldo e Silva tomou parte nos atos, e segundo a fonte foi "o momento supremo [do evento], esperado por todos e reservado para *a grande emoção* de todos *os corações amantes da Virgem santíssima e da Pátria estremecida*". Qual um gesto teatral, o

[281] *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 42, para todos os trechos entre aspas; itálicos.

arcebispo de São Paulo ladeado pelos religiosos presentes "caiu de joelhos diante da Imagem milagrosa de N. S. Aparecida". Ato contínuo, "*apoderou-se de toda a grande massa popular uma comoção profunda: todos caíram de joelhos; de todos os olhos corriam lágrimas, e por todos os lábios foram repetidas as palavras da Consagração do Brasil á Virgem Aparecida e da Proclamação da mesma como Rainha do Brasil* [...]".[282]

Na seqüência dos atos, o Vice-Provincial dos padres afonsinos pronunciou a oração "Consagração do Brasil à Virgem Aparecida", na qual afirma sobre a "maternal proteção" de Aparecida, da sua condição de "advogada da nossa pátria", recorre aos argumentos da ubiqüidade da sua condição divina, pois devido às condições do país de uma "natureza sem par, [...] das suas riquezas, [...], os campos e as montanhas, vales e os rios, [...] a sociedade, [...] [nos] lares e seus habitantes, [...] [nos] seus corações, [...], enfim, é todo o Brasil" que lhe rende homenagens e afirma "Ó Senhora Aparecida, *o Brasil é vosso!*". Logo, "[...], *abençoai, defendei, salvai o vosso Brasil!*". Assim, "[...], *socorrei às* nossas *famílias*, *amparai o* nosso *povo*, *esclarecei o* nosso *governo*, guiai a nossa gente no caminho [...]" reto: "*Mostrai, pois ante o céu e a terra que sois a Rainha do Brasil e a Mãe querida de todo o povo brasileiro*".[283]

Após essas palavras, segundo a fonte, operou-se entre os populares presentes uma "explosão [...] violenta" de "vivas" e aos gritos de "*A Virgem Aparecida é nossa Rainha!*", ritmados por "salvas de palmas".

O passo seguinte dos ritos foi o do "beijamento da Imagem Milagrosa", da "Rainha do Brasil oficialmente promulgada e pelo povo aclamada", pois "durante as prolongadas horas do beijamento ecoavam sempre pela praça da Basílica os sons harmoniosos dos hinos que a massa popular entoava, decantando as grandezas da sua Rainha e consagrando-lhe a sua juventude, a sua mocidade, as suas famílias e a sua Pátria".[284]

A partir das 14:00 hs houve a inauguração de uma Placa de Bronze que registrava o ato "da proclamação da Rainha do Brasil" que juntou autoridades religiosas e leigas "na presença de compacta massa popular", as cerimônias foram presididas por D. Leme.

Um orador que discursou na ocasião fez referência ao número "dos *milhares de romeiros que constantemente ali estão implorando da Virgem remédios para todas as necessidades e para todas as suas legítimas aspirações*". Em seguida o mesmo orador que falava em substituição ao prefeito do Município fala que os fiéis de Aparecida "desejariam ver, *num futuro próximo, uma nova*

---

[282] *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, pp. 42-43, itálicos meus.
[283] *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, pp. 42-43, itálicos meus, à exceção da última frase.
[284] *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 43.

Basílica que possa conter aquela multidão cheia de fé, e que seria então chegado o momento das paredes do templo a construir-se [...]".[285]

Ao lançar-se a idéia para ereção de um novo Templo em escala e volume grandiosos para acolher a multidão de crente, lideranças leiga e religiosa irão instrumentalizar a devoção à Aparecida às massas: uma nova prática estava em curso, não mais apenas a centenária fé familiar à humilde Estátua de cor cafusa-marron, mas doravante a quantidade em escala e volume, pois agora se tratava da Padroeira da Nação.

O fecho dessa semana cujo fito era a reminiscência do Ato da Coroação do Ícone de Aparecida em 1904, mas se traduziu, como podemos aferir no conjunto de ritos e cerimonias, em manifestações que enlaçavam devoção à Aparecida e amor à Pátria, logo a articulação da Padroeira e Mãe simbólica da Nação com o ocupante do poder máximo do país [em vários momentos do certame religioso houve referências ao *governo*, à *Pátria estremecida* citação explícita à crise econômica e social em curso e aos embates políticos decorrente dessa situação], já que se tratava de uma realidade política que adotara o regime liberal de governo e o sistema capitalista de mercado com base na propriedade privada dos meios de produção, e que havia banido formalmente os gestores do sagrado dos processos atinentes aos poder secular, foi "Procissão Solene" na tarde do dia 8 de setembro.

A fonte consigna que, por toda a semana, desde o dia 30 de agosto até o dia anterior, fizera uma temperatura escaldante, mas que naquela tarde de 8 de setembro, como que por um milagre da divindade deu-se "lugar a uma temperatura agradável, e o céu ligeiramente nublado, o manto protetor de Maria, qual véu translúcido protegia os ritualistas dos rigores atmosféricos, comunicava religiosa solenidade ao ato". Os fiéis presentes tomaram parte "no rigor" que as suas roupas denunciavam; os religiosos ricamente ataviados "vestidos de *pluviais* [...], de *mitra* na cabeça e de *báculo* nas mãos", signos da autoridade dos religiosos, se deslocavam pelas vias escarpadas, eram protegidos pelo pálio da Basílica, como o D. Duarte Leopoldo e Silva que encabeçava o cortejo; num andor era transportada a Imagem "da Rainha do Brasil", era "um trono, adornado das mais belas flores a resplandecer ao clarão da imensa luz. [...]. Era comovente sentir a fé viva dos romeiros que, ao passar do andor, caíam reverentes de joelhos para receber a benção da Mãe de Deus". A fonte ressalta sobre esse "triunfo" operado pelos fiéis de Aparecida que o realizaram na mais perfeita organização e "ordem", assim operou-se no íntimo de homens mulheres a satisfação do "coração", cuja origem era divina e administrada pela "*Religião, a única que une os corações e avassala as multidões*".[286]

---

[285] *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 44, itálicos meus.
[286] *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, pp. 44-45, itálicos meus.

Trata-se de uma mensagem endereçada, ao que tudo indica, aos detentores do poder secular: sem o consórcio dos gestores do sagrado administrador da *'Religião, a única que une os corações e avassala as multidões'* não haveria *estabilidade* e *unidade* da Nação, pois de acordo com um leigo na "Manifestação ao Episcopado", o corpo episcopal do país era o intérprete mais autorizado do "sentimento popular", assim "*o povo brasileiro* [...], genuinamente *católico*, *timbrava de prestar* ***obediência inteira*** *a seu* [...] *episcopado*, [...] e *penhor seguro* [...] [para o] *Brasil*".[287]

Sairia da pena e boca de outro leigo mensagem semelhante quando afirma a "[...] União Indissolúvel entre Religião e Pátria, N. S. Aparecida e Brasil – Unidade Nacional", onde apontou o núcleo dos problemas que a Nação vivia: "a anomalia" da maçonaria; o " cupim metodista" ou protestante que agia qual insetos corroendo, apodrecendo e gerando decrepitude no tecido e corpo social da Nação; ou o "germe comunista", logo estes eram entendidos como entes em estado rudimentar; larval: seres insidiosos que faziam uso do disfarce, eram atípicos em relação ao *ethos* mariano da Nação brasileira.

Nessa ordem de coisas, o microbicida era a religião católica apostólica romana, a partir da devoção de Aparecida. Igualmente evocava o modelo, a experiência italiana e "a política de Mussolini, [...], o qual soube sondar o sentimento dominante em sua pátria e canalizá-la em ordem e fundar sobre tão sólida base a grandeza [...] italiana], nunca tão grande e tão prospera como na atualidade, levantada, como está, à grande potência mundial".[288]

Nestes termos, Benito Mussolini,[289] o homem providencial, não olvidaria das forças religiosas, pois "unificar, mas unificar pela Religião do povo" havia sido a chave do seu êxito e sucesso.

---

[287] MELILLO, Vicente. "Manifestação ao Episcopado". In: *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, p. 46, itálicos e negritos meus.

[288] ALMEIDA, Lacerda de. [leigo católico]. "Importância da Proclamação de N. S. Apparecida como Rainha e Padroeira: União Indissolúvel entre Religião e Pátria, N. S. Apparecida e Brasil – Unidade Nacional". In: *Polyanthéia [...]. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, ed. cit., 1929, pp. 46-48; cit. pp. 47-48, respectivamente, itálicos meus.

[289] Em fevereiro de 1929, sete meses antes das cerimônias jubilares objeto da nossa análise, a Santa Sé fazia o pacto político - a Concordata - com o regime fascista de Mussolini. Cf. DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores. História dos Papas*. São Paulo, Cosac 7 Naify, 1998, especialmente pp. 220-235. O Secretário de Estado, o cardeal P. Gasparri assinou o célebre Tratado de Latrão que instituia "o catolicismo romano" como "a única religião reconhecida" pelo Estado italiano. Cf. CORNWELL, J. *O Papa de Hitler. [...]*. Rio de Janeiro, Imago, 2ª ed., 2000, cit. p. 130. Cornwell tocou na chaga das relações Igreja-Estado: "nas eleições [...], depois do Tratado de Latrão, os padres por toda a Itália foram estimulados pelo vaticano a apoiar os fascistas", op. cit., p. 131. O historiador lembra que "a política de concordata visava [...], o modelo piramidal da autoridade da Igreja que vinha sendo imposta desde Pio Nono [a partir o Vaticano I, 1867-1870]", op. cit. p. 99. Veja-se também: ROGUES, Jean. "O Catolicismo". In: DELUMEAU, J. [Dir]. *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa, Ed. Presença, 2ª ed., 1997, 735p; pp. 127-150; especialmente, p. 135: "o papado, humilhado uma primeira vez por Napoleão, que trata Pio VII como um fantoche, e depois expoliado dos seus estados pelo Estado italiano em 1871, vai comporta-se até 1929 como uma cidadela cercada", marcando o fim do processo.

Nessa ordem de coisas, a Nação brasileira a partir das festas jubilares pedia à "Apparecida: a Virgem Santíssima Rainha do Brasil a guiar-nos os passos como outrora [...]", aponte-nos "o rumo" a seguir, livrai-nos da heresia e do ateísmo destruidores da "nossa harmonia" econômica, política e social, rogava o leigo católico.[290]

Mas para tanto se demandava por um agente político, à guisa do paradigma italiano, *capaz de sintetizar na sua figura a condição de* **vicário** [o agente terreno cônjuge-consorte da divindade], para implementar as ações necessárias ao projeto de harmonia social cuja origem era católica, e nuclearmente mariano.

À sucessão dos anos, 1930 se avizinhava. Mas se em termos de processualidade histórica não nos é possível previsibilidade futurológicas [o que acarretaria em anacronismo histórico], contudo é factível apontarmos *compatibilidade* ou *afinidade eletiva* entre os projetos católicos e o dos novos ocupantes do poder secular nos albores dos anos trinta. Sem a compreensão das ações dos protagonistas desses projetos a história deste país será sempre opaca. Assim, a apreensão histórica das relações Igreja-Estado a partir de devoção mariana de N. S. Aparecida pretende iluminar essa zona de sombras. Voltaremos a tais questões à frente.

Não obstante, as condições econômicas, sociais e políticas – a profunda crise de fins dos anos 1920 [no ano de 1929 deu-se a quebra do sistema capitalista nas democracias de regime liberal de governo] – , *época de mutações históricas* em curso que produziram o ambiente propício, em cuja atmosfera operou-se a *construção racional de expectativas messiânicas* como as celebrações jubilares pelos quarto de século da Coroação da Imagem de N. Aparecida que contribuíram de modo decisivo. Para isso no encerramento do certame religioso foi encaminhado pedido à Santa Sé para a oficialização de Aparecida como Padroeira da Nação, assim legitimando o seu padroado "informal" que já se arrastava desde o 8 de setembro de 1904, data da sua coroação pelos membros da PEM. D. Duarte Leopoldo e Silva foi uma das autoridades eclesiásticas que mais se empenhou para o Vaticano reconhecer e legitimar o padroado nacional de Aparecida.

[290] Em outro texto do ano de 1930 F. de P. Lacerda de Almeida historiou o processo da devoção mariana em Portugal e no Brasil com um timbre claramente político quando se refere às discussões em Coimbra sobre "Maria Concebida, sem pecado" ; as modificações dos estatutos da Universidade empreendida por Pombal; ao Brasil da "República, agnóstica", etc. ALMEIDA, Lacerda de. "A Padroeira do Brasil". In: *Boletim da Devoção de São José. Órgão das Boas Obras em Favor dos Pobres*. São Paulo, Ano XXI, nºs 3e 4, 19-05 a 19-06 de 1930, pp. 116-117.

Aqui aponto para o conceito sociológico de messianismo,[291] bastante difundido entre nós a partir do trabalho em tela de Maria Isaura P. de Queiroz. A autora afirma que os movimentos messiânicos aparecem em momentos de crises de estrutura e organização, nas "sociedades cuja estrutura se regia pelo sistema de parentesco", e tal parentesco ocorre tanto em grupos primitivos ou nas sociedades complexas de cunho ocidental; das crises emergem os movimentos messiânicos que são informados por: questões relativas às sociedades globais abaladas, relativas à configuração interna de sociedades globais abaladas ou pela mudança social ou pela anomia e crises relativas "ao mesmo tempo à formação e à confirmação interna das sociedades globais". O contexto dos problemas aqui analisados é o de "crises" ou *época de mutações históricas*: num ambiente e atmosfera propícias às soluções messiânicas.

Outro autor em trabalho sobre o mesmo tema, aponta, na análise sobre a Guerra do Contestado [1912-1916] o papel mobilizador desempenhado por um dos protagonistas dos eventos, "a Virgem Maria Rosa", uma jovem cujos traços físicos remetiam aos Ícones da Virgem Maria: "loura", ampla cabeleira crespa, pálida, com inquebrável energia e "vivacidade", era "considera [...] uma *santa*" e o povo "julgava que ela "sabia de tudo"".[292]

Imagem que flagra "um trecho da procissão solene"[293] de 1929 em Aparecida, ela faz parte de um conjunto de cinco fotos que registraram às manifestações públicas em homenagem à futura Padroeira.



Esta procissão, provavelmente, tenha sido um dos últimos ritos cujas manifestações públicas fosse em escala diminuta, uma extensão de adesão de milhares.

Objetiva-se, doravante, arregimentar-se-iam milhões de pessoas em celebrações públicas à Aparecida, de modo a indicar a sua potência devocional.

---

[291] PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo Dominus Ed./USP, 1965, especialmente pp. 328-337.
[292] QUEIROZ, Maurício V. de. *Messianismo e Conflito Social*. São Paulo, Ática, 3ª ed., 1981; cit. p. 151 ss.
[293] *Polyanthéia... 1904-1929*. Aparecida, ed. cit., 1929. As imagens encontram-se entre às pp. 44-45.

d.3] Diagnóstico de uma situação histórica em vias de mutação e argumentos pânicos. O discurso: "O Brasil e N. Senhora!" em 7 de setembro de 1929 do bispo Sebastião Leme: o homem brasileiro e o *ethos* mariano como autenticidade e representação do Brasil profundo.

Capa do nº 2 do *Almanak de N. S. Apparecida*[294] de 1928.



[294] A série pesquisa do periódico, 1927-1981, com a falha de alguns anos, pois o anuário não saiu, encontra-se depositada na Biblioteca dos Redentoristas no bairro do Ipiranga em São Paulo. Na Editora Santuário, Aparecida, em prédio próximo ao do ACMAp., há números do *Almanak* que podem ser consultados.

Ressalte-se: o cristianismo é uma religião cuja mensagem é veiculada pelos sentidos. Sons, cores, imagens palavras etc., são constitutivos desse itinerário cujo fito é o arrebatamento dos seres. Lembremos o exemplo do Apóstolo, para quem *"Fides ex auditu"*.

Para São Paulo, o pregador deve operar sobre todos os sentidos do devoto, arrancando-lhe do seu estado normal, pois assim "*a fé vem pela audição, pelas pregações*". Com isso deseja-se ultrapassar o "[...] entusiasmo religioso, [...] [das] preces piedosas, [...], [não se ater apenas à] sedução momentânea, mas havia de ter por *base* [atingir] *a convicção intima da alma do crente*".[295]

Pulsa em argumentos com *"Fides ex auditu"* o latente desejo teológico da conversão absoluta: a *metanóia*. Esta visa o homem como um todo, a internalizar a mensagem de origem teológica. *Ipso facto*: mensagem teológico-político.

Para além das vicissitudes humanas, a Imagem de Aparecida paira sobre o espaço, mira o infinito.

O desenho a posiciona como *mediadora*, ela se acha um espaço de intersecção – entre a cena bucólica de um sítio que, do alto de uma colina, deixa ver duas torres de um campanário e o infinito do cosmo.

Tal localização indica e revela sobre as potências do sagrado que ligam e estabelecem pontes entre os planos imanente e transcendente, de modo a ultrapassar a condição ordinária dos homens.

Como registra G. P. Caprettini escrevendo sobre imagem religiosa ao afirmar sobre a "eficácia pedagógica da imagem...", e ao se reporta à imagem "[...] exemplar, da *imago*. [...], *retrato vivo* de uma ou das virtudes, modelo de vida [...], a *imago* é um modelo comportamental".[296]

Às costas do Ícone rutila feixes de luzes em amarelo-dourado, insinuando-se que a Padroeira era a iluminação e o reto caminho a ser seguido pelos homens. O manto de Aparecida na cor azul bordado com motivos florais em dourado, provavelmente "[...] representa, por si só, as fontes de vida do ser humano e a vida do mundo".[297]

---

[295] TADDEI, Fernando. [d]. In: *Polyanthéia das Festas Jubilares da Coroação da Imagem Milagrosa de N. S. Apparecida. 1904 – Setembro – 1929*. Aparecida, Supplemento do "Almanak de N. S. Apparecida", 1929, 80p; cit. p. 11, Itálicos meus.

[296] CAPRETTINI, G. P. "Imagem". In: ROMANO, Ruggiero. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nacional-Casa da Moeda, 1994, 277p; Ed. cit. pp. 177-199; cit. pp. 194 e 197, respectivamente.

[297] ZAHEN, Dominique. "O Homem e a cor". In: POIRIER, Jean. [Dir]. *Histoire des Moeurs*. Paris, Gallimard, 3 Vols., 1990. [Ed. portuguesa. Lisboa, Estampa, 10 Vols, 1998], pp. 91-130; cit. vol. I, p. 97. A referência é em relação à cor vermelha, mas penso que pode tal critério pode ser aplicado à cor azul.

Não obstante o azul não ser uma cor litúrgica,[298] esta cor desempenhou papel fundamental em adereços como os mantos dos santos, principalmente os de Maria.: a cor, impregnada em tecidos como o linho, a seda ou a lã, é um sinal que distingue, destaca e indica o prestígio do seu portador.

Assim, "cores, na prática, são códigos semióticos", pois elas "são usadas como signos em vastos esquemas de relações sociais: estruturas de significado pelas quais pessoas e grupos, objetos e ocasiões são diferenciados e combinados em ordem culturais".[299]

Nessa ordem de coisas, numa formação social como a brasileira, majoritariamente composta por pessoas iletradas, o conjunto de códigos impressos em signos[300] religiosos como as estampas marianas de N. S. Aparecida indicavam a *exemplaridade* e a *perfectividade* que elas encerravam aos grandes contingentes humanos.

---

[298] Cf. GERSCHEL, L.. "Couleur et tienture chez divers peuples indo-européens". In: *Annales* [ESC]. Paris, A. Colin, nº 3, 1966; desde o papado de Inocêncio III [1198-1216], **a Igreja reconhece cinco cores litúrgicas: branco, roxo, verde, preto e vermelho**.

[299] SAHLINS, Marshall. *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2004, 679p; especialmente, pp. 152-219; cit. p. 155.

[300] Segundo um especialista, "o signo é uma entidade demasiada vasta". Assim, "o signo, portanto, deve continuar a ser postulado como entidade mediana entre sistema das figuras e a série indefinida das expressões afirmativas, interrogativas, imperativas a que se destina". ECO, H. "Signo". In: ROMANO, R. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nacional-Casa da Moeda, 1994, 277p; pp. 11-51; cit. pp. 19 e 21, respectivamente.

O discurso "O Brasil e Nossa Senhora!" foi emitido na atmosfera ordeiro e harmonioso acima descrita, em cujos ritos ocorreram desde as primeiras horas do dia 7 de setembro de 1929, atingiu-se o ambiente adequado para que a astúcia eclesiástica presente na fala de D. Sebastião Leme,[301] na mesma data em que a Nação celebrava a sua data política máxima, e tivesse a repercussão desejava numa audiência majoritariamente masculina.

Procurei sumariá-lo o mais possível; julgo que os excertos selecionados plasmam vários nexos, tais como a *racionalidade-emotividade* da fala teológica, o seu caráter de prédica etc.

---

[301] O religioso havia percorrido todos os elos da carreira eclesiástica na instituição católica. Após a sua passagem pelo Seminário Diocesano em São Paulo, Sebastião Leme foi encaminhado para estudos no Pio Latino-Americano em Roma. Seu período de formação no colégio romano ocorreu entre 1896 até 1902; sob a direção dos Padres da Companhia de Jesus. A sua formação foi trilhada no ascetismo "[...] dos Jesuítas"; pois naqueles anos o estudante Sebastião Leme "[...] optara pela Cruz – a dura e despojada Cruz de Cristo – mas veria sempre nela, com os olhos da fé, um estandarte de vitória"; que havia internalizado uma "existência bem disciplinada", pois ele fora chamado "[...] para fazer parte de sua milícia [do Criador]". A biografa extraiu os excertos acima de cartas do período no Pio Latino-Americano e de depoimentos do Cardeal, eles revelam os mecanismos e os conteúdos da formação dos quadros da instituição católica no período de afirmação do ultramontanismo. Noutro trecho da biografia de D. Leme, a partir da sua experiência nos anos de formação, ele havia se apercebido de que *a vocação sacerdotal* era "[...] uma chamado ao sacerdócio – como à vida religiosa – **não é um Dom que se recebe prontinho e de uma vez por todas. É um bem que se preserva no meio de altos e baixos, que se conquiste através de lutas mais ou menos rudes, até a plena tomada de consciência que, normalmente, só se atinge na idade adulta**". Assim, a vocação sacerdotal revela-se ser um processo. Processo operado não por chamamento divino ou por uma revelação extraordinária, mas por fluxos e contra-fluxos, por lutas internas do ser, e também em relação estrutura burocracia eclesiástica. Ela frisa que para as considerações sobre a vocação sacerdotal referente a D. Leme faltavam-lhe dados mais consistentes, principalmente para o período de oito [8] anos do Pio Latino-Americano. Nestes termos, para Dom Leme a opção pela carreira sacerdotal, era sempre uma **renúncia** em diversos planos, e efetivamente em relação ao cotidiano do homem comum: "no limiar, [...], do Subdiaconato – a primeira das ordens menores e aquela em que o clérigo **opta** definitivamente pelo celibato – Sebastião enfrentara momentos de hesitação e angústia. Ia dar um passo tão grave: renunciar para sempre ao casamento, a fundar uma família sua [...]. Ia tomar um caminho íngreme. Venceu, porém, rapidamente, a sensação de temor, fazendo um pacto com a Virgem Maria. **O seu sacerdócio Lhe pertencia. Nossa Senhora seria a responsável pelo êxito da vida** sobre-humana". Assim, apesar das dúvidas e temores, eles foram dirimidos graças "a formação ministrada pelos Padres Jesuíta"; ela fora voltada para a prática eclesiástica no processo de romanização da instituição católica, pois "[...], **inculcava-se nos alunos um alto sendo eclesial, a devoção ao Papa, a dedicação ao Corpo Místico de Cristo. Preparavam-se** assim, não apenas bons e santos sacerdotes, mas onde havia predisposição, verdadeiros e **grandes "homens da Igreja"**". Cf. SANTO ROSÁRIO, Ir. Maria Regina do, [o.c.d]. *O Cardeal Leme [1882-1942]*. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Editora, 1962, cit. pp. 18, 19, 20, 23, respectivamente; negritos meus.

Já Tristão de Athayde no seu perfil do cardeal afirmava que ele "viveu na Igreja e para a Igreja. [...], teve, como poucos essa nítida compreensão do Corpo Místico do Cristo, essência da Igreja. [...] a presença perene do Cristo sobre a terra, a **unidade**, a **santidade**, a **catolicidade** e a **apostolicidade**. [...] ele [teve] verdadeiramente o *sensus Ecclesiae*". Assim, para A Igreja, "a lição do Cardeal Leme, dentro da Igreja, [...], vida integrada na própria substância *divina* da Igreja. [...], como **conseqüência da vida de união profunda com o Cristo Místico e Eucarístico**". Mas, para o leigo católico o cardeal fora, sobretudo homem da Igreja, conhecedor da estrutura burocrata a qual esta submetido e se ajusta, D. Leme respondeu, na sua Carta Pastoral de 1916, ao chamamento papal que vinha "[...] desde Pio IX, e particularmente com Pio XI, constitui como que **o centro da irradiação social da Igreja no mundo moderno": "***A mobilização dos leigos para o serviço de Deus*". Cf. ATHAYDE, Tristão [Alceu Amoroso Lima]. *O Cardeal Leme*. Rio de Janeiro, Liv. José Olympico Ed., 1943, pp. cit. 134, 135 e 141 respectivamente; negritos meus.

Mas nele *encontram-se os elementos de uma situação histórica em vias de mutação* e, centralmente, do pronunciamento do hierarca infere-se o *argumento pânico* no qual a Instituição romana se apresentava como fiadora de uma *estabilidade* sem a qual o corpo social da Nação entraria em colapso. Ele fala que "**Vivemos em uma época em que todos apelam para a vontade do povo**. Pois então fiquem todos sabendo que o povo brasileiro quer [...] Nossa Senhora Aparecida [...]".

Esse argumento da quantidade, logo do volume em massa concernente aos homens,[302] indicava a capacidade de coesão que a devoção mariana possuía no país, cuja invocação de Aparecida e as forças religiosas oriundas da mesma encerravam. Nessa ordem de coisas, afirmava o bispo-coadjuntor do Rio de Janeiro que a sua

> "[...] Alma de sacerdote e brasileiro ["vibrava"], [...] neste momento único. [Naquele instante do ritual dava-se a tentativa ou à fusão de] dois hinos, [...]: um, **o hino da pátria terrestre**; o outro, **o da pátria celestial**. [Assim] [...] o Hino Nacional é expansão pública e sentido do nosso patriotismo, a Comunhão eucarística é a realização e a afirmação sublime de nossa fé religiosa. **Brasileiros**, no Hino Nacional sentimos a voz augusta da pátria; **católicos**, na comunhão sacramental [...]. **Brasileiros e católicos**, [...] após a Comunhão e o Hino Nacional [o religioso conclama aos presentes] [...] a entoarmos *juntos* um outro **cântico mais inflamado** ainda, porque nele **palpitam e fremem todos os entusiasmos da pátria do céu!** [O arcebispo-coadjuntor conclama aos presentes para que] **cantemos, cantemos, nesta hora histórica, a marcha nupcial dos dois amores e dos nomes que perante esse altar, enfeitado de luz e de bandeiras, vão para sempre unir-se em aliança perpétua, insolúvel e sagrada**: o nome de **Nossa Senhora Aparecida** e o nome do **Brasil!**".

Em outro trecho da sua fala afirma o bispo afirma:

> "Enquanto pulsar em terra de Santa Cruz um só coração brasileiro, esses dois nomes nunca mais se hão de separar! Que assim há de acontecer, prova-o o espetáculo admirável dessa onda humana que, brotando de todos os recantos do Brasil, aqui se comprime na colina de Nossa Senhora Aparecida, onde, como numa enchente de amor, sobre a alma da pátria".

Em seguida, como que tendo controle sobre os seus ouvintes na praça pública, D. Sebastião ordena e exorta a massa masculina presente:

> "– *Silêncio, senhores!* Inclinemo-nos respeitosos ... é *a alma do Brasil* que passa! Ei-la [a alma brasileira], *majestosa e serena, que se aproxima do templo, transpõe-lhe os umbrais, acerca-se do altar, sobe-lhe os degraus, alcança o trono florido e resplandecente, dobra os joelhos, curva submissa a fronte gloriosa, cola os lábios aos pés virginais da Senhora Aparecida* e [...] *uma a uma, profere as palavras comovidas de um juramento solene de amor e fidelidade!* É a aclamação da Rainha!! ***Vivemos em uma época em que todos apelam para a vontade do povo***. Pois então **fiquem todos sabendo que o povo brasileiro quer que Nossa Senhora Aparecida seja a sua Rainha**. Assim o quer. [...], assim o proclama, aqui está de joelhos a rezar em brandos de amor a "Salve Rainha" da pátria! [...] Deus abençoe o povo brasileiro!".

---

[302] A historiadora Michelle Perrot lembra que, neste particular, "**o número** [tornou-se], **sinal ostensivo de consenso**", típico de **"manifestações modernas"**. PERROT, M. *Os Excluídos da História. [...]*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988; cit. p. 129, negrito meu.

Na seqüência do seu discurso, D. Sebastião fala da opção e escolha de Deus por N. S. da Conceição. E da

> "[...] *imagem tão popular e tão querida, tão brasileira e tão nossa*: a Senhora Aparecida. *Imagem pequenina e humilde* que vem acordar em nosso coração *os ecos da infância* e as saudades de uma mãe idolatrada que a Ela nos consagrou, antes de partir para o céu... *Senhora Aparecida*! [...], é tudo *uma epopéia de fé, amor, e gratidão* que canta em nossas almas. *Nas sombras e dificuldades da vida, nas emoções das horas de perigo, nos momentos de incerteza, nas amarguras e nas aflições...* foi este o grito da nossa confiança filial: N. S. Aparecida! Contemplai *a sua imagem pequenina e humilde.* Naquele *manto azul, franjado de ouro e prata, faiscam pedras preciosas e jóias riquíssimas*, a testemunharem *o reconhecimento devotada da família brasileira.* Muitas dessas *jóias pertenceram a nossas mães.* São *pérolas* que esmaltaram o colar de vossas *esposas*, são *diamantes* de luziram no anel de vossas *irmãs* ou no diadema de vossas *filhas.* Mais rica ainda que *as jóias custosas da mulher brasileira*, no manto azul da Senhora Aparecida eu vejo **outra pérola que brilha: a lágrima do pobre!** A lágrima do pobre, *o óbolo da viúva, a esmola do órfão, dádiva heróica que, tirada* – quem sabe? – *à mesa parca da família,* **o campônio rude vem trazer de longe, de muito longe** [...]".

D. Sebastião se alonga em uma abordagem na qual pulsa argumentos racionais e afetuosos, onde elege os despossuídos sociais, os "caboclos" como alvo:

> "– [...]. Ah! *Caboclo da minha terra*, flor peregrina da minha roça, como é eloqüente, sincera e ardente a tua fé religiosa! Deixa, meu irmão, deixa que eu te abrace junto ao meu coração de sacerdote brasileiro. Tu não sabes ler, não sabes escrever, não sabes trajar e não sabes falar como os homens das cidades; mas, como nenhum de nós, tu sabes amar. Sabes amar a nossa terra e a tua roça amiga! Sabes amar o nosso Deus e sabes amar a Virgem Santíssima! *Caboclo da minha terra!* **O teu pobre óbolo, esse níquel insignificante** que depositaste aos pés da Senhora Aparecida, **irradia auroras de uma era nova para a pátria, a qual saúda em tua raça ignorada as energias e as reservas mais fortes da nacionalidade**".

Antes dessa abordagem do homem rude brasileiro, D. Sebastião havia se referido a um *ethos*: o da prática da devoção mariana ancestralmente estruturada no país. Afirmava que

> "**Lá** [nos grotões e brenhas dos Sertões] **ficara a sua mãe velhinha, que este ano já não pode vir**, por lhe terem sobrevindo aos anos que pesam os achaques que paralisam. **Lá ficaram, talvez, a esposa e os filhinhos** [...] coitados! Quem haveria de cuidar da criação e das plantas? **D'outra feita será a vez delas. Agora, é chefe de família que vem** [...] **debaixo do sol e da chuva, nos seixos das estradas, subindo e descendo montanhas, vadeando rios, vencendo obstáculos e distâncias. De longe, de muito longe, de lá onde ficaram a mãe doente, a esposa e os filhos tristes, vem o pobre roceiro trazendo, com as tristezas, as esperanças, essa moeda azinhavrada que, embebecido no olhar chora, ele depõe silencioso aos pés da Senhora Aparecida**".

A par dessa realidade cuja origem se remetia ao sagrado, o religioso admoestou não o rebanho que tomava parte no conjunto de ritos e cerimonias, mas aos mecanismos de escolha dos dirigentes, logo se reporta explicitamente ao plano político na sua mensagem sobre a realeza de Maria [Ela é *Regina mundi*, condição que não se reportava a regimes políticos, mas a uma qualidade: a de *escolhida*, pelo Deus único, quando Ela anuiu à sua ordem por meio do Anjo que lhe Anunciava, pois fora *selecionado entre as humanas para ser o vaso do depósito divino e gerar o Ungido*. Desse conjunto de imagens que Maria enfeixava, dois se destacavam: *maternidade* e *obediência*] e o padroado de Aparecida: "[...]. Senhores! O Brasil não tem rei. Mas, os chefes na nação são

escolhidos pelo povo. Pois bem; o nosso povo quer ter a sua rainha. E essa rainha? Ei-la na expressão singela dessa Imagem venerada: N. S. da Conceição Aparecida! Não é verdade que a quereis como vossa Rainha!".

Segundo a fonte, neste momento, o efeito obtido pela fala do bispo foi o da suspensão da condição ordinária, e abrasava-se na carne dos participantes dos ritos, de tal modo que:

> "[...] ninguém poderá descrever o entusiasmo, o calor do grito uníssono que rompeu de toda aquela massa humana: Sim! Sim! nós a queremos! Nossa S. Aparecida! Viva nosso Rainha! Viva a Rainha Padroeira do Brasil! Ah! Vós a quereis como Rainha? Então, alma nos lábios, juremos todos que **nem os arremessos tentaculares da heresia invasora, nem as investidas fanatizantes da superstição grosseira, nem as tramas das lojas, nem o barbarismo da meia ciência, nem a irrisão dos incréus, nem a frieza dos indiferentes, nem o laicismo dos governantes, nem a perseguição dos maus, nem força alguma da terra ou do inferno será capaz de arrancar do coração do povo brasileiro o nome e o amor de N. Senhora! Diante de todos os homens, diante de todas seitas e de todos os partidos, nós, os brasileiros**, havemos de mostrar **que Maria Santissima é nossa Rainha, e Rainha que nunca será destronada**. E Ela também, diante de todas as nações no mundo, vai mostrar que **é a Rainha da nossa pátria e é a Mãe do povo brasileiro**. Senhora! Senhora Conceição Aparecida! Em vosso trono de Rainha, rutile para sempre gloriosa e imortal a bandeira da minha pátria! **Em vosso colo de Mãe, palpite para hoje e sempre o coração do povo brasileiro**. Guarde-o, que é vosso. **Vosso para a vida e para a morte, vosso para a terra e para o céu! Senhora Aparecida!** Rainha nossa, **imperatriz de nossa gente, soberana das nossas famílias, padroeira das nossas cidades**, dona excelsa de tudo que é nosso, **senhora dos nossos mares, princesa dos nossos campos, estrela do nosso céu, glória do nosso passado, honra do nosso presente, esperança do nosso futuro, ideal amigo da nossa raça, Mãe do povo, Rainha do Brasil**, salve!".[303]

O bispo Sebastião Leme então tinha 47 anos de idade, homem astuto e portador de ambição política, no auge das suas forças intelectuais, pois ele havia sido treinado, nos seus anos de formação, por longos oito [8] anos em Roma; já havia passado uma primeira vez [1911-1916] pela arquidiocese da capital República [a cúria carioca seria o *cadinho* de testes aos que tivessem ambições ao cardinalato, ao menos até o Vaticano II] como bispo-auxiliar; pela arquidiocese de Olinda e Recife, entre 1916-1921, como arcebispo; e agora, em 1929, pela segunda vez, desde 1921, era o bispo-coadjuntor com direito à sucessão na arquidiocese fluminense.

---

[303] LEME, Sebastião. [Dom, arcebispo-coadjuntor do Rio de Janeiro]. Discurso: "*O Brasil e N. Senhora!*", proferido no dia 7 de Setembro de 1929, em Aparecida, durante as cerimônias de Comunhão Geral dos Homens. In: *Polyanthéia... 1904-1929*. Ed. cit., pp. 31-33, os negritos em todos os trechos são meus.

Na prática era D. Leme quem efetivamente a dirigia,[304] devido ao deplorável estado de saúde do cardeal D. Joaquim Arcoverde;[305] Dom Leme na sua fala articulou elementos racionais da sua formação teológico e conhecimento das práticas culturais no campo religioso, particularmente o mariano, quando se referiu ao Ícone de Aparecida, ao afirmar sobre "[...] *imagem tão popular e tão querida, tão brasileira e tão nossa*: a Senhora Aparecida [sublinhado no original]. *Imagem pequenina*[306] *e humilde* que vem acordar em nosso coração *os ecos da infância* e as saudades de uma mãe idolatrada que a Ela nos consagrou, antes de partir para o céu... *Senhora Aparecida*! [...], é tudo *uma epopéia de fé, amor, e gratidão* que canta em nossas almas. *Nas sombras e dificuldades da vida, nas emoções das horas de perigo, nos momentos de incerteza, nas amarguras e nas aflições...* foi este o grito da nossa confiança filial: N. S. Aparecida!", assim temos revelado elementos de uma racionalidade que seleciona aspectos da devoção mariana articulados aos sentimentos emotivos originados nos afetos da primeira infância, ambos constitutivos e presentes nos argumentos de dom Leme no trecho acima: a devoção à Aparecida estruturava-se na fase de formação do *mores*, o que acarretava uma percepção, em idade adulta, de uma *estabilidade* para se enfrentar as "[...] *sombras e dificuldades da vida, nas emoções das horas de perigo, nos momentos de incerteza, nas amarguras e nas aflições...*", a fé na humilde e diminuta Estátua de Aparecida, traduzia-se em energia humana mediante as vicissitudes da existência em todos os planos.

Como já frisamos acima, são diversos os alvos desse discurso de D. Leme. Porém, o aspecto político com o qual conclama os presentes ao juramento de fidelidade à Padroeira e a Igreja deve ser vincado: "*nem os arremessos tentaculares da heresia invasora* [evidentemente o religioso reporta-se ao comunismo], *nem as investidas fanatizantes da superstição grosseira*", aqui se refere

---

[304] Dados sobre Dom Leme retirados do *Álbum Jubileu Episcopal de D. Sebastião Leme de Silveira, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro – 1911-1939. Traços Biográficos de S. Eminência Reverendíssima. As grandiosas festas comemorativas do seu Jubileu Episcopal, no Rio de Janeiro, e em todo o Brasil, sob a proteção de Nossa. Senhora Aparecida. [...]*. Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas do "Jornal do Brasil", 1939, [202p, não numeradas].

[305] Sobre Dom Joaquim, o primeiro cardeal do país e da América latina, veja-se: ARRUDA, Marcelo P. de *Tecnicidade e Encantamento: a Coroação da Imagem de N. S. Aparecida em 1904. Aggiornamento* eclesiástico, a reforma ultramontana e as relações Igreja-Estado. Rio de Janeiro, 2005, Campus, 115p; [no prelo]. *Álbum Festas Jubilares [Roma, 26-10-1890, sagração episcopal; Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 1915, bodas de Prata]*. Rio de Janeiro, 1915, [97p. não numeradas]. CAVALCANTI, Joaquim Arcoverde de A. "Discurso". In: _____. _____. Por Ocasião do seu Jubileu Episcopal a 26 de outubro de 1915. Rio de Janeiro, Tip. e Papelaria "Ao Luzeiro", 1919, 15p. *Festas Jubilares Sacerdotais*. [Dom Joaquim Arcoverde]. MDCCCLXXIV-MCMXXIV. [1874-1924]. Rio de Janeiro, "Revista da Semana", 1924, 175p. GURGEL, Raphael A. *O Cardeal D. Joaquim Arcoverde*. [Necrológico]. São Paulo, Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus, 1930, 13p. PINHEIRO, Alceste. *O Cardeal Arcoverde e a Reorganização Eclesiástica*. São Paulo, Deptº de História, FFLCH-USP, Tese de Doutorado, 2004, 398p.

[306] Essa questão da escala física diminuta da Imagem de Aparecida já era frisada em 1904 quando da sua coroação. Mas segundo a hierarquia a dimensão da devoção mariana era quase imensurável: "A Imagem milagrosa de N. S. [Aparecida] [...] tem uma altura de 37 cm.". HOMEM DE MELLO. [Org]. *Coroação...1904*. São Paulo, ed. cit., 1905, p. 9.

às práticas religiosos não-católicas e especificamente aos protestantes; arma-se com argumentos contra as ameaças de quebra do monopólio do sagrado que os católicos detinham no país; "*nem as tramas das lojas*" menção aos maçons, "*nem o barbarismo da meia ciência*" alusão aos positivistas?, "*nem a irrisão dos incréus, nem a frieza dos indiferentes, nem o laicismo dos governantes*" condenação ao liberalismo e outras práticas políticas, "*nem a perseguição dos maus*, **nem força alguma da terra ou do inferno será capaz de arrancar do coração do povo brasileiro o nome e o amor de N. Senhora! Diante de todos os homens, diante de todas seitas e de todos os partidos, nós, os brasileiros**, havemos de mostrar **que Maria Santíssima é nossa Rainha, e Rainha que nunca será destronada**": Aparecida como blindagem a outros projetos que não o católico. A belicidade dos argumentos condena até mesmo outras práticas religiosas cristãs. O grau de virulência tornava-se mais agudo em relação às doutrinas como a comunista que negavam a religião.

Mas, à abertura do seu discurso o bispo Sebastião Leme abordou uma questão que reputo *a* chave para a compreensão das relações Igreja-Estado inaugurada com a elevação oficial de Aparecida como a padroeira da Nação: "[...] Alma de sacerdote e brasileiro ["vibrava"], [...] neste momento único". Naquele instante do ritual dava-se a tentativa ou à fusão de "dois hinos, [...]: um, **o hino da pátria terrestre**; o outro, **o da pátria celestial**". Assim "[...] o Hino Nacional é expansão pública e sentido do nosso patriotismo, a Comunhão eucarística é a realização e a afirmação sublime de nossa fé religiosa. **Brasileiros**, no Hino Nacional sentimos a voz augusta da pátria; *católicos*, na comunhão sacramental [...]. **Brasileiros e católicos**, [...] após a Comunhão e o Hino Nacional" o religioso conclama aos presentes "[...] a entoarmos **juntos** um outro **cântico mais inflamado** ainda, porque nele **palpitam e fremem todos os entusiasmos da pátria do céu!**", o arcebispo-coadjuntor conclama aos presentes para que, "**cantemos, cantemos, nesta hora história, a marcha nupcial dos dois amores e dos nomes que perante esse altar, enfeitado de luz e de bandeiras, vão para sempre unir-se em aliança perpétua, insolúvel e sagrada**: o nome de Nossa Senhora Aparecida e o nome do Brasil! sublinhado no original]".

Nestes termos, **Dom Leme propõe a fusão entre as duas pátrias: a terrena e celeste. Aparecida, a partir da sua condição de Padroeira e Mãe simbólica do país, seria a nubente de um futuro enlace entre as duas esferas num casamento hipostático.**

Mas quem seria o candidato do plano terreno? Uma resposta adequada a esta indagação só será possível quando analisarmos a ida da Estátua da Padroeira à capital da República em 1931.

Esta imagem é um detalhe da capa da "*Polyanthéa das Festas Jubilares* [...]"[307] em 1929.



Esta imagem aparece no interior da publicação, tendo sob o castiçal que sustenta a vela que irradia feixes de luzes de forma circular, a expressão em latim ["*Lux Mundi*", p. v]. A ilustração serve de suporte ao conjunto de "versos de saudação ao Episcopado brasileiro", ao "hino de louvor a N. S. Aparecida". A imagem é composta, além do castiçal e círio, de dois ramos dourados, como os demais elementos, que ao que tudo indica sejam trigo, cereal bíblico, e entre os dois ramos e o feixe de raios luminosos, à esquerda a letra grega alfa, e à direita a letra ômega do mesmo léxico idiomático. A presença dos signos idiomáticos dispara mecanismos intertextuais: mediante operações mentais evoca-se os antípodas do humano – o início e o término – momentos nos quais os gestores do sagrado estão presentes à procura do divino. É quase um aviso-pânico: o homem faz todo um percurso terreno, mas é no seio do sagrado – aqui Aparecida mãe simbólica deve ser constitutiva dessa operação intertextual - que se encontra amparo e proteção. Nessa ordem de coisas, *é o liame entre hierarquia e Aparecida que merece ser vincado: a partir do seu Padroado oficial em 1930 ela será instrumentalizada pela alta hierarquia católica, principalmente no plano político: ela ditará o reto caminho à Nação brasileira.*

---

[307] *Polyanhéa das Festas Jubilares da Coroação da Imagem de Milagrosa de N. S. Apparecida. 1904 – setembro – 1929*. Aparecida, Suplemento do "Almanak de N. S. Apparecida", 1929, 80p. À p. I há uma variante da imagem com elementos simbólicos do cristianismo: além das duas **letras gregas**, um **peixe** e um cesto com **pães**. Não há elementos nativos brasileiros.

d.4] O decreto de Pio XI de 16 de Maio de 1930: "Nostra Signora dell'Apparecida Patrona del Brasile".

A solicitação para o reconhecimento oficial do Padroado teve início em meses anteriores ao de setembro de 1929, pois conforme atesta uma série de documentos e um espesso repertório de fontes, onde se registram as negociações para o estabelecimento do padroado, como na carta nº 2015 de "17/gennaio/1929",[308] neste documento está consignado as negociações à concessão de indulgências aos Participantes das Festas Jubilares, na qual o Núncio representante da Santa Sé no país comunicava a Dom Duarte que recebeu a resposta de Roma sobre Aparecida, e afirma que "il Giubileo per l'intero anno non si cancela. Si demanda quali funzioni si faranno in occasione del 25° aniversario per concedere qualche indulgenza".

Em outro documento, na carta de nº 2843, em numeração da Nunciatura, remetida da cidade do Rio de Janeiro em "24/juglio/1929",[309] endereçada ao Mons. Duarte e Silva, informa-se que já havia sido enviado ao Vaticano as solicitações para o decreto papal tornar Aparecida padroeira da "Nazione" brasileira.

Foi para D. Duarte que o Vaticano remeteu em "1º de maio de 1930" o telegrama[310] avisando que N. S. Aparecida seria oficializada canonicamente com a Padroeira do País; essa correspondência falava no decreto do papal de Pio XI. Além do telegrama referido, há a carta nº 4246 de "30/aprile/1930" endereçada a Dom Duarte, e que informa que o Papa Pio XI acolheu a solicitação do episcopado do Brasil para tornar "Nostra Signora dell'Apparecida Patrona del Brasile".[311] Informa estar o Núncio aguardando o "Breve", e que remeteria a D. Duarte logo que o recebesse.

À época as duas autoridades da hierarquia católica de maior relevo político que gravitavam próximos à Aparecida eram o arcebispo de São Paulo D. Duarte Leopoldo e Silva e o bispo-coadjuntor do Rio de Janeiro dom Sebastião Leme. Ambos membros da Província Eclesiástica Meridional [PEM].

---

[308] A carta em papel timbrado da Nunciatura é assinada pelo Núncio Apostólico D. Bento Aloisi Masella. In: Papéis de D. Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

[309] A carta em papel timbrado da Nunciatura é assinada pelo Núncio Apostólico D. Bento Aloisi Masella. In: Papéis de D. Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

[310] Telegrama depositado nas Pastas Avulsas do Arcebispo metropolitano de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva. In: ACMSP.

[311] A carta em papel timbrado da Nunciatura é assinada pelo Núncio Apostólico D. Bento Aloisi Masella. In: Papéis de D. Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

Mas, como fica patente na série de fontes acima citadas foi D. Duarte o maior responsável pela elevação formal de Aparecida à condição de Padroeira da Nação.[312] Contudo, o decreto do Padroado de Aparecida refere-se nominalmente ao arcebispo do Rio de Janeiro. À época o arcebispado fluminense era o mais importante do país, pois ali se encontrava a capital da República e centro do poder político da Nação. O cardeal D. Joaquim Arcoverde era o metropolitano carioca à época do pedido do Padroado. Mas, devido ao seu estado de saúde,[313] na prática quem dirigia a arquidiocese era bispo-coadjutor, com direito a sucessão, D. Sebastião Leme.[314]

O decreto foi assinado pelo Secretário de Estado, Eugênio Pacelli, o futuro papa Pio XII. Diz o texto do decreto pontífice que instituiu **"Nostra Signora dell'Apparecida Patrona del Brasile"**:

> "Do Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro e de outros Arcebispos, Bispos, prelados e Prefeituras Apostólicas do Brasil recebemos o pedido de nos dignarmos constituir como Padroeira principal do Brasil a Bem-aventurada Virgem, concebida sem marcha, vulgarmente chamada "Nossa Senhora da Conceição Aparecida". Nada nos parece mais oportuno do acender nos votos não só destes Antístites, mas ainda de todos os fiéis do Brasil que com **constante fervor e piedade veneraram a Imaculada Virgem Mãe de Deus quase desde os primeiros anos do descobrimento da região brasileira até aos nossos tempos. A sua devoção filial e veneração para com a Virgem Imaculada prova ainda o templo notável por sua construção e ornado de belas obras de arte, no qual se guarda a imagem antiga e prodigiosa da Bem aventurada Virgem Maria sob o título de Aparecida. Multidões de fiéis vêm de diversos lugares do Brasil em peregrinação a este tempo,** afim de **implorarem o socorro e auxílio de Nossa Senhora**, cuja imagem por decreto do cabido da Sacrossanta Patriarcal Basílica Vaticano **foi coroada com uma coroa de ouro no qüinquagésimo anos depois da definição dogmática da Conceição Imaculada da Virgem. O Papa Leão XIII, de recente memória, anuindo aos votos gerais do Brasil, permitiu a celebração da festa da Bem aventurada Virgem sob o titulo de Aparecida** e, além disto, **o Papa Pio X concedeu Ofício e Missa própria da mesma festa**. Considerando tudo isto atentamente, julgamos que devíamos **deferir pedidos de tantos Prelados que o Nosso Núncio Apostólico no Brasil largamente apóia com sua adesão, unindo com os mesmos Antístites os seus ardentes votos que por ocasião do vigésimo quinto aniversário da mencionada solene coroação esta Virgem Imaculada Padroeira de todo o Brasil diante de Deus**. Tendo pois consultado o Cardeal da Igreja Romana, Camilo Laurenti, Diácono de Santa Maria de Scala, Prefeito da Congregação dos Sagrados Ritos, por moto próprio e por conhecimento certo e madura reflexão nossa, na plenitude de Nosso poder Apostólico, pelo teor das presentes Letras, **constituímos e declaramos a Beatíssima Virgem Maria concebida sem mancha, sob o título de Aparecida, Padroeira principal de todo o Brasil diante de Deus, acrescendo os *privilégios litúrgico e as outras honras que pelo costume competem aos Padroeiros dos lugares* principais. Concedendo isto para promover o bem espiritual dos fiéis no Brasil e para aumentar cada vez mais a sua devoção à Imaculada Mãe de Deus, decretamos que as presentes Letras estão e ficam sempre firmes**, válidas e eficazes e surtem seus planos e inteiros efeitos e favorecem de

---

[312] LEPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "N. S. Aparecida Padroeira do Brasil". In: *Boletim da Devoção de São José. Órgão das Boas Obras em Favor dos Pobres*. São Paulo, Ano XX, n°s 7 e 8, 19-09 a 19-out de 1929, pp. 51-52 .

[313] As solicitações para elevação formal de Aparecida à condição de Padroeira do país foram protagonizadas por Duarte desde 1928, cujo ápice deu-se em 1929 nas Festas Jubilares. Dom Joaquim morreu em 30 de abril de 1930.

[314] Ato contínuo, em 3 de julho de 1930 D. Sebastião recebeu o chapéu cardinalístico. O novo cardeal permaneceu em Roma até 27 de agosto. Retornou ao país em meio ao turbilhão social e político advindo dos acontecimentos de Outubro encabeçados por Getúlio Vargas. Inclusive, logo que chegou ao Rio foi o mediador desde a "manhã até noite de 24 de Outubro" na tarefa de convencer "o Presidente Washington Luis a deixar o [Palácio] Guanabara". Cf. LIMA, Alceu A. *O Cardeal Leme*. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio, 1943, 231p; cit. p. 164.

modo amplo aqueles a quem se referem ou poderão referir-se; e assim deve-se julgar e definir como certo, e tornar-se desde agora inválido e nulo tudo quanto for tentado em contrário por quem quer que seja, sob qualquer autoridade, cientemente ou por ignorância. Não obstante qualquer cousa em contrário. Dado em Roma, junto de São Pedro, sob o anel do Pescador, no dia 16 do mês de Julho do ano de 1930, e nono do nosso Pontificado [de Pio XI]. CARDEAL E. PACELLI, Secretário de Estado".[315]

O decreto espelha com fidelidade o modo pelo qual a política ultramontana do Vaticano legitimava demandas de reconhecimento dirigidas à Santa Sé. O Secretário de Estado do Vaticano o cardeal Eugênio Pacelli que assina o decreto papal historia o mecanismo pelo qual o presente título foi instituído: a solicitação episcopal brasileira à Santa Sé para autorizar a coroação da Imagem em 1904; os gestos de distinção de Leão XIII e de Pio X, concedendo, respectivamente, festa específica sob a invocação de Aparecida; a dignidade para que se rezasse missa oficial e anuência de celebração da festa em homenagem à Imagem de Nossa Senhora Aparecida.

A justificativa para o atendimento dos pedidos dos prelados brasileiros era que a devoção à Imagem movia "as multidões de fiéis [que] vêm de diversos lugares do Brasil em peregrinação e este templo, a fim de implorarem o socorro e auxílio de Nossa Senhora [...]".

Ora, a essa afirmação do cardeal Pacelli, impõe-se a constatação sobre a afluência dessas multidões de diversas localidades do país ao Santuário.

Assim, o levantamento e a análise das Romarias que fizemos acima negam o afirmado, pois verificamos que o volume da multidão que demandava à Basílica era, no mínimo, acanhado e se restringia a um raio de abrangência às cidades circunvizinhas.

Dos múltiplos planos que o decreto papal enfeixa, um se desvela: o conceito teocrático de autoridade que é piramidal: encimando esse edifício, um núcleo centrado na figura do pontífice do qual emana a autoridade que é assistida pelos demais membros do conjunto da hierarquia.

---

[315] Decreto original em latim; negritos meus. O decreto teve ampla divulgação. Os Jornais, Revistas, Boletins e outros periódicos católicos o divulgaram, como o mensário *Boletim da Devoção de São José. Órgão das Boas Obras em Favor dos Pobres*. São Paulo, Ano XXI, nºs 7 e 8, 19-09 a 19-out de 1930, à p. 147 publicou o decreto de Pio XI. Há no ACMAp uma expressiva coleção do *Boletim de São José*. Fundado e dirigido pelo leigo "dr José Vicente de Azevedo", contava com a colaboração de homens como Affonso Celso, Felício dos Santos, Lacerda de Almeida, João Batista de Siqueira, João Lourenço Rodrigues, Oscar José de Almeida, Rufino Tavares e outros membros do laicado católico, além de importantes religiosos como Deusdedit de Araújo, F. Mac-Dowell Gastão Liberal Pinto, Sebastião Leme etc. O Boletim era distribuído gratuitamente, objetivava atingir o público de "enfermos e encarcerados, **às famílias operárias pobres** [...]", p. 146. Até onde tenho conhecimento não há pesquisa sobre o *Boletim de São José*. Trata-se de uma grave lacuna no campo historiográfico, se tivermos em mira o seu público alvo e a qualidade dos seus colaboradores, membros de relevo tanto do laicado quanto da hierarquia que participam das suas páginas, e como as classes populares eram abordadas. Para o texto em latim, consultar: Pastas Avulsas do Arcebispo metropolitano de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva. In: ACMSP.
Periódicos católicos como *A Ordem* apontam o modo efusivo como foi recebido o Decreto da elevação de Aparecida. Revista *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1930, pp. 184-186; inclusive reproduziu o Decreto.

E revela-se, na concretude histórica e das ações políticas, a questão central do período colocado em curso pela Santa Sé no concernente às relações Igreja-Estado: a política de Concordatas.[316]

Assim, o decreto papal de Pio XI que tornou a devoção mariana de N. S. Aparecida Padroeira deste país é aqui interpretado como um dos momentos dessa política empreendida pelo Vaticano desde os anos 1920 que visavam à adoção do Código Canônico [C.C] de 1917.

Provavelmente tomava como modelo o pactuado, em fevereiro de 1929, entre o regime fascista de Mussolini e a Santa Sé que estabeleceram o Tratado de Latrão pelo qual "o catolicismo romano tornava-se a única religião reconhecida" na Itália, pois reconhecia o "art 34 [do C.C], pelo qual o Estado aceitava a validade dos casamentos celebrados pela Igreja".[317]

Mas, as afirmações acima sobre o decreto do Padroado de Aparecida e em particular no concernente às relações Igreja-Estado, elas só adquirirão espessura e latitude após analisar o conjunto de documentos abaixo. Mas o conjunto de problemas presentes, tanto no decreto do Padroado de Aparecida quanto às tentativas de uma Concordata entre a Santa Sé e o Brasil só será possível operar o seu nexo, principalmente em relação aos membros da hierarquia católica, se tivermos claros sobre "a situação econômica brasileira, com o colapso do café ocorrido naquele ano [1929]".[318]

O que equivale dizer: período de mutações históricas e campo propício às ações dos diversos grupos que constituíam a sociedade. Num contexto de embates, os católicos – hierarquia e laicado – agiram de modo célere nos seu pleitos.

---

[316] A política de concordatas foi uma dos mecanismos do ultramontanismo que visava à lealdade, fervor e obediência aos pontífices, assim: "os conceitos de *infabilidade* e supremacias papais se tornaram indistintos". E também tinha por objetivo à adoção nos países católicos do Código Canônico de 1917. Tal modelo foi concretizado em 1933 na Alemanha. O cardeal Pacelli e o chancelar A. Hitler pactuaram o acordo entre o Reich e a Santa Sé, no qual "a Igreja católica [...], o seu partido político com representação parlamentar e suas centenas de associações e jornais abstinham-se "voluntariamente", [...], de qualquer ação social e política". Cf. CORNWELL, J. O *Papa de Hitler. [...]*. Rio de Janeiro, Imago, 2000, cit., pp. 17-18, respectivamente.

[317] CORNWELL, J. Op. cit., 2000, p. 130.

[318] MAIA, Ulisses R. "A situação política e econômica do Brasil em 1929. A causa da Revolução de 1930". In: Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 4, ano I, jun./1941, 285p; pp. 1121-126; cit. p. 122.

Manual de N. S. Apparecida. Edição de 1938.[319]



Na estampa que abre o *Manual da Padroeira* na edição do ano de 1938, Aparecida é um *centro*. Imediatamente cerca por querubins, na parte inferior há elementos decorativos com folhas etc. Mas, são os elementos externos aos anjos que merecem destaques: os brasões dos Estados federados,

[319] *Manual de N. S. Apparecida*. Aparecida, Ofs. Gráfs. de Aparecida, 13ª ed., 1939, 432p. Ladainhas de N. S. Aparecida, p. 231 ss. Agradeço vivamente a Danilo Zioni – colega da pós-graduação, companheiro de preocupações teóricas, metodológicas e políticas do ofício de historiador e das suas funções sociais; pois, numa formação social como a deste país, profundamente marcada pelo catolicismo, mas pouco evidenciado na produção historiográfica, mormente nas suas relações com os liberais e vice e versa –, ele encontrou o exemplar em 1999 num Sebo e me presenteou.

Território e Distrito Federal circundam a Padroeira. Sob o Ícone de Aparecida, da esquerda para a direita temos os brasões do Mato Grosso, Goiás, São Paulo [ele é o *centro* entre os cinco signos políticos], Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Não obstante os elementos de cunho religioso presentes e compondo o desenho, a mensagem política é evidente: Ela não era apenas a Mãe simbólica da Nação, mas é o *locus* do qual emanavam valores que os entes federados deveriam respeitar e seguir.

Pairando sobre os embates políticos e às vicissitudes dos homens, sob o seu manto protetor, Ela aninhava, protegia e apaziguava – suas ladainhas são testemunhos – os membros da Nação.



O mesmo *Manual de N. S. Apparecida*,[320] do mesmo ano de 1938 e mesma 13ª ed., veiculou esse cromo no qual não nenhuma referência explícita de cunho político. Aparecida foi representada diáfana, pairando sobre as nuvens dum céu tranqüilo e apaziguador na sua condição de "- Padroeira do Brasil -". No ano anterior havia sido instaurado o regime autoritário do Estado Novo, sendo que Vargas personificava a figura do próprio Estado, e, provavelmente, a Nação fosse representada por Aparecida. O Regime de 1937 promoveu a "queima das bandeiras estaduais" e estabeleceu "à obrigatoriedade do culto à bandeira"[321] nacional. O pavilhão nacional, cuja comemoração do seu dia no 27 de novembro, no Estado Novo passou a ter um caráter de sacralidade no qual havia "missa campal oficializada pelo cardeal Leme [como em 27-11-1937]".[322] Nesta ordem de coisas, os cromos da Padroeira estavam sempre informados e motivados por elementos de cunho político.

---

[320] *Manual de N. S. Apparecida*. Aparecida, Ofs. Gráfs. de Aparecida, 13ª ed., 1939, 432p. Original, in: ACMSP.

[321] CHAUÍ, M. *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Fund. Perseu Abramo, 3ª reimp., 103p; cit. p. 37.

[322] VARGAS, G. *Diários*, Vol.2, p. 87. *Apud*: FARIAS, Damião D. de. *Em Defesa da Ordem. [...]*. São Paulo, Ed. Hucitec/USP, 1998, 267p; cit. p. 102.

d.5] O Vaticano e as Concordatas como política de Estado: o modelo fascista como orientador das relações Igreja-Estado e realidade histórica brasileira. As ações políticas de D. Bento Aloisi Masella, o Núncio Apostólico no Brasil; de D. Duarte Leopoldo e Silva, o Arcebispo de São Paulo; do Arcebispo do Rio de Janeiro, o Cardeal D. Sebastião Leme e a mobilização do laicado católico, 1930-1931.

d.5.1.] A *Circular Reservada* nº 5330 de 09 de dezembro de 1930: a Nunciatura instruía o episcopado para uma factível Concordata com o Estado brasileiro.

> "**Mudados os tempos e as circunstâncias**, amenizados os costumes, disseminadas as luzes da instrução pública até então escassa e deficiente, **o clero brasileiro mudou apenas de tática** [...]".[323]

O lapso de tempo compreendido entre a sagração cardinalística de D. Sebastião Leme em 3 de julho de 1930, o decreto papal do padroado nacional de Aparecida no dia 16 do mesmo mês e ano, e o retorno do novo purpurado ao Brasil, o país foi sacudido pela dinâmica social e política que desembocou na destituição do presidente Washington Luís. A partir de Outubro, Getúlio Vargas e os Tenentes tomam o poder.

O Núncio Apostólico no Brasil, Dom Bento Aloisi Masella, atento às instabilidades no plano político, originadas nos sistemas econômico e social, mas principalmente, como já apontamos, observando determinações da Santa Sé que, naquela quadra histórica tinha por política de Estado fazer Concordatas, ato contínuo, remeteu correspondência à hierarquia eclesiástica do país consultando os religiosos em relação às questões relativas à Igreja e ao Estado brasileiro.

Nesta parte da pesquisa iremos trabalhar com documentos oriundos de três religiosos que expressaram as suas visões do problema sobre uma possível Concordata com o Estado brasileiro; para tanto optei por apresentá-los em ordem cronológica, pois revelam como se deu o fluxo do problema a partir da primeira Circular Reservada da Nunciatura Apostólica; o posicionamento do

---

[323] Estas são afirmações de D. Duarte. Ele é o autor do importante livro *O Clero e a Independência*, que era o resultado de uma série conferências proferidas pelo arcebispo de São Paulo no ano de 1922, data do centenário da Independência política do país. Parte do livro foi publicada como verbete de dicionário. LEOPOLDO E SILVA, Duarte. [D]. "História Religiosa". In: *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*. Comemorativo do Primeiro Centenário da Independência. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1° Vol., 1922, pp. 1255-1278; cit. p. 1278, negritos meus. Em 1972, ano no qual se celebraram os 150 anos da Independência, foi publicada uma nova edição do *Clero e a Independência* prefaciada pelo cardeal metropolitano de São Paulo, D. Paulo E. Arns. No prefácio de D. Paulo há uma clara abordagem e leitura política do livro. À época, o hoje cardeal emérito de São Paulo, vivia às turras com o Regime Militar, e em particular com o governo Médici, patrocinador dos festejos do sesquicentenário da Independência. Houve o envolvimento dos religiosos Redentoristas de Aparecida nesse evento de celebração da Independência política do país em 1972; tal envolvimento diz respeito ao deslocamento da cidade Rio de Janeiro até a capital paulista dos despojos de D. Pedro I.

arcebispo de São Paulo e a reação do cardeal D. Sebastião Leme. Concluirei com os elementos comuns às três visões da questão e indicando o papel *prudente* que D. Duarte jogou na questão. De certa forma apresento elementos que reparam e fazem justiça a esse membro esquecido da hierarquia eclesiástica. Mas, que fique vincado: *D. Duarte agia e se posicionava visando os interesses da Igreja*!

As fontes são inéditas, trata-se de documentos nos quis estão consignadas às movimentações da Nunciatura Apostólica no país. Eles iluminam pontos importantes das relações Igreja-Estado, pois dimensionam, esclarecem e estabelecem uma verdade histórica, e frontalmente questionam as afirmações de José Oscar Beozzo, que, num texto inserido na *História da Civilização Brasileira* aborda a questão da "concordata entre a Santa Sé e o Estado Brasileiro?".[324] Voltarei ao questionamento do padre Beozzo após a análise das fontes.

A Circular-Reservada [C.R] nº 5330 da Nunciatura Apostólica do Brasil, datado de 9 de dezembro de 1930, enviado do Rio de Janeiro, D. Bento Masella trata da "resolução tomada pelo Governo Provisório de criar um Conselho Técnico" cujo objetivo era "elaborar um Plano da nova Constituição e da reforma das leis do país". A C.R trazia em anexo um documento recomendando para que fossem estudados com cuidado e atenção "os pontos de interesse religioso" a serem apresentados pelos católicos "frente ao citado Conselho e [aos] [...] Constituintes".[325]

O documento enumera 12 pontos a serem contemplados pelo destinatário:

"1°. Promulgação da **nova Constituição** – Deveremos urgir seja ela **promulgada em nome de Deus**, e seja declarado que **o Estado reconhecer a religião católica como religião do Povo Brasileiro?** 2°. – Tomando como base a Constituição atual indicar quais as reformas que nela deveriam ser efetuadas especialmente no que diz respeito à Igreja, **subvenção ao culto,** liberdade de pensamento e culto, ensino etc. 3°. Como deveriam ser modificadas as leis sobre o ensino, não só para garantir os direitos da consciência católica como para salvaguardar as escolas e colégios católicos, **preparar a fundação de Institutos Superiores Católicos** etc. 4°. – Quais as disposições com vista ao ensino religioso: **o ensino religioso obrigatório para os filhos de pais que na matrícula se não declaram acatólicos.** 5°. – Quando ao Sacramento do Matrimônio que deverá pedir-se? Quid com respeito aos impedimentos matrimoniais que presentemente diferem entre legislação canônica e a lei civil Brasileira? Quid para **garantir a indissolubilidade do matrimônio?** 6°. – Ataques à religião; medidas a serem tomadas. 7°. – **Dias Santos: reclamações que deverão ser feitas.** 8°. – **Isenção para os clérigos** do serviço militar. 9°. – **Assistência religiosa nas Forças Armadas**, quartéis. Nomeação de Capelães. 10°. – Abolição das medidas de exceção para os religiosos, direito de voto, direito à naturalização dos religiosos. 11°. –

[324] BEOZZO, José O. "A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização". In: FAUSTO, B. [Dir]. *História da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, [III: O Brasil Republicano; 4: Economia e Cultura – 1930-1964], 1984, pp. 269-341; cit. 334.
[325] Documentos reservados da Cúria Metropolitana de São Paulo, anos 1930. In: ACMSP.

Quais **as principais disposições dos códigos que deveriam ser modificadas interesse da Igreja**. 12°. – Rogo por fim a V. Excia que declarar-me [sic] o seu parecer quanto aos meios mais eficazes para conseguir que as reivindicações dos católicos sejam atendidas".[326]

Das reivindicações presentes no documento da Nunciatura, frisemos as seguintes: que a futura Constituição do Brasil fosse "promulgada em nome de Deus"; e que o Estado brasileiro reconhecesse "a religião católica como religião do Povo Brasileiro [...]". A Nunciatura aponta claramente no sentido de o Estado fazer "subvenção ao culto" católico. O Núncio se preocupa com a sementeira do catolicismo garantindo a salvaguardura das "escolas e colégios, preparar a fundação de Institutos Superiores Católicos".

Quando se refere à questão do "ensino religioso obrigatório para os filhos de pais que na matrícula se não declaram acatólicos", de forma deliberada e racionalmente pensada, a representação diplomática da Santa Sé no país instrui os seus prelados, de forma inequívoca, a fazer uso de um ardil para impor aos menos avisados e imprevidentes os valores do catolicismo.

Assim, há a tentativa para que a própria regra da lei positiva presente no regime liberal seja instrumentalizada em prol da Igreja católica.

O documento procura contemplar pontos considerados nefrálgicos à hierarquia, como "garantir a indissolubilidade do Matrimônio [...]". Este como outros pontos do documento da Nunciatura visavam *privilégios*, tais como a "isenção para os clérigos do serviço militar" e outros com os consignados no item 10°, assim acarretando na revogação de "dispositivos dos códigos" contrários aos interesses "da Igreja".

Na seqüência, o outro documento da Nunciatura Católica é a Circular Reservada n° 5292, emitida apenas três dias depois da C. R. n° 5330, na qual se registra o seguinte: "[...]. Não creio que na reforma da Constituição possa a Igreja haver lograr que lhe compete: **o laicismo político é cada dia mais profundo na gente que governa; mas UMA CONCORDATA seria talvez não impossível**".[327]

---

[326] Documento n° 5330 da Nunciatura Apostólica do Brasil. Datado de 9 de dezembro de 1930, enviado do Rio de Janeiro aos bispos do país, negritos meus. In: Pasta A-8; G-2. Constituição. Revolução Constitucionalista – bispos, 1930-1931. Documentos Reservados da Cúria Metropolitana de São Paulo. Papéis de Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

[327] Circular Reservada n° 5292. Nunciatura Católica. Enviada do Rio de Janeiro, em 12 de dezembro de 1930, negritos meus. Papéis de Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

À frente veremos que Dom Leme insistirá na tese da Concordata,[328] cujo modelo era o italiano. Na prática, esses tratados estabeleciam uma política que autorizava "o papado a impor as novas leis canônicas aos católicos", igualmente às igrejas locais deveriam ser concedidos "generosos privilégios ao clero e às escolas católicas" da parte do país concordatário.

Em contrapartida, deliberadamente, Roma impunha que jornais e associações católicas se abstivessem "de qualquer ação social e política". A política de concordatas se traduziu, no contexto dos anos de 1930, no plano local das Nações pactuantes, à "renúncia à ação política" dos cidadãos católicos. Essa desmobilização política e social no nível local perduraram por todo o período da guerra, e "ao longo da década de 1950, [que] foi o apogeu do poder papal, [...] [cuja tradução era a de] uma Igreja católica monolítica e triunfalista, em confrontação antagônica com o comunismo [...]".

Nessa mesma ordem de coisas, imbricava-se a questão da adoção do Código Canônico de 1917, sendo que a sua adoção só seria possível, já que se tratava de normas originadas na instituição romana, se houvesse uma concordata entre o Vaticano e o país concordatário, de modo que o acordo "se tornaria um instrumento de consenso pelo qual as vidas dos bispos, padres, religiosos e fiéis, em qualquer e todo lugar do mundo [...]. [...], a concordata presumia o direito do papado de impor aos fiéis, sem consulta, quaisquer condições que julgasse conveniente adotar no curso das negociações locais".[329]

Em termos da experiência social e política brasileira mobilizavam-se as multidões humanas com o objetivo de desmobilizá-las politicamente. Essa foi uma estratégia colocada em curso pela hierarquia a partir de 1931, e visava à despolitização do corpo social, instrumentalizando às massas

---

[328] O cardeal Eugênio Pacelli, futuro papa Pio XII, em 1933 era o secretário de Estado da Santa Sé. Ele foi o responsável pela assinatura da Concordata com Reich alemão hitlerista, em 1933. No ano seguinte, em 1934, o secretário de Estado esteve em Buenos Aires, na Argentina, onde participou do *XXXII Congresso Eucarístico Internacional*. O secretário da Santa Sé no papado de Pio XI, o cardeal Pacelli deslocou-se pela maioria dos países católicos do mundo. Essa foi uma estratégia de Pio XI para torná-lo conhecido, de modo a garantir a sua eleição no Conclave de 1939. Cf. ALLEN JR, John L. *Conclave. [...]*. Rio de Janeiro, Record, 2003, 255p; especialmente pp. 10, 24, 52, 56, 57, 89, 91, 101, 109, 112, 118, 138, 144, 145, 181, 197. Na sua volta a Roma ele permaneceu no Rio de Janeiro por alguns dias. Participou de cerimônias religiosas públicas, como a Missa no Campo de Santana e o discursou no Corcovado aos Pés da Estátua do Cristo Redentor. Ele foi recepcionado pelas mais altas autoridades dos poderes da República: o deputado Raul Fernandes que tinha sido líder da Constituinte o recepcionou em discurso na Câmara Federal, que era então presidida por Antonio Carlos Ribeiro de Andrade. Na Corte máxima do país, a Supremo Tribunal Federal de Justiça, foi recebido em discurso pelo ministro Edmundo Lins, o seu presidente. O governo brasileiro em 20 de outubro ofereceu um banquete no Itamarati a Pacelli. Neste evento Vargas e Pacelli discursaram. À frente voltarei a essa série de discursos e recepções ao Legado papal Eugênio Pacelli em 1934 e o seu desdobramento na "Concordata informal" entre o Estado brasileiro e o Vaticano.

[329] CORNWELL, J. O *Papa de Hitler. [...]*. Rio de Janeiro, Imago, 2000, cit., pp. 18, 18-19 e 99, respectivamente.

católicas em prol da própria hierarquia e a favor do poder secular instituído, como admiravelmente demonstrou um historiador ao indicar a *sacralização da política.*

Lenharo em dado trecho do seu livro evoca a "[...] sugestão encaminhada por Roberto Simonsen [na condição de presidente da FIESP] a autoridades religiosas, no sentido de que *a Igreja apaziguasse os humildes, para que não se revoltassem contra os patrões e reconhecessem a sua impossibilidade de melhorar as condições de ganho dos trabalhadores.* Esta *função mediadora no social*, requerida por Simonsen e por muitos, e da mesma *natureza das mediações que o clero estabelece entre o fiel e Deus. É tipo do poder garantir o monopólio da mediação para o clero* a fim de que garanta *a "função de atomizar o corpo social* ou mais *exatamente ser o ponto de passagem entre as relações sociais*"".[330]



Capa da brochura do *Regulamento do IV CEN*, ocorrido de 4 a 7 de setembro de 1942 em São Paulo, capital, com o escudo-emblema do certame, no qual se entrelaçavam as bandeiras do Brasil e da Santa Sé, sob elas um largo, tranqüilo e alvo caminho se descortinava para o país a partir dos valores ditados pelo Vaticano a partir da sua doutrina social: engastavam-se as esferas religiosa e secular e se sacralizava a política.

---

[330] LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política.* Campinas, Ed. da Unicamp/Papirus, 2ª ed., 1986, 218p. Este é um documento historiográfico seminal à compreensão das relações Igreja-Estado nos anos 1930. Cit., pp. 156-157, itálicos meus.

d.5.2] O Regime político liberal, a expansão patrimonial, a influência política e o adensamento devocional da Igreja católica de 1891 a 1930, segundo o balanço de Duarte Leopoldo e Silva, o Arcebispo de São Paulo, e o seu posicionamento frente à *Circular Reservada* nº 5330: "**Jamais a Igreja, no Brasil, dispôs de tanto recurso material, como depois que o Estado lhe negou toda e qualquer subvenção oficial** [fim do regime do Padroado régio], **e isto é tão verdade para as dioceses e paróquias mais dotadas, como para as mais pobres e necessitadas**".

Em sua resposta à C. R. nº 5330 da Nunciatura Apostólica, Dom Duarte Leopoldo e Silva, bispo Metropolitano de São Paulo, homem tarimbado tanto nas lidas com seus pares nos níveis paroquiano,[331] diocesano e arquidiocesano, quanto em relação aos membros do laicado, respondeu ao Núncio D. Bento A. Maselli.

E o fez numa carta extensa, datada de 20 de dezembro de 1930, cujo sumário é o seguinte: "[...] no que diz respeito às relações da Igreja e do Estado, acredito que não poderíamos pleitear, na futura Constituição, modificações radicais, sem muita ponderação e prudência".[332]

D. Duarte constata que "não há [no] temperamento brasileiro, mau grado a infiltração Positivista e Protestante, a hostilidade sistemática contra a Igreja Católica". Acredita o metropolitano que o que há de fato é uma falta de conhecimento mais profundo, "interno da Igreja" por parte dos políticos. Para o religioso esse estado de coisas se explica pelo modo pelo qual os políticos compreendem a ação da Igreja. Para ele os políticos são homens cuja fé é "mais sentimental que doutrinal"; os políticos apreendem a Igreja "como serva submissa do Estado, antes instrumento servil que orientador da opinião pública e da política em geral". Atribui essa situação à realidade histórica do país, pois

> "o regalismo não morreu com a monarquia. Si a república nos deixou liberdades precisas, não o fez certamente por amor a liberdade, menos ainda por atenção a Igreja, mas por um erro de visão,

[331] D. Duarte fora pároco da Matriz de Santa Cecília na capital paulista, cuja audiência era composta pela elite cafeeira. Em 1904 foi elevado à condição de bispo, se transferido para Curitiba; depois retornou à capital paulista como arcebispo, cargo que exerceu por quase trinta e um [31] anos, no mais extenso bispado da arquidiocese. Essa longevidade de D. Duarte frente ao bispado de São Paulo aponta a sua performance e o papel que desempenhou como religioso na ordem burguesa-liberal-urbana, pois "[...] o padre não será o aliado dos pobres e desamparados, mas dos potentados, pessoa grada ele próprio entre pessoas gradas, solidário na adesão a iguais valores. [...]. hábil, astuto, manhoso [...]". Cf. FAORO, Raimundo. "Os Santos Óleos da Teologia". In: _____. *Machado de Assis: A Pirâmide e Trapézio*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1975, cit. pp. 466 e 455, respectivamente. E podemos a acrescentar a qualidade de *prudente* em relação à D. Duarte.

[332] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. Trecho da carta em resposta à Circular Reservada nº 5330 da Nunciatura Apostólica, Dom Duarte Leopoldo e Silva, o bispo Metropolitano de São Paulo, responde em sete [7] páginas, datada de 20 de dezembro de 1930. O texto é datilografado e tem várias passagens, frases e expressões escritas a lápis por Dom Duarte. Os trechos sublinhados no original estão marcados ou escritos na cor vermelha. In: Papéis de Duarte Leopoldo e Silva. In: ACMSP. Outras citações a este documento dar-se-ão da seguinte maneira: LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "Trecho da carta em resposta à Circular Reservada nº 5330 da Nunciatura Apostólica [...]". São Paulo, 20 de dez. de 1930. ACMSP.

acreditando certos políticos, como acreditaram, que a Igreja não subsistiria por muitos anos, em um ambiente de amplas liberdades, exposta à contradições de adversários poderosos, sem apoio e prestigio do braço secular".[333]

Noutro passo da sua explanação Dom Duarte é cauteloso no concernente à futura reforma da "Constituição de 24 de fevereiro de 1891", que para ele "seria um grande perigo" e demandaria pelo lado da hierarquia, pois "impõe cuidados especiais e atenção muito particular". No parágrafo seguinte da sua resposta, aborda a questão das recentes Concordatas[334] feitas pela "Santa Sé em alguns países europeus, a Igreja conseguiu liberdade de que estava injustamente privada, a troco de concessões que não afetam intimamente a vida da Igreja".

Já o seu diagnostico para o Brasil, no respeitante a uma possível Concordata, deveria ter-se no horizonte o cálculo político necessário. Para o ambiente brasileiro, afirmava D. Duarte:

"**uma Concordata poderia privar-nos de liberdades já conquistadas** e pacificamente usufruídas, **a troca de concessões que, entrevendo a vida da Igreja, só veriam beneficiar o Estado**, ou antes, a política estreita, se não hostil, de estadistas e de vôo ainda [...] mais curto e mais estreito".[335]

O religioso afirmava que no período da Monarquia, havia a Concordata, mas o preço pago pela Igreja foi "a escravidão" da instituição. Já na República, que estabeleceu a separação das duas esferas, o regime político republicano de governo o fez "sem nos pedir compensações". Deste modo, recomendava a observação do ambiente social e cálculo político para as futuras ações da Igreja na "nova ordem de cousas, quais as compensações que poderíamos oferecer, o custo de vantagens problemáticas e precárias?".

Em seguida aborda a questão da nomeação "dos Bispos e dos Párocos", pois com a liberdade instituída pela Constituição de 1891, foi um dos maiores avanços para a Instituição católica, pois trouxe a "expansão e vitalidade [a] Igreja".

---

[333] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "Trecho da carta em resposta à Circular Reservada nº 5330 da Nunciatura Apostólica [...]". São Paulo, 20 de dez. de 1930. ACMSP.

[334] No ano de 1922, desde o início do papado de Pio XI, a Santa Sé inaugurou o processo, com a Letônia, da política formal de Concordatas. Esse Círculo se encerrou em 1937 com a Concordata equatoriana, perfazendo um montante de dezesseis [16] tratados. Cf. AUBERT *et alii*. *Nova História da Igreja*. Petrópolis, Vozes, 1976, p. 110 ss. Mas desse conjunto de acordos, os mais importantes são os de 1929, o "Tratado de Latrão", com a Itália e o de 1933 com a Alemanha do *Reich* hitlerista. Cf. CORNWELL, J. *O Papa de Hitler. [...]*. Rio de Janeiro, Imago, 2ª ed., 2000, pp. 130-33, 139, 140, 144-145, 150, 159, 161, 169, 195, 226, I ss; e 18, 98-101, 104, 106, 112, 116 ss., respectivamente. O Tratado de Latrão será o paradigma para o Brasil, como veremos à frente.

[335] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "Trecho da carta em resposta à Circular Reservada nº 5330 da Nunciatura Apostólica [...]". São Paulo, 20 de dez. de 1930. Negritos meus. ACMSP.

A expansão referida por D. Duarte é, sobretudo, a que diz respeito ao seu patrimônio físico. E a sua vitalidade reportava-se às forças dos católicos em vários campos da vida brasileira. Ele fala da atuação do "[...] nosso Cardeal [Dom Sebastião Leme] à frente [dos acontecimentos para a troca dos ocupantes do poder secular em Outubro de 1930] – para pacificação do país, evitando eficazmente maior derramamento de sangue, nos tenha criado ambiente mais simpático? Não creio, apesar de [...] certas atitudes avançadas, talvez menos por causa delas".[336]

Constatava, o religioso de São Paulo que, "a este propósito convêm recordar que a Junta Provisória do Rio de Janeiro apresentou logo nos primeiros dias, um Programa [...] [que estava] de acordo com nossos ideais [da Igreja]. Pois, bem – esse Programa, apesar das atitudes revolucionárias e simpatias gaúchas, desapareceu por completo, logo após a constituição da ditadura".

Em seguida afirma que é possível pleitear modificações e reformas, mas tendo como base a Constituição de 1891, e para que a reforma alcançasse os resultados desejados pelo corpo episcopal deveriam ser observados os devidos cuidados "sem afrontar o espírito reacionário de políticos intransigentes". Na continuação da sua exposição, escreveu, dentro dos cânones hierárquicos que presidia o documento, que em "resposta pormenorizada aos quesitos formulados por V. Excia. irei desenvolvendo as minhas opiniões, que outro valor não tem e não devem ter mais que o de simples apontamentos para estudo mais acurado e completo".[337]

Em seguida ao conjunto de observações acima D. Duarte responde ao doze itens da Circular Reservada nº 5330: "1º. – Promulgação da nova Constituição. Deveremos urgir seja ela promulgada em nome de Deus [...]", mas D. Duarte se mostra reticente quanto ao Estado reconhecer "[...] a Religião Católica com religião do Povo brasileiro? Responde com uma negativa, pois

> "Não sei se o quesito, como está redigido, envolve a idéia de religião e de Estado. Não creio que *os nossos políticos*, geralmente agnósticos, indiferentes, *poucos afeitos à luta de princípios*, no terreno religioso queiram abrir mão do que se lhes figura grande conquistas de civilização: sem discutir a doutrina, mas aceitando apenas o facto, em atenção às circunstâncias do tempo e de meio, – parece-me que *deveríamos pleitear a promulgação da nossa Magna Carta em nome de Deus, respeitando o Estado a Religião Católica, se não como religião oficial, ao menos como religião da maioria do povo brasileiro*. [...]".[338]

---

[336] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "Trecho da carta em resposta à Circular Reservada nº 5330 da Nunciatura Apostólica [...]". São Paulo, 20 de dez. de 1930. ACMSP.

[337] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "Trecho da carta em resposta à Circular Reservada nº 5330 da Nunciatura Apostólica [...]". São Paulo, 20 de dez. de 1930. ACMSP.

[338] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "Trecho da carta em resposta à Circular Reservada nº 5330 da Nunciatura Apostólica [...]". Itálicos meus. São Paulo, 20 de dez. de 1930. ACMSP.

O religioso, à guisa de exemplo, evocou uma realidade política em curso, pois "O regime atual, a despeito da separação, a Constituição de Minas foi promulgada em nome da SS. Trindade. Creio que há outras em iguais circunstâncias". D. Duarte é enfático quanto às questões abordadas no item 2º da C. R. nº 5330, o da subvenção estatal ao culto católico, às liberdades de pensamento, culto e ensino, "[...] creio que a resposta está inclusa no 1º quesito, isto é, liberdade de culto da Religião Católica como da maioria da Nação", pois "não me parece prudente qualquer disposição que venha carecer a Liberdade de Pensamento e de Culto, pois seria expor-nos a uma reação que, força é confessar, existe latente na sociedade atual".

O religioso faz referência à Constituição de 1891, pois esse deveria ser o modelo pelo qual os católicos deveriam lutar já que em ela "a Constituição de 1891, com todos os seus defeitos, é ainda uma das melhores, e provera a Deus que muitas Nações a tivessem pela menos igual".

Neste particular, parece que, "de preferência e com maior eficácia, deveríamos assegurar liberdade para a Igreja, sem curar de a cercear para ninguém. Exemplificando, cito uma reforma conveniente na lei que estabelece a personalidade jurídica das associações religiosas".

Refuta a subvenção estatal ao culto, "[...] sou contrário à subvenção do culto e dos seus ministros, a não ser em forma de auxílio extraordinário, em circunstâncias especiais. A república não será mais generosa que a monarquia, isto é, só nos dará, displicentemente, o salário da fome. **Jamais a Igreja, no Brasil, dispôs de tanto recurso material, como depois que o Estado lhe negou toda e qualquer subvenção oficial, e isto é tão verdade para as dioceses e paróquias mais dotadas, como para as mais pobres e necessitadas**".

Dom Duarte indicava que a força da Igreja residiria, antes de tudo, na "[...] simpatia dos fiéis, cuja generosidade vai sempre [crescendo] na proporção em que se desenvolve o espírito religioso". Caso contrário com

> **"o pároco subvencionado será considerado um simples funcionário público, sujeito portanto às impertinências dos régulos de aldeia, sem prestígio perante as autoridades civis, principalmente do interior, a não ser que lhes queira servir de Cabo Eleitoral e instrumento das suas pequenas ambições. A subvenção na República como na monarquia, é uma cadeia de ferro para escravização da Igreja**. Os políticos a desejam em termos e lamentam o terreno que, neste particular, perderam com a separação [Igreja-Estado, com decreto lei 119-A]".[339]

Ao responder sobre o item 3º que tratava das questões atinentes às medidas para se modificar "[...] as leis sobre o ensino, **não só para garantir os direitos da consciência católica**, como para

[339] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "Trecho da carta em resposta à Circular Reservada nº 5330 da Nunciatura Apostólica [...]". São Paulo, 20 de dez. de 1930. Negritos meus. ACMSP.

salvaguardar as escolas e colégios católicos, preparar a fundação de Institutos Superiores Católicos". Pois, "o reconhecimento dos títulos expedidos por escolas, institutos, ao que suponho depende mais de regulamentos particulares, do que um dispositivo Constitucional".[340] À questão de ensino continua sendo o objeto da preocupação de D. Duarte na sua resposta no item 4°, pois se interroga o religioso

> "Quais as disposições que deveriam ser tomadas, com vista ao ensino religioso? Ensino religioso para os filhos dos Paes que, na matricula, se não declarem acatólicos. O ensino religioso seja obrigatório para alunos cujos Paes, no ato da matrícula, o reclamarem, e facultativo para os acatólicos, segundo a vontade dos Paes, manifestado no ato da inscrição. [Conseguiremos alguma cousa neste sentido? No meu Estado, [...] não]".[341]

Ao tratar da questão do casamento religioso e do civil, objetos da sua resposta no item 5°, D. Duarte indicava a sua visão do problema e apontava a situação no país nesse particular:

> "[...] quanto ao Sacramento do Matrimônio, [...]? Convêm insistir pelo reconhecimento do casamento religioso e da sua respectiva legislação canônica, obrigando-se os nubentes, e o pároco subsidiariamente, a fazer o respectivo registro. Para o casamento civil. A legislação atual sobre casamento, além de constituir enorme embaraço para o próprio Estado, que a não pode executar em toda a extensão do país, é talvez a maior chaga e maior empecilho com que luta a Igreja para moralização das famílias. Aos Estados só resta, principalmente, a lei civil é mal observada dada[s] as condições anteriormente apontadas".[342]

No sexto item da C. R. n° 5330 há o desejo latente da hierarquia, evidenciado pela pergunta do Núncio, em controlar tanto a opinião pública quanto manifestações contrárias às da Igreja, ao que Dom Duarte se posiciona respondendo: "ataques a Religião. Medidas a serem tomadas. Parece-me difícil conseguir alguma coisa mais do [que se] dispõe ou se poderá dispor no Código Penal, uma vez admitida à liberdade de pensamento e culto [...]".

No mesmo diapasão que garantisse à Igreja controle sobre os seus opositores e lhe garantisse privilégios são encontrados no item 11° do documento da Nunciatura, ao que D. Duarte se posiciona nos seguintes termos: "as modificações que se poderiam introduzir [na futura Constituição], sobretudo no Código Penal, dependem dos princípios que forem consagrados na Constituição".

---

[340] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "Trecho da carta em resposta à Circular Reservada n° 5330 da Nunciatura Apostólica [...]". São Paulo, 20 de dez. de 1930. Para todos os fragmentos citados entre aspas. Negritos meus. ACMSP.

[341] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "Trecho da carta em resposta à Circular Reservada n° 5330 da Nunciatura Apostólica [...]". São Paulo, 20 de dez. de 1930. ACMSP.

[342] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "Trecho da carta em resposta à Circular Reservada n° 5330 da Nunciatura Apostólica [...]". São Paulo, 20 de dez. de 1930. ACMSP.

Logo, o código positivo liberal ou a Constituição, seriam centrais no sentido de garantir a existência da instituição romana neste país. No argumento de D. Duarte não há nesga duma realidade extra-humana ou transcendente, mas tão-somente cálculo e astúcia política: a hierarquia agia sobre o aqui e o agora. Ao se pronunciar sobre o 7º item que versava sobre uma questão central em termos de compromisso cultural, pois tratava da questão dos "Dias Santos", D. Duarte é novamente bastante comedido ao dizer que "**parece-me o ponto facultativo nas circunstâncias previstas, satisfaz**".[343]

Ao indicar o ponto facultativo como a solução mais adequada para o problema, o religioso de certa forma indicava o limite às ambições da Nunciatura: para uma realidade histórica cuja economia era quem ritmava o calendário, e não mais os valores estritamente relacionados ao sagrado, optar pela solução da observância "facultativa" para as celebrações religiosas, indicava um provável ganho para Igreja: os ritos e festas religiosas migravam para o plano simbólico, e essa solução talvez fosse muito mais eficaz do que uma outra na qual se obrigasse a Nação como um todo a respeitar valores apenas dos católicos.

A solução "facultativa" também indicava que os católicos, num regime liberal, que prevê tanto a separação das esferas religiosa e secular quanto a liberdade das gentes da Nação, continuaria a lograr ganhos, pois tinham amplíssimo campo para as suas ações: liberais e católicos irmanavam-se em proveito recíproco. Assim, revelava-se um dos mecanismos da dominação social e mostrava o seu *locus*: o *ethos*. Aos itens 8º e 10º, ambas reivindicações de privilégios para os religiosos católicos, D. Duarte responde positivamente, observando que para tanto era preciso atentar às especificidades dos problemas. Sobre o nono item que se refere à "assistência religiosa nas Forças Armadas", o metropolitano de São Paulo faz a seguinte ressalva: "**convêm assinalar os direitos dos Bispos sobre os capelães** [militares]".[344]

Nestes termos, fica patente a sua preocupação com o controle dos seus subordinados. Ao se posicionar sobre os mecanismos e os meios mais adequados e "eficazes" que garantissem as demandas dos católicos – aqui o religioso se refere não apenas a Igreja, mas aos católicos como um todo –, D. Duarte se mostrou, além de ser um homem atualizado com cena política do seu tempo, ou

---

[343] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "Trecho da carta em resposta à Circular Reservada nº 5330 da Nunciatura Apostólica [...]". São Paulo, 20 de dez. de 1930. Negritos meus. ACMSP.

[344] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "Trecho da carta em resposta à Circular Reservada nº 5330 da Nunciatura Apostólica [...]". São Paulo, 20 de dez. de 1930. Negritos meus. ACMSP. O controle pensado por D. Duarte se estenderia para além dos religiosos lotados no serviço militar, abrangeria os "demais ao serviço de saúde, hospitais de sangue, Cruz Vermelha".

por isso mesmo, um atilado estrategista, qualidades que lhe garantia o lugar que ocupava na hierarquia católica deste país:

> "*propaganda pela imprensa, severamente controlada pelos Bispos* e *campanha eleitoral para que a Igreja tenha, na Constituinte, representantes dignos e capazes, fundamentalmente católicos*. Essa campanha, para que seja útil e eficaz, *depende muitissimo da lei eleitoral que há de preparar a Constituinte*. É fora de dúvida que, sobretudo nesta emergência, não poderia o clero eximir-se totalmente da política, contanto que *seja energicamente orientada pelos Pastores unidos entre si, por um programa doutrinário e disciplinar previamente estabelecido, uns e outros sob a direção única de um chefe incontestável. A ingerência do clero na política, principalmente no interior do País, é um dos grandes males* que, amortecido com a queda da monarquia, *revive assustadoramente com a revolução de Outubro*".[345]

Dom Duarte mostra-se um conhecedor dos hábitos e da política do país, assim credenciado-o como um hábil analista tanto em relação à realidade política em geral quanto dos seus pares em particular.

Indicava, de modo inequívoco, as duas táticas que seriam executadas: a propaganda e o apoio da instituição às pessoas que adotassem as questões defendidas pela Igreja. Centralizava as ações políticas da Igreja na figura do Cardeal lotado da arquidiocese carioca, assim garantindo o controle sobre o conjunto da hierarquia.

Há uma expressiva preocupação do religioso com o controle da hierarquia em relação às questões de ordem política, de modo que, elegendo Dom Sebastião Leme para exercer essa liderança, infere-se dos argumentos de D. Duarte que, o único Cardeal do país naquela quadra história, centralizaria na pessoa e na autoridade de D. Leme uma *unidade* necessária à Igreja, pois na conclusão da sua resposta D. Duarte enfatiza

> "*Os srs. Bispos*, a fortiori, *deveriam congregar-se em torno de um chefe único*, que no caso seria *naturalmente o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro*. Ou se faz essa união, ou teremos de lamentar, para o Brasil e para a Igreja, as conseqüências de um dessedio, que já se esboça com menos e total incompreensão do momento. Sirva-nos de lição e salutar aviso o que ouvi a certo político de destaque: a nossa felicidade e que os srs. Bispos não são unidos. Haverá exagero neste conceito, mas o aviso fica, prevenindo dispersão de forças preciosas e necessárias. Conclusão: estas são considerações que, só por obediência, tenho a honra de submeter ao [...] critério e exame de V. Excia. Revma".

Afinal,

> "[...]. – A falta [de] educação cívica e religiosa, ainda nos centros mais adiantados, o choque de interesses de campanário, sempre pequeninos, ordinários de índole pessoal ou regional, coloca o padre em situação delicada, quase sempre desfavorável ao seu ministério e prestígio espiritual.

---

[345] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "Trecho da carta em resposta à Circular Reservada nº 5330 da Nunciatura Apostólica [...]". São Paulo, 20 de dez. de 1930. Itálicos meus. ACMSP.

Muitos padres não têm mesmo o preparo conveniente, o indispensável critério para essas lutas, e não são raros os casos em que o padre se prevalece do prestígio político para fugir aos deveres e injunções da disciplina eclesiástica. Impedindo, quanto possível, tanto perigo e maior mal, seria preciso coordenar a ação do clero na política com instruções especiais, severas enérgicas".

A par desse conjunto de considerações arroladas, D. Duarte Leopoldo e Silva encerrava a sua resposta ao Núncio apontando três itens que efetivamente deveriam ser batalhados pela hierarquia:

"Não creio que cheguemos a alcançar tudo quanto ai fica como desidereta. Se, porém, a situação se nos antolhar menos favorável, penso que já teremos bastante si conseguirmos aos menos: 1 – Promulgação da Constituição em nome de Deus. 2 – Ensino religioso facultativo nas escolas públicas. 3 – Reconhecimento do Casamento religioso e a sua legislação canônica. Releve-me V. Emcia a insuficiência deste memorial, dirigindo-se aceitar os protestos de estima e consideração com que me honro de subscrever-me".[346]

Nesse fluxo de correspondência, o Núncio D. Bento A. Masella, em 23 de dezembro de 1930, escreveu um resposta em italiano à Dom Duarte "Monsignore Arcivescovo di S. Paulo", essa carta é um documento fundamental para a compreensão da relações Igreja-Estado, e principalmente para a questão das Concordadas como política de Estado da Santa Sé no período, quando o Núncio informava a D. Duarte que daria ciência do posicionamento do religioso brasileiro ao "signor Cardinale Segretario di Stato", cargo que à época era exercido pelo cardeal Eugênio Pacelli, futuro papa Pio XII. Diz D. Masella:

"No oggi ricevuto la pregata lettera nella quale V. E. mi dà a conoscere il sua sávio parere circa le RIVENDICAZIONI dei Cattolici. Ne la ringrazio di cuore e in pari tempo le partecipeche detta emportantissima **lettona será da me inviata all'E.mo signor Cardinale Segretario di Stato**. Augurando a V. E. felecissime le feste natalizie, profitto con sensi di distinte stima. Di V.E. R.ma [...]".[347]

[346] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. "Trecho da carta em resposta à Circular Reservada nº 5330 da Nunciatura Apostólica [...]". São Paulo, 20 de dez. de 1930. Para todas as citações entre aspas e em destaque. Negritos meus. ACMSP.

[347] Carta nº 5411 em papel timbrado da Nunciatura Apostólica no Brasil, datado de "23 dicembre 1930" e assinada pelo Núncio. Negritos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

d. 5.3] O pêndulo político do jovem e ambicioso Cardeal Leme oscilou em consonância à hierarquia curial romana. D. Sebastião Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro, em 24 de dezembro de 1930, fez eco a "*le rivendicazioni dei Cattollici*" apontada pelo Núncio Apostólico. D. Leme elaborou um programa político e estabeleceu o roteiro para as ações dos católicos: os pleitos da Igreja a serem contemplados na futura Constituição.

Um dia após a missiva do Núncio, em 24 de dezembro de 1930, em papel timbrado com o brasão "*COR UNUM ET ANIMA UNA*" [cuja tradução literal é: "*um só coração e uma só alma*" ou, também, grosso modo "a *unificação* das almas", o que releva a sempre rediviva, pulsante e latente ambição teológica da *metanóia*: *conversão absoluta*], o Cardeal Dom Sebastião Leme escreveu ao arcebispo de São Paulo, provavelmente ele tenha tomado conhecimento da resposta de D. Duarte ao Núncio.

Dom Leme parte do mesmo pressuposto da Nunciatura para uma Concordata como instrumento adequado às relações Igreja-Estado e política de Estado, e fazendo eco a "le RIVENDICAZIONI dei Cattolici" do Núncio católico, também repetia posições suas desde a sua Pastora de 1916,[348] ao afirmar resolutamente que "[...] peço vênia para algumas sugestões relativas às reformas que temos o direito e o dever de pleitear em a nova legislação da República. Apesar de bem intencionados os responsáveis pela situação, imperiosa se me afigura não descuidarmos dos seguintes recursos [...]"[349]

Em seguida enumera pontos que deverão ser adotados:

> "I] **Discreta e forte atuação, direta e indireta, a ser desenvolvida desde já, junto ao Governo e dos elementos capazes de influir**; 2] Preparar, para ocasião oportuna, uma impressionante **campanha** de **opinião pública, por meio da imprensa, conferências, telegramas, reuniões**, etc... Quanto ao primeiro ponto, tenho informações de que circunstâncias de lugar e pessoas, já começam a agir, com resultados, mercê de Deus, satisfatórios. **Em todas as dioceses, porém, será vasto o campo de ação**,

---

[348] LEME, Sebastião [D.]. *Carta Pastoral*. [1916]. Do Arcebispo Metropolitano de Olinda Saudando os seus Diocesanos. Petrópolis, Vozes, 1916, 138p. **É interessante notar que o hábil D. Leme aborda às questões terrenas, elabora todo um programa de ação para os católicos, mas o faz invocando** "Ó Nossa Senhora da Apparecida!", cit. p. 123. Segundo a biografa de D. Leme, Ir. Santo Rosário, desde criança o menino Sebastião tornara-se devoto de Aparecida, pois a sua mãe d. Ana o leva em romaria até o Santuário.
O brasilianista Scott Mainwaring afirma que a *Carta Pastoral de 1916* inaugura a modernização da Igreja católica no Brasil. Segundo os argumentos presentes nesse documento "o Brasil era uma nação católica e que Igreja deveria tirar proveito desse fato e marcar presença muito mais forte na sociedade".
Nestes termos, o religioso propõe "o modelo da neocristandade", que visava envolver ativistas e militantes católicos originários nas elites intelectual, política e econômica. MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política no Brasil*. [*1916-1985*]. São Paulo, Brasiliense, 1989, 300p; cit. pp. 41 e 43, respectivamente.
O autor não aponta a questão fundamental, corolário dessa nova prática originada na hierarquia: a mobilização, a ação e a arregimentação social, principalmente em eventos nos quais participavam as multidões: milhares de pessoas.

[349] Trecho da Carta datada de 24-12-1930 em papel com brasão e o dístico em latim: "*COR UNUM ET ANIMA UNA*" e assinada pelo Cardeal Dom Sebastião Leme. O cardeal abre o texto assim: "Exmo. e Revmo. Dr. Arcebispo de S. Paulo. Beijando as mãos de V. Exa. Revma. [...]". In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

quando forem conhecidos os nomes do Conselho incumbido de elaborar o projeto da Constituição e, mais tarde, quando se tratar dos nomes a serem apresentados às eleições para a futura Constituinte. Mais delicado e urgente me parece **cuidarmos por agora de manter no âmbito católico absoluta e completa unidade de orientação e de ação**".[350]

Dom Leme tinha por tática cooptar à causa dos católicos, pessoas que gravitavam à volta dos novos ocupantes do poder e mesmo pessoas do Governo, e, noutro plano, a mobilização dos católicos em eventos nos quais as posições e demandas da Igreja se adensassem e ganhassem visibilidade.

Logo, indicando que as táticas tinham um claro propósito de arregimentar as multidões em todos os lugares onde houvesse a presença da Igreja, e elegia "as dioceses" como o espaço de onde partiria a mobilização.

Alguns anos depois, a *Ação Católica*[351], após o sucesso da LEC, aquela era o instrumento dessa mobilização e arregimentação quase cotidiana dos católicos que tinha por base a questão social e por objetivo os trabalhadores organizados nos Círculos Católicos.

Em 27 de Outubro de 1935 o papa Pio XI produziu um documento sobre a "Ação Católica no Brasil", ele foi direcionado a D. Leme. "Carta de Pio XI a D. Sebastião Leme".[352] No documento o papa toca em muitas questões objetos da Ação Católica [A.C], todas dirigidas pela hierarquia e a subordinação dos membros da AC à mesma hierarquia, a partir das "dioceses".[353]

E a questão social era o centro, cujo foco recaía sobre os "Círculos operários".[354]

Em 1939 eram "83 os Círculos Católicos" estavam organizados em "17 Estados" da federação, num total de "73.000 sócios". Numa das conclusões do relatório afirmava-se que "os operários católicos, tomaram a sério o apelo pró-ação social dos Sumos Pontífices; saíram do terreno meramente teorético e discursivo, tratando de realizar o programa social da Igreja".

O que significava "a reconquista dos trabalhadores para Cristo", a partir do "apostolado [...] [de] Leão XIII, Pio X e Pio XI".[355] Ou seja: a partir das diretrizes ditadas pela cúpula curial, e não das demandas efetivas dos trabalhadores. Igualmente, como já havia apontado D. Duarte na sua resposta ao Núncio, preocupava-se também com a *questão da unidade* para esse processo de

---

[350] Trecho da Carta datada de 24-12-1930 em papel com brasão e o dístico em latim: "*COR UNUM ET ANIMA UNA*" e assinada pelo Cardeal Dom Sebastião Leme. Negritos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

[351] Em 27 de Outubro de 1935 o papa Pio XI produziu um documento sobre a "Ação Católica no Brasil", ele foi direcionado a D. Leme. "Carta de Pio XI a D. Sebastião Leme". In: *Ação Católica*. Rio de Janeiro, nº 2, ano I, out./1938, pp. 44-50.

[352] *Ação Católica*. Rio de Janeiro, nº 2, ano I, out./1938, pp. 44-50.

[353] *Ação Católica*. Rio de Janeiro, nº 2, ano I, out./1938, pp. 44-50; cit. p. 49

[354] *Ação Católica*. Rio de Janeiro, nº 7, ano II, jul./1939, pp. 218-221.

[355] *Ação Católica*. Rio de Janeiro, nº 7, ano II, jul./1939, pp. 218-221; cit. pp. 218 e 221, respectivamente.

mobilização: "manter no âmbito católico absoluta e completa **unidade de orientação e de ação**",[356] mormente no plano político.

Trabalhos consistentes como o de Oscar Lustosa, O.P., que abordaram as relações Igreja-Estado na perspectiva política, a partir da Liga Eleitoral Católica, penso que devem ser lidos nessa chave: a *unidade da Igreja a partir dos membros da hierarquia*, pois a instituição eclesiástica católica neste país não quis constituir um partido político, o lhe garantiu amplíssimo campo de manobras – que o regime republicano liberal lhe facultava –, de modo que a Igreja, em ação reciprocidade, dava apoio àqueles que defendessem à sua concepção de projeto social e política para a Nação.

Neste sentido, aqui residiu uma das táticas mais eficazes, a Igreja se fazia presente em todas as agremiações por intermédio dos indivíduos. Essa prática teve como conseqüências que a tática católica minava a possibilidade da existência de partidos políticos com programas efetivos e consistentes. [Excetuadas, claro, as agremiações políticas de esquerda].

Um exemplo do que estou apontando pode ser conferido nas eleições à Constituinte de 1934, na "*Chapa Única Por São Paulo Unido*", na qual havia elementos de diversos partidos políticos.

Encontrei nos Papéis de D. Duarte uma série de panfletos da *Chapa Única [...]*, de políticos do PD e do PRP, em um deles estão arrolados os seguintes nomes:

> "Dr. **Plínio Correa de Oliveira**, adv., Capital; Dr. **Abelardo Vergueiro César**, corretor oficial [de café?], Capital; **Antonio Augusto de Barros Penteado**, engº., Capital; Dr. **Antonio Carlos de Abreu Sodré**, adv., Capital; Dr. **Carlos de Moraes Andrade**, adv., Capital; Dra. **Carlota Pereira de Queiroz**, médica, Capital; Dr. **Cincinato César da Silva Braga**, lavrador, Capital federal; Dr. **Henrique Smith Bayma**, adv., Capital; Dr. **João Domingues Sampaio**, adv., Capital; Dr. **Jorge Americano**, prof. de direito, Capital; Dr. **José de Alcântara Machado de Oliveira**, prof. de direito, Capital; Dr. **José de Almeida Camargo**, médico, Capital; Dr. **José Carlos de Macedo Soares**, industrial; Capital; Dr. **José Joaquim Cardoso de Mello Neto**, prof. de direito, Capital; Dr. **José Manuel de Azevedo Marques**, prof. de direito, Capital; Dr. **José Ulpiano Pinto de Sousa**, prof. de direito, Capital; Dr. **Manuel Hyppolito do Rego**, adv., Santos; Dr. **Mário Whately**, prof. de engenharia, Capital; Dr. **Oscar Rodrigues Alves**, lavrador, Capital; [...] [repete o nome de Plínio C. de Oliveira]; Dr. **Raphael de Abreu Sampaio Vidal**, adv., Capital; Dr. **Theotonio Monteiro de Barros Filho**, adv., Rio Preto; Dr. **Valdomiro Silveira**, adv., Santos".[357]

Atentando-se para aos sobrenomes dessa lista, há constatação de que eles são majoritariamente de membros da oligarquia; a profissão da maioria é a de advogado ou correlata; engenheiros, médicos e uma médica – aqui uma candidata mulher, à época uma novidade, mas

---

[356] Veja-se: LUSTOSA, O. de Figueiredo. [O.P.]. *Política e Igreja: o Partido Católico no Brasil, mito ou realidade?* São Paulo, Paulinas, 1982, 242p. _____. *Igreja e política no Brasil: do Partido Católico à LEC [1874-1945]*. São Paulo, Loyola/CEPEHIB, 1983, 152p.

[357] Panfleto da *Chapa Única [...]*, negritos e sublinhados meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

originária das classes dominantes –, lavrador [esta era a denominação que à época se dava aos proprietários rurais], um corretor e um industrial; quase todos da Capital do Estado.

A par dessa realidade, ainda é possível se falar em *Revolução de 1930* como o fez Boris Fausto?[358]

O movimento de Outubro de 1930 da tomada do poder por Vargas e os Tenentes, em termos das relações Igreja-Estado e separação das esferas religiosa e leiga, a partir da Constituição de 1934, foi um retrocesso em termos dos valores republicanos e seculares em relação à Constituição de 1891, como veremos à frente, "engastar" na Carta Magna demandas advindas do campo católico. Esse "engastar" será a tradução prática da Concordata à brasileira.

Deste modo, a hierarquia, ao se voltar às massas, lançava mão de duas estratégias, pois caso contrário perderia o controle: *ação e unidade*. Logo, presumia-se liderança num contexto de ação, o que acarretava na *mobilização* do corpo social. E a *mobilização* do social é fenômeno típico da sociedade de massas.

Nesta experiência social e histórica vive-se, como numa situação de guerra, em perene campo de batalha, pois como se infere dos argumentos de D. Leme o corpo social em circulação, movimenta-se, qual tropas enfrentado-se: o religioso recruta, arregimenta e convoca os católicos ao teatro de batalhas.

Para tanto afirma que "para alcançá-la, acudiu a alguns dos senhores bispos a conveniência de uma Conferência Nacional do episcopado. Dadas, porém, a premência do caso e as naturais dificuldades para uma Conferência Nacional, [...] [pareceu-lhe] de melhor alvitre uma reunião dos bispos de cada Província".[359]

Contudo, os encontros da hierarquia deveriam ocorrer, se não em segredo [lembremos: na guerra imbricam-se segredo e mentira], ao menos deveria ser observada a maior discrição possível. Em seguida indica os pontos e objetivos a serem observados nas reuniões do bispado em suas respectivas Províncias eclesiásticas:

---

[358] FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930. Historiografia e História* . São Paulo, Brasiliense, 1995, 15ª ed., 1995, 118p. Não obstante ter abordado os papéis do PD e PRP, pp. 32-38, 91, citar a Frente Única, p. 91; fazer menção a fatos de 1924, p. 60, nos quais católicos como José Carlos de Macedo Soares tomou parte, Fausto cita como uma das fontes do trabalho os *Anais da Assembléia Nacional Constituinte* [1934]. Porém, as ações dos católicos, hierarquia e laicado, que desempenharam papéis decisivos, já em dezembro de 1930, e a centralidade dos mesmos na Carta de 1934 não são apontados. O autor encaminha as suas conclusões no sentido de que o movimento de 1930 liderado por Vargas foi uma revolução. O questionamento da interpretação de Fausto sobre o evento de 1930 foi lançado por historiadores como Carlos Alberto VESENTINI. *A Teia do Fato*. São Paulo, Hicitec, 1997, 219p. Na série de documentos e fontes primárias aqui apresentadas, julgo que as conclusões de B. Fausto, que são da década de 1960, já não se sustentam mais.

[359] Trecho da Carta datada de 24-12-1930 em papel com brasão e o dístico em latim: *"COR UNUM ET ANIMA UNA"* e assinada pelo Cardeal Dom Sebastião Leme. Sublinhado no original. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

"[...]: a] **fixar os pontos das nossas reivindicações**; b] **concretizar e coordenar, para efeito de movimentos locais e federais, os meios práticos de ação e propaganda**. Assim é, pois, que si V. Exa. concordar, eu pediria **convoque** para antes do fim de janeiro **uma reunião dos bispos dessa Província**, atendendo, quando possível, **às conveniências de se não tornarem públicos os intentos das assembléias**. Para norma de V.Exa., informo que eu e outros bispos, direta ou indiretamente, **já temos sondado o espírito e as disposições dos membros da nova situação política**. Pelo que deles ouvimos, eu e outros, **parece-me estarem animados de bons propósitos**".[360]

Dom Leme enumerou os pontos, racionalmente elaborados, que ao seu juízo deveriam ser efetivamente observados nos encontros regionais das Províncias religiosas.

"[...] Os pontos [...] são os seguintes: 1] **Supressão do dístico "Ordem e Progresso"**. 2] **Liberdade completa para a imagem de Christo nas escolas, tribunais** etc... 3] **Ensino religioso facultativo dentro horário escolar**. 4] **Capelães e assistência religiosa nas Forças armadas**, quartéis, etc... 5] **Reconhecimento, para afeitos civis, do casamento religioso**, mediante registro em cartório do Estado. [...]".[361]

Os itens 3 e 5 acima contemplam, com detalhamento, pontos já consignados na resposta de D. Duarte ao Núncio.

Dom Leme, a par do ambiente político da capital da República, estende às demandas às questões referentes ao plano das representações, ao reivindicar o princípio de liberdade na futura Constituição para a fixação da "[...] **imagem de Christo nas escolas, tribunais** [...]", dessa forma apontava, em hipótese, que a hierarquia poderia agir com mais precisão, de modo a obter maiores e melhores resultados nos legislativos estaduais; e também anular a expressão positivista "Ordem e Progresso".

Assim, expandido o grau de influência da Igreja, para além da Constituição a ser promulgada em "nome de Deus" como indicara D. Duarte. Eram demandas e tentativas claramente voltadas à quebra das influências secular e laicizante contempladas na Constituição de 1891.

Dom Leme indicou outras questões a serem reivindicadas e apontava um "programa" para que "[...] as nossas aspirações" fossem atendidas a partir da já mencionada promulgação da Constituição em nome de Deus e ambicionava ir muito mais além, de modo que a:

"[...]: 1] **Promulgação da constituição em nome de Deus ou**, quando menos, **declaração formal de que a religião católica é a religião do povo brasileiro** [Seria um golpe no ateísmo e agnosticismo do Estado]. 2] Quanto ao **ensino catecismo, seja ministrado a todos os alunos** que, por seus pais não tenham alegado outra crença, por ocasião da matrícula. [Na medida do possível, **a lei italiana, depois da Concordata**]. 3] No mesmo intuito, **que os princípios religiosos e morais da religião informem todo o ensino público desde a escola primária até as universidades inclusive, sendo absolutamente vedado fazer-se propaganda ou insinuações contrárias aos sentimentos religiosos**

---

[360] Trecho da Carta datada de 24-12-1930 em papel com brasão e o dístico em latim: *"COR UNUM ET ANIMA UNA"* e assinada pelo Cardeal Dom Sebastião Leme. Sublinhado no original; negritos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

[361] Trecho da Carta datada de 24-12-1930 em papel com brasão e o dístico em latim: *"COR UNUM ET ANIMA UNA"* e assinada pelo Cardeal Dom Sebastião Leme. Negritos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

do Povo brasileiro. 4] Supressão total das medidas de exceção quer na Constituição de 24 de fevereiro de 1891 foram sancionadas para religiosos [Voto, naturalização]. 5] Que no estado de sítio não fique suspensa a liberdade de culto, como, infelizmente, se estabeleceu de modo implícito na última reforma constitucional. 6] Modificações de todos os termos que na atual Constituição facultam interpretações anti-católicas, v.g.: "ensino leigo", "cemitérios seculares" e o mais que se refere à proibição de subvenções, relações entre o Estado e a Igreja, etc... 7] Isenção do serviço militar para o clero e seminaristas".[362]

A ambição D. Leme provavelmente se ancorava na sua experiência política no Rio de Janeiro, indicando que o astucioso Cardeal tinha consciência e pleno conhecimento em relação aos novos ocupantes do poder, logo o cálculo dos seus pleitos se remetia a tal realidade, pois ele na sua explanação à D. Duarte afirmava:

"Eis ai salvo melhor juízo, programáticas de reivindicações católicas na Constituição, Código Civil, leis e regulamentos que a República vai reformar. Já em vias de publicação [Para a qual aguardo até fim de janeiro a opinião dessa Província], está uma mensagem do Brasil católico ao Governo Provisório, esclarecendo e justificando cada uma das nossas reivindicações. Destinada a receber do Brasil, a mensagem será remetida a todos os senhores bispos, juntamente com um modelo para as folhas a serem distribuídas por todas as paróquias. Si V. Exa. tiver alguma idéia, sugestão ou trabalho escrito etc. que possam contribuir para melhor exposição e documentação da mensagem, será favor mandar-nos, quanto antes. Na impossibilidade, em razão de urgência, de sujeitar à aprovação de todo o episcopado o referido documento, devo informar que será publicado, sem previa consulta à Santa Sé, **pois que estou agindo de inteiro acordo com o Sr. Núncio Apostólico**".[363]

Antes de passarmos para outros itens e questões presentes no documento de autoria do Cardeal-arcebispo da capital da República, realcemos a questão do modelo italiano após o Tratado de Latrão como orientador e que passaria a presidir às relações Igreja-Estado, conforme explicitamente cita D. Leme: "[...] **a lei italiana, depois da Concordata**".

O cardeal Sebastião Leme era um homem preparado, provavelmente não lhe era estranho que Concordata, palavra de origem italiana: *concordato* derivava do verbo latim *concadare*, cujos significados são, entre outros: **concertar, conciliar, assentir, harmonizar** etc.

---

[362] Trecho da Carta datada de 24-12-1930 em papel com brasão e o dístico em latim: "*COR UNUM ET ANIMA UNA*" e assinada pelo Cardeal Dom Sebastião Leme. Negritos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

[363] Trecho da Carta datada de 24-12-1930 em papel com brasão e o dístico em latim: "*COR UNUM ET ANIMA UNA*" e assinada pelo Cardeal Dom Sebastião Leme. Negritos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP. Dom Leme também informava que "Tenho o prazer de comunicar, igualmente, que faremos **publicar um livro**, obra de colaboração, cada ume sua especialidade, **entre juristas e pensadores católicos, para formar a mentalidade das classes cultas e servir de guia nos debates parlamentares**".

Portanto, Concordata é,[364] do ponto de vista político e jurídico-legal, a convenção estabelecida entre um Estado secular e a Instituição Eclesiástica Romana no concernente aos assuntos religiosos de uma Nação.

Assim, portanto, *Concordata* significa *harmonizar* e *unificar* questões atinentes às esferas imanentes e transcendestes.

---

[364] Massimo Jasonni, da Universidade de Bolonha, escreveu no início da década de 1980 que, "hoje [em 1983], perante um Estado não mais decidido a usar a religião como instrumento unificador da nação, perante uma Igreja que já não aspira a um confessionalismo estatal, mostrando, com isso, não desejar qualquer discriminação que diferencie a vida dos vários grupos religiosos dentro do Estado, parece poder julgar-se definitivamente virada aquela página da história do século passado [XIX] em que se baseou a florescência das Concordatas. No futuro, este velho instituto moderador dos encontros e desencontros do poder temporal e espiritual só poderá continuar a existir, pensamos, se sofrer uma total e completar reestruturação". São com essas palavras que Jasonni concluía o verbete "Concordata". *Tais conclusões não se efetivaram historicamente, mormente após os acontecimentos de 1989. Se não houve Concordatas formais, elas existiram mediantes outros mecanismos postos em práticas pelo Vaticano. Principalmente em relação aos países do Leste Europeu: centralmente o Papado de João Paulo II em relação aos regimes políticos daquela região.* Porém, Jasonni no mesmo texto aponta as "[...] numerosas Concordatas estipuladas entre a Igreja e os Estados, desde os anos imediatamente posteriores à Primeira Guerra Mundial até mais da metade do nosso século [XX]. Entre elas estão os Pactos Latrão, assinados a 11 de fevereiro de 1929 pelo Governo italiano e pela Santa Sé; eles põem termo à "questão romana"; aceitos pela Constituição republicana de 1946, conseguiram manter seu vigor e eficácia até os nosso dias". *O Pacto de Latrão foi o paradigma desejado pelo Vaticano como mecanismo orientador e mediador das relações Igreja Estado para o Brasil nos anos 1930.* Segundo a mesma fonte do *scholar* italiano, as Concordadas, historicamente, devem ser vistas em dupla perspectiva, tanto do ponto de vista do Estado, quanto do da Igreja. *À perspectiva secular*: "a individualidade do poder de um Estado do século XIX, fortemente fechado em seu território para a firme defesa do elemento nacional, desaparece quando, com a facilidade das comunicações, ocorre um fortíssimo incremento dos intercâmbios internacionais". A constatação dessa realidade é o solapamento do Estado cuja formulação teórica é hegeliana ou matriciada "no hegelianismo". Assim, da perspectiva do Estado é que, "[...] embora com prejuízo da limitação da própria soberania [secular e estatal], pode contar, se não com o aval, ao menos com o respeito da Igreja relativamente à linha de Governo". *À perspectiva religiosa*: "[...] a Igreja, se bem que numa posição que a impede de se opor substancialmente às opções do executivo estatal, obtém a intangibilidade num campo onde poderá desempenhar concretamente sua missão". *Não obstante, premida por essa realidade oriunda da efetividade histórica que dava nexo às relações Igreja Estada, a instituição romana orientava as suas ações a partir da experiência e ambiente italiano.* Segundo a fonte, atualmente: "[...] a Igreja, [...], adotou oficialmente uma nova concepção de relacionamento com o poder civil" Deste modo, segundo este autor "as providentes intuições de uma teologia que, nascendo fora do ambiente italiano, havia afirmado, algumas décadas antes do segundo conflito mundial, a necessidade de uma ação da Igreja voltada diretamente para a consciência dos fiéis e independente de acordo efetuados a nível de [sic] cúpula com os Governos temporais, parecem hoje juntas nas declarações do Concílio Vaticano II". O corolário dessa realidade, segundo a mesma fonte, é que atualmente nos documentos pontifícios temos "[...] a ausência do vocabulário Concordata [...], [surge] um novo conceito: o de *colaboração* entre a Igreja e a comunidade política". JASONNI, Massimo. "Concordata". In: BOBBIO, N. *et alii*. [Orgs]. *Dicionário de Política*. Brasília, Ed. UnB, 1983, 1ª ed., 1983, 1318p; pp. 215-218. Cit. pp. 217, 216 e 217 respectivamente.

Ao contrário do afirmado pelo pe. Beozzo no texto já referido, tanto as primeiras *démarches* de "D. Leme [...] inteiramente contrário a uma concordata",[365] quanto ao dizer, como se infere da leitura do seu texto, que o paradigma era o das Concordatas com o Estado Português, não se sustenta. A documentação aqui apresentada confronta as fontes de Beozzo, principalmente as testemunhais e memorialísticas, nas quais ele se apóia. No ensaio em tela de Beozzo, ele apresenta uma série de diagramas.[366] Com base nos materiais aqui apresentados os mesmos ficam comprometidos.

Na seqüência da sua missiva, D. Leme escreveu sobre uma movimento de católicos gaúchos, encabeçado pela mãe de Oswaldo Aranha, assim

> "Aproveito o ensejo para pedir a V. Exa. que, sem aparecer de público à intenção do episcopado e do clero, **faça promover em todas as paróquias o maior número possível de assinaturas de senhoras para a mensagem da Cruzada Feminina "Deus e Pátria"**. Encabeçada pela exma. **proginitora do Dr. Oswaldo Aranha e outras senhoras de prestígio no Rio Grande do Sul**, creio que, sem prejuízo de nossa atuação oficial, devemos prestigiar **esse movimento que mereceu as bençãos do Sr. Arcebispo de Porto Alegre**". Tomo a liberdade de enviar a Exa. um modelo da folha destinada às assinaturas das senhoras desta arquidiocese. Cumpre-me ainda informar que, por conta própria, ao que parece, **as senhoras riograndenses já entregaram ao Governo a referida mensagem**".[367]

---

[365] BEOZZO, José O. "A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização". In: FAUSTO, B. [Dir]. *História da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, [III: O Brasil Republicano; 4: Economia e Cultura – 1930-1964], 1984, pp. 269-341. Cit., p. 336. Roma e Lisboa fizeram dois tratados, a Concordata I em 1928 e a Concordata II no ano seguinte. Não obstante, o religioso faz tais afirmações no contexto do Estado Novo, a partir de 1937. Cita como fonte o depoimento do pe. Jesuíta César Dainese, à época, diretor nacional das Congregações Marianas. Também se apóia na historiografia de Edgar Carone e em textos do pe. Leonel Franca, este favorável ao tratado, e em ex-colaboradores do cardeal Leme, como D. Helder Câmara, o arcebispo de Olinda e Recife, e D. João Batista da M. e Albuquerque, então arcebispo da capital capixaba, que teriam afirmado ao pe. Beozzo que D. Sebastião era contrário ao tratado entre Igreja-Estado em 1938.
O estranho nisso tudo é que esse conjunto de fontes encontra-se depositado no ACMSP. Este acervo está localizado no conjunto de prédios no qual está localizado a Faculdade de Teologia N. S. da Assunção de Arquidiocese São Paulo, instituição que por décadas o padre José Oscar Beozzo é professor.

[366] BEOZZO, José O. Op. cit., 1984, pp. 269-341. Os diagramas referidos encontram-se às pp. 338, 339, 340, onde se procura estabelecer uma tipologia das relações Igreja-Estado desde o 1º Império até os estertores do Estado Novo em 1945. Para que as coisas fiquem estabelecidas e que não haja dúvidas no que afirmamos sobre a concordata e o seu modelo italiano. Encontrei assentado num Livro de Atas registros do período do governo de D. José Gaspar : "[...] e o nosso Governo". "**Concordata – Ventilado esse delicado problema entre todos os seus aspectos, foi colhida a opinião dos presentes, verificando-se que o Episcopado Paulista é favorável à Concordata**, uma vez que ele se faça com evidentes vantagens para a Igreja, tal como, *mutatis mutandis*, se fizera **com Portugal** [...]. [...], entre essas vantagens, três deveriam ser pleiteadas como essenciais: os direitos do casamento religioso, o ensino religioso nas escolas e personalidade jurídica das Instituições eclesiásticas". Em reunião posterior, consignava-se no Livro que o assunto estava centralizado em D. Leme, e ele trataria diretamente com os membros do governo. Um registro suplementar: ao contrário do posicionamento resoluto de D. Duarte em não fazer tratado formal com Estado brasileiro, o seu sucessor, o jovem e ambicioso D. José Gaspar o queria. In: *Livro de Atas das Reuniões do Episcopado [Paulista] 1939-1961*. São Paulo, 100fs. numeradas, [200 páginas], cit., f. 10v, negritos meus. In: ACMSP.

[367] Trecho da Carta datada de 24-12-1930 em papel com brasão e o dístico em latim: *"COR UNUM ET ANIMA UNA"* e assinada pelo Cardeal Dom Sebastião Leme. Negritos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

Anteriormente mostramos a figuração do elemento feminino a partir da presença de Darcy Sarmanho Vargas, mulher do presidente da Província gaúcha, Getúlio Vargas. Neste documento, conforme o excerto acima de D. Leme elas retornavam, agora eram lideradas pela estancieira Luísa de Freitas Vale Aranha, mãe de Osvaldo Aranha,[368] o Cardeal instruía o Arcebispo de São Paulo para divulgar o movimento da "**Cruzada Feminina "Deus e Pátria"**",[369] D. Leme apresentava um dos meios colocadas em curso pelos católicos, cujas ações e iniciativas cabiam às mulheres, e concluía o cardeal

> "Trata-se agora de coligir assinaturas, que **lhe dêem a expressão de um Voto nacional da família católica**. Certo de que Deus N. Senhor, *por intercessão da Excelsa Padroeira do Brasil [N. S. Aparecida]*, há de abençoar os nossos trabalhos, acompanhados como estão por vasta cruzada de oração em todas as dioceses, imploro de V. Exa. a graça de me não recusar a contribuição valiosa de quanto possa interessar ao assunto, não só como voto, sugestões, alvitres, mas ainda com notícia e documento". [370]

Nestes termos, se as mulheres e mães seriam as agentes católicas responsáveis por esse movimento, invocava-se a "intercessão da Excelsa Padroeira do Brasil" N. Senhora Aparecida como instrumento de unidade, a partir "da família católica", para se atingir os alvos mirados.

Como apontamos anteriormente, aqui era constituído um exército de mulheres de carne e osso. Ele era unido pela mística da mediação de Maria para lutar no campo de batalha, que seriam os grandes centros urbanos, de modo que a "tecnização do mito" ganharia musculatura e densidade, na sociedade liberal de massas em gestação neste país.

Com isso quero apontar sobre a matriz católica da série de eventos que será adotada por Vargas nos anos seguintes, principalmente no Estado-Novo.

---

[368] MONTEIRO, Regina da L. "Aranha, Osvaldo". In: ABREU, Alzira A. de. *et alii*. [Orgs]. *DHBB. Pós-1930*. Rio de Janeiro, FGV Ed., 2ª ed., vol. I, pp. 281-310.

[369] A capacidade de mobilização dos católicos era efetiva. Sobre esse movimento da "Cruzada Feminina Deus e Pátria", localizei no ACMSP uma série de documentos tais como o Cartão da "Cruzada Feminina Deus e Pátria", texto manuscrito, enviado de Porto Alegre, em 19 de março de 1931, remetido à Dom Duarte Leopoldo e Silva. O texto é assinado por Luiza de Freitas Valle Aranha, presidente da Cruzada. **Ela** pede, ou melhor, **de modo rude quase ordena Dom Duarte** ao "[...] apoio incondicional" à Cruzada. Outros documentos sobre a *Cruzada Feminina Deus e Pátria*, como a Carta manuscrita, em 4fs, datada de 24 de março de 1931 e remetida de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, quem enviou foi um Frei da Ordem dos Franciscanos Menores, OFM, endereçada ao Arcebispo Metropolitano de São Paulo. O Movimento contava com o apoio do Núncio, conforme a carta nº 6171, em papel timbrado da Nunciatura Apostólica, remetida do Rio de Janeiro, em 3 de março de 1931 a Dom Duarte Leopoldo e Silva. In: ACMSP.

[370] Carta datada de 24-12-1930 em papel com brasão e o distico em latim: "*COR UNUM ET ANIMA UNA*" e assinada pelo Cardeal Dom Sebastião Leme. Negritos e itálicos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

Nesse conjunto de fontes que versam sobre uma série de temas, que foram objeto da preocupação de membros da hierarquia católica no país e, especificamente, sobre as relações Igreja-Estado, nas quais se revelam às posições de agentes religiosos, acompanhamos a movimentação da hierarquia, a saber: o Núncio Apostólico no Brasil, o Cardeal D. Sebastião Leme e do Arcebispo de São Paulo D. Duarte Leopoldo e Silva.

No atinente à questão da Concordata da Santa Sé com Estado brasileiro, o representante do Vaticano D. Bento A. Masella posicionou-se inteiramente a favor de um Tratado, assim indicando serem as Concordatas a política de Estado da instituição romana.

O pêndulo da disposição do Cardeal Leme oscilava e apontava, de modo inequívoco, ao se pronunciar sobre o modelo da "**lei italiana, depois da Concordata**" para o Brasil, no sentido da adoção da política de Estado colocada em curso pela Cúria romana para que se fizesse o Tratado entre a Igreja e o Estado no Brasil. Nesta ordem de coisas, em dezembro de 1930 ,para D. Leme o tratado entre as duas esferas já era dado como *fait accompli*.

O que efetivamente faltava era demonstrar a *espessura* e a *densidade* do campo católico. A consagração do Brasil à Nossa S. Aparecida, planejado com um evento dirigido às multidões, timbraria e dimensionaria a força política católica.

D. Duarte evocava o período anterior dessas relações, o Padroado,[371] que para ele fora uma jaula que limitava as ações da Igreja. Indicava o seu temor em ver os religiosos serem correia de transmissão dos políticos, pois eles, principalmente nos grotões da Nação, agiam com qualquer agente leigo e descurariam das suas tarefas religiosos propriamente dita.

---

[371] O Padroado era um conjunto de "direitos, privilégios e deveres" que o papado concedeu à Coroa lusitana, esta deveria ser a "patrona das missões e instituições eclesiásticas católicas romanas" nos vastos territórios de Portugal em "África, da Ásia e do Brasil". O Instituto do Padroado régio enfeixava "uma série de bulas e breves pontificais", desde 1456, com "a *Inter caetera*" do papa Calisto III, até "a *Praecelsae devotionis*" do ano de 1514, assim: "[...], o Padroado real da Coroa portuguesa no mundo não europeu esteve limitado por muito tempo apenas pelos direitos e deveres [...]", o que significava a "**união indissolúvel da Cruz e da Coroa**". Essa realidade levou "[...] sucessivos reis de Portugal agirem como se os bispos e o clero do ultramar fosse, em muitos aspectos, simples funcionários, como os vice-reis ou os governadores". Era contra esse estado de coisas que D. Duarte se posicionava contrário e o temia em dezembro de 1930. Cf. BOXER, Charles R. "O Padroado da Coroa e as missões católicas". In: _____. *O império marítimo português. [1415-1825]*. [1ª ed. inglesa 1969]. São Paulo, Cia. das Letras, 2002, pp. 242-261; cit. pp. 243, 242, e 244, respectivamente, negritos meus. E: _____. *A Igreja e a Expansão Ibérica [1440-1770]*. Lisboa, Edições 70, 1989, 153p. Especialmente, pp. 98-105. O professor Boxer nas duas pesquisas mencionadas aponta a *Propaganda Fide* como o instrumento político da Santa Sé para combater o Instituto do Padroado. Até onde tenho conhecimento não há pesquisa que aborde essa questão. Não obstante, ao acompanharmos os sólidos argumentos do historiador sobre o papel que a *Propaganda Fide* jogou nas relações Igreja-Estado desde a sua fundação em 1622, constatamos essa grande lacuna historiografia. Se articularmos o problema indicado por Boxer com o da expulsão dos jesuítas por Pombal, o que acarretou "o rompimento entre Lisboa e o Vaticano [que] durou nove anos, um período importante durante o qual Pombal agiu de modo a criar um Estado secular fortalecido por uma rejeição sistemática das reivindicações papais de jurisdição", iluminaremos um problema central das relações Igreja-Estado para o período América portuguesa. Cf. MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal. Paradoxo do Iluminismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996, cit. p. 99.

Das colocações do Arcebispo de São Paulo inferem-se o seu *sensus Ecclesiae*, assim indicando que o seu posicionamento se reportava, antes de tudo, à instituição romana neste país.

Se em 1938 o cardeal Leme assumiu outra tática sobre a questão das Concordatas, ela deve ser creditada ao exemplo de D. Duarte em 1930.[372]

Na fonte acima, constatamos que o cardeal D. Leme instruiu o Arcebispo de São Paulo para que este patrocinasse e realizasse encontro dos seus bispos sufragâneos.

Ato contínuo, conforme a documentação de D. Duarte, já em 2 de janeiro de 1931, encontramos *cartão* com o brasão de Dom Duarte Leopoldo e Silva, no qual consta o seguinte texto:

> "Exmo. e Revmo. Sr. [espaço em branco no qual seria consignado o nome do bispo destinatário]. O Eminente Sr. Cardeal de combinação com o Sr. Núncio, insinua-me a oportunidade de uma Conferência dos Srs. Bispos desta Província, a fim de fixarem as reivindicações que deveremos pleitear, na futura Constituinte. Tenho, pois a honra de convidar V. Excia. para uma reunião, aqui em S. Paulo, no próximo dia 15 de janeiro. Posso adiantar que todas as deliberações tomadas serão levadas ao conhecimento da Santa Sé. Sua Bênção".[373]

Em meio à massa documental caoticamente ordenada, referente ao período do bispado de D. Duarte frente à arquidiocese de São Paulo há uma série de Cartões como aquele, com o brasão e o texto: "Dominus Illuminatio Mea" do bispo de Botucatu, Dom Carlos, datado de 04 de janeiro de 1931. O bispo confirma a sua participação na reunião do dia 15 de janeiro pf; para ele a "República Brasileira", os valores e conteúdos a fazerem parte da próxima Constituição,

---

[372] Em 1904, em Roma, ano sagração de D. Duarte como bispo, teve início uma relação entre D. Leme e D. Duarte quase de pai e filho. **O órfão paterno** *Sebastião Leme*, de fato, expressaria pelo resto da vida um respeito filial a D. Duarte. Localizei no ACMSP uma série de documentos, cartas, de dona Anna da Silveira, mãe do então pe. Sebastião Leme desde 1904. Em missiva de Espírito Santo do Pinhal, datada de 26 de maio de 1904 e remetida a D. Duarte, ela fala e argumenta de modo pungente sobre a volta do filho, pois ele já se encontrava em Roma no colégio Pio Latino Americano numa estadia de quase "9 anos". Dona Anna se queixava a D. Duarte, então arcebispo de Curitiba, pela demora do retorno do seu filho. Diz que era necessária a volta urgente do pe. Sebastião para que ele cuidasse dela, pois não tinha mais ninguém além do filho. Ela argumentava que estava passando por privações materiais e tinha por ela apenas o filho Sebastião. Nas Pastas do CMSP há uma série de cartas do pe. Leme a D. Duarte, tais como: Carta datada [1908], manuscrita, em 5fs., do pe. Sebastião Leme ao bispo diocesano, na qual se tratam do *Anuário* e do *Boletim Eclesiástico*, publicações da diocese de São Paulo. Cartas manuscritas do pe. Sebastião Leme a Dom Duarte Leopoldo e Silva, datadas de: 14-02-1910, 4fs; Carta [não datada], 4fs.; Carta [não datada] 8fs.; Carta de 10-12-1910, 4fs.; Carta de 18-06-1910, 16fs.; Carta [década de 1910] 24fs; Carta de 18-01-1911, 12fs; Carta de 28-01-1911, 8fs. [nesta carta escreve o pe. Leme ao bispo diocesano, avaliando um dos seus pares: "O Haroldo é rígido com os nossos e delicado com inimigos", fs 3-4]; carta do pe. Leme ao Cardeal Arcoverde, em 24-01-1911. Também Cf. SANTO ROSÁRIO. *O Cardeal Leme [1881-1942]*. Rio de Janeiro, J. Olympio Ed., 1962, 478p; especialmente p. 27 ss. De fato, no ACMSP há documentos da mãe de Leme dona Ana a D. Duarte que indicam essa condição do arcebispo de S. Paulo em relação ao futuro 2º cardeal do Brasil.

[373] Cartão datado de 2 de janeiro de 1931, com o brasão de Dom Duarte Leopoldo e Silva. Concluía o cardeal: "Renovando os protestos da mais alta veneração, sou de V. Exa. Revma. Servo e irmão em Jesus Cristo. [Assinatura + Sebastião Cardeal Leme]. P.S. Ficarei muito grato, si V. Exa. transmitir cópias desta carta a cada um dos bispos seus sufragâneos". Negritos e itálicos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. Pastas de Papéis Avulsos. ACMSP.

"[...] seria o mesmo que dizer, uma República Christã", invoca "[...] a proteção de N. S. Apparecida" para enfrentar um quadro social e político, para a Igreja que "[...] **até agora temos vivido mendigando favores de Governos, que em nada representam a vontade popular**". Assim, "[...] a orientação do Emo. Sr. Cardeal, o apoio do Exmo. Sr. Núncio, e o zelo de V. Ex. Revma., haveremos de sair dessa situação, para darmos a Jesus Christo o mando do Brasil".[374]

Após a convocação dos bispos sufragâneos da Província Eclesiástica de São Paulo, em 15 de janeiro de 1931, no Palácio São Luís na capital paulista transcorreu a reunião, na qual tomaram parte os seguintes religiosos, de acordo com a Ata do encontro que registrou a presença de:

"Dom José, bispo de São Carlos; Dom Alberto, bispo de Ribeirão Preto; Dom Francisco, bispo de Campinas; Dom José, bispo de Bragança Paulista; Dom Antonio, bispo de Assis; Dom Eusébio, bispo de Cafelândia; Dom José, bispo de Sorocaba; Dom Carlos, bispo de Botucatu; Dom José, bispo de Santos".[375]

Ausentes à reunião: Dom Epaminondas, bispo de Taubaté; Dom Lafayette, bispo de Rio Preto e Jaboticabal. Com a presença massiva dos religiosos da Província de São Paulo à reunião, todos convocados sob a autoridade de Dom Duarte, o que indicava a sua força frente à Província Eclesiástica, e também revelava, conforme os argumentos da sua convocação, originada na ordem da Nunciatura e da maior autoridade religiosa do país, o Cardeal Leme, que os bispos atendiam à

[374] Cartão datado de 4 de janeiro de 1931, com o brasão de Dom Carlos, bispo de Botucatu; o sublinhado é no original; negritos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP. Há um conjunto expressivo desses *cartões* e *cartas* na documentação do bispado de Dom Duarte, como a carta manuscrita datada de 01-01-1931, do bispo de Tatuapé, Dom Epaminondas, respondendo à convocação de Dom Duarte para a reunião em 15-01-1931; carta manuscrita, datada de 0 8-01-1931, assinada pelo bispo de Assis, Dom Antonio. Ele confirmava presença na reunião de 15-01; cartão manuscrito, datado de 08-01-1931, no qual acusa o recebimento do convite de Dom Duarte, e confirma a sua vinda à reunião do dia 15-01 pf.; Dom J. Mauricio de Rocha assinou o cartão. Outros cartões ainda de dezembro de 1930, como o datado de "São Paulo, 23 de dezembro de 1930", no qual consta: "Exmo. e Revmo Sr. D. Luís Sant'Anna. Gratos pela gentileza dos votos e cumprimentos, pedem [a] Deus N. Senhor [que] se digne [a] conceder a Excia. [e] a sua Diocese abundância de graças e consolações, durante a novo anno. **A situação política-religiosa do País convida-nos a uma união de corações**, prevenindo **o futuro que ainda se nos antolha cheia de dúvidas e apreensões. Estejamos unidos – fortemente unidos e disciplinados, sob a direção de um chefe único que,no caso deve ser o Sr. Cardeal. Vigiemos os nosso bons padres e amigos**, para que **não cometam excessos de zelo, sobretudo em matéria política**", negritos meus. Há muitos outros cartões como estes enviados aos Bispos. O remetente é Dom Duarte Leopoldo e Silva.. Um exemplo dos cartões [o de nº quatro, numerado à mão pelo religioso] é o do bispo Dom Antonio com brasão no qual consta o seu lema: "Illum o Portet Regnare", enviado a Dom Duarte, datado de "Assis [SP], 24 de dezembro de 1930", onde é tratada a questão do ensino religioso; cita o exemplo do Estado de Minas Gerais como modelo que se deve seguir; cita o empenho e o "[...] persistente [apoio do] governador" mineiro para viabilizar a questão. In: Papéis de Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

[375] Ata da reunião dos bispos da Província Eclesiástica de São Paulo, transcorrida em 15 de janeiro de 1931, no Palácio São Luís. Mantive a mesma ordem dos nomes que aparecem no documento. Dom Lafayette que, naquele momento, respondia pelas dioceses de Rio Preto e Jaboticabal, justificou a sua ausência, mandando um representante ao encontro. Dom Epaminondas da Diocese Taubaté não compareceu nem enviou representante. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP. A ausência do bispo de Taubaté D. Epaminondas revelava, ainda em 1930, um uma antiga disputa entre D. Duarte e bispo taubateano no concernente à administração de Aparecida – principalmente o controle do cofre e entre outras questões.

convocação do arcebispo de São Paulo nos moldes dos padrões ultramontanos: os elos da cadeia hierárquica atendendo às ordens do topo da pirâmide eclesiástica.

Antes do início dos trabalhos, houve o rito no qual todos os presentes se dirigiram à capela do Palácio São Luís e sob "[...] à invocação do Espírito Santo" pediram para que ele orientasse as tarefas daquele dia; em seguida retornaram à sala de reunião para o início dos trabalhos.

Interessante notar aqui, em relação a esse rito da "invocação do Espírito Santo", que antecedeu ao conclave, é o aspecto indiciático da necessidade da reminiscência do evento de Pentecostes e da sua repetição, agora simbólica, naquele momento: como no ato mítico fundador da Instituição religiosa romana, sob a autoridade, potência e força do Espírito Santo, os religiosos da hierarquia da Província Eclesiástica de São Paulo, iriam, em seguida, deliberarem e apontar questões importantes a serem contempladas no futuro código máximo da Nação.

Deste modo, não o fazem segundo a necessidade da concretude dos fiéis e da sua efetividade existencial.

Recorrem a uma fonte *extra-humana* ou *meta-histórica* para instituir valores e práticas, cuja origem não é *além-humana*, mas originada no topo da hierarquia: se nos atentarmos a origem dessa série de documentos que estamos compulsando, chegaremos à sua matriz: o Vaticano. Num segundo plano a Nunciatura Apostólica no país. Nesse conjunto, o elo seguinte é o único Cardeal da Nação. Noutro passo, o Metropolitano de São Paulo que enfeixava, sob a sua autoridade, os demais membros da hierarquia desta Província Eclesiástica.

Nessa cadeia piramidal temos na prática a concepção de autoridade originada na Instituição Romana: um topo cognitivo que delibera e do qual emanam ações a serem colocadas em prática pelos demais membros da estrutura eclesiástica.

Mas, invocar ou evocar a fonte *meta* histórica – o Espírito Santo -, talvez fosse uma estratégia nuclear para vergar os demais membros da hierarquia às deliberações do topo da estrutura do poder hierocrático: em várias passagens dos documentos acima citados, como as cartas do Núncio Apostólico, que propõe uma factível Concordata; as de Dom Leme; as do Metropolitano de São Paulo encontramos expressões como: União, Afeto ["de coração"], Disciplina, Unidade; a "Cruzada da Família "Deus e Pátria""; Pessoas e Senhoras de "Prestígio": [*prestígio*, aqui, aponta um *locus* distintivo em relação aos demais membros do corpo social – ele é o topo do edifício social, e obedece à mesma lógica que é presidida pela axialidade da concepção de autoridade originada no registro teológico judaico-cristã do deus monoteísta].

Mas, Dom Duarte Leopoldo e Silva na sua resposta à Nunciatura é cauteloso e prudente, como já apontamos, quanto à possibilidade de se obter, imediatamente, tanto dos demais bispos quanto dos padres, consenso e união absoluta, como desejava o Núncio. Aponta em Dom Leme a

autoridade religiosa que centralizaria as ações políticas do corpo episcopal: a ausência à reunião de Dom Epaminondas é exemplo eloqüente da dificuldade de se obter a *unanimidade absoluta* almejada pela hierarquia.

Ao todo, a reunião tratou e aprovou quinze [15] pontos de interesse da Igreja que deveriam ser contemplados na próxima Constituinte. Antes do início dos trabalhos todos tomaram conhecimento do conteúdo da carta remetida por Dom Leme. Esse documento deveria nortear e pautar as discussões dos presentes.

Dom Duarte frisa, em ata, que a "conferência" era para que os religiosos tomassem conhecimento e estabelecessem diretrizes que deveriam fazer parte da próxima Constituição do país, cujo sumário apresentamos abaixo: "a] julgar os bispos que é oportuno pleitear, para a Igreja, mais amplas liberdades [...];[376] b] atenciosos" os religiosos às circunstâncias do tempo "[...], liberdade de culto e pensamento [...]" e o direito "[...] da consciência católica"; c] neste item da pauta é solicitado o auxilio financeiro do Estado para assistência ao culto religioso católico, mas sem a interferência do Estado nos mesmos cultos. Tudo tinha por objetivo, conforme os registros consignados na ata da conferência, garantir a harmonia entre ordem social e religiosa, e frisam ser "[...] grande as aspirações do povo brasileiro, [...]" em relação à próxima Constituinte e "[...] os religiosos" as disposições seguintes: 1] promulgação da Constituição em nome de Deus e reconhecimento da religião católica como da maioria da Nação. Os bispos de São Paulo presentes à reunião, não pleiteavam que o catolicismo fosse a religião oficial e subvencionada pelo Estado, apenas que "não seja" o Estado "ateu ou agnóstico", pois os "sentimentos religiosos da Nação" são católicos, segundo a mesma fonte; 2] supressão do dístico ""Ordem e Progresso" da bandeira nacional". Contudo, ponderaram os bispos, a frase já não contém o "sentido sectário" dos primeiros dias da República; 3] Liberdade, para a imagem do Christo nas escolas, asilos, hospitais, tribunais etc; 4] ensino religioso nas escolas, para os brasileiros, cujos os pais, no ato da matrícula, se declarem cotólicos; 5] proibição de qualquer "Propaganda contra os sentimentos católicos nas escolas públicas, desde o Primário até as Universidades, inclusive [...]"; 6] capelães militares e assistência religiosa, no exército e armada, asilos, hospitais etc.". Contudo, frisa-se no documento, que os capelães deveriam ser subordinados à autoridade dos bispos ou outra autoridade eclesiástica;

[376] Essa liberdade já vivenciada pela instituição romana no regime liberal republicano lhe garantiu a entrada no país de número expressivo de religiosos. Neste particular, cf. WERNET, A. "A Igreja Paulistana no século XIX". In: VILHENA, Maria A. *et alii*. [Orgs]. *A Igreja de São Paulo. Presença católica na história da cidade*. São Paulo, Paulinas, 2005, pp. 129-144; às pp. 134-137 apresenta-se inventário do aumento de religiosos estrangeiros – italianos, espanhóis, franceses, alemães – e suas respectivas ordens religiosas atuando na cidade de São Paulo. Indica-se um espaço importante de atuação para as mulheres religiosas, "o setor hospitalar", p. 135. O exemplo pode ser estendido ao resto do país? Cf. também: _____. "São Paulo: os religiosos na Colônia". In: VILHENA, Maria A. *et alii*. [Orgs]. *A Igreja de São Paulo. Presença católica na história da cidade*. São Paulo, Paulinas, 2005, pp. 175-193.

7] reconhecimento do casamento religioso", celebrado de acordo com a norma e "respectiva legislação canônica".

Os religiosos apontam a necessidade para que se faça uma reforma na "legislação atual sobre o casamento, de modo a afastar-se o Perigo do Divórcio, reconhecimento integralmente [...] [da] legislação canônica sobre [os] impedimentos". Nesse mesmo trecho do documento, os bispos falam dos custos do processo matrimonial, da "má fé dos escrivões" seculares.

Em nota, apontaram os religiosos para a situação do casamento no interior [geográfico] dos Estados, "principalmente no interior do país", onde não era observada a "constituição civil da família"; 8] supressão total de todos os itens que inibam a atuação dos religiosos; 9] "em estado de sítio", que não fosse suspenso os trabalhos dos religiosos; 10] [supressão, na Constituição, de expressões tais como] [...] a religião [...]"; 11] isenção do serviço militar dos religiosos; 12] neste item os bispos trataram do controle, por parte da hierarquia, da ação política do clero; recomendaram, expressamente, que se deve agir nessa matéria], "[...] com firmeza e energia" para que os membros do clero não se envolvam em "lutas e compromissos partidários; 13] fala-se em "vigiar" a propaganda de "certos jornais católicos", que se afastaram das diretrizes ditadas pelo episcopado, pois esses órgãos da impressa, "[...] a pretexto da defesa dos interesses da Igreja, façam política pessoal [...]"; 14] trata-se da distribuição de material de propaganda das Senhoras Católicas; 15] os religiosos confirmam que a ação do Episcopado brasileiro, assim como da Província Eclesiástica de São Paulo, deverá ser centralizada na figura do Cardeal Leme, na cidade do Rio de Janeiro".[377]

Tanto o processo político quanto a realidade histórica em curso, ambos timbrados pela dinâmica social, o cardeal Leme a quem recaiu a incumbência da *unidade de ação* da instituição romana no país, imprimiu uma nova prática para veicular a "le RIVENDICAZIONI dei Cattolici", cuja tática agora era, a partir de abril de 1930: *instrumentalizar o Padroado de Aparecida em manifestações de massas*.

---

[377] Ata da Reunião da Província Eclesiástica de São Paulo, em 15 de Janeiro de 1931. 7fs. não numeradas, para todos os trechos entre aspas neste parágrafo; negritos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP. **Há, também, um importante documento em 12 págs. numeradas, sendo que as fs. 1 e 2 não se encontram na Pasta do ACMSP. Nele estão arrolados os pontos que deverão ser apresentados à futura Constituição. Trata-se do acúmulo da 1ª e 2ª discussões e da redação final do anteprojeto católico à Constituinte.** Grosso modo, neste documento contemplam-se os elementos apresentados no conjunto das fontes acima analisadas, mas à falta das duas 1ªs fs., optei pela análise mais demorada dos diversos documentos, o que me garante maior controle à compreensão do problema .

d. 5.4] O Laicado católico se movimentava e se colocava em ação, de novembro de 1930 a abril de 1931. Os Católicos, os Tenentes e o roteiro do Estado autoritário: os Legionários paulistas e mineiros se manifestaram: "**a questão social; Federação e centralização; um governo forte**" e as demandas dos católicos: "**a associação dos três poderes: o poder político, o poder econômico, e o poder espiritual**" para atender as necessidades e "**os interesses de uma nacionalidade essencialmente cristã como a nossa**", segundo Tristão de Ataíde.

Tanto membros do laicado[378] quanto religiosos também haviam-se movimentado, já em novembro de 1930 e escreveram a Vargas sobre a situação política. E atuavam como intermediários de interesses privados, junto àqueles que ocupavam o poder e tinham autoridade político, como podemos constatar em missiva remetida a Vargas pelo arcebispo de Porto Alegre D. João Becker em 13 de novembro de 1930, que apesar de afirmar ser avesso a tais demandas, ele o faz por tratar-se de pessoas de "certa posição social".[379]

De fato, como escreveu Raimundo Faoro, o padre ou religioso, *tout court*, na sociedade burguesa urbana, tornou-se um agente a serviço dos potentados, como o "cônego Vergas",[380] personagem de Machado.

Antes de abordarmos a documentação que nos autoriza a fazer afirmações no sentido de que a Igreja católica neste país passou a imprimir e timbrar, desde 1931, as suas ações assentadas numa prática direcionada às massas populares, lancemos o olhar sobre uma das táticas que o cardeal havia indicado, que foi a da propaganda das reivindicações católicas pela imprensa.

---

[378] Alceu Amoroso Lima enviou carta datada de "Rio, novembro de 1930" a Vargas na qual remetia em anexo recorte de artigo seu cujo titula era "Semana Trágica" que havia sido publicado em periódico carioca. In: *AN*. Entrada "11.3 – Geral". Lata 10.

[379] Carta do arcebispo de Porto Alegre D. J. Backer remetida a Vargas, datada de "Porto Alegre, 13-11-1930". Em anexo o metropolitano faz uma série de pedidos – de terceiros – e recomendações ao chefe do Governo Provisório. D. Becker se diz avesso a tais pedidos, mas premido pelas circunstâncias vê-se obrigado a fazê-los, pois se trata de solicitações de pessoas de "certa posição social" que demandam por benesses do poder central no Estado gaúcho ou mesmo capital da República. In: *AN*. Entrada: "11.3 – Geral". Lata 10.

[380] FAORO, R. "Os Santos Óleos da Teologia". In: ____. *Machado de Assis: a pirâmide e trapézio*. São Paulo, Globo, 2001, 4ª ed., 2001, 557p; pp. 419-521; cit. p. 490. As afirmações do sociólogo são ancoradas numa atilada erudição, desde a sociologia religiosa de M. Weber, articulada à abordagem no plano cultural de L. Goldman em *Le Dieu caché* sobre a obra de Pascal – aliás, Machado foi um exímio leitor do pensador de Port Royal – e o conceito de consciência possível elaborado por Goldman. Em dado trecho do seu texto Faoro afirma: "o católico perdeu as raízes cristãs que o alimentaram e lhe insuflaram o sentimento da divindade. Sua existência social se determina pela qualidade de burguês, cujo último estágio é o acionista, e não de membro da cristandade, da igreja", cit. p. 434. **Contudo, o burguês necessita da religião, ao menos no plano ideológico, pois ela lhe garante mando e poder, que se traduz na dominação social**.

O Jornal *Diário de São Paulo*, na sua edição de 15 de março de 1931, publicou uma entrevista de Tristão de Ataíde,[381] que fora concedida originalmente ao Jornal carioca *O Globo*. Nela abordou-se a questão do *Manifesto da Legião Revolucionária de São Paulo* e a opinião de Ataíde, membro destacado do laicado católico sobre as questões contempladas no documento dos tenentes.

Segundo o articulista, Ataíde havia afirmado que "[...] será de toda a conveniência que as Legiões se orientem num só sentido, que pode ser o de brasilidade e catolicidade, disse esse escritor". Os pontos de maior relevo da entrevista foram os seguintes: Ataíde comentando o Manifesto: "A questão social; **Federação e centralização**; **Um governo forte**; Honestidade de propósito [dos Legionários]; Bom augúrio, segurança de bom senso".

A questão social é tratada na entrevista de Tristão de Ataíde nos seguintes termos: "**a reforma social** só seria possível com **a associação dos três poderes: o poder político, o poder econômico, e o poder espiritual**" para atender as necessidades e "**os interesses de uma nacionalidade essencialmente cristã como a nossa**".

Ataíde comenta que "no manifesto o que representa um passo dado num caminho mais seguro, a recomposição de relações diretas entre o poder político e o poder econômico". Quanto ao poder espiritual, referente-se a uma "**tradição moral brasileira**" que era "**a tradição católica**". Fala da

> "**concepção do "indivíduo" sobre um triplice aspecto, como força política, já é um avanço, no sentido de se corrigirem os erros das democracias liberais e de se fugir do perigo da concessão materialista, expressa no Estado socialista. Mas, se o Manifesto é claro nesse sentido, não é no tocante às reivindicações na consciência católica brasileira**. A despeito, portanto, como católico, de ter grandes restrições a opor a esse Programa, reconheço, entretanto, que é um esforço sério e meditado, que reflete algumas reivindicações saídas da nacionalidade, caso seja bem interpretada".[382]

Indagado se "o manifesto fala [da] representação de classes, na organização de um legislativo de Técnicos [...]", assim respondeu Ataíde: "– Sim; achei justo e oportuna a sugestão do Manifesto. Só **um Congresso de técnicos**, e **não de políticos**, pode **tornar eficiente e capaz**, por estar mais **diretamente ligados aos interesses das atividades** do país".[383]

---

[381] Este, já em fins de 1930, apresentava um programa com as reivindicações dos católicos que deveriam ser inscridos na futura Constituição. ATAÍDE, T. de. "Indicações". Revista *A Ordem*. Rio de Janeiro, [dez.?], 1930, pp. 189-197.

[382] ATAÍDE, T. de. [Alceu Amoroso Lima]. "Entrevista". In: Jornal *Diário de São Paulo*. São Paulo, edição de 15 de março de 1931, todos os trechos entre aspas anteriores da citação foram tiradas daí. Negritos e itálicos meus. In: Pastas de Recortes de Jornais. Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

[383] ATAÍDE, T. de. [Alceu Amoroso Lima]. "Entrevista". In: Jornal *Diário de São Paulo*. São Paulo, edição de 15 de março de 1931, todos os trechos entre aspas anteriores da citação foram tiradas daí. Negritos e itálicos meus. In: Pastas de Recortes de Jornais. Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

Ao abordar o tópico da **federação e da centralização do poder, este deveria ser enfeixado num governo forte**, assim se expressou o leigo católico: "**que o manifesto declara necessário restringir, representando a fórmula "máximo da autonomia administrativa, dentro do mínimo da autonomia política**". [Conforme registra o entrevistador, esse era um dos pontos mais criticados do Manifesto, pois era estranho a toda a nossa tradição histórica]. Após essa observação do entrevistador, Ataíde respondeu que: " – **Estou de pleno acordo com o manifesto, nesse ponto** [...]. **A tradição política brasileira é a de centralização**". Em seguida foi colocada a seguinte questão: "precisamos de um governo forte, como entende o manifesto paulista?". A resposta de Ataíde é esta:

> " – Naturalmente; afirma [...]. **Só um governo forte pode sobrepor-se a interesses e toda a natureza, realizando os destinos da Pátria unida num só sentimento**. [...]. A revolução de Outubro deixou dois venenos terríveis em nosso corpo social; o liberalismo e o messianismo revolucionário. E **só uma autoridade forte poderá disciplinar** esses dois desvios perigosos, que enervam qualquer nacionalidade, mormente uma que encontra em plena ebulição, como a nossa".[384]

Ao comentar outros pontos do documento, o leigo católico se reporta às questões do capitalismo, dos salários, da propriedade etc., à luz da doutrina da Igreja. Especificamente sobre **a questão da propriedade**, diz Ataíde que, "**esta, impõe deveres. Não consiste apenas um direito. Os salários deveriam ser justos e, segundo Pio XI, suficientes para manutenção do individuo e de sua família, o que só poderá ser obtido pela justa intervenção do Estado na organização da economia da nação**".Ao tratar da questão do capitalismo, segundo o articulista, Tristão de Ataíde "[...] repete a sua doutrina de "preparação à sociologia", que tanto eco vem fazendo nos círculos cultos do País". Para ele, Ataíde,

> "o manifesto de S. Paulo situou nosso problema social: – [...] o manifesto encarou o problema brasileiro com honestidade. Os [...] [itens] que estão no capítulo subordinado a esse tema, que **forem interpretados à luz dos princípios cristãos, podem pôr o Brasil a salva de quaisquer direções nocivas à sua índole e a sua formação moral** [...]. Acho que **a questão social não pode prescindir do fator espiritual, da Igreja, para a solução**".[385]

Para Tristão de Ataíde as vozes dos Legionários só teriam legitimidade se eles apresentarem-se como brasileiros e católicos.

---

[384] ATAÍDE, T. de. [Alceu Amoroso Lima]. "Entrevista". In: Jornal *Diário de São Paulo*. São Paulo, edição de 15 de março de 1931, todos os trechos entre aspas anteriores da citação foram tiradas daí. Negritos e itálicos meus. In: Pastas de Recortes de Jornais. Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

[385] ATAÍDE, T. de. [Alceu Amoroso Lima]. "Entrevista". In: Jornal *Diário de São Paulo*. São Paulo, edição de 15 de março de 1931, todos os trechos entre aspas anteriores da citação foram tiradas daí. Negritos e itálicos meus. In: Pastas de Recortes de Jornais. Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

Para ele,[386] o momento era de "inquietação crescente, [...] de confusão política e de anarquia mental [...]". Porém, o valor do manifesto era sem igual, pois partindo de onde partiu: "[...] S.Paulo, o maior centro das indústrias, da lavoura, do comércio e de todo o Brasil, e também em centro de agitação de idéias correntes de doutrinas que se entrechocam. E **essa colisão ameaça seriamente a única unidade** de que não falamos e vamos expondo loucamente".[387]

Conclui Ataíde que "afora isso será erro **a todos os erros das opiniões arbitrarias: a unidade espiritual brasileira"** soluções que não católicas "e digna condenação da Igreja".

Essa tática da publicidade das reivindicações católica pela imprensa, o principal veículo de comunicação de massas em 1930, aparecerá no Jornal *Belo Horizonte* da capital mineira na edição de 15 de abril de 1931. Em artigo cujo título é "A Manifestação dos católicos ao ministro Francisco Campos", em conjunto foi publicada "uma carta expressiva" segundo o periódico. Trata-se dos preparativos para as festas de 21 de abril de 1931.

A missiva é "uma carta dos fundadores da "Legião de Outubro" ao sr. arcebispo de Belo Horizonte", datada de "Belo Horizonte, 10 de Abril de 1931", enviada a D. Antonio dos Santos Cabral, ela foi remetida por Francisco Campos, Gustavo Capanema e Amaro Lanari.[388]

Fala-se que no manifesto da Legião de Outubro estão consignados pontos reivindicados pelos católicos, tais como: articulação entre casamento civil e religioso, "[...] reconhecimento da Igreja Católica como da maioria dos brasileiros, e sanção civil às [...] [demandas] eclesiásticas e a estes acrescentaremos agora a assistência religiosa às Forças Armadas".

Afirmam que os fundadores do movimento legionário têm: "profundo sentimento católico, [...], firme convicção, que nutrimos, de que é incorrer em grave erro político fazer o governo de um povo, sem a precisa atenção a seus verdadeiros sentimentos".

Segundo os legionários e os signatários da carta, "a Legião de Outubro" era a continuadora da Revolução de Outubro de 1930, e neste sentido se empenhava "[...] **para o maior desenvolvimento**

---

[386] **Essas posições do leigo católico vão desde os anos 1930 e permaneceram, ao menos, até o Vaticano II, segundo o professor Candido Mendes de Almeida**. Afirma Mendes: o "[...] leigo aguerrido impondo-se à maior ortodoxia para se lançar ao bom combate da fé e do conhecimento da realidade". Esse posicionamento aguerrido à ortodoxia ainda poderia ser aferido "em 1981". Cf. MENDES DE ALMEIDA, Candido. ""Política" entre Dois Alceus". In: LIMA, Alceu Amoroso. *Política*. [1ª ed. 1932]. Petrópolis, Vozes, 2ª ed; 1999, pp. 11-22; cit. pp. 11 e 19, respectivamente.

[387] ATAÍDE, T. de. [Alceu Amoroso Lima]. "Entrevista". In: Jornal *Diário de São Paulo*. São Paulo, edição de 15 de março de 1931, todos os trechos entre aspas anteriores da citação foram tiradas daí. Negritos e itálicos meus. In: Pastas de Recortes de Jornais. Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

[388] Amaro Lanari, engenheiro, industrial do setor minerador, fundador da empresa que viria a ser a Siderúrgica Belgo-Mineira, era, na ocasião dessa carta, além de um dos chefes da Legião de Outubro "mineira que tinha sensível inspiração fascista", secretário estadual de finanças de Minas Gerais. Cf. FARIA, Helena. "LANARI, Amaro". In: *Dicionário-Biográfico Brasileiro. Pós-1930*. Rio de Janeiro, FCV-CPDOC, 2ª ed., Vol. III, pp. 3014-3015, 2001. Trecho entre aspas, p. 3015. Segundo a verbetista, houve pressões para que políticos comparecessem ao evento de 21 de abril, o próprio Lanari forçou "vários prefeitos a recrutar em seus municípios participantes para a marcha". Id. Ibidem, p. 3015.

material e espiritual do Brasil: assim, tem forçosamente que apelar para a Igreja católica" à consecução do projeto dos legionários.

Nessa ordem de coisas, ressaltam "[...] estamos absolutamente convencidos de que tentar reformar o país, sem a sua lição e o seu amparo [da Igreja católica], seria intentar obra vã e sem base na realidade"; esse é o entendimento dos "fundadores da Legião de Outubro".

Afirmam que "**não desejam que os poderes sejam lançados em "luta política**"", não; entendem os signatários que o papel dos religiosos "[...] **é o apoio moral, a inspiração, o conselho, a admoestação, bem como a bênção e a oração, para que possamos realizar os nossos melhores ideais**".[389] Claramente para Campos, Capanema e Lanari havia uma divisão de trabalho a ser desenvolvida, cabendo aos religiosos o papel de manipuladores de consciências em prol da dominação política e social em curso no país.

E diziam mais: "[...] que **os sacerdotes nos assistam, com a sua cooperação decidida**, iluminado a consciência de nossos concidadãos e incitando-os a participar ativamente de nossas campanhas, **na defesa intransigente do programa legionário**. [...]".[390]

---

[389] Carta datada de "Belo Horizonte, 10 de Abril de 1931" enviada a D. Antonio dos Santos Cabral, bispo de Belo Horizonte, por Francisco Campos, Gustavo Capanema e Amaro Lanari. In: Jornal *Belo Horizonte*. 15 de abril de 1931, negritos meus. Recorte de Jornal: In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

[390] Jornal *Belo Horizonte*. 15 de abril de 1931, negritos meus. Recorte de Jornal: In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP. Heráclito SOBRAL PINTO assinava a coluna "Crônica Política" de *A Ordem*. No seu relato sobre os acontecimentos "de 18 de Março a 17 de Abril [1931]", pp. 286-297, ele tratou da "Conferência do Sr. Francisco Campos, em Belo Horizonte", cujo teor era o de "ORGANIZAÇÃO, ORDEM, ESTRUTURA E DISCIPLINA", p. 291, que para Sobral Pinto o político mineiro inspirava-se na "Igreja" católica. Revista *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1931; pp. 290-297. O católico Hamilton NOGUEIRA, produziu o ensaio "Problemas de Política Objetiva. Alberto Torres e Oliveira Vianna", publicado em *A Ordem* de 1930. Na conclusão do texto fez uma síntese do pensamento político de O. Vianna: "1° - o princípio da *unidade política*; 2° – o princípio da *continuidade administrativa*; 3° - o princípio da *supremacia da autoridade central*"; itens do pensamento autoritário de Oliveira Vianna que coincidiam com os dos católicos. Revista *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1930. Op. cit., pp. 114-124; cit. p. 123. Em "Indicações" de 1930 Tristão de Ataíde se debruçou sobre a questão da "revolução de Outubro". E constata que ela não tomou os "princípios da Revolução Francesa de 1789 ou da revolução Russa de 1917", que eram "nitidamente anticristãos", de modo que "não havia nenhum princípio católico em jogo" com a tomada de poder por Vargas e os tenentes. ATAÍDE, T. de. "Indicações". Revista *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1930, pp. 189-197; cit. p. 189. Todo um programa, arrolado em cinco itens, que os católicos reivindicavam para serem incorporados na futura Constituição: esta deveria ser promulgada em nome Deus; reconhecer, de modo inequívoco, "o catolicismo como a religião do povo brasileiro"; "a indissolubilidade [...] [do] casamento" religioso ou civil; "op ensino religioso católico [...] incorporado ao [...] ensino primário" e "oficialmente autorizada a assistência religiosa às classes armadas [...]" , p. 196. Ato contínuo, religiosos e membros do laicado vão escrever sobre pontos que eles queriam garantir na futura Carta. Cf. FRACO, Leonel [pe], S.J. "Divórcio e Suicídio"; ou ABREU, H. Tanner de. [prof]. "Do Aborto Médico"; Ou NOGUEIRA DE SÁ, A. "O Ensino religioso nas escolas e os seus opositores". Revista *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1931; pp. 327-339; pp. 340-367; pp. 375-380, respectivamente. Sobre Sobral Pinto, veja-se o interessante perfil feito pelo brasilianista John W. F. DULLES. *Sobral Pinto. A consciência do Brasil. A cruzada contra o regime de Vargas. 1930-1945*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001, 430p. Estávamos familiarizados com a imagem do leigo católico sempre com vestes pretas, que poderíamos inferir como índice do seu rigor, e da severa observância dos ditames religiosos. Mas que nada. O luto permanente de Sobral Pinto era a sua purga por ter caído e cedido às artimanhas da carne: ele traiu a mulher, cometendo adultério.

Concluíam os três signatários: Francisco Campos, Gustavo Capanema e Amaro Lanari "[...] é **indispensável a cooperação decidida e positiva dos católicos, para o triunfo dos ideais legionários, porque só eles, em razão de sua organização, devotamento, energia, fé e sacrifício,** e que poderão manter, perseverante e intransigentemente, os preciosos do nosso programa".[391]

Desse conjunto de posicionamentos, desde Alceu Amoroso Lima, ou Tristão de Ataíde, até Amaro Lanari, Francisco Campos e Gustavo Capanema, que emitiram opiniões na capital da República repercutidas em São Paulo e os mineiros em Belo Horizonte, há vetor comum a todos: a "autoridade forte", "governo forte", disciplinador, centralizador, são elementos que convergiriam para um processo antidemocrático, como na solução apontada para um Legislativo de "técnicos, e não políticos", cuja orientação doutrinária encontrava-se no papa Pio XI.

---

[391] Jornal *Belo Horizonte*. 15 de abril de 1931, negritos meus.in: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva – recortes de jornais. ACMSP. Na carta há a informação que entre "os membros da Legião de Outubro, secção mineira, cerra fileiras o monsenhor Arthur de Oliveira".
Outro periódico mineiro o jornal *O Horizonte* de Belo Horizonte na sua edição do dia 25 de abril de 1931, às pp. 1, 2, 3 e 4, relatou sobre as "grandiosas festas de 21 de abril [...]". Registrou sobre a extraordinária consagração da Legião de Outubro na Missa Campal realizada na capital mineira no último dia 21; informava que a manifestação foi "imponente e magnífica" conforme atestava o desfile de 16 mil Legionários. Foi uma "manifestação [de apoio] dos católicos mineiros ao dr. Francisco Campos". Na ocasião houve discurso do "Exmo. Bispo de Uberlândia, Dom Lúcio dos Santos e do dr. Francisco Campos". Outras autoridades presentes ao evento; Olegário Maciel, presidente do Estado de Minas Gerais; o Arcebispo de Belo Horizonte, Dom Antonio dos Santos Cabras; o prof. Católico, dr. Lúcio José dos Santos; também os Arcebispos de Mariana e de Diamantina; os Bispos de Guaxupé, Juiz de Fora, Montes Claros e os dois bispos de Campanha; além do presidente da Legião de Outubro, o já citado Francisco Campos. Os festejos celebrar, segundo a fonte: "[...] essa tentativa gigantesca de acordar as forças latentes da consciência nacional, despertar as energias adormecidas de nossa nacionalidade conclamando-as ao trabalho nobilíssimo de tornar verdadeiramente livre a verdadeira grande democracia brasileira". Ao narrar a experiência da Missa Campal e o desfile dos legionários, o articulista escreveu que, o desfile dos 16 mil jovens legionários perante as autoridades do Estado "o que equivale a dizer perante a consciência mineira", e o gesto dessa multidão era "tão somente propelida pelo amor desinteressado de nossa Pátria". O articulista narra que "[...] **comovida essa mocidade intemerata e alegre sorrindo às claridades de nosso sol tropical, em meio o palpitar dos corações que os cercavam, tapetando a estrada radiosa, que eles palmilhavam.** [...]. **[As] distâncias que eles percorreram, os grandes rios que transpuseram, as florestas que venceram e os campos intermináveis por onde galoparam dias e dias. E essas trilhas e essas florestas, esses campos e essas montanhas que elas, em tão pouco tempo, venceram, transmutavam-se para nós na grande unidade social e política desse generoso Estado de Minas Gerais, hoje cada vez mais unido e consagrado pelos laços indissolúveis da religião católica** e da crença republicana. [Na] [...] **Missa Campal, os jovens legionários estavam, irmanados nos mesmos sentimentos de Fidelidade à Igreja de Jesus Christo**". Falando em nome do episcopado mineiro, após a Missa Capital, D. Frei Luís Sant'Anna, disse que naquele momento era um instante "[...] [de] fulgurante movimento, ponto de partida de uma renovação moral e espiritual, porquanto representa o passo mais importante e decisivo para a realização dos ideais que formam o nosso berço, e nos conduziram à vitória que sorri hoje em nosso país". O religioso enfatiza o trabalho da **Legião de Outubro**, que é, segundo ele, **informada nos** "[...] **princípios sacrossantos de uma religião que não pode estar diferenciada dos destinos do homem, da família, da sociedade e da Pátria.** [...]. **E é por isso que o Episcopado Mineiro, sem filiações partidárias, sem aspirações políticas, vem prestar o apoio, a força moral que invocastes a Religião Católica, à religião do povo brasileiro. [Segundo o religioso são] 40 milhões de brasileiros [que] se [vêem]** [...] **[reconhecidos na] força moral do mundo – a Igreja católica**". Op. cit., negritos meus.

Contudo, para se atingir os objetivos dos Legionários e dos católicos exigiam-se "organização, devotamento, energia, fé e sacrifício", pois o país tinha uma "nacionalidade essencialmente cristã", logo se fazia necessário a cooperação ou associação das esferas "política", "econômica" e religiosa: os planos imanentes e transcendes imbricavam-se com devoção e fé, energia e sacrifício.

Os elementos para mobilizar as massas estavam lançados.

No plano da liderança secular, Vargas era apresentado como o instaurador de "tempos novos",[392] já na esfera religiosa o recém Padroado de N. S. Aparecida se prestava a ser instrumentalizado, de modo ímpar, naquele contexto histórico, a partir da "técnica de propaganda explorada [...] [em] clima de religiosidade [...] [na qual se procurava imbricar as] relações entre chefe e comandados, que se consubstancia principalmente no culto de veneração à pátria".[393]

Nestes termos, vejamos a ida da Imagem de Aparecida para o Rio em 1931. O deslocamento que teve por base racionalidade, planejamento, logística que se revelam a partir da astúcia eclesiástica que instrumentalizou o Padroado de Aparecida e estabeleceu um novo padrão em termos de devoção mariana neste país: a instauração de uma política de massas no campo católico. *Um milhão* de pessoas celebram e homenageiam a sua Padroeira e Mãe simbólica: N. S. Aparecida. Não obstante, o peso da posição do Núncio D. Bento A. Masella, além da simpatia que a representação diplomática brasileira lotada em Roma tinha por um factível Tratado. [conforme "Ofício nº 97 mais anexo" que fala da "reconciliação entre o Governo Fascista e o Vaticano".[394]], o arcebispo de São Paulo D. Duarte Leopoldo e Silva, desde a primeira hora, manifestou-se resolutamente contrário a um possível Tratado entre Igreja-Estado neste país.

---

[392] CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em Cena. [...]*. Campinas, Papirus, 1998, cit. p. 146. A formulação é de F. Campos a partir de 1937.
Essa percepção da necessidade de líderes excepcionais foi vincada por Tristão de Ataíde em relação ao cardeal Leme. Em seu livro de 1943 sobre o cardeal o leigo católico o chama de "o homem providencial", veja-se: ATAÍDE, T. de. *O Cardeal Leme*. Rio de Janeiro, J. Olympio Ed., 1943, 231p; especialmente, pp. 39-53. A necessidade de líderes excepcionais nos argumentos do autor assentava-se em elementos pânicos: pois "o mundo hoje [anos 1940, no contexto da Guerra] que está morrendo por confiar apenas em si mesmo. Os homens [...] estão sofrendo por julgarem valer alguma coisa por si mesmos. A civilização está agonizante porque se deslumbrou com o poder, o esplendor, o imprevisto de suas próprias técnicas, desligadas do espírito", e sentenciava: "[...] a verdadeira natureza do homem é que ele não se basta si mesmo [...]", cit. p. 44. Assim, segundo Ataíde a solução dos problemas humanos deveriam ser encontrada no plano transcendente, o que garantiria espaço aos católicos no campo político.

[393] LENHARO, A. *Sacralização da Política*. Campinas, Papirus, 2ª ed., 1986, cit., p 49.

[394] "103.41.305 – Ofícios: 41/3/5 – Roma. Jan de 1931. Jul de 1932". O represente diplomático informava que a partir do Tratado: "Roma, 4 set. 1931 [...] não mais haverá incompatibilidade entre adesão ao Partido Fascista e adesão à Ação Católica Italiana". O diplomata brasileiro avaliou sobre "[...] o feliz êxito alcançado pelas laboriosas negociações entre a Igreja e o Governo italiano, além de satisfazer à aspiração universal do catolicismo".Documento depositado no *AHI*, RJ.

Os argumentos do Arcebispo se assentavam na sua experiência a partir da instauração do regime republicano, cujos lucros obtidos pela instituição eram expressivos.

Antes de passarmos à análise da ida do Ícone da Padroeira à capital de República, e para concluir a nossa abordagem sobre as tentativas do Tratado concordatário entre a Igreja e o Estado neste país, a seguir apresento elementos que reforçam o nosso argumento no sentido de apontar os esforços de D. Leme para que de alguma forma algum tipo de liame se estabelecesse entre as duas esferas, a partir da passagem do Secretário de Estado da Santa Sé em 1934 pela capital da República. A documentação compulsada é cristalina: tanto para a Igreja quanto para os homens que ocupavam cargos máximos dos três poderes da República, o Brasil constituíram-se um país graças, principalmente, ao legado cristão. E todos, poderes secular e hierocrático, em uníssono, tinham um inimigo comum que unificavam as suas ações: o *comunismo* – que encarnava o *mal absoluto* segundo o papa Pio XI; o *inimigo mais conspícuo da Igreja* segundo o mesmo religioso; o *grande herege do século* que deveria ser subtraído do meio social.

Sobre o comunismo sejamos claros: ele negava qualquer tentativa de convivência com a esfera religiosa, principalmente as igrejas organizadas a partir de entidades monoteístas. Logo, para os hierarcas católicos, à ascensão ao poder de qualquer projeto político de extração materialista significaria que a Instituição romana poderia ser banida.

Não olvidemos a letra do *Manifesto*: o comunismo, cuja doutrina era materialista, tinha por objetivo a tomada do poder estatal para colocá-lo de ponta-cabeça: invertendo a arquitetura do seu edifício, subvertendo os seus valores. Sabemos desde as formulações de Hegel que o Estado se constituiu a partir de valores religiosos, em particular, no Ocidente, no cristianismo. Logo, inverter a sua arquitetura se traduziria na destruição dos valores nos quais se assentava. O historiador Eric Hobsbawm fez um comentário precioso sobre o comunismo italiano, o seu partido e suas lideranças no século XX: "[...] Togliatti foi um dos principais arquitetos da Primeira República e da sua Constituição, e que, desde então, o PCI foi *uma instituição voltada a sustentação do Estado, e não para a sua derrubada*".[395]

---

[395] HOBSBAWM, E. *O novo século*. São Paulo, Cia. das Letras, 3ª reimp., 2000, 196p; cit. p. 163, itálicos meus. Também, cf. CORDATO, Adriano N. *et* OLIVEIRA, Marcus R. de. "A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964". In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Anpuh/CNPq, vol. 24, nº 47, 2004, 271-302. MOTTA, Rodrigo P. S. *Em Guarda Contra o "Perigo vermelho". O Anticomunismo no Brasil [1917-1964]*. São Paulo, Perspectiva, Fapesp, 2002, 297p. PINHEIRO, Paulo S. *Estratégias da Ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil. 1922-1935*. São Paulo, Cia. das Letras, 2ª ed., 1992, 379p. RODGHERO, Carla S. "Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria". In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Anpuh/Humanitas/Fapesp, vol. 22, nº 44, 2002, pp. 463-488. VIANNA, Marly de M. C. *Revolucionários de 35*. São Paulo, Cia. das Letras, 1992, 413p. _____. [Org]. *Pão, Terra e Liberdade. Memória do Movimento Comunista de 1935*. S. Carlos, Rio de Janeiro; UFSCar, Arq. Nacional, 1995, 588p.

Observadas as especificidades das realidades históricas italianas e brasileiras, *mutatis multandis*, a constatação do historiador pode ser aplica ao comunismo brasileiro, principalmente no concernente à questão de que eles se qualificam como capazes à "sustentação do Estado". O desmonte do que foi o comunismo brasileiro, em termos institucionais, foi apropriado pela sigla partidária do PPS, cuja ambição política é servir às classes dominantes na burocracia estatal nos vários níveis de poder. E não só: se atentarmos para série de ações dos comunistas, como podemos verificar na manifestação da sua liderança máxima, Luiz Carlos Prestes, em 1945, o programa comunista é de conciliação com as oligarquias, como veremos à frente quando abordarmos a ida da Imagem de Aparecida à capital paulista no evento *A Noite da Padroeira*, que ocorreu na véspera do célebre Comício do Pacaembu, este num domingo, dia 15 de julho de 1945.

Homens da oligarquia paulista, com Júlio de Mesquita, subiram no palanque do "partidão" ecumênico, conciliador e pragmático.

Com tais registros quero apontar a respeito dos limites e das contradições das ações políticas dos comunistas. Não obstante, os comunistas foram massacrados pela Instituição romana em termos planetário. A Igreja católica os avaliava como os responsáveis pelo "definhamento físico e a erosão moral" que se abatera sobre a humanidade e a Civilização cristã.

Neste país o leigo católico Tristão de Ataíde afirmava que os comunistas eram "inferiores" - inclusive, em termos raciais? - aos católicos. Lançou-se aos comunistas o selo de herege.

Essa imagem provavelmente tenha desempenhado papel fundamental, pois ela se prestava para incutir nos corações e mentes elementos de medo e pânico: por ser um doutrina materialista, o comunismo e os seus adeptos corroíam o legado cristão do Brasil com o objetivo de destruir o *ethos* mariano da Nação. Para enfrentá-los, hierarquia religiosa e elite política leiga instrumentalizaram a devoção à Nossa S. Aparecida.

d.6] *Outubro de 1934: o cardeal Eugênio Pacelli visita o Brasil. O Secretário de Estado da Santa Sé reconhecia a Concordata de fato: Igreja-Estado informalmente engastavam-se.* O Núncio D. Aloisi Masella, o Cardeal Leme e o Presidente da República Getúlio Vargas e as demandas católicas na Constituição de 1934.

d.6.1] **Abertura**. Membro do laicado se pronunciava a respeito da vitória dos católicos na Constituição de 1934 e alertava em relação aos opositores da Igreja: Tristão de Ataíde instruía para a *delação* e afirmava a respeito da *inferioridade* dos não-católicos: "**liberais e comunistas, maçons e espíritas, protestantes e judeus**".

Os mecanismos do autoritarismo político de matriz religiosa e a dominação social se imbricavam neste país, e foram efusivamente celebrados por membros do laicado católico como Tristão de Ataíde.[396] Ele, membro importante do laicado católica, escreveu na ocasião sobre a vitória dos católicos na Constituinte de 1934. Listou as demandas católicas contempladas na Constituição de 1934: "[...] o nome de Deus invocado do em seu preâmbulo: a "colaboração recíproca" entre a Igreja e o Estado; o serviço militar do clero, sob a forma de assistência espiritual ou hospitalar às forças armadas, o voto dos religiosos [...], *a liberdade dos sindicatos operários católicos, o descanso dominical, o reconhecimento do casamento religioso para efeitos civis*, autorização para cemitérios religiosos". E lembrava que tal êxito só foi possível por causa da mobilização dos católicos a par do "programa máximo da LEC", o qual "em grande parte também [havia sido] incorporado no capítulo da "ordem econômica e social"".

Como que se lambuzado, Ataíde afirmava com todas as letras: era "uma vitória completa, **não apenas eleitoral mas doutrinária**".[397]

Do exposto, a inserção católica em instituições sociais, políticas e econômicas como os sindicatos, a observância do recolhimento dominical – dia do Senhor –, para toda a Nação. Logo, legislando sobre o *ethos*. A legitimidade e reconhecimento do casamento religioso com validade civil, consubstanciava a doutrina católica, em cujos "anjos"foram, na Constituição, entre outros, "D. Sebastião Leme". Noutra parte ele concluía, em êxtase, "[...] agora a Constituição de 1934, posterior a uma Revolução Politica, incorporar a seus dispositivos e princípios novo da colaboração entre a Igreja e o Estado", de modo que os católicos conseguiram "quebrar o laicismo integral da República de 1889 e convencer as forças políticas da procedência e da necessidade desse grande

[396] Vide nota 399.

[397] ATAHÍDE, T. "O sentido da Nossa Victória". In: Revista *A Ordem*. Rio de Janeiro, jun./1934, pp. 417-423; cit. p. 421.

princípio de direito público cristão, que o positivismo e com dobradas razões o liberalismo ou o socialismo, não haviam querido compreender".[398]

No número seguinte do mesmo periódico, *A Ordem*, em junho de 1934, Ataíde voltava à carga em artigo cujo título era "Os Perigos da Victória".[399]

Para o leigo católico a adesão dos "180" constituintes que votaram "pelo Nome de Deus no preâmbulo" da Carta Magna ou dos "160" que se posicionaram "contra o divórcio", além das demandas "legais da nossa doutrina social" informada nos valores do catolicismo cristão, Ataíde alertava para necessidade dos católicos se posicionarem e se colocarem em alerta, pois eles não tinham maioria no parlamento, no máximo contavam com um contingente entre "60 ou 79 membros na Assembléia".[400]

Neste sentido, ele apontava, numa espécie de denúncia, sobre a elevação à condição de reitor, em São Paulo, no "Instituto de Educação, na Universidade, ao Sr. Fernando de Azevedo, [...] inimigo declarado dos católicos".[401]

No mesmo sentido de delação, o leigo católico se referia a um concurso público ocorrido "em Belo horizonte", totalmente informado nas ""**convicções marxistas**, da banca examinadora no concurso de economia política, na Faculdade de Direito"", lembrava de evento igual ocorrido no Rio no ano de 1932, de modo que os católicos estavam submetidos à "**quadrilha comunista** que vai, pouco a pouco, absorvendo o ensino jurídico no Brasil".[402]

Para Ataíde havia um "complô anticatólico", informado por mecanismos sub-reptícios, que de modo sistemático e "hipócrita" lançava cizânia às "mentes juvenis dos futuros advogados, promotores, políticos, delegados, administradores, funcionários públicos, professores, egressos, em geral, das Faculdades de Direito". Tal complô segundo leigo católico era composto por "**liberais e comunistas, maçons e espíritas, protestantes e judeus**".[403]

Para o articulista de *A Ordem* todos esses elementos faziam parte de uma "força" conspiratória, "cúmplices da conspiração exterior" que ameaçava à Nação católica e a sua Carta máxima. Apontava que era suficiente "uma procissão de 10.00 devotos [que] pode ser dispensada por meia dúzia de desordeiros decididos". Ele indicava o mecanismo pelo qual deveria se mobilizar o laicado, ao afirmar a respeito da superioridade dos católicos: "precisamos de formar elementos de

---

[398] ATAHÍDE, T. "O sentido da Nossa Victória". In: Revista *A Ordem*. Rio de Janeiro, jun./1934, pp. 417-423; cit. p. 422.
[399] ATAÍDE, T. "Os Perigos da Victória". *A Ordem*. Rio de Janeiro, julho de 1934, pp. 3-11.
[400] ATAÍDE, T. "Os Perigos da Victória". *A Ordem*. Rio de Janeiro, julho de 1934, pp. 3-11; cit. p. 3.
[401] ATAÍDE, T. "Os Perigos da Victória". *A Ordem*. Rio de Janeiro, julho de 1934, pp. 3-11; cit. p. 8.
[402] ATAÍDE, T. "Os Perigos da Victória". *A Ordem*. Rio de Janeiro, julho de 1934, pp. 3-11; cit. p. 8.
[403] ATAÍDE, T. "Os Perigos da Victória". *A Ordem*. Rio de Janeiro, julho de 1934, pp. 3-11; cit. pp. 9 e 8, respectivamente.

qualidade, grupos de elite, que sejam núcleos de irradiação de fé e de doutrina no meio das massas amorfas".[404]

Mesmo num contexto de enfretamentos e de posições polarizadas nos planos político e doutrinário, não deixa de ser assustador constatar que mecanismos como o da **delação**, e que os **opositores dos católicos**, para o leigo católico, **eram inferiores**, tenham saído da mente e da pena de um homem como Alceu Amoroso Lima.



Além dos Congressos Eucarísticos Nacionais e das Saídas da Imagem Verdadeira de N. S. Aparecida para o espaço público, **os católicos erigiram marcos físicos** hauridos a partir da atuação dos seus membros neste país, de modo **a produzir lugares de memórias** que engendrassem **elementos de pertença no tecido social**, o que **lhes garantiria o controle do imaginário da Nação** e reverter-se-ia **em prol do projeto católico de dominação social**, além de mobiliar grandes contingentes humanos.

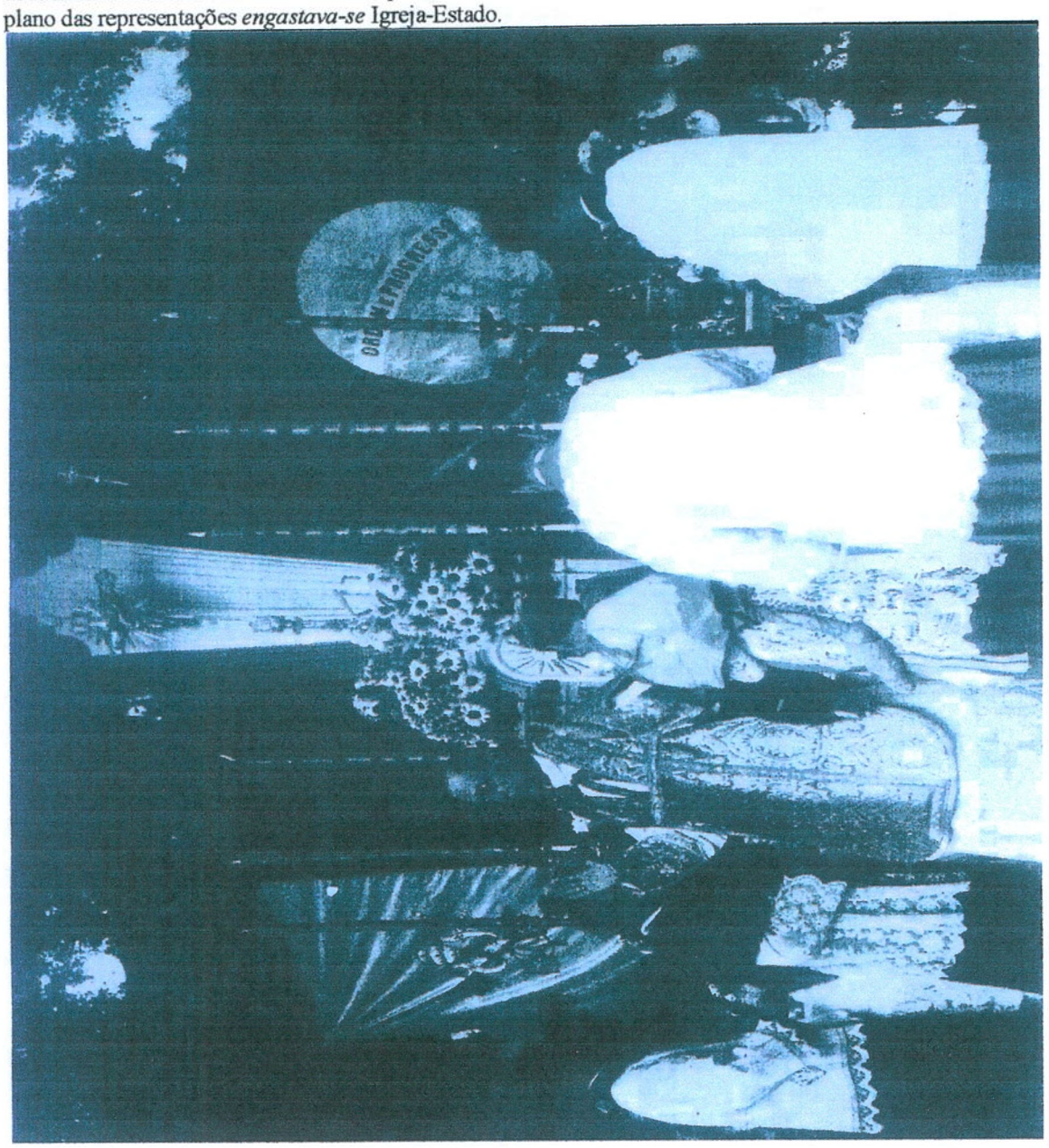
A imagem acima registrou a celebração da Missa Campal no dia 19 de março de 1934 na capital paulista quando foi inaugurado "... o belo Monumento de S. Paulo [...] [ao] Venerável Padre Anchieta", e "uma multidão incalculável comprimiu-se" para assistir. Entre os presentes o "... Interventor Federal em S. Paulo, Dr. Armando Sales de Oliveira; ... Sr. Dr. Assunção Prefeito da Capital, ... Sr. Dr. Altenfelder, ... Secretário da Educação...", [In: *ANSAp*. Aparecida, 1935; cit. pp. 137 e 136, respectivamente. Há no ACMSP um significativo conjunto de fontes sobre o *Monumento à Fundação de S. Paulo* ou à *Memória do Pe. Anchieta*, cujas datas vão desde 1909. Nos anos 1920, a partir de 1921 a 1923, elas se adensam, como a carta datada de 20-12-1921 do "*Escripto Technico de A. Albuquerque. Architecto e Engenheiro Civil*" no qual se informava sobre a escultura de Zani que dominaria o conjunto do Monumento, sendo que o valor da construção deste estava orçado em "... 142.000$000 - cento e quarenta e dois contos de réis". Em carta datada de 31-12-1923, em papel timbrado da "Secret. de Est. dos Negócios da Agric, Com. e Obras Públicas - Dirt. de Obras" autorizava a construção. do Monumento no Largo do Palácio, de acordo com "a resolução Municipal nº 204 de 22-04-1922". E a carta de 19-04-1923 da "S. Paulo Railway Company Limited" enviada ao "Conselheiro Dr. Antonio Prado" do laicado católico e membro Comissão da Construção do Monumento, na qual o Superintendente da empresa informava que o material destinado ao Monumento seria transportado sem o custo de frete], o Arcebispo de S. Paulo D. Duarte Leopoldo e Silva e outros religiosos. **Atentando-se para as datas, em 1922 celebrou-se o centenário da Independência, os católicos aceleram as suas ações para erigir marcos cujo nexo era político. Mesmo assim os esforços se arrastaram, e apenas pós-1930 concretizaram, pois o ambiente e as condições políticas eram favoráveis: os católicos estavam no poder.**

---

[404] ATAÍDE, T. "Os Perigos da Victória". *A Ordem*. Rio de Janeiro, julho de 1934, pp. 3-11; cit. pp. 9 e 10, respectivamente, negritos meus.

d.6.2] Astúcia Política eclesiástica, continuidade cultural e espaço simbólico de celebração do poder: a missa ultramontana celebra por E. Pacelli no Campo de Santana em outubro de 1934.

Imagem do Cardeal Eugênio Pacelli celebrando missa em altar erguido no Campo de Santana em outubro de 1934. [405] À esquerda, ao fundo, flâmula com o brasão do Vaticano; à direita a bandeira do Brasil. Entre as duas flâmulas há um cristo crucificado que simbolicamente fazia o liame entre as duas esferas de poder. No plano das representações *engastava-se* Igreja-Estado.



O Campo de Santana, local onde se desenvolveu a missa celebrada pelo Secretário de Estado da Santa Sé, Eugênio Pacelli, provavelmente tenha sido escolhido a dedo por D. Leme. Havia um processo de continuidade de celebrações, mormente, as políticas na localidade desde "as festas de

[405] OLIVEIRA, X. de. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 256p.

aclamação e coroação"[406] de D. Pedro II. No dia 15 de Novembro "eram poucos [civis] no Campo de Santana [...]"[407] que tomaram parte nos festejos ao estabelecimento do regime republicano.

Tudo isso não deve ter escapado ao político hábil que era o cardeal Leme. Palco de manifestações políticas, em Outubro de 1934, o Campo de Santana transformou-se em espaço público onde se *engastava* Igreja-Estado neste país. A continuidade referida naquela localidade também se verificava em termos de ritos e celebrações concernentes ao sagrado fruído pelas camadas populares.

Na sua pesquisa a historiadora Martha Abreu apresenta uma série de fontes nas quais demandava-se junto ao poder instituído – Câmara ou "Juiz de Paz" – por licenças para instalar no local "barraca no campo de Honra para vender "molhados, refrescos e comidas ao povo como tem sido costume todos os anos por esta ocasião da festa do Divino"".[408] E outras celebrações religiosas "e populares", como "a festa de São João" e "nas festas de santo e procissões compartilhadas por "todos", como nos costumes que se "confundiam" cotidianamente num fabuloso "caldeamento estético".[409]

Num dos documentos aqui trabalhados sobre a ida da Imagem de Aparecida ao Rio em 1931, o cardeal Leme informava a D. Duarte, arcebispo de São Paulo, que conhecia a "índole" dos habitantes da cidade, de modo que a capital havia se transformado em um "braseiro" festivo ou celebrativo. Assim, a par dessa realidade, é que compreendemos a escolha do Campo de Santana para Missa Campal celebrada por Pacelli: numa continuidade cultural, agora, historicamente, *os ritos transcorriam numa solene gravidade ritualística*, conforme o padrão das celebrações de matriz ultramontana, aos quais o povo tomava parte e era mobilizado apenas na condição de agente passivo: mero espectador.

Logo, subtraíam da população quaisquer possibilidades de subversão festiva.

A mobilização dos católicos nessa conjuntura os despolitizavam.

Mesmo que houvesse da parte da "população [...], algumas vezes calorosas e entusiásticas",[410] ao sisudo religioso Pacelli como afirmou um observador privilegiado como Getúlio Vargas. Como a própria pátina do tempo depositada sobre a imagem que abre a presente seção, a coloração da

---

[406] SOUZA, Iara Lis C. *Pátria Coroada. O Brasil como Corpo Político Autônomo. [1780-1831]*. São Paulo, Ed. Unesp, 1999, 396; cit. p. 256.
[407] CARVALHO. J. M. de. *A Formação das Almas*. São Paulo, Cia. das Letras, 9ª ed., 2000, 166p; cit. p. 38.
[408] ABREU, Martha. *O Império do Divino. Festas Populares e Cultura Popular no Rio de Janeiro. [1830-1900]*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira; São Paulo, FAPESP, 1999, 406p; cit. p. 201.
[409] ABREU, Martha. "Mello Moraes Filho: Festas, Tradições Populares e Identidade Nacional". In: CHALHOUB, S. *et alii* [Orgs]. *A História Contada. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998, 359p; pp. 171-193; cits. pp. 174 e 178, respectivamente.
[410] VARGAS, Getúlio. *Diário*. [1930-1936]. São Paulo, Siciliano; Rio de Janeiro, Ed. FGV, [vol. I], 1995, 575p; cit, p. 335.

celebração ultramontana da Missa no Campo de Santana em 1934, tem cor de matiz acinzentada. Lembrando uma formulação do século XIX, que comparava a beleza solar de uma "Lais grega" – o meu propósito é vincar sobre a efervescência das *manifestações populares relativas ao sagrado*, onde se ritualiza e se celebra, mas, centralmente, se comemora efusiva e festivamente o divino [o sagrado como múltiplas determinações do humano] – e a mascara e o vestuário enegrecido da "freira cristã".[411]

Lembremos sobre *o rosto pintada de Maria, que, segundo o cânone teológico, é sempre de contrição, purgação: apolínea e acima das vicissitudes humanas. As santas do cristianismo são modelos da reta conduta.* Elas não expressam graça e alegria. *As faces da Virgem oscilam entre o misterioso e o sombrio.*[412] Nessa ordem de coisas, *o enquadramento do gênero feminino pela teologia católica remonta a própria história do cristianismo.* Assim, "É como se quisesse mascarar com um vestido de freira cristão a beleza serena e irradiante duma Laia Grega", Marx na referência acima. *A concepção da beleza feminina originada na escrita da teologia cristã é soturna, triste: o*

---

[411] MARX, K. "Prefácio à tese de doutorado: "Diferença entre a Filosofia de Natureza de Demócrito e a de Epicuro"". In:_____. e ENGELS, F. *Sobre Religião*. Lisboa, Edições 70, 1976, 397p; cit. p. 11.
O ano de 1925 foi uma data importante para Basílica Nacional de N. S. Aparecida. Por determinação papal, a pedido do arcebispo de São Paulo, os fiéis que demandassem ao Santuário, obteriam os seguintes privilégios: "Todos os Sacerdotes que, em peregrinação, vêm à Basílica, podem no altar de Nossa Senhora celebrar a Missa Votiva de N. S. Aparecida, com Glória e Credo, "dum-modo non occurrat festum duplex 1ª classis, aut festum aliquod ipsius Bᵃe Mariae Virginis, Dominica, faria, vigilia atque octava, quae sint ex privilegiatis". Ato contínuo, estabeleceram-se regras que deveriam ser observadas pelos que fosse até o Santuário da Padroeira: "1ª - Lugar de orações, a casa de Deus merece que nela entremos com fé e respeito. 2ª - Entrando na Igreja, o primeiro ato é adorar o Santíssimo Sacramento, indo rezar diante do seu altar. 3ª - Depois da oração eucarística, é que vêm os demais atos do culto, como as preces aos Santos. 4ª - Não se deve passar diante do Santíssimo sem fazer a genuflexão. 5ª - É preciso ajoelhar-se durante a Elevação e quando o padre distribuir a Sagrada Comunhão. 6ª - Dentro da Igreja não se deve falar nem passear; 7ª - É preciso tomar parte ativa na liturgia e responder claramente às orações comuns e aos cânticos litúrgicos e populares. 8ª - As senhoras devem vir de cabeça coberta. Em trajes modestos e cristãos. 9ª - A imodéstia no vestir é uma afronta a Deus, um escândalo para o próximo, uma profanação do lugar santo. 10ª - O Senhor não pode aceitar as orações e esmolas das senhoras que não trajem com pudor, pois que pune os profanadores do templo. 11ª - Deus será severíssimo com os pais que não impedem as extravagâncias da filha. 12ª - É ridículo e grotesco trazer cachorros à Igreja. 13ª - Não se deve cuspir no chão dentro da Igreja, como medida de respeito e higiene. 14ª - Não se leve crianças que chorem durante os atos religiosos". Assim, demandar à casa da Padroeira da Nação pressupunha respeitar esse conjunto de regras. Logo, as normas prescritas na Circular, estabeleciam as normas que deveriam ser observadas no interior da Basílica. A casa de Deus, no nosso caso específico, a casa da Mãe de Jesus e do povo brasileiro [N. S. Aparecida], **a contrição** é o dispositivo gestual colocado em ação: o espaço sagrado é *locus* de fidelidade, respeitabilidade, de adoração, de cultuo, de oração, de prece. Estes são valores que devem ser internalizados pelos católicos. O corolário do dispositivo do culto ultramontano é o de uma devoção fruída sob o cálculo racionalista dos valores da civilização burguesa. A normatização, claramente, tem por fito o enquadramento devocional do catolicismo comunitário e popular, eivado de intimidade animista com os elementos da natureza. Das quatorze [14] regras, observe-se que, quatro [4] se reportam às mulheres, como pode ser constatado nos itens 8ª, 9ª, 10ª e 11ª. A sanha eclesiástica recaiu, então, sobre o gênero feminino. As normas foram publicadas pelo periódico oficial da Basílica nacional de Aparecida; o que nos leva a pressupor que as mesmas devem ter sido afixadas na casa da Mãe da religiosidade da nação.

[412] Cf. MANGUEL, A. *Lendo Imagens*. São Paulo, Cia. das Letras, 2001, 358p, especialmente pp. 59-83.

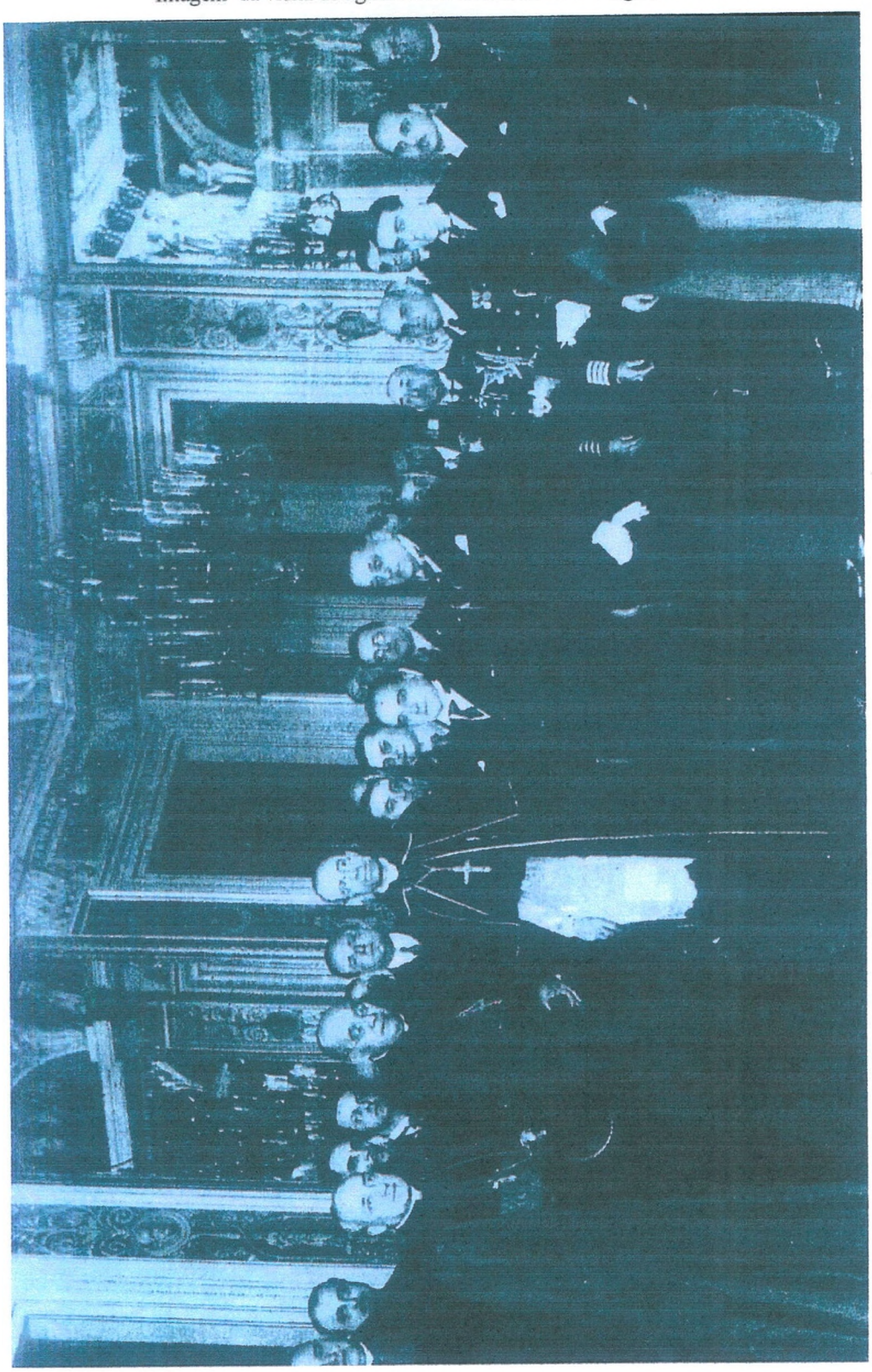
corpo feminino como *locus* de *vergonha ou danação*.[413] E nuclearmente: *renúncia*! Triunfo ultramontano. A festa e celebração popular de matriz pantagruélica[414] são capturadas às redes soturnas romanizadas.

---

[413] No mesmo registro – de culpas e expiações –, note-se que o ato de genuflectir é central: estar diante de Aparecida, Mãe acolhedora e protetora requer a demarcação de gestos e ritos específicos: a reverência cristalizada na genuflexão indica o arco e extensão simbólica e efetiva do seu devoto. A autoridade maior da religiosidade católica brasileira paira sobre os seus súditos [Aparecida não é apenas Mãe, e Protetora da Nação; é ela a RAINHA de um país cujo regime político é republicano! Mas tal realeza indica, no plano teológico, que Maria é um dos cimos da hierarquia celeste]. Ora, Aparecida já é, no período aqui referido, a partir de 1925, hierárquico e institucionalmente e o espaço para o qual o devoto católico deveria se voltar e legitimar-se. Ela é autoridade máxima da religiosidade, à qual todo o fiel ao menos uma vez em vida renderia homenagens. Diante da autoridade, logo do poder instituído, o fiel, súdito ou cidadão deveria se referendar em ternos de subordinação e de obediência, conforme o registro teológico – genuflectir-se, mediante o curvar-se do corpo e o dobrar-se dos joelhos, para que assim o devoto incorpore e internalize, nas suas práticas comezinhas, a sua inferioridade física [o fiel diminui em quase um terço o seu tamanho quando realiza esse ato] e simbólica diante da autoridade divina e da sua hierarquia burocrática a sua insignificância. Ora, toda esse normatização contida nas 14 regras acima elencadas, mesmo levando em conta as interdições específicas contidas nos itens 12° e 13°, **levam a práticas e mecanismos que interiorizam atitudes e gestos de conformismo e alheamento**. Gestualmente, o devoto pensado pela astúcia hierocrática ultramontana é – observe-se que as regras foram inicialmente fixadas em Igrejas romanas, e reproduzidas no Santuário da maior autoridade religiosa do país – assim, *a regra ultramontana se apresenta com validade universal*. Ela não reconhece diferenças e especificidades de ordem geográficas, povos ou nações, ou de classe. Nem de regimes políticos. Neste sentido, uma concepção de mundo no qual diferenças etnográficas e históricas não são levas em conta, tem como pressuposto e se assenta num modo de compreender realidades políticas e históricas do alto: a autoridade elaborada pelo poder hierárquico. Ela é entendida como o *locus* unitário, apartado de demandas advindas de outras esferas. À questão da gestualidade, no registro eclesiástico, ao gesto funde-se todo um movimento dos corpos e de expressões: uma linguagem que nega o espontâneo e o humano. *Internaliza mecanismos de controle*: afinidades entre o projeto católico ultramontano e regime político liberal, cuja prática se cristaliza na dominação social. Vale ressaltar que a questão do gesto se liga à ação, ao ato. *Ato, ação, movimento etc., que são dados da experiência histórica brasileira e mesmo do mundo Ocidental no período em tela. A experiência histórica brasileira que do ponto de vista econômico, social e político, vive a realidade do deslocamento de massas humanas se mobilizando do interior do território para os centros urbanos; que são espaços em processos de adensamentos populacionais expressivos. No mesmo registro, a chegada de grandes contingentes de imigrantes estrangeiros iria produzir uma série de desconfianças dos religiosos*. As suas origens, camponesas e européias, e por outro lado exercendo a função de trabalhador rural junto aos migrantes autóctones. Essa era a grande massa a ser pastorada e o alvo da política ultramontana. Não perdendo de vista a "falange de varões" originada nas classes médias e na elite econômica e política. A concepção de autoridade, de controle e mando que a hierarquia eclesiástica tinha por escopo a dominação sobre esse conjunto social. A astúcia hierocrática apresenta, assim, ao poder laico instituído a sua concepção de autoridade que do ponto de vista eclesiástico se refere, principalmente, a questões morais. Anteriormente falamos que a concepção teológica de autoridade se refere, nuclearmente às questões de ordem moral [que segundo Hegel são a base do Estado]. Mas como separá-la – *a questão moral* – dos *interesses materiais*? *O imbricamento da questão* foi sugerido na luminosa abordagem feita por Maria Sylvia de Carvalho Franco quando da análise da *dominação pessoal* sobre os *setores médios e do pequeno proprietário na sociedade brasileira* no século XIX. Aliás, a documentação compulsada neste estudo foi originada no mesmo espaço geográfico onde se localiza o Santuário de Aparecida: no vale do Paraíba no Município de Guaratinguetá, onde se deu a chama antiga civilização do café. Cf. FRANCO, Maria Sylvia C. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo, IEB, 1969, 249p. Esta pesquisa é imprescindível à compreensão do que fomos ou o que somos enquanto Nação, país e Estado.

[414] Para a formulação da celebração popular no Brasil a partir de Rabelais num autor nacional, veja-se: ABREU, Martha. "Mello Moraes Filho: Festas, Tradições Populares e Identidade Nacional". In: CHALHOUB, S. *et alii*. [Orgs]. *A História Contada. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998, 359p; pp. 171-193; especialmente, p. 183 ss.

Imagem da visita de agradecimento de Pacelli a Vargas, em 1934.[415]



[415] In: OLIVEIRA, X. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 256p.

A fotografia da página anterior registra, no primeiro plano, os artífices da *Concordata informal* que *engastou Igreja-Estado* neste país a partir de 1934.[416]

Da esquerda para direita, temos, nesta ordem: o Núncio Apostólico D. Bento Aloisi Masella, o Cardeal D. Sebastião Leme, o Secretário de Estado da Santa Sé Cardeal Eugênio Pacelli e o Presidente da República Getúlio Vargas.

Também no primeiro plano da imagem temos outros atores políticos que tomaram parte no Pacto informal: à direita de Vargas o Ministro das Relações Exteriores José Carlos de Macedo Soares, e a sua direita, também vestido fraque e casaca, o chefe da Casa Civil Ronald de Carvalho, que como os demais, segura a sua cartola.

A alta hierarquia católica e detentores do poder secular, em trajes de gala, produzem cerimônias, ritualizam mecanismos que lhes garantem o controle político da Nação.

[416] Tal *engaste* teve repercussão em Portugal. O Jornal *As Novidades*. Lisboa, 18-07-1934, informava aos seus leitores que a nova Carta Magna do Brasil esposava as teses da Igreja, "graças a habilidade e o prestígio do sr. Cardeal Leme". Recorte do periódico no Arquivo Nacional. Documentação do Ministério das Relações Exteriores. *AN*: Entrada: 17.9 - Correspondência, 1934. Lata 44.

d.6.3] O Legado católico como o *locus* de unidade da Nação. Os poderes da República: Legislativo, Executivo e Judiciário se irmanaram em torno do Secretário de Estado da Santa Sé.

Acima afirmamos que já em dezembro de 1930 D. Leme se posicionava claramente à favor de uma Concordata. Neste sentido, adianto-me neste particular do *fait accompli* do Cardeal Leme no concernente às relações Igreja-Estado, do "engastar" às demandas da Igreja na Constituição da República, para apontar que em outubro de 1934, após representar Pio XI como Legado papal no *XXXII Congresso Eucarístico Internacional* em Buenos Aires, Argentina, o secretário de Estado da Santa Sé, o cardeal Eugênio Pacelli, permaneceu no Rio de Janeiro nos dias "20 e 21".[417]

Ele tomou parte numa série de cerimônias religiosas e eventos políticos patrocinados pelo Cardeal Leme. Pacelli discursou no alto do Corcovado aos pés da Estátua do Redentor. Depois de evocar o local onde ele se encontrava, no cimo daquela "Montanha" onde se achava solidamente assentada – como resultado da fé e da ação concreta dos devotos católicos –, a Efigie gigantesca do Redentor, esta era a tradução palpável do que era bom para o "Brasil, e [...] a sua Capital".

O discurso do secretário de Estado do Vaticano se expressava em veio claramente messiânico quando abençoava, em forma de ubiqüidade, como se ele fosse a própria divindade – o Redentor, "os montes e os vales, os rios e os campos", ungindo "[...] todos, governantes e governados, grandes e pequenos, pobres e ricos, [...] os doentes e os que sofrem, os velhos e os moços [...]" etc., que segundo ele era tão necessário "nesta época tão cheia de provação e de incertezas".

A palavra de ordem de Pacelli apontava uma só solução: ""*Christus regnat. Christus imperat". – Christus Brasiliam suam ad omni malo defendat* [Cristo vence, Cristo reina, Cristo impera, Cristo defenderá de todo o mal o seu Brasil]".[418] E o mal absoluto para hierarquia católica no século XX e principalmente nos anos 1930 era o comunismo, e que tinha na figura do Secretário de Estado Santa Sé um dos seus maiores inimigos. Outra cerimônia religiosa pública protagonizada por Pacelli na sua estadia na capital da República foi Missa Solene celebrada no Campo de Santana.

Ele foi recepcionado no Legislativo Federal, quando a Câmara dos Deputados era presidida pelo deputado Antonio Carlos Ribeiro de Andrade. Quem o saudou em discurso longo foi o líder da maioria o deputado Raul Fernandes. Na sua fala Fernandes listou uma série de serviços que Pacelli havia realizado em termos das relações Igreja-Estado na condição de "jurista consumado que preparou e redigiu os acordos de São João Latrão [...]", a Concordata com o Estado Fascista de

---

[417] *ANSAp*. Aparecida, 1935, p. 195. O articulista enfatiza sobre a receptividade dada a Pacelli pelo povo e especialmente pelo governo na pessoa de Vargas e do "Corpo Diplomático". No texto que acompanha uma grande fotografia do Secretário de Estado da Santa Sé, vestido opulentamente, informa-se que a sua vinda à AL como "Legado Pontificio ao estrangeiro" para participar do CEI em Buenos Aires fora uma exceção em dois mil anos de história da Igreja. **Tal excepcionalidade dizia respeito à política curial em curso voltada às Concordatas**. E também a astúcia política de Pio XI para fazer do secretário de Estado o seu sucessor.

[418] PACELLI, E. "Discurso do Corcovado" em outubro de 1934 no Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, X. de. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 256p, cit. pp. 45-46.

Mussolini, e também "Núncio na Baviera e, depois, no Reich alemão [...]",[419] no ano anterior, 1933, havia assinado a Concordata o Chanceler D. Hitler, depois de muitas tentativas, e que só foi possível pactual o Tratado com a Alemão graças aos esforços quase inesgotáveis de Pacelli. Fernandes lembrava que o país acabava de sair de "uma revolução política" e que as suas lideranças "não quiseram fechar" as vistas à "[...] verdade primária que a atividade humana deve aprofundar suas raízes em fontes morais e espirituais de inspiração religiosa". Ato contínuo, o político brasileiro condenava a "Constituição de 1891" pelo "indiferentismo religioso", de modo que a nova Carta Magna da Nação havia reconhecido "a preponderância do fator espiritual na vida coletiva, consagrando-a no texto que admite a colaboração do Estado com as confissões".

O político brasileiro não teve meias palavras em relação às "confissões" religiosas ao afirmar claramente que "*no Brasil, compactamente católico romano, significa a colaboração principal com a Igreja* [...]". O político brasileiro informava sobre a astuta fórmula liberal brasileira: "o regime da separação subsiste com a liberdade de cultos, os quais não podem ser estabelecidos, subvencionado ou embaçados pelo Estado".[420]

O deputado Raul Fernandes tocou no núcleo da liberdade liberal, cuja capilaridade e plasticidade apontavam a respeito da sua capacidade de envolver práticas sociais que não lhe fizesse óbice, e com as quais compartilhasse valores.

Tanto a Igreja católica quanto a doutrina liberal – ambas se apresentavam como portadoras de valores universais – eram e/ou são resolutamente a favor da propriedade privada, compartilhavam idêntica determinação em relação à estrutura familiar etc.

Ora, se instituição romana exige a liberdade absoluta de culto, quando afirma, por exemplo, que uma gente estatal não poderia jamais censurar uma linha se quer de uma homilia numa Missa, igual critério reivindica o proprietário liberal quando se insurge sobre a fiscalização estatal a um estabelecimento seu.

Nesta ordem de coisas, a liberdade liberal, em todos os planos, inclusive no de opinião, é garantida apenas aos que compartilhas valores idênticos.

---

[419] FERNANDES, Raul. "Discurso de recepção ao cardeal E. Pacelli na Câmara Federal em outubro de 1934". In: In: OLIVEIRA, X. de. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 256p, cit. pp. 62-66; cit. p. 62. O político brasileiro se refere ao contexto da I Guerra mundial e ao papel que Pacelli havia desempenhado. O que o credenciava ao cargo que ocupava naquele momento.

[420] FERNANDES, Raul. "Discurso de recepção ao cardeal E. Pacelli na Câmara Federal em outubro de 1934". In: OLIVEIRA, X. de. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 256p, cit. pp. 62-66; cit. p. 63, itálico meu.

O desdobramento da solução encontrada e presente na Carta de 1934, segundo Raul Fernandes,[421] era que "[...] o mútuo auxílio pela Constituição abre um campo ilimitado à influência religiosa na formação moral das gerações".

Ora, esse desfecho seria muito mais eficaz que uma Concordata formal, a partir da ajuda mútua dos campos secular e religioso, e ambos teriam maior capacidade de manobra e influência. O político frisava a "formação moral das gerações", logo indicava em relação à atuação sobre os membros da Nação desde a mais tenra idade, na constituição do *mores*: *ethos* compartilhado entre valores católicos e norma liberal positiva.

Raul Fernandes, na condição de membro do Legislativo Federal, quando faz esse conjunto de afirmações ao represente do Vaticano evocava "a questão social" que para ele era "uma questão cristã", centralmente se referia Raul Fernandes no "concernente ao trabalho" cuja "base não somente da economia, mas de toda a vida social" e constatava sobre os "próprios fundamentos espirituais da sociedade", desde modo "a questão do trabalho" ao contrário do afirmado pelo "marxista", "da sua inelutabilidade" era "uma questão espiritual e religiosa", assim a questão social só teria solução dentro "da doutrina cristã".[422]

Na série de cerimônias que as autoridades brasileiras recepcionaram o Secretário de Estado da Santa Sé, Pacelli também foi recebido na Corte máxima do país, o Supremo Tribunal Federal de Justiça. O ministro Edmundo Lins, o seu presidente, fora aluno do Caraça. No seu discurso Lins inventariou, com base em historiadores com Robert Southey e João Ribeiro, uma série de Ordens religiosas católicas que haviam atuado no país: os Inacianos, os Beneditinos, os Carmelitas, os

[421] Raul Fernandes era fluminense de Valença. Nasceu em 1877, faleceu no Rio de Janeiro em 1968. Neto e filho da oligarquia fluminense, o seu avô materno foi o visconde de Ipiabas. Ele era filho de Isabel Peregrino Fernandes, membro da tradicional família Werneck. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas na Faculdade de Direto de São Paulo em 1898. Ingressou na vida política na vereança no Município de Vassouras em 1901. Tomou parte ativa na campanha da Aliança Liberal. Com a tomada do poder por Getúlio os Tenentes em outubro de 1930, ele foi nomeado para o cargo de consultor-geral da República até 1932. A partir da convocação da Constituinte, fundou, juntamente com outros membros da oligarquia tradicional, o Partido Popular Radical – PPR –, tendo sido eleito deputado constituinte em maio de 1933 pelo Rio de Janeiro. Foi um dos 26 membros da Comissão Constitucional composta por políticos e grupos profissionais, a partir de 15 de janeiro de 1933. Nas marchas e contra-marchas do processo constituinte, ele, juntamente com Homero Pires e Godofredo Viana, foi um dos redatores da Constituição de 1934, promulgada em 16 de julho. Fernandes foi um dos arquitetos, a partir de março de 1935, da aprovação da Lei de Segurança Nacional que dava "ao governo federal poderes especiais para reprimir atividades políticas consideradas subversivas", leia-se: a política anticomunista de Vargas. Cf. PECHMAN, Robert. "FERNADES, Raul". In: ABREU, Alzira A. *et alii*. [Orgs]. *DHBB. Pós-1930*. Rio de Janeiro, 2ª ed., vol. II, 2001, 2474p; pp. 2143-2146; cit. p. 2144.

[422] FERNANDES, Raul. "Discurso de recepção ao cardeal E. Pacelli na Câmara Federal em outubro de 1934". In: OLIVEIRA, Xavier de. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 256p, cit. pp. 65-66. Todos os fragmentos entre aspas nos parágrafos foram retirados desse discurso de Raul Fernandes.

Capuchinhos, os do São Sulpício, os Salesianos, os Maristas, os do Verbo Divino; os Lazaristas; os de São Vicente de Paulo etc.

Para o presidente da Suprema Corte do país, foi mediante a ação dos homens dessas ordens religiosas que foi possível reverter a situação dos "[...] nossos aborigines [que] viviam em estado selvagem, sem a observância de lei alguma – moral, civil e religiosa. Adotavam a comunhão comum de bens e de mulheres e davam-se à antropofagia". Para Lins essa condição os colocava em estado de natura, pois "tinham todos os defeitos do homem e todas as qualidades das feras".

Lins num extenso discurso empolado e formal, todo ele pontuado de citações em latim, desde o "Grande Mantuano", Virgilio; São Paulo "aos Corintios" etc., o presidente da Corte máxima de Justiça avaliava que deveria ser creditado ao legado católico à colonização do país, pois havia lhe dava unidade e identidade.

Aqui faço uma observação sobre o *formalismo*. Ele será um dos traços marcantes do período, principalmente quando protagonizado por membros das elites dirigentes leiga ou religiosa.

Houve um cuidado quase obsessivo da parte de D. Leme com a imagem externa dos participantes da Procissão Triunfal de Aparecida em Maio de 1931 no Rio.

Nesta ordem de coisas, formalismo, gravidade cerimonial e ritualística eram elementos constitutivos dos mecanismos de dominação social: cujos papéis eram desempenhados e tinham por protagonistas presidentes de Supremas cortes, religiosos, homens do Estado etc.

Assim, infere-se que tais cerimônias e rituais constituíam-se num conjunto de gestos que estabeleciam uma espécie de anteparo para tornar infesos os membros da hierarquia secular ou religiosa.

O Cardeal e Secretário de Estado da Santa Sé Eugênio Pacelli foi recepcionado pelo governo brasileiro com um banquete no Palácio da Itamarati no dia 20 de outubro.

No seu discurso,[423] o Presidente Getúlio Vargas o saúdo com palavras efusivas; fez referência às demandas católicas contempladas na Carta promulgada em 16 de julho e afirmava sobre "as relações da mais perfeita cordialidade" entre o Estado brasileiro e o Vaticano de modo que "[...] a aprovação da recente Assembléia Constituinte, que votou, no art. 17, "a colaboração reciproca em prol do interesse coletivo" de todas as forças espirituais e materiais da nacionalidade" e concluía

[423] VARGAS, Getúlio. "O Brasil e a Santa Sé". Saudação ao cardeal Pacelli, hoje papa Pio XII, a 20 de outubro 1934. In: GUASTINI, Raul [Org]. *Ideário Político de Getúlio Vargas*. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1943, pp. 47-48. Em outro discurso de Vargas "O Brasil e a Cruz", este de saudação ao episcopado brasileiro, no Itamarati, a 18 de julho de 1939 por ocasião da reunião do Concílio Plenário brasileiro, o ditador reafirma pontos presentes na fala de 1934. Num regime de exceção e sob uma ditadura feroz, o episcopado catolico deste país curvava-se e colocava-se ao serviço do poder discricionário de Vargas e seu asseclas. _____. "O Brasil e a Cruz". In: GUASTINI, Raul [Org]. *Ideário Político de Getúlio Vargas*. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1943, pp 117-119.

que como a Nação tinha uma "[...] *formação cristã* das consciências, é sobre a conservação e defesa dos mais altos valores espirituais de um povo que repousam *as garantias de uma povo que repousam as garantias mais seguras da sua estrutura social* e as esperanças mais fundadas da *grandeza, estabilidade* e desenvolvimento *das suas instituições*".[424]

Vargas voltaria a frisar sobre o legado cristão da nossa formação em oposição, principalmente, ao comunismo.

Em outros discursos do periodo Vargas iria frisar e repetir sobre a formação cristã do povo brasileiro, o que significava segurança às estruturas sociais e funcionava com caução às instabilidades politicas e sociais, o que garantia a estabilidade da sociedade.

No discurso "Contra o extremismo de Esquerda" de 1 de janeiro de 1936, afirmava Vargas que por ter base o "conceito materialista da vida, **o comunismo constitui-se o inimigo mais perigoso da civilização cristã**", que "[...] o comunismo está condenado a manter-se em atitude de permanente violência, [...], [o comunismo era] subversivo e demolidor".[425]

O comunista era forjado na "dissimulação, na mentira, a felonia", ou seja, na traição, falsidade, perfídia etc., pois estas eram "as suas armas, [...] à audácia e ao cinismo se de proclamarem nacionalistas e de receberem o dinheiro da traição para entregar à Pátria ao domínio estrangeiro". Vargas foi taxativo quando afirmava que os comunistas são essencialmente "[...] conspiradores, partidários da violência" e forjavam "[...] os acontecimentos pelos golpes de força e pela técnica da rebelião". Para o Ditador-Presidente "[...] os nossos comunistas imitam os apóstolos do bolchevismo russo, evitando, porém, relembrar como conseguiram sovietizar a Rússia". Ora, segundo Vargas, os comunistas "[...] se dizem protetores do proletariado, e suprimem a sua liberdade, instituindo o trabalho escravo; prometem a terra, e despojam os camponeses das suas lavouras, forçando-os a trabalhar por conta do Estado, sob o jugo de uma ditadura feroz, reduzidos a ainda maior miséria".[426]

Com esse conjunto de argumentos pânicos de Vargas fazia coro aos da Igreja católica.

Ele exemplificava com os acontecimentos de Natal e Recife, e a "rebelião de 27 de Novembro [de 1935], nesta Capital" que foram "episódios de baixa rapina e negro vandalismo" feitos pelos

---

[424] VARGAS, G. "O Brasil e a Santa Sé". Saudação ao cardeal Pacelli, hoje papa Pio XII, a 20 de outubro 1934. In: GUASTINI, Raul [Org]. *Ideário Politico de Getúlio Vargas*. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1943, pp. 47-48; cit. p. 48.

[425] VARGAS, G."Contra o extremismo de Esquerda" em 1 de janeiro de 1936. In: GUASTINI, Raul [Org]. *Ideário Politico de Getúlio Vargas*. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1943, pp. 59-64; cit. p. 59.

[426] VARGAS, G."Contra o extremismo de Esquerda" em 1 de janeiro de 1936. In: GUASTINI, Raul [Org]. *Ideário Politico de Getúlio Vargas*. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1943, pp. 59-64; todos os trechos entre aspas p. 60.

que rezavam o "credo russo". Para Vargas a Nação brasileira cultuava a "disciplina e [...] [a] obediências", principalmente o "trabalhador".[427]

Ora, "o nosso operário nada teria a lucrar com o regime soviético", afirmava o Ditador-Presidente. Ele lembrava a série de benefícios que tinham sido "conquistas obtidas como concessão espontânea dos poderes instituídos", no Brasil o trabalhador já havia tido acesso à "direitos e os benefícios assegurados aos nossos trabalhadores desde 1930, como [...] *a organização sindical, a lei de 8 horas, a regularização do trabalho das mulheres e das crianças*, a *lei chamada de 2/3* obrigando o aproveitamento doe dois terços de nacionais em todos os estabelecimentos do comércio e da indústria, a *aplicação da lei de férias*, a *representação de classe* e, finalmente, *a instituição de* grande número *institutos de previdência social*, garantidores da subsistência na velhice ou na invalidez, *amparando o futuro das famílias* [...]".

A par desse conjunto de *conquistas concedidas* pelo poder instituído ao operariado brasileiro, que era a tradução, em termos políticos, da tutela daquele em relação a esse, Vargas se impõe à tarefa e em "exercício do direito de defesa da sociedade, em face da atividade criminosa e organicamente anti-social dos seus inimigos declarados [os comunistas] e reconhecidos. Impõe-se, ainda mais, pelo dever, que o Estado tem, de salvaguardar a nacionalidade atacada e ameaçada pela decomposição bolchevista".

E concluía: "comunismo, encarado como força desintegradora e agente provocador de sérias perturbações, constitui, no Brasil, pela sua profunda e extensa infiltração, já comprovada, mas desconhecida ainda do público, perigo muito maior do que se possa supor".[428]

Avalio que esse discurso de Vargas condensou o seu pensamento naquela quadra histórica a partir dos acontecimentos que constituíram o evento da Intentona de 1935, e apontava um roteiro para a solução de cunho fascista em novembro de 1937: o discurso de janeiro de 1936 foi um dos anúncios do Estado-Novo.

Continuemos com as cerimônias de Outubro de 1934. O discurso de Pacelli em agradecimento ao chefe do governo brasileiro, sintetizava suas falas tanto no Legislativo Federal[429] quanto no Supremo Tribunal Federal de Justiça,[430] e também deixava ver algo do elemento humano do

---

[427] VARGAS, G."Contra o extremismo de Esquerda" em 1 de janeiro de 1936. In: GUASTINI, Raul [Org]. *Ideário Político de Getúlio Vargas*. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1943, pp. 59-64; cit. p. 61.

[428] VARGAS, G."Contra o extremismo de Esquerda" em 1 de janeiro de 1936. In: GUASTINI, Raul [Org]. *Ideário Político de Getúlio Vargas*. São Paulo, Rev. dos Tribunais, 1943, pp. 59-64; para todos os trechos entre aspas, p. 61.

[429] PACELLI, E. "Discurso na Câmara Federal" em resposta à fala do deputado Raul Fernandes". In: OLIVEIRA, X. de. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 256p, pp. 69-74.

[430] PACELLI, E. "Discurso na Corte Suprema do Brasil". In: OLIVEIRA, X. de. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 256p, pp. 87-89.

Secretário de Estado da Santa Sé, quando ele fez referências ao impacto quando da sua chegou à Guanabara ao descortinar os

> "[...] *magníficos panoramas que ininterruptamente se desenrolavam a meus olhos eu me aproximando desta imensa e bela metrópole*, a estátua do Cristo Redentor se foi pouco a pouco *levantando no cenário maravilho que a mão divina poderia ter desenhado e a minha alma foi mergulhada numa espécie de êxtase encantado*".[431]

A estonteante beleza natural do Rio de Janeiro que inebriou um homem comedido e pouco dado a arroubos elogiosos – Pacelli construiu ao longo da sua vida uma imagem de ascetismo e austeridade de si mesmo cujo desfecho foi o *Pastor Angelicus*[432] –, como que em efusão indicava ser o cenário natural magnífico para adornar a Efígie do Cristo. A "Imagem do Redentor, erigida sobre o granito da montanha", que simultaneamente era "majestosa" e terna, conseguiria "atrair e abraçar todos os filhos deste povo"[433] brasileiro.

Elogiava Vargas e os "dignos colaboradores do Governo" como homens de "sabedoria". Constatava que no "Brasil" as relações da "Igreja e da Pátria" contribuíam para que o país ocupasse um lugar de destaque no conjunto das "nações da América Latina".

---

[431] PACELLI, E. "Discurso de Saudação do Legado papal ao Chefe do Governo do Brasil". In: OLIVEIRA, X. de. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 256p; pp. 53-54, cit. p. 53.

[432] *Pastor Angelicus* é um documentário realizado no verão de 1942 com uma hora de duração. Ele registra o cotidiano do 262° sucessor de Pedro, pois conforme havia sido profetizado pelo místico e monge irlandês Malaquias, o papa de n° 262 passaria a história "como o Pastor dos Anjos". Conforme o sumário de uma de historiador que assistiu ao filme, nele registram-se seqüências de imagens dos "jardins, *loggias* e salões de mármores da Cidade do Vaticano, na suntuosidade da Basílica de São Paulo. Contra os coros sucessivos, tudo é tranqüilo, cardeais e monsenhores, em vestimentas magníficas, curvam-se diante do sumo pontífice. Numa seqüência, [...] [Pacelli] desliza por um bosque de oliveiras antigas, uma imaculada aparição branca, sozinho, lendo um documento; sem levantar os olhos, entra numa limusine, que tem um trono no lugar do banco traseiro, enquanto o motorista se ajoelha e faz o sinal da cruz. [...] [Pacelli] cumprimenta a família real da Itália, o rei e princesas prestando obediência ao superior de todos os reis deste mundo. [...] [Numa cerimônia de 1ª comunhão de meninas todas em vestes brancas, Pacelli veste] sotaina branca, no meio dos vestidos brancos da comunhão, [...]: o pontífice é a fonte da pureza. Ele estende os braços [...], abençoa a multidão que o contempla em adoração. Em plena madrugada, a luz de sua sala está acesa, o papa vigilante empenhado em cada momento em servir a toda a humanidade, enquanto o mundo dorme". De modo que passava a "impressão de desprendimento e intemporalidade dentro de um paraíso terreno, apartado do fluxo da vida": Pacelli encenava na sua performance fílmica os elementos da divindade. Ele procurava transmitir uma imagem de "carisma extraordinário", procurava emanar da sua pessoa "uma *fragrância* difusa" que contaminava o ambiente com "um cheiro fresco, de limpeza. [...] uma espécie de aroma delicioso de orvalho do amanhecer". No resumo que estamos seguindo registra-se sobre a "[...] **persistência das poses diante das câmaras**" feitas por Pacelli. Era "fundamental da espiritualidade cotidiana pessoal de Pacelli [...] a sua devoção à **Virgem Maria**", e "[...] em particular ao culto de N. S. de Fátima", ele exortava "[...] os fiéis rezarem para Maria, a fim de evitar o conflito mundial, a disseminação do comunismo e, [...], a destruição do mundo num holocausto de punição divina". Cf. CORNWELL, J. *O papa de Hitler. [...]*. Rio de Janeiro, Imago, 2ª ed., 2000, 472p; cit. pp. 305-306, respectivamente, negritos e itálicos meus.

[433] PACELLI, E. "Discurso de Saudação do Legado papal ao Chefe do Governo do Brasil". In: OLIVEIRA, X. de. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 256p; pp. 53-54, cit. p. 53.

Assim como fez nos pronunciamentos no Legislativo Federal e no Supremo Tribunal Federal de Justiça citou nominalmente "o Eminentíssimo Cardeal Leme",[434] o que era, de certa modo, o reconhecimento pelos esforços do religioso brasileiro para "engatar"[435] Igreja-Estado.

Nos discursos dos representates dos três poderes da República frisam-se a questão da escala e volume do território brasileiro, aspecto que foi igualmente ressaltado nas falas de Pacelli quando ele lembrou "a imensa extensão do seu território e a riqueza do seu solo".[436] Mas, para administrar essa massa de recursos naturais e pastorear os seus habitantes, conforme se infere do discurso de Raul Fernandes e da fala de Pacelli, a lei positiva do país, principalmente em relação à "questão social é uma questão cristã" e "a questão do trabalho" ambas eram "uma questão espiritual e religiosa", vaticinava que ela só seria "resolvida" com a adoção "da doutrina cristã". Pacelli responde apontando os documentos pontifices que versavam sobre a questão social, pois dos mesmos emanavam "a concórdia social [...]: a justiça social", presentes nas Encíclicas *Rerum Novarum*[437] e *Quadragesimo Anno* de Leão XII e Pio XI, respectivamente. E enfatizava a "eficácia da religião e da Igreja no domínio da prosperidade civil [...]", e se mostrava feliz com os

> "representantes do povo brasileiro que, norteando-se pelos ideais espirituais e religiosos da imensa maioria da Nação ao redigir a nova Constituição, lhe puseram – sublime intróito – a invocação do nome de Deus, [...] desta forma ao povo brasileiro bem fundadas esperanças de que as leis fundamentais do país vêm cada vez mais adequadamente se amoldando à legítimas aspirações do Católico Brasil".[438]

Ora, se a democracia representativa ocidental e o regime liberal republicano são o sistema da maioria, a fala de Pacelli é clara: que se cumprisse tal princípio, como já havia reivindicado o Cardeal Leme desde 1916.

---

[434] PACELLI, E. "Discurso de Saudação do Legado papal ao Chefe do Governo do Brasil". In: OLIVEIRA, X. de. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 256p; pp. 53-54, cit. p. 54.

[435] LEME, Sebastião [Cardeal]. "Alocução de Sua Eminência". In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 143-145. À p. 145 D. Leme afirma sobre "os homens que *engastaram* na bandeira da República", o "Cruzeiro do Sul", que "é símbolo do Cristianismo que fez e civilizou o Brasil", cit. p. 145. itálicos meus.

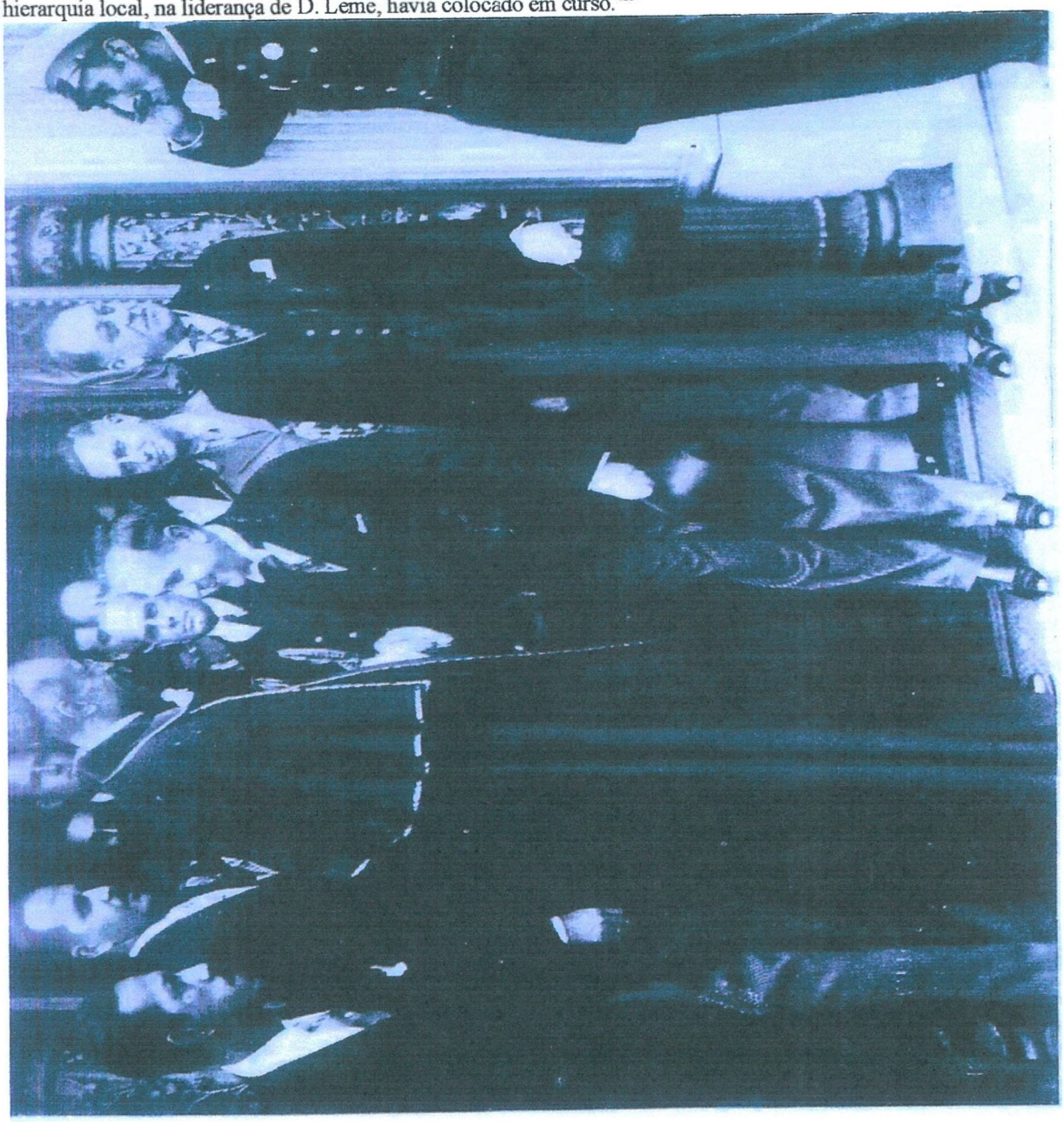
[436] PACELLI, E. "Discurso de Saudação do Legado papal ao Chefe do Governo do Brasil". In: OLIVEIRA, X. de. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 256p; pp. 53-54, cit. p. 54.

[437] Os analistas são unânimes em aportar a *Rerum Novarum* como o documento que inaugurou as preocupações da Igreja católica com a questão social, principalmente a situação dos assalariados. Aqui faço uma observação sobre o artífice da Encíclica, que segundo um historiador de Cambridge, **o papa Leão XIII [1878-1903] por longos vinte e cinco [25] anos jamais dirigiu à "palavra" ao seu cocheiro para dar-lhe um bom dia**. Cf. DUFFY, E. *Santos e Pecadores*. São Paulo, Cosac e Naify, 1998, 326p; especialmente pp. 235-244, cit. p. 244. **Pode o trabalhador confiar em tais abordagens sobre a condição operária?**

[438] PACELLI, E. "Discurso na Câmara Federal em resposta à fala do deputado Raul Fernandes". In: OLIVEIRA, Xavier de. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 256p, pp. 69-74; cit. p. 73.

d.6.4] *Os Representantes dos poderes religioso e secular sorriem.*

Imagem de Pacelli rindo, o que não era usual. Ele e Vargas se cumprimentam apertando as mãos em outubro de 1934. Na sua passagem pela América Latina, quando da sua estadia na Capital da República, o Secretário de Estado da Santa Sé, é o homem que porta capa. Ele consolidava e legitimava uma série de ações que a hierarquia local, na liderança de D. Leme, havia colocado em curso.[439]



Os representates dos poderes hierocrático e secular – o secretário de Estado da Santa Sé e o presidente da República – *riem*.

[439] In: OLIVEIRA, Xavier de. *Pio XII no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950, 256p,

d.6.5] O Cardeal Eugênio Pacelli ri: um lapso do intelecto e a elaboração sígnica. Da construção da figura *sacra* de Pacelli a *gravidade ritualística* do papa Pio XII como *divinizada* e *pastor angelical*. O cardeal Pacelli, cujos registros imagéticos o plasmam, quase sempre em *gravidade ritualística*, numa ardilosa elaboração sígnica da sua pessoa cuja ambição é a construção da sua figura como *angelical*, *divinizada* ou *sacra*, aqui, [por um lapso?], capto-o num ato do intelecto, [440] uma das faculdades humanas que não pressupõem emoção – [ela, a *emoção*, é um dos núcleos das elaborações teológicas atinentes ao sagrado]: o riso.

O próprio Pacelli escreveu sobre o significado do signo ou símbolo sagrado: "[...] Pio XII falará", afirma o semiotista italiano Humberto Eco, "do Sagrado Coração de Jesus como 'símbolo natural' do amor divino. [...] Pio XII sabia que a sede dos afetos não é o coração, mas também sabia que a intertextualidade fala ainda do 'coração despedaço' e de "amor, amor, amor que faz chorar o meu coração'. O que conta, no uso do simbólico do Sagrado Coração, não é a debilidade das analogias que reenviam da expressão ao conteúdo, mas justamente o caráter vago do conteúdo. Certamente que o conteúdo do /Sagrado Coração/ não é uma série de proposições teológicas sobre o amor divino, mas uma série muito incontrolável de associações mentais e afetivas que cada crente [quanto mais ignorante de teologia] poderá projetar *no* símbolo cardíaco". Eco conclui que "[...] o símbolo é uma maneira de *disciplinar* estas associações, e as pulsões que as movem [...]". [441]

Toda uma engenharia imagética foi empregada para se produzir um Pacelli como *Pastor Angélico* foi articulado anteriormente à sua ascensão à condição papal.

Ascetismo, brancura, pureza, vigilância e *intemporalidade* [essa é qualidade centralmente atribuída à divindade] são predicados presentes numa fotografia[442] do Secretário de Estado em 1934.

Na referida fotografia, além de veicular as qualidades acima apontadas, capta-se, no semblante do Secretário de Estado, uma questão importantíssima a um homem de Estado – o meio-

---

[440] BERGSON, H. *O Riso*. Lisboa, Guimarães, 1993, 142p; p. 19 ss. S. FREUD abordou o riso em "El Chiste y su relación com lo inconciente", texto de 1905. _____. Op. cit. In: _____. *Obras Completas*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, Vol. 8, 2001, pp. 1-223. Para a questão da relação riso-sagrado, penso que o ensaio de Henri Bérgson seja o mais operatório à compreensão do problema aqui tratado.

[441] ECO, HUMBERTO. "Símbolo". In: ROMANO, R. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nac.-C. da Moeda, 1994, 277p; pp. 138-176; cit. p. 159, sublinhado meu.

[442] *Guia Oficial del Congreso Eucaristico Internacional. 10-14-Octubre-1934. Buenos Aires*. Buenos Aires, Publicidad Eureka, 1934, 255p. A foto se encontra entre às pp. 32-34. A tiragem do Guia foi de "300.000 ejemplares"! Há depositado, em péssimas condições, no *Arquivo do Museu de Aparecida*, na Torre ao lado Basílica, material fotográfico – em Álbuns –, do cardeal Mota com o papa Pio XII. Em uma das fotografias, provavelmente datada de fins da década 1950, quando a saúde de Pacelli era precária, uma foto registra a sua face com uma esqualidez assustadora, em contraste com a do cardeal Mota e outros religiosas presentes na cena. A sensação que passa – Pacelli mira, gravemente, nalgum ponto do cosmo, como que procurando alívio para uma dor abissal, que purgaria pela humanidade – é que ele, efetivamente, se achava superior aos demais.

termo: a oscilação entre o *vigor* energético que um estadista deveria ter na aplicação das ações e a *prudência* do cálculo político.

Penso que Pacelli tinha absoluta clareza sobre a intertextualidade operada pelos liames mentais entre a sua imagem pessoal – "uma figura de asceta moderno", conforme avaliou Getúlio Vargas em 1934 – com o sedimentado no imaginário religioso católico em relação ao sagrado – simultaneamente: apolíneo e austero, afetivo e diáfano – de modo a obter para a sua imagem "[...] um sentido *moral* ou psíquico, e um sentido *místico* ou pneumático".[443]

Getúlio Vargas se encontrou com Pacelli em seis ocasiões diferentes num curto espaço de tempo, em dois dias, durante a sua passagem pela capital da República: Vargas o recepcionou "no cais Mauá" quando da chegada do Secretário da Sé ao Rio vindo de Buenos Aires, sendo que ele foi conduzido por Getúlio "até o Catete"; no segundo contato Pacelli visitou o presidente no Palácio "Guanabara". Foi no banquete noturno que governo brasileiro ofereceu a Pacelli, no Palácio do Itamarati, que se deu o terceiro encontro.[444]

Em 21 de Outubro de 1934, segundo dia da estadia de Pacelli no Rio, o quarto contato ocorreu durante um almoço na "Nunciatura". Pacelli fez uma "visita de despedida no Guanabara" a Vargas, no quinto encontro entre ambos. O presidente da República e o Secretário de Estado da Santa Sé se encontraram pela sexta vez quando Vargas compareceu "ao embarque no seu regresso"[445] rumo ao velho Continente.

Políticos brasileiros tinham interesse na série de encontros travados entre Pacelli e os homens do Estado brasileiro. O paraibano José Américo telegrafou a Vargas em 19 de Outubro. Ele informava ao Presidente que "poderemos motivos particulares impediram-me comparecer, como me

---

[443] ECO, HUMBERTO. "Símbolo". In: ROMANO, R. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nac.-C. da Moeda, 1994, 277p; pp. 138-176; cit. p. 164. **Pneuma é o sopro, o espírito aéreo. Logo, pneumalogia é o tratado dos espíritos, dos seres intermediários que formam a mediação entre os planos transcendentes e imanentes e ligam os homens a Deus.**

[444] Pesquisei no *Arquivo Histórico do Itamarati* [*AHI*] no Rio de Janeiro, no 2° semestre de 2004. Consultei uma série de pastas à procura de documentos que registrassem o jantar-banquete oferecido a Pacelli. Compulsei as seguintes séries disponíveis:
"103.41.305: Ofícios de Roma". "Ofícios 41/3/5 – jan. 1931, jul. 1932"; "Ofícios 41/3/8 – out. 1933 a mar. 1934"; "Ofícios 41/3/9 – abr.-agosto 1934"; "Ofícios 41/3/10 – set.-1934 a fev.-1935. "42/3/8: Despachos Roma – anos 1931-1935". E: "42/4/10 – Telegramas: 1931-1935". Não encontrei nas fontes disponibilizadas nenhum registro da recepção do Governo brasileiro ao Secretário de Estado da Santa Sé em 1934.
No *Arquivo Nacional* [*AN*] perscrutei a documentação disponível nas entradas "17.9 – Relações Exteriores – Latas: 44, 45, 118, 119, 120, 200-201, 275 e 341. Também a entrada: "11.1 – Corresp. Gabinete Presidente da República – Lata 170" [aqui encontrei algum material sobre a recepção a Pacelli]; entrada "11.3 – Geral – Latas: 10, 11, 12, 13, 89, 90, 172, 173, 319, 320, 509"; entrada 11.5 – Família – Lata 91"; entrada "13 – DIP – Lata 510". Aqui foram compulsados aproximadamente 5 mil documentos.
No *Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro* [ACMRJ] não há material *disponível* sobre o evento de 1934.

[445] VARGAS, Getúlio. *Diário*. [1930-1936]. São Paulo, Siciliano; Rio de Janeiro, Ed. FGV, [vol. I], 1995, 575p; para todos os fragmentos entre aspas, p. 334.

cumpria, recepção Cardeal Pacelli". Registrava na mesma correspondência a respeito de uma possível indicação do seu nome para a "Embaixada", do Brasil, "junto a Santa Sé".[446]

Vargas respondeu em seguida ao político paraibano em 22 de Outubro. O Presidente lamentava a ausência de José Américo na recepção ao Secretário de Estado da Santa Sé, pois a sua presença poderia significar um possível aproveitamento dele no Vaticano.[447]

Após a sua chegada à Europa, o "cardinale Pacelli", em 5 de novembro de 1934 telegrafou a Vargas agradecendo ao Presidente a recepção que o governo brasileiro lhe ofereceu durante a sua passagem pelo Rio por ocasião do seu "ritorno del Congresso Eucharistico"[448] na Nação vizinha.

A visita do religioso e a calorosa recepção dos poderes constituídos, em especial o chefe do governo brasileiro, gerou uma relação positiva entre ambos. Inclusive, o Cardeal Eugênio Pacelli foi um dos agraciados com a *Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul* em 1934.[449]

Há uma série de telegramas do religioso a Vargas. Há um telegrama de Pacelli a Vargas datado de 16-02-1939, portanto, anos depois de sua visita ao Brasil, no qual o Secretário de Estado da Sé agradece ao Presidente, e então ditador, pelas manifestações relativas às "esequie Santo Padre",[450] de Pio XI.

Outro telegrama de Pacelli a Vergas, datado do mesmo dia, no qual ele agradece ao Brasil, em especial ao gesto distintivo do Presidente, pelo luto que Vargas mandou o Brasil vestir luto pela morte de Pio XI. Getúlio se disse impressionado com a figura do cardeal Eugênio Pacelli em 1934.

Ao presidente, ele lhe pareceu ser uma figura "infatigável", cujos atributos eram os de uma pessoa "alta, esguio, ágil, inteligente, culto e discreto, tem uma figura de asceta moderno, muito diferente do tipo de bonacheirão e bem nutrido da maioria dos seus colegas". Vargas lembrava que

---

[446] Telegrama, com data de 19-10-1934, enviado de João Pessoa, capital da Paraíba, por José Américo a Getúlio Vargas. In: Arquivo Nacional. Ministério das Relações Exteriores. Entrada: 17.9 - Correspondência. Lata 44.

[447] Telegrama, datado de 22-10-1934, enviado do Rio para Paraíba, em João Pessoa, remetido por Vargas a Pedro Américo. Quem assinou a correspondência foi Raphael Corrêa de Oliveira. In: Arquivo Nacional. Ministério das Relações Exteriores. Entrada: 17.9 - Correspondência. Lata 44.

[448] Telegrama do Cardeal Pacelli a Vargas. Depositado no *AN*. "Entrada: 11.1 – Lata 170 – ano 1934". Na Lata 11 há outro telegrama datado de 21-10-34 de Pacelli a Vargas no qual o religioso agradecia ao presidente a acolhida.

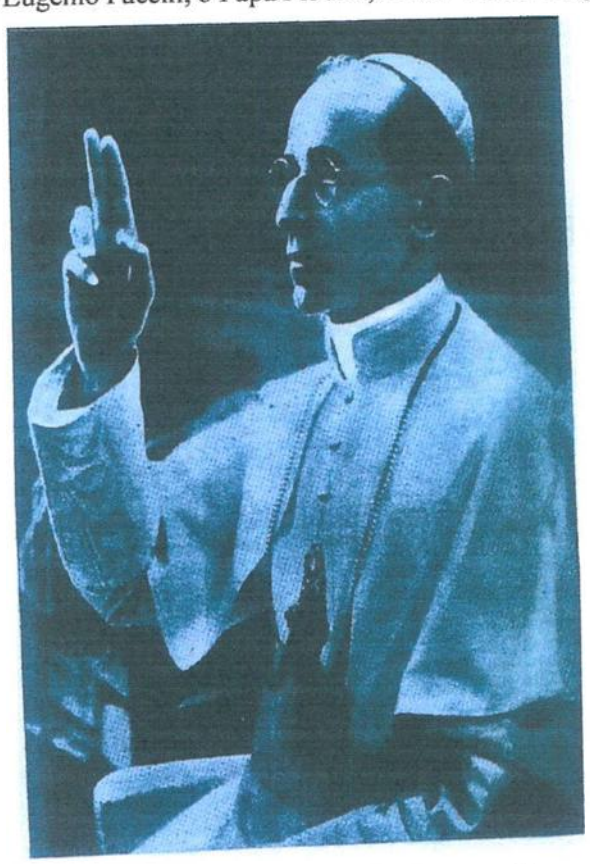
[449] Lista com o nome dos agraciados se encontra no: *Arquivo Nacional*. Entrada: "17.9. Correspondência. Gab. da Presidência da República. [Min. das Relações Exteriores, anos: 1933, 1934, 1935, 1936, 1937]. Lata 118. O nome de Pacelli encontra-se no número 35º da lista. Outros religiosos agraciados em 1934: O Núncio Apostólico no Brasil D. Bento Aloisi Masella e o Arcebispo de Paris.
Encontrei na documentação compulsada no Arquivo Nacional um comunicado do Ministério das Relações Exteriores datado de "22 de outubro de 1934" no qual se informava que havia sido aberta uma "maleta de um dos membros da comitiva do S. Exa. O Sr. Cardeal Legado [Eugênio Pacelli], [que] havia esquecido". Na há indicação onde ocorrera tal esquecimento. In: Arquivo Nacional. Correspondência. Gab. da Presidência da República. [Min. das Relações Exteriores, anos: 1933, 1934, 1935, 1936, 1937]. Lata 44.

[450] Há outro telegrama de pacelli a Vargas datado de 11-02-1939. Em 15-03-1939 Pacelli telegrafou à Vargas, agora investido na condição de papa, e assina como "Pio XII". In: *Arquivo Nacional*, entrada – 11.1 – Lata 170.

o "seu acolhimento [de Pacelli] pela população foi muito simpático, algumas vezes calorosas e entusiásticas".[451]

Esse frenesi de encontros, num curto lapso de tempo, entre os dois representantes das duas esferas de poder, interpretamos como elementos que evidenciavam que uma *Concordada informal* **estabeleceu-se entre o Estado brasileiro e a Santa Sé em 1934, para além da série de demandas católicas contempladas na nova Constituição do mesmo ano. O patrocinador do** *tratado informal* **foi o cardeal Leme, com o apoio do Núncio Apostólico D. Bento Aloisi Masella.** Nessa ordem de coisas, a alta hierarquia católica oferecia os seus esforços e préstimos aos detentores do poder secular instituído: o corolário dessas ações foi a gestação de um festim diabólico – o 10 de novembro de 1937 avizinhava-se.

Imagem de Eugênio Pacelli, o Papa Pio XII, como "*Pastor Angelicus*".[452]



Imagens e textos eram constitutivos dos mecanismos de propaganda, sendo que aquelas, quando dirigidas às massas, mostravam-se muito mais eficazes que os textos, principalmente os livros, como veremos à frente. Antes irei analisar instantâneos fotográficos de Vargas.

---

[451] VARGAS, Getúlio. *Diário*. [1930-1936]. São Paulo, Siciliano; Rio de Janeiro, Ed. FGV, [vol. I], 1995, 575p; cit, pp. 334-335, respectivamente. Vargas frisou o quão "movimentada foi a sua estadia", pois Pacelli fez "outras visitas [...]", participou de "solenidades" e "compareceu [...] as recepções".
[452] In: *ANSAp*. Aparecida, 1950, p. 249.

d.6.6] Imagens e instantâneos fotográficos como propaganda política. Vargas não ri apenas. Ele gargalha e o seu sorriso contagia o ambiente. Fotos que registram Vargas qual um pastor; paternalmente ele chamava a si a infância, 1934-1944.

Retomando a análise da fotografia acima. No instantâneo o Presidente *sorrir*. Este foi um dos traços marcantes de Vargas no registro fotográfico.[453] Numa série de imagens do presidente no período no qual o país havia entrado na Guerra há, um conjunto de instantâneos fotográficos,[454] onde ele ri principalmente quando se acha ladeado por adolescentes ou crianças –, e, em relação a estas, Vargas aparece rindo e olhando-as, segurando-as nos braços, ou guiando-as.

Numa dessas fotos a legenda afirma: "O Presidente Vargas, amigo da Infância",[455] onde ele segura o queixo de uma menina e é observado por outra que esboça sorriso.

Noutra foto,[456] ele paternalmente, segura uma menina de aproximadamente dois anos de idade nos braços: *ambos, como que num contágio de contentamento, riem.*

Circundado por número expressivo crianças, meninas e meninos, Vargas encontra-se no centro de outra fotografia.[457]

Numa imagem de novembro de 1943,[458] além de registrar a presença de adultos e crianças sorrindo, destacam-se, no primeiro plano, quatro meninos vestidos de marinheiros, eles estão em gesto de continência. A legenda da foto enfatiza a relação de Vargas com as crianças. Vargas exibe um feliz e largo riso.

Na imagem na qual ele encontra-se com um grupo de meninas a legenda sentencia: "O Presidente G. Vargas, gosta de ouvir as crianças".[459]

Quase todas essas *imagens fotográficas de Vargas sorrindo e contagiando com o seu contentamento as crianças nas quais ele as toca em gesto protetor de pai diligente se prestavam, provavelmente, a uma leitura de que, o homem público captado nos instantâneos, cujo nexo à*

---

[453] Segundo Susan Sontag "[...] as fotografias fornecem provas". Penso que o registro imagético fotográfico é um poderoso artefato de propaganda, principalmente nas apropriações de cunho político. Logo os seus conteúdos se apresentam informados de "verdades" ou da captura do real, o que gera confiabilidade nas mesmas. Cf. SONTAG, S. *Sobre Fotografia*. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986, 178p; cit., p. 15. Às pp. 135 ss "o mundo das imagens" Sontag desenvolve uma bela análise do estatuto das imagens no plano filosófico; entre outros interlocutores ela dialoga com Ludwig Feuerbach a partir da obra *A Essência do Cristianismo*.

[454] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 39, ano IV, abr./1944, 267p.

[455] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 39, ano IV, abr./1944, 267p. Imagem entre às pp. 224-225.

[456] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 39, ano IV, abr./1944, 267p. Imagem entre às pp. 240-241.

[457] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 39, ano IV, abr./1944, 267p. Imagem entre às pp. 142-143.

[458] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 39, ano IV, abr./1944, 267p. Imagem entre às pp. 163-164.

[459] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 39, ano IV, abr./1944, 267p. Imagem entre às pp. 128-129. Outras imagens de Vargas com crianças nas quais o presidente ri: pp. 112-113 – aqui ele encontra-se acompanhado por um neto, numa fazenda "do casal Ernani do Amaral Peixoto" –; pp. 80-81; e pp. 48-49.

compreensão dessas imagens é o contexto da Guerra, pois ele agia qual pai ou avô zeloso em relação ao conjunto da Nação.

Os esforços de Guerra, e os sacrifícios pelos quais o país passava são elementos não explícitos, pois esses instantâneos eram, provavelmente, não naturais ou espontâneos; mas, de algum modo, preparados.

Mas o Presidente também sorri noutra série de fotografias não relacionadas às crianças, como quando ele compareceu em "24-7-1943" à inauguração do Restaurante dos Estivadores no bairro da Saúde no Rio, onde Vargas é servido, com qualquer outro – o local era destinado aos trabalhadores braçais – do "Prato do dia",[460] ele não ri apenas, mas gargalha e o seu sorriso contagia os demais que se achavam no local.

Numa foto de maio de 1943, Vargas quase que gargalha numa exposição "Agro-Pecuária"[461] em Cordeiro no Rio de Janeiro, e o seu riso como que num efeito cascata contagia outros homens que se achavam próximos ao Presidente.

Também ri numa foto na qual ele é rodeado por um conjunto de mulheres vestidas de branco, elas eram as novas professoras formadas no Instituto de Educação[462] em 1943.

Se o momento era o do confronto bélico ao qual o país havia aderido, o presidente em novembro de 1943 compareceu ao Arsenal de Guerra, e ele, ao invés de esboçar preocupação, sorri.

Nas imagens fotográficas do Vargas que sorria e contagiava crianças e adultos – elas, efetivamente, faziam parte das ações governamentais e da propaganda para minimizar a série de privações que a população passava por conta da Guerra – articulavam-se com outras nas quais ele aparece de modo circunspeto ou sereno.

Numa foto do dia de "14-31943, [...] [o presidente] Vargas em visita à residência de um operário, em Petrópolis", ou outra na qual Vargas pára e dar atenção e "ouve um velhinho".[463] Como que em perene ação, pois assim a ocasião exigia, Vargas visita e faz inspeção no Arsenal de

---

[460] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 39, ano IV, abr./1944, 267p. Imagem entre às pp. 216-217 e pp. 256-257, respectivamente para as situações narradas.
[461] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 39, ano IV, abr./1944, 267p. Imagem entre às pp. 211-212.
[462] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 39, ano IV, abr./1944, 267p. Imagem entre às pp. 23-24
[463] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 39, ano IV, abr./1944, 267p. Imagem entre às pp. 142-143 e pp. 216-217, respectivamente.

Guerra no Rio em novembro de 1943.[464] A propaganda política teve, no primeiro período Vargista, no registro fotográfico um dos veículos centrais.[465]

Foto de Vargas "entre crianças ".[466]



O Presidente Getulio Vargas, entre crianças petropolitanas, concede este sugestivo flagrante ao nosso fotógrafo.

Apesar da dificuldade da qualidade da foto em relação a sua legibilidade óptica, é possível verificar o esboço do sorriso de Vargas, portando chapéu, entre a infância. Circundado por número expressivo crianças, meninas e meninos, ele é o centro da fotografia.

O imaginário social do país é cristão. Por séculos repetiu-se a fórmula: "vinde a mim as criancinhas", palavras atribuídas ao fundador da religião católica, matriz do *ethos* brasileiro. Observadas as devidas diferenças, no tocante aos planos religioso e secular, a cena registrada na

---

[464] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 39, ano IV, abr./1944, 267p. Imagem entre às pp. 15-16. Outras fotos que captam o semblante de Vargas grave se encontra entre às pp. 112-113; em foto de jun/1943 na qual ele segura uma ferramenta – "quilha" – num "caça-submarinos" da Marinha; entre às pp. 64-65. Ou aquele foto que flagra um presidente que, mesmo numa situação de excepcionalidade com o de um conflito bélico em termos mundial, encontra tempo para fazer uma visita ao Museu Imperial em Petrópolis em fevereiro de 1944; foto entre às pp. 37-38.

[465] LACERDA, A. L. de. "Fotografia e propaganda política: Capanema e o projeto editorial *Obra getuliana*". In: GOMES, Ângela de C. [Org]. *Capanema: o ministro seu mistério*. Rio de Janeiro, FGV, 2000, 269p; pp. 103-142.

[466] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 39, ano IV, abr./1944, 267p. Imagem entre às pp. 142-143.

imagem fotográfica evoca esse imaginário de origem religiosa. Vargas, qual Pastor terreno, cerca-se da infância, *locus*, nas elaborações teológicas, da *pureza* e *inocência*. O que legitimava, no plano da propaganda política, as suas resoluções no concernente à participação do país na Guerra em curso.

Como demonstrou Maria Helena Capelato, no Estado-Novo, no mesmo prisma cristão acima apontado, produziu-se um conjunto de materiais destinados à infância, nos quais se reforçava, por exemplo, às questões atinentes à autoridade.

A historiadora cita um desses documentos, escrito em forma de perguntas e respostas – os catecismos e uma série de textos e documentos papais eram construídos dessa forma, como veremos noutra parte da pesquisa –: "Obedecendo, portante, ao Chefe que o representa, o povo, apenas, se conforma com aquilo que ele próprio deseja e é executado pelo depositário de uma autoridade por ele conferida". Forma e conteúdo evocavam um imaginário católico e em "tom categórico" inculcava "certezas"[467] referentes tanto às autoridades religiosas quanto às seculares.

Como veremos à frente, no mesmo diapasão, o Min. do Trabalho Marcondes Filho instruirá a mulher operária "a amar o Brasil sobre todas as coisas".

Ora, o *ethos* católico deste país manda, desde a tenra idade, os brasileiros a amarem o seu Deus único católico. E, das imagens fotográficas que elegeram as crianças como alvo, instrumentalizando-as na propaganda política, aponto aqui um foto na qual aparece "a Sra. Darci Vargas, presidente da LBA, inaugurando, no SAPS, a distribuição de cartões para o "desjejum escolar". Mil crianças recebem, diariamente, no Serviço de Alimentação da Previdência Social ["SAPS"], na Praça da Bandeira, uma merenda [desejum], constante de leite, pão com manteiga, queijo e banana, inteiramente grátis",[468] informa a legenda da imagem.

Igualmente objetiva-se por meio da mudança dos hábitos alimentares, mediante acordo governamental do Brasil com "Estados Unidos da América",[469] e fazer a "defesa orgânica da raça",[470] com a implantação de cardápios, locais e aparelhos próprios. Pois, o Min. do Trabalho, por meio do da Agricultura organizou a "Comissão Brasileira-Americana de Produção de Gêneros Alimentícios para [...] o problema da nutrição geral no Brasil".[471] Com esse acordo de 03/09/1942,

---

[467] CAPELATO, Maria H. R. *Multidões em Cena*. [...]. Campinas, São Paulo; Papirus, Fapesp, 1998, 311p; cit. pp. 159-160.

[468] "A campanha da nutrição no Brasil". In: Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 30, ano III, ago./1943, 263p; pp. 242-254; imagem entre às pp. 248-249; há mais três fotos nas quais aparem crianças e escolares; além instantâneos com adultos; e mesmo um que flagra a presença de Inácio Garcia Pedlez, Ministro do Trabalho do México, em visita ao SAPS.

[469] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 30, ano III, ago./1943, 263p; pp. 242-254; cit. 249.

[470] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 30, ano III, ago./1943, 263p; pp. 242-254; cit. p. 244.

[471] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 30, ano III, ago./1943, 263p; pp. 242-254; cit. p. 249.

os EUA passaram a ditar até o que era bom para o prato do brasileiro. A nossa dependência em relação a eles atingia até os nossos estômagos!

Nesta ordem de coisas, o imaginário católico do Pastor que chama a si às crianças, pois a partir da sua pessoa e do seu exemplo a infância deveria mirar-se, articula-se às ações assistencialistas e a desqualificação dos homens pobres que habitavam "favelas [...] do Rio – [como] a Rocinha" que era integrada por uma "população vagabunda".[472]

O *Almanak de N. S. Aparecida* também publicou uma série de reportagens com imagens de Vargas no período. Em 23 de outubro de 1940 Vargas visitou o Santuário de Aparecida.

Numa foto que registrou o fato, flagrou-o à saída da Basílica em companhia de Ademar de Barros e outros. Novamente: Getúlio ri.[473].

Em outros números do Anuário publicou-se reportagem do presidente.

Em 1942[474] há uma ampla matéria com Vargas. O período é de guerra, em várias fotos, provavelmente fornecidas pelo DIP, elas procuram passam uma situação de normalidade. Numa delas ele conversa com "crianças" no passeio público; noutra verga uma xícara e sorve café; noutra toma chimarrão"; em outra "flagrante do ato de assinatura pelo presidente da Lei sobre o Salário Mínimo, em 1/05/1940".[475]

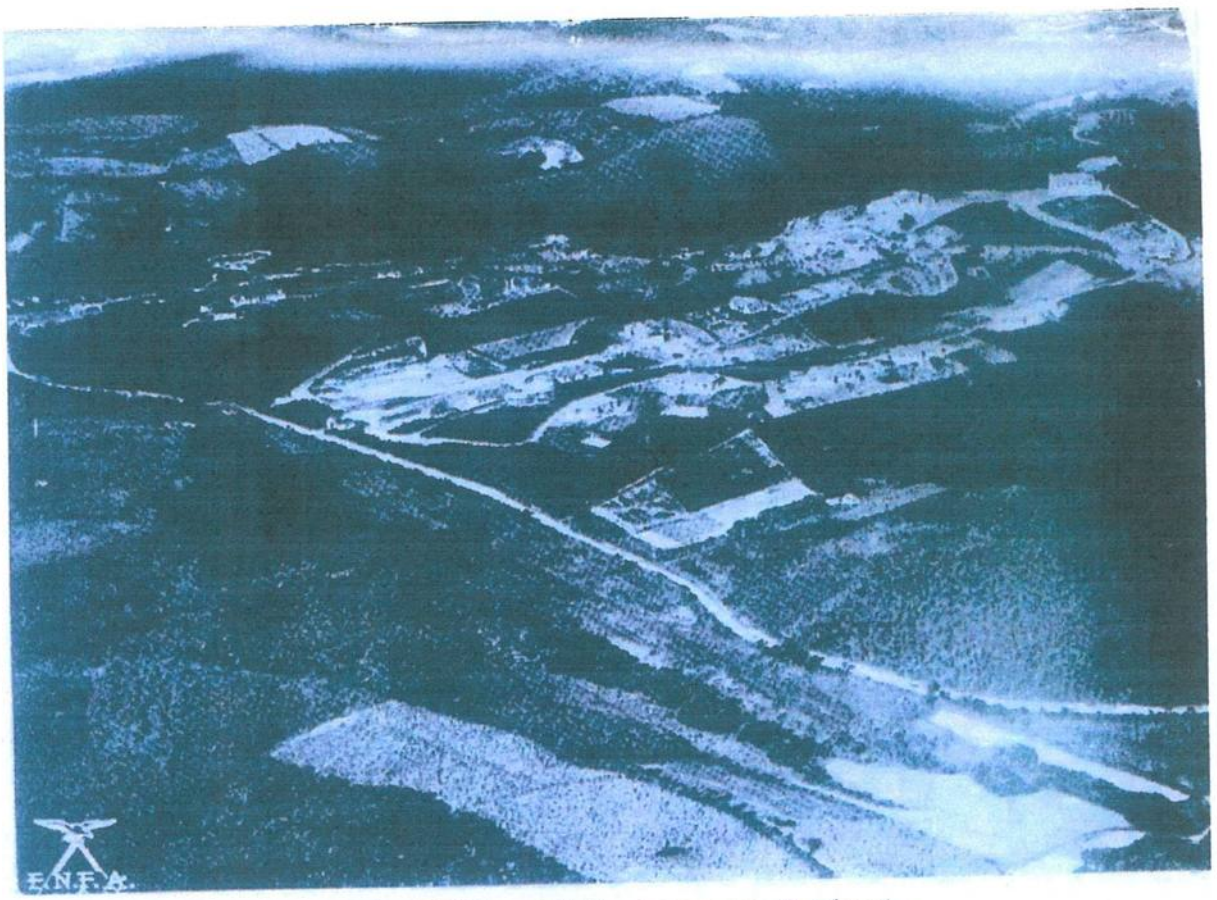
Em 1944 no mesmo periódico há matéria com Vargas. Há uma fotografia de Getúlio dando atenção à duas meninas, pois "o presidente dr. G. Vargas é um grande amigo da juventude: vemo-lo aqui num dos seus costumados passeios matutinos, palestrando familiarmente com crianças".[476]

Como não amar um homem como esse? Ele age como um pai atencioso e cuidadoso - um Pastor -, qual Aparecida, a Mãe simbólica da Nação. Eis é a mensagem subliminar.

Não obstante, *last but not least,* concluo aqui essa série de imagens com uma fotografia que de forma indireta faz referência à infância. De acordo com a imagem abaixo que era constitutiva de uma série mensal que divulgava, em termos de desenvolvimento econômico, social e político, os Estados da Federação e as "metrópoles do Brasil",[477] ao abordar São Paulo, afirma, na sua legenda, já em 1941: "SÃO PAULO – Cidade dos Menores Abandonados".[478]

---

[472] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 30, ano III, ago./1943, 263p; pp. 242-254; cit. p. 242.
[473] *ANSAp*. Aparecida, 1942, pp. 20-21; foto p. 20.
[474] *ANSAp*. Aparecida, 1942, pp. 257-260.
[475] *ANSAp*. Aparecida, 1942, pp. 257-260; p. 259.
[476] *ANSAp*. Aparecida, 1944, pp. 78-80; foto p. 80.
[477] "Metrópoles do Brasil: IJ São Paulo". In: Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 7, ano I, 1941, 364p; pp. 192-201.
[478] Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 7, ano I, 1941, 364p; pp. 192-201; imagem inserida entre às pp. 200-201.



SÃO PAULO – Cidade dos Menores Abandonados

Causa estranheza, à primeira vista, que esta imagem venha acompanhada da legenda referida, pois se relatava, no corpo do texto, à "retificação do rio Tietê" – o grande risco em branco no centro da imagem –; a fotografia não capta nenhuma criança.

Não obstante, metaforicamente, ele remetia à maneira pela qual a sociedade e o poder público tanto da capital paulistana quanto do Estado tratavam a infância: a população de "1.033.202 habitantes da capital paulista", segundo os dados do censo de 1934, tratavam as crianças dentro das regras do "*laissez faire, laissez passer*", lançando-as à sua própria sorte.

Às *cores enegrecidas* da imagem, e a própria *distância* do registro fotográfico *aéreo* evidenciavam o descaso dos paulistanos e paulistas em relação à infância dos humildes e desfavorecidos sociais, jogando-os nas teias do assistencialismo.

Mas esse não era um mecanismo de reciprocidade entre os detentores do poder, revelando o autoritarismo que lhe embasa?

Penso que sim, pois quando constato, em pleno ano de 2005, em administrações de católicos social-democráticas, no Município e Estado de São Paulo, quando os adolescentes pobres são tratados como *sobras* que *enfeiam* a capital bandeirante.

d.6.7] Propaganda política nos discursos ou "orações" de Vargas e meios de Comunicação de massas. O "Memorial" do sociólogo Antônio José de Azevedo Amaral de 1938: *contemplar os anseios subjetivos e as pulsões das massas. O vínculo de afinidade entre a população e o Chefe da Nação*: a matriz cristã no embaralhamento de fronteiras e no imbricamento entre poder político instituído e o corpo social do país.

Em 1938 o editor José Olympio remetia carta a Vargas na qual informava sobre o memorial de uma obra que estava sendo escrita pelo sociólogo Antônio José de Azevedo Amaral. O trabalho, segundo o editor, era uma "**obra de divulgação popular** das idéias contidas nos discursos do Sr. Presidente".

José Olympio indagava a Vargas se ele indicaria outro nome para a empreitada. Caso o fizesse aguardava as "suas instruções nesse sentido".

O editor apresentava o seu plano para o livro que teria uma "edição inicial de [...] 5.000 exemplares, mas como creio que será um livro de grande sucesso tomarei as necessárias providências para que a composição fique de pé de modo a se fazerem imediatamente os exemplares que forem sendo necessários. [...]."

Em seguida o editor se justificava, pois, afirmava: "espero dar ao POR UM BRASIL NOVO", [provável título do volume], "toda a minha dedicação de editor esforçado e trabalhador. E com isso quero prestar um pequeno serviço ao meu querido Brasil".[479]

José Olympio pedia que o Presidente Vargas abrisse mão dos direitos autorais dos discursos, pois a obra, além de ter caráter de colaboração, seria a favor do regime instaurado em novembro de 1937. Em anexo à carta, o editor remetia o Memorial do Livro em 10 páginas, cuja autoria era de Azevedo Amaral.[480] Expunha-se que a Constituição de 1937, ao estabelecer o Estado Novo, vinculava, efetivamente, poder público e Nação. Tratava-se da "verdadeira identificação, do modo de fazer com que a coletividade nacional e o Estado se tornem uma única entidade, em que povo e governo se unem consubstancialmente".[481]

---

[479] Carta do editor José Olympio ao Presidente Getúlio Vargas. Datada de "Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1938", negrito meu; todos os trechos entre aspas foram retirados dessa fonte. In: *Arquivo Nacional*. Entrada: Correspondência Geral da Presidência da República, 1938. Lata 90.

[480] Autores como Boris FAUSTO em *O Pensamento nacionalista autoritário. [1920-1940]*. Rio de Janeiro, J. Zahar Ed. 2001, 81p; ou outros que se debruçaram sobre o período 1937-1945, tal D'ARAUJO, Maria C. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro, J. Zahar Ed., 2000, 72p; não apontam, especialmente Fausto, que autores tais como Alberto Torres, Oliveira Viana, Francisco Campos, e, em particular Azevedo Amaral, produziram *compreensões* do Regime inaugurado em 1937 com fins claramente de propaganda ideológica.

[481] AZEVEDO AMARAL, Antônio J. de. "Memorial", 10fs. datilografadas. Anexo à Carta do editor José Olympio ao Presidente Getúlio Vargas. Datada de "Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1938. In: *Arquivo Nacional*. Entrada: Correspondência Geral da Presidência da República, 1938. Lata 90. Citação a este documento dar-se-á assim: AZEVEDO AMARAL. "Memorial", 1938, 10 fs.

Assim, afirmava o autor que

> "as vantagens dessa união [...], dele se deriva um dos traços característicos do regime em que os postulados básicos da democracia se harmonizam por forma tão completa com o conceito autoritário. Mas se a identificação do Estado e da Nação, tornando supérflua e até mesmo perturbadora do funcionamento das instituições a existência de partidos, que no regime liberal-democrático são os elementos de ligação entre o poder público e o povo, é tão útil aos interesses nacionais, ela envolve por outro lado a *necessidade de novos métodos de comunicação* entre governantes e governados".[482]

Numa passagem posterior, Azevedo Amaral retomava a questão dos meios de comunicação, e era didático em relação à autoridade investida na condição de presidente da República em contacto direto e sem mediação de nenhuma espécie como o povo, pois:

> "entre o Estado e a Nação, temos em vista exclusivamente os processos mais adequados para assegurar *um contacto permanente e eficaz entre o Presidente da República e o povo. Semelhante contacto é evidentemente imprescindível, para que se torne efetivo na prática do regime o princípio da identificação do Estado e da Nação*, que, cumpre não esquecer, é o postulado fundamental da ideologia da atual ordem nacional.[483]

Essa nova realidade era uma exigência do Estado Autoritário, pois a sua natureza era totalmente diferente da do "antigo Estado liberal". O Estado Autoritário necessitava

> "*nutrir-se ininterruptamente das energias que lhe devem ser supridas pela opinião pública*. Somente por meio de um *intercâmbio entre a autoridade que personifica o poder nacional e as massas da população*, será possível ao *Presidente da República auscultar as pulsões do coração brasileiro, pressentir as aspirações populares, reconhecer em cada momento as atitudes da opinião acerca da orientação governamental e assim reajustar a orientação política com o sentimento nacional*".[484]

Esse roteiro de Azevedo Amaral provavelmente tinha por inspiração a série de experiências da propaganda e da política de massas e em curso na Europa como o nazi-fascismo.[485] Aquele que ocupasse o cargo de Presidente ou fosse um líder, era alguém capaz de interpretar e perscrutar o que houvesse de mais oculto e íntimo nos corações - [não se tratava de atender as suas necessidades, mas em contemplar os seus anseios subjetivos e as suas pulsões, pois se elegia o coração como órgão a partir do qual emanariam às ações de governo] - da população. Pois esta agia qual átomos, conforme se infere noutro trecho.

---

[482] AZEVEDO AMARAL. "Memorial", 1938, 10 fs., itálico meu.
[483] AZEVEDO AMARAL. "Memorial", 1938, 10 fs., itálico meu.
[484] AZEVEDO AMARAL. "Memorial", 1938, 10 fs., itálico meu.
[485] Segundo Boris FAUSTO, Azevedo Amaral negava a influência de "modelos estrangeiros" na sua abordagem da problemática brasileira. Conforme indica Fausto, as negativas de Amaral em relação à influência externa era "um dos traços mais evidentes dos ideólogos fascistas, na tentativa de demarcar-se dos modelos da Alemanha e especialmente da Itália". _____. *O Pensamento nacionalista autoritário. [1920-1940]*. Rio de Janeiro, J. Zahar Ed. 2001, 81p; cit. p. 53. O material analisado nesta seção da pesquisa corrobora a tese de Fausto, com a qual concordamos, especialmente em relação aos mecanismos e meios de comunicação de massas apontados por Azevedo Amaral que foram, inequivocamente, hauridos nas experiências nazi-fascista em curso na Europa, em particular nos dois países referidos. Na conclusão da sua exposição de propósitos no "Memorial", Amaral firmava que o seu empreendimento tinha ressonância em realizações similares "em diferentes país".

Logo, era necessário que "o regime autoritário"e a sua autoridade máxima apanhassem a "sutileza [...] na apreensão das correntes que se agitam na atmosfera moral", [atente-se que ao se referir às questões de ordem moral, o autor aponta para um conteúdo cuja raiz se remete ao sagrado ou a religião],

> "do país. Daí a necessidade da escolha de processos eficazes de *aproximação espiritual entre o governo e o povo*. Mas este por seu turno só conseguirá *dar ao poder público a cooperação ativa*, tão essencial ao funcionamento eficiente das novas instituições, se as atitudes e as formas do pensamento político do Chefe da Nação forem postas ao alcanço da sua percepção e da sua análise".[486]

Nessa ordem de coisas, o que o ideólogo propõe são mecanismos pelos quais, aparentemente, as demandas da população seriam atendidas, pois, de fato, trata-se da implementação de uma política originada na vontade do "Chefe da Nação".

Na sua longa exposição sobre os novos métodos de comunicação voltados às massas, pois os métodos anteriores, segundo Azevedo Amaral, estavam definitivamente obsoletos e "inadequados", ele propunha que se estabelecesse "entre o governo e a opinião pública", pois esta, na nova situação, passava a ser valorizada e havia se tornado estratégica ao "Estado Novo". Pois, este demandava que se estabelecesse "*entre o Chefe Nacional e o povo um contato pessoal, imediato, direto*". E realçava neste particular:

> "*Mas o contacto pessoal do Presidente com a Nação é insubstituível.* Periodicamente esse contacto tem de ser revivido e dele não se pode prescindir, sempre que casos de maior relevância tornem necessário *robustecer ainda a coesão entre o povo e o Estado*".[487]

Para que fosse entendido no seu propósito, Azevedo Amaral deu um exemplo.

Lembrava que o Presidente já tinha por prática manter "contacto direto e pessoal com o povo". Citou como exemplo o "levante comunista de novembro de 1935", cujo discurso que o havia abordado fora irradiado na passagem do ano de 1935 para o de 1936, e que segundo o ideólogo havia galvanizado "o Brasil inteiro, congregando as energias nacionais ao redor do governo, para a obra de defesa da pátria e da sociedade contra o extremismo exótico".

Contudo, alertava Amaral: "[...] não basta a formação de uma opinião geral de assentimento ao golpe de Estado criador da nova Ordem nacional", [nesse particular, Antônio José de Azevedo Amaral lembrava a respeito da série de discursos de Vargas e da repercussão dos mesmos na imprensa depois da instauração do regime de 10 de novembro de 1937], logo, segundo ele era "necessário também *que se organize e se consolide uma mentalidade coletiva profundamente integrada na ideologia do Estado Novo*". Assim, pois, tal mentalidade deveria ser ritmada e estar

---

[486] AZEVEDO AMARAL. "Memorial", 1938, 10 fs., itálico meu.
[487] AZEVEDO AMARAL. "Memorial", 1938, 10 fs., itálico meu.

"*sincronizada* com o pensamento reformado [...], *é condição essencial ao funcionamento normal da democracia autoritária*. Porque sempre através *dessa harmonia de pensamento entre o povo e o Presidente, que personifica a Nação e o Estado*, é que *se estabelecerá a coesão adequada à realização dos desígnios e de árbitro da política nacional*".[488]

Do exposto, segundo Azevedo Amaral, **o Chefe da Nação absorveria não apenas as instâncias da representação política, mas na sua pessoa se identificaria o próprio corpo social do país.** Para tanto era necessário, na formação da mentalidade coletiva de integração entre o corpo social e o poder político instituído, que houvesse uma adesão vasta - quase total e absoluta - e que os "cidadãos" adquirisse "familiaridade tanto com a ideologia do regime e com os métodos do Estado Novo, como também com o pensamento do Chefe da Nação, que personifica a nova ordem política". Infere-se, assim, que Vargas precisava ser conhecido.

Para tanto Azevedo Amaral indicava o caminho. Era preciso que houvesse um trabalho de difusão que interpretasse "no seu conjunto" e formassem "uma verdadeira instrução doutrinaria", a partir dos discursos de Vargas. Os discursos de Vargas emitidos "desde 10 de novembro", para Azevedo Amaral, representavam "um conjunto de interpretação sintética dos pontos fundamentais do regime", cujo escopo era a "formação da mentalidade coletiva que é mobilizar ao serviço do Estado Novo, deriva-se assim de um fator pessoal e da influência exercida diretamente por quem dispões de autoridade moral sem paralelo, para dirigir-se diretamente ao povo [...]".

Apontava a necessidade de que houvesse além da "máxima difusão" dos discursos divulgados tanto no "rádio" quanto na "imprensa cotidiana", a versão impressa em livro, com comentários explicativos, objetivava "determinar na opinião pública uma impressão mais permanente que o efeito necessariamente um tanto efêmero da audição das irradiações e da leitura dos jornais".[489]

Pois era necessário que os "cidadãos leia, releia, estude e medite os discursos do Presidente, assimilando por essa forma as idéias essenciais do regime [...]". Tal internalização dos valores presentes nos discurso também tinha por alvo o "*encerramento* [...] *do ciclo da democracia Liberal*", e objetivava "*fazer com que as massas possam aproveitar tudo que se contém nas diferentes orações proferidas* pelo sr. Presidente da República, desde o dia da fundação do Estado Novo".[490]

O propósito de Azevedo Amaral era ser o mediador do pensamento de Vargas presente nos discursos e as massas, explicando detalhada e didaticamente passagens para que "a grande maioria

---

[488] AZEVEDO AMARAL. "Memorial", 1938, 10 fs., itálico meu. Os fragmentos entre aspas nos parágrafos anteriores foram tirados dessa passagem da fonte.
[489] AZEVEDO AMARAL. "Memorial", 1938, 10 fs., itálico meu. Os fragmentos entre aspas nos parágrafos anteriores foram tirados dessa passagem da fonte.
[490] AZEVEDO AMARAL. "Memorial", 1938, 10 fs., itálicos meus. Os fragmentos entre aspas nos parágrafos anteriores foram tirados dessa passagem da fonte.

do público possa facilmente apreender tudo", pois segundo Amaral havia uma defasagem entre o emitido e o apreendido, e o que explicava tal situação eram as condições nas quais os discursos ocorriam, pois eles davam-se no "contato pessoal" de Vargas "com a Nação" em contextos que obrigavam o Presidente a ser extremamente sintético. Logo, o seu propósito era realizar "em linguagem menos" econômica e com todo o rigor os discursos, [nesta passagem do Memorial, Azevedo Amaral fala em "orações" de Vergas emitidas em momentos ou contextos graves].

Deste modo, a proposta do sociólogo era escandir, analiticamente, todos os discursos ou "orações" de Vargas, a partir de 10 de Novembro de 1937, e arrematava: "é claro que as passagens mais características e impressionantes deveriam ser apresentadas ao leitor na sua pureza original, pela transcrição literal do texto em apreço [...]. Não se trata mesmo de uma interpretação no sentido mais amplo da expressão". Em seguida o ideólogo apontava o seu objetivo, que era uma novidade para a época:

> "**o que propomos é por assim dizer a focalização** de tudo que as palavras do Presidente contêm e abrangem, de modo **que o leitor possa ter uma noção minuciosa** e mais profunda do que recebeu, em uma impressão **sintética ao ouvir ou ler o discurso**".[491]

Nesta ordem de coisas, não obstante a clareza e a forma sintética dos discursos, eles demandavam, pois dirigidos às massas, que fossem focados ou mesmo dessecados.

É interessante ressaltar *a idéia de foco* presente no excerto acima, pois ele, *o foco*, se remete a *um centro, uma sede*, a *um ponto de convergência de onde partem emanações ou raios luminosos*.

Em termos físicos, tais raios - a idéia de Luz é constitutiva desse tipo elaboração que elege um *locus* como único e legítimo - são refletidos por um espelho. Logo, *o foco, como um ponto de emanação dos raios vetores, tinha por objetivo que eles fossem imitados e observados*.

Foco = Vargas. Seus Pensamentos nos Discursos = Raios Vetores. Os raios tinham por escopo "iluminar" e "esclarecer" as massas. De modo a funcionar como mecanismo educacional e pedagógico.

A questão das massas foi vincada por Azevedo Amaral, pois para ele era preciso que se alcançasse um quantidade quase "**incalculável**" de pessoas, "**sob o ponto de vista do aproveitamento integral do valor educativo das várias alocuções recentes do Presidente** pela análise dos discursos", cujo sentido profundo era causar "de modo muito **mais indelével a forte impressão**" causada anteriormente na "audição" radiofônica ou na "leitura" da imprensa diária.

Azevedo Amaral indicava a necessidade de um breve texto introdutório ao volume de autoria de Vargas, pois assim seria estabelecido "com o leitor **um vinculo de afinidade**", de modo a gerar

---

[491] AZEVEDO AMARAL. "Memorial", 1938, 10 fs., negritos meus. Os fragmentos entre aspas nos parágrafos anteriores foram tirados dessa passagem da fonte.

"uma corrente de **opinião simpática** ao Estado Novo", tendo por base a figura do "**Chefe da Nação**"[492]

Do exposto, a respeito dos mecanismos de comunicação direcionados às massas em termos políticos, segundo o texto acima, era necessária "afinidade" - a expressão é de Azevedo Amaral -, logo o parentesco qual uma relação familiar de marido-mulher em virtude duma situação de nubentes afeiçoados, cuja figura masculina era identificada a pessoa de Vargas na condição de homem e viril. Assim, as massas aparecem como sendo a parte feminina dos cônjuges, logo passiva e receptáculo das ações do macho paternal e provedor. Nesta ordem de coisas, identificar o Estado - ente abstrato - com o Chefe da Nação, apontava que as massas eram incapazes de operar a compressão dos problemas por meio de conceitos. Logo, o empreendimento de Azevedo Amaral visava construir "imagens" para que as falas de Vergas e o Estado Novo fossem assimilados.

De fato, o volume cujo título provisório era *POR UM BRASIL NOVO*, direcionava-se a um público dilatado, pois se planeja um tiragem inicial de 5 mil exemplares. Porém, o seu público alvo talvez fosse os setores médios, pois era letrado e tinha possibilidade de influir - formar opinião.

Em passagens anteriores do seu "Memorial" na sua exposição de propósitos, Azevedo Amaral afirmava que "a expressão governantes equivale no Estado Novo ao Presidente da República".

O autor citava o artigo 73 Constituição de 1937, pois segundo o dispositivo o Presidente é "o coordenador de todos os órgãos superiores do Estado", de modo que o Presidente era "o orientador supremo da política interna e externa do país", pois no Estado Novo,

> "o chefe da Nação personifica o Estado, não apenas para ser o expoente da soberania nacional, mas também porque a sua investidura envolve atribuições que o torna pessoal e diretamente o dirigente de todas as engrenagens da administração pública e o único árbitro da escolha das diretrizes da política nacional".[493]

Nesta série de excertos, há em Azevedo Amaral uma clara concepção que elegia aquele que ocupasse o cargo de Presidente da República como um *locus* que absorveria os demais espaço da representação política, centralizando, na sua figura, todo o poder político da Nação.

Feitos esses registros, pois ao logo da pesquisa me posiciono a respeito das afinidades eletivas e do compartilhamento de projetos entre católicos e liberais, para o período de 1937-1945, os mecanismos originados na tradição liberal da **não-identidade** entre a autoridade que ocupa cargo ou lugar de mando; ou o próprio *locus* do poder, estavam suprimidos e as suas fronteiras, propositalmente, embaralhadas: a relação poder político e sociedade operava-se, como vimos anteriormente, sem distinção entre as esferas público e privado.

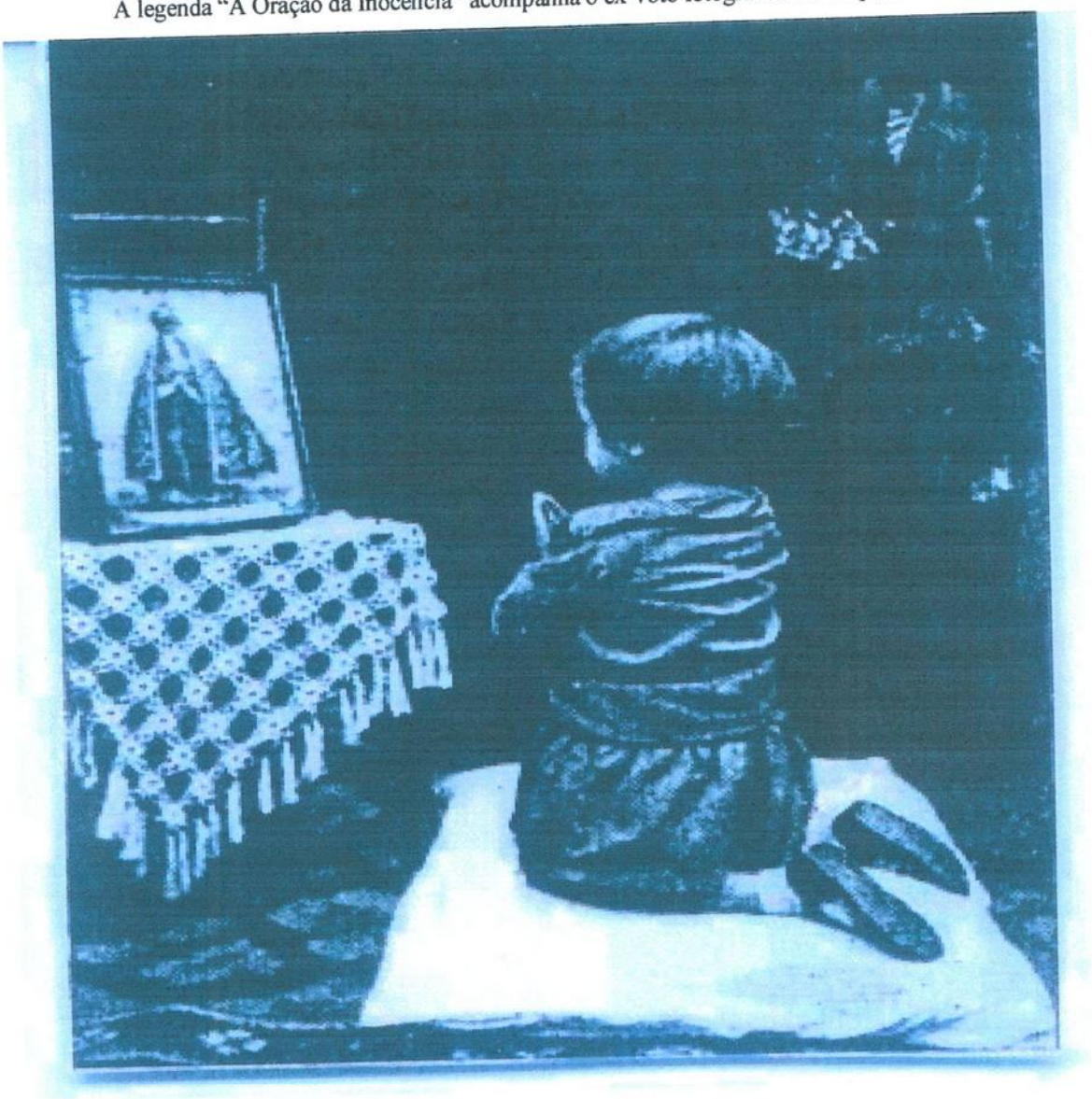
---

[492] AZEVEDO AMARAL. "Memorial", 1938, 10 fs., negritos meus. Os fragmentos entre aspas nos parágrafos anteriores foram tirados dessa passagem da fonte.
[493] AZEVEDO AMARAL. "Memorial", 1938, 10 fs., itálico meu.

No ano de 1939 ocorreu o apogeu desse mecanismo da *afinidade* e *compartilhamento* entre Vargas, que ocupava e estava investido na condição de autoridade máxima do poder secular instituído, e a representação da maternidade e símbolo religioso da Nação: a cúpula curial católica reunida no Rio de Janeiro no Primeiro Concílio da hierarquia do país transferiu a data da Padroeira para o dia 7 de setembro: imbricavam-se efemérides seculares e religiosas, de modo que se sacralizava o imanente e profanizava-se o transcendente. Recrudesciam-se os mecanismos de controle do imaginário com desdobramento na dominação social.

e] *Os Ex-votos à Aparecida: o reconhecimento às graças e ações extra-humanas consubstanciadas em narrativas e artefatos imagéticos e a dimensão da devoção mariana da Padroeira.*

A legenda "A Oração da Inocência" acompanha o ex-voto fotográfico. *ANSAp*, 1936.[494]



O nome da criança é Aparecida, e segundo o relado do Anuário *Almanak de N. S. Aparecida*, ela achava-se "doente há mais de um ano, restabeleceu-se pela invocação de [...] Aparecida".

A menina se genuflexa frente a uma imagem de Aparecida de tez branca e internaliza a mensagem ultramontana: aos sete anos - a infância, em idade lábil, período de formação do *mores* - ela podia comungar. Assim, a pequena garota era lançada às teias de um mundo de culpas, medos e obediência: o *ethos* e o paradigma mariano eram o roteiro.

[494] *ANSAp*. Aparecida, 1936, p. 46.

c.1] Introdução: a definição de milagre e o "filtro" dos relatos prodigiosos atribuídos à Aparecida pelos padres redentoristas como mecanismo de controle da devoção popular.

> "*De todos os testemunhos iconográficos possíveis*, [...], *o ex-voto é sem dúvida o que materializa a confissão mais direta*, não só por ser a menos estereotipada como também por ser a menos sofística; *em outras palavras, a mais sincera*".[495]

Os dados relativos aos ex-votos oferecidos a N. S. Aparecida aqui analisados foram publicados no *Almanak de Nossa Senhora Aparecida*, "Ecos Marianos" [*ANSAp*],[496] anuário da Basílica da Padroeira, entre as décadas de 1920 [a partir de 1927] até meados da de 1940 [o ano de 1945]. Mas os relatos não se restringem a esse período. Eles eram registros de eventos prodigiosos atribuídos à Padroeira que remontavam ao início do século XX. Assim, os mesmos se referem à quase meio século de milagres. Segundo a fonte, os ex-votos expressos por intermédio de "quadros reproduções de fatos extraordinários em que claramente se viu a intervenção misericordiosa da Virgem Aparecida". Eles eram exibidos na Sala dos Milagres anexa à Basílica, e expressavam a gratidão dos devotos a Nossa Senhora, pois "[...] dela alcançaram algum favor extraordinário, oferecem-lhe seu retrato com uma dedicatória cheia de agradecimentos e muitas vezes realmente comovedora".[497]

Os prodígios divulgados foram selecionados e filtrados pelos religiosos Redentoristas [C.SS.R] que editavam o anuário.[498] Correspondiam tanto aos aspectos doutrinários, quanto aos valores mais gerais da Igreja Católica, e também às táticas dos padres afonsinos administradores da Basílica para atrair fiéis. Contudo, os mesmos revelavam às questões mais prementes dos devotos de Aparecida no período. A fonte constata sobre os ex-votos e os suportes nos quais os eventos extra-humanos estavam registrados,

---

[495] VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo, Ática, 1997, 407p; cit. p. 116, itálicos meus.

[496] *Almanak de Nossa Senhora Aparecida*. Aparecida, Oficinas do "Santuários de Aparecida". Posteriormente foi acrescentado ao título a expressão "Ecos Marianos". Doravante será utilizada a sigla: *ANSAp*, seguida do local, ano da edição e da respectiva página. Os eventos e fatos veiculados referem-se, comumente, ao ano anterior ao da capa.

[497] *ANSAp*. Aparecida, 1927, pp. 59-62; cit. p. 59. O suporte no qual os devotos expressavam à sua gratidão era massivamente a imagem fotográfica. Assim, a "[Sala de Milagres], [...] [que] contém milhares de fotografias [como ex-votos]". Era o meio pelo qual os "prodígios [...] operados por N. S. Aparecida" adquirissem visibilidade e contribuísse "[...] para despertar ou aumentar a confiança e devoção povo brasileiro em N. S. Aparecida". *ANSAp*, 1937, cit. pp. 60 e 59, respectivamente.

[498] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 23-29. Assim o "grande número de retratos – fotografias –" recebidos "com o pedido insistente de publicá-los", os editores informavam ser impossível atender a todos, pois "dentre de milhares de fotografias e de relações de graças *são escolhidas* apenas aquelas que tratam de fatos ou curas *mais importantes e que assim possam contribuir para a glória* de Deus e *de Maria* [...] e *para bem das almas*", cit., p. 23, itálico meu. Anteriormente, no ano de 1933, as "graças e favores" que os ex-votos externavam, indicavam que eles foram "obtidos pela invocação de N. Senhora, *publicamos alguns*, cuja leitura *poderá edificar os devotos de N. S. Aparecida e aumentar-lhes a confiança nela*". *ANSAp*. Aparecida, 1933, p. 48; itálicos meus.

"quadros [eram obras] [...] toscas de pintores improvisados que não se distinguem pela arte, mas simplesmente pelo desejo comovente de se mostrarem gratos e tornarem conhecida à bondade de N. Senhora. [...]. Outros quadros são feitos por mão de mestre ou são fotografias de uma reconstituição do fato no lugar e nas circunstâncias em que se deu".[499]

Outros registros de agradecimentos vinham "de todos os recantos do país [e que] afluem diariamente *cartas*, *ex-votos*, [500] *muletas* etc., etc., manifestações inequívocas de favores e graças alcançadas manifestações sinceras de gratidão e reconhecimento dos miraculados para com a poderosa Padroeira dos brasileiros, N. S. Aparecida".[501]

A importância da análise desse tipo de manifestação icônica já foi vincada por Michel Vovelle. Para o historiador, a religião popular se expressa de forma efetiva em "imagens, quadros, retábulos, ex-votos [...]".[502] O autor chama a atenção para se distinguir as abordagens da religião popular com "uma existência própria, intangível, independente da religião recebida e ensinada".

Assim, estabelecendo-se um divisão "entre o que é produto da espontaneidade popular e o que é recebido pelo povo ["da mensagem cristã"].

Segundo Vovelle, é necessário estabelecer a diferenciação da abordagem tradicional do problema, cuja intelecção é "a religião popular, reduzida a um corpo de sobrevivências pagãs, de superstições e de gestos mágicos, apenas penetradas por traços de sincretismo pagão-cristão",[503] de modo que esse tipo de compreensão da questão nega a possibilidade de invenção e criação no campo da cultura popular e, em particular, das práticas devocionais religiosos.[504]

---

[499] *ANSAp*. Aparecida, 1927, p. 60. Para as imagens que a fonte classifica como canhestras, as mesmas "embora o pincel não tenha sabido reproduzir os sentimentos da alma, estes adivinham-se e compreendem-se". Os eventos narrados aconteceram em "Sapucaí" e na "Serra dos Cristais". A apreciação estética que redentoristas fizeram dos ex-votos estar próxima do "anedotário e dotados de um certo encanto *naïf*", conforme apontou Vovelle em relação aos ex-votos pintados de Marselha. VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo, Ática, 1997, 407p; cit. p. 112.

[500] VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo, Ática, 1997, 407p; especialmente pp. 112-118.

[501] *ANSAp*. Aparecida, 1941, p. 9, itálicos meus.

[502] VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo, Brasiliense, 2ª ed., 1991, 409p; cit., p. 178.

[503] VOVELLE, Michel. Op. cit., 1991, p. 158. E _____. *Imagens e Imaginário na História*. [...]. São Paulo, Ática, 1997, 407p; especialmente pp. 119-133. O historiador Jean-Claude Schmitt, na sua abordagem de retábulos, estampas, iluminuras e outros suportes imagéticos ofereceu importantes subsídios à análise das imagens de cunho religioso ou atinentes ao sagrado. Cf. SCHMITT, J-C. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo, Cia. das Letras, 1999, 300p; especialmente p. 288 ss. _____. "Les superstitions". In: LE GOFF, J. et RÉMOND, R. [Dirs]. *Histoire de la France Religieuse. Des origines au XIVe siècle*. Paris, Seuil, 1988.

[504] A abordagem da questão em termos de *circularidade* entre culturas popular e erudita já foi exaustivamente discutida a partir do paradigma elaborado por Carlo Ginzburg. Cf. CINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. São Paulo, Cia. das Letras, 12ª ed., 2000, 307p; especialmente, pp. 124 ss. Na historiografia brasileira que adotou o paradigma da circularidade cultural, temos a pesquisa exemplar da historiadora Laura de Mello e Souza. SOUZA, L. de M. e. *O diabo e a terra de Santa Cruz*, e *Inferno Atlântico*. S. Paulo, Cia. das Letras, 1986, 396p; e 1993, 263p, respectivamente.

Ora, não obstante os "filtros" dos redentoristas em relação aos relatos, quanto ao seu conteúdo já "episcopalizado",[505] ou seja as narrativas veiculavam uma mensagem informada nos valores da hierarquia, entendemos que os ex-votos revelavam demandas efetivas dos fiéis.

Há para os religiosos de Aparecida a preocupação com a *definição de milagre*, pois "obedecendo às determinações da Santa Sé, declaramos que à palavra "milagre" queremos atribuir somente um sentido largo e vulgar, não o sentido teológico, abstendo-nos de qualquer julgamento sobre os fatos relatados".[506] Esse cuidado se repetirá por vários anos.[507] Em texto do ano de 1939 que antecede as imagens de ex-votos e as narrativas prodigiosas, há uma nota cujo título é "N. S. Aparecida, a Bondosa Mãe dos Aflitos", cujo teor afirmava que "para maior edificação dos fieis" e

---

[505] Ao que estamos denominando episcopalização do sagrado foi apontado por Alphonse Dupront. Há pesquisadores brasileiros que ao abordar à ida dos fiéis aos santuários por meio de romarias, peregrinações etc. falam em "europeização dos Santuários" como o de Aparecida. Na prática, era a efetivação da política ultramontana sobre as devoções e a religiosidade popular. Cf. GAETA. Maria Aparecida J. V. "A Cultura clerical e a folia popular". In: *Revista Brasileira de História*. Dossiê: Travessia: Migrações. São Paulo, ANPUH/Humanitas, vol. 17, nº 34, 1997, 249p; pp. 183-202; cit. p. 190.

[506] *ANSAp*. Aparecida, 1934, p. 39.

[507] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 23-29; cit. p. 23. Assim o "grande número de retratos – fotografias –" recebidos "com o pedido insistente de publicá-los", os editores informam ser impossível atender a todos, pois "dentre de milhares de fotografias e de relações de graças são escolhidas apenas aquelas que tratam de fatos ou curas mais importantes e que assim possam contribuir para a glória de Deus e de Maria [...] e para bem das almas. Pessoas que nos mandam *relações de curas milagrosas devem fazer o possível para conseguir um atestado médico e a assinatura de duas testemunhas fidedignas*", cit., p. 23, itálico meu. A preocupação com o sentido canônico ou não aparecer em todos os anos, como em: *ANSAp* de 1940 alerta-se sobre as graças arroladas, pois "[...] não se trata [...] de milagres no sentido [canônico] da palavra, mas apenas de favores concedidos à invocação devota e confiante dos servos da Virgem Aparecida", p. 17. *ANSAp* de 1943, pp. 44-47, em nota de advertência, registra-se que "obedecendo às determinações de Roma, declaramos que à palavra "milagre" e semelhantes queremos atribuir somente um sentido vulgar e não no sentido teológico, abstendo-nos de qualquer julgamento sobre os fatos [...] relatados. [...] [Assim, os eventos publicados foram submetidos] [...] [ao] juízo da redação e dos censores", p 44. *ANSAp*, 1941 havia a preocupação com a divulgação dos prodígios, para que eles não transigissem o registro canônico; assim assinalam em nota que "obedecendo às determinações de Roma, declaramos que à palavra "milagre" queremos atribuir um sentido vulgar e não o sentido teológico, abstendo-nos de qualquer julgamento sobre os fatos relatados", p. 9. *ANSAp* de 1942, a advertência sobre o sentido da palavra milagre e os relatos que seguem, pois a "[...] série de relações de graças mais ou menos extraordinários, declarando, porém, que não queremos atribuir à expressão "milagres" o sentido teológico [ou canônico] da palavra", p. 43. *ANSAp* de 1944, pp. 46-48, antes dos relatos os editores declaram "[...] que à palavra "milagre" e semelhantes não atribuímos outro sentido que o ordinário e nos abstemos de qualquer julgamento sobre os fatos a narrar", p. 44. *ANSAp* de 1945, pp. 28-31, como nos anos anteriores há a declaração que, "no tocante aos fatos que se seguem, nos abstemos de qualquer juízo, e que à palavra "milagre" e semelhantes não queremos atribuir outro sentido que não o vulgar". Há também uma nota na qual se pede aos devotos que "não se façam, pois promessas de mandar retratos ou "milagres" nos "Ecos Marianos", mas prometem-se outras obras pias em favor de N. S. Aparecida [...]". Igualmente informam que "[...] futuramente já não publicaremos retratos de "milagres"". Pedem que os fieis direcionem: "as fotografias sejam encaminhas à sala dos milagres e as relações de graças sejam enviadas ao jornal "Santuário de Aparecida"", p. 28. No ano de 1939 que antecede as imagens com ex-votos há uma nota cujo título é "N. S. Aparecida, a Bondosa Mãe dos Aflitos" e cujo teor é "para maior edificação dos fieis" e para que seja incutido neles maior "[...] confiança e [...] devoção a N. S. Aparecida", segue-se à frente "[...] a descrição de algumas graças concedidas [...]". Alerta-se que em relação às graças arroladas, pois "[...] não se trata [...] de milagres no sentido [canônico] da palavra, mas apenas de favores concedidos à invocação devota e confiante dos servos da Virgem Aparecida". In: *ANSAp*, p. 17.

para que seja incutido neles maior "[...] confiança e [...] devoção a N. S. Aparecida", seguia-se à frente "[...] a descrição de algumas graças concedidas [...]". Alertava-se sobre os prodígios relatos, pois "*não se trata de milagres no sentido teológico*; mas *apenas de graças e favores obtidos pela intercessão da Virgem Aparecida* [...], [que é] Auxilio dos Cristãos e Saúde dos Enfermos". Não obstante, há o sobreaviso

> "[...] não se trata de milagres no sentido estrito da palavra, mas apenas de favores que N. Senhora costuma dispensar a quem nela confia e recorre à sua proteção. [Pois] *pela doutrina da Igreja* [...] *todas as graças e favores que Deus concede aos homens, passam pelas mãos de Maria*, não porque Ele as não pudesse conceder direta e imediatamente, *mas unicamente porque Ele assim o determinou.* [...]. [Assim, Maria] *medianeira* da mais estupenda e da maior graça, que o Onipotente concedeu aos homens, *Ela o é também a respeito das outras graças com que Deus favorece as criaturas. A Igreja Católica saúda Maria como auxílio dos cristãos e como saúde dos enfermos*; [...] [ela] *Mãe carinhosa, sempre pronta a ajudar, auxiliar perpetuamente os seus devotos filhos, que a invocam em suas necessidades espirituais e temporais*".[508]

Os prodígios não eram eventos que ocorriam no vácuo. Eles exprimiam uma situação histórica e um contexto social. Assim, no mesmo espaço no qual eram publicados os relatos extra-humanos, constava-se sobre o momento presente, pois naquela quadra histórica vivia-se planetariamente em um mundo no qual os homens estavam

> "[...] gemendo *sob o peso das dificuldades, incertezas e calamidades* [...], [que] *apesar de todos os progressos da vida material* [em todos nos planos: político, científico etc. o que se constatava era que os homens] *não sabem remediar o mal*, [...] [pois] não estão orientados pela fé, e suas vistas são limitadas pelos horizontes desta vida terrena. [Apontava-se à solução: o homem deveria voltar-se] [...] [a Deus], a fé e na Religião. [E centralmente deveria recorrer à figura mediadora de Maria] Mãe de misericórdia e Consoladora dos aflitos, Maria Santíssima. [Nestes termos] *o Santuário de Aparecida é o lugar abençoado, onde N. Senhora com predileção distribui suas graças e favores a quantos de perto e de longe a ela recorrem* [...]".[509]

As invocações à Padroeira como "Auxilio dos Cristãos e Saúde dos Enfermos", ou "Mãe de misericórdia" e "Consoladora dos aflitos", se por um lado são expressões centenárias presentes nas *Ladainhas a Nossa Senhora*, aqui estão intimamente articuladas àquela realidade social do país e ao quadro histórico mais geral. Nas ladainhas de N. S. Aparecida, Maria é invocada como:

> "Mater purissima, /[...], Mater inviolata, /[...], Mater boni consilii, /[...], Vas spirituale, /[...], Salus infirmorum, /[...], Consolatrix afflictorum, /[...], Auxillium christianorum, /[...]".[510]

---

[508] *ANSAp*. Aparecida, 1938, pp. 24-31; cit. p. 24, itálico meu.

[509] *ANSAp*. Aparecida, 1934; cit. p. 39; trecho adaptado, itálicos meus. Os milagres relatados ocorreram entre os anos de 1920, 1929, 1930, 1931, 1932 e 1933. São eventos relatados por devotos dos municípios circunvizinhos ao Santuário, de outras cidades de São Paulo e de Minas Gerais, pp. 39-45.

[510] "Ladainha a N. Senhora". In: *Manual de N. S. Apparecida*. Aparecida, Oficinas Gráficas de Aparecida, 1938, 432p. Cf. texto bilíngüe latim-português pp. 231-232. Também in: *Manual do Devoto de N. S. Apparecida*. Alemanha, Tip. de F. Poustet [impressora da Santa Sé], 1928, 418p; especialmente pp. 222-255.

A força dessas imagens pode ser aferida inclusive no registro do cancioneiro popular brasileiro.[511] Na "Ladainha de Santo Amaro" [da cidade Sto. Amaro da Purificação, no Recôncavo baiano], de autoria de Mabel Velloso,[512] Maria é evocada num amplíssimo espectro, denunciando a ubiqüidade do sagrado que Ela encerra: da *dor absoluta* [a perda física do seu Filho ungido] à *celebração festiva*, passando pelos aspectos mais comezinhos do cotidiano humano: "Maria de todas as horas". Talvez aqui resida um dos cernes da devoção à Maria, pois Ela fazia-se presente na faina dos "canaviais" e no suor do labor humano; na proteção à colheita dos víveres "dos pescadores"; Maria e os acidentes geográficos: Ela presente nos rios, riachos, cachoeiras, manguezais. Maria e o elemento água, que inclusive adquire a condição de tristeza: as águas "pesadas". Porém, a relação entre Maria e água se reporta à questão da pureza "das águas claras", "[...] limpas" etc. E o aspecto nuclear da devoção "[...] *Senhora dos Jardins do Céu*": "Maria de nossa infância". É em tenra idade que se fixam as digitais teológicas nas devoções e crenças da religiosidade popular.

Assim, Aparecida que desde 1930 havia se tornada oficialmente e proclamada Padroeira do Brasil obtivera esse título do Vaticano no momento que em a

> "[...] *a nossa Pátria [achava-se] estremecida.* [Deste modo] *aos que a veneram e a invocam com fé e confiança, N. Sra. Aparecida sempre tem socorrido nas horas difíceis e trabalhosas.* [Para tanto] [...] *a atestar a sua misericórdia as muletas, os óculos, as fundas, as dentaduras, as pernas, braços, peitos e cabeças de cera, [...], além das inúmeras pinturas, desenhos e retratos, uns recordando graças alcançadas, outros oferecidas em sinal de gratidão e eterno reconhecimento. Ali* [na Sala dos Milagres] *se encontram retratos de ricos, de pobres, de sacerdotes, de médicos, de advogados, de professores e de professoras em grande número, de militares, de indivíduos, de famílias, de criancinhas, enfim de todos os que se reconhecem devedores de gratidão para com N. S. Aparecida*".[513]

Deste modo, a Padroeira e o seu Santuário era o centro de convergência aos quais todos demandavam; ali as diferenças não existiam, pois "[...] *todos* [...] *se reconhecem devedores de gratidão para com N. S. Aparecida*", mãe e protetora no momento de crise e de instabilidade no plano secular, ela era invocada para enfrentá-los.

Assim, no texto que abre a série de relatos e imagens de ex-votos, em 1940, há a chamada "Nossa boa Mãe, a Virgem Aparecida socorre prontamente a todos". Na seqüência informa-se que

> "[...] [as] *graças e favores concedidos pela Virgem Aparecida e seus devotos filhos que a invocam nos duros transes de sua vida*, sendo por Ela prontamente atendidos". [Repetem-se os argumentos de que

---

[511] VELLOSO, Maria Bethânia. *Cânticos, Preces, Súplicas à Sra. dos Jardins do Céu*. Rio de Janeiro, *CD*, Biscoitofino, 2004, 14 faixas. Nesse particular penso que falta um trabalho de fôlego sobre a produção artística do cancioneiro popular, por ex. o compositor Renato Teixeira, autor de *Romaria*; e da indústria cultural, como o cantor Roberto Carlos, sobre Maria e em particular N. S. Aparecida. Nesses anos de pesquisa coletei um expressivo acervo de canções sobre N. S. Senhora principalmente a chamada música de raiz: a canção caipira e/ou sertaneja.

[512] VELLOSO, Maria Bethânia. Op. cit., 2004, cit. faixa 10.

[513] *ANSAp*. Aparecida, 1933, pp. 48-52; cit. p. 48, itálicos meus.

as nações], [...] *glorificam os seus Santuários de Maria*, por ex. Lourdes [França], [Fátima Portugal], [Pilar [Espanha], Pompéia, Loreto [Itália], etc., Santuários célebres para onde acorrem às multidões com o fim de obter favores ou de render graças [...] à [Maria]. [Assim, no Brasil, Maria escolheu] [...] a bela e risonha colina que se ergue graciosa *perto do rio Paraíba, entre as duas grandes capitais Rio e São Paulo*. [Deste modo], atendendo ao apelo de *brasileiros reunidos aos milhares em Aparecida*, e aos pedidos de ilustres *Prelados de nossa Terra, a Santa Sé*, inspirada por Deus, *declarou oficialmente N. S. Aparecida Padroeira e Rainha do Brasil*. [É com esse nome e título que Maria] [...] se apraz em espargir os seus favores entre os filhos da grande Pátria brasileira".[514]

Entre os muitos prodígios relatados há os mais recorrentes; eles se referem às doenças e aos acidentes dos devotos em vários níveis. Além destes, há outros que serão analisados, como os que se reportavam e tinham um "semblante metafísico". *Porém, todos têm um traço em comum, cujo núcleo remete ao aspecto material e ao terror humano à morte.*

Muitos dos milagres em decorrência de acidentes – esta palavra tem vários significados: *alteração, variação, modificação, imprevisto* –, tinha como conseqüência o comprometimento da saúde e colocava em risco a vida dos protagonistas.

Procurei deixar consignado, o mais possível, o nome das pessoas que relataram as suas graças. Acredito como os historiadores Eric Hobsbawm e George Rudé[515] que muito dos depoentes, talvez todos, jamais emergiriam à história a não ser nos momentos dos seus nascimentos, casamentos e nos registros de óbitos. Em inscrições de uma contabilidade que apenas conta as pessoas ou as almas, e tem por fim o número e não o homem, como é o caso da sociedade liberal de massa, o nosso mundo presente.

Das suas vidas e das suas existências essas pessoas deixaram apenas rastros; fiapos que são esses fragmentos inscritos nos seus relatos – as narrativas e os artefatos imagéticos: fotografias e pinturas – revelavam as vicissitudes às quais passavam no seu cotidiano. Os depoimentos os

---

[514] *ANSAp*. Aparecida, 1940, pp. 17-26; cit. p. 17, itálicos meus. A divulgação das graças visavam apenas, seguindo os editores a "publicar alguns favores que são mais detalhados e que mais contribuem para afervorar nos corações a devoção e a confiança na proteção de N. S. Aparecida", p. 17.

[515] HOBSBAWM, Eric. e RUDÉ, George. *Capitão Swing. A Expansão Capitalista e as Revoltas Rurais na Inglaterra do início do século XIX*. [1969]. Rio de Janeiro, F. Alves, 1982, 369p; pp. 13-21 Quando aluno de graduação na USP num curso de Brasil Colônia ministrado pela professora Ilana Blay travei acerba discussão sobre o tipo de historiografia praticada por autores com Jacob Gorender de *Escravismo Colonial*. Neste tipo de autor o que conta é o *sistema*. O meu contra-argumento a esse tipo de abordagem – centralmente *estruturalista* – era justamente esse texto dos historiadores Rudé e Hobsbawm e o de E. P. Thompsom sobre Althusser. Para Thompsom, Rudé e Hobsbawm é o homem e as suas ações que são os objetos da história. A professora Ilana era um exemplo de docente: ensinava os seus alunos e aprendia com eles. A sua pesquisa de doutorado é a síntese desse processo: oriunda de uma abordagem marxista-estuturalista da historia, ela operou o salto – em evento público, ouvi da professora Maria Odila Leite da Silva Dias a constatação na mudança desse ponto do paradigma estruturalista na produção da sua orientanda –, com a incorporação dos homens e das suas ações nos embates, nos "fluxos e refluxos" – expressão tão cara à professora Ilana, como cerne das preocupações do historiador. Conferir: BLAY, Ilana. *A trama das Tensões; O processo de mercantilização de São Paulo colonial [1681-1721]*. São Paulo, Humanitas/Fapesp, 2002, 396p; especialmente pp. 212-257. A historiadora deu o salto em relação à abordagem estruturalista, mas permaneceu adotando os aportes conceituais hauridos da tradição marxista; veja-se: Op. cit. pp. 299 ss.

plasmavam, num plano mais geral, em situações e em ambientes os mais rotineiros possíveis. Mas também em circunstancias menos prosaicas, como vincaremos na exposição.

Havia uma evidente intenção em relacionar os relatos prodigiosos de Aparecida aos contextos históricos mais gerais, como se constata neste texto que antecedia as narrativas prodigiosas em 1942. Lembremos que a partir de agosto deste ano o país passou a integrar o grupo de países que iria combater na Europa. Nestes termos:

> "*existe neste mundo um poder que se introduz e intromete na vida de todos os homens* transpõe o liminar luzido dos palácios grandes tão bem como a soleira do pobre do tugúrio dos destituídos de fortuna; impera sobre reis e vassalos, imperadores e súditos: *esse poder é a dor. Maria*, a segunda Eva, *devia repor o dano causado* pela primeira; esta trouxe-nos a dor por sua desobediência; aquela *trouxe o bálsamo*. [...] *a intervenção de Maria [...] nos sofrimentos corporais e espirituais* de seus filhos. [...]. [Ora] *o homem tem irresistível aversão ao sofrimento*. [...]. Porém a dor é um fato, uma conseqüência do pecado. [...]. Quem o levantará [o homem], quem o consolará [...]?. *Ele mesmo rejeita, nos paroxismos de sua dor, qualquer consolação; torna-se solitário, inatingível*. [...]. *É aí que a meiga Rainha do céu faz suas as dores de seus filhinhos*; e *Ela sabe sofrer, aprendeu-o na noite de Belém*, aprendeu-o nos anos do Egito, [...], [aprendeu] *à medida que se iam cravando em seu terno coração mãe as 7 espadas de dor*. [Assim Maria] *compreende o coração humano como ninguém mais* [...]. Basta que os homens [a espécie] a Ela *recorram com amor e confiança*. [Deste modo, cotidianamente temos]: *é a confiança do menino* inocente, *da menina* cândida a quem os pais cedo ensinaram a amar a Mãe do Céu e recorrer a Ela; é a confiança *do jovem* a braços com as paixões nascentes; é a confiança *da mãe* cristã nas dificuldades domésticas; é a confiança *do homem* na luta pela vida; a confiança *do pecador* quase a desesperar; a confiança *do moribundo* [...]. [Nestes termos] [...] *Maria se compraz em socorrer a todos*. [...]. *Maria ouve a todos e em toda parte; mas é principalmente em seus santuários que Ela esparge a mãos largas os benefícios de que Deus a fez dispensadora*. [Assim, no] [...] *Brasil Ela "apareceu" no rio Paraíba* e [...] [sob o] *título de "Aparecida" protege, do trono [...] que a piedade brasileira lhe edificou no altar duma colina santa, o povo deste país imenso*. [Porém] *estende seu manto*, não somente sobre os que têm a ventura de lhe visitar o santuário, mas *também sobre aqueles que, separados pela distância, a Ela se dirigem*".[516]

Não obstante esses argumentos teológicos cujos nexos cobrem um largo espectro discursivo que vão desde a ubiqüidade da divindade "na vida de todos os homens", os vários prismas como o: o sacrifical da dor maternal de Maria que *purgou* no seu ser à perda do Ungido. Ela o fez *resignadamente* na *noite* da sua existência. A purga marial indica o nexo da sua condição divina: vaso-humana que serviu de depósito à vontade do Onipotente. Purgar também indica um itinerário de pureza: limpar, livrar-se de que é nocivo, tornar-se ileso.[517] Assim, apontando o laço entre sacralidade e pureza. Outro prisma é o da capacidade de Maria em compreender "o coração humano", este o *locus* dos afetos e espaço da solidariedade. Assim, ela que emergiu ao panteão cristão justamente por sua condição de Mãe, sabia do horror humano "ao sofrimento", solidariza-se

---

[516] *ANSAp*. Aparecida, 1942, pp. 43-48; cit. p. 43, itálicos meus.

[517] DERRIDA, Jacques. "Fé e saber. As duas fontes da "religião" nos limites da simples razão". In: _____. *et* VATTIMO, Gianni. [Orgs]. *A Religião*. [1996]. Lisboa, Relógio d'Água, 1997, pp. 9-93. Em várias passagens deste ensaio, Derrida, citando diversas fontes, como E. Benveniste em *Le Vocabulaire des institutions indo-européennes*, pp. 37 ss.; Cícero, pp. 54 ss; a filosofia de Martin Heidegger, nota 5, p. 26 ss., elas se reportam à essa *condição do divino como aquele não tocado*, e relativo à "sacralidade, ou ainda da santidade, do indene são é salvo [heilig, holy]", cit. p. 53.

quando o imprevisto se abate sobre os homens – como naquela quadra da história, 1942, da barbárie originada na cultuada Europa, que destroçava corpos humanos para regar as suas artérias com o sangue humano.

Nestes termos, ser devoto é ter "fé", fiar-se, crer - fiduciário; crédito em termos do modelo econômico capitalista – conforme indicou J. Derrida - a "fiabilidade, o ato de fé se combinarão sempre". Com isso indicamos a relação entre religião e política; e a dificuldade de se "isolar ou *pretender* isolar o *político*, para nos limitarmos a essa circunscrição, continuam a ser religiosos ou em todo o caso teológico-político".[518]

Ora, naquele contexto o quadro histórico era de uma guerra mundial. Por um lado, o sistema capitalista de mercado e regime liberal de governo, e por outro fé haurida nos valores do catolicismo e na intervenção mariana às vicissitudes que se abatiam sobre homens e mulheres.

Nestes termos, valores cristãos e sistema capitalista de mercado se imbricam, atando-se num pastoral cujo escopo é a dominação social.

Veremos no transcorrer dos relatos dos devotos que creditavam à Aparecida a solução dos seus problemas mais prementes, como aqueles relativos aos trabalhadores submetidos a jornadas de trabalhos e a condições de segurança que colocavam as suas vidas e integridade física em risco permanente, que eles demandavam a intervenção divina, pois não tinham na sociedade do contrato[519] – *conditio sine qua non* do regime liberal – garantias mínimas.

Sendo o homem falível, a imperícia é uma das constituintes da condição humana. O divino, diuturnamente em sentinela, vela pela integridade humana: assim se revelando um amplíssimo campo de contato entre capitalismo liberal e cristandade católica, cujas manobras constatamos quando hierarquia e elite leiga se irmanam acusando os trabalhadores de relapsos ou sacrílegos, [520] conforme relatos à frente.

---

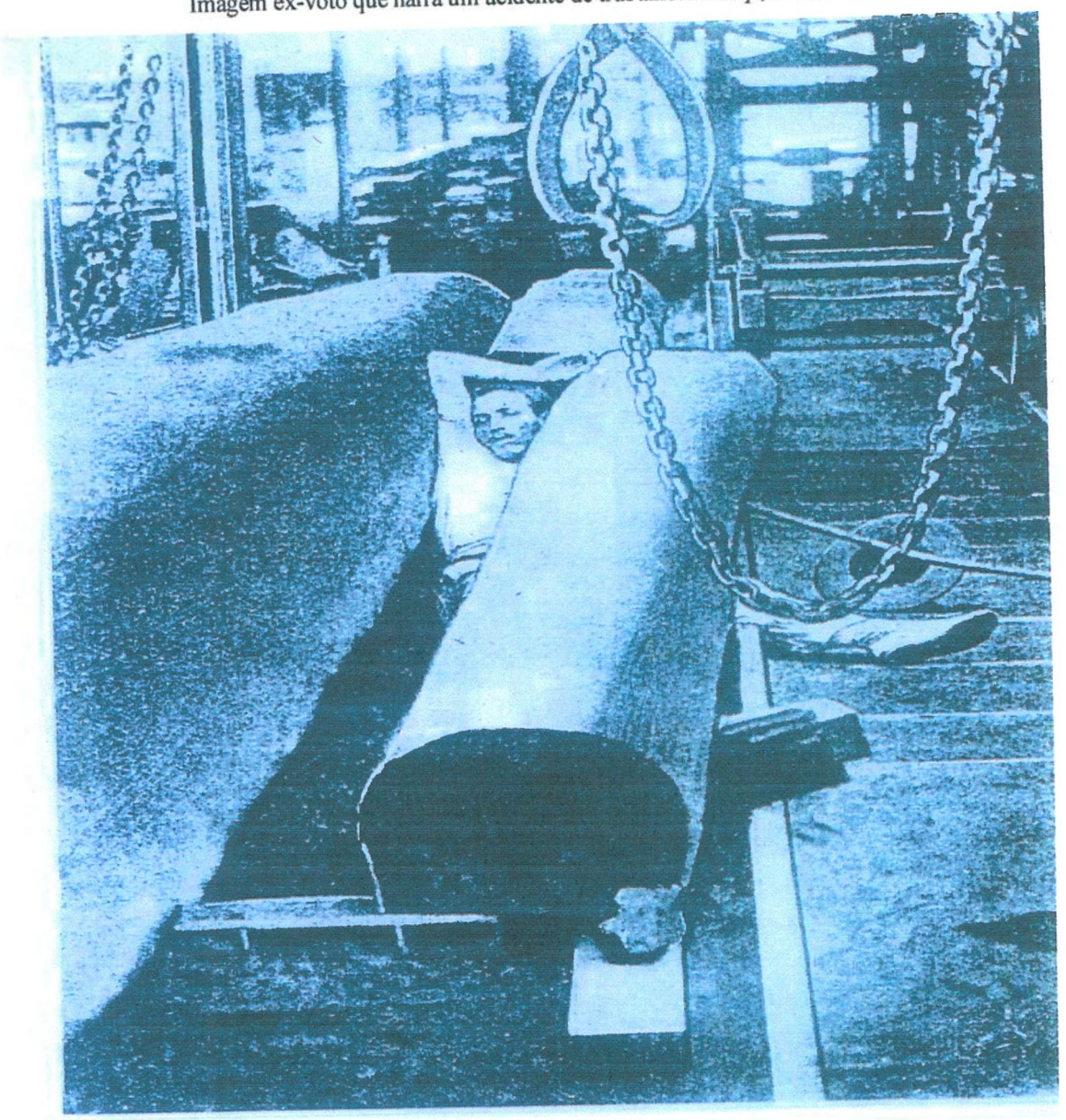
[518] DERRIDA, Jacques. "Fé e saber. As duas fontes da "religião" nos limites da simples razão". In: _____. *et* VATTIMO, Gianni. [Orgs]. *A Religião*. [1996]. Lisboa, Relógio d'Água, 1997, pp. 9-93; cit pp. 11 e 41, respectivamente, itálicos no original.

[519] MACPHERSON, C. B. A *Teoria Politica do Individualismo Possessivo. De Hobbes a Locke*. Ro de Janeiro, Paz e Terra, 1979, 318p;

[520] O historiador Eric Hobsbawm é quem alerta para que os trabalhadores não esperem nada dos políticos liberais, ou daqueles que comungam os credos protestante ou católico, ao fim e ao cabo, cristãos: eles estão "sempre ansiosos para comentar os abusos dos reitores das paróquias [...] das aristocracias rurais, as vantagens do comércio livre e *em oferecer um paliativo* de suas próprias cidades, freqüentemente *mostram-se indiferentes com relação aos fatos da vida dos trabalhadores* – o que refletia tanto *desinteresse* como a virtual e *total falta de conhecimento*" dos problemas do que afligiam os trabalhadores. HOBSBAWM, Eric. e RUDÉ, George. Op. cit., 1982, p. 14, itálico meu.

e.2] Imperícia Humana e intervenção sobrenatural. O imprevisto e o terror humano à morte: N. S. Aparecida age.

Imagem ex-voto que narra um acidente de trabalho. *ANSAp*, 1928.[521]



Segundo o texto que acompanha a narrativa visual do ex-voto do operário "Joaquim Lopes Goulart" que sobre o acidente na "Rede Sul Mineira", ele "foi apanhado por enorme touro de madeira que escapou do guindaste. Tendo invocado a proteção de N. S. Apparecida foi miraculosamente salvo [...]".[522]

[521] ANSAp. Aparecida, 1928, p. 56.
[522] ANSAp. Aparecida, 1928, p. 56.

Na *ANSAp* do ano de 1931 foi publicada uma estampa de N. S. Aparecida semiqueimada, em decorrência de um incêndio em vagão de trem da Rede Sul Mineira em Soledade. Assim, em 31 de dezembro de 1929 houve um sinistro e

> "todas as mercadorias [transportadas] foram reduzidas a cinzas. [...], alguns empregados da via férrea retiraram das brasas um pacote de folhinhas, que não foi destruída pelo fogo [...]". [Nestes termos] mais uma vez a milagrosa padroeira do Brasil veio provar à incredulidade humana o seu grande poder. Devemos, [...] quer nas horas de angústia, ou de alegria, quer nas horas de fausto, ou de indigência, suplicar, cheios de fé e de confiança, à dulcíssima Mãe Aparecida, que reina a paz em nossos lares [...]".[523]

Outros acidentes com carros que colocavam a vidas dos devotos em perigo eram de vários tipos como os de Ozório Vicente Domingos e o do coronel Bento Leite de Camargo, e os registrados nas quatro imagens divulgadas no ano de 1927, quando se agradecia sem especificar as dádivas recebidas.

Em uma dessas imagens, narra-se sobre um acidente com um animal que parece ser um "burrico" que foi lançado ao chão e com as patas para cima, numa ponte sobre um curso de água e no canto superior direito uma imagem de Aparecida pairando sobre o conjunto pictórico. O acidente de um ferroviário, Joaquim Lopes Goulart, da "Rede Sul Mineira" que "foi apanhado por enorme tora de madeira que escapara do guindaste", um quadro narra o evento dramático.[524]

Há o relato de Severino Soares da Silva e sua mulher Noemia Ramos da Silva acidentados com "um carro Ford". Porém, "a N, S. Aparecida, mãe protetora" intercedeu nesse evento gravíssimo e nada de mais sério ocorreu com o filho do casal.[525]

No ano de 1929 há a imagem fotográfica de um acidente com um trem descarrilado no qual o "maquinista M. Rodrigues [que] nesse momento angustioso, e na sua fé sincera de crente, apelou a Santíssima Virgem da Aparecida chamado pelo Seu Nome e obteve a graça de salvar sua vida e a do respectivo foguista Francisco Ferreira que consigo viajava". Outra graça divulgada neste ano foi à narrada por David Mortimer Goulart a respeito do seu filho João Ignácio Goulart. João Ignácio sofreu, juntamente com a sua mulher, um grave acidente de automóvel.

---

[523] *ANSAp*. Aparecida, 1931, p. 42. Junto à imagem semi-avariada de Aparecida há a fotografia de um vagão de trem destruído pelo fogo, em meio aos escombros dois homens, um deles segura a mesma imagem chamuscada. Quando eu fiz pesquisa no ACMAp, em 2003, encontrei essa imagem de Aparecida na documentação do acervo.

[524] *ANSAp*. Aparecida, 1927, pp. 59-62.

[525] *ANSAp*. Aparecida, 1928, pp. 56-57 para os dois eventos citados. As cidades dos eventos são dos Estados de Minas Gerais e de São Paulo.

Segundo João Ignácio, N. S. Aparecida agiu no "momento angustioso", salvando várias pessoas e todos não "sofreram o menor arranhão".[526]

Outro acidente relatado com uma imagem na qual se destacava, "um grande milagre de N. S. Aparecida" que intercedeu quando "caiu da torre da igreja, de 40 metros de altura, e foi salvo, ficando suspenso a um andaime, a ser pronunciado o nome de N. S. Aparecida".

> "Trabalhavam na torre da Matriz dessa cidade [de Caçapava] vários operários, numa altura de uns trinta [30] metros, quando Ricardo Vachelli se perdeu, pisando em falso, e veio de cabeça para baixo. Não havia nenhum andaime em sua passagem; apenas um pau dividia essa altura de 30 metros. Vendo eu este desastre, gritei por Nossa Senhora Aparecida. E graça se fez, não há dúvida alguma; porquanto, após uma queda de uns 12 [doze] metros, de cabeça para baixo, como poderia Ricardo ter tino para segurar-se numa única travessa, e sem sofrer uma lesão qualquer!"[527]

Acidentes com carros de atração animal e com caminhão automotor, descarrilamento de vagões de trens; acidentes com crianças que foram salvas de afogamento, de queimadura e retiradas de poços artesianos.[528]

Desastres com engrenagens mecânicas que afetavam os operadores em Engenhos; acidentes de trabalho de operários como o que João José Vidal foi vítima, também foi narrado. Ele era trabalhador da

> "estrada de rodagem Rio-São Paulo, aconteceu [o acidente] [...] que se deslocou do alto de um corte um bloco de pedra caindo sobre [ele]. Apesar de imprensar o corpo todo com exceção da cabeça, João só sofreu uma pequena luxação no fêmur. *Só pelo poder de N. S. Aparecida, a quem invocaram os operários quando desprendeu-se a pedra enorme, ele pode salvar-se*".[529]

Em 1933 há vítimas de acidentes de automóveis; crianças que ingeriram artefatos: "[...] um broche de ouro, *aberto*, e mais cinco medalhinhas de prata e ouro"; menino que "engoliu [...] prego – é um grampo de cerca de arame"; acidente de trabalho de um ferroviário da Central do Brasil que caiu de uma "[...] locomotiva [...] em pleno movimento"; tendo todos obtido o livramento por meio

---

[526] *ANSAp*. Aparecida, 1929, pp. 38-39; cit. p. 38. Outros milagres de Aparecida, três [3], em relação aos acidentes automobilísticos são citados à p. 39. **Outro milagre relacionado com as máquinas** é o que Alexandre de Siqueira relata. Empregado de uma fazenda ele foi "arrumar a correia do elevador, a dita correia pegou-se desde a mão até ao ombro já dando muitas voltas: gritei por "N. S. da Conceição – Aparecida" que me livrasse de tão terrível morte o que deu lugar a que por um grande milagre rebentasse instantaneamente o eixo motriz dando tempo a que pessoas presentes fossem tirar-me!!!", p. 39. O descarrilamento deu-se em Barra Mansa, RJ. Os milagres com carros são de devotos de Três Corações, MG; São Paulo, SP e Birigui, SP.

[527] *ANSAp*. Aparecida, 1929, p. 97. A narrativa é do pároco de Igreja matriz da cidade paulista de Caçapava, pe. José B. Alves Monteiro. À base do texto citado há uma "nota do redator": – "eis aqui *uma graça verdadeira e extraordinária, muito deverá contribuir para aumentar a grande confiança que o nosso povo católico sempre tem depositado na Santíssima Virgem Maria sob a invocação de Senhora Aparecida*"; cit. p. 97, itálico meu.

[528] *ANSAp*. Aparecida, 1930, [7 págs. não numeradas], cit. p. s/nº.

[529] *ANSAp*. Aparecida, 1931, p. 48; itálicos meus. Na *ANSAp* do ano de 1932 não houve a publicação dos milagres de Aparecida. Relatou-se uma espécie de contabilidade do "movimento espiritual da paróquia", p. 19, e da Basílica no qual se informa sobre o número de comunhões, primeira comunhão, batizados, casamentos etc.

de Aparecida. Quem recorria à Aparecida, em termos numéricos, majoritariamente, eram as mulheres. Principalmente as mães.

Mas também homens do campo como os "roceiros" - a expressão é do periódico -, ou o devoto carioca, "despachante municipal", vítima de acidente de carro que tivera o seu rim comprometido a ponto de ter sido desenganado "[...] pela medicina alopata". Por várias vezes "já trouxeram a vela para ser colocada na mão do agonizante nos estertores da morte. [Mas] *graças à proteção milagrosa de N. S. Aparecida, sempre invocada com fé pelas pessoas de minha família, fiquei fora de perigo* [...]".[530]

No momento de aflição e "desespero invocou N. S. Aparecida",[531] de acordo com relato Ezequias Vasconcelos, que ano de 1934 teve a sua graça divulgada, como uma das cinco pessoas que foram vítimas de acidentes com carros, bonde, etc. Ou o perigo iminente de vida, como o ocorrido com L. de Araújo que teve a vida ameaçada "por uma grande onça [...] [e quase foi] tragado pela fera".

O relato enfatiza que após o grito de desespero, algo que aos olhos humanos era impossível ocorreu: a fera selvagem tomou outro caminho; ou o caminhão que se lançava num precipício fica em suspensão; o carro que se projetara "ladeira abaixo [...] parou subitamente [...], [sendo não que havia] nenhum obstáculo natural para impedi-lo tão bruscamente na sua fuga para o abismo".[532]

Casos de crianças que engoliram prego, outras caíram em cisternas ou algumas que foram salvas de incêndios são relatados. Destacam-se dois relatos de guerra, um individual e outro coletivo: eles eram de combatentes de 1932. O soldado M. Rodrigues do "1º B. F. P", informa que salvo por Aparecida, quando

> "na campanha na qual eu fui atacado por um avião, que deu 3 rajadas de metralhadora, e nesse momento chamei por minha poderosa Mãe [Aparecida], e fui salvo. [Já o relato coletivo era o do] P. C. do Batalhão 12º R. I., [que tiveram a] proteção visível de N. S. Aparecida [quando se lançou sobre eles] "schrapnel", [mas o mesmo] enterrou-se, ficando com o fundo do copo na flor da terra! Sua explosão teria sido a morte de todos!".[533]

A declaração coletiva de reconhecimento à Padroeira foi feita por "Cap. Celso de Melo Resende; Ten. Olavo Amaro da Silveira; Ten. Otaviano de Paiva; Ten. Raimundo Lins de Vasconcelos Chaves; Ten. Ari Lopes; Acad. Otaviano de P. de Andrade; Ten. Raimundo Alinto Machado; Sold. Fernando M. Figueiredo, e outros". Já os milagres referentes ao ano de 1935, eles estão relacionados com acidentes, e são em número de onze, referiam-se a automóveis, animais,

---

[530] *ANSAp*. Aparecida, 1933, pp. 39-45; cit. p. 49.
[531] *ANSAp*. Aparecida, 1934, p. 44.
[532] *ANSAp*. Aparecida, 1934, p. 44.
[533] *ANSAp*. Aparecida, 1934, p. 45. Junto ao relato, fotos tanto do soldado M. Rodrigues quanto dos membros do "P. C. do Btl. 12º R. I.".

fenômenos naturais etc. Os seus protagonistas são homens, mulheres e crianças. Há uma forte presença de crianças que foram agraciadas. E o foram por meio da rogação dos seus pais e mães.[534]

O roceiro José Maria narra sobre o acidente que lhe sucedeu. Diz que como era o costume e no tempo próprio fez um

> "roçado em suas terras, ateou-lhe fogo". [Mas as chamas escaparam do seu controle, tendo passando] [...] para o mato de *um seu parente* H. *Esse ficou muito enraivecido e, armado de um podão e uma faca*, avançou contra *José Maria* que, segurando o podão[535], *não pode desviar o golpe do facão que o feriu gravemente no rim esquerdo*. Mas *gritou por N. S. Aparecida* [...]. Nossa Senhora lhe valeu e ficou livre do perigo".[536]

Articulava-se ao prodígio anterior o acidente a seguir: com o título "Deus não deixa zombar de sua Mãe – um sacrílego castigado" reproduz matéria publicada num periódico da cidade de Campinas, São Paulo. Trata-se de um acontecimento ocorrido no dia 16 de dezembro de 1934 na cidade mineira de São Sebastião do Paraíso, cujo protagonista foi um trabalhador manual, o mecânico de nacionalidade tcheca João Zievarik. A cidade mineira naquela data havia realizado

> "uma procissão em homenagem à Padroeira do Brasil, N. S. Aparecida, de quem quase toda a população daquela cidade é devota. *Ao passar o cortejo religioso em frente às oficinas, onde trabalha João, em voz alta este se pôs a gracejar da Santa e dos que tomavam parte na procissão arremedando-lhes os gestos com sarcasmo.* [...]. [Em seguida], *acometido de uma fúria sacrílega, o mecânico lançou mão de uma pequena imagem de N. S. Aparecida, existente na oficina, e, colocando-a sobre uma bigorna, despedaçou-a com uma martelada.*[537]

Após o ato sacrílego do estrangeiro, imigrante e operário manual – há vários nexos na intenção dos editores quando ressaltam a nacionalidade e a condição social de João Zievarik – gerou "protesto" dos seus pares. Assim, logo depois, ao retomar a sua rotina de trabalho, o mecânico tinha por tarefa concertar um tanque de gasolina. Ao iniciar a solda do depósito de combustível houve uma explosão ruidosa, e o tampão do tanque "[...] *apanhou em cheio o rosto do mecânico* que caiu por terra. [...]. Caído ao solo, *tinha ele o rosto completamente mutilado, pela fratura dos maxilares, um olho vazado e a língua em farrapos*, apresentando um semblante horroroso".[538]

A narrativa é concluída informando que se trata de "um castigo da Santa Padroeira do Brasil" ao mecânico "pelo reprovável gesto que praticara". E arremata com o seguinte augúrio: "[...] está ele passando mal, esperando-se a todo o momento seu desenlace".

---

[534] *ANSAp*. Aparecida, 1935, pp. 43-50. Neste ano os milagres publicados eram datados dos anos de 1912, 1914, 1917, 1919, 1927, 1930, 1932, 1933 e 1934; são de devotos dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

[535] Tesoura de poda. Instrumento cortante recurvado para cortar madeira, podar árvores etc.

[536] *ANSAp*. Aparecida, 1935, o relato e fotografia do agraciado encontram-se à p. 44, itálico meu.

[537] *ANSAp*. Aparecida, 1935, p. 50, itálicos meus.

[538] *ANSAp*. Aparecida, 1935, p. 50, itálicos meus. J. Zievarik estava internado no hospital do Circolo Italiani Uniti de Campinas.

Não obstante, os dois eventos relatados têm na violência o elo engendrador que os articulava. Ela era um elemento que cingia os fiéis à divindade.

Assim, relata um devoto goiano da cidade de Catalão, ele declara ter sido "[...] *preso inocentemente*. [...] [fui] *espancado barbaramente, recorri a todos os meios humanos, porém tudo em vão. Graças ao poder N. S. Aparecida* apareceu-se um amigo leal e aconselhou-me a fazer promessa; 3 dias depois se apresentou o verdadeiro criminoso e recuperei a liberdade".[539]

Violência e sagrado têm sido objeto da preocupação de autores como René Girard. Ele analisa o problema a partir das narrativas míticas. O operário manual acima referido havia desrespeitado o rito que a comunidade havia celebrado à sua divindade maior, a Padroeira da nação. Não respeitou "[...] *o que deve ser feito* [a partir da instrução da hierarquia] *e não ser feito*. [...]. Quando os homens negligenciam os ritos e transgridem as interdições, estão literalmente provocando a violência [...]".[540] Ora, o mecânico tcheco João Zievarik provocou a Cólera divina,

> "[...] sua justiça é verdadeiramente implacável, sua imparcialidade realmente divina, pois ela se abate indiscriminadamente sobre todos os protagonistas: ela e a reciprocidade são a mesma coisa, coincidindo com o retorno automático da violência sobre aqueles que desgraçadamente recorrem a ela, imaginando-se capazes de dominá-la".[541]

Em relação ao roceiro José Maria a violência da qual foi objeto atravessava "[...] toda a organização social, surgindo nos setores menos reguladores da vida, como as relações lúdicas, e projetando-se até a codificação dos valores fundamentais da cultura".[542]

Recorrer à divindade, invocar-lhe e *gritar* à sua proteção no momento angustioso no qual as suas vidas achavam-se em perigo iminente, como fez o nosso depoente era uma prática comezinha. Maria Sylvia Carvalho Franco na sua análise da violência costumeira cita um documento do século XIX no qual "[...] a mulher de Antônio dos Santos *gritou por Nossa Senhora d'Aparecida*",[543] depois de ver um homem espancado e ensangüentado, ele que fora golpeado por foice por um vizinho.

Nestes termos, *sendo atributo divino ou não, e uma das constituintes chaves da condição humana*, **a violência** *mostra toda a sua potência na tessitura das relações sociais.*

---

[539] *ANSAp*. Aparecida, 1938, p. 29, itálico meu.

[540] GIRARD, R. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo, Paz e Terra, 2ª ed., 1998, 410p; cit. p. 325, itálicos no original.

[541] GIRARD, R. Op. cit, 1998, p. 325 e ss., respectivamente.

[542] FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo, IEB, 1969, 249p; cit. p. 24. Especialmente, pp. 19-60. A documentação compulsada pela pesquisadora foi originada no Vale do Paraíba, na comarca de Guaratinguetá nas proximidades do Santuário de Aparecida. As suas fontes se referem ao século XIX. Assim, *o relato do roceiro João Maria em 1935 aponta a permanência da violência na tessitura das relações comunitárias ainda no segundo quartel do século XX*.

[543] FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. Op. cit., 1969, p. 22, itálico meu.

Em 1936 adultos e crianças narram acidentes tanto no espaço doméstico quanto nas ruas. Criança que ingeriu desde elementos sólidos como um pedaço de madeira ou produto químico – soda caustica; ou o caso de uma mulher do Paraná

> "que usa dentadura com chapa, deitou-se com ela e quando acordou já estava com a dentadura na garganta e não teve recurso senão engoli-la. Ficou parada na boca do estômago e [...] começou a passar mal. [Assim, depois de "voto" e pedido de Augusto T. Rimes, devoto da Padroeira, para livrar a mulher] [...] foi atendido, pois poucos dias a dentadura passou pelo estômago e foi expelida [...]".[544]

Acidentes com armas de fogo são citados e acidentes de trabalho são relatados em 1940.[545] Deste modo, narra o operário braçal Benedito Rezende, de Itaporanga São Paulo, o que lhe sucedeu:

> "*estávamos*, uma turma de 22 duas pessoas, *trabalhando numa nova construção. Deu-se* então *um desastre*; *caiu um barranco de 8 metros de altura em cima de mim e de um camarada de nome Marcelino*. Quando o barraco vinha caindo, *levei os braços ao rosto e gritei por N. S. Aparecida*. *Senti que a terra se partiu*, mas *ficamos soterrados debaixo dum metro e oitenta centímetros de terra*. O povo acorreu e trabalhou com toda a pressa *para nos desenterrar*, o que *conseguiram 35 minutos depois. O companheiro* [Marcelino] *infelizmente estava morto*; *eu fui milagrosamente protegido e saí salvo e sã*, embora muito fatigado."[546]

Este relato sintetiza outros referentes aos acidentes de trabalho, nos quais aparece a intervenção divina de N. S. Aparecida.

São situações nas quais, conforme se infere das descrições, escapavam ao controle ou apontavam imperícia humana.

Os trabalhadores eram submetidos a uma rotina de trabalho cujas condições lançavam às suas vidas a perigos iminentes. O operário que no momento trágico "gritou" pela intervenção divina "sentiu" que a massa de terras que se precipitou sobre ele "se partiu", indicando o prodígio da divindade que o deixou ileso num acontecimento que teve um desfecho fatal para o seu camarada Marcelino – que não invocou a intervenção de Aparecida?

Os acidentes de trabalho continuam a ser descritos, mas uma novidade aparece na seleção dos relatos. Trata-se de religiosos que invocam Aparecida na hora de aflição.

Assim, há uma extensa descrição de um acidente ocorrido com um operário e um mestre de obras que trabalhavam na construção de um colégio católico na cidade mineira de Campo Belo. O fato ocorreu no dia "21 de dezembro de 1930". No transcorrer dos trabalhos desse dia houve a quebra do

---

[544] *ANSAp*. Aparecida, 1936, p. 51. Além desse depoimento do Paraná, há um de Pernambuco. Mas o grosso dos relatos de dádivas são de devotos dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, e centralmente das cidades próximas ao Santuário.

[545] *ANSAp*. Aparecida, 1940. Acidentes com armas de fogo, pp. 20 e 30; acidentes de trabalho, pp. 21, 22 e 23. Na *ANSAp* de 1938 há relatos de devotos que foram acudidos por Aparecida, pois foram vítimas de armas de fogo; cf. pp. 28-29.

[546] *ANSAp*. Aparecida, 1940, p. 21, itálicos meus. Junto à narrativa do operário Benedito há uma fotografia que reproduz a cena do acidente.

"[...] suporte do andaime, arrastando consigo o melhor operário e o mestre de obras. [...]. As vítimas jazem sobre os blocos de pedras, tábuas e sobre o peito e a cabeça [dos trabalhadores]. [Após] [...] os primeiros momentos de horror e pasmo, correm os colegas em seu auxílio e avisam o Vigário [...] sobre o ocorrido. *O sacerdote, na aflição do momento, só arranca do peito o grito*: "*N. S. Aparecida*" e corre para o lugar do acidente. [...]. [Em seguida as] *vítimas* [...] [foram] *recolhidas e sob os cuidados médicos* [...] que com grande presteza pontificaram seu auxílio. O mestre de obras, depois de 20 minutos, voltou a si apresentando leves *abalos cerebrais*, *contusões tórax* e um *profundo talho na língua*. A sorte do operário é mais triste. De aspecto exterior menos assustador, mergulhado, porém, em *profunda síncope* e com o *rosto desfeito* e a *vista intumescida*, apresenta todos os sintomas duma fração crânio médio. [...]. [Atendidos na] Santa Casa de Misericórdia [...]. Passam-se horas angustiosas. O diagnóstico dos médicos [...] é unânime: "o caso é perdido, o moço poderá sobreviver apenas duas horas. [...]. Mas, nestes momentos de aflição geral, sentem-se o Vigário e as irmãs [mantenedoras do colégio] invadidas de uma grande confiança em N. S. Aparecida. Ela há de ajudar, há de fazer o grande milagre e salvar esta vida em jogo e principalmente a pobre alma em triste estado. [...]. Seguem-se as horas, angustiosas, pesadas como as chuvas de Natal que incidiam [naqueles dias]. O doente, em delírio, revolta-se contra o [seu] estado; a natureza luta contra o extermínio o extermínio e estes ímpetos da vida dão lugar a dolorosas angústias. [...], parece tudo perdido. [...]. Do meu coração [neste trecho do relato quem fala é a religiosa que cuida do operário no hospital] arrancou-se o grito de piedade a N. Senhora. Mas uma vez, vence o moribundo a fraqueza. [...]. Cada novo dia é um milagre da misericórdia divina, [...], e os médicos o afirmam. [Porém, outros prodígios se anunciavam].[...] dois irmãos do enfermo [...], querem celebrar o Natal com Deus e fazer a sua primeira comunhão. Trazem ainda um amigo. [...]. [Eles vão] pedindo misericórdia para o irmão que, dia após dia, está entre a vida e a morte. [Mas, já nos primeiros dias de janeiro de 1931], desaparece o perigo de morte, mas ameaça o perigo de desequilíbrio mental. [...]. O doente já fala, alimenta-se, reage, mas sem associações de idéias, sem equilíbrio mental. [...]. [Ele acaba ficando em estado de] torpor. [O relato é encerrado informando que] o mestre das obras já está inteiramente de posse de suas forças, à frente do serviço. O operário também já anda, alimenta-se bem, mas falta-lhe o juízo perfeito".[547]

Dos relatos atinentes aos acidentes, cuja imperícia é o fator determinante, e as soluções extra-humanas há o relato de Antonio Barbosa de Andrade, que "ao atravessar [de forma displicente] uma restinga de árvores, foi picado por uma cobra venenosa".[548] Além desse relato, em 1944, há mais quatro sobre o mesmo tema, nos demais também se observam imperícia ou descuido humano e, em seguida, o momento tormentoso. O desfecho é a invocação da divindade que age sobre o acontecimento de modo sobrenatural, gerando uma solução extra-humana.

Além desses eventos com animais peçonhentos que colocavam em perigo a vida dos devotos, outros envolviam animais: cavalo, burro, gado; instrumentos de trabalho: carro de boi, carroça etc. Neste sentido, declarou um fazendeiro paulista sobre o ocorrido no qual homens, animais e instrumento de trabalho teriam desfecho trágico, mas o condutor de uma carroça cujas forças não podiam deter os animais em corrida para um abismo, "invocou o auxílio de N. S. Aparecida [pois

[547] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 24-25, cit. p. 24, itálicos meus. O feche do relato é que, "lá, um dia, sem esperarmos por isso, recebe vossa graça de Nossa Senhora [Aparecida]".
[548] *ANSAp*. Aparecida, 1944, pp. 46-48, cit. p. 48.

ele trazia] sempre no peito [uma] medalha [...] de N. S. Aparecida [e nada de mais grave ocorreu]".[549]

Muitas são formas de se agradecer à dádiva recebida da Padroeira. Assim, um homem cujo relato é feito em versos, e que se identificava "como um pobre agricultor" vítima de "um desastre", quando num momento festivo – o fato ocorreu durante um casamento –, ele foi

> "[...] soltar um foguetão, /Explodiu antes de largar / Ofendendo olhos e mão, [o que lhe atingiu e afetou] o olho direito /Os dedos polegar e apontador, [demandou por socorro médico e] felizmente sarei, [mas acredita o agricultor que foi graças] a N. S. Aparecida [a quem] [...] devo minha vida".[550]

Os prodígios que narravam acidentes com veículos motorizados ou de tração animal – o maior números dos relatos –, em 1944, e que colocaram a vida dos fiéis em iminente perigo: carro de boi que lhes passou sobre todo o corpo ou partes como as pernas; crianças que ficaram presos aos arreios de animais, ou que sofreram acidentes domésticos – queda de escadas; vítimas de desastres com carros, ou caminhões; equipamentos mecânicos que quase dissiparam parte dos seus corpos, ou mesmo os tenha mutilado.[551]

No ano de 1937 temos, nos relatos, algo que se tornou rotineiro nos depoimentos: ingestão de artefatos sólidos por crianças; ou elas que foram acidentadas com carro de boi. Neste ano uma mãe informava sobre o encontro de uma criança desaparecida, pois "louca de desespero [...] [e] cheia de aflição recorreu a N. S. Aparecida. [...] [Em seguida ouviu-se] [...] uma vos que partia de uma capoeira à beira da estrada [...], e a criança foi encontrada".[552]

Em 1937 há relato da intervenção da Padroeira em acidente com eletricidade que salvou um homem de modo sobrenatural.[553]

Outros eventos relacionados com acidentes na mesma fonte: em 1938[554] Ela acudia aqueles que foram vítimas de armas de fogo. Em 1941 os acidentes são aproximadamente quinze.[555] São quatorze as descrições dos acidentes, eles envolviam adultos e/ou crianças com carros e trens no ano de 1942.[556] No ano seguinte, em 1944, os relatos sobre acidentes são cinco.[557] Em 1945 também são em número de cinco os relatos sobre acidentes.

---

[549] *ANSAp*. Aparecida, 1938, p. 31. A divulgação das graças de Aparecida também se prestava para publicitar artefatos da Padroeira como a sua medalha, ou o fiel prometia declarar a dádiva em um dos seus órgãos, como o jornal "Santuário", conforme o registro da p. 28.
[550] *ANSAp*. Aparecida, 1943, pp. 44-47, cit. p. 47. Mais quatro acidentes são relatados.
[551] *ANSAp*. Aparecida, 1944; as partes dos corpos em risco pp. 19, 18; acidentes com automóveis e caminhões, pp. 20 e 21; com equipamentos mecânicos, p. 22 e corpos mutilados, p. 23, respectivamente.
[552] *ANSAp*. Aparecida, 1937, pp. 53-61; cit. 56.
[553] *ANSAp*. Aparecida, 1937; p. 62.
[554] *ANSAp*. Aparecida, 1938; pp. 28 e 29.
[555] *ANSAp*. Aparecida, 1941; pp. 9-18
[556] *ANSAp*. Aparecida, 1942, pp. 43, 47 e 48.
[557] *ANSAp*. Aparecida, 1944, prodígios relatados às pp. 46-48.

Em 1942 um paranaense que pisou "em um osso de cobra que se introduziu no pé" acarretando sérios problemas, informa que foi curado milagrosamente pela Padroeira. Neste ano há o relato de uma criança que engoliu uma medalha e um alfinete, paradoxalmente era uma medalha de Aparecida. Grande número dos prodígios foi obtido após o pedido aflitivo dos pais em prol dos seus filhos ou de parentes. Assim, *indicando o elemento coletivo e familiar da devoção*.[558]

Na *ANSAp* de 1944, registra-se o pedido de cura que "pais e parente" de um rapaz que havia sido "[...] atacado de pneumonia", a ponto de que "a moléstia degenerou em paratifo", assim após a rogação coletiva, a saúde do mesmo foi "completamente" restabelecida. Era de monta o número de graças alcançadas por crianças.[559] O que acarretou na *ANSAp* de 1942, conforme chamada no alto das páginas afirma-se que Aparecida é "[...] *a Boa Mãe do Céu Protege os Pequenos*".[560] São descrições de devotos de Estados mais distantes como: de Goiás, Paraná, Santa Catarina, Sergipe, Rio Grande do Sul; centralmente, como ano de 1944, dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro; além de expressivo número de localidades sem identificação e datação, à exceção de uma do ano de 1943. Em 1938 os eventos prodigiosos ocorreram principalmente em cidades pequenas ou em fazendas no meio rural. Em 1943 Os prodígios se referem aos devotos de Aparecida dos Estados do Amazonas,[561] Pernambuco,[562] Paraná,[563] Rio Grande do Sul,[564] Santa Catarina.[565]

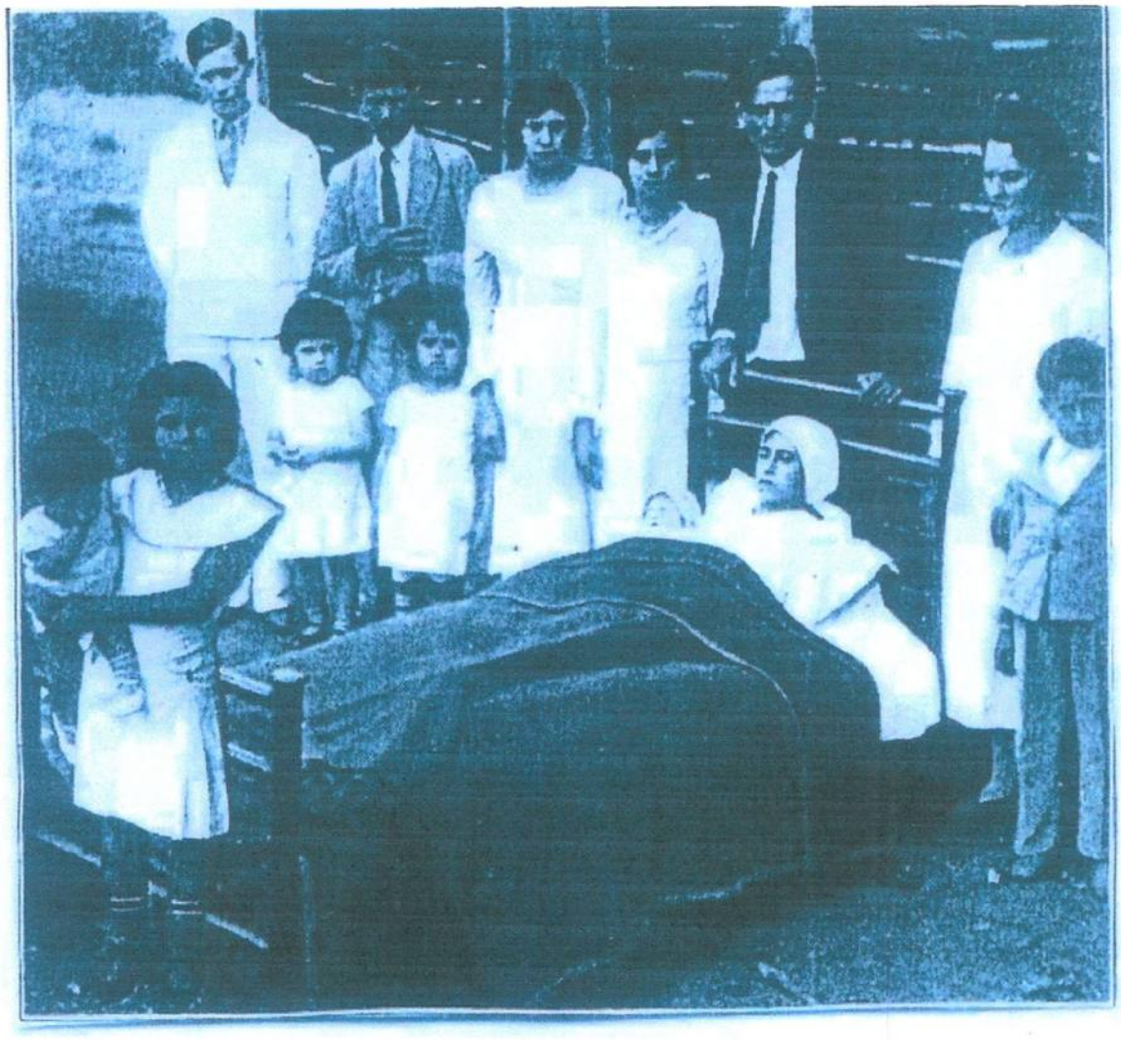
À seleção à qual os prodígios eram submetidos pelos redentoristas, além de conteúdo informado na romanização, envidava-se a tentativa dos mesmos religiosos em apresentar a devoção de Aparecida dilatada em termos nacional. Mas, majoritariamente são depoimentos dos fiéis de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro; e das cidades próximas ao Santuário.

---

[558] *ANSAp*. Aparecida, 1944, pp. 46-48.
[559] *ANSAp*. Aparecida, 1944, p. 48.
[560] *ANSAp*. Aparecida, 1942, pp. 44-45, para a chamada no alto das págs. Cit. p. 48, itálico meu.
[561] *ANSAp*. Aparecida, 1943, pp. 46 e 47.
[562] *ANSAp*. Aparecida, 1943, p. 46.
[563] *ANSAp*. Aparecida, 1943, p. 46.
[564] *ANSAp*. Aparecida, 1943, p. 47.
[565] *ANSAp*. Aparecida, 1943, pp. 46-47.

e.3] Catálogo de enfermidades; contabilidade de doenças: Aparecida doma os males físicos e cura os corpos.

Ex-voto "retrato" de "D. Carmem Antunes da Rocha". *ANSAp*, 1936.[566]



Segundo o relato, ela "sofreu durante 48 horas cruciantes dores de parto e em vão se esforçavam medido e parteira para socorrê-la. Então chamou com confiança por N. S. Aparecida e tão depressa foi atendida que dentro de 10 minutos deu à luz uma criancinha e seu viu livre do perigo e dos sofrimentos", era desejo da parturiente tornar "público o benefício recebido". Assim, o "ex-voto exprime a presença do sagrado e do milagre na vida cotidiana, ou seja, uma certa leitura da relação do homem com Deus". Nestes termos, "o cotidiano perdido ressurge do maravilho, e cada ex-voto conta ou surge uma história como se fosse um conto resumido".[567]

---

[566] *ANSAp*. Aparecida, 1936, p. 49.

[567] VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo, Ática, 1997, 407p; cit. pp. 117 e 118, respectivamente.

Nesta seção iremos abordar os relatos de uma série prodígios atribuídos à Aparecida pelos seus devotos, nos quais ela intercedeu na cura de males que lhes afligiam e que atingiam os seus corpos.

Uma devota da cidade paulista de Piracicaba, que em idade provecta tinha uma "cruel enfermidade: um tumor canceroso, que lhe tomara quase por completo uma das faces, e lhe fazia sofrer acerbas dores". Assim,

> "postou-se, pois, a enferma, ante a imagem da Mãe de Misericórdia. E tais cousas Lhe disse, e tão grande esperança lhe sorriu, ao terminar a sua confidência, e regressou da igreja com a alma radiante! Rezara à Virgem, dissera-lhe todo o sofrer, confiava pois no seu valimento. [...]. [Nestes termos] aos primeiros albores da manhã, despertou a velhinha. [...] Chamou, o filho [...]. – Filho, traga-se uma luz [a anciã vivia, segundo a fonte, encerrada em um quarto de um "humilde casebre de afastado bairro"]. O filho obedece. Iluminada a alcova, nota o moço, estupefato, no rosto da sua mãe, apenas um sinal, uma cicatriz! [...]. – Milagre! Milagre! – exclamam ambos. E, em pouco tempo a notícia se espalhou pela cidade".[568]

Curas de enfermidades graves causadas por diabetes; pernas fraturadas etc., todos esses prodígios são atribuídos à intervenção de Aparecida desde 1930. Uma mãe da cidade de Santos agradece a cura do filho; um pai relata como o filho de dois anos de idade que havia ingerido um alfinete, e após o diagnóstico do médico, este havia indicando a necessidade de intervenção cirúrgica, ele suplicou à Padroeira por outra solução; assim "a criança expeliu o alfinete fatal". Uma criança que por duas vezes recebeu graças, numa delas foi protegido da picada de uma víbora. Uma mulher relatou que foi salva de um incêndio.[569]

Em 1933 relatam-se nove eventos de milagres operados por Aparecida referentes à saúde: são graças que curaram rins, gargantas, dores de cabeça, olhos, queimaduras, feridas que se alastravam pelo corpo de crianças, operações médicas "assaz melindrosas" que foram evitadas, síncope ou a perda súbita da consciência recuperada; outros prodígios: mãe que alimentava filho de apenas de três meses de idade e se encontrava em vias de não mais amamentar, pois receava "eu estar novamente grávida"; assim ajoelhada agradece a Padroeira beijando-lhe "o manto de N. S.

---

[568] *ANSAp*. Aparecida, 1930, [7 págs. não numeradas], cit. p. s/nº. O prodígio deu-se após a "matriz" da cidade ter "adquirido [...] uma imagem da Virgem [Aparecida], que, em formoso altar, entre luzes e flores, dali por diante atrairia aos seus pés, as multidões sequiosas de dons celestes". O nome da anciã era "Anna Maria da Conceição" e o milagre transcorrera no ano de 1909. A história foi narrada por Manoel E. Altenfelder Silva. Mas a ação prodigiosa da Padroeira sobre a sua devota era o reconhecimento de que ela por longos dezoito anos sofrera com "acerbas dores", mas ela "resignara-se; mas sem nenhum alívio sentia, para o mal físico. Prostrou-se, pois, a enferma, ante a imagem da Mãe Misericordiosa". Outros milagres ocorreram em São Paulo, em Guaranesia, MG, em Campinas, com o de Joaquim Chaves vítima de grave doença oriunda da "diabetes" diagnostica por médico da cidade, mas graças à imploração da sua mulher que "recorreu a N. S. Aparecida, foi logo atendida, estando hoje marido completamente são".

[569] *ANSAp*. Aparecida, 1931. Os prodígios citados neste parágrafo encontram-se às pp. 44, 45, 46 e 47; são devotos de cidades paulistas, mineiras e fluminenses.

Aparecida",[570] ao constatar não estar grávida naquela situação que sacrificaria a saúde do filho que era precária.

Os prodígios relacionados com a saúde dos devotos de Aparecida, em 1934, são em número de sete, referiam-se a curas de apendicite, reumatismo, olhos, males dos corpos não denominados, dor de dente, articulações corpóreas etc. São curas de males e doenças cujo diagnóstico médico não apresentam nenhum a não ser aquele no qual "os médicos declararam que a única solução seria amputar a mão", conforme o relato da devota Bernadete de Carvalho Leonardo, cuja "toda a mão, transformado-a numa grande ferida".[571]

Em 1935 os prodígios referentes à saúde somavam cinco, tendo por protagonistas crianças – há casos que articulam acidente com arma de fogo e comprometimento da saúde –, doenças que vitimavam os devotos e que os "médicos especialistas" não solucionavam; "gripe pneumática" acometia outras; adultos vítimas de "febre maleita", ou a "cura milagrosa, atestada pelo médico" de um homem adulto que tinha "a clássica síndrome apendicular", que apesar de todos os esforços de dois médicos, o paciente permaneceu por "vinte dias com gelo sobre o ventre" enquanto aguardava uma intervenção cirúrgica. Mas para surpresa da medicina, "[...] por influência sobrenatural", e sendo o paciente devoto da Padroeira, "a sua cura completa não foi devido à medicina, mas à sua fé em N. S. Aparecida".[572]

Às questões relativas à saúde, em 1936, são as curas de doenças tais como: tuberculose, pneumonia, diabete, maleita; questões atinentes aos partos propriamente, ou decorrentes dos mesmos, como a febre puerperal; vários dos depoentes informam que já haviam sido desenganados pelos médicos.[573]

Em 1937 as doenças curadas são muitas, e algumas são nomeadas, como: disenteria mibiana, crupe, febre tifóide; outras recebem o nome geral de "males graves"; são olhos sarados apesar de

---

[570] *ANSAp*. Aparecida, 1933, p. 50. Esses milagres relatados vão desde o ano de 1919 até o de 1932. São devotos das cidades circunvizinhas à Basílica.

[571] *ANSAp*. Aparecida, 1934. Os milagres relatados ocorreram entre os anos de 1920, 1929, 1930, 1931, 1932 e 1933. São eventos relatados por devotos dos municípios circunvizinhos ao Santuário, de outras cidades de São Paulo e de Minas Gerais, pp. 39-45.

[572] *ANSAp*. Aparecida, 1935, pp. 43-50; cit. p. 50. A citação é parte da declaração do médico carioca "Dr. M. C. de Barbosa Lima", cujo atestado ele reconheceu firma em cartório. As outras doenças vejam-se: pp. 44-45.

[573] *ANSAp*. Aparecida, 1936, pp. 45-52. Neste ano os relatos relativos aos milagres operados por Aparecida são expressivos tanto em textos quanto em imagens de ex-votos. São prodígios datados desde os anos 1910, 1932, 1933, 1935 etc.

terem sido desenganados pelos médicos.[574] São intestinos, estômagos, partes do corpo paralisados, ulceras etc, todos curados.[575] Há milagres da cura de surdez, de moléstia nos olhos, da volta da fala.

As graças relativas à saúde dos fieis, em 1940, cobria todo o espectro etário dos agraciados: idosos, jovens e devotos de meia-idade e crianças.[576] As doenças eram: crupe, febres, febre tifica, bronquite, tosse epidêmica; muitas das doenças não são denominadas: elas são "moléstias horríveis", "doenças gravíssimas", que atacavam pulmões, estomago e fígado, intestinos, pés, olhos, rosto; elas produziram "quisto ao lado do coração", ou "úlcera entre o estomago e o fígado"; o socorro de Aparecida agiu sobre um "parto dificílimo",[577]conforme o relato de um marido sobre a sua mulher.

Nessas situações, inevitavelmente, os devotos tinham sido "desenganados por médicos".[578] Os protagonistas, adultos cujos nomes eram: Antonio, Diógenes, Francisco, João, Luís, Luís Gilberto, Olímpio, Raul, Tomás, Roberto, Rui, além dos não denominados. Meninos e meninas: Angelina, Aparecida, Antonieta, Célia, Gilda, Lourdes, Maria, Maria Aparecida, Maria do Carmo, Maria Eugênia, Maria da Glória, Sonia, Zenir. Suas idades vão desde os primeiros meses de vida, dos 3, 5, 7 anos etc.

Neste ano há um expressivo número de imagens de ex-votos de crianças que somam em vinte e cinco. São as avós e os avôs; as mães e os pais que rogam pelos seus ou para si próprios e pediam a intercessão da Padroeira para solucionar os problemas.

---

[574] *ANSAp*. Aparecida, 1937, pp. 53-62; Os milagres referem-se às graças de vários anos, desde 1930, 1932, 1935, 1936 e um grande número deles sem menção de datas. Os devotos eram dos estados São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Ceará [1 caso] e do "longínquo Estado de Goiás, na povoação denominada Aparecida [p. 62]"; cit. pp. 60 e 61.

[575] *ANSAp*. Aparecida, 1937, pp. 53-62. Uma devota gaúcha declara que prometeu a Padroeira que assinaria o periódico o "Santuário" se a sua filha fosse curada de grave "perturbação intestinal", p. 54, que tinha desde o seu nascimento. O pedido atendido, assinatura do jornal garantida?

[576] *ANSAp*. Aparecida, 1940. Idosos, pp. 17, 19, 22, 24-25; pessoas de meia-idade e jovens, pp. 22-23, e crianças pp. 18, 20, 23 36.

[577] *ANSAp*. Aparecida, 1940. Doenças: pp. 22; 21 e 24; 22; 26; 24; pp. 26 e 25, respectivamente para expressões entre aspas; pp. 26; 22; 24; 26; 21; 26; 22 e 22, respectivamente para os órgãos e partes dos corpos curados; pp. 26 e 22, respectivamente para as demais expressões entre aspas.

[578] *ANSAp*, 1940; cit. pp. 22, 25 e 26.

As narrativas revelavam a forte presença de pais e mães, logo apontando *o aspecto familiar*[579] evidencia-se; o pedido de socorro na hora da *aflição* – os devotos sempre *gritavam* pela intervenção divina –, N. S. Aparecida invariavelmente os atendem em momentos nos quais a ação humana lhes parece não ter mais eficácia.[580]

De fato, em 1938, o catálogo de doenças arroladas foi grande, elas eram: reumatismos, cegueiras, convulsões, ataques, dor de cabeça, infecção intestinal, bronco-capilar, pneumonias, ulceras nos olhos ou estomacais, cólicas de fígado, "mal desconhecido"; parte do corpo curado como "joelhos", são crianças ou adultos que começam ou voltavam a andar; ou iniciavam a falar. Pessoas que foram atacadas por animais: cobra ou aranha. Ou nos momentos de aflição gritaram por Aparecida, em situações nas quais os "meios humanos",[581] inclusive o médico, já não se mostram mais eficazes em muitos planos.

Os milagres arrolados em 1939, tantos os referentes às crianças quanto aos adultos, são majoritariamente concernentes à saúde dos devotos. As doenças que os afligiam eram: bronquite, pneumonia, ulcera varicosa, bronquite, enfermidade pleuris, males e moléstias "terríveis"; são enfermidades que lhes atacavam: útero, intestinos, coração, joelhos, cérebro, espinha dorsal, queimaduras minimizadas. Quase todos os relatos registram que eram casos nos quais o diagnóstico médico os davam sem solução, estavam "desenganados".[582]

O depoimento individual de Sebastião Álvaro Pinheiro, membro da Guarda Civil de São Paulo, relatava que em

> "[...] 1938 *foi julgado, pelos médicos* de Guarda Civil, *incapaz para o serviço, por sofrer de tuberculose pulmonar.* [...] [Em seguida foi "entregue ao Hospital S. Luiz Gonzaga"]. *Desesperado* por

---

[579] *ANSAp*. Aparecida, 1937, pp. 53-62.

[580] *ANSAp*. Aparecida, 1936. A invocação à Padroeira no momento de angústia perpassa quase todos os relatos. Veja-se, p. 46, o caso da garota Ismênia salva de um abismo; da "menina Antonietinha" que teve as pernas quase esmagadas por um caminhão, mas a sua avó no instante aflitivo invocou "N. S. Aparecida", p. 46, e nada de mais grave lhe sucedeu; o caso de Carlos Montatovan, "devoto fervoroso de N. S. Aparecida" que pediu valia para a sua mulher que por "dois anos sofria de pertinaz maleita e estava nas vésperas de dar à luz", assim demandou à Aparecida "nesta grande *aflição* e tudo ocorreu sem novidade, gozando agora mãe e filho de perfeita saúde", p. 49; Carmem Antunes da Rocha que "sofrendo por 48 horas cruciantes dores de parto e em vão se esforçavam médico e parteira para socorrê-la", após "chamar" e depositar "grande confiança" em N. S. Aparecida, "dentro de 10 minutos deu à luz uma criancinha e se livrou do perigo e dos sofrimentos", p. 49. O garoto Olímpio de três anos de idade que foi "imprensado entre uma porta e 30 sacos arroz de 75 kilos cada um", mas o seu pai "*aflito* suplicou a N. S. Aparecida que salvasse o pequenino [...] [e] foi atendido", p. 50. O incêndio ocorrido na casa de América de Jesus que foi com a família até o Santuário agradecer "o grande milagre operado", pois "certa noite acordaram com a casa" em chamas. "*Aflita*, pediu a N. S. Aparecida que salvasse a sua família [...]". Após ter se evadido com os seus, a sua casa "caiu ficando reduzida a cinzas", p. 50. Itálicos meus.

[581] *ANSAp*. Aparecida, 1938, pp. 24-31; doenças citadas, nessa ordem: pp. 24-25, partes do corpo, p. 27cit. à volta das capacidades motoras etc., p. 30; animais peçonhentos, p. 25; os momentos aflitivos e os gritos, pp. 26, 29, 31 e 25 e 31 respectivamente; o desengano dos meios humanos, pp. 28, 24, 26 e 28, respectivamente.

[582] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 23-30; as doenças pp. 29, 26, 29, 30, 29; enfermidades e moléstias, pp. 30 e 26; órgãos, pp. 30, 26, 29, 26; a não-solução humana, pp. 26, 27 e 28; respectivamente.

me ver vítima *duma moléstia geralmente incurável, fiz uma promessa à poderosa Padroeira do Brasil*, com insistentes pedidos de restituir-me a saúde. E eis, *em pouco tempo desapareceram os sintomas da insidiosa doença e hoje estou completamente curado*, podendo prestar de novo os serviços da Guarda Civil da Capital [SP]".[583]

O relato do guarda civil sumaria, imageticamente, muitos dos outros concernentes aos milagres relativos à saúde no ano de 1941. Sebastião Álvaro Pinheiro como outros foram desenganados pelos médicos, mas no momento de angústia, pediram socorro à Aparecida. Observe-se como na narrativa acima se demandou à "poderosa Padroeira do Brasil",[584] e não apenas àquela – Aparecida – a qual secularmente a devoção popular era devota e rendia-lhe gratidão, para os livrar de "moléstia intestinal", de "grave enfermidade da cabeça"; de "feridas no corpo" em cujos estágios das moléstias chegavam a desfibra-lhes "a carne [apodrecendo-a] a ponto de aparecerem os ossos"; sarar de doenças como "febre amarela", "úlcera duodenal", "horrível dores" causadas por "pedras da bexiga", de males no "pulmão", de "dois cancros, um na boca e outro na garganta"; muitas outras não denominadas e "não obtendo resultado com os meios científicos".[585]

Em 1941 foi significativo o número de fotografias como ex-votos de crianças e adolescentes, elas registram trinta e nove agraciados.[586] São mães e pais que pediram a intervenção de Aparecida em favor dos seus. São adultos que também lhe rendem tributos, pois reconhecem que ela os curou quando estavam "quase cego durante muitos anos", ou vinham "sofrendo da doença de ataque, havia 17 anos, e repetindo-se nestes últimos tempos 4 a 5 vezes por dia destes ataques", ou de outro que teve "febre amarela", em decorrência passou a sofrer "do fígado" e não bastando o seu sofrimento "foi mordido por uma cobra e, quando estava melhorando, teve varicela".[587]

Nestes termos, os fieis de Aparecida no instante tormentoso gritavam-lhe por amparo, socorro ou proteção. Assim, reconheciam as graças obtidas e muitos em sinal de agradecimento se deslocam até o seu Santuário.[588]

Dos relatos sobre as curas, em 1942, destaca-se a do professor de música residente no Rio de Janeiro, Júlio Roberto Fernandes. Ele descreve sobre uma

---

[583] *ANSAp*. Aparecida, 1941, p. 13, itálicos meus. Junto ao relato há uma foto do agraciado: à esquerda em vestes da corporação ele mostra-se abatido, seu rosto é de uma pessoa esquálida; à direita já aparece com as faces robusta. Entre as duas fotos do devoto há uma imagem de N. S. Aparecida, a mensagem é clara: a mediação e intervenção da Padroeira operam um novo estado e uma nova condição ao seu devoto.

[584] *ANSAp*. Aparecida, 1941. Os relatos dos desenganos, pp. 13, 14, 15, 18; o momento da angústia e desespero humano, pp. 11. 14, 15, 16, 17 e 18.

[585] *ANSAp*. Aparecida, 1941. Para as expressões entre aspas, pp. 10, 16; para as doenças, pp. 13, 18, 14; para os órgãos afetados, pp. 14, 12; e não-solução médica, p. 11, respectivamente.

[586] *ANSAp*. Aparecida, 1941. Conferir, pp. 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, respectivamente.

[587] *ANSAp*. Aparecida, 1941. As expressões entre aspas, pp. 9, 14, respectivamente.

[588] *ANSAp*. Aparecida, 1941. Vários são os relatos neste sentido, cf. pp. 9, 11, 15, 16, 17; ou promessas para publicar a graça no "Ecos Mariano", pp. 9, 11, 13, 15; há depoimentos de religiosos que foram socorridos por Aparecida, pp. 14 e 18, respectivamente.

"grave *moléstia de estômago*, que *o invalidou para as funções da vida durante sete longos* anos; [...], [nesse interim consultou] *trinta e quatro médicos* [...] [mas] não conseguiu um diagnóstico positivo [...]. [Assim, após] [...] *recorrer à misericórdia de N. S. Aparecida, recebeu a graça de ser atendido*, vendo o mal, até então ignorado, revelado à ciência médica. Submetido a melindrosa intervenção cirúrgica, três úlceras já perfuradas, foram retiradas, juntamente com partes da vesícula, piloro, duodeno e estômago. *Completamente restabelecido, veio em 1940, com a família à Basílica, cumprir os votos, então formulados à Virgem Aparecida* [...]".[589]

Assim, outras doenças como "colite ulcerosa", febres e febre tifóide, asma, meningite, pneumonia; são dores de garganta, nas costas, nos estomago; são males graves e considerados pelos depoentes como "incuráveis", pois muitos foram "completamente desenganado[s] pelo médico", inclusive "cinco médicos" assim o fizeram; são joelhos, mãos, ombro, pernas ou queimaduras de corpos que tiveram as suas curas atribuídas à Aparecida. São depoimentos de devota[o]s baianos, catarinense, mato-grossense, paraibano, paranaense, gaúcho.

Em número significativo das graças recebidas não há a indicação do local. Porém permanece o mesmo traço dos anos anteriores: são os paulistas, mineiros e cariocas; e as cidades próximas à Basílica quem mais reconhecem às graças recebidas. São pedidos feitos pelos pais ou familiares. Recorrem-se à Aparecida na hora tormentosa: pede-se proteção, implora-se, grita-se pela intervenção divina de Aparecida.[590]

Na questão da intervenção atribuída à Aparecida na saúde dos devotos, em 1943, as narrativas afirmavam que ela os curou de ataques, câncer, cólicas, disenteria, dores, febres, feridas, úlceras, tuberculose, tumores, foram curas operadas em órgãos como corações, estômagos etc. e muitas doenças denominadas; algumas narrativas enfatizam que muitas das pessoas já haviam sido submetidas a tratamento médico e "após várias operações sem resultados" e diversos foram desenganados pelos médicos recorreram à Aparecida.[591]

Em 1944 os prodígios concernentes à saúde dos devotos são em número de vinte e seis; entre esses há um sobre maternidade que uma devota "casada havia 5 anos, não tinha filhos", mas após promessa à Aparecida engravidou, assim "decorridos nove meses, seus desejos já foram satisfeitos, alegrando-lhe o lar forte e sadia criança".[592]

---

[589] *ANSAp*. Aparecida, 1942, p. 46, itálicos meus. Além da sua peregrinação até à Brasílica o devoto mandou celebrar "duas Missas, sendo a espórtula de uma o produto de trinta esmolas de 1$000, pedidas à generosidade de pessoas amigas e vizinhos [...]". Além do voto de ir ao Santuário, os devotos consignam que publicariam os favores recebidos nos "Ecos Marianos", pp. 44, 45, 46, 47.

[590] *ANSAp*. Aparecida, 1942. Às pp. 45 e 47 devotos reconheciam as graças recebidas sem denominá-las. À p. 44 uma devota paulista da cidade de Ribeirão Preto agradece pelo parto feliz que teve com o nascimento "de duas crianças gêmeas", apesar de toda a "expectativa" contrária. Para as doenças, pp. 44, 45, 47; órgãos atingidos, pp. 45, 46, 48; os males "incuráveis" pelas soluções médicas, pp. 44, 45, 46, 48; partes dos corpos atingidos, pp. 46, 44, 47, 48, 45; origem dos depoimentos, pp. 43, 44, 45, 47 e 48, respectivamente. Vários dos depoimentos são de um mesmo Estado.

[591] *ANSAp*. Aparecida, 1943, pp. 44-47; cit. pp. 45, 47 e 45, respectivamente.

[592] *ANSAp*. Aparecida, 1944. 46-48; cit. p. 46.

Desse conjunto de relatos sobre doenças e curas, há o depoimento do carioca "o dr. Alcebíades Delamare Nogueira da Gama". Trata-se de um importante membro do laicado católico residente "na Capital da República". Ele era "Professor da Faculdade de Direito, da Universidade do Brasil e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Ursula", ele era também articulista de periódicos e colaborador do mensário *A Ordem*. "[Registra-se que] [...] [ele] genuflexo agradece a N. S. Aparecida e o seu restabelecimento de grave enfermidade que, durante 70 dias, o reteve a um leito de sofrimentos e apreensões [...]".[593]

Outros devotos renderam homenagens à "Padroeira do Brasil" por terem sido curados de infecções na garganta e rins ou nos dedos e mãos, ataques, coqueluche, cólicas, dores reumáticas, paralisia infantil, pneumonia, tumor cancerígeno, úlcera; são joelhos, olhos, pernas tortas ou paralíticas e outras "graves moléstias" solucionadas pela intervenção da Padroeira. Muitos dos depoentes afirmam que foram desenganados pelos médicos.[594]

Os relatos sobre saúde somam-se vinte e sete em 1945, desses relatos daqueles que foram abençoados na sua saúde, muitos já haviam sido "desenganados pela medicina" e no instante de "desespero" demandaram pela "Padroeira do Brasil".[595]

O religioso "frei Rogério" confessor de uma religiosa catarinense devota de N. S. Aparecida, aquela mesma que já havia sido agraciada com uma bênção da Padroeira num momento em que seria vítima de um acidente fatal de automóvel, relatava, agora, quando ela se achava gravemente enferma, o religioso "implorou a intervenção de N. S. Aparecida". Assim, o religioso-confessor "fez sua peregrinação à Basílica de Aparecida, para cumprir a promessa feita naquela hora"[596] de aflição, em paga à graça alcançada. Além de ressaltar a devoção de religiosos à Padroeira, nesses relatos também havia a difusão dos deslocamentos, peregrinação ou romarias até o seu santuário.

Em 1941 sob o título geral de "O grande poder de nossa celeste protetora, a Virgem Aparecida" neste ano o número de graças ou prodígios atribuídos à Padroeira ligados à saúde dos devotos ultrapassam a cinqüenta [50] os casos listados.[597]

---

[593] *ANSAp*. Aparecida, 1944; cit. p. 46.
[594] *ANSAp*. Aparecida, 1944; cit. p. 48; para o catálogo das doenças e as partes dos corpos atacados, pp. 46, 48, 47; 47, 48, respectivamente.
[595] *ANSAp*. Aparecida, 1945; pp. 28-31, cit. p. 30. Para a expressão entre aspas, pp. 29, 31 e 30, respectivamente.
[596] *ANSAp*. Aparecida, 1939; cit. p. 25.
[597] *ANSAp*. Aparecida, 1941, pp. 9-19. Na *ANSAP* de 1943 uma grande quantidade de relatos não há referência à local ou data; as datações de alguns são dos anos de 1939, 1940, 1942; mas a maioria não era datada. São trinta e cinco imagens fotografias de crianças e adolescentes; e adultos: homens e mulheres que publicadas como reconhecimento das dádivas operadas pela Padroeira. Na *ANSAp* de 1942 são vinte e quatro depoimentos sobre saúde; cinco graças sem referências especificas; As imagens com crianças e/ou adolescentes somam-se dezesseis. Fotografias com imagens de crianças e/ou adolescentes são de aproximadamente quarenta, pp. 43-48. Outros prodígios os mais diversos possíveis, pp. 43, 45, 48.

e.4] Prodígios que ultrapassavam motivos imediatos: a ação divina de Aparecida sobre "corpo e alma".

Informava-se em 1931 que "o número dos favores recebidos pelos devotos de N. Sra. de Aparecida é tão grande", que os editores publicaram apenas "alguns fatos mais singulares, que claramente mostram o grande poder de nossa Mãe celestial e animam os fiéis a recorrerem em todas as necessidades do corpo e d'alma a sua proteção, N. S. Aparecida".[598]

Um texto longo que iremos sumariar o mais possível narrava-se a respeito de "uma cura extraordinária" atribuída à Aparecida. Bernadete Maria do Carmo que por três anos, desde os 14 anos de idade, fora vítima de uma mal cujo diagnostico médico não conseguiu detectá-lo. A partir de certo dia a menina passou a ser

> "[...] atacada por uns ímpetos de nervosia. [Assim], à noite, de repente apoderou-se de Bernadete um mal-estar inexplicável. [A menina passou a ser possuída por] uma força [...] [que] tomou posse de todo o seu corpo, causando uma forte vibração nos músculos e ligeiros estalos nos ossos. [...]. [Ela] retorcia-se, gritava, ora chorava, ora ria-se e fazia outros gestos involuntários. [...], uma força estranha compelia [Bernadete].[599]

Tanto a vida de Bernadete quanto à da sua família se tornou um martírio. Havia noites em que ela não dormia, "impedindo também o sono aos da casa". Assim, depois de recorrer à solução médica e sem obter nenhum resultado, pois

> "todos os remédios naturais eram inúteis, [e] chegaram todos a conclusão que Bernadete talvez estava possessa do demônio. [Ato contínuo], [...] o pai de Bernadete resolveu levá-la ao Santuário de Pirapora [do Bom Jesus]. Lá [a menina] sentiu algum alívio; até pode confessar-se e comungar. [Mas ela] não ficou completamente restabelecida".[600]

Os passos seguintes dos seus pais e da própria Bernadete era fazer uma "[...] peregrinação ao Santuário de N. Senhora Aparecida, a fim de pedir a cura da filha". No percurso da viagem, num

> "[...] itinerário penoso, [...] o estado de Bernadete agravou-se ainda mais. [Finalmente, em] [...] 8 de dezembro de 1929, festa da Imaculada Conceição [o grupo de peregrinos chegou à Basílica. Segundo a fonte, ao entrar no Santuário], [...] Bernadete sentiu um tormento horrendo, um verdadeiro martírio. [...]. [Em seguida] diante da Imagem milagrosa [Bernadete] sentiu uma força violenta que a repelia. [Um grupo de pessoas que a segurava], fizeram-na ajoelhar-se, [...], Bernadete retorcia-se, movia-se de um lado para outro, dava gritos semelhantes ao ululado dos cães. [Esse estado de coisas] causava horror e ao mesmo tempo compaixão a todos os circunstantes. [Porém, firmes na sua fé] os pais da menina, com lágrimas nos olhos, cheios de fé e confiança, rezavam e imploravam a Virgem Milagrosa que curasse a filha [...]. [Foi mediante "muito custo" e] passados uns 20 minutos, quatro pessoas, [...], conseguiram levá-la perto da Imagem. Bernadete, apesar de ser uma menina dos seus 17 anos, sem possuir uma estatura robusta, resistiu à força de quatro pessoas. [Recorreu-se a mais gente para levar a possuída e] conseguiu achegar-se perto da Imagem e beijá-la, dando sempre sinais de aversão e repugnância. [Segundo a fonte os presentes vibraram em júbilo depois desse gesto de força], quando os seus lábios tocaram a Imagem daquela, cujos pés esmagaram a cabeça da serpente infernal. [Após o ato de força e violência], Bernadete, como que subjugada, [sobre ela] foi aspergido [...] água benta. [Em

[598] *ANSAp*. Aparecida, 1931, pp. 42-48; cit. p. 42.
[599] *ANSAp*. Aparecida, 1931, p. 43.
[600] *ANSAp*. Aparecida, 1931, p. 43.

seguida colocou-se] um terço no pescoço, [...] uma medalha de Nossa Senhora. [Verificou-se que] aos poucos o mal ia desaparecendo. De repente voltou-se para uma pessoa e lhe disse laconicamente: "Estou curada!"".[601]

Junto ao relato há duas imagens de Bernadete, que pelo contraste causaria impacto no leitor e devoto católico de Aparecida: numa delas a menina "possuída" encontra-se amarrada nos pulsos e com os cabelos embaraçados: *em suma, desarranjo externo a indicar a sua instabilidade interna*; na outra, *após o prodígio da Padroeira, ela aparece de porte ereto, toda vestida com indumentária branca, sobre a cabeça usa mantilha*. Assim, *indicando, para além da cura do mal que lhe acometia, uma espécie conversão: a nova Bernadete surge na fotografia em gesto de recolhimento e estabilidade. Forças humanas ou extra-humanas eram submetidas às potências do sagrado que Aparecida encerrava.*

Um índio agradece à Aparecida e pede graças não só para ele, mas que eles se estendessem "[...] a todos os meus irmãos que ainda jazem nas trevas da ignorância".[602] As trevas às quais o autóctone alude provavelmente dizem respeito à condição de pagã dos seus iguais.

Já o depoimento de Antonio Alves Junior é exemplar para um tipo de devoto almejado pela hierarquia, pois a sua conversão operou-se por motivos que se acumularam ao longo da sua existência, não ocorreu em idade infantil ou senil, mas no auge das suas forças físicas e intelectuais – a fotografia que acompanhava o seu relato atestava-o –, ele se declarava que até aquele momento fora um

> "[...] *descrente*, [homem] *perverso*, [que] sempre *pensou que este mundo era seu e daqueles que pensavam como ele* [...]. Mas dia chegou [...] e alguns *anos passaram sem ele ter sossego, não pára em colocação* [emprego] alguma, *perdias as boas amizades* e *foi até chamado à polícia* por calúnias. *Chegou, porém um dia em que se lembrou de N. S. Aparecida. Nas suas preces de manhã e à noite não cessava de pedir perdão, e o auxílio divino desceu sobre ele* que *agora* considera-se *um homem feliz. Está bem colocado e goza de geral estima, graças a N. S. Aparecida*".[603]

Assim, no apogeu da sua vitalidade, depois de erros e desacertos, após viver experiências que não levavam em conta às forças e potências do sagrado, o devoto da Padroeira adere ao divino hierarquicamente legitimado: N. S. Aparecida colocava-o num itinerário da reta conduta: *o estável* teológico estabeleceu-se na sua existência. Essa ação de Aparecida revelava um conteúdo adicional, o prodígio levava à conversão não de uma mulher ou curava uma criança, Aparecida agia e transformava um homem em idade adulta.

---

[601] *ANSAp*. Aparecida, 1931, pp. 43-44.
[602] *ANSAp*. Aparecida, 1931, p. 45. Neste ano foram publicados 13 milagres creditados à Aparecida; elas se referiam à saúde, acidentes e outros fenômenos.
[603] *ANSAp*. Aparecida, 1939, p. 25, itálicos meus.

Mas Aparecida também apaziguava a dor "inominável" de uma mãe de São Paulo. Ela perdera dois filhos "menores" que morreram em decorrência da "tosse epidêmica". Essa mãe que não tem o seu nome divulgado, mas infere-se do seu relato ser ela pessoa de posses, em dado momento e em decorrência da perda dos filhos passou a ter visões:

> "da parede do quarto *vi descer N. S. Aparecida* que me disse: "*Porque choras, Maria*?" E eu respondi: "*Choro os meus filhos que morreram no mar*". Ela então me disse: "Não chores... *teus filhos estão comigo*". "*Choro porque jogaram-nos mar*". N. Senhora *mandou-me rezar mais um pouco*, que *eles viriam abraçar-me*. Noutro dia *vi-os vir a mim e, depois de me abraçarem, disseram-se adeus e desapareceram. Fiquei consolado e nunca mais derramei uma lágrima*".[604]

Nestes termos, em situações as mais diversas possíveis, recorre-se, *implora-se* ou *suplica-se* e *grita-se* pelo socorro divino de Aparecida que, inclusive, *passa ser invocada* não *como N. S. Aparecida*, mas *como "N. Senhora, Rainha do Brasil"*, assim omitindo-se o nome Aparecida, que secularmente era cultuado no nicho do seu santuário.

Mas, o depoimento citado acima aponta um núcleo que estrutura a devoção mariana de Aparecida, uma mãe – aquela que sofrera na pele a perda real de dois filhos, que a tradição estabeleceu ser a dor "inominável" – a da perda de filhos; e que passara a experimentar cotidianamente essa dor – recorre à outra mãe, Maria, que a hierarquia estabelecera como paradigma às demais mães. Ela, Maria, a mãe que viveu na sua carne também purga da perda de um filho, foi simbolicamente acionada como socorro e amparo em situações absolutas como a morte.[605]

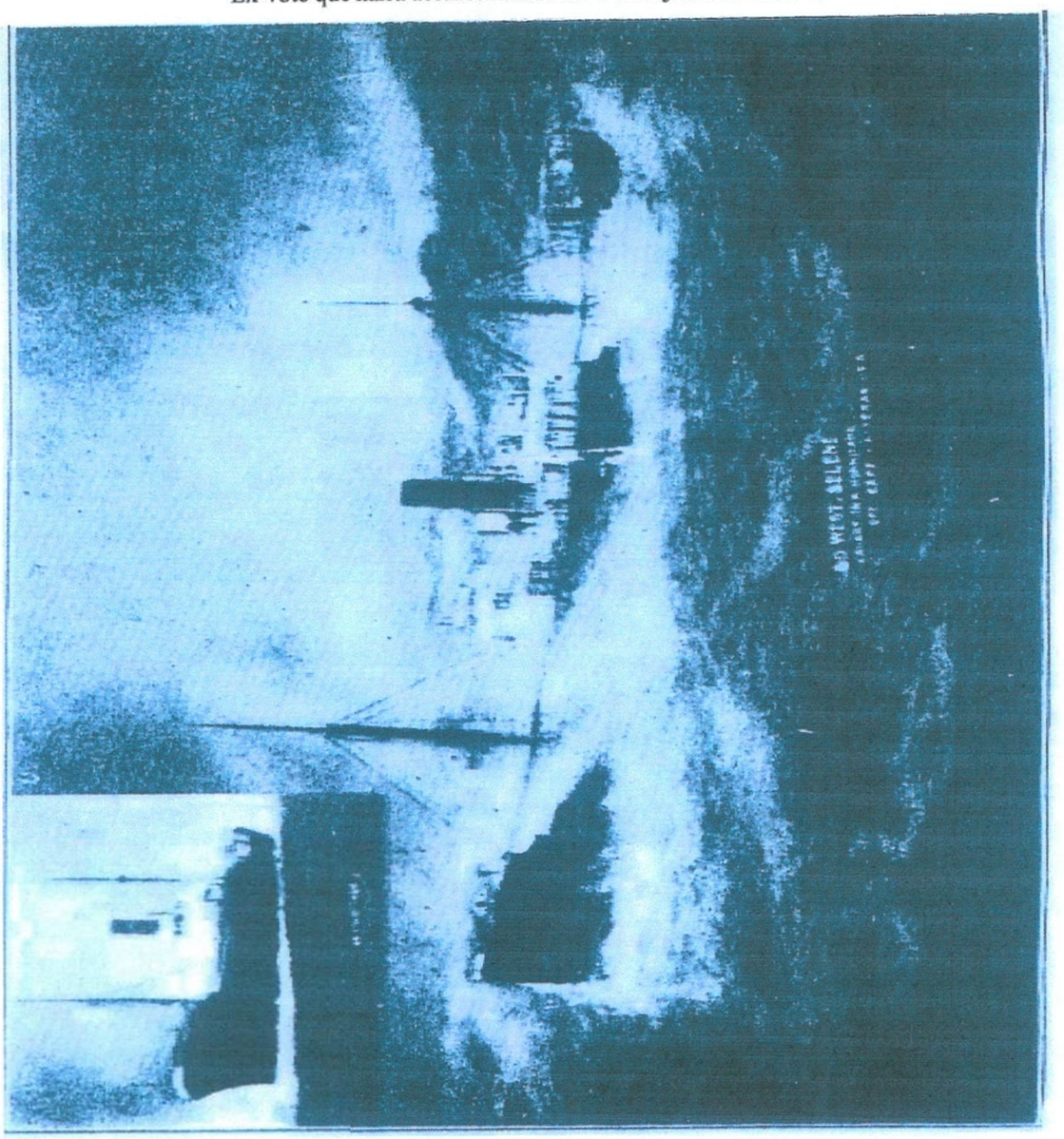
---

[604] *ANSAp*. Aparecida, 1940, p.24, itálicos meus. As crianças mortas foram jogadas ao mar durante uma viagem à Itália.

[605] *ANSAp*. Aparecida, 1940. O atendimento às solicitações gerava fidelidade e os devotos se comprometiam em assinar o jornal *Santuário*, pp. 21, 25 e 26; ou o "Ecos Marianos". Uma devota cearense relata o modo pouco casual pelo qual tomou conhecimento, nos "Ecos Mariano", dos prodígios operados por Aparecida; op. cit., p. 25. Para o ato de recorrer à divindade, pp. 22, 23, 24 25; suplicar à sua intervenção, pp. 22, 25 e 26; o grito humano pedindo socorro divino, pp. 18, 19 e 22; a mudança do processo de invocação de N. S. Aparecida, ao *ente abstrato* de Padroeira da nação, p. 18.

e.5] Aparecida verga a si às forças da natureza.

Ex-voto que narra acontecimento do "dia de julho de 1937".[606]



"O navio "West selene", perto de Santos, estava em perigo iminente de naufragar".

Assim, "na hora angustiosa" o seu capitão John P. Edwards "pediu o socorro de N. S. Aparecida, e eis que as ondas furiosas se alisaram e o navio se achou salvo".

Na edição do *ANSAp* de 1936 há dois relatos relativos a acidentes com fenômenos naturais. Ambos do ano de 1935. Um da cidade de São Paulo, centro urbano; e outro de Paraguaçu, meio

[606] *ANSAp*. Aparecida, 1936, p. 23.
Na "Série Sagrada, 22", que narra em quadrinhos a *História de N. S. Aparecida*. Rio de Janeiro, Ed. Brasil-América, jun/1955, 34p; à p. 34 esse prodígio, de 4 de jul. de 1937, atribuído à Aparecida é novamente descrito.

rural. O relato urbano é de Tomás Scheuchl que tinha o ofício de "pintor acadêmico". Na tarde de 3 de fevereiro de 1935,

> "às 3 horas da tarde forte trovoada [caiu] sobre São Paulo, penetrou um raio na sua casa. Estava ele em seu gabinete de trabalho em que *na parede há um quadro da Padroeira do Brasil que instintivamente invocou na hora do perigo. O raio entrou pelo telhado e atravessou a sala até perto do quadro de N. S. Aparecida*, de *lá tomou outra direção, passando pela cozinha ao galinheiro fora da casa, penetrou finalmente na cisterna, onde com grande ruído se extinguiu.* [Após esse momento de gravidade] [...] marido e mulher se chamaram pelo nome, para ver se estavam vivos. E graças à N. S. Aparecida, ambos achavam-se salvos e os estragos do raio foram insignificantes, com grande admiração dos vizinhos que tinham visto toda a casa envolta em fogo e fumaça".[607]

O relato do devoto do meio rural é o seguinte: "Proteção visível de N. Senhora". Eram "7 horas da noite" na casa de Agenor Leite,

> "[...] estávamos no quarto fazendo as nossas orações; de quando em quando, *o relâmpago clareava o mesmo quarto, como se fosse a fosforescência de um pirilampo, a piscar nas trevas da noite silenciosa.* [...]. Quando rezávamos com viva fé [uma Salve Rainha], *houve um forte rebento no espaço: parecia que as nuvens queriam em um só tempo cair sobre nós. Lembramo-nos de gritar por N. Senhora. A faísca veio a cair sobre a parede do quarto onde estávamos, fazendo na mesma um enorme rombo, indo atingir à outra, passando sobre nós, sem de leve nos tocar.* [...] *Foi N. S. Aparecida que nos salvou!* Fomos, nervosos, *terminar as nossas preces em casa de meu pai, onde sempre cultuamos a imagem dessa Mãe piedosa.* E lá rezamos alegres, por termos a proteção de Maria! [...]. Ó poderosíssima Mãe Aparecida, aparecei-nos sempre como o vosso socorro! [...]. *Sede sempre a divina protetora de nosso lar!*".[608]

Há, no ano de 1945, a descrição de um religioso Redentorista na qual ele narra sobre o ocorrido com dois missionários gaúchos que missionavam em Laguna, Santa Catarina. Segundo o relato, "as santas Missões" lograram um êxito "extraordinário". Afirma-se que "foi uma graça especial de N. S. Aparecida". Reconhecia-se que tal sucesso deveria ser creditado "mais uma vez [aos] [...] filhos de Santo Afonso, propagando a devoção da Padroeira dos Brasil nas Missões redentoristas". Antes de relatar o que sucedeu na cidade portuária de Laguna, a narrativa recupera o relato que a memória tradicional conta sobre o encontro da imagem de Aparecida no século XVIII no rio Paraíba, assim fazendo uma analogia entre os dois eventos. Deste modo, naquele 9 de setembro de 1942,

> "numa bela manhã, *depois de todos haverem assistido à santa Missa, e ouvido a pregação do Missionário*, eis que chegou a notícia de que *muitos miragaias* [peixe cuja ocorrência dar-se no litoral do Rio Grande do Sul] *tinham entrado pela barra.* Temendo fazer uma pescaria durante as missões, os pescadores foram consultar o missionário. *Recebida a licença, um dos chefes foi prostrar-se aos de N. Senhora Aparecida*, cópia fiel da verdadeira imagem que os missionários costumam levar para as missões e expor à veneração dos fiéis, *pedindo sua proteção e fazendo uma promessa. Munidos de grandes redes, mais de 50 pescadores saíram ao mar, confiados na proteção de N. S. Aparecida. Pela*

---

[607] *ANSAp*. Aparecida, 1936, p. 45, itálicos meus. Tomás Scheuchl era contratado pelo periódico e desenhava "o quadro da Padroeira do Brasil e capa do nosso Almanaque", afirmavam os redatores do anuário.
[608] *ANSAp*. Aparecida, 1936, p. 51, itálicos meus.

tarde voltaram alegres e satisfeitos, trazendo 499 grandes miragaias, no valor de dez mil cruzeiros [...]".[609]

Infere-se desse evento que para os religiosos a colheita em abundância de peixes foi possível a partir do cumprimento de ritos como o da missa: *os pescadores obedeceram aos gestores do sagrado, quando aqueles pediram desimpedimento para a faina pesqueira. Aparecida os protegeu e os beneficiou, pois cumpriram o que a hierarquia estabeleceu.*

Mas, prodígio modelar por sua escala de grandeza é o relatado pelo capitão John P. Edwards do navio "West Selene". O evento deu-se no dia 4 de julho de 1937 no litoral paulista, nas proximidades de Santos. Estando a sua embarcação: "[...] em perigo iminente de naufragar. [Assim, naquela] [...] hora angustiosa o [comandante] pediu o socorro de N. S. Aparecida, e eis que as ondas furiosas se alisaram e o navio se achou salvo".[610] Junto ao texto acima há uma ilustração na qual o navio é representado no instante tormentoso: uma massa de água revolta quase engole uma grande nau. Assim, a potência que Aparecida encerrava e indicava, segundo os relatos, a ubiqüidade da divindade que cingia a si todos os planos: subjugando às forças da natureza e humana.

Na *ANSAp* de 1936, há outros relatos além dos relativos à doenças e acidentes, como o de um homem viciado em jogo que reconheceu "do íntimo da sua alma [...] a N. S. Aparecida " que o livrara daquela dependência. Há depoimentos atribuídos a crianças se declarando "devotos de N. Senhora Aparecida vimos visitá-la no seu Santuário" e que não agradecem benefícios obtidos. Apenas reconhecem na Padroeira "amor e gratidão".[611]

As imagens fotográficas ou ilustrações publicadas tinham por objetivo divulgar os prodígios atribuídos à Aparecida, quer os concernentes aos males humanos ou extra-humanos, ou aqueles referentes à natureza. Prestava-se a ser "testemunhos verdadeiros", pois tais imagens narravam e veiculavam eventos e acontecimentos que, efetivamente, ocorreram segundo os devotos, de modo que persuadiam os leitores no sentido de lhes informar sobre aquela verdade ali plasmada, conforme apontou Susan Sontag.[612]

---

[609] *ANSAp*. Aparecida, 1945, pp. 28-31; cit. p. 29, itálicos meus.
[610] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 23-29; cit. p. 23. Neste ano divulgaram-se milagres dos anos de 1937, 1938 e 1939.
[611] *ANSAp*. Aparecida, 1936; cit. pp. 51 e 50 respectivamente, para os trechos entre aspas.
[612] SONTAG, S. *Ensaios sobre fotografia*. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986, 178p; ela afirma sobre a força testemunham do registro imagético: "as fotografias fornecem provas", pois "uma fotografia passa por ser uma prova incontroversa de que uma determinada coisa aconteceu", p. 15.

e.6] Diversos prodígios da Padroeira e conclusões preliminares. Para além de uma expressão de arte *naïf*: os ex-votos como documento de história social e a difusão devocional mariana mediante estampas de N. Senhora: do camponês italiano no século XVIII à criança pobre do Vale do Paraíba no século XX: conversões e curas.

Havia um número significativo de milagres que não eram nomeados.[613] Nos seus depoimentos os devotos agradeciam uma "graça" ou um "favor" recebido. Mas também ocorriam casos como o de um homem mineiro que declarava que Aparecida socorria aos enjeitados, pois lhe pedira em favor de uma criança que não conhecera a mãe.[614] A Padroeira também solucionava os problemas que os seus fiéis tinham nos seus negócios. Aparecida socorreu pessoas foram ou sofrem tentativa de mutilação.[615] Atendia aos que lhe pediam uma "colocação" ou emprego.[616] Relato idêntico foi o de uma devota mato-grossense que invocou Aparecida para que o marido conseguisse trabalho, pois havia tempo ele achava-se desempregado e foi atendida.[617] Em 1941 os eventos identificados como graça e/ou proteção da Padroeira somam seis.[618] Em 1944 são três as graças sem indicação específica. Há relatos narrados não pelos agraciados, mas por religiosos: um beneditino de São Paulo e dois franciscanos, um de Santa Catarina e outro de Petrópolis, no ano de 1943 eles somam três.

A série de relatos prodigiosos atribuídos à Padroeira analisados sesta seção da pesquisa eram, em termos geográficos, de devotos dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, nesta ordem; e majoritariamente das cidades circunvizinhas ao Santuário. Havia uma efetiva preocupação dos padres Redentoristas em divulgar depoimentos de fiéis de locais distantes da Basílica, para assim apontar a dilatação da devoção à Aparecida por todo o território nacional. Esforço nesse sentido pode ser aferido nos relatos do ano de 1940. Eles se referem a favores obtidos por devotos: alagoano, amazonense, catarinenses, cearense, goiano, gaúchos, mato-grossenses e paranaenses.[619]

---

[613] *ANSAp*. Aparecida, 1945. Neste ano há o agradecimento de duas graças não especificadas.
[614] *ANSAp*. Aparecida, 1938, pp. 24-31; cit. p. 26
[615] *ANSAp*. Aparecida, 1938, pp. 28, 29 e 30. Na *ANSAp* de 1937, à p. 58 há relato sobre a solução favorável em negócios por mediação da Padroeira. Em 1937 também há relatos sobre mutilações, pp. 61, 62 e 53, respectivamente.
[616] *ANSAp*. Aparecida, 1937, p. 62.
[617] ANSAp. Aparecida, 1939, p. 29.
[618] *ANSAp*. Aparecida, 1941, pp. 9-18.
[619] *ANSAp*. Aparecida, 1940. Os prodígios se referem aos anos de 1935, 1936, 1938 e 1939. Há uma massa de relatos não datados e sem informar o local. As localidades, pp. 24, 22 e 25, 21, 19, 21, 22, 26, 20, 22, 25, 26, respectivamente. Na *ANSAp* de 1938 são difundidos os milagres de vários Estados da federação: Rio Grande do Norte, p. 25; Pernambuco, p. 25; Mato Grosso, p. 28; Goiás, pp. 26 e 29; Paraná, pp. 29, 30; mas centralmente das cidades próximas ao Santuário e dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e São Paulo, pp. 24-31. Referiam-se aos anos de 1934, 1936 e 1937. Assim, os seus devotos reconheciam a potência da Padroeira.

Mas o grosso dos depoimentos e imagens de ex-votos eram de paulistas, mineiros e cariocas.[620]

A existência relatos oriundos de algumas capitais indicava a inserção da invocação à Aparecida no meio urbano. Contudo, a massa das descrições das graças se referiam às cidades interioranas, vilarejos, sítios, fazendas etc., apontando expressiva adesão à devoção mariana no meio rural.[621]

Como ficou sistematicamente marcado nos relatos e depoimentos, a divindade não surge espontaneamente, mas após a demanda angustiosa e aflitiva de mulheres e homens. Logo, em termos compreensivos, o sagrado é a solução a uma premência que não via no plano imediato do humano um resultado eficaz.

Aqui não havia o processo ritual, mas tão somente a emissão de um grito ou algo próximo - logo a verbalização do problema -, que é, segundo os depoentes, atendido em termos temporais celeremente.

Nesta ordem de coisas, apontando outro nexo: ao seu devoto Aparecida atuava no plano da concretude dos problemas e agiam às vicissitudes da sua existência.

Os ex-votos aqui analisados, a partir do roteiro interpretativo indicado por Michel Vovelle, quer em termos imagéticos - pinturas ou fotografias -, ou nas narrativas escritas foram apropriados como "documento da história social e da história demográfica, o ex-voto é ainda testemunho da história cultural e, em vários níveis, nele se observa a dialética entre escrita e expressão figurada dentro de uma sociedade que permaneceu por longo tempo analfabeta".[622] O historiador francês faz tal afirmação em relação à sociedade francesa. A percuciência dos seus argumentos se tornam mais densos quando aplicada à formação social de uma país como o Brasil.

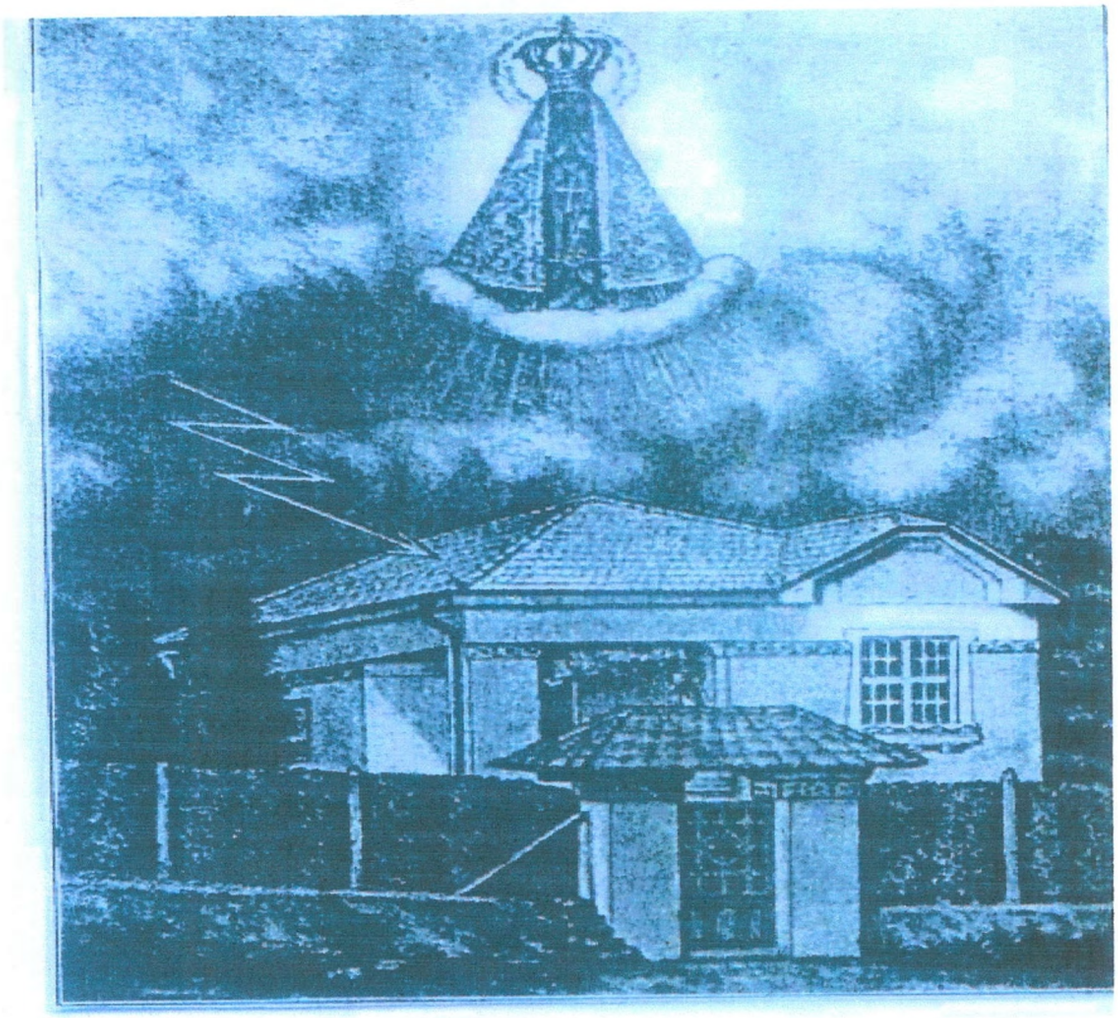
---

[620] *ANSAp*. Aparecida, 1940; paulistas: pp. 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26; mineiros: pp. 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26; cariocas: pp. 18, 23 e 25.

[621] *ANSAp*. Aparecida, 1941. Os depoimentos em maior quantidade são dos municípios próximos ao Santuário e de outras cidades do Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. E milagres de devotos dos Estados de Alagoas, pp. 10 e 11; do Espírito Santo, pp. 12 e 14; Goiás, p. 9; Mato Grosso, pp. 16, 17, 18; Pernambuco, p. 16; Paraná, pp, 10, 15 e 18; Rio Grande do Sul, pp. 10 e 14; Santa Catarina, pp. 10, 11, 13, 14 e 18, respectivamente. A grande maioria dos depoimentos não está datada, mas aparecem duas datas: 1929 e 1940. Na *ANSAp* de 1938 a grande maioria dos depoimentos são fiéis de cidades pequenas e fazendas do meio rural. Em 1945 *ANSAp* os depoimentos são de devotos paulistas na sua maioria; e também de paranaense, catarinenses, gaúchos, mineiros.
O historiador Alcir Lenharo aponta a questão do pietismo mariano como um dos elementos chaves das representações simbólicas da Nação, o *locus* harmônico e estável. LENHARO, A. *Sacralização da Política*. Campinas, Papirus, 2ª ed., 1986, 218p; especialmente, pp. 19-105 e 139-168.

[622] VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo, Ática, 1997, 407p; cit. p. 117.

Ex-voto originado no espaço urbano. *ANSAp*. 1936.[623]



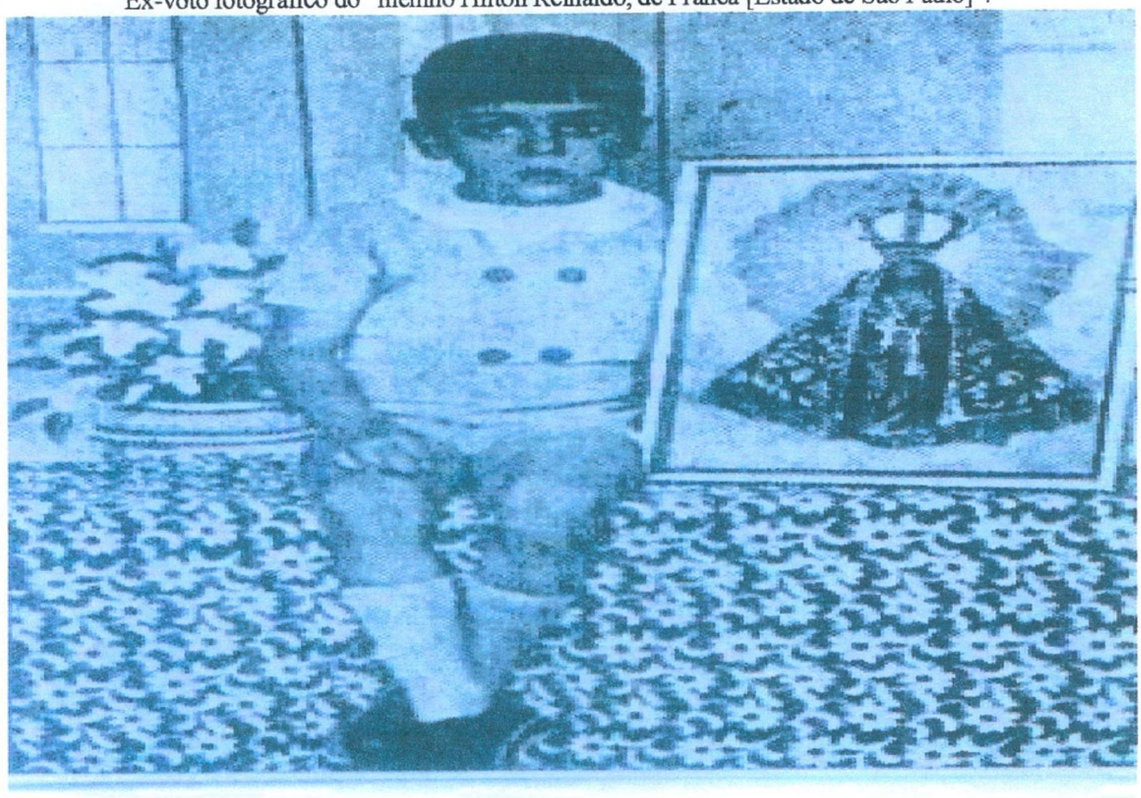
Na tarde de 3 de fevereiro de 1935, "às 3 horas da tarde forte trovoada [caiu] sobre São Paulo, penetrou um raio na sua casa. Estava ele em seu gabinete de trabalho em que *na parede há um quadro da Padroeira do Brasil que instintivamente invocou na hora do perigo. O raio entrou pelo telhado* e *atravessou* a *sala até perto do quadro de N. S. Aparecida*, de *lá tomou outra direção, passando pela cozinha ao galinheiro fora da casa, penetrou finalmente na cisterna, onde com grande ruído se extinguiu*. [Após esse momento de gravidade] [...] marido e mulher se chamaram pelo nome, para ver se estavam vivos. E graças à N. S. Aparecida, ambos achavam-se salvos e os estragos do raio foram insignificantes, com grande admiração dos vizinhos que tinham visto toda a casa envolta em fogo e fumaça".[624]

---

[623] *ANSAp*. Aparecida, 1936, p. 45. O autor do ex-voto é Tomás Scheuchl era contratado pelo periódico e desenhava "o quadro da Padroeira do Brasil e capa do nosso Almanaque", que teve a casa salva de um raio por um milagre de Aparecida.

[624] *ANSAp*. Aparecida, 1936, p. 45, itálicos meus.

Ex-voto fotográfico do "menino Hilton Reinaldo, de Franca [Estado de São Paulo]".[625]



Este ex-voto fotográfico é um entre as centenas de criança que havia sido curada após a invocação de Aparecida. O menino de apenas cinco anos havia sido "vítima de forte queda, ferindo-se muito na perna direita. Depois de dez dias sobreveio septicemia. Passou um mês inteiro com 40 graus de febre, tendo que se sujeitar a quatro operações. Quando já se achava às portas da morte, seus pais aflitíssimos recorreram à Padroeira do Brasil, N. S. Aparecida, pedindo com toda confiança que salvasse a vida do filhinho. Foram prontamente atendidos pelo que ficaram imensamente gratos".[626] Este é um relato exemplar como muitos dos que analisamos acima, pois ele contempla toda uma teia de elementos que demandam à intervenção prodigiosa da divindade: a incapacidade humana a uma solução rápida e adequada para conservar a vida; a presença dos familiares recorrendo não apenas a Aparecida, mas à Padroeira do Brasil e atendido o pedido lançado.

A imagem fotográfica do garoto Hilton segurando uma estampa da Padroeira prestava-se a ser um testemunho incontestável!

Provavelmente a estampa de Aparecida passaria a exercer o papel de amuleto ao qual à família recorreria nas horas de dificuldade. A estampa de Aparecida o acompanha qual um talismã.

---

[625] ANSAp. Aparecida, 1945, p. 28.
[626] ANSAp. Aparecida, 1945, p. 28.



No nº 22 da *Série Sagrada*[627] que narrava a *História de N. S. Aparecida* em quadrinho, entres às páginas 22 a 32, há a descrição do prodígio operado por Aparecida, sobre o caso do "Paralítico de Barra Mansa", onde se narra a história de Sebastião, um menino que tinha necessidades especiais para se locomover e que era carregado "na cacunda", nas costas, pelo irmão João.

Ambos logo cedinho saiam de casa para pedir esmolas. Na base da narrativa, à esquerda, o religioso e missionário redentorista além de dar "boa esmola", entrega às crianças uma estampa de Aparecida, e "recomendando-lhes que fizessem preces para a obtenção da cura...".[628]

---

[627] *Série Sagrada. História de N. S. Aparecida*. Rio de Janeiro, Ed. Brasil-América, nº 22, jun/1955, 34p.
[628] *Série Sagrada. História de N. S. Aparecida*. Rio de Janeiro, Ed. Brasil-América, nº 22, jun/1955, 34p; cit. p. 29.

A difusão da devoção mariana por intermédio da estampas se reportava ao próprio estabelecimento da Congregação do Santíssimo Redentor [C.SS.R], como narrou o seu fundado Afonso de Ligório, ao apontar a eficácia pedagógica de imagem e símbolos religiosos, que já haviam sido objeto da preocupação de homens como o papa Gregório, o Grande.[629]

Afonso de Ligório, no seu *Le Glorie di Marie* cita um caso exemplar de uma estampa da Imaculada Conceição agindo pedagogicamente na conversão. Narra o fundador da Congregação do Santíssimo Redentor [C.SS.R] que os padres da Congregação atuavam no Reino de Nápoles; um deles foi procurando por uma mulher. Ela informou que o marido "[...] não se confessava havia muitos anos".

Ato contínuo, o religioso instruiu para que ela "[...] desse ao marido uma estampa de Maria Imaculada". Após algumas tentativas, com a recusa do marido em fazer o sacramento da confissão, "deu-lhe então a esposa a referida estampa. E eis que apenas a recebeu, o marido logo disse: Então quando queres que me confesse? Estou pronto. [...]. Confessou-se efetivamente [não o fazia "havia vinte e oito anos"] com muita compunção, mudou de vida, e continuou por muitos anos a confessar-se a miúde [...]" [630]

---

[629] Segundo o historiador Jean-Claude Schmitt o papa Gregório Magno no ano 600 escreveu sobre a eficácia pedagógica das imagens religiosas e das suas funções sociais. Para o religioso "[...] as imagens não deveriam ser "adoradas" como são os ídolos pelos pagãos, mas também não deveriam ser destruídas. Elas têm de fato uma tripla função: lembra a história sagrada; suscitam o arrependimento dos pecados; enfim, instruem os iletrados que, ao contrário dos clérigos, não têm acesso direto à Bíblia". Assim, "[...] as imagens seriam a "Bíblia dos iletrados"". Nestes termos, a iconografia cristã elegeria cenas que mereceriam ser repetida: "Anunciação, Visitação, Natividade, Crucificação, Julgamento Final". Deste modo, passa-se a "[...] dá-se mais valor às imagens que aos textos, [...] em razão de sua eficácia pedagógica". SCHMITT, Jean-Claude. "Imagens". In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. [Coords.]. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, Edusc; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de S. Paulo, Vol. I, 2002, 675p; cit. p. 599. **Os temas concernentes à Maria são majoritários** na lista apresentada pelo medievalista.

[630] LIGÓRIO, [Santo] Afonso Maria de. *Le Glorie di Maria*. [1ª ed., 1750]. Roma, Edizione P.P. Redentoristi, 1954. [Trechos entre aspas, tradução brasileira. *Glórias de Maria*. Aparecida, Ed. Santuário, 3ª ed., 1989, 501p; cit. p. 255]. O religioso cita outro exemplo, como o da diocese de Salerno, no qual estampa da Senhora Conceição atuou como mediadora dirimindo conflito entre os homens. Nestes exemplos alguns elementos devem ser vincados: ***a presença feminina; a imagem pedagógica da Imaculada mediadora; a atuação no meio da população camponesa;*** e **o elemento chave para Igreja católica no período: o sacramento da confissão**. Cf. DELUMAEU, Jean. *L'aveu et le perdon . Les difficultés de la confession XIIIe.-XVIIIe. siècle*. Paris, Librairie Arthème Fayard, 1990. O historiador afirma que com a contribuição de Santo Afonso de Ligório, no século XVIII, chega-se a uma racionalidade humanista católica próxima à das Luzes: a sua moral e pastoral operaram em termos de "Meio-Termo e Benevolência". Essa operação doutrinária evitava o rigor do laxismo. O meio-termo e a benevolência se traduzem em termos de: tranqüilidade, conforto, apaziguamento: estes eram os instrumentos e efeitos a serem obtidos no sacramento da confissão. Michel VOVELLE apontou, no referente à sensibilidade da "época barroca", no século XVII, em relação às "*ars moriendi*" a função pedagógica presente nas "imagens" e na "iconografia" em geral. _____. VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo, Ática, 1997, 407p; cit. pp. 124 e 126, respectivamente. Não escapou ao atilado historiador que tais imagens são constitutivas de uma pastoral que instrumentalizava, em prol da "conversão", os elementos do medo e do pânico, num mundo infernal e de sofrimentos das "almas-penadas", p. 119.

Nestes termos, segundo Caprettini: "[...] a função *memorial*, "disciplinar" das imagens sagradas, que podem precisamente servir "conjuntamente à glória de Deus, à disciplina de nós mesmos e à edificação do próximo"".[631]

Neste sentido, segundo Humberto Eco, o símbolo sagrado remete a "[...] *uma metafísica*".[632] Aspecto que não pode fugir ao analista de imagens, questão principalmente presente na iconografia de raiz religiosa: *a tensão entre o ôntico e o fenomênico.*

Assim, uma abordagem semiótica e compreensiva da análise de imagens, representações e símbolos religiosos ou de origem religiosa são metodologicamente operatório para esse tipo de análise.[633]

Deste modo, como indicou Jean-Pierre Vernant – pensemos na dupla matriz que a imagem tem no Ocidente: matrizes judaico-cristã e greco-romana –, quando da sua abordagem da imagem e do conceito de representação desde os períodos arcaico até o clássico na Grécia. Vernant analisando o "kolossós" afirmou:

> "[...] dado o efeito desconcertante de presença-ausência que suscita, opera à maneira paradoxal de um duplo: inscreve a ausência, o vazio, no próprio seio de que se deixa ver como presente. O ser que evoca [o kolossós], à maneira de um substituto, manifesta-se na forma de pedra como aquilo que fugiu para longe, que não pode estar ali, que pertence a um inacessível alhures".[634]

Indico, pontualmente, uma questão que venho perseguindo, que é o *conceito de Vicário*: a partir da iconografia, da imagem e da *representação do sagrado* [o meu suporte analítico é essa série de estampas de N. S. Aparecida] e dos seus liames.

Nesta ordem de coisas, procurando elidir o divino e humano – visando *compreender a sua elaboração racional e a sua apropriação mística*; indicando as tensões entre os planos da transcendência e da imanência e apontar as forças/potências entre o sagrado e o profano.

---

[631] CAPRETTINI, G. P. "Imagem". In: ROMANO, Ruggiero. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nacional-Casa da Moeda, 1994, Vol. 31: Signo, 277p; pp. 177-199; cit. p. 197.

[632] ECO, Humberto. "Símbolo". In: ROMANO, Ruggiero. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nacional-Casa da Moeda, 1994, Vol. 31: Signo, 277p; pp. 138-176, cit. p. 159, itálicos meus.

[633] A historiadora Tereza Aline Pereira de Queiroz, no seu curso sobre *Antiguidade Tardia e Alta Idade Média*, tomando por suporte analítico imagens e séries iconográficas, tem desenvolvido uma abordagem extremamente operatória e compreensiva dos problemas que a produção pictórica do período informa. A historiadora da Universidade de São Paulo vinca, a partir de um *corpus* conceitual que abrange, desde Panofsfy, Gombrich, Emile Mâle, A. Chastel, M. Vovelle, J. Huizinga, E. Auerbach, P. Brown e outros. Assim, articulam-se a indicação do semiotista italiano e a abordagem compreensiva da historiadora brasileira. Veja-se: PEREIRA DE QUEIROZ, Teresa Aline. *Renascimento*. São Paulo, Edusp, 1995, 145p. Nesta obra a historiadora exercita o que estamos apontando.

[634] VERNANT, Jean-Pierre. *Figuras, Ídolos, Máscaras*. Lisboa, Teorema, s/data, 192p; cit. pp. 27-28. Este trabalho do professor Vernant são as suas aulas no *Collège de France* entre 1975 e 1984. Em 1993 assisti aulas-seminários do professor Vernant, no Departamento de Filosofia da USP, nas quais ele, panoramicamente, tratou dos mesmos temas abordados neste livro.

Em formação social como a sociedade liberal de massas, a eficácia pedagógica das imagens elaboradas para serem apropriadas pelas multidões mostrará toda a sua força: disciplinando, exemplificando, apontando um modelo comportamental a ser seguido.[635]

Ipso facto dessa realidade: as multidões operam a compreensão do mundo por meio de imagens, não de conceitos. E sendo religiosa a origem dessas imagens, revelam-nos, neste particular, a sua função social e eficácia pedagógica no plano política. **Eficaz**, centralmente, **pois não aceita contestação**: **seu núcleo é o divino**.

Mas a narrativa do milagre de Aparecida difundido em meados da década de 1950 indicava uma mudança histórica: o alvo da ação dos religiosos da C.SS.R agora era a infância, e uma continuidade: as estampas da Imaculada Conceição como mediadora, operando prodígios e curando corpos.

O fecho da narrativa da cura de Sebastião em forma de história em quadrinhos [texto e imagem] - moderna e eficiente, pois dirigida às massas -, informava que "[...], enquanto os olhos daquela pobre gente", a mãe e os dois filhos, "fitavam, aéreos, a singela estampa colorida, seus pensamentos suplicavam, na comunicação da prece veemente, uma graça daquelas infinitas graças que a Santíssima Mãe de Deus reservava aos que a ela acorrem...". Assim, após três dias de preces coletivas, no âmbito humilde e familiar, o menino Sebastião declarava, aos gritos: "Mãe! Maizinha! Olhe as minhas pernas! Eu já posso andar com elas! Eu vou ficar bom!". Nesta ordem de coisas, a mãe com lagrimas nos olhos agradecia à "Virgem Imaculada" e o seu irmão João declarava: " N. S. Aparecida, obrigado pela Sebastião...".[636]

Imagem e texto articulavam-se na veiculação dos milagres da Padroeira dirigidos às massas católicas.

---

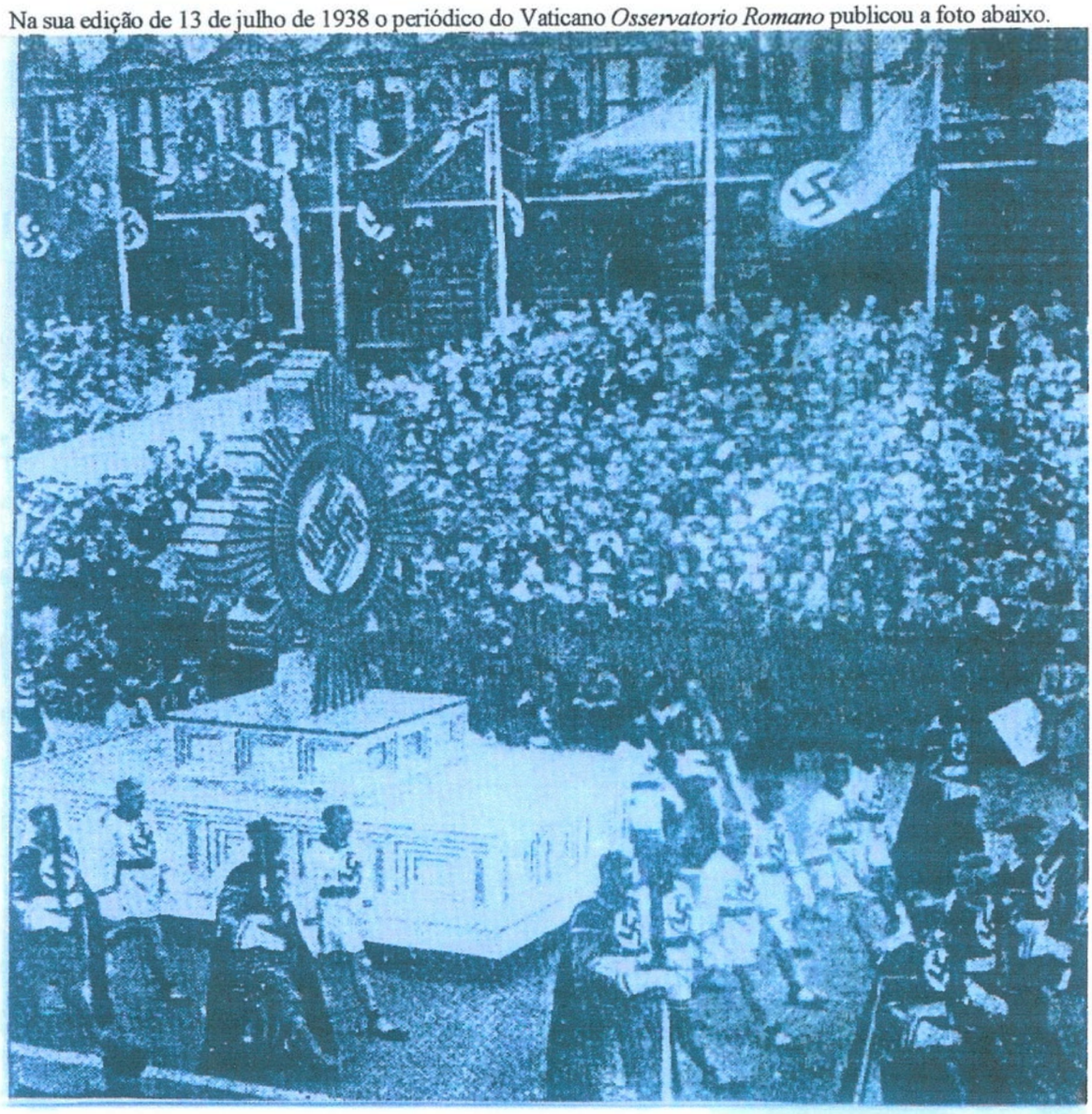
[635] PELIKAN, Jaroslav. *Maria através dos séculos. Seu papel na história da cultura*. São Paulo, Cia. das Letras, 2000, 350p. O autor lembra que no século XIX Maria foi central no imaginário e na produção do romantismo, principalmente no campo poético. Aquele período foi "[...] o grande século das aparições marianas – os cem anos que iniciaram na década de 1830, estendendo-se até a década de 1930 – não eram a membros da elite [a quem a Virgem se manifestava], e sim a pessoas simples, camponeses", p. 242.
O autor resumiu o debate que se instaurou a partir daí, pois a "[...] controvérsia muitas vezes refletiam uma certa "luta de classes". Essa também foi a interpretação de seu mais influente advogado, apesar de apenas o próprio proletariado ter tomado partido dos humildes. Mas ele se colocou ao lado dos mais humildes mesmo quando escarneceu dessas manifestações da espiritualidade das classes mais baixas, considerando tais manifestações como "o ópio das massas". Trechos entre aspas, op.cit., pp. 242-243, respectivamente. Avaliação justa do autor d'*O Capital*, crítico dessas manifestações místicas das massas humanas. Contudo, ele jamais deixou de lhes ser solidário e pensar os meios e as estratégias para emancipá-las.

[636] *Série Sagrada. História de N. S. Aparecida*. Rio de Janeiro, Ed. Brasil-América, nº 22, jun/1955, 34p; cit. pp. 30 e 32, respectivamente.

f] *Aparecida como instrumento de combate a projetos políticos contrários aos da Igreja católica.*

f.1] Introdução: a condenação mitigada - o **nazismo**.

Na sua edição de 13 de julho de 1938 o periódico do Vaticano *Osservatorio Romano* publicou a foto abaixo.



Desfile nazista em Hamburgo. As casas da cidade estavam "embandeiradas" como se fosse "uma procissão de Corpus Cristi". Os participantes vestiram-se como se fossem "padres", no centro do cortejo um "andor enorme, traz um gigantesco ostensório, cercado de raios de luz, no centro, sobre um fundo branco, [...] em lugar das hóstia, a cruz suástica [...]".[637]

Nesta edição do ano de 1939 do *ANSAp* abordou-se "perseguição religiosa na Alemanha". Informa-se que no início o nazismo alemão se apresentava como um "patriotismo extremado" em

[637] Jornal *Osservatorio Romano*. Roma, 13 de julho de 1938. Apud: *ANSAp*. Aparecida, 1939, p. 191.

função da sua situação de país derrotado I Guerra Mundial, tendo sido "humilhada por seus inimigos". Porém, as energias do patriotismo germânico

> "foi mal orientado e aplicado de maneira desastrosa ao terreno religioso, de modo que *não aspirava apenas a grandeza política da pátria, mas também uma religião diferente da dos outros povos, a religião do sangue e da raça que servisse e fomentar sempre mais a exaltação patriótica da nação.* [Havia, entre os nazistas, uma clara intenção em estabelecer "uma religião diferente" e em perseguirem] as outras religiões, o protestantismo e muito mais o catolicismo, suprimindo as escolas dirigidas pelos religiosos e em geral as escolas católicas, os jornais católicos, as associações católicas e maltratado de mil maneiras os sacerdotes".[638]

Deste modo, com já informara o "Osservatore Romano", a partir das denúncias do arcebispo de Friburgo, o 3º Reich produzira um "quadro lúgubre" em relação "a situação religiosa". Apontava-se uma efetiva "propaganda anti-religiosa" na Alemanha do Reich cujo fim era

> "*a excitação da opinião pública* provocada pelos processos de imoralidade, e *a campanha de apostasia* [...]. *Pôs-se em dúvidas o patriotismo dos Padres e contra eles organizaram demonstrações hostis*". [Criou-se] entraves ao culto. [Estabeleceu-se um] [...] *guerra ao crucifixo* [nas escolas]. As *igrejas são fechadas* sob pretexto duma manifestação de partido [...]. Os funcionários [públicos] são proibidos de assistir aos atos religiosos e às procissões [...]. [Havia o entendimento entre os nazistas que uma] "*procissão do Corpus Christi [era] uma demonstração de hostilidade ao Estado*".[639]

Não obstante, a Concordata estabelecida entre o Reich e Cúria Romana, instituiu-se uma situação de hostilidades e perseguições como as referentes

> "a "Associação Popular" que contava 30.000 membros, *foi dissolvida e seu patrimônio confiscado. Todas as associações* profissionais ou esportivas *católicas foram proibidas*. A Federação da Juventude Católica foi sistematicamente boicotada. As próprias *obras beneficentes* são perseguidas e *devem pagar impostos pelas esmolas distribuídas desde 1933. Os eclesiásticos são obrigados a pagar o imposto de celibatários*".[640]

De fato, havia na Alemanha do III Reich uma efetiva política de "obstáculos à pregação" católica, que desrespeitava os artigos 4 e 23 da Concordata. Assim, criou-se uma série de empecilhos ao culto, inclusive por meio de "numerosas medidas de polícia". Esses atos impeditivos poderiam ser aferidos em relação aos "Padres que foram presos por causa de sermões. Avisos de instruções religiosas para homens foram arrancados pela polícia. A reimpressão de encíclicas é impedida, os boletins proibidos", estabeleceu-se à censura e assim obstacularizou-se "muitas obras católicas".[641] A Concordata regrava e normatizava matéria atinente ao "ensino religioso nas escolas", porém "32 professores católicos" foram proibidos de lecionar na arquidiocese de Friburgo.

---

[638] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 188-192; cit. p. 188, itálicos meus.
[639] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 188-192; cit. p. 188, itálicos meus.
[640] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 188-192; cit. p. 188, itálicos meus.
[641] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 188-192; trechos entre aspas, cit. p. 189.

Para os nazistas as ações dos religiosos tinham caráter "puramente" político. Contudo, a Cúria interpretava-a como "francamente anti-religioso".[642]

A par dessa realidade, a Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades, órgão da Instrução Pública da Cúria Romana, produziu um documento em oito tópicos nos quais apontava "os erros fundamentais do racismo [...] e do nacionalismo exagerado".[643] A *I Tese* constatava que

> "[...]: as raças humanas por sua natureza originária e imutável, diferem de tal maneira entre si que a mais inferior dentre elas se acha à maior distância de mais elevada, do que da espécie animal mais alta. [A *II Tese* afirmava que] "o vigor da raça e pureza do sangue devem ser conservados e favorecidos por todos os meios: tudo quanto leva a este resultado é, por esse simples fato, honesto e lícito. [A *III Tese*, corolário do primado da "raça e do sangue" diz que] "todas as qualidades intelectuais e morais do homem surgem, como da fonte mais genuína, do sangue, em que encerra a natureza mesma da estirpe. [A *IV Tese* apontava que] o fim essencial da educação é cultivar a natureza da raça e inflamar o espírito da raça de um grandíssimo amor para com essa mesma raça, como supremo bem".[644]

Às quatro teses seguem-se comentários refutando-as. A doutrina da Igreja católica admitia haver "alguma diferença das raças humanas", porém tal diferença não era "de origem, portanto não essencial", mas de gradações e matizes concernentes "as diversidades de regiões, de clima, *de civilização* [...]". Assim, o comentarista, cuja interpretação expressava a opinião da hierarquia, condenava as teses nazistas, pois nelas não havia "*a negação* da *absoluta e insuperável diferença especifica entre a natureza humana e a dos brutos* [animais irracionais. A própria "Escritura", fonte e origem das afirmações cristãs, já havia estabelecido diferenças absolutas entre "natureza humana" e entes irracionais]".[645] À *II Tese* impugnam-se questões de fundo, pois ela estava

> "*em oposição* não somente da *moral cristã, mas* também *de toda ética natural* está no seu acréscimo, isto é, que "o vigor da raça e do sangue devem ser conservados e favorecidos por qualquer meio", *sem distinção entre os meios lícitos e os ilícitos, como a esterilização* [para "*o robustecimento da raça*", cujo significado imediato era *a eliminação do indivíduo "débil e do inepto"* como política higienista de Estado] e outros repugnantes à natureza e à reta razão, ofensivos da dignidade e dos outros direitos imprescritíveis da personalidade humana. [Assim, o resultado era] [...] a opressão [...] do *indivíduo* e da *família*, que *perde seus direitos de pessoa jurídica e se converte em uma mera cousa*, uma "res", *escravo do Estado* [como o fora "entre os povos bárbaros e parte [...] na selvagem legislação dos Espartanos", ora uma outra realidade civilizacional, logo outro *ethos*]. [De fato, nessa linha de raciocínio e argumentos, implicava que no [...] princípio racista da "raça de sangue", [estava] intrínseco [que a sua matiz era] *materialista* [assentado no] amoralismo, que faz *da raça e do sangue a regra e a norma primeira*, por isto também a medida própria da moralidade e honestidade do ato humano".[646]

---

[642] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 188-192; trechos entre aspas, cit. p. 189.
[643] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 188-192; trechos entre aspas, cit. p. 189, trecho adaptado por mim.
[644] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 188-192; cit. pp. 189-190. Essas teses eram a súmula que o órgão curial romano apontava na definição nazista para as raças humanas, cujo corolário era a constatação das inferiores e das superiores etc. O periódico publicou apenas as quatro primeiras teses. Junto a elas havia um comentário do doutor "P. Henrique Rosa", S. J.
[645] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 188-192; para os trechos entre aspas, cit. p. 189, itálicos meus.
[646] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 188-192; cit. p. 190, itálicos meus.

À questão da matriz materialista era reforçada na *III Tese*, segundo o contra-argumento que estamos seguindo, pois negava a "espiritualidade da raça humana [...], [os seus] dotes intelectuais e morais, de ciência e de virtude [do homem]. [Igualmente impedia] a liberdade humana".[647] Assim, igualmente, na *IV Tese* o processo pedagógico era destituído como sendo

> "ciência, [...] arte ou método [aplicado nos planos público e privado]. [Aniquilava] [...] *o conceito de amor à pátria, a quem a moral cristã, não só afirma, mas obedece*, fazendo-o *derivar do conceito da justiça* [...]. *O amor cristão à pátria e à estirpe* [o comentarista evita a palavra raça] *ou nação própria* [...]; [esse amor era extensivo e] [...] *se adaptada e harmoniza ao amor à outras nações*, que têm conosco origem comum [cristã]".[648]

Nestes termos sentenciava-se a condenação da "nova religião do sangue",[649] pois ela aniquilava o *ethos* da civilização ocidental, a nova religião do sangue, negava a moral ou instituições como a família cristã. Tratava-se de uma condenação, mas o nazismo, apesar de perseguir religiosos e aparelhos católicos, não era "intrinsecamente" mal, como consta no documento do mesmo papa Pio XI, a Encíclica *Divini Redemptoris*, em relação ao comunismo. Logo, *no tocante ao nazismo tratava-se de uma condenação mitigada.*

O envolvimento de membros da hierarquia curial romana com o regime do III Reich explicava o abrandamento da condenação.[650]

---

[647] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 188-192; cit. p. 190.
[648] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 188-192; cit. pp. 190-191, itálicos meus.
[649] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 188-192; cit. p. 191.
[650] O pesquisador, historiador e professor John Cornwell [ele se identifica como católico, inclusive revela ser ex-seminarista], do Jesus College, Cambridge, no seu livre *O Papa de Hitler. A História Secreta de Pio XII.* Rio de Janeiro, Imago, 2ª ed., 2000, 471p; detalha os mecanismos e os contextos nos quais se deram as negociações da Concordata entre o Vaticano e o regime do III Reich. As negociações para o estabelecimento de uma Concordata entre o Vaticano e o Estado alemão se arrastavam desde a década de 1920, sendo concluída em 1933, o documento foi assinado pelo cardeal Eugênio Pacelli [o futuro papa Pio XII sucessor de Pio XI, em 1939] e o chanceler do Reich, Adolfo Hitler. Essa demora se explicava devido à nova política de concordatas que, a partir de 1917, tinha um novo *corpus* normativo que indicava diretrizes e normas para as bases do acordo: o *Código Canônico*. Assim, "*a concordata se tornaria um instrumento de consenso pelo qual as vidas dos bispos, padres, religiosos e fiéis seria regulamentada de cima para baixo, em qualquer e todo lugar do mundo*, sempre na mesma base [...] *a concordata presumia o direito do papado de impor aos fiéis, sem consulta, quaisquer condições que julgasse conveniente adotar no curso de negociações locais* [em favor da "política de concordata" que] [...] *visava* [no caso germânico] *não tanto os interesses da Igreja alemã, mas sim o modelo piramidal de autoridade da Igreja que vinha sendo imposto desde Pio Nono* [a partir de meados do século XIX", p. 99. O cardeal Pacelli conduziu pessoal e exclusivamente as negociações, "em nome do papa, por cima das cabeças dos fiéis, do clero e dos bispos alemães", p. 98. O documento firmado entre as partes autorizava "o papado a impor as novas leis canônicas [o Código Canônico de 1917] aos católicos alemães, além de conceder generosos privilégios ao clero e às escolas católicas". Para tanto a Igreja católica alemã oferecia em troca o "seu partido político com representação parlamentar e suas centenas de associações e jornais abstinham-se "voluntariamente", [...], de qualquer ação social e política", p. 18. Para Cornwell isto significou "a percepção do endosso papal ao nazismo, na Alemanha e no exterior, ajudou a selar o destino da Europa", p. 18. Cf. CORNWELL, J. *O Papa de Hitler. A História Secreta de Pio XII.* Rio de Janeiro, Imago, 2ª ed., 2000, 471p. Os itálicos das citações são meus.

Cinco dias depois de editar *Divini Redemptoris*, Pio XI anunciou à cristandade católica alemão a Encíclica *Mit Brennender Sorge* [*Com profunda Preocupação*] ele se posicionava sobre o regime nazista, ao qual reprovava pelo "tratamento dispensado [...] à Igreja. [O nazismo era apreciado como uma realidade que] semeara as ervas daninhas da suspeita, discórdia, ódio, calúnia e hostilidade secreta e ostensiva contra cristo e a sua Igreja, alimentadas por mil fontes diferentes e usando todos os meios disponíveis. [Para o papa no nazismo] [...] havia a definição de uma raça, povo e Estado".[651]

De fato, numa minuciosa leitura dos 59 parágrafos da Encíclica *Mit Brennender Sorge*, constataremos que todo o argumento papal aponta no sentido de que o seu pronunciamento fora movido pela questão do cerceamento nazista às associações católicas e as escolas devocionais etc., não obstante as garantias pactuadas na Concordata.[652]

A Encíclica conclamava aos pais e "aos católicos do Reich germânico" para que se posicionassem frente à "uma educação anticristã"[653] promovida pelo regime hitlerista.

Quanto à questão racial, a instituição romana estava envolvida com ela, na Alemanha, desde os anos 1920, como veremos à frente. Há, na Carta *Mit Brennender Sorge*, referências à raça,[654] povo e Estado.

---

[651] Apud: CORNWELL, J. Op. cit., 2000, p. 201. PIO XI [Papa]. Encíclica *Mit Brennender Sorge*. [24-03-1937]. [*Com profunda preocupação*]. Mas também é possível a tradução " *Com profunda ansiedade*". O professor Augustin Wernet, alemão e tradutor de autores como M. Weber e T. Adorno, recomendou a expressão "preocupação". Não obstante a tradução brasileira de 1961 que iremos acompanhar, expressar-se em dadas passagens assim: "não temos maior *ânsia* nem *aflição* [...]", p. 4 itálicos meus. A Enciclica foi editada originalmente em alemão.

[652] Do parágrafo 5° até o 10° Pio XI trata especificamente "da palavra solenemente dada" no tratado com o governo alemão. PIO XI, [Papa]. *Encíclica Mit Brennender Sorge*. Petrópolis, Vozes, [Col. Documentos Pontifícios n° 133], 1961, 28p; cit. p. 5; à p. 21 a Concordata volta a ser evocada no tocante à questão das associações religiosas, pois os nazistas as acusavam "de anti-patriotismo" o que acarretava aos católicos "múltiplas desvantagens profissionais e sociais". Em toda Encíclica o papa se refere, exclusivamente, aos católicos, não há menção a outros credos religiosos. Na tradução brasileira da Encíclica feita por um religioso franciscano, frei Frederico Vier, O. F. M., não há, em nenhuma passagem, referência aos judeus em particular.

[653] PIO XI, [Papa]. *Encíclica Mit Brennender Sorge*. Petrópolis, Vozes, [Col. Documentos Pontifícios n° 133], 1961, 28p; cit., entre aspas, pp. 26 e 25, respectivamente. Às pp. 24-26, tanto os membros "das associações católicas" quanto os "diletos pais católicos" são exortados a reagirem frente à política anti-religiosa do III Reich. Assim, o livreto ""A verdade do Catolicismo" foi confiscado, e o ensino bíblico suprimido em todas as escolas". O *ANSAp* de 1939 apresenta números: "32 professores católicos da arquidiocese [de Friburgo] não tem mais o direito de ensinar. Os exames de religião nas escolas não podem ser mais fiscalizados por um delegado do Bispo", p. 189. Assim, a Associação Popular alemã de católicos que contava com "30.000 membros" foi dissolvida e teve o "seu patrimônio confiscado". Outras associações católicas como as desportivas ou profissionais tiveram destino igual. O regime do III Reich instituiu imposto sobre "as esmolas distribuídas desde 1933". O corpo clerical católico alemão também foi taxado. Citações entre aspas, p. 188.

[654] PIO XI, [Papa]. *Encíclica Mit Brennender Sorge*. Petrópolis, Vozes, [Col. Documentos Pontifícios n° 133], 1961, 28p; à p. 10 o papa fala do "mito do sangue e raça".

f.1.2] A Encíclica *Mit Brennender Sorge* e a condenação da adulteração nazista dos ritos religiosos católicos: a apropriação do patrimônio lingüístico sagrado num vocabulário de um léxico do "provocantes neopaganismo" nazista: celebração da raça e culto ao corpo.

Na Encíclica *Mit Brennender Sorge*, o papa se posicionava resolutamente frente à apropriação por parte de um Estado laico dos ritos e cerimônias de cunho religiosos numa liturgia à "valores terrenos"; ritos entendidos como "um provocante neopaganismo".[655]

O nazismo havia adulterado as "noções e termos" sagrados, apossando-se do *patrimônio lingüístico* cristão numa chave que engendrava um léxico "duma "igreja nacional alemã"".[656] Assim, palavras hauridas do vocabulário cristão como: *fé*, *imortalidade*, *pecado original*, a *cruz de Cristo*, "a humildade no espírito do evangelho", *graça* etc., haviam adquirido um significado de "aviltamento e mesquinhez" como na questão da humildade cristã. De fato, o regime nazista incorporou nas suas manifestações de massas, principalmente nos eventos que contavam com a presença do Führer, elementos hauridos nos ritos cristãos.

Assim, em 15 de março de 1938 houve em Viena, na "Praça dos Heróis", uma grande manifestação de "massa", quando o chanceler A. Hitler "declarou a Áustria incorporada ao grande Reich alemão".[657]

Ao retornar à Alemanha e ao ingressar em Berlim, após o "ato da anexação da Áustria ao Reich", Hitler foi recebido por uma multidão calculada "em dois milhões e meio [2.500.000] de pessoas"[658] que ocupava avenidas e praças da cidade. Os populares perfilavam-se em extensos cordões humanos, em filas.

Assim, havia a coreografia e o gesto, logo os elementos presentes na parada cívica nazista, foi recentemente objeto de uma pesquisa primoroso da historiadora e ex-bailarina Laure Guilbert. Ela perscrutou acervos alemães em Berlim, Desden, Munique, Colônia, Leipzig e em Praga na atual República Tcheca. Suas fontes vão desde os programas dos balés, passando por fotografias, imagens cinematográficas etc. Colheu depoimentos de coreógrafos e bailarinos do período; procurou detectar os liames entre arte, cultura e política.

O regime hitlerista tinha uma política de culto ao corpo, pois propunha criar um novo homem; havia obras coletivas no campo coreográfico principalmente "nas manifestações de massa" que revelavam uma estética do regime, e tinha por fito provocar uma fusão entre povo e

---

[655] PIO XI, [Papa]. *Encíclica Mit Brennender Sorge*. Petrópolis, Vozes, [Col. Documentos Pontifícios nº 133], 1961, 28p; cit., entre aspas, pp. 7 e 9, respectivamente.

[656] PIO XI, [Papa]. *Encíclica Mit Brennender Sorge*. Petrópolis, Vozes, [Col. Documentos Pontifícios nº 133], 1961, 28p; cit., entre aspas, pp. 16 e 15, respectivamente.

[657] *ANSAp*. Aparecida, 1939, p. 189.

[658] *ANSAp*. Aparecida, 1939, p. 190. Segundo a fonte, a recepção ao líder nazista talvez tenha sido a maior "na história". Posteriormente, evento na mesma escala foi oferecido por Mussolini a Hitler quando este visitou Roma.

comunidade, levando a uma comunhão e operava uma visão do coletivo como sagrado. O gesto haurido nos valores do III Reich tinha por base corpos humanos sólidos, viris e guerreiros; procuravam-se corpos "mais livres, luminosos", eram corpos e gestos que produziam discursos engajados em prol do regime.

Nestes termos, ela afirma que a dança moderna, pois essa foi à expressão artística adotada, "não é tão autônoma" como afirma o discurso dos bailarinos. *A dança* não sofreu interferência ou censura na Alemanha nazista. Ao contrário, *foi adotada pelo regime, pois as suas lideranças perceberam o seu potencial catalisador: poderia ser utilizada em manifestações de massas, principalmente naquelas em que tomavam parte à "Juventude Hitlerista".*

Ora, no plano estético com desdobramento no político temos: **VITALIDADE, INOCÊNCIA, BELEZA,** exaltadas em cultos; apontavam disciplina e raça. Aspectos que se destinavam a reforçar a unidade do corpo social, a Nação, em procissões solenes, místicas, sacralizadas, por meio de gestos eloqüentes. O desempenho do líder frentes às massas.

Fusão, nos planos estético e político, entre ideais clássicos grego-romanos e cultura popular de conteúdo racial teutônico, mistura dos aspectos eugênicos e da arte. *A regeneração pela supressão do feio e do impuro.*[659] Condenação de expressões artísticas como o Expressionismo por meio slides e fotos de pessoas nas piores deformações físicas. *Oposição entre o bom e o belo versus feio e o doente* [essa forma binária de operar a intelecção do mundo, por ex. bem *x* mal, é típica das abordagens teológicas]. Opção pela beleza, vitalidade, inocência; identificados com o lado sadio e belo que são constituintes de atributos informados de um conteúdo de verdade natural e estabelecem critérios de apreciação e fruição estética. Há uma seletividade obsessiva, quase obscena. *Uma pureza que destrói o humano.* Constrói-se um Outro cujas feições são monstruosas. Produzem-se não o humano, mas um ogro [ente fantástico].[660] Um corpo submetido a uma disciplina revelava um hábito internalizado que se tornava visível nos movimentos realizados sem excessos, indicando o controle sobre si mesmo.[661]

---

[659] Para a questão do puro *x* contaminado na experiência nazista remeto o leitor a pesquisa seminal do etnólogo Édouard CONTE, do CNRS, e de Cornelia ESSNER, Historiadora da Universidade Livre de Berlin. Segundo o discurso proferido por um membro do Partido Nazista em 1933 "cada raça é um pensamento de Deus", logo "os genes doentes não têm alma [*Seele*] nem espírito [*Geist*]". Cf. _____ et _____. *A Demanda da Raça. Uma Antropologia do Nazismo.* Lisboa, Inst. Piaget, 1998, 398p; cit. 354.

[660] A partir da leitura de um texto de Jorge COLI. In: Jornal *Folha de S. Paulo.* São Paulo, 01-09-02, Caderno *Mais!*, p. 19.

[661] GUILBERT, L. *Danser avec le III Reich – Les Denseurs Modernes sous le Nazisme.* Bruxelas, Ed. Complexe, 2000, 446p. Os trechos entre aspas acima foram tirados desta obra.

Faziam gestos ritmados por uma música não executada, mas internalizada na obediência[662] à autoridade que lhes fora inculcada em séculos pelo cristianismo.

Qual um *Te Deum*, o Führer foi ovacionado no seu "triunfo". Em uma dessas manifestações, em Hamburgo, os citadinos embandeiraram as suas residências com emblemas nazistas, como a *Cruz Gamada*,[663] que remetia aos signos religiosos.

A multidão humana que participava do que deveria ser uma parada cívica, na verdade realizavam uma "procissão que [...] parece ser de *Corpus Cristi*. [Tendo à frente do cortejo um] *andor*, enorme, [...] [que trazia um] *gigantesco ostensório*, cercado de *raios de luz*; *no centro*, sobre fundo branco, aparece *em lugar da hóstia*, *a cruz suástica*, símbolo do paganismo nazista".[664]

Encimava a massa humana em marcha pelas ruas de Hamburgo, ritualistas vestidos "quase como padres", que usavam um "cumprido manto", o qual remetia à "capa de Asperges", os mantos tinham sobre o peito o símbolo da cruz gamada, emblema identitário do nazismo. Nas suas mãos eram transportadas velas e tochas, numa semelhança ímpar à procissão eucarística.

Na verdade era uma disputa política plasmada nos ritos, signos, emblemas e símbolos religiosos. Na mesma ocasião em que se dava a "parada cívica do Partido" em Hamburgo, realizava-se em Budapeste, na Hungria, o XXXIV Congresso Eucarístico Internacional, "cuja

---

[662] Um dos cernes da Carta *Mit Brennender Sorge* é juntamente essa questão da obediência dos católicos à autoridade, religiosa ou leiga. Em dado trecho do documento o papa afirma sobre a "obediência absoluta [que] se estende a todas as esferas da vida". Esse controle sobre os homens operado pela esfera religiosa emanava da "lei divina [...] [as] imutáveis ordens divinas" era o contra-peso às "*mutáveis* leis humanas". A Igreja se apresentava naquela quadra histórica como "esteio e direção" a um mundo "profundamente enfermo", Pio XI, op. cit, pp. 8 e 13, respectivamente, itálico meu.
Essa desconfiança a tudo o que é humano é uma das matrizes do pensamento cristão, em especial do católico. É a sempre rediviva intelecção da humanidade em termos da "negra imagem dos homens no Ocidente" haurida em fontes a partir de Santo Agostinho, inclusive. Cf. DELUMEAU, Jean. "Avant-propos". In. _____. [Dir]. *Le Fait Religieux*. Paris, Librairie A. Fayard, 1993. [Trad. portuguesa]. Lisboa, Editorial Presença, 2ª ed., 1999, 735p; cit. p. 16.

[663] Na Alemanha, "em todas as partes, nas ruas e nas casas, nas bandeiras e estandartes, nos automóveis e nas bicicletas, *em todos os lugares possíveis divisa-se sempre a Cruz Gamada*". *ANSAp*. Aparecida, 1939, p. 192, itálico meu. Onisciência e onipresença são atributos do sagrado. Um símbolo de origem divina apropriada secularmente só teria eficácia se amplamente difundido no corpo social. Assim, se a Cruz de Cristo era um "símbolo da Redenção", cf. *ANSAp*, cit, p. 192, o signo *Cruz* para o homem comum alemão, na forma *Gamada*, difundida e potencializada pelos nazistas talvez significasse também a *redenção*, pois o "que passou o povo [alemão] no período do pós-guerra [I grande guerra mundial], [...] deixaram tensões e amarguras que só lentamente se cicatrizarão", cf.: PIO XI, *Encíclica Mit Brennender Sorge*, ed. cit. p. 23. Nestes termos, o liame entre o símbolo religioso e sua apropriação "sígnica" no plano secular só é possível a sua intelecção a partir de uma leitura semiótica do problema. Citando R. Firth, sobre o Sagrado Coração de Jesus, Humberto Eco se refere ao papa Pio XII, este mesmo sabendo que o coração não é mais o *locus* dos afetos insiste neste ponto. Ora, para Eco, o papa sabia da "intertextualidade" que o símbolo sagrado encerrava. "O que conta, no uso simbólico do Sagrado Coração, [é] [...] justamente o caráter vago do conteúdo. [O que acarretava], [...] uma série [...] incontrolável de *associações mentais* e *afetivas* em cada crente". ECO, H. "Símbolo". In: ROMANO, R. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp.-Nac.-Casa da Moeda, 1994, pp. 138-176; cit. p. 159, itálico meu.

[664] *L' Osservatore Romano*. Roma, 13 de julho de 1938. Apud: *ANSAp*. Aparecida, 1939, p. 191, itálicos meus. Vide a imagem na p. 255, acima.

f.1.3] A Eugenia: na Europa e no Brasil. O padre Hermann Muckermann, S.J., aborda a "Eugenia e catolicismo" e recepção local no *Boletim de Eugenia*, desde 1929.

Em 1929, o *Boletim de Eugenia* publicou, em dois números, o artigo "Eugenia e catolicismo",[669] de autoria do religioso e médico eugenista alemão, padre Hermann Muckermann, S.J. A atuação do religioso no *Instituto de Antropologia, Heredologia Humana e Eugênia* teve a autorização papal de Pio XI.

O texto do padre-médico jesuíta aborda a questão do internamento asilar dos indigentes "inferiores" e doentes, e da aceitação da esterilização como mecanismo terapêutico, cujo objetivo era: "[...] de evitar e descendência" dessas pessoas. O padre Hermann Muckermann, S.J, cita o teólogo J. Mayer de Friburgo como fonte para seus argumentos à condenação dos "indigentes inferiores". O teólogo de Friburgo defendia a legalização da esterilização dos doentes mentais e dos criminosos oriundos de descendências "erradas". Segundo Mackermann [1877-1962], o trabalho de J. Mayer obtivera o "*imprimatun*" da Igreja católica, logo tinha legitimidade canônica. O padre H. Muchermann nos seus argumentos aponta ser a eugenia um dique à degeneração das raças. Também serviria como um mecanismo educacional à escolha matrimonial de futuros nubentes. Para ele o catolicismo contribuiria como mecanismo que estaquearia à degeneração e no combate ao alcoolismo, às moléstias sexualmente transmissíveis, no adultério etc. Afirma que o catolicismo

> "exige [...] [o] mandamento natural inludível a *castidade pessoal e social* antes do casamento. [Assim, segundo o religioso a doutrina do cristianismo romano aceita qualquer conhecimento que possibilite uma escolha favorável na questão matrimonial], [...] de modo que resulte sempre *uma prole sadia*".[670]

O padre jesuíta mobilizava uma série de argumentos para justificar o encarceramento dos "inferiores" em espaços asilares, inclusive afirma que seria uma demonstração do amor divino

---

[669] *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 4, pp. 2-3.

[670] MUCHERMANN, H., S.J. "Catolicismo e Eugênia". In: *Boletim de Eugênia*. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 4, pp. 2-3; cit. p. 3, itálicos meus.

O epistemologista e historiador do *CNRS* André Pichot informa sobre Muchermann como "ex-jesuíta que dirigiu o departamento de Antropologia de Berlim. [...]. Quanto a Muchermann, o seu eugenismo esfriou [...]; os nazis acharam-no moderado de mais e substituíram-no em 1933 [...]. Acabou por denunciar a maneira como a legislação alemã era pervertida para esterilizar pessoas são [mas pobres ou delinqüentes] e os opositores políticos". Cf.: PICHOT, A. *La Société Pure*. Paris, Flammarion, 2000, 370p; [Trad. portuguesa]. Lisboa, Piaget, 2002; cit. pp. 140, 141 e 142, trecho adaptado por mim.

Em outro artigo "Fundamentos Hereditários e Eugenia" Muchermann afirma "a eugenia que está a serviço da conservação e do aperfeiçoamento dos fundamentos da descendência, é, por isso mesmo, a ciência destinada à defesa dos sadios das raças antropológicas". MUCHERMANN, H., S.J. Op. cit. In: *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano I, nºs. 6-7, pp. 5-6; cit. p. 5. Se homens ligados à Igreja como H. Muchermann, na Alemanha, adotaram procedimentos eugênicos em relação aos "inferiores", registre-se a posição resoluta tomada por d. Clemens August von Galen, bispo de Münster [Vestefália], em pleno período nazista. Em 3 de agosto de 1941 na Igreja de São Lamberto ele proferiu sermão no qual denunciava o extermínio dos "alienados internados há bastante tempo e aparentemente incuráveis são transferidos à força. Pouco tempo depois, os familiares costumam receber a notícia de que o doente faleceu, de que o cadáver foi incinerado e de que as cinzas encontram à sua disposição". Cit. por PICHET, A. Op. cit., ed. portuguesa, 2002, p. 210.

originado em Jesus. Deste modo, justificaria a assistência da Igreja sobre os "incapazes e inferiores". Nestes termos, "[...] *o futuro do Estado e da Igreja repousa sobre os homens sadios* de corpo e espírito".[671]

O artigo de Hermann Muchermann teve continuidade no nº 5 de *Boletim de Eugênia*. Ele abordava sobre a "harmonia" procurada pela eugenia, cuja necessidade era o consórcio entre a Igreja e Cristo tendo por base o Novo Testamento [NT]. O autor defendia que a eugenia encontrava amparo no catolicismo e indicava a fonte: "o cânon 1013 do novo direito Canônico", pois "o primeiro objetivo do matrimonio era a procriação da prole".

Muchermann frisava que o cerne do catolicismo era "[...] obediência completa aos preceitos divinos"[672] administrados pela Igreja católica romana. Enfatiza, igualmente, não ser um preceito da instituição romana, logo não era um dever divino ter muitos filhos, mas tê-los belos e saudáveis. Especificamente sobre essa questão da eugenia o pronunciamento oficial da Cúria romana deu-se em 1930.

A Carta Encíclica *Casti connubii*[673] de Pio XI condenou a eugenia por vê-la como um mecanismo de "[...] contracepção, o aborto, etc.",[674] segundo André Pichot, e não pelo que de terrível a prática acarretaria na seleção eugênica de seres humanos.

O eugenista brasileiro, articulista do *Boletim de Eugenia*, Renato Kehl abordou, em artigo de capa do referido periódico, o "aperfeiçoamento da nacionalidade"[675] por meio dos processos eugênicos. Evocou a ciência de Galton. Kohl afirmava a respeito da seleção dos bens dotados "fisico, psico e mental".

Ele se posicionava, positivamente, em relação à contribuição dos pais para conseguir proles sadias e belas, que serviriam aos fins de uma elite nacional eugenicamente formada. O autor citava o caso de uma brasileira eugenizada, que fora eleita num concurso promovido pelo Serviço Sanitário de São Paulo. Tratava-se da menina Adenir Ferreira de Carvalho de 3 anos de idade. A garota havia concorrido com mais 69 candidatos. 0s segundos e terceiros lugares couberam a Ruth

---

[671] MUCHERMANN, H., S. J. Op. cit. In: *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 4, p. 3, itálicos meus. Este periódico era uma publicação do Instituto de Eugênia, com sede no Rio de Janeiro, e tinha sucursais e vários Estados. Sua diretoria era composta pelos professores: Ernani Lopes, diretor; J. Porto-Carraro, Murilo de Campos e Heitor Carrilho. Tinha por objetivo divulgar e propagar a doutrina de Galton. Pesquisei os nºs de 1 a 36, referentes ao período de jan. de 1929 a dez. de 1931. Eles estão disponíveis no Acervo da Biblioteca da FD-USP, do Largo S. Francisco. O artigo do padre-médico jesuíta Muchermann teve desdobramento.

[672] MUCHERMANN, H., S. J. Op. cit. In: *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 5, p. 2.

[673] *Encyclique "Casti connubii" sur le mariage chétien*. Paris, Spes, 1964. Apud: PICHOT, A. *La Société Pure*. Paris, Flammarion, 2000, 370p.

[674] PICHOT, A. *La Société Pure*. Paris, Flammarion, 2000, 370p, [Cit. da trad. portuguesa]. Lisboa, Piaget, 2002; cit. p. 144.

[675] KEHL, R. "Aperfeiçoamento da nacionalidade". *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, nº 5, mai/1929.

de Carvalho Lopes e Raquel Celeste Borano, respectivamente. Há, no referido número do *Boletim de Eugenia*, uma fotografia da vencedora: Adenir, 3 anos, branca; ela tem feições e traços afilados, cabelos lisos. Provavelmente resultava de um casamento de pais brancos, que correspondia ao modelo idealizado pelos eugenistas. E pela hierarquia católica? Em julho de 1929 ocorreu o "1° Congresso brasileiro de Eugenia". O seu presidente foi *Roquete Pinto* e o secretário geral Renato Kehl. Entre os participantes, encontravam-se o deputado Salles Filho. Ele tratou, na sua intervenção no simpósio, da "Política eugênica". O sociólogo Antônio José de Azevedo do Amaral abordou o "Problema eugênico da imigração". E *Afonso de Taunay*, diretor do Museu do Ipiranga, apresentou a conferência o texto "Registro genealógico".[676] Em dezembro de 1929 deu-se em S. Paulo II Congresso de Eugenia.

Em relação a Azevedo Amaral, com a sua participação no *Primeiro Congresso brasileiro de Eugenia*, na qual abordou a relação entre migração e eugenia, corrobora informações de Boris Fausto. Segundo este autor,

> "Azevedo Amaral conferiu à questão étnica um papel central em suas formulações. Esse aspecto de sua obra ficou meio esquecido, poupando-lhe a identificação com a teoria racista do *branqueamento*. Segundo Amaral, a formação de um tipo étnico brasileiro, à altura da tarefa de construção nacional, era um dever do Estado, a quem caberia, para tanto, promover a eugenia, incentivando as uniões convenientes e a seleção das etnias imigratórias desejáveis".

De acordo com Fausto, o racismo de Amaral tinha por alvo "o mestiço parasitário" que, segundo este, "sempre se inclinava a um parasitismo medíocre, por força dos fatores étnicos".[677]

Analisei, noutra parte da pesquisa, o "Memorial" de Azevedo Amaral de 1938, no qual ele oferecia os seus préstimos e inteligência para "*contemplar os anseios subjetivos e as pulsões das massas*", e indicava "*o vinculo de afinidade entre a população e Chefe da Nação*". Revelada na matriz cristã que embaralhava fronteiras e imbricava poder político instituído e o corpo social do país. O país, no ano seguinte a participação de sociólogo no Congresso Eugenista,[678] legitimou e oficializou, como sua Padroeira, uma devoção religiosa cujo Ícone tinha a cor que remetia a uma cambiante cromática próxima das trocas gênicas do cafuzo. Por meios diversos, os mestiços brasileiros se faziam representar no conjunto de *semióforos* da Nação. O que deve ter gerado horror em mentes racistas como a de Azevedo Amaral.

---

[676] *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, n° 8, p. 6.

[677] FAUSTO, Boris. *O pensamento nacionalista autoritário. 1920-1940*. Rio de Janeiro, J. Zahar Ed., 2001; 81p; cit. p. 43, 45 e 44, respectivamente, inclusive o fragmento em destaque.

[678] Os eugenistas afirmavam que as trocas gênicas eram "uma poluição" transmitida pela "mestiçagem" e implicava "com *certeza* sujidade e bastardização" da raça pura e do povo autêntico. Cf. CONTE, E. *et* ESSNER, C. *A Demanda da Raça. Uma Antropologia do Nazismo*. Lisboa, Inst. Piaget, 1998, 398p; cit. p. 346. Essa é uma constatação feita para a Alemanha Nazi, mas se aplicava às mentes racistas dos higienistas brasileiros.

f.1.4] A Eugenia na propaganda comercial brasileira e valores cristãos, década 1940.

As idéias eugenistas efetivamente circularam e foram apropriadas no plano prático. No jornal *O Estado de S. Paulo* [679] de 1945 encontramos propaganda da "Companhia Gessy Industrial", cujo título é "50 anos à Serviço da Eugenia e da Beleza...", junto ao texto longo em letra pequena há desenhos dos produtos da empresa como "sabonete Gessy, creme dental Gessy, sabonete Salus, sabão Minerva, pó de arroz, baton, rouge, loção, talco Gessy e outros produtos de beleza" que são acompanhados por outro que delineia um corpo longo de mulher com os braços erguidos como que agradecendo, a expressão "[...] à serviço da Eugenia e da Beleza...", encontra-se entre os braços. O texto da propaganda informava ao "consumidor brasileiro" e do "continente sul-americano" sobre a mais "*absoluta pureza*" dos produtos voltados à "*higiene, a saúde, a eugenia de milhões de brasileiros*"[680] Outro produto que incorporou as idéias eugenistas foi o fortificante *Biotônico Fontoura*. Em propaganda, composto de desenho e texto, do mês de setembro de 1942, após o país ter entrado na guerra, afirma-se

> "O Brasil está em guerra. Guerra total, em que a Vitória depende da Energia, da Dedicação, da Força de cada um dos seus filhos. Pois a maior batalha de hoje, maior do que a própria guerra, é a *guerra interna*: a guerra contra o desperdício, contra a negligência, contra a espionagem, contra a desorganização, contra a fraqueza. Cada um de nós é um soldado nesta luta nacional. Porque só vencendo esses inimigos internos, poderemos vencer os inimigos externos. Nos escritórios ou nos campos, nos navios ou nas fábricas, nos lares ou nas escolas... Homens, Mulheres, Velhos e Crianças... Todos temos o dever de *produzir mais e melhor*, para a maior grandeza e poder da Nação. Para isso, precisamos ser fortes. Fortes para lutarmos pelo Brasil, onde quer que o Brasil precise de nós! Fortes para defendermos o Brasil do presente e construirmos – maior e mais rico – o Brasil de amanhã!"[681]

Além desse texto há outro, em letra miúda cujo título é "Prepare-se para defender a Pátria!", para tanto se indicam, no imperativo, três regras: "pratique cultura física", "repouse o suficiente", "alimente-se bem" e aponta-se uma solução "se lhe faltar apetite experimente tomar Biotônico Fontoura". O desenho que acompanha estes textos é composto de homens, mulheres e duas crianças, todos em ação, andando em direção ao leitor como que saindo da folha e projetando-se para além do campo virtual da página. Revelam-se na atitude e gestos do deslocamento: o corpo social em perene movimento. São pessoas em plena idade produtiva, e o casal de crianças que seguirão o paradigma adulto, as suas vestes – operário de macacão, mulher vestida como enfermeira, saldo fardado portando arma, homem de terno etc –, todos exibem no semblante de tez branca, contentamento e alegria, eles sorriem. Mas não é um riso cômico: o júbilo que as suas faces mostram-se originar na renúncia sacrifical de matriz cristã que ubiquamente – do campo à cidade; do alto ao baixo – , em nome da Pátria e pela Nação silenciaria-se sobre o presente, permitia-se a

---

[679] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 3 de jan. de 1945, p. 4.
[680] Propaganda da Companhia Gessy Industrial. Jornal *O Estado de S. Paulo*. S. Paulo, 3 de jan. de 1945, p. 4, itálicos meus.
[681] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 27 de set. de 1942, p. 5. Itálicos no original; sublinhados meus.

delação e o massacre dos inimigos internos, a favor de um futuro projetado, no qual nada estaria garantido. Porém, acenava-se como numa demanda ao sagrado por um gesto distintivo da divindade.

Parte da propaganda "O Brasil está em guerra"[682] do fortificante *Biotônico Fontoura* em 1942.



Tratam-se de pessoas dos *setores médios e dos trabalhadores. As suas identidades não são individuais, mas operam-se pelas profissões ou ofícios que exercem, logo são peças de uma engrenagem, ou membros de um corpo, a Pátria ou Nação, que os articulam nas suas experiências atomizadas em termos sociais e político e a vivência da sua solidão*[683] *existencial.* Nesta ordem de coisas, com os membros do país em marcha – o desenho sugere tal movimento – convergem a um ponto externo à cena – encabeçados pelo casal central ladeado pelas crianças. *A sociedade de massas, especialmente a experiência liberal e capitalista, não é um corpo estável em si, mas, precipuamente, movimento e deslocamento como se fosse um empreendimento bélico em guerra perene*: a estabilidade oriunda dos teólogos funciona, nessa experiência histórica, como mecanismo

[682] Propaganda veiculada no jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 27 de setembro de 1942, p. 5

[683] Experienciada na cidade de São Paulo, a questão da solidão urbana tornou-se abissal: *locus* urbano de intersecção de destinos humanos - onde se cruzam migrantes e imigrantes -, em S. Paulo os humanos tornaram-se apenas números: são dados de uma contabilidade e partes de um engrenagem, tendo a sua humanidade cotidianamente negada em prol de algo externo aos seus habitantes, gerando um sentido de sacrifício e de renúncia, para além da luta pela sobrevivência cotidiana.

ideológico, e é um dique de contenção às demandas das massas, principalmente as urbanas, que almejavam mobilidade social. Afinal, os liberais afirmam que qualquer um pode ascender ao topo da hierarquia social - principalmente a econômica e financeira -, pois, tal qual o devoto que recorre à divindade lhe rogando e fazendo-lhe promessas, tudo é possível, mas nada, absolutamente nada, é-lhe garantido, dependendo sempre de forças externas às determinações humanas, logo dependendo de uma fonte extra-humana ou transcendente.

O *locus* unificador, talvez, fosse o Estado, a partir da família nuclear e monogâmica, ou seja, cristã e católica. Logo, *dedicação*, *energia*[684] e *força* em prol da *unidade*, *coerção* e *harmonia* eram tarefas desses novos centuriões que lutavam compactamente. Esse é o mundo das massas.

[684] A questão da energia e do estímulo aplicados ao trabalho fora objeto de preocupações de Instituições do Estado brasileiro. Em 1933 o Departamento Nacional do Café informava ao grande público que a bebida café além de ser "útil estimulante" também era "ótimo alimento", ele "o café, reconforta e inspira, [...] [era um] insubstituível reparador da atividade corpórea". Assim, o café era o contrário do álcool que "danifica o espírito e o corpo. Lembrava que a "vida moderna" exigia ritmos "fortes", logo o café por um estimulante e energético operava na "predisposição ao trabalho, ao bom humor, ao otimismo, e energia, à atividade mental, provocando um leve estado de euforia que combate eficazmente os estados de cansaço intelectual, de depressão moral, permitindo os acabrunhamentos passageiros [...]", in: "O café é bebida saudável por excelência!". Propaganda do Departamento Nacional do Café. Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, domingo, 31 de dez. de 1933, p. 16.

Propagandas da Cia. Nac. de Seguros de Vida, Sul América de 1941.[685]



A família é uma instituição central para o cristianismo. Num *ethos* profundamente católico, e mariano em particular como o brasileiro, a família tornou-se objeto e alvo das empresas capitalistas.

A imagem da primeira propaganda remete a um imaginário religioso ligado ao pietismo mariano: a mãe segura no colo uma criança, *a face mãe revela uma preocupação resignada* com a sua situação de viúva que doravante deveria prover os filhos: o marido fora imprevidente, pois sendo *o mundo dos homens movediço e instável* – em oposição a idéia do estável, fixo e perene – atributos da divindade – é evocada pela presença "firme" e milenar do Pão de Açúcar; ele não agira no sentido da proteção dos seus.

---

[685] Revista *Cultura*. Petrópolis, Vozes, set. e mai. de 1941, respectivamente; imagens à p. 1, respectivamente. Há nos periódicos católicos uma massa documental não explorada referente à propaganda comercial na qual empresas capitalistas se apropriavam do imaginário religioso para divulgar e vender os seus produtos. Essas propagandas aparecem pela década de 1940 e ulteriormente.

Mas a solução liberal e capitalista articulavam-se com os valores hauridos no cristianismo: a propaganda dirigida às setores médios, pois afirma-se "já que o Sr. não é rico [...]", propunha-se à aquisição de uma apólice de seguro como "o meio de proteger a sua família, mediante [o pagamento de] pequenas parcelas".

A propaganda da direita tem por *target* as classes médias e altas, pois ao fundo da imagem que narra uma situação familiar bucólica, harmoniosa e feliz de um casal branco com os dois filhos onde todos sorriem, há um automóvel – um dos bens mais caros do período.

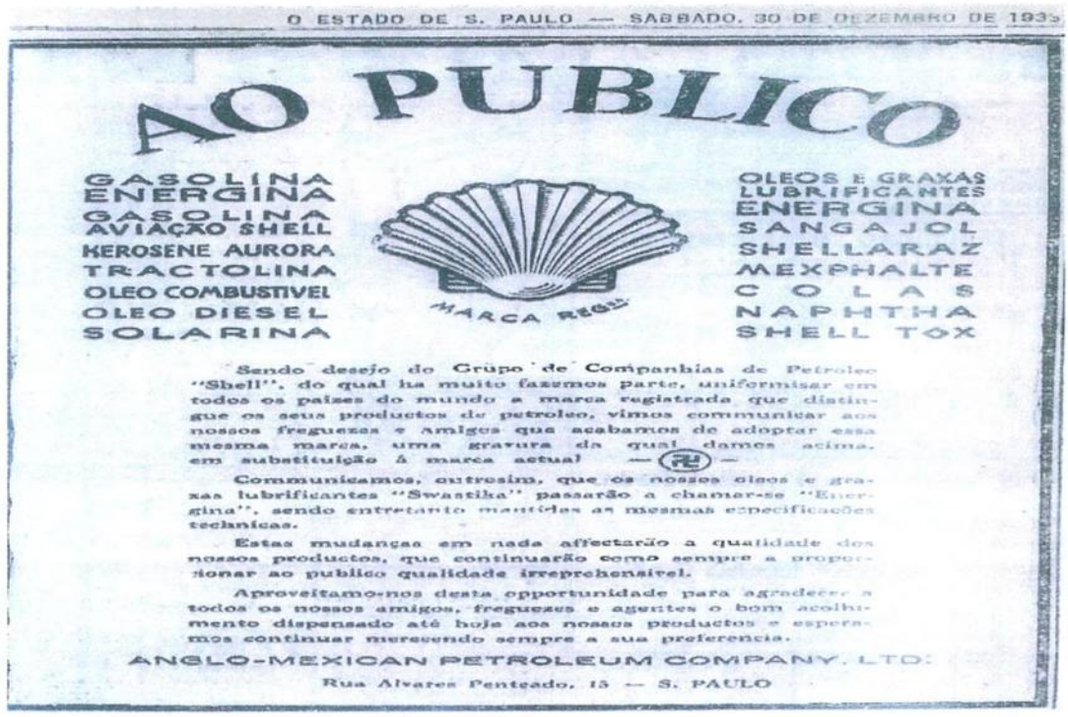
Apropriava-se do argumento pânico católico, ao indagar sobre um futuro imprevisível: "o Sr. já pensou como sua esposa e seus filhos viverão daqui a 10 anos, se o Sr. desaparecer?".

Do mesmo modo como o cristianismo manda orar cotidianamente numa espécie de poupança dirigida à divindade, pois subitamente a vida poderia ser subtraída.

f..1.5] A Guerra pelo controle dos símbolos: a Cruz Gamada *x* a Cruz Cristã.

Naqueles anos havia uma guerra efetiva na disputas de signos religiosos ou que remetessem a uma base do sagrado. A *Cruz Gamada* - que tem a forma do gama quadrado - foi debatida em periódicos católicos como o *ANSAp*. Segundo a publicação este símbolo que fora adotado pelos nazistas e era uma das formas de cruz conhecida "há mais de 3 mil anos [a.C.]".[686] Se a Cruz cristã tinha o significado da redenção num plano imediato, a *Gamada* era "um símbolo, um sinal para exprimir [...], a idéia da felicidade e prosperidade". Também tinha um sentido de "girar", "virar", revelava um "desejo" de que algo se torne para si "bem". Era também símbolo de "luz" e primitivamente também significava "redenção". Assim, nessa multiplicidade de sentidos da *Cruz Gamada*, a Alemanha do III Reich apropriava-se dela "como símbolo de felicidade e grandeza e como símbolo" de um Novo Tempo, no "qual ela se deixaria mais escravizar".[687] Esse símbolo, a *Cruz Gamada*, não era um monopólio indo-europeu, pois na América "os primeiros missionários" católicos espanhóis ao "se dirigirem aos indígenas americanos, ficaram tomados de admiração e assombro ao encontrarem em templos, rochas, enfeites [adornos] e armas".[688]

Aviso-propaganda "Ao público" da empresa "ANGLO-MEXICAN PETROLEUM COMPANY LTD."[689]



O ESTADO DE S. PAULO — SABBADO, 30 DE DEZEMBRO DE 193

AO PUBLICO

GASOLINA ENERGINA
GASOLINA AVIAÇÃO SHELL
KEROSENE AURORA
TRACTOLINA
OLEO COMBUSTIVEL
OLEO DIESEL
SOLARINA

MARCA REG.

OLEOS E GRAXAS LUBRIFICANTES
ENERGINA
SANGAJOL
SHELLARAZ
MEXPHALTE
COLAS
NAPHTHA
SHELL TOX

Sendo desejo do Grupo de Companhias de Petroleo "Shell", do qual ha muito fazemos parte, uniformisar em todos os paizes do mundo a marca registrada que distingue os seus productos de petroleo, vimos communicar aos nossos freguezes e Amigos que acabamos de adoptar essa mesma marca, uma gravura da qual damos acima, em substituição á marca actual — (SH) —

Communicamos, outrosim, que os nossos oleos e graxas lubrificantes "Swastika" passarão a chamar-se "Energina", sendo entretanto mantidas as mesmas especificações technicas.

Estas mudanças em nada affectarão a qualidade dos nossos productos, que continuarão como sempre a proporcionar ao publico qualidade irreprehensivel.

Aproveitamo-nos desta opportunidade para agradecer a todos os nossos amigos, freguezes e agentes o bom acolhimento dispensado até hoje aos nossos productos e esperamos continuar merecendo sempre a sua preferencia.

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM COMPANY, LTD.

Rua Alvares Penteado, 15 — S. PAULO

---

[686] *ANSAp*. Aparecida, 1939, p. 192.

[687] *ANSAp*, 1939, p. 192, para todas as expressões entre aspas. A *Cruz Gamada* na Alemanha hitlerista adquiriu o nome de *Cruz Suástica*, "Swastica", que em sânscrito – língua *sagrada* do bramanismo – significa felicidade. Estimava-se que a *Cruz Gamada* surgiu entre os povos germanos por volta do ano mil a.C.

[688] *ANSAp*. Aparecida, 1939, p. 192.

[689] Anúncio publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*. S. Paulo, sábado, 20 de set. de 1933.

A multinacional de combustíveis cujo nome consagrado é SHELL – concha –, por motivos que não podemos mensurar, mudou a sua marca, em 1933, que tinha por símbolo a *Cruz Gamada*, de acordo com o desenho no centro do anúncio, para outro logotipo. Inclusive, produtos como lubrificante que se chamava suástica – "Swastika" – também teve seu nome trocado. O ano de 1933 foi decisivo para o nazismo: o cardeal Pacelli e o *Führer* assinaram a Concordata com III Reich. Segundo um historiador inglês, isso significou deixar "o regime livre para resolver a questão judaica", conforme se infere de uma fala de Hitler numa reunião ministerial. Tudo isso provavelmente estivesse presente *no cálculo da empresa ao trocar a sua logomarca e mudar o nome de produtos de sua fabricação, pois assim* afastava *qualquer possibilidade de* relação signica *com um regime político assentado no ódio, que dividia o corpo social para controlar, excluir, matar.*

O articulista do *ANSAp* frisa que a *Cruz Gamada* aparece na América em parelha à Cruz simples do cristianismo, apontando o sentido da disputa entre signos, e do triunfo da Cruz católica entre os autóctones. Triunfo cristão, derrocada ameríndia: a Cruz redentora imprimiu a hecatombe sobre as populações do Novo Mundo. Guerras físicas e viróticas baniram dos seus nichos ecológicos milhões de grupos humanos.

A grande denúncia do horror católico europeu lançado aos ameríndios foi feita ainda no século XVI por Bartolomeu de Las Casas.[690]

Nessa disputa pelo controle de símbolos religiosos ou que remetiam ao sagrado, o articulista lembra um evento decisivo para a expansão do cristianismo: o Imperador Constantino quando marchava para uma "batalha decisiva, viu no céu uma Cruz fulgurante [...], com a inscrição: "Neste sinal vencerás"".[691] Steven Runciman comenta esse evento no seu *The Byzantine Theocracy*. O historiador, a partir de fontes como *Vita Constantini* de Eusébio de Cesaréia, afirma: "a caminho da invasão da Itália, [...] [em 312 d.C., século IV], teve uma visão repentina de uma cruz a brilhar contra o sol do meio dia, sob a qual havia as palavras: "Com este sinal vencerás". Nessa noite,

---

[690] Las Casas "deixou-nos a longa descrição das atrocidades cometidas pelos brancos sobre os Índios; ele evocou algumas epidemias [...]; minimizou, portanto, esta causa de despovoamento; atribuindo-o em parte à ira divina e à crueldade dos Espanhóis que condenou com coragem". Quem afirma são os médicos e professores universitários Jean-Charles e Jacques Ruffie. Para eles "os Europeus abrigavam nas *faringes*, nos *brônquios*, ou nos *tubos digestivos* germes [...]; doenças contagiosas", o que significou "verdadeiras catástrofes entre os indígenas". O legado das doenças é: sarampo, papeira, difteria, gripe, tifo, lepra [a doença bíblica por excelência], varíola entre outras. Elas causaram o "desaparecimento em algumas semanas" dos autóctones. Cf. SOURNIA, J-C. *et.* RUFFIE, J. Les *Épidémies dans l'Histoire de l'Homme*. Paris, Flammarion, 1984. [Trad. portuguesa]. Lisboa, Edições 70, 1986, 243p; cit. pp. 155 e 154, respectivamente, itálicos meus. Veja-se também: LADRURIE, Emmanuel Le Roy. "L'unification microbienne du monde". In: _____. *Le Territoire de l'historien*. Paris, Gallimard, Vol. II, 1978.
John M. MONTEIRO em "Os Guarani e a História do Brasil Meridional. Séculos XVI-XVII" faz referência a demografia, p. 476 ss, dos Guarani e outros grupos autóctones tais como Tupi, Tupinambá etc., articulando-a ao "fator epidemiológico", p. 480. _____. Op. cit. In: CUNHA, Manuel C. da. [Org]. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Cia. das Letras, 2ª ed., 1998, 608p; pp. 475-498.

[691] *ANSAp*. Apreciada, 1939, p. 192.

Cristo apareceu-lhe num sonho e ordenou que inscrevesse nos escudos de suas tropas o *labarum*, o monograma cristão XP". Assim, Constantino ao adentrar "em Roma como vencedor, ao final de outubro de 312, suas tropas ostentavam um símbolo cristão como insígnia; [...] nas suas campanhas do Orienta [portando insígnias cristãs] [...] fizeram de Constantino o senhor do mundo". Ato contínuo, em 313, o Edito de Milão concedeu "à Igreja Cristã completa liberdade de culto [...]".[692]

Assim, expansão imperial mediante o uso da força física e dilatação do cristianismo estão intimamente relacionados. A adoção de símbolos cristãos como a cruz era um vetor que apontava um plausível triunfo dos seus portadores: a Cruz *redentora* [remir, resgatar] e/ou da *ressurreição* [ressurgir, voltar à vida, curar-se] – há uma polissemia de nexos, mas frise-se: ao adotar signos cristãos o homem *converte-se*, passa de um estágio [o do contágio] a outro: o de pureza. São mecanismos discursivos da *metanóia* [conversão absoluta] cristã. Mas, a capacidade de persuasão das insígnias cristãs pode ser aferida no relato de Constantino: a Cruz se sobrepõem ao Sol, astro rei: doravante, imbricam-se os planos seculares e religiosos numa pastoral concertada a um único Deus, Cristo, o ungido. Com proveito para ambas as esferas. A questão da Cruz e o seu simbolismo no cristianismo é fulcral.

Nesta ordem de coisas, Na *ANSAp* de 1946 há uma longa matéria que tratava da "Origem, Representações e culto da Cruz no decorrer dos séculos".

A Cruz é tanto um sinal gráfico quanto uma forma geométrica.

Ela já aparecia em objetos na Idade de bronze. Nos adornos e na "arte escandinava", na Índia, no "Egito antigo", entre os etruscos, principalmente nos seus "monumentos funerários"; era prática consuetudinária entre normandos, francos e ingleses, que depositavam sobre o peito dos mortos, nos túmulos, placas de bronze cortadas "em forma de Cruz", nas quais gravavam-se "fórmulas latinas de absolvição". Entre povos e culturas egípcios, cartagineses, persas, gregos e em particular, os romanos, desenvolveram práticas do "suplício da cruz reservado aos escravos e aos grandes criminosos. Condenar à cruz um cidadão romano passava por ser o maior dos atentados". A relação entre Cruz e imaginário sacrifical de martírio é reforçada pelo articulista, assim "Jesus Cristo sofreu este suplício com toda a sua crueza. Os supliciados ficavam na cruz até que as aves de rapina lhes devorassem o cadáver".[693]

Marina de Mello e Souza em ensaio de comentário bibliográfico bastante esclarecedor onde analisa estatuetas religiosas aponta sobre a questão da cruz e outros artefatos religiosos e de cunho sagrado, como os talismãs: estes operavam como amuletos, eram "envoltos em halos de

---

[692] RUNCIMAN, Steven. *The Byzantine Theocracy*. Londres, Cambridge University Press, 1977. [Trad. brasileira]. Rio de Janeiro, Zahar, 1978, 131p, cit. pp. 14-15.

[693] *ANSAp*. "Origem, Representações e culto da Cruz no decorrer dos séculos". Aparecida, 1946, pp. 94-99; cits. entre aspas, pp. 94 e 96, respectivamente.

mistério",[694] entre as populações africanas que migraram coercitivamente para o Brasil e seus descendentes. Mormente aquelas "da África Centro-Ocidental", em nichos ecológicos cujo elemento água é fundamental, como "nas bacias dos rios Zaire e Cuanza". Povos oriundos dessa região africana "trabalharam nas lavouras, no comércio ambulantes, nos oficios artesanais e nas casas do Vale do Paraíba", eram "a maioria dos braços para a cafeicultura paulista, ao longo do século XIX". A historiadora analisa "as pequenas imagens de Santo Antonio e Nossa Senhora, [...]", confeccionadas no século XIX na região brasileira citada.

Refere-se ao valor e à relevância que a cruz tinha "no conjunto de explicações baconga [populações que compartilhavam o mesmo acervo cultural e habitavam aquela região africana], acerca do ciclo de vida e da relação entre o mundo natural e sobrenatural, [...] a importância de tal símbolo para os bento".

Mello e Souza enfatiza sobre o papel que a cruz desempenhava na cultura baconga e que ela serviu de diálogo entre colonizadores e nativos, pois esse símbolo "era entendido pelas duas".

Assim "a cruz não foi introduzida junto com o cristianismo, sendo, desde antes da chegada dos europeus, importante signo de entendimento e relacionamento com o mundo circundante, visível e invisível". Ela articulava o ritmo com o sol; pontuava os ritos: nascimento; maturidade e perecimento dos homens, indicando uma concepção circular de tempo à qual à morte sucedia-se uma nova aurora. Mas, o cerne do papel da cruz é que ela era "a divisão entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, [...], tendo a água como elemento de separação", entre os planos imanentes e transcendentes. A historiadora apresenta como novidade, baseada numa bibliografia anglo-americana, a relação entre o signo da cruz e o simbolismo da água. O que não se sustenta. Basta que ela recorra a uma bibliografia já estruturada[695] constatara sobre essa defasagem.

Em termos do cristianismo, a sua teologia se apropriou do evento do Lago de Tiberíades narrado nos Evangelhos, no qual o simbolismo da água é fulcral à questão da conversão: a *metanóia* [a conversão absoluta], além do exemplo do batismo do Ungido no rio Jordão. Em relação ao Brasil, ele é o país da "Terra da Santa Cruz",[696] pois no seu céu brilha o Cruzeiro do Sul qual pastor a nos guiar, segundo a elaboração de positivistas e católicos consignada na bandeira da República e apropriada politicamente pelos liberais.[697]

---

[694] MELLO E SOUZA, M. "Santo Antônio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro". In: *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, [Deptº de História-UFF, em Niterói], Ed. 7Letras, nº 11, 2001, pp. 171-188; cit. pp. 181, 175, 172, 173, 180, 177, 178.

[695] Indico dois exemplos: ELIADE, Mircea. *Images et symboles*. Paris, Gallimard, 1952. _____. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo, M. Fontes, 1993, 479p; especialmente, p. 153 ss. Veja-se também: FIRTH, R. *Symbols Public and Private*. Allen and Unwin, 1973.

[696] *ANSAp*. "Origem, Representações e culto da Cruz no decorrer dos séculos".Aparecida, 1946, pp. 94-99, cit. p. 99.

[697] CHAUI, M. *Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Ed. F. Perseu Abramo, 3ª ed., 2001, 103p.

f.1.6] Conclusão. De 1929 a 1953: nesta data religiosos da Arquidiocese de São Paulo se reuniram para discutir o "exame pré-nupcial" e o fizeram a partir de uma abordagem de critérios *positivos* e *negativos* da eugenia.

Concluindo a análise da Carta *Mit Brennender Sorge* e outros problemas abordados nesta seção da pesquisa. Ao tratar da "doutrina e ordem moral" no cristianismo e na Igreja católica, pois os nazistas, assim como outros, empreenderam "tentativas de separar a doutrina da ordem moral da base granítica da fé [católica], para reconstruí-la sobre *a areia movediça de normas humanas*, levam, cedo ou tarde, indivíduos e nações à decadência moral", Pio XI, nesse particular, faz uso de argumentos pânicos.

Ora, segundo o religioso o que o regime nazista fazia era "confundir a doutrina moral com *opiniões humanas, subjetivas e mutáveis no tempo*". Deste modo, fiar-se nos homens, conforme o argumento episcopal da maior autoridade da catolicidade, era abrir as comportas "às forças dissolventes" das potências humanas. Assim, aquela quadra histórica se caracterizava como um "nefasto tempo" – observe-se que o funesto era o período, não o nazismo *stricto sensu*, ao contrário do comunismo que era perverso, o mal absoluto em si mesmo.

Para Pio XI atingir o equilíbrio entre natureza humana e as ambições dos homens demandava o pastoreio dos gestores do sagrado. Assim, o corpo social em estado de guerra perene, buscando a harmoniosa eqüidade e o "equilíbrio entre o direito pessoal e o liame social" não poderia prescindir da hierarquia. Para a autoridade religiosa o erro nazista era justamente dispensar à autoridade da Igreja e confiar na "natureza humana".

Agir dessa forma denunciava que o regime do III Reich desconhecia as "tradições [o *ethos*] alemãs", que centralmente era cristã: católica ou protestante. Quem mereceu especial atenção da autoridade religiosa na Encíclica que estamos escandindo foi à juventude alemã. Aqui residi um dos núcleos do documento papal, pois em contra ponto ao regime hitlerista que elegera a adolescência alemã como alvo das suas ações, Pio XI argumenta, ora: "se o Estado organizava a juventude em associação nacional obrigatória para todos", cabia à Igreja reagir ancorada nos "direitos [legitimados na Concordada] das associações religiosas, os jovens [católicos] têm o direito óbvio e inalienável, e com eles os pais responsáveis por eles diante de Deus, de exigir que ela seja purgada de toda a tendência hostil à fé cristã e à Igreja [...]".[698]

Havia na Alemã, segundo Pio XI, uma sórdida campanha para afastar os jovens do reto caminho estabelecido pela instituição romana, pois "de mil bocas hoje se repete aos vossos ouvidos um evangelho que não foi revelado pelo Pai do céu". Contribuindo para tanto veículos com a

[698] PIO XI [Papa]. *Encíclica Mit Brennender Sorge*. Petrópolis, Vozes, [Col. Documentos Pontifícios nº 133], 1961, 28p; para todas as citações neste parágrafo, pp. 17-18, 18-19, 19, 20, 19 e 21, respectivamente, itálicos meus.

"imprensa e rádio inundam-vos diariamente com produções de conteúdo inimigo da fé e de Deus, [...] [que] atacam tudo o que vos é sagrado e santo".[699]

Assim, negando "a conveniente cultura da vida familiar [aqui o alvo são os exercícios físicos e desportivos que, se por um lado operavam robustez muscular, implicavam na flacidez moral], nem o mandamento de santificar o dia do Senhor [conforme se infere dos argumentos de Pio XI, os nazistas haviam estabelecido o domingo como o dia no qual se executariam as atividades desportivas para dar "vigor físico" aos alemãs], justamente na data que era o "dia do Senhor" cujo "caráter sagrado" e de recolhimento correspondia "às melhores tradições alemãs"[700] fora profanado.

Ora, essa disputa travada entre católicos e regime nazista, revela um aspecto fulcral: a administração sobre elementos simbólicos como os feriados religiosos, significava a perda de controle do *ethos*. Para a Igreja não era uma novidade, pois a instituição vinha fazendo uma série de esforços para se adaptar ao calendário secular. Assim, *questão nuclear é a concernente ao cancelamento, por parte do poder secular* [principalmente no século XIX], *de expressivo número de dias santos. Evidente tentativa de republicanizar ou laicizar o ethos.*

A nulidade dos dias santos foi uma grande derrota política da Igreja católica. *Ora, os elementos simbólicos, como os feriados religiosos, são fulcrais em termos de compromisso culturais e da sua prática, o ethos.*

Desde o século XVII, a instituição romana vinha produzindo mudanças no seu calendário. O marco no período moderno é a Bula *Universa per ordem* de 13-09-1642 do papa Urbano VIII.Como resultado desse processo, em 2 de Julho de 1911, o Papa Pio X publicou "*Motu próprio sobre os dias Festivos*". Portanto, foi num ambiente social e clima político de instabilidade – que obrigou a Igreja católica a se adequar ao calendário secular; assim apreendemos a autocompreensão ou *aggiornamento* dos princípios pelos quais a Igreja Católica irá operar as suas mudanças e atualizações, quer no plano social, quer no político; quer na história *lato sensu*.

Neste particular, Giacomo Martina aponta o processo pelo qual se operou a secularização eclesiástica e "[...] a laicização das obras pias", mormente indica que a partir de 1870 "cessa o controle rigoroso do cumprimento do preceito pascal [...]".[701]

---

[699] PIO XI [Papa]. *Encíclica Mit Brennender Sorge*. Petrópolis, Vozes, [Col. Documentos Pontifícios nº 133], 1961, 28p; cit. pp. 20-21.
[700] PIO XI [Papa]. *Encíclica Mit Brennender Sorge*. Petrópolis, Vozes, [Col. Documentos Pontifícios nº 133], 1961, 28p; cit. p. 22.
[701] MARTINA, Giacomo. "A Influência do Liberalismo e do Socialismo para uma Melhor Autocompreensão da Igreja". In: Revista *Concilium*. Petrópolis, Vozes, [Vol 67], nº 7, 1971, pp. 883-889, cit. p. 885.

Para G. Martina a história da Igreja deve ser apreendida na sua dimensão histórica, "[...], pois é [a sua ação], contingente e condicionada aos tempos". Deste processo, a instituição no seu processo de mudança e adequação ao século se faz presente "[...] como alguém pronta a servir". [702]

Anteriormente na mesma Alemanha, com Bismarck no século XIX, houve impedimento à ação da Igreja católica. Tratava-se do processo de secularização pelo qual a Europa passava, onde as procissões públicas foram interditadas; houve a laicização das escolas; elaborou-se uma legislação sobre divórcio.[703]

Assim, enfatizava o articulista do *ANSAp* em 1939 sobre o nazismo: "o que ora perturba o mundo, sob o disfarce de patriotismo político", deveria ser enfrentado a partir do pronunciamento do "Santo Padre [...]: a Igreja deseja que os fiéis sejam informados de que uma denuncia de novo tipo ameaça reconduzir a Europa cristã ao extremo limite da barbaria. [...] A nova religião do sangue [...] [que semeava] ódio, guerra e perseguição". [704]

Na avaliação do historiador John Cornwell a condenação papal de Pio XI ao nazista ocorreu "com bastante atraso". [705]

O conjunto de questões aqui tratadas, como podemos constatar, circularam; muitas foram apropriadas no plano prático do cotidiano. O debate sobre a eugenia não se esgotou na década de 1930.

Ainda nos anos de 1950, os religiosos da Arquidiocese de São Paulo, na "reunião do clero, 9 de fevereiro de 1953" ao discutir sobre o exame pré-nupcial abordavam "a eugenética" a partir da contribuição de Galton, cujo "fito é estudar os fatores que podem, sobre as diretrizes sociais, melhorar ou prejudicar o caráter nas gerações futuras, tanto na ordem física como na ordem psíquica [...]. Desta forma a eugenética se propõe neutralizar os danos da transmissão, hereditárias [...]".

Afirma que havia a "*eugenética positiva* [que] pretende obter o melhoramento da raça, lançando mão de processos científicos modernos [...]"; do mesmo modo ocorria "a *eugenética*

---

[702] MARTINA, Giacomo. "A Influência do Liberalismo e do Socialismo para uma Melhor Autocompreensão da Igreja". In: Revista *Concilium*. Petrópolis, Vozes, [Vol 67], nº 7, 1971, pp. 883-889, cit. pp. 884-885.

[703] Esse processo deu-se na própria Itália. Na Alemanha a *Kulturkamp*, 'luta da cultura', de Bismarck também mostra essa situação de perseguição à instituição romana. Os Redentoristas alemães, oriundos da católica Baviera, que foram atuar no Santuário de Aparecida, a partir de outubro de 1894, tinham vivido essa experiência de violência com a sua expulsão do Santuário mariano de Altötting. As atividades pastorais dos padres da Congregação do Santíssimo Redentor no santuário bávaro foram interditadas por decreto de Luís II, Rei da Baviera, em 18 de agosto de 1873. Cf. WERNET, Augustin. *Os Redentoristas no Brasil*. Aparecida, Ed. Santuário, [Vol. I], 1995, p. 42. Inclusive, Napoleão fez dois papas prisioneiros: Pio VII, e Pio VIII. Foi nesta situação histórica e ambiente político que se operou a reforma ultramontana.

[704] *ANSAp*. Aparecida, 1939, p. 191. São palavras atribuídas a Pio XI.

[705] CORNWELL, J. Op cit., 2000, p. 315.

negativa tem por escopo impedir a procriação de indivíduos inferiores, do ponto de vista eugênico, e desta forma evitar a transmissibilidade de taras nocivas à espécie humana".[706]

Os religiosos citam trechos da Encíclica *Casti Connubii* de Pio XI de dezembro de 1931. Aliás, a discussão da eugenia, tomando por base *Casti Connubii*, pautou os debates dos católicos, como podermos conferir no artigo "Educação Eugênica"[707] do leigo católico e médico Hamilton Nogueira.

Se as soluções apontadas balizavam-se na carta *Casti Connubii*, mas as discussões sobre exames de pré-nubentes, iniciou-se a partir de critérios positivos ou negativos presentes na eugenia, indicam a presença desta no 1° semestre de 1953 entre os religiosos da Arquidiocese de São Paulo. Logo, como não interpreta como racista o "desagravo" à Aparecida - além do aspecto da manipulação da opinião católica pela hierarquia religiosa -, uma década depois, no segundo semestre de 1963, motivado por uma face de um negro no corpo da Padroeira?

---

[706] "Exame pré-nupcial", discutido na "Reunião do Clero, 9-02-1953". In: *Boletim Eclesiástico*. São Paulo, ano XXVII, n° 3, 1953, pp. 105-110; cit. p. 106.
Aqui chamo a atenção para questão da eugenia junto à elite católica. O médico Afrânio Peixoto, discípulo de Nina Rodrigues, foi um ardoroso militante da eugenia. Peixoto foi casado com uma irmã da mulher de Tristão de Ataíde, elas eram de família Faria, proprietária da "De Faria" empresa farmacêutica do Rio de Janeiro. Interessante observar que Peixoto gerou um filho com graves problemas de ordem física e mental.

[707] NOGUEIRA, Hamilton. "Educação Eugênica". In: *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1932, pp. 408-411. Outro leigo católico, H. Tanner de ABREU publicou extenso artigo, cujo título é "Do aborto médico" [1ª e 2ª partes]" e em dois de *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1931, pp. 340-347 e 20-32 [numeração referente ao 2° semestre de 1931], respectivamente. Nesse periódico há uma copiosa produção de leigos e religiosos católicos que tomam por base a Encíclica *Casti Connubii* de Pio XI que, ao abordar o "Exame pré-Nupcial" do pe. Leonel Franca de 1936 encontramos tanto elementos de matriz eugênica quanto o referente à elevação jurídica do casamento religioso com validade civil cuja tradução foi o Decreto-Lei "**... n° 379 de 16 de jan. de 1937**": [Regulando o casamento religioso para fins e efeitos civis. Assinada por Getúlio Vargas e Agamêmnon Magalhães]. FRANCA, L. Op. cit. In: *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1936, pp. 151-165. "Decreto n° 379". In: *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1937, pp. 172-179. Anteriormente, em 1933, Hamilton NOGUEIRA havia publicado, no mesmo diapasão eugênico, o artigo "Fundamentos biológicos da monogamia". In: *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1933, pp. 571-580. O casamento e a questão da sua indissolubilidade foi, no período, uma constante entre os católicos. O jurista Pontes de Miranda, na condição de Desembargador do Estado brasileiro, publicou o artigo "O casamento perante autoridade religiosa" sobre a questão. PONTES DE MIRANDA, Op. cit. In: *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1938, pp. 317-362. Posteriormente, na condição de Senador da República, eleito constituindo pela UDN no Distrito Federal, na sessão do dia 14 de mar. de 1946 da Assembléia Nacional Constituinte, o católico Hamilton Nogueira pronunciou o discurso "O racismo na Constituinte", cuja matriz era o seu artigo de 1932. O Discurso de H. Nogueira encontra-se em: *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1946, pp. 389-293. Posteriormente um religioso, frei Leão J. Moreau, O.P., publicou o texto "O racismo é pecado", o que indica a presença da questão racial na pauta dos debates dos católicos, leigos e religiosos, nos albores da década de 1960. Cf. MOREAU, L. J. Op. cit. In: *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1959, pp. 501-508. Contudo, a questão da eugenia entre os católicos desde os anos 1920, migrou para o debate sobre "esterilização dos inaptos", o aborto, o divórcio, a família monogâmica, filhos ilegítimos etc. Penso que esse não seja um problema encerrado neste país, pois sendo o Brasil uma Nação multirracial, as etnias negras e indígenas, após mais de cinco séculos de história continuam as relegadas à condição de sobras, habitando - fisicamente - às periferias do País, da Nação, do Estado, e principalmente da cidadania. Ironia ou astúcia eclesiástica - esta sempre ao par com as classes dominantes - a Nação que adotou uma Padroeira cuja tez opera numa cambiante cromática que oscila entre a cor marrom e/ou cafuzo, carrega um pesado racismo étnico, social, político e econômico. O racismo brasileiro tem a matriz ideológica e doutrinária na sua elite católica branca.

f.2] Erosão Moral, definhamento físico ou o *mal absoluto*: o **comunismo**.

Duas fotografias da propaganda anticomunista dos católicos na Guerra Fria. *ANSAp*, 1948.[708]





A foto da esquerda vem acompanhada da legenda "deslocados da guerra [da Alemanha oriental], e a da criança[709] e a da direita: "crianças famintas e maltrapilhas como esta, há milhares na Europa, principalmente nas zonas de ocupação russa". Aqui não são esquemas gráficos ou desenhos caricatos de humor duvidoso, mas fotografias. Elas vinham carregadas, para além do que o seu conteúdo revelava, da condição de "provas"[710] para o que se denunciava e se afirmava sobre o comunismo: a esqualidez da criança famélica, a desordem presente nos adultos jogados à sua própria sorte e ao relento. Tais imagens, provavelmente, adquiriam um grau maior de veracidade, pois quem as veiculava não era a imprensa diária, mas o anuário da Basílica Nacional da Padroeira da Nação.

---

[708] *ANSAp*. Aparecida, 1948, p. 223.

[709] Em 1933 o periódico católico *A Ordem* publicou um longo "estudo científico" "... do vide-presidente do Conselho Superior da Natalidade da França" Fernand BOVERAT, cujo título é: "Demographia da U. R. S. S. Natalidade e Mortalidade". *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1933, pp. 242-251, antes do artigo há uma "nota" assinada "T. de A." [iniciais de Tristão de Athayde?], onde enfatiza a crueldade do regime comunista que incentivava o aborto e a morte da infantil, ao lançar as crianças à própria sorte, pois havia destruído a família nuclear, esteio da sociedade e do Estado.

[710] BARTHES, R. *A Câmara Clara*. Lisboa, Edições 70, s/d., 172p; cit. p. 113.

f.2.1] Introdução. O Combate ao comunismo em periódicos ligados à N. S. Aparecida e outras publicações católicas, de 1904 a 1933.

A questão do combate ao comunismo a partir de publicações originadas na devoção à Padroeira já foi apontado pela pesquisadora Mariangel de Faria Vieira na sua consistente análise do jornal *Santuário*.[711]

Esse periódico fundado em 1900 pelos padres afonsinos, e ao longo da sua história manteve o título de *Santuário*, com variações que adicionava termos como "[...] nacional da Padrocira", ou "[...] de N. S. Aparecida" ou "[...] de Aparecida" etc.

Na pesquisa a autora apresenta uma série de quadros estatísticos nos quais aponta o comunismo como uma das "tônicas" presentes nas três décadas da sua pesquisa: "as críticas da Igreja ao comunismo aparecem freqüentemente marcadas por uma forte intolerância e oposição. O "Império Soviético" é mostrado como desumano e sanguinário, reforçando-se a total incompatibilidade entre esse regime e o cristianismo".[712]

Em seguida a esse trecho Vieira cita um fragmento do nº 22 do periódico de abril de 1960: "O comunismo é acusado e considerado culpado da opressão de milhões de inocentes. E não poderia ser de outra forma. Acaso não nasceu do ódio essa doutrina, que jamais conheceu a palavra amor?".[713]

A autora quando aborda as relações "Igreja-Estado", aponta a respeito do argumento religioso de condenação do comunismo. Este era o *locus* de tudo o que a instituição condenava: "Por se amar a ordem, o progresso, o Cruzeiro do Sul [a Igreja católica] e não a foice, o martelo e o vermelho, símbolos da destruição. [...] [Pois] os comunistas só sabem destruir: a família, a religião, a moral e costumes".[714]

Na presente pesquisa irei trabalhar com o *ANSAp*.[715] O que apresento a seguir sobre o comunismo dimensiona o problema a partir de um periódico publicado no Santuário Nacional da Padroeira do Brasil.

Na edição do ano de 1933, a questão da destruição da família pelo comunismo é ressaltada em vários trechos da matéria:

---

[711] VIEIRA, Mariangel de F. *Uma devoção estratégica; o culto a N. S. Aparecida [1960-1989]*. São Paulo, Depto. de História, PUC-SP, [Dissertação de mestrado], 1993, 171p.
[712] VIEIRA, Mariangel de F. Op. cit., 1993.
[713] VIEIRA, Mariangel de F. *Uma devoção estratégica; o culto a N. S. Aparecida [1960-1989]*. São Paulo, Depto. de História, PUC-SP, 1993, 171p; cit. p. 43.
[714] VIEIRA, Mariangel de F. *Uma devoção estratégica; o culto a N. S. Aparecida [1960-1989]*. São Paulo, Depto. de História, PUC-SP, [Dissertação de mestrado], 1993, 171p; cit. p. 91.A autora tirou esse trecho do jornal *Santuário*, nº 49, março de 1961.
[715] *ANSAp*. Aparecida, 1933, pp. 107-111.

"*inimigo da família*, que é intimamente ligada à moral cristã, *o comunismo russo faz tudo por destruí-la. Decretou por lei que, para ser dissolvido um casamento*, basta a declaração de um cônjuge de que não quer continuar a viver com o outro, e *que as uniões livres dão consideradas, iguais aos casamentos*. [...] [Pela força de confisco estatal de residências, obrigou-se] [...] *os habitantes a morarem em habitações coletivas na promiscuidade mais nojenta*. Muitas *famílias foram dissolvidas à força*, sendo pai, mãe e filhos obrigados a trabalhar em lugares diferentes e distantes. Enfim, *o comunismo proibiu aos pais de corrigir os filhos*, e *incita os filhos à revolta contra os pais*".[716]

Já a abolição da propriedade privada significava que "os comunistas russos [declararam-na] [...] propriedade do Estado [e] todas as terras [...] foram tomas dos lavradores [expropriando] as terras que possuíam e cultivavam. [...]. [A resistência à coletivização de terras acarretou em] [...] *mortes ou condenações a trabalhos forçados em regiões inóspitas*. [Assim, já se contabilizava em] *oitocentos e cinqüenta mil* [850.000] *o número de camponês mortos pelos sovietistas* [em 1933]". O desdobramento desse estado de coisas era que aqueles lavradores que não resistiram e permaneceram nas terras que milenarmente cultivavam e das quais detinham o título de posse, mas agora

"[...] *como empregados* de conjunto com os outros *e sob as ordens de administradores do governo*, e *obrigados a entregar ao governo toda a colheita*. E *o governo não lhes deixa nem o necessário para a vida*, tendo eles de *alimentar-se* geralmente *com legumes*". Assim, "*a classe dos lavradores*" russos foi "*aniquilada*" pelos comunistas, justamente ela, "que *era a mais numerosa e mais ordeira*, e *formava a base da prosperidade*" do "enorme país".[717]

Na ampla matéria do ano de 1933, o anuário definia "O Comunismo" assim:

"*o pior inimigo da humanidade* é *o comunismo*, [...] [pois ele pretende] *destruir os bens mais preciosos da sociedade humana*, os bens em que se funda o bem-estar dos homens, [...]: a *religião*, a *família*, a *propriedade* e a *liberdade*. *Derrocada a ordem social quer o comunismo formar uma sociedade nova sem religião e sem propriedade*, em que é único proprietário de tudo o Estado, [...], [instaurando uma realidade em] que *ninguém pode adquirir propriedade*. *Embrutecidos pela falta* de *religião* e *moral* e pela *dissolução da família*, sem meios de defesa por falta de armas que estão todas no poder dos dominadores, *ficarão os reduzidos à condição de* [...] *escravos, condenados a trabalhar a sua vida para os seus senhores* [os membros do partido único].[718]

No concernente às relações entre catolicismo e comunismo, a questão tem aparecido na pesquisa histórica.[719] Penso que apenas estamos no início da abordagem do problema, e ela ainda é precária. Diz uma autora brasileira sobre a questão:

"se, no Brasil, ser católico fazia parte da "normalidade", nos Estados Unidos isso era uma marca do ser "diferente". O número relativamente pequeno de católicos comparado ao conjunto da população, a

---

[716] *ANSAp*. Aparecida, 1933, pp. 107-111; cit. pp. 108-109, itálicos meus.
[717] *ANSAp*. Aparecida, 1933, pp. 107-111; cit. p. 109, itálicos meus.
[718] *ANSAp*. Aparecida, 1933, pp. 107-111; cit. p. 107, itálicos meus.
[719] RODEGHERO, Carla S. "Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria". In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Humanitas, vol. 22, nº 44, 2002, 563p; pp. 463-488. MOTTA, Rodrigo P. Sá. *Em Guarda contra o "Perigo Vermelho": o anticomunismo no Brasil [1917-1964]*. São Paulo, Perspectiva, 2002, 297p. A este trabalho de Sá Motta voltarei noutro passo da pesquisa.

opção por certas posturas de isolamento e as desconfianças provenientes das igrejas protestantes contribuíram para que os cotólicos norte-americanos se sentissem obrigados a buscar formas de reconhecimento e aceitação, especialmente de aceitação como cidadãos zelosos pela pátria".[720]

Nesse conjunto de afirmações a autora está se referindo à passagem do século XIX ao XX em relações ao dois países. Porém, falta-lhe o devido conhecimento histórico da questão, o que acarreta comprometimento à compreensão do problema. Naquela quadra histórica tanto o Brasil quanto os demais países latino-americanos não havia nenhum cardeal, que era um sinal de distinção da Santa Sé às Nações cristãs, e em particular os países católicos, e *elemento importantissimo às Repúblicas no concerto dos países de regime capitalista de mercado, pois informava estabilidade no plano político*, a partir de pastoreio hierocrático que prometia *ordem* e *obediência* do seu rebanho. Vimos que só em 1905 sagrou-se um religioso brasileiro como cardeal; mas em contra partida os EUA já possuíam dois cardeais. Os possíveis motivos para tal defasagem também já os apresentamos na conclusão do item c.5.

Um século após o conjunto de problemas acima apontado, advindos dos embates entre cristãos - protestantes e católicos - *x* comunistas, o pensamento reacionário ianque de matriz *WASP* elegeu como inimigo dos seus valores ["... cultura inglesa; cristianismo - [reformado] -; o compromisso com a religião; conceitos ingleses acerca do estado de direito; ...; os valores protestantes [...] do individualismo, da ética de trabalho e crença..."][721] os mestiços católicos de extração ibérica ou latino-americana [pois os "... latinos, são um atraso de vida"": falta de confiança em pessoas de fora do círculo familiar; a falta de iniciativa, de auto-suficiência e de ambição; o pouco valor dado à educação; e a aceitação da pobreza como uma virtude necessária à entrada no céu".[722]]que não praticam um cultura ancorada nos valores referidos e se reproduzem de forma incontrolável o que tem acarretado uma explosão demográfica. Para enfrentar, no plano da cultura, os valores originados na religião católica conjugados ao adensamento popular não-*WASP*, Huntington propõe "a ascensão de um movimento anti-hispânico, anti-negro e anti-imigrante, composto em grande parte de **homens brancos de classe média ou trabalhadora**. [...]. Um movimento como esse pode ser rotulado de "nativismo branco"".[723]

---

[720] RODEGHERO, Carla S. Op. cit., 2002, p. 481.
Há autores que não fazem referências à Santa Sé e ao comunismo, assim indicando uma grave lacuna historiográfica na abordagem da questão. Há o olvide do papel político do Vaticano. Neste sentido, veja-se o "esquecimento" de um autor como François FURET. _____. *Le passé d'une illusion*. Paris, Éditions R. Laffont, 1995, 599p.
[721] HUNTINGTON, S. P. "O desafio hispânico". In: *Política Externa*. São Paulo, Vol. 13, nº 1, 2004, pp. 39-58; cit. p. 40.
[722] HUNTINGTON, S. P. Op. cit, 2004, cit. p. 53.
[723] HUNTINGTON, S. P. Op. cit, 2004, cit. p. 57, negrito meu.

f.2.2] O Anticomunismo no *Almanak de N. Senhora Aparecida* - argumentos do medo e imagens pânicas: traição, infiltração, destruição. O Estado policial na Rússia e perseguição religiosa, segundo a Igreja.

Anteriormente vimos, no ensaio do pe. católico José Oscar Beozzo,[724] que ele afirmava que a devoção à N. S. Aparecida foi instrumentalizada pela hierarquia católica para combater o comunismo, mas não apresentava como se operou tal enfrentamento e combate.

Nesta seção da pesquisa irei apresentar elementos que foram lançados no teatro de batalhas na luta da Igreja católica contra a doutrina materialista comunista, cuja figura de proa era Maria, e o seu corpo de centuriões, os congregados marianos. Para tanto, a instituição romana laçou mão de argumentos pânicos e fez uso massivo do medo como mecanismo de convencimento para as questões que se referiam ao comunismo, em textos e imagens.

Nesta ordem de coisas, para os editores do anuário *ANSAp* na década de 1930, o comunismo além de ser uma doutrina e prática política que embrutecia e instituía a barbárie humana em todos os planos, ele era intrinsecamente traidor no seu processo de destruição do *ethos* cristão.

O comunismo anunciava o "paraíso" na terra para operários e lavradores, a classe trabalhadora, mas o que efetivamente oferecia era o seu inverso. Deste modo, proclamou-se que na Rússia

> "[...] *o regime comunista*, [...] *seria um governo dos operários* e que *a Rússia se tornaria o paraíso dos operários*. [Ledo engano, pois] [...] o operário, para sentir-lhe feliz, deve ter o seu trabalho regular e um salário suficiente a manter folgadamente a sua família. [Mas] *na Rússia o operário não pode manter a casa, ele deve manter nas habitações coletivas e comer das cozinhas coletivas*; [...] *recebe como ordenado vales de comida e um pouco de dinheiro tão desvalorizado* que não dá para alugar uma modesta casa ou sustentar uma família".[725]

Assim, submetida a essa realidade, o que se encontrava definitivamente comprometida era a liberdade, que o sistema totalitário, expressão de um governo policial, a seqüestrava quando se estabelecia. Ela, a liberdade, era

> "cousa que *o operário russo não conhece mais. Ele não pode escolher o trabalho*, mas *há de fazer o que lhe marcam, ele não pode mudar de uma fábrica ou oficina* para outro quando não se bem, *ele não têm direito de declarar-se em greve nem mesmo de reclamar, ele não pode faltar ao serviço, se ele reclamar ou cometer qualquer irregularidade, está sujeito a passar por inimigo* dos soviets e *ser fuzilado ou desterrado*".[726]

Nestes termos,

---

[724] BEOZZO, J. O. "A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização" [1945]. In: FAUSTO, Boris. [Dir]. *História Geral da Civilização. Tomo III. O Brasil Republicano*. 4º Vol. *Economia e Cultura [1930-1964]*. São Paulo, DIFEL, 1984; 666p; pp. 271-341.

[725] *ANSAp*. Aparecida, 1933, pp. 107-111; cit. p. 109, itálicos meus.

[726] *ANSAp*. Aparecida, 1933, pp. 107-111; cit. p. 109, itálicos meus.

"em resumo, *o comunismo* tem sido *uma imensa desgraça* [...]: *um país inteiro reduzido ao estado de escravidão e barbárie, a lavoura e indústria desorganizada* [...], *a miséria e a fome alastrando-se pelo país* enquanto *o governo vendo os produtos no estrangeiro*. [Assim, o homem comum, submetido a essa realidade brutal e] [...] *sob o peso de tantos sofrimentos desejam milhões de russos deixar a pátria e fugir para outros países*. Mas *nem isso lhes é permitido*: *ao longo das fronteiras estão colocados guardas com metralhadoras para atirarem contra quem tentar deixar o país*. [...]. Pobre Rússia, em que abismos te levou o comunismo! *O Santo Padre* [Pio XI], *cheio de compaixão com os sofrimentos do povo russo, exortou a todos os fiéis a rezarem pelo mesmo*. [...] [O papa determinou e] *ordenou que as três Aves Maria, Salve Rainha e orações que se fazem no fim da Missa sejam oferecidas pela salvação da Rússia*".[727]

Deste modo, sistema totalitário e estado policial se concretizam na "perseguição religiosa" na Rússia em 1931 onde "foram fechadas 600 igrejas e exilados 1.400 vigários, padres e rabinos para as regiões geladas do norte da Rússia. [...]. O maior empreendimento anti-religioso foi a dinamitação da célebre igreja do Salvador [...]. Foi dinamita por ordem do governo, que pretende construir no mesmo lugar o palácio do congresso soviético".[728]

Além de enfatizar a destruição do patrimônio[729] religioso empreendida pelo regime comunista, o exílio dos religiosos é reforçado. Fundado no "ódio contra e Deus e contra toda religião" o comunismo

"proclama [...] *o ateísmo oficial*", [perseguia e encarcerava] "todos os bispos, sendo *alguns mortos entre tormentos e outros condenados a cárcere ou trabalhos forçados*. O mesmo se faz em seguida *aos sacerdotes; já passa de mil e quinhentos* [1.500] *o número de sacerdotes que morreram pela mão dos algozes e nos horrores da prisão*; ou outros ainda *gemem nos cárceres ou no desterro da Sibéria*".[730]

Assim, se o comunismo era "[...] antes de tudo ódio contra Deus e a religião levado ao extremo" havia um contra-ponto importante que agia de modo silencioso, pois "felizmente *o povo russo em sua maioria conserva-se fiel a Deus e pratica a religião às ocultas*". Ora, sendo o comunismo

"*inimigo da família, que é intimamente ligada à moral cristã, o comunismo russo faz tudo por destruí-la. Decretou por lei que, para ser dissolvido um casamento, basta a declaração de um cônjuge de que não quer continuar a viver com o outro, e que as uniões livres são consideradas iguais aos casamentos.* [...] *confiscou muitíssimas casas, obrigando os habitantes a morarem em habitações coletivas na promiscuidade mais nojenta.* [...] *famílias foram dissolvidas à força, sendo, pai mãe e*

---

[727] *ANSAp*. Aparecida, 1933, pp. 107-111; cit. p. 109, itálicos meus.
[728] *ANSAp*. Aparecida, 1933, pp. 107-111; cit. p. 107.
[729] *ANSAp*. Aparecida, 1933. São citados vários casos de destruição de construções religiosos. Ou da utilização de templos religiosos para outros fins, como "uma igreja sacrilegicamente transformada em club de diversões", p. 108; ou "as igrejas fechadas foram em parte transformadas para qualquer outro fim, em parte destruídas, [...] foram derrubadas à dinamite", p. 108. Assim, constatam-se as "silenciosas testemunhas de um ímpio atentado contra o templo de Deus numa cidade russa"; aqui se denunciava a profanação de artefatos religiosos como sinos. À p. 108 há uma imagem com eles jogados num terreno; "a Catedral de Batum demolidas pelos soviets", p. 108. No ano seguinte o periódico denuncia que "a Catedral de Stalingrado [foi] transformada em garage de automóvel", junto ao texto há uma foto da Igreja e a sua nova destinação. Cf. *ANSA*. Aparecida, 1934, p. 106.
[730] *ANSAp*. Aparecida, 1933, pp. 107-111, cit. p. 108, itálicos meus.

filhos obrigados a trabalhar em lugares diferentes e distantes. Enfim *o comunismo proibiu aos pais de corrigir os filhos, e incita os filhos à revolta contra os pais.* [731]

Tendo o comunismo se instituído como sistema totalitário e Estado policial no qual submetia os seus opositores às mais rígidas condições: o seqüestro e a abolição da propriedade, encarceramento e banimento dos mesmos, a instituição romana indica uma arma sua para lhe enfrentá-lo: a "oração a Santa Teresinha do Menino Jesus pelos cristãos perseguidos na Rússia",[732] em conjunto com a "antiqüíssima imagem de N. Senhora chamada da "Ibéria", a qual era muito venerada na Rússia numa igreja em Moscou, que foi destruída em 1924 pelos bolchevistas".

Ora, constatava a fonte, o comunismo não era um problema que se restringia à Rússia, pois "nos últimos anos lançou suas vistas particularmente para os países da América e da América do Sul", em particular. Para tanto os comunistas estabeleceram uma ampla rede nos "países [onde] os seus agentes [estão] munidos de largos recursos pecuniários".

Deste modo,

> "também *no Brasil a propaganda comunista*, está muito forte. [...]. *Entre os operários das fábricas e das grandes empresas* introduzem-se operários comunistas, que espalham entre os outros as suas idéias e fundam núcleos comunistas. [...] [E constata que] não se pode negar que eles já ganharam grande número de adeptos. [...] [Conclamavam-se] [...] que todos os amigos da *religião*, da *ordem*, da *pátria se oponham à propaganda comunista*. [...]. *É preciso que todos cooperem* [já que "a ação policial [...] não é suficiente"] *para cercear a ação nefasta dos agentes comunista* [...]. É preciso *esclarecer o povo, especialmente os operários, sobre o verdadeiro caráter do comunismo* [...]. *É preciso unir os operários em associações católic*as para não caírem nas ciladas comunistas".[733]

Constatada a perseguição aos cristãos nos primeiros séculos, denuncia-se "a perseguição religiosa no território dos soviets". Havia na Rússia uma

> "*inexorável e cruel* [...] *perseguição* [a] [...] *toda Religião*, mas *especialmente a Religião Católica e ainda mais dos sacerdotes e bispos católicos*. [...] [Essa era uma tática dos comunistas cujo fim era] [...] *depois de afastados todos os sacerdotes esperam conseguir extirpar a Religião*. [Em seguida arrolam-se casos de religiosos perseguidos, como o do bispo Sliwowski morto nas imediações de Wladiwostok] em conseqüência da miséria, a que foi reduzido pela perseguição dos soviets; [ou o do

---

[731] *ANSAp*. Aparecida, 1933, pp. 107-111, cit. p. 109, itálicos meus. À p. 110 há fotos que registravam grupos fugitivos: "um grupo de fugitivos russos que conseguiram alcançar o território da Romênia. – Muitos desses infelizes dirigem-se Brasil, onde esperam com mais sossego poder ganhar se pão quotidiano".

[732] A oração é a seguinte: "Ó Santa amável e compassiva, socorrei e consolai os nossos irmãos da Rússia, vítimas de uma perseguição longa e cruel. Alcançai-lhes constância na fé, aumento do amor a Deus e do próximo e confiança na Santíssima Mãe de Deus. Preparai-lhes bons sacerdotes que possam reparar os sacrilégios contra a sagrada Eucaristia e as blasfêmias contra Deus. Fazei que, especialmente na mocidade, floresçam de novo a pureza angélica e todas as virtudes cristãs, para que este povo generoso, libertado de toda escravidão, volte ao único redil, que o Coração abrasado de amor do Salvador ressuscitado confiou inteiramente a São Pedro e seus sucessores, e que gozam enfim a alegria de glorificar, na união da santa Igreja, o Padre e o Filho e o Espírito Santo. Assim seja". Aos que fizessem a oração, davam-se "300 dias de indulgência, plenária uma vez por mês [Pio XI, 19-08-1929]". *ANSAp*, 1933, pp. 107-111; cit. p. 111.

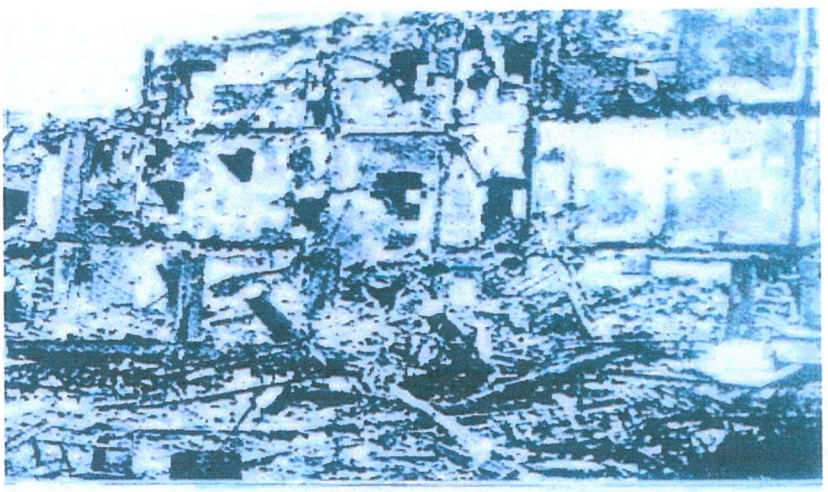
[733] *ANSAp*. Aparecida, 1933, pp. 107-111; cit. p. 111, itálicos meus. A fonte ressalta que a propaganda comunista operava-se por meio das "traduções de livros russos, [que] são espalhados em grande profusão" cujo fito era propagarem "[...] as suas doutrinas", cit. p. 111.

bispo D. Boleslau Sloskan da Lituânia] que estivera preso na Rússia durante cinco anos, [neste período ele havia sido exilado e condenado] a três anos de trabalhos forçados [...], no extremo norte da Rússia. [Lá eram obrigados os religiosos e demais presos a] [...] cortar e serrar madeiras, mal vestidos, muito mal alimentados e abrigados à noite em barracas sem cômodo nem higiene alguma. [O religioso quase] teria morrido de fome [se não fosse o socorro de alguns que forneciam] [...] às ocultas algum alimento. [Em seguida foi novamente condenado] [...] a três anos de desterro na Sibéria. [Para lá chegar foi submetido a] [...] uma viagem de quatro meses ["de trenó"] [...] [feita] entre tempestades de neve e exposto sem abrigo ao frio mais cortante. [Em seguida a sua estadia na cidade de Jeniseisk ele] [...] foi novamente preso e transportado para o norte a uma pequena povoação. Ali teve de manter-se com a pesca, *mas os católicos mandavam-lhe ocultamente algum socorro*".[734]

O religioso ao retornar do exílio siberiano, em audiência como o papa em Roma disse que "sobre o futuro da Rússia declara ele com convicção que *somente a Religião Católica poderá salvá-la*". Nestes termos, constata-se a pusilanimidade da "[...] *antiga Igreja oficial, a ortodoxa, pela pouca firmeza de sua altitude perdeu a confiança dos fiéis e a sua coesão*. Os católicos, pelo contrário, conservaram-se sempre firmes e fiéis; por isto a perseguição contra eles é mais encarniçada, mas a sua posição na convicção do povo é mais firme [...]".[735]

Nesta ordem de coisas, condenava-se não apenas a doutrina materialista comunista, mas denunciava-se a religião cristã ortodoxa que havia se afastado de Roma.

Imagem das "ruínas deixadas pelos legalistas comunistas em Toledo [Espanha]. Assim, as hordas vermelhas convertem os mais antigos centros de civilização e arte [Igrejas, Santuários, Mosteiros etc] em um monte de escombros"[736] Segundo os católicos, a destruição do patrimônio arquitetônico da sua religião significava *fall* da civilização cristã. *A brutalidade da guerra não conhecia solução de continuidade*. Toledo foi a Guernica dos católicos?



[734] *ANSAp*. Aparecida, 1934; pp. 106-107; para todos os trechos entre aspas, p. 106, itálicos meus. Boleslau Sloskan fora sagrado bispo de Mohilew em 1926; no ano seguinte, em 7 de setembro de 1927 "foi preso sob a acusação de espionagem: nunca lhe disseram em que consistira esta espionagem nem instauraram nenhuma qualidade de processo", op. p. 106. Mas, "o bispo não se queixava de ninguém e não se demorava em relatar os sofrimentos que passava, [...] [assim] a sorte dos sacerdotes [na Rússia comunista] que continuam presos e desterrados", cit. p. 107. À p. 161 há texto com as "máximas soviéticas".
[735] *ANSAp*. Aparecida, 1934; pp. 106-107; para todos os trechos entre aspas, p. 107.
[736] *ANSAp*. Aparecida, 1937, p. 94.

f.2.3] Oposições homólogas na Espanha. *Comunistas x Nacionalistas*: destruição, rancores, insultos e perseguições [dos *Republicanos*] *versus* ordem, afeto/amor maternal, obediência e disciplina, [dos *Franquistas*].

A Igreja católica tinha sobre ela muitos inimigos: "os ímpios, os inti-clericais, os maçons, os comunistas", mas em relação à instituição romana, "quando todos eles tivessem desaparecido a Igreja continuará sua marcha triunfante através dos tempos, [pois os] países civilizados [no mundo praticam a] a religião católica".[737]

Os acontecimentos da guerra civil na Espanha são amplamente divulgados na edição de 1937 do *ANSAp*. Constata-se que se viviam "tempos funestos", evoca-se "a veneração da "Virgem do Pilar" que é a padroeira da [...] Espanha", e recomendava-se

> "*a recitação dos cinco mistérios do terço doloroso* será a devoção mais agradável à Virgem do Pilar e a invocação mais feliz *nos tempos de guerra, de peste, das perseguições*, que se levantarão contra a nossa santa Religião". Indica-se que "[...] *a ruina do lar é a causa sas desgraças na vida pública e da apostasia na fé cristã*. É por isso que *os inimigos* [da Igreja, os comunistas] *procuram sempre descristianizar a família*". Assim, aponta-se "o meio mais eficaz para combater a impiedade, que sempre se espalha, é a cristianização da família. *A casa e a família de Nazaré devem ser sempre o seu modelo*. [Pois, a] [...] maior desgraça é conseguir o inimigo a ruína moral das famílias cristãs, pois que *do lar é que deve vir à restauração e o bem estar das nações*. [...]. [Pois, sem] a família [...] está perdida a nação".[738]

Denunciavam-se as "caricaturas espalhadas pela imprensa comunista para insultar o papa e a religião". Apontava-se

> "o iminente perigo do comunismo [que com] mão de ferro pesa sobre as nações do mundo inteiro o fantasma do Bolchevismo [que visa] destruir tudo o que em muitos séculos erigiu a fé religiosa e a civilização cristã. [Havia, segundo o relato profético de uma religiosa espanhola], Irmã Maria Rafols, [para ela] tanto para a Espanha como para o mundo cristão ameaça da Impiedade [comunista. Estes se caracterizavam pela] destruição das igrejas católicas e a morte ou prisão dos seus sacerdotes, [eles elegiam] a vítima [...] para as perseguições mais acintosas, para as manifestações de rancor mais violentas".[739]

Assim, os comunistas imbuídos de "rancor", fazendo "perseguições" aos católicos atingiram

> "as raias do macabro, [...] vão até ao desterramento de cadáveres, que arrancados à paz tumular, servem [..] [para escarnecer] e divertimento aos *alucinados partidários do credo vermelho*. [...]. [Esses procedimentos denunciavam o objetivo dos comunistas, que era] [...] *destruírem a família* [cristã], [...], *a ordem social*, os *direitos individuais e coletivos*. [...]. [Eles seduziam as massas, essas] *multidões desvairadas por doutrinas dissolventes*, [que agem sem] [...] piedade, [...] compostura [...], respeito".[740]

Nestes termos, sendo os comunistas, intrinsecamente, expressão do mal absoluto, tinha-se arma poderosa para combatê-los "Cristo, o suave e doce Nazareno", ele "que só preconizou o

---

[737] *ANSAp*. Aparecida, 1936, p. 233.
[738] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. pp. 88-89, itálicos meus.
[739] *ANSAp*. Aparecida, 1937, p. 90 e ss.
[740] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 91, itálicos meus.

perdão, o amor, a igualdade e a renúncia" seria capaz de enfrentar "todos esses vermes" vermelhos, "os adeptos de Moscou guerreiam a Igreja Católica, com todas as forças de que dispõem, caluniando, insinuando perversidade [da hierarquia católica], destruindo os seus templos, assassinado os seus sacerdotes e freiras, desterrando os cadáveres dos seus santos [...]".[741] Fazia-se a constatação de que

> "na Espanha [por algum motivo] os católicos cruzaram os braços, deixaram os da esquerda tomar conta do governo, julgando que na católica Espanha não entraria o [...] [negro] bolchevismo. [...] [Como resultado da chegada ao poder da esquerda, a católica Espanha tinha] cidades destruidas, igrejas e conventos incendiados, obras de arte e monumentos arrasados, bispos e padres massacrados, virgens e respeitáveis matronas violadas, a canalha tripudiando sobre os cadáveres de seus adversários, o patrimônio científico, moral e religioso da nação destruído e a sua honra e glória aviltadas".[742]

Conforme o alerta do "Papa Pio XI" era necessário que o planeta ficasse atento ao "perigo do comunismo". Deste modo, "o Papa aponta o perigo dessas "absurdas e desastrosas ideologias comunistas que procuram seduzir e fazer fomentar a massa para depois lançá-las contra todas as instituições humanas e divinas".[743]

Na edição do ano de 1938 do *Almanak de N. S. Aparecida* há um mapa da Espanha no qual se registrava, uma área destacada, na qual o país se encontrava dividido entre nacionalistas e "a zona ocupada *ainda* pelo governo comunista". A área concernente ao governo republicano era uma extensa faixa desde o Norte em Barcelona até Almeria. Mas a Europa cristã e católica continuava a ser acossada pela fúria comunista como em relação à Espanha. Correspondia à quase toda a costa Leste mediterrânica. Madri, Valência, Alicante, Cartagena eram cidades administradas pela "hordas selvagens".[744]

Enfatizava-se a destruição dos templos religiosos e os atentados contra "os sacerdotes e religiosos e os católicos em geral". Segundo a hierarquia católica espanhola "[...] desde que o começo da luta os vermelhos já destruíram vinte mil igrejas e mataram, [...] [em] terríveis tormentos, vinte e cinco mil [25.000] sacerdotes, religiosos e religiosas, e cerca de trezentos mil [300.000] leigos [...]".[745]

Em cidades "conquistadas" pelos nacionalistas como Oviedo, Alcazer de Toledo e outras, mostravam a selvageria dos republicanos que ao se retirarem "destroem a dinamite as cidades".

---

[741] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 91.
[742] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 92, itálicos meus.
[743] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 92
[744] *ANSAp*. Aparecida, 1938, pp. 145-160; o mapa e as citações entre aspas p. 145, itálico meu. Informa-se que cidades como Málaga, San Sebastian, Bilbao, Santander etc. já haviam sido ocupadas pelos nacionalistas, cuja "causa [era a mesma] de Deus e da pátria", p. 146. Sobre Guernica o seguinte registro "as ruínas da cidade [...]" não pode ser atribuídas aos nacionalistas, "mas minas das tropas governamentais [comunistas] que costumam destruir os lugares donde são forçados e retirar-se", p. 147.
[745] *ANSAp*. Aparecida, 1938, pp. 145-160; cit. p. 145.

Ao contrário das práticas de "barbaridades" dos comunistas, os nacionalistas e as populações locais agiam com "*ordem*, [...] *fervor religioso* e *grande empenho*. [...]. Todos os defensores de Alcazar *tinham-se consagrado a Nossa Senhora. Debaixo da proteção de Maria combateram, resistiram e venceram*".[746]

Há uma massa de imagens sobre os eventos da guerra civil na Espanha. Elas são registros contrastantes ou oposições homólogas de fácil assimilação pelo leitor que identificaria o mal *x* bem: nas cidades sob controle dos republicanos, o que se via eram destroços e ruínas; ao contrário a essas cidades, aquelas que foram "tomadas de assalto pelas tropas do geral Franco", como Bilbao, San Sebastian ou o Castelo do Escorial e travaram a "mais renhida luta devido à resistência desesperada dos comunistas"[747] têm as suas imagens veiculadas como cenários de ordem e harmonia; registram panoramas paradisíacos que foram libertados "pelos nacionalistas".

Na mesma edição há o contraste fotográfico entre *Ruína* [comunista] *x Ordem* [nacionalista] num conjunto de imagens.[748]

Apontavam-se os liames entre ordem e nacionalismo, que eram reforçados em uma imagem na qual são flagradas mulheres de "uma organização feminina, [...] [as] "Margheritas", elas são de "um grupo de moças, de uniforme, costurando roupas para os soldados". A Desordem ou republicano/comunista tem a sua ligação enfatizada como em Madrid onde "[...] os comunistas ocuparam quarteirões inteiros e obrigam o povo a procurar abrigo em miseráveis barracos, e, por falta de lugar, até nos subterrâneos túneis da cidade", os comunistas "mandam centenas de mulheres e crianças aos pontos mais expostos ao fogo para depois dizerem que os nacionalistas matam essas criaturas indefesas".[749] Na mesma edição do *ANSAp* de 1938 encontram-se quatro fotografias acompanhadas de legendas sobre os personagens: "Stalin – Rússia Soviética. Comunismo Internacional"; "Mussolini – Itália Fascista. Totalitarismo Absoluto"; "Espanha Independente. Franco - Socialismo Moderno Cristão"; e "Alemanha Nazista – Hitler – Nacionalismo Extremo, Paganismo". As imagens são acompanhadas da seguinte pergunta: "Destes quatro... qual será

---

[746] *ANSAp*. Aparecida, 1938, pp. 145-160; cit. p. 146, itálicos meus. Ressalta-se que os opositores ao comunismo "eram lídimos filhos de Maria", p. 147. Lembra-se que "era a Imaculada, Padroeira do Exército espanhol", p. 148; que "N. Senhora do Pilar, Padroeira da Espanha", p. 151. Enfatizava-se sobre a adoção do "terço perpétuo" de Maria. Citou-se que "durante 70 dias e 70 noites, foi rezado o rosário sem cessar, não só pelas piedosas mulheres, mas ainda pelos próprios guerreiros do indômito congregado mariano cel. José Moscardó [de Alcazar]", e "depois de cada terço era intercalada uma ardente ""Salve Rainha", ou o "Salve-me Virgem Maria", cantados com a mais sincera e inabalável fé e confiança na proteção da [...] Mãe de Deus", p. 149. Assim, quando os nacionalistas comandados pelo "general Franco" chegavam às cidades de controle republicano eram recebidos com ""*Viva a Espanha! Viva a Espanha! Viva a Santíssima Virgem! Ela é que nos vai salvar*!"", p. 150, itálicos meus.

[747] *ANSAp*. Aparecida, 1938; pp. 145-150; para todos os trechos entre aspas p. 149.

[748] *ANSAp*. Aparecida, 1938; pp. 145-150; as fotografias encontram-se às pp. 146, 147 e 150, e 149 e 151, respectivamente.

[749] *ANSAp*. Aparecida, 1938; pp. 145-150; cit. pp. 151 e 150, respectivamente.

vencedor?".[750] Há textos e imagens sobre "Portugal em face do comunismo ameaçador", nos quais se creditava a Salazar a capacidade de "impedir a invasão do bolchevismo e negar qualquer auxílio aos comunistas espanhóis", pois ele era o chefe de um "país católico" e agira prontamente contra "revoluções anarquistas, carbonários"; ele não permitira em Portugal "o braço criminoso, armado pelos maçônicos inimigos [...]"[751] da Nação.

A Rússia aparece como o lugar no qual se estabeleceu o terror e a mentira.

Aponta-se "o que os comunistas dizem... e o que fazem...", pois na sua propaganda o regime soviético como "um paraíso da terra", mas efetivamente o que verificava era uma situação infernal, na qual se residia em minúsculos espaços,

> "apartados num sótãozinho estreito [que eram habitados por famílias com dois ou três filhos]; [...]. A duração do trabalho para crianças e moças está fixada em seis horas. Porém, em muitas fábricas excede-se essa duração [...]. As crianças nem o mínimo ordenado recebem por todas as suas horas suplementares. [...]. Até durante as horas de aula topa-se nas lavouras com crianças do 1°, 2° e 3° ano do grupo escolar, ocupadas em trabalho de adultos".[752]

Nestes termos, efetivamente "no paraíso soviético", onde se repudiava "a idéia de propriedade particular" o que se verificava era a impossibilidade se "obter aquilo de que necessita para viver". Assim,

> "*o povo russo é o povo mais pobre e mal vestido de toda a Europa*, [...] [eles] *são o povo mais oprimido de todo o mundo e que as prisões são repletas de gente que atreveu a manifestar descontentamento com o governo*. [...] [O país] [...] *acha-se paralisado pelo temor que a atual revolução latente se transforme em revolução aberta. Angústia, angústia, angústia... terror e susto é o alimento [...], é o que agita o seu sono, é o pão negro da Rússia... Uma neurastia coletiva*".[753]

Essa constatação da sociedade russa como resultado de uma neurose colctiva é atribuída ao "castigo de Deus que atinge aos comunistas por meio dos próprios comunistas", pois estavam se autodevorando: "[...] *centenas e milhares dos mais altos funcionários são sumamente depostos, condenados e fuzilados*. [...]. [...] *todos eles comunistas ativos que ajudaram firmar o comunismo, violentar e oprimir o povo e matar muita gente*. [...], *por seu ateísmo*, [...] *não fugirão à justiça divina*".[754]

Constata-se, igualmente, que "[...] o povo russo não quer viver nem morrer sem Deus".

---

[750] *ANSAp*. Aparecida, 1938; cit. p. 159.

[751] *ANSAp*. Aparecida, 1938; cit. pp. 153-154. O texto ressalta que em Portugal havia uma "[...] absoluta ausência de exterioridade [em relação ao chefe do regime político] de certo modo interessantes como saudações, escudos, símbolos, mesmo de uma mística patriótica [...]. [Essa condição refere-se a Salazar, "um intelectual cristão", ser "aparente taciturnidade". Registra-se uma fala de Salazar. Para ele "[...] o Estado [era] dinâmico, [e] representasse uma doutrina em ação" articulado com uma "autoridade" que norteasse os caminhos a seguir e combatesse as "[...] correntes ameaçadoras da ordem social dos princípios básicos da nossa civilização [...]", pp. 153-154.

[752] *ANSAp*. Aparecida, 1938; cit. p. 155.

[753] *ANSAp*. Aparecida, 1938; cit. p. 156, itálicos meus.

[754] *ANSAp*. Aparecida, 1938; cit. p. 156, itálicos meus.

Essa verificação é apontada a partir da "nova perseguição", uma "perseguição com mais furor"[755] em relação aos religiosos. O castigo divino também poderia ser aferido na desordem que reinava na sociedade soviética, em cuja vida era "a mais miserável [...] mesmo para os operários" que soviéticos "afirmam ser a classe privilegiada. Há tanta desproporção entre o salário e o preço dos artigos mais necessários, que uma semana de trabalho não dá para comprar um quilo de gorduras ou uma peça qualquer de roupa, [...] todos estão reduzidos a uma alimentação inferior à dos próprios selvagens".[756] Os soviéticos transformaram a infância em marginais. As crianças tornaram-se, devido à desagregação familiar "pelos comunistas", em desordeiras, formavam-se hordas de "garotos sem educação" que

> "*vagueiam milhares destes infelizes pelas cidades e os campos, dormindo ao relento, mendigando e roubando e entregando-se desde pequenos a toda sorte de desordens e vícios*". Sentencia-se que "[...] *é imensa a desgraça que caiu sobre a Rússia pelo comunismo*. Em vez de trazer ao país qualquer progresso, liberdade ou prosperidade, *só lhe trouxe ruínas, misérias e escravidão*. [Assim, tanto] [...] na Rússia, no México, na Espanha – *também no nosso Brasil – o comunismo ergue a cabeça do dragão para esmagar a cultura milenar, para pulverizar as idéias da humanidade cristã*. [Conclama-se para o combate aos] [...] *porta-bandeiras da subversão social* [que] *trabalham por Satanás*! [...]. [Ele, "o comunismo"] *o inimigo jurado de todos os cidadão, de todos os camponeses, de todos os trabalhadores, o inimigo de todos os homens de bem*! [...] [Conforme o estabelecido pelo] pelo Santo Padre em condenar o comunismo em sua encíclica".[757]

Os católicos, na década de 1940, deram-se conta do problema da criança abandona no país. O periódico *A Ordem* publicou em três números o artigo "Proteção à infância abandonada e delinqüente no Brasil",[758] de Maria J. Rabelo Albano que foi desenvolvido como tese em maio de 1940 no 1º Congresso Cultural Brasileiro no Rio. Além deste, o leigo Paulo Sá apresentou voto à Comissão de Proteção à Família, cujo resultado foi o texto "Uma legislação protetora da Família".[759]

Não obstante os esforços para se apontar que tal estado de coisas se reportava a não adoção dos valores cristãos e católicos no concernente à família, pulsava nos argumentos os articulistas de *A Ordem* à questão da desigualdade social, originada nas condições econômicas das classes populares, e a importantíssima questão do célere processo de adensamento urbano pelo qual o país passava a partir de então.

---

[755] *ANSAp*. Aparecida, 1938; cit. p. 156. Os soviéticos fechavam "as poucas igrejas que ainda estavam abertas" e prenderam "os poucos sacerdotes que restam". Antes "havia na Rússia dez mil Padres católicos, agora somente há uns poucos que sofrem horrores nas prisões ou nos campos de trabalho", p. 156.
[756] *ANSAp*. Aparecida, 1938; cit. p. 157.
[757] *ANSAp*. Aparecida, 1938; cit. p. 157, itálicos meus. Foram publicadas fotografias nas quais há o registro de crianças esmolado, assaltando o transporte coletivo. Menores abandonadas e sem pais nas cidades, "maltrapilha e sem teto" jogadas ao relento; mulheres e "mães abandonadas" esmolando, p. 157.
[758] ALBANO, Maria J. R. Op. cit. In: *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1940, pp. [...], 66-87 [esta numeração é do 2º semestre], e 337-365.
[759] SÁ, Paulo. Op. cit. In: *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1940, pp. 132-149.

f.2.4] A Súmula do pronunciamento do episcopado espanhol sobre o comunismo.

O episcopado espanhol se pronunciou sobre "a justiça da causa nacionalista"[760] numa Pastoral Coletiva, cuja "súmula"[761] foi publicado no periódico. A mesma hierarquia constata que o governo republicano se prestava para instaurar a guerra empreendida por "agitadores especializados russos" inicialmente e destruir a Igreja. Tratava-se de

> "[...] uma perseguição atroz [à instituição católica]. Crueldades sem nome: 20.000 igrejas e capelas devastadas ou destruídas; 40%, e em algumas regiões 80% do clero assassinado com requintes de indizível barbárie; mais de 300.000 leigos executados e tantas vezes incrivelmente mutilados antes da morte, [...] pelas suas convicções religiosas ou políticas; o pudor das mulheres, [...], violado, e os próprios túmulos saqueados e ultrajados os cadáveres; os cemitérios profanados, as almas tão martirizadas como os corpos. [...]. *A nota dominante da revolução é o ódio à Igreja, a Deus, à Religião,* às *imagens* [religiosas] *que se mutilam, se degolam por senha satânica* [...]. [...]. Tal o presente. E o futuro? Qual é a causa da revolução? A ausência de um governo nacional. *A autoridade abandonou-se à plebe ignara, corrompida, ávida de sangue e embaida de sonhos e utópicas ideologia.* [..]. [O governo republicano eram composto por] [...] hordas [...] [de] alucinados [...] [e estava em curso a] *desordem* [e o propósito em] [...] *desnacionalizar a Espanha* [por "um povo estanho"]. [Constatava o episcopado que nação se encaminhava para] [...] *a anarquia*. [...]. [Exortava-se para] [...] *o sentimento patriótico ofendido* ao máximo e *o religioso*: *salvar da ruína fatal a Pátria e reduzir à impotência inimigos de Deus*, como *garantia* suprema *da continuidade da fé que faz a Espanha grande* [...]".[762]

De fato, para a hierarquia católica espanhola o comunismo era personificação do mal: a partir dos números apresentados, o materialismo no qual se baseava a doutrina atéia se traduzia por mudanças abruptas - jogava-se com as imagens pânicas da *instabilidade* e da *interrupção* das práticas comezinhas - assentadas no ódio e na desordem. O seu contrário era a "continuidade" ou estabilidade das práticas dos valores profundos da Nação e da Pátria originados na fé católica.

Para enfrentar o problema, inclusive, houve pronunciamento do papa Pio XI que foi transmitida "a palavra de Pio XI na PR-A5. A Rádio São Paulo transmitirá amanhã, dia 14, às 7 horas da manhã, diretamente do Vaticano, a palavra de Sua Santidade o Papa Pio XI, que falará ao mundo, focalizando a Guerra Civil Hespanhola"[763]

---

[760] *ANSAp*. Aparecida, 1938, pp. 145-160; cit. p. 146.

[761] *ANSAp*. Aparecida 1938, pp. 145-160; cit. p. 152.

[762] Súmula da Pastoral Coletiva do Episcopado espanhol condenando os republicanos e em apoio aos nacionalistas. "A Voz do Episcopado Espanhol". In: *ANSAp*. Aparecida, 1938, pp. 145-160; cit. p. 152, itálicos meus.

[763] Cf. Anúncio publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 13 de set. de 1936, p. 5. A peça de propaganda era concluída afirmando que "para maior comodidade do público, serão instalados alto-falantes na Igreja Santo Antonio, na Praça Patriarca".

f.2.5] A condenação formal ao comunismo. A Encíclica *Divini Redemptoris* de Pio XI de 1937.

A condenação formal ao comunismo, aludida no excerto acima foi apresentada ao público católico em 19 de março de 1937. Nesta data o papa Pio XI[764] publicou a encíclica *Divini Redemptoris* na qual condenava e diabolizava o "perigo ameaçador [...]: [que] é do comunismo, denominado bolchevista e ateu, [...] [cujo objetivo era] subverter radicalmente a ordem social e subverter os próprios fundamentos da civilização cristã".[765]

Pio XI historiava os seus pronunciamentos nos quais já se posicionava na condenação ao comunismo. Relembra que desde 1924, quando ele voltava de uma estadia na Rússia, produziu uma "alocução dirigida ao universo católico"; também o fizera nas Encíclicas *Miserentissimus Redeptor*, de 1928; *Quadragesimo Anno* de 1931; *Acerba animi* de 1932; *Dilectissima nobis* de 1933 etc. Nesse conjunto de declarações eram "condenados os erros e processos comunistas" e as "perseguições desencadeadas contra o nome cristão tanto na Rússia como no México, como finalmente na Espanha".[766]

Para o papa Pio XI a doutrina comunista era um "misticismo hipócrita, que as multidões seduzidas por promessas falazes e como que estimuladas por um estágio violentíssimo lhes comunica um ardor e entusiasmo irreprimível [...]".O comunismo pretendia ser "à síntese final: uma sociedade sem classes", para tanto "os comunistas, insistindo no método dialético do seu materialismo, pretendem que o conflito [...], [entre os despossuídos e os detentores das riquezas], o

---

[764] Pio XI [*Achelle Ratti*] cujo papado se estendeu de 6 de fev. de 1922 - ele sucedeu Bento XV- a 10 de fev. de 1939. Segundo um historiador inglês "todo o pensamento social de Pio XI estava dominado pelo ódio e pelo medo ao comunismo". Cf. DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores. História dos papas*. São Paulo, Cosac & Naify, 1998, 326p; cit p. 260.

[765] PIO XI [Papa]. Encíclica *Divini Redemptoris*. [Sobre o comunismo ateu]. [19-03-1937]. São Paulo, Paulinas, 2ª ed., 2001, 68p; cit. p. 10. Ao que tudo indica, conforme se infere do texto de autoria de Igino Giordani, que antecede o papal nesta edição, comunismo e cristianismo/catolicismo são, efetivamente, inconciliáveis, pois "o comunismo, com o seu materialismo anti-religioso, ameaça à civilização [cristã] com uma barbárie pior que a do passado [...]"; cit. p. 5. Observe-se que para o autor o comunismo ainda é uma perigo presente, não uma experiência histórica do passado.
Esse tipo de leitura do comunismo como inimigo do "patrimônio judaico-cristão", e o papel desempenhado pelo papado na "queda do inimigo comunista" pode ser aferida em autores como Gianni Vattimo. Cf. VATTIMO, G. *Depois da Cristandade. Por um Cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro, Record, 2004, 170; cit. pp. 94-96. O autor, além de apontar o fim do "[...] império do mal do totalitarismo comunista", em expressões como essa ele se refere ao comunismo; indica, a partir das teses de Romantismo alemão que a "[...] Europa das fronteiras é, para Novalis, ao contrário, filha da Reforma, a partir da qual "a religião é irreligiosamente fechada dentro das fronteiras estatais"", pp. 95-96. Aqui Vattimo está se referindo à contemporânea União Européia; e de certo modo endossa uma tese cara à hierarquia: a Reforma e o protestantismo como inimigos da instituição romana.

[766] PIO XI [Papa]. Encíclica *Divini Redemptoris*. [Sobre o comunismo ateu]. [19-03-1937]. São Paulo, Paulinas, 2ª ed., 2001, 68p; cit. pp. 12-13. O papa lembra que esse conjunto de condenações sobre os "erros do comunismo" remontava ao século XIX, pois "já em 1864, [...] Pio IX os condenou [...] no *Silabo*. [Em 1846, o mesmo Pio IX havia definido] [...] essa doutrina nefanda do comunismo [na *Encíclica Qui pluribus*]", cit. p. 11. No mesmo diapasão houve pronunciamento do papa Leão XII em fins dos séculos XIX e início do XX.

que levará a natureza à síntese final, pode ser acelerada [mediante o acirramento das diferenças de classe] pelos homens", os comunistas agem para que se tornem "agudos os antagonismos", incentivavam "à luta de classes, [...] cheia [...] de ódios e de ruínas", eles são arautos de guerra que fazem uso de modo "sistemáticos [das] violência", são "os inimigos do gênero humano". O texto papal aponta a capacidade de expansão planetária do comunismo; que eles exploravam as crises econômicas para se fortalecerem. Para tanto se infiltravam "sorrateiramente", conspiravam, e que no processo de imposição da sua doutrina faziam uso do terror como arma de convencimento. Para o papa os comunistas eram mentirosos e falsos. Ele alertava que eles colocavam em combustão a "natureza peculiar da propriedade privada"; os comunistas eram apontados como "os filhos das trevas na [sua] propaganda materialista e atéia". Ressaltam-se, nesse documento pontifício, as imagens pânicas em relação aos comunistas: a vitória do comunismo seria um "novo dilúvio que ameaça o mundo", tanto "na vida privada" quanto na "pública". Para a hierarquia católica o escopo dos comunistas eram os pobres, aos quais prometiam abundantes rios de leites, mas que eram "promessas vãs, [...] as promessas comunistas"; e que em verdade o que eles queriam mesmo era a divisão entre patrões e empregados.[767]

Segundo Pio XI, os comunistas tinham por objetivo subtrair à instituição romana o que lhe era milenar, no tocante à pobreza e, o quase centenário, em relação aos trabalhadores: os seus "ensinamentos [...] entre a classe operária". Assim, os operários e patrões católicos deveriam pôr-se em guerra às ciladas dos comunistas para "atrair as multidões" assalariadas. Nestes termos, o comunismo era sinônimo de luta de classes, de dissenso político, do esgarçamento do tecido social, pois ele incentivava que corresse "mais [...] sangue"; infiltrando-se, fazendo uso de táticas hipócritas, "o ódio dos "sem Deus"". Para Pio XI isso era o comunismo. Ele sentenciava que "**o comunismo é intrinsecamente perverso** [era a cristalização do mal absoluto, à medida que descristianizava o *ethos*]". Todavia, os católicos tinham uma arma letal, no plano simbólico e do *ethos* católico, para enfrentar o "mal absoluto", pois "[...] com a poderosa **intercessão da Virgem Imaculada**",[768] e no campo de batalhas da história, a Ação Católica.[769] Deste Modo, levando-os a ser vencedores nessa guerra civilizacional.

---

[767] PIO XI [Papa]. Encíclica *Divini Redemptoris*. [Sobre o comunismo ateu]. [19-03-1937]. São Paulo, Paulinas, 2ª ed., 2001, 68p; para todos os trechos entre aspas até aqui, pp. 15, 16-17, 22, 33, 41, 42, 45 e 48, respectivamente.

[768] PIO XI [Papa]. Encíclica *Divini Redemptoris*. [Sobre o comunismo ateu]. [19-03-1937]. São Paulo, Paulinas, 2ª ed., 2001, 68p; p 54, negrito meu.

[769] PIO XI [Papa]. Encíclica *Divini Redemptoris*. [Sobre o comunismo ateu]. [19-03-1937]. São Paulo, Paulinas, 2ª ed., 2001, 68p; para todos os trechos entre aspas neste parágrafo, pp. 51, 52, 53, 54 e 58, respectivamente, negrito meu. À p. 65 o papa sentenciava sobre a "*lógica diabólica*, todas *as monstruosidades do comunismo*", p. 65, itálico meu.

f.2.6] O "Solilóquio de Lênin" ou o fim trágico de um perseguidor contemporâneo do cristianismo. Da boca do líder bolchevique escorreu um fio coagulado de sangue vermelho nos seus instantes finais. Afeto incondicional, reconciliação e o perdão maternal como solução, caução e blindagem ao signo do ódio e do seu serpentário: a cor vermelha e os comunistas.

Em paralelo a dois relatos de perseguição aos cristãos, romanos na Antigüidade e "soviets" contemporaneamente, e dos seus destinos trágicos, há a narrativa do "Solilóquio de Lênin", no *ANSAp* de 1934. O líder bolchevique, segundo o anuário, havia iniciado à perseguição aos cristãos naquela quadra histórica.

Informa-se que "a cena" narrada havia acontecido no "palácio de Gorki", e que Lênin sofria de "horrível enfermidade [durante o desenrolar do drama] [...]. [Foi] [...] na véspera da sua morte. Lênin, já louco, parece arrastando-se pelo chão".

"[...]. *Lênin*. – Que peso horrível! [...]. *Levo em cima de mim um mar de sangue coalhado*. [...]. Contai-os se poderes: *um milhão... dois milhões...* Todos, *todos esses mortos vêm sobre mim*! [...]. As lágrimas, os gritos de dor, os ais de suprema angústia, até os suspiros: *tudo vem sobre mim para esmagar-me*!

Lênin. – *Que sombra vermelha é essa*? *Há* no mundo *alguma cousa que dê sombra vermelha*? *Ambição, és vermelha como o crime*! *Até a tua sombra tem cor de sangue*! Sombra, também tu vens oprimir-me os ombros! Até as sombra pesam para mim! *Sepultai-me de uma vez*! [...].

[Lênin]. Perdão! Perdoa-me, tu que vens da tumba só com os ossos. Os famintos os limparam, arrebatando-lhes toda a carne? [...]. Quão sinistramente me mostras os dentes e moves a cabeça, ameaçando-me! Sois muitos [os fantasmas "um milhão... dois milhões"]. *Esmaguei-vos como formigas*; mas agora *vós todos vindes esmagar-me*. [...]. A centopéia esmagada num momento pelo pé duma criança é mais feliz do que eu. *Como pesa o inferno*! [...]".

Lênin. – *De milhões de tumbas sai um vapor vermelho que se solidifica em ondas* [...]. Eternamente saem dos túmulos e eternamente caem sobre mim! [...]. *Empurram-na todas as fúrias do inferno*! [...]".

Lênin. – [...]. *Mãezinha querida: perdoa-me*. [...]. Mãezinha minha: única flor de meu coração. [Ao fazer esta constatação, Lênin rechaçara as "flores vermelhas" signo do ódio]. Uma flor [a mãe] em um ninho de serpentes! [o comunismo]. [...]".

Lênin – [...]. *Chamai* agora mesmo *Stalin e Trotski... Infames*![770]

Não importava a verossimilhança do relato que registra os possíveis momentos finais do líder bolchevique.

A narrativa prestava-se, antes de tudo, e centralmente, para enfatizar e reafirmar algo sedimentado no imaginário cristão Ocidental: os que acossaram cristãos – aqui a ênfase recai sobre os católicos – tiveram sempre o mesmo destino trágico: enlouqueceram ou sofreram mortes violentas. Tornaram-se vítimas dos seus próprios atos.

Nesta ordem de coisas, a instrumentalização dos argumentos pânico e a sua capacidade de convencimento indicam a potência que essas imagens encerravam, - por exemplo, como o da massa de "sangue coalhado"; e o do espectro vermelho que atordoava e enlouquecia.

Mas havia uma brecha: a reconciliação a partir do perdão maternal - a evocação marial –, paradigma do afeto incondicional; caução e blindagem ao signo do ódio e do seu serpentário: a cor vermelha e os comunistas.

A questão da maternidade como elemento mais apropriado no enfrentamento do comunismo apareceria na edição de 1936 do *Almanak de Nossa Senhora Aparecida*, que apresentou "[...] uma entrevista com a Mãe de Stalin", dona Ekaterina Dschugaschwill que segundo o periódico ela não participava das idéias de seu filho, pois Stalin "quando menino", ela o havia entregue "a um Colégio [...] de Padres, desejando que ele se preparasse para a carreira eclesiástica".

A mãe de "Stalin, o homem mais poderoso, mais terrível e mais odiado do mundo [...], [encontrava-se] retirada e desconhecida na sua terra pobre, Gobi, na Geórgia".[771]

A mensagem é límpida: o comunismo praticado a partir da liderança de Stalin não poupava se quer a sua progenitora, pois havia exilado-a na sua própria terra.

Logo, o selo de pessoa "mais terrível e [...] mais odiado", não se restringia à figura do homem "mais poderoso do mundo", tal imagem se aplicava à doutrina materialista presente no comunismo, neste não se respeitava nem a própria mãe.

---

[770] *ANSAp*. Aparecida, 1934; cit. pp. 104-105, para todos os trechos entre aspas, itálicos meus.

[771] *ANSAp*. Aparecida, 1936, p. 233. Além de Stalin e da entrevista da sua mãe, há um perfil, pp. 232-233, de Trotski, no qual aparece como o organizador do exército vermelho; ele "afirma a impossibilidade da implantação do regime marxista em um país só e defende a teoria da revolução "permanente" levado a efeito particularmente pelo proletariado industrial", cit. p. 233.

f.2.7]. A Reconciliação familiar e o afeto maternal do lar cristão e católico *versus* o ódio e a traição comunista no conto o "Natal de um comunista" nos trópicos em 1943.

Sob a rubrica "Natal de um comunista" o *ANSAp* de 1943 publicou um conto cuja autoria é atribuída à A. Nicolau Fragelli. Nele é narrada a experiência de "Sérgio Petrovich Sovaroff", e versa sobre a "noite de Natal [na qual dar-se-ia também] a grande e muito sonhada [por um comunista] revolução vermelha, que deveria marcar, a sangue e lágrimas, a jornada libertária dos oprimidos". Por meio de uma carta do seu ""camarada"" de nome Andrieff estabeleceu-se um plano cuja

> "*trama* que [deveria ser] *obedecida* rigorosamente aos *cânones da técnica* revolucionária *leninista*. Os companheiros *conluiados* para o *golpe* decisivo achavam-se a postos. [Na hora certa dar-se-ia o sinal] [...] do assalto formidável. E os *burgueses infames*, os *ricos*, *os eternos exploradores do proletariado* não perderiam por esperar: *a pequena cidade sertaneja* [brasileira?] *cairia* fatalmente, [...], *nas mãos do comunismo*, que vem fazendo a felicidade da Rússia [...]".[772]

Sérgio havia cinco anos morava no Brasil, ele

> "*casara-se* com uma proletária do bairro industrial [...], e *dessa união lhe provieram dois filhinhos, um casal mimoso de crianças*, que era a alegria e *a doçura do seu lar*". O russo tinha uma rotina de trabalho extenuante, pois labutava "*o dia inteiro na oficina*, mas quando, *ao cair da noite, regressava a casa, era como se um pedaço do céu* – por que essa comparação, dizia para consigo mesmo, se não acreditava em tais miragens? – *se abrisse no torvo charco do seu negro viver* [de comunista, evidentemente]. [A sua mulher, um proletária brasileira, sintomaticamente que se chamava] *Aparecida vinha-lhe ao encontro, singelo e risonha, sempre jovial nas maiores desditas* [é sempre a imagem da mulher como mãe e dona de casa, obediente e feliz em situações nas quais as vicissitudes da vida não lhe são favoráveis], trazendo pela mão *a pequena Sergina* e ao colo *o robusto Dmitri*, o caçula mimado do seu amor. E, *enquanto esperava o jantar, Sovaroff brincava com as crianças*, vendo naquela noite poética [do Natal?], acenderem-se no horizonte rosa-gris as primeiras estrelas...".[773]

O relato avança, o narrador registrava que já era noite, e "o sino grande soou, na doçura da noite verânica [tratava-se de uma noite de Natal nos trópicos]", conclamavam-se os habitantes do "burgo silente à grande Missa com que o cristianismo celebra a vinda do Senhor". O plano tramado pelos seus camaradas e na qual ele era partícipe, pois "aquele toque [do sino] lembrava-lhe aproximação da hora H., da terrível jornada vermelha, combinada para essa noite, ao terceiro sinal da Missa do Galo", mas a partir dali instauro-se pânico no seu "coração batendo-lhe [...]" acelerado. Sérgio então

> "correu ao quarto de dormir. *Os seus queridos dormiam placidamente, a mulher* no leito do casal, e *os pequenos* em sua caminha, sob o mosqueteiro de filó". [Sérgio achega-se] [...] para os ver mais de perto. [Ele carrega nas mãos uma] [...] lamparina, frouxa e trêmula, *palpitava junto do oratório* [na casa de um comunista? Talvez, pois ele mora no Brasil e era casado com uma mulher cujo nome é Aparecida. Provavelmente nem ela sabia que ele fosse um vermelho. Afinal, como se depreende da narrativa, os comunistas "tramavam", faziam "conluios", "infiltravam-se"], como se fosse *um coração*

[772] *ANSAp*. Aparecida, 1943, p. 57; itálicos meus.
[773] *ANSAp*. Aparecida, 1943, p. 57; itálicos meus.

latejando... Na meia sombra da alcova, *divisou o sorriso doce e casto que florescia no rosto de Cida e a expressão de serenidade que transfigurava a fisionomia de seus de seus filhinhos*".[774]

No excerto acima há uma manancial de imagens, mas fiquemos com duas que operam a inteligibilidade do mundo em polaridade ou oposição homóloga: o comunista que agia de forma sub-reptícia, fazia complô e tinha um "viver negro". O seu contrário era a experiência familiar de matriz cristã: placidez, harmonia e estabilidade.

Mas Sérgio vinha de um *ethos* cristã da "sua velha Rússia" de religião ortodoxa. Ela carregava consigo a imagem do

> "[...] *Cristo, severo,* [que agora se encontrava] ao fundo do nicho [na sua casa], *atado à cruz do martírio, parecia fitá-lo entristecido* [lembremos que o comunista estava preste a fazer um assalto de cunho revolucionário]. [Esse espectro do Cristo seviciado pelos homens incute-lhe censura ao] [...] *passo que daí a pouco ia dar*". [A presença mental do Cristo martirizado] [...] *acompanhava-o desde a infância. Sobre ela* [a imagem] *os seus velhos pais depositaram o último beijo de agonia.* Vinha de três ou quatro gerações de crentes [...]. [Mas algo lhe turva o ânimo, arrefece a energia do ódio que lhe fora inculcado no coração e mente; como que num instalo, imerso num turbilhão de imagens, ele recordava-se disso tudo "da sua velha Rússia" e que] [...] hoje [a Rússia] *considera a religião "vodka" que engana e embriaga o proletário.* [Ele lembra-se que] *foi aos pés desse Crucificado que Cida* [a sua mulher] *e ele juraram pela primeira vez serem um do outro.* [...]. [Mentalmente confuso por esse estado de coisas] *Sérgio sentiu* [...] [a angústia] *a correr desordenadamente em seu célebre.* [Pois] *daí a alguns minutos deflagraria, por suas mãos, o incêndio destruidor* [a revolução comunista], *em que religião, família, propriedade, tudo seria arrasado, para que triunfassem umas ideologias exóticas e contrárias aos sentimentos de seus queridos*".[775]

Em contra-ponto a esse estado de coisas instáveis aos quais o protagonista do relato estava submetido, o narrador recordava

> "*à doçura* daquela noite de Natal, em que a humanidade celebrava *o meigo Jesus*, sucederia *a comemoração de um judeu* [Lênin ou Trotski?], *nascido na frieza* tamisina [do Rio Tamisa], *que ensinava que só o ódio vence, e que o homem é uma função da economia e do interesse...* E ele [Sérgio] ia cooperar para isso? [...] Sérgio apertava a cabeça entre as mãos crispadas. [O sino dar o segundo toque antes] [...] da Missa do Galo. [O instante fatídico se aproximava, Sérgio deveria trair e] derrocar [o que lhe era mais essencial] a sua felicidade e a dos seus? [Deste modo] *num impulso*, quase alucinado, *o comunista beijou a fronte da mulher e dos filhos*, e saiu *numa corrida desabalada*, a ver se ainda era tampo de evitar o hecatombe, *denunciando-se, e aos seus camaradas, perante a autoridade mais próxima*".[776]

O arremate da narrativa é que "*triunfava o amor sobre o ódio, o perdão sobre a violência; Jesus* [...] *sobre o torvo e sinistro Karl Marx...* E o Natal do comunista, em vez de se tingir de sangue e regar de lágrimas, foi uma alvorada de preces e de bênçãos, no lar de Sérgio Petrovich Sovaroff".

---

[774] *ANSAp*. Aparecida, 1943, p. 57; itálicos meus.
[775] *ANSAp*. Aparecida, 1943, p. 57; itálicos meus.
[776] *ANSAp*. Aparecida, 1943, p. 57; itálicos meus.

O conto tinha por objetivo apresentar o comunismo e a sua doutrina, com intrinsecamente mal. Incentivava e fazia o elogio da delação. Opera a compreensão dos problemas em termos binários ou das oposições homólogas de fácil compreensão pela massa de leitores católicos: o pólo comunista ou vermelho era o mundo do complô, da trama insidiosa e destruidora dos valores enraizados e comezinhos [o *ethos*]: a derrocada da família, religião e propriedade. O outro era o seu antípoda: uma realidade quente, afetuoso e aconchegante do lar cristão: marido dedicado, mãe e esposa voluntariosa e obediente; filhos robustos e mimosos. A família cristã harmônica e estável expressa no lar católico eram o itinerário e o paradigma a ser seguido.

Temos repetido, enfaticamente, a respeito do modelo teológico mariano da maternidade, nutrição e obediência. Se as mulheres não corresponderem a esse padrão são anatomizadas. Mas, o grave nesse particular é o atinente à obediência das mulheres aos homens: aqui reside um dos núcleos da violência masculina, principalmente a violência doméstica, vivida cotidianamente por milhões de mulheres desde a mais tenra idade. Penso que uma das chaves para desconstruir esse estado de coisas esteja na compreensão do *ethos* mariano.

f.2.8] A Erosão do *ethos* cristão pelo comunismo a partir da subversão dos papéis femininos. Tristão de Ataíde e Getúlio Vargas se pronunciaram sobre a doutrina materialista na *ANSAp*, e outros elementos pânicos contra "as garras vermelhas deste abutre vermelho" do comunismo.

O Brasil deveria colocar-se vigilante, pois de acordo com a liderança do laicado católico no país, Tristão de Ataíde "precisamos *enfrentar o comunismo como uma negação integral de Cristo e da Igreja* e *não como um fenômeno passageiro que afeta* apenas *os nossos interesses materiais ou as nossas posições sociais. Seu perigo é infinitamente mais profundo*".[777]

No mesmo diapasão de condenação aos comunismos se expressara Getúlio Vargas, presidente do país que instava à nação para que "também não podem escapar *ao repúdio os seres acomodativos, inertes, colaboradores dos bolchevistas por complacência ou covardia, cúmplices pelo silêncio e desatenção, indiferentes à luta*, supondo, na sua triste ignorância, que nenhum mal lhes viria da vitória dos *destruidores sistemáticos da ordem e da lei*".[778]

O Brasil deveria ficar atento para algo que vinha ocorrendo e que era de suma importância:

> "há uma cegueira horrível que se nega a enxergar a *descristianização crescente das massas*, o *descontentamento generalizado* e o *apelo freqüente a uma nova ordem de cousas*. [Conclama-se os católicos para enfrentar os] "[...] graves acontecimentos a que sucumbiremos, se não quisermos, a tempo, reagir com todas as reservas de nossas energias".[779]

Ora, havia uma nova tática empreendida pelos comunistas, e que tinha sido "traçada [...] [no] novo programa de ação" e deveria ser aplicada

> "nos diversos países, os agentes comunistas não deverão combater de viseira erguida, mas apresentar-se sob disfarce que mais convier, segundo as circunstâncias de tempo e lugar. [...]. [Deste modo, havia sido estabelecido um novo] [...] método de trabalho para a conquista dos crentes: "*para combater eficazmente contra a Igreja é mister induzir as massas à luta pelos seus interesses de qualquer forma e em todos os campos*". [Aconselha-se o agente comunista para como atuar em relação aos cristãos, pois] *o processo melhor é achegarmo-nos a eles amigavelmente, fraternalmente, cordialmente* e *com serenidade* e *maneiras brandas*, com *paciência* e *perseverança*, *pôr-lhes diante dos olhos os seus interesses, comuns a todos os trabalhadores*, mostrando-lhes como nós defendemos as nossas máximas [marxistas]".[780]

Pois a adesão dos crentes à causa comunista só seria possível depois de

> "[...] *lhes minarmos a fé e os costumes, os convencermos de que a Igreja atraiçoa os seus interesses*, que *o clero* e todos aqueles *em quem eles confiam não querem com maior fartura* e com *maior dignidade social*. [Assim, esta era] [...] *a trama satânica*! *Os comunistas*, apesar de ateus e ímpios furiosos, como se mostram na Rússia, no México, na Espanha, *para atrair os crentes adotam a tática de nada dizerem contra a Religião*, pelo contrário, *alardeiam defender os interesses dos operários e pobres*, do baixo clero contra o alto clero, dos nacionais contra os estrangeiros, dos pequenos contra os grandes, da liberdade contra a tirania".[781]

---

[777] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 92, itálicos meus.
[778] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 93, itálicos meus.
[779] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 92, itálicos meus
[780] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 93, itálicos meus.
[781] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. pp. 93-94, itálicos meus.

Ora, os católicos deveriam pôr-se em alerta e em vigilância, pois

> "*o comunismo acabou com a idéia de Deus e da Religião*, [ele] *prega a comunidade de bens, negando o direito de propriedade e o fruto do trabalho individual, destruiu a idéia da família rompendo com os laços do matrimônio, prostituiu a mulher, que é propriedade de todos, nega o direito dos pais sobre os filhos, tirando-lhes o direito da educação, chamou ao Estado o direito exclusivo da instrução, aboliu a liberdade individual tornando o homem um instrumento ou propriedade do governo*, rasgou as normas ou leis da moralidade [...].[782]

Era necessário mostrar "aos povos as garras vermelhas deste abutre vermelho", livrando o mundo de "Moscou [...] [e indicando o caminho] para Roma". Era preciso evitar a qualquer preço que o decálogo comunista atingisse o Brasil na sua plenitude, cujos mandamentos são:

> "1° mandamento: Odiar e aborrecer a Deus. 2° mandamento: Maldizer o nome de Deus. 3° mandamento: *Profanar o domingo* [dia do Senhor] *e as festas* [religiosas cristãs]. 4° mandamento: *Desprezar o pai e a mãe*. 5° mandamento: *Matar sem escrúpulo*. 6° mandamento: *Adulterar à vontade*. 7° mandamento: *Roubar o que se puder*. 8° mandamento: *Fingir para reinar*. 9° mandamento: *Desejar a mulher do próximo*. 10° mandamento: *Semear a revolução* [comunista] *universal*".[783]

A constatação que a erosão do *ethos* cristão já fora empreendida pelos comunistas poderia ser verificada tanto na Rússia quanto na Espanha. À mulher russa foi subtraída as suas tarefas de esposa e mãe, pois desde a instauração do regime bolchevique ela passou a desempenhar outros papéis como o de "piloto feminino [...] [prestando] serviços na aviação do exército vermelho",[784] cujo fim era matar.

Já "na Espanha as mulheres se deixaram seduzir pela doutrina comunista, prestando seu concurso ativo na obra destruidora, desumana e sacrílega dos soviets".[785] Porém, na própria Espanha havia um contra-ponto, "uma esperança dum futuro melhor [...]. *Sem armas, com respeito e disciplina*, [...] *a juventude feminina* [nacionalista] faz uma *demonstração de protesto contra os crimes e barbaridades cometidas pelos patrícios comunistas*".[786]

Exortavam-se os católicos brasileiros para que ficassem atentos sobre á

> "ofensiva contra Deus na Rússia, no México, na Alemanha, [...] [na] Espanha, o Brasil poderá ainda continuar tranqüilo [...]? [Deste modo] O Governo, o Exército, as Brigadas militares, as Classes conservadoras e Igreja, [...] *as forças vivas da Nação* [...] [deveriam tomar todas as precauções cabíveis, como a] *educação e formação do nosso povo; organizemos os nossos operários* e

---

[782] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 94, itálicos meus.
[783] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 95, itálicos meus. Segundo a fonte, o decálogo não era uma invenção, ele fora tirado dos discursos de Marx e de outros comunistas.
[784] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 95.
[785] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 94. Junto a este texto há uma fotografia de "uma moça comunista armada em Barcelona".
[786] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 95, itálicos meus. Em conjunto ao texto, a imagem de mulheres desfilando em cortejo. Elas estão com roupas escuras, o cumprimento dos seus vestidos vai abaixo dos joelhos e as magas cobrem até os seus pulsos, indicando o decoro exigido pela hierarquia católica para as mulheres e executado pelo laicado, apontando à afinidade entre católicos e nacionalismo franquista.

trabalhemos, enfim, sem cessar, *pela Ação Católica no povo, pelo povo e com o povo*. Preparação intelectual, *disciplina e vida cristã são as condições essenciais para a salvação de nossa Pátria. Obedeçamos* aos nossos chefes, às nossas autoridades diocesanas".[787]

Afirmava-se da necessidade para que houvesse "em todos os povoados, em todas as vilas, em todas as cidades brasileiras deve haver uma revolução espiritual. *Façamos nós a revolução espiritual, antes que o povo comunista a faça* – [...] *na hora presente*".[788]

No seu discurso nas cerimonias finais no encerramento do II CEN em Belo Horizonte em 1936, o Cardeal Leme perante uma multidão de devotos afirmava que: "Pela Espanha. Brasileiros e cristãos. Do alto das montanhas mineiras, morada perene da primavera da natureza, saudamos, no sangue da Espanha católica, a primavera da civilização cristã!".[789] E afirmava, peremptoriamente, conforme a fonte, com viva aprovação da audiência que:

"[...]. *A hora que vivemos não comporta atitudes encapotadas. Entre a bandeira vermelha que está organizando por toda parte o exército dos sem-Deus, contra Deus, contra a família e contra a Pátria, contra todas as reservas morais da humanidade; entre a bandeira vermelha que enrubesce de sangue a terra e está conspurcando o solo com a hediondez dos seus crimes inomináveis, entre o novo Barrabás, que destrói e mata, e o nosso Cristo que perdoa e salva, o Brasil tem que escolher. [...], somos por Cristo, porque somos pelo Brasil! Por Cristo em nossos corações, por Cristo na Família e na Sociedade, por Cristo nas escolas, nas academias, por Cristo nas leis e nas instituições; por Cristo, em suma, no governo e no povo.* [...]. *Aqueles que assim não pensarem, fiquem de longe; no Brasil não entrarão. Lá em cima, o Cruzeiro do Sul, aqui, a Terra de Santa Cruz! Senhores comunistas: ao largo!*". [790]

O grito do Cardeal é um grito bélico. Ele elegeu e apontou o inimigo mais conspícuo dos inimigos da instituição romana no país, o comunismo com a sua doutrina materialista e atéia que encetava "crimes inomináveis [...] contra a família e contra a Pátria".

---

[787] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 95, itálicos meus.
[788] *ANSAp*. Aparecida, 1937; pp. 88-95; cit. p. 95, itálicos meus.
[789] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 12-09-1936.
[790] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 12-09-1936, itálicos meus.

f.2.9] Contabilidade do horror: Vinte anos do Regime Soviético. Estado policial e Sistema totalitário, segundo a Igreja católica.

No *Almanak de Nossa Senhora Aparecida*. "Ecos Marianos" de 1939 foi publicado um extenso dossiê que tratava dos "Vinte anos de regime soviético".[791] Nele foi apresentado um uma série de números contabilizados ao longo do período, aos quais se referem ao "progresso do sovietismo".

Em duas décadas "[...] de domínio comunista foram na Rússia condenados três milhões de pessoas, mais de doze milhões morreram de fome. Quarenta mil sacerdotes foram mortos ou desterrados, 129.000 igrejas e capelas foram arrasadas ou destinadas a usos profanos, tendo sido destruídas 24 mil".[792]

Os números da contabilidade do horror não param ai. Citam-se dados de países aliados, "os campos de concentração da Sibéria. Os condenados à morte nem se podem contar [...]: 28 bispos, 1.219 sacerdotes, 6.000 professores, 9.000 doutores, 54.000 oficiais, 12.950 proprietários, 355.250 intelectuais e profissionais, 193.290 operários e 815.000 camponeses. [Afirma-se] [...] que de 1918 a 1919 houve 1.700.000 vítimas".[793]

Constata-se que na cidade de "Leningrado sobre mil nascimentos em 1925 houve 302 abortos", e no ano seguida na mesma cidade "foram registrados 17.053" abortos. Registrava-se sobre o

> "doloroso [...] *espetáculo das crianças abandonadas. Oito milhões* em 1923 [...]. [Estimava-se que no ano de 1928 o montante se aproximava de] nove milhões [de crianças abandonadas. Elas são as] *vítimas do comunismo* [que] *vagabundeiam pelas ruas, maltrapilhas e esfomeadas. Dormem ao relento. Entregam-se aos vícios, à embriagues, aos narcóticos e a prostituição*. Em certas localidades *34% das crianças estão viciadas pelo álcool. "Milhões de meninas, de 8 a 11 anos, são prostituídas por meninos de 9 a 13 anos, aos olhos, muitas vezes, de guarda e policiais*". [São "desgraçados" que foram lançados à própria sorte e que] [...] em 1927 cometeram 265 incêndios, 236 violências sexuais e 118 homicídios [...]. [No ano de 1923] houve 23.317 crimes perpetrados por órfãos de menos de 17 anos. No segundo semestre de 1926 foram presos por diferentes crimes 67.000 bandidinhos".[794]

Essa "multidão [...] [de] garotos abandonados [...] [devia-se ao regime político instaurado na Rússia. Como solução], [...] o governo deu-lhe caça e os "liquidou". [Esse era o destino, na Rússia comunista] [...] [às] crianças, a esperança da pátria, a inocência da humanidade". O comunismo lhes reservava a "degradação". Ora, esse aviltamento se cristalizava porquê a essência dos

---

[791] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 205-210. Outros títulos que compõem o dossiê são: "O comunismo ateu, sua história e seu fim", p. 208; e "Doutrina errônea do comunismo ateu e seus perniciosos efeitos", p. 209.

[792] *ANSAP*. Aparecida, 1939, pp. 205-210; cit. p. 205.

[793] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 205-210; cit. p. 209. Assim, "os anos de 1937 e de 1938 caracterizam-se pelos processos escandalosos e a execução de muitos chefes comunistas dos mais altamente colocados. Em 11937 foram executados: 1 marechal, 7 generais, 28 comissários do povo [prefeitos], 46 secretários do partido, 3 diplomatas, 1.500 membros dirigentes do partido. Em 1938 continuaram aa execuções; 60 por cento [%] dos oficiais superiores do exército foram processados e mortos, ficando com isso o exército muito enfraquecido. Muitos empregados de destaque tiveram a mesma sorte", cit. p. 206.

[794] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 205-210; cit. p. 210, itálicos meus.

"bolchevistas [...] [era] *a corrupção* [da instituição chave]; [...] [a] *família cristã* [que] *está completamente destruída entre eles*. A santidade e *estabilidade do matrimônio* não existem. Há *enlaces que duram apenas algumas semanas, alguns dias*. Em Moscou em 1929 [até outubro] houve 20.425 casamentos e 16.437 divórcios. O Comunismo julga a amor, a fidelidade do amor como um sentimento burguês que caiu já da moda. *A poligamia e até mesmo a poliandria* [designação para mulher que tem ou freqüenta, simultaneamente, mais de um homem ou marido] *é freqüente na Rússia*".[795]

Ora, constata o articulista que "*o comunismo é um sistema extremista* de sociedade", que tem por objetivo "*acabar de tudo com a propriedade privada*", e combater "à civilização, à moral, *à Igreja. Combate a Deus!*".[796] Como corolário tinha-se a "desordem!", a "barbaridade!" a "calamidade",

"pois *o comunismo levanta o punho cerrado. Fomenta o ódio das classes. Promove as graves, as revoluções, as guerras. Estimula as paixões e instintos bestiais. Faz dos homens feras desenfreadas, que matam, incendeiam, roubam e destroem*. [...]. [Nestes termos,] *o comunismo* [...] *traz* [...], *a tirania, a miséria, a imoralidade, a irreligião*. [Ele] [...] *semeia entre os homens a discórdia, a desgraça*".[797]

Deste modo era necessário estar em "alerta!",[798] pois os comunistas tinham "tática diabólica" para o convencimento e adesão à sua causa, ela era a "*propaganda oculta ou aberta* conforme o país, greve, [...], ataque ao nacionalismo e à religião, à moral e à cultura cristã". O comunismo era "*o regime de Satanás*, da maçonaria, do judaísmo", estes os traidores do Ungido. "E *os seus agentes não dormem. Trabalham sem descanso. O comunismo ameaça todos os países*. [...] *Ameaça o Brasil também*".[799]

Contudo, havia instrumentos para os enfrentar. Ancorados no "que nos dizem o Santo Padre e os bispos",[800] os católicos dispunham de armas para lutar e combater o comunismo. Se ele era "o materialismo em sua manifestação mais brutal", e se por "atrás de tudo isso estão ateus, os comunistas para [...] seduzir e perverter as massas", "devemos praticar a religião", "temos de recristianizar a sociedade", "trabalhar na Ação Católica", "devemos ter grande devoção a Nossa Senhora"[801] Aparecida.

Ora, as armas para "lutar contra o comunismo" eram "cremos em Jesus Cristo, filho único" de Deus "que encarnou no seio da Virgem Maria". "Cremos na mediação todo-poderosa da Maria"[802] Aparecida.

---

[795] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 205-210; cit. p. 210, itálicos meus.
[796] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 205-210; para as expressões entre aspas, p. 209, itálicos meus.
[797] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 205-210; cit. p. 209, itálicos meus.
[798] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 205-210; cit. p. 208.
[799] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 205-210; cit. p. 208, itálicos meus.
[800] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 205-210; cit. p. 208.
[801] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 205-210; para todos os trechos entre aspas, p. 210.
[802] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 205-210; trechos entre aspas, p. 209.

Assim, o Brasil tornar-se-ia infeso ao regime do "terror, morte, destruição – obra de Stalin" e da "barbaridade marxista".[803]

Constatado esse quadro de horror que o comunismo inaugurou no mundo, o católico deveria *agir*, pois conforme as palavras do profeta Isaias, Deus "vingar-se-ia de seus inimigos", esmagando-lhes, destruindo-lhes, lançando-os na "sua justa ira nas profundezas do inferno"; assim "não fiquemos aflitos e desesperados ante a onda avassaladora do mal":[804] obedientes às diretrizes da hierarquia e sob a mediação de N. S. Aparecida, "a mão de ferro sobre a civilização cristã," que o comunismo cristalizava, não seria "implantado"[805] no Brasil.



Esta imagem vinha acompanhada da frase "A mão de ferro" comunista "sobre a civilização cristã".[806] Ela era constitutiva do arsenal do discurso-pânico da Igreja contra a doutrina materialista que destruía, fisicamente, o acervo arquitetônico, os templos católicos ou cristãos: *locus* de expressão do sagrado.

---

[803] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 205-210; trechos entre aspas, pp. 206 e 208, respectivamente.
[804] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 205-210; trechos entre aspas, p. 210.
[805] *ANSAp*. Aparecida, 1939, pp. 205-210; trechos entre aspas, pp. 207 e 210, respectivamente.
[806] *ANSAp*. Aparecida, 1940, p. 207. A imagem apareceu em vários números do periódico: a mão que destrói, de modo implacável, signos da cristandade como os templos religiosos. Essa seria a "mão de ferro" do comunismo.

f.2.10] Imagens Pânicas e vingança divina. Perseguidores do cristianismo: da Igreja nascente ao regime bolchevique.

Com o título "Como morrem os perseguidores" o *ANSAp* de 1934 traz um dossiê sobre "[...] a perseguição dos três primeiros séculos e o fim trágico dos perseguidores" da Igreja, constatando que "[...] os perseguidores da Igreja, ordinariamente não morreram sem verificar que há um braço divino", [...] [pois] Deus vela pelos seus filhos [os fiéis]", cita-se uma longa lista desses perseguidores, a partir "de Judas, o traidor"; de *Nero* que "fez à religião cristã a honra de declarar-se seu primeiro inimigo", ele "[...] suicidou-se para evitar uma infame e cruel morte"; *Domiciano* "que fez derramar o sangue de tantos mártires, foi assassinado pelo Senado [Romano]"; já "o imperador *Adriano* fez morrer grande número de cristãos, mas sua morte foi uma das mais horríveis"; *Marco Aurélio*, imperador do III século, que também imprimiu perseguição aos cristãos, "deixou-se morreu de fome"; *Cômodo* que sucedeu Marco Aurélio, e não "menos cruel com os cristãos", foi "envenenado e certo dia asfixiam-no num banho"; o sucessor de *Cômodo*, *Sétimo Severo* "saciou-se [...] com o sangue dos filhos da Igreja" teve também destino trágico. "*Antonio*, seu filho mais velho, [...], sem dizer palavra, tomou da espada para matar seu pai", não tendo morrido nesse atentado "o imperador [Antonio] ficou de tal modo aflito que faleceu tempo depois, de tristeza"; destino igual teve o imperador *Antonino* que "foi assassinado"; *Maximino Thrax* "foi morto" ele e seu filho. "Os soldados cortam-lhe a cabeça"; o imperador *Décio* que produziu "numerosos mártires [...] no seu reinado, morreu [...] vítima da traição [...]. [...] atravessam-lhes [Décio e o seu filho] flechas no corpo", eles submergiram atolados "num pântano"; *Valeriano*, "cujo ódio à fé [cristã] o tornou tão cruel", sofreu "a vingança de Deus", ele "foi esfolado vivo" pelos Persas; já *Aureliano* foi "assassinado no meio do exército"; *Diocleciano* perseguidor implacável dos cristãos agia qual "um louco furioso", "[...] deixou-se morrer de fome e de tristeza"; igual sorte teve o imperador Maximiliano-Hércules que "foi enforcado"; *Galério* teve destino parecido, ele foi "um dos que mais incitou a perseguição sob o reinado de *Diocleciano*", "faleceu de gangrena" como paga ao "que [ele havia feito] contra os servidores de Deus"; o imperador *Maximiano*,

> "um dos mais *cruéis perseguidores* [dos cristãos] [...], *se envenenou*. O efeito do veneno foi muito lento. *Sofreu inconcebíveis dores*. [Ele] gritava, [...], *rolava por terra, mordia-se de raiva, batia a cabeça* [...] com tanto furor que *seus olhos saíram de órbita* [...]. *O seu remorso era seu mais cruel tormento*. Pensava ver Jesus Cristo [...]. Ouviam-na repetir, como um criminoso [...]: - "Não sou eu! Foi contra a minha vontade". Em outros momentos, fazia confissão de seus mais hediondos perversidade e *implorava misericórdia*".[807]

[807] *ANSAp*. Aparecida, 1934; cit. p. 102; os demais trechos entre aspas são dessa página. O processo do envenenamento de *Maximiano* foi lento, demorou "quatro dias e [aí ele] morreu". Às pp. 103-104 há o texto "A morte de um mostro" no qual se relata o suicídio de Nero.

Sob o título "Sorte dos perseguidores da Igreja" foi publicado no *ANSAp* de 1940 um texto que aborda o assunto em epígrafe no qual se afirma que a "Igreja nascente [...] suportou" uma perseguição implacável de homens como Nero, Domiciano, Trajano e Décio. Estes imperadores romanos perseguiram a Igreja, mas foram "fulminados pela justiça divina", elas fizeram escorrer, nos "três séculos" iniciais da Igreja, "o sangue de dezessete milhões de mártires", mas conforme a palavra que "Cristo proclamou [...] que as portas do inferno não prevalecerão [...], [e que] todas as potências do mal, através dos séculos que se arremessem contra o rochedo de Pedro; em vão, porque sempre e inexoravelmente serão aniquilados". Esta afirmação tem validade, segundo o articulista, para os perseguidores da Igreja no presente, como o "comunismo russo [que] descristianizou por completo a nação".[808] O destino dos homens que submeteram a Igreja ao seu jugo, foi que eles foram dizimados e tiveram um fim trágico: Nero se auto-imolou com um punhal; Domiciano foi objeto de uma "conspiração da corte", tendo sido morto por "sete armígeros"; Trajano foi "atacado por doença incurável", e depois de "um uivo aterrador" ele "caiu [...], com os olhos dilatados, o rosto inchado e disforme"; já Décio cruento perseguidor dos cristãos foi engolido com cavalo e tudo "num lodaçal [...], não sendo possível encontrar o seu corpo".[809] Esses argumentos têm um alvo: são augúrios aos perseguidores contemporâneos da instituição romana – os comunistas em particular.

No *ANSAp* de 1941 reproduz uma desenho que havia sido "publicado na revista francesa "Match" no tempo que a França ainda mantinha relações de amizade com o governo soviético"; para o Almanak de N. S. Aparecida "o Kremlin de Moscou – Palácio do Governo das Rússia – que parece mais um grande castelo da Idade Média ou, antes, uma cidade fortificada".[810]

O sentido ressaltado pelo articulista católico era que na Rússia não havia liberdade, habitavam-se cidades fortificadas [o esquema do desenho reforça esse ponto] nas quais não era possível transpassá-las sem o controle policial. Afinal o país era comandado e não governado pelo "ditador [...] Stalin".

Há um comentário, entre vários, concernente "as torres e os edifícios mais altos [que em "era passada"] encimava a Cruz; agora no regime soviético foi substituída por uma estrela, iluminada de noite". Não fica claro o objetivo da publicação do esquema, desenho e comentários sobre o

---

[808] *ANSAp*. Aparecida, 1940, p. 30. Todos os trechos citados p. 30. Outros perseguidores da Igreja naquela quadra histórica contemporânea eram: "o mexicano combateu a Igreja por um quarto de século: os vermelhos espanhóis devastaram-na e assassinando religiosos e trucidando os fiéis; o nazismo germânico [...]" etc.

[809] *ANSAp*. Aparecida, 1940. Para todos os trechos entre aspas, p. 30. Há quatro gravuras que ilustram o texto. duas à p. 30 [Décio e Domiciano] e as demais [Trajano e Nero] à p. 31, entre as duas há a frase "**DEUS NÃO DEIXA ZOMBAR DE SI IMPUNIMENTE**", p. 31; em caixa alta no original: negrito meu.

[810] *ANSAp*. Aparecida, 1941; pp. 184-185.

Kremlin: se era apenas a reprodução de uma ilustração francesa, ou se tinha por alvo passar informações a possíveis agentes católicos brasileiros que pudessem ou fossem combater os russos.

Na edição do ano seguinte, 1941, o periódico publicou o "Decálogo estabelecido para os soldados soviéticos":

> "1. Lembra-te que *não há nenhum Deus que te possa proteger contra a bala inimiga*. 2. *Na paz e na guerra deves ser completamente ateu*, e lembra-te que tua morte pode trazer a libertação a 100 milhões de homens. 3. *Cada igreja, sinagoga ou templo pode ser um ninho de teu inimigo*. 4. *Nada de compaixão com os inimigos do ateísmo*! 5. Toma providências, para que *teu camarada, ameaçado de morte, não aceite a assistência dum padre*. 6. *Deve ser abafada, com as armas na mão, toda a tentativa de saque de igrejas, sinagogas e templos, pois têm que ficar como monumentos de tempos passados*. 7. Na guerra, continua ateu e procura ganhar teus inimigos para o movimento ateu. 8. Depois da guerra, o mundo será ateu. 9. *A União Soviética sempre será a protetora do movimento ateu internacional*. 10. *O ateísmo é e será vencedor*".[811]

Com base nessa narrativa do "Decálogo" era impossível qualquer conciliação entre católicos e comunistas.



Imagem do discurso-pânico dos católicos contra a doutrina materialista: "A obra de Stalin" - que carrega os signos do ódio e da destruição, a foice e o martelo, e de modo implacável pisoteia e derruba prováveis edifícios religiosos -, o líder comunista se traduzia em "terror, morte, destruição"[812] cujo "testemunho" aqui pode ser aferido no casal andrajoso do desenho.

---

[811] *ANSAp*. Aparecida, 1942, p. 252, itálicos meus.
[812] *ANSAp*. Aparecida, 1940, p. 206

f.2.11] O Fim da II Guerra mundial e o pós-guerra: a URSS "base do movimento anti-religioso mundial".

O *Almanak de Nossa Senhora Aparecida*. "Ecos Marianos", na edição do ano de 1944 reproduz uma imagem que fora publicada em um periódico francês, cujo título é "U.R.S.S. – BASE du mouvemente antireligieux modial", em conjunto ao título há o texto legenda:

> "Une époque sans précédent dans l'histoirie de l'humanité. I. La sixième partie du mondo est soumise à la domination d'un pouvoir sans-dieu militant. II. Toutes les ressources de cette sixième partie du monde sont mises à la disposition d'une offensive".[813]

A imagem, um mapa *mundi* que foca e destaca a União Soviética, de onde se expande fluxos de interferências do comunismo às Américas, à Europa, à África e à Ásia, tem ao lado um retrato de J. Stalin. Um texto do *Almanak...*, comenta "a dissolução do "komintem", "isto é, o centro diretor do movimento internacional das classes trabalhados [p. 262]".

O mesmo periódico da Basílica Nacional da Padroeira do país na edição do ano de 1945, na extensa matéria "O Comunismo – o grande perigo para o Brasil e para o mundo todo hoje mais do que nunca"[814] faz um balanço da situação e da possível expansão da doutrina comunista em termos planetário. Na mesma edição, em página anterior, informa-se sobre "Combate ao Comunismo", registra-se que

> "no Rio o novo chefe de polícia, dr. Coriolano Góes, pôs termo à propaganda comunista [...]. O DIP em boa hora cassou os registros das folhas bolchevizantes. [Igualmente, apontam que] [...] o exmo. sr. Arcebispo [do Rio de Janeiro] D. Jaime Câmara, incentivou a luta [...], [alertou para se] abrir os olhos do povo sobre o perigo do comunismo que hoje é maior do que nunca. [...]. [No mesmo diapasão contra o comunismo, o presidente da república em] "discurso de 7 de setembro"] [...] acentuou "que se tornava necessário ganhar e garantir a paz, defendendo-a contra perturbações de ordem pública"".[815]

Assim, no pós-guerra, segundo a fonte, as mudanças pelas quais o comunismo operava-se era

> "a mais linda astúcia do diabo [que] é nos persuadir de que [ele]... não existe. Podemos afirmar o mesmo do comunismo. [...]. [Assim] hoje [o comunismo diz] [...] que não é perseguidor da religião. Que não é um socialismo revolucionário, todo materialista em sua filosofia. [Os comunistas oferecem garantias de] [...] que não combate mais à propriedade particular [privada] e nem concentra nas mãos do Estado todo o poder político e econômico da Nação. [Lembra que] [...] *os católicos foram ensinados a ver no comunismo um sistema de totalitarismo destruidor da liberdade e degradante do ser humano.* [Sentencia o articulista que] [...]: a raposa [tanto "Stalin [quanto] os seus sequazes"] pode mudar de pele, mas não muda o vezo".[816]

---

[813] *ANSAp*. Aparecida, 1944, p. 262. Em nota os editores registram a origem francesa do "quadro", mapa e retrato de Stalin, que ocorrera antes que houvesse sido detonada a II Guerra Mundial em curso, lembra que naquele momento "a preocupação máxima do mundo é atualmente a destruição do Nazismo". Mas alerta de modo enfático: "contudo os espíritos pensantes não conseguem afastar outro pesadelo... **E se o velho dragão, depois de devorado o totalitarismo, tragar o mundo todo!?**", op. cit., p. 262, negrito meus.

[814] *ANSAp*. Aparecida, 1945, pp. 220, 221, 222; cit. p. 220.

[815] *ANSAp*. Aparecida, 1945, p. 203.

[816] *ANSAp*. Aparecida, 1945, p. 220, itálico meu.

Nestes termos, a nova geopolítica advinda com o fim da guerra levava "a primeira manobra da Rússia foi conceder autonomia às várias repúblicas que formam o bloco russo".

Assim, em vez de uma Rússia soviética, temos agora 16 Rússias soviéticas. [...]. [Do mesmo modo] assim na conferência de paz a Rússia terá 16 representantes a votarem, enquanto os aliados terão, Inglaterra, Estados Unidos, Brasil, França, etc., um por país. A balança está desequilibrada".[817]

A segunda "manobra" na mudança do comunismo era "a dissolução do Komintern. Aparentemente foi dissolvido, mas na realidade em lugar dele entrou, por ora, o comitê de uniões patriotas" criados em vários países. São eles formados e protegidos pela Rússia. Apenas uma tática de emergência. Com ela o comunismo não voltou atrás. Ganhou mias liberdade de expansão.

O que antes tinha o nome de revolução proletária passou agora a ter o belo nome de "liberdade dos povos".[818] Ora, segundo o articulista, o que estava em causa era, efetivamente, "a expansão soviética [que] quer organizar os Estados Unidos soviéticos da Europa, até já se fala de "Estados soviéticos da América Central e do Sul"". Nestes termos, o corolário dessa situação era que "[...] depois começará a perseguição em massa contra a Igreja. [Evoca-se os alertas papais de] Pio XI e agora Pio XII [que] têm dado aviso do perigo. Para eles a Igreja será vítima de uma perseguição tão feroz [...] [que não há termo de comparação]".[819]

Assim, citava-se os casos de perseguições a católicos poloneses e lituanos, pois

> "os soviéticos detiveram nessa cidade católica ["de Serny"] perto de 20.000 pessoas, acusando-as de haverem colaborado com os alemães. [...]. [Já] os lituanos sofreram caçadas em massa [...], por serem católicos [...]. [...] os russos [na Lituânia] realizaram matanças maciças nas prisões e campos de concentração. [Enquanto na Polônia parte da população católica que se achava prisioneira foi fuzilada] sem prévio julgamento e outra parte correu os mesmos riscos; o que sobrou foi deportado para a Sibéria".[820]

Nestes termos, se entre nós vencesse o comunismo, o nosso destino seria o mesmo desses povos católicos da Europa; pois comparativamente aos "[...] crimes praticados pelos Nazistas, [...]

---

[817] *ANSAp*. Aparecida, 1945, p. 220. Segundo o articulista a manobra tinha por fito outros alvos, como "a incorporação de outros países ao bloco de repúblicas soviéticas. E a Rússia vai tentar incluir nesse bloco a Iugoslávia, a Tchecoslováquia, a Romênia, a Bulgária, a Grécia, e a infeliz Polônia. [Assim, a nova tática, mudanças como o abandono da] "Internacional Comunista de Lênin, mas em seu lugar organizar a Liga Panslava da Nações Comunistas", op. cit. P. 220.

[818] *ANSAp*. Aparecida, 1945, p. 220. Corroborando o argumento de que a raposa: Stalin, o comunismo ou qualquer doutrina de cunho materialista, troca à pele, mas não dos seus vícios costumeiros, é citado material do "camarada Dimitroff" encontrado na Inglaterra, no qual é registrado que "censuram-nos porque abandonamos nossos princípios. Que tolice! Que cegueira! Não seríamos revolucionários marxistas, leninistas, nem discípulos de Engels, Stalin e Marx, se não soubéssemos mudar de tática conforme as conjunturas do momento. O emprego de todos os rodeios, de todos os zigzags de nossa tática só têm um objetivo: a revolução mundial"; op. cit. p. 220.

[819] *ANSAp*. Aparecida, 1945, p. 221.

[820] *ANSAp*. Aparecida, 1945, p. 221.

[os] Soviets ainda os superam [p. 221]". A terceira manobra dos comunistas era a da "[...] criação de um conselho de Comissários do Povo para negociar "com os vários representantes das várias confissões religiosas... Figura entre elas a... católica romana..."".[821] Assim, os embates eram entre comunistas e católicos.

Para o autor do texto esse era mais um ardil de Moscou "para iludir os católicos, principalmente nos "países libertos", como na Itália e França, inventaram a denominação "católicos comunistas", ou "neo-cristãos", como se fosse possível "uma reconciliação da doutrina da Igreja com a do Comunismo que constitui a antítese do Cristianismo", conforme acaba de declarar Pio XII". Assim, exortam-se os católicos para que fiquem "alerta!", pois

> "tiraram o nome de Lúcifer e o substituíram pelo de Satanás. [...]. [Aponta-se no sentido de] o futuro é sombrio [...] [para] os países católicos. [Pois] a verdadeira finalidade [o que desejam] os soviéticos, está declarado no discurso de um tal Elias Lafferte, comunista chileno, que discursou no congresso do México: "É urgente que infiltremos na inteligência das crianças, na inteligência dos indígenas, na inteligência dos operários, na inteligências dos estudantes, as piores acusações contra a Igreja Católica afim de que se afastem dela e ingressem em nossas fileira, simpatizando com a causa comunista. [...]. Neste momento em que o esforço guerreiro das Nações Unidas é necessário que seja unânime para acabar com as potências do eixo, as oportunidades para a infiltração do comunismo são soberbas, não só no campo do proletariado, mas também no campo intelectual e cultural, no campo militar, no campo das finanças e no comércio internacional. [...]. [Assim] [...] a palavra de ordem da autoridade religiosa é: Alerta, católicos! Longe a cegueira e o descaso! Todo o apoio à campanha anticomunista [...]. [A par dessa realidade, o católico compreenderia] [...] melhor o sentido das palavras de nosso Chefe de Governo, "afirmando que é preciso ganhar a paz e assegurar, por todos os meios, a ordem em nosso Continente".[822]

Ora, com "o prolongar [da] [...] guerra", quem mais lograria êxito era "[...] a ameaça comunista", conforme "o jornal do Vaticano "Osservatore Romano"". Assim, "depois de 5 anos de guerra, o Comunismo se acha em posição mais favorável que antes... Ninguém se iluda: *a vitória dos exércitos vermelhos não significa a liberdade do povo* russo. E *a "nova ordem democrática" que os Soviéticos pretendem implantar no mundo, seria a mais completa escravidão – um regime sem liberdade e sem religião – um totalitarismo na última concepção da palavra*".[823]

Nessa ordem de coisas, apontava-se que "os Estados Unidos reconhecem o perigo do comunismo", deste modo

> "os comunistas não poderão [naquele país] ser funcionários do Governo, nem em tempos de guerra, nem em tempos de paz. Toda pessoa comprovadamente membro do Partido comunista, está disposta a receber ordens de uma nação estrangeira e encaminha a sua lealdade para uma potência estrangeira. Tal membro não está capacitado para o serviço nacional e não lhe deverão ser confiados os deveres e responsabilidades correspondentes a qualquer emprego público. Mais claro: são eles os verdadeiros "quinta coluna"".[824]

---

[821] *ANSAp*. Aparecida, 1945, p. 222.
[822] *ANSAp*. Aparecida, 1945, p. 222.
[823] *ANSAp*. Aparecida, 1945, p. 222, itálicos meus.
[824] *ANSAp*. Aparecida, 1945, p. 222.

Num momento decisivo, pois o fim da guerra se avizinhava, no excerto do *ANSAp* de 1945 o articulista católico aponta os Estados Unidos como o modelo a ser adotado pelo Brasil.

De fato, como afirmou João Almino que pesquisou detalhadamente os *Anais de Constituinte de 1946*,[825] aquele país foi o paradigma adotado, conforme pronunciamento do liberal e líder da UDN Otávio Mangabeira. Assim, na Carta de 1946 liberais e católicos irmanaram par impor os seus princípios e valores doutrinários. Ambos tinham um inimigo comum: o comunismo, como atesta o autor em tela. A propaganda contra a doutrina comunista permaneceu no *ANSAp* no pós-guerra, nas décadas de 1950 e 1960 etc.[826] Para combatê-la católicos e liberais imbricaram os seus projetos de denominação social, não apenas em termos de propaganda, mas no plano físico, articularam-se no pós guerra para erigir um signo ímpar: a construção do maior templo mariano da cristandade, como veremos.

Imediatamente abaixo apresento uma amostragem, trata-se de um conjunto de imagens retiradas, principalmente, do periódico *ANSAp* – Anuário da Basílica Nacional de N. S. Aparecida -, de outros periódicos católicos com a Revista *Cultura* dos franciscanos de Petrópolis; da imprensa diário como o jornal o *Estado de S. Paulo* etc. São "santinhos", esquemas gráficos, desenhos, caricaturas, fotografias etc.

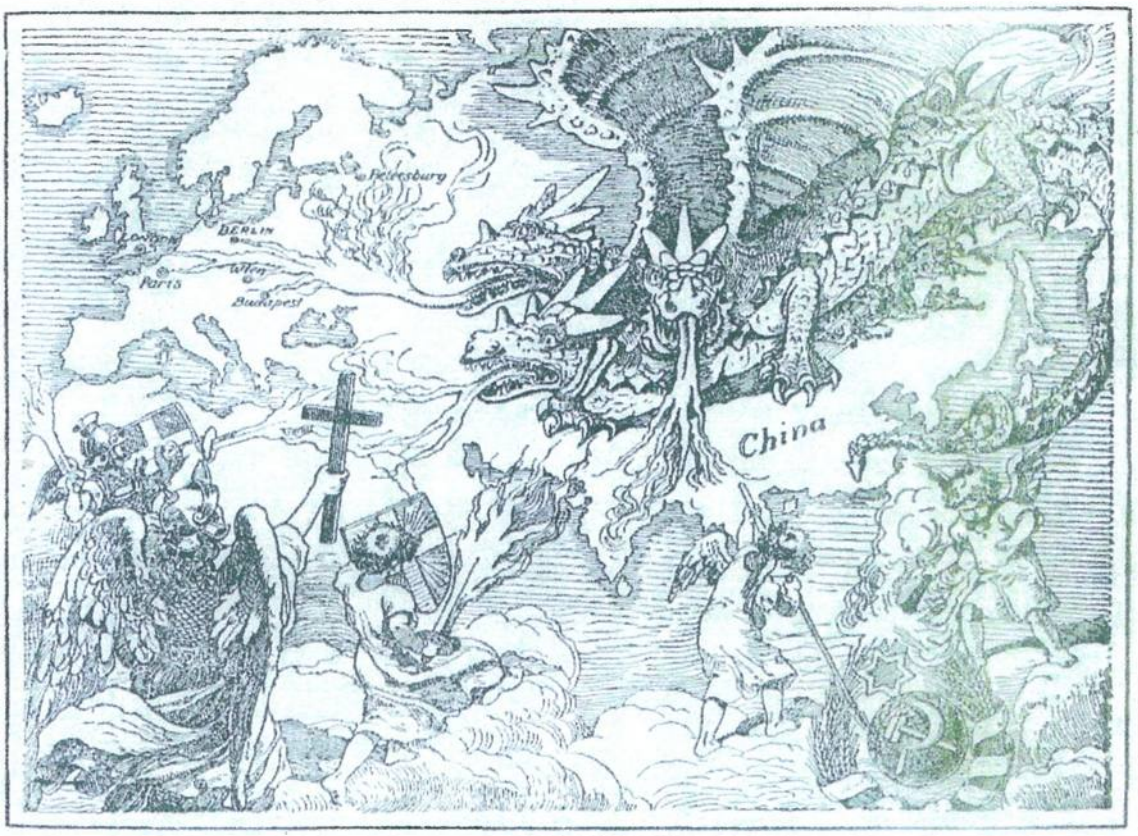
---

[825] ALMINO, J. *Os Democratas Autoritários*. [...]. São Paulo, Brasiliense, 1980, 371p. Sobre Mangabeira, veja-se: p. 53, p. 51-52, p. 113 ss; à p. 118 ss, o leitor encontrará referência à questão do direito de greve, a partir do modelo norte-americano. Às pp. 102-108, o leitor constatará não uma aliança política, mas a conciliação muito próxima do conluio entre partidos como o PDC, UDN, PSD etc.

[826] Para os demais anos, cf.: *ANSAp*. Aparecida, **1946**: pp. 244-245, 253-255; **1947**: pp. 214-219, 221, 233; **1948**: pp. 223-224; **1949**: 49-53, 218-227, 236-237, 245 e 248; **1950**: pp. 72, 97-103, 231-234, 238-239, 244-246; **1951**: 103-106, 239-243, 246; **1952**: pp. 233-235, 239; **1953**: 128, 142, 145-146; **1954**: pp. 76-81, 214-217; **1955**: não referência direta, mas às mobilizações das massas católicas no ano anterior em São Paulo no Congresso da Padroeira e os preparativos para XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, no Rio. Nos dois eventos transladou-se a Imagem verdadeira de Aparecida: em ambos os certames houve cerimônias públicas contra o comunismo; **1956**: pp. 144-158; **1957**: pp. 121-125; **1958**: pp. 257-262 [aqui o longo texto "O maior perigo mundial do nosso século" de Plínio SALGADO. O autor, o integralista católico, reforça as imagens pânicas em relação ao comunismo, este é: disseminador da "desordem", p. 257, ele se "infiltra", tem por princípio a "mentira", p. 261, para ele a na Rússia não havia "liberdade", p. 262, em nenhum plano] , 269; **1959**: pp. 94-95, 114 ; **1960**: pp. 122-123, 168-169; **1961**: pp. 205-206, 224, 227; **1962**: p. 73; **1963**: p. [77], **1964**: pp. 97-101, 108-112, 129; **1965**: pp. 62 [uma impactante imagem do dia **16-08-1964**, no **Vale do Anhangabaú, SP**, da "**Cruzada do Rosário em Família**" comandada pelo pe. P. Peyton, que reuniu algo próximo **a "dois milhões de pessoas"**.]; **1966**: pp. 210-212 [propaganda anticomunista indireta, mas talvez muito mais eficaz, que trata da "Legião de Maria", cujo emblema ou estandarte [*vaxillum*] era o signo no combate à foice e martelo. O *Vaxillum* da Legião de Maria é um artefato composto por diversos elementos alegóricos, ele se prende a uma coluna que tem no seu centro uma imagem de Virgem, na base há um globo terrestre. A mensagem é didática ou pedagógica: a devoção mariana é a viga ou o esteio à estabilidade do mundo, o seu rosário o artefato a partir do qual o planeta se tornaria infeso ao *mal absoluto* do século]; **1967**: pp. 94-97; **1968**: pp. 147 [a matéria "Guerrilha no Brasil"]; **1969**: p. 215 [foto de Guevara]; **1970**: p. 46 [a matéria "A Imagem [de Aparecida] no "AMAN"" – Academia Militar das Agulhas Negras]; **1971**: p. 232 [o texto "Terrorismo"]; **1972**: p. 214 [matéria "Problemas triangulares: Moscou-Pequim-Washington"]; **1973**: [não há matéria sobre a questão]; 1979: [não há matéria sobre a questão]; **1980**: [não há matéria sobre a questão]; **1981**: [não há matéria sobre a questão].

f.2.12] O quadro o "Dragão de três cabeças" do pintor acadêmico austríaco Horsnstein como alegoria e instrumento de luta: **"SÃO MIGUEL ARCANJO, EM NOME DE DEUS E DA IGREJA, COMBATE AS POTÊNCIAS E O DRAGÃO DO BOLCHEVISMO"**.

ANSAp, 1938.[827]



Além da imagem acima do Dragão bolchevique, na edição de 1938 do *ANSAp* a denúncia do comunismo é registrada como presente em diversos países europeus. Fala-se da "Tragédia da Espanha".[828] São textos articulados com imagens fotográficas e ilustrações.

Dentre as imagens havia uma que fora publicada na edição de 1932. Para o ano de 1938 havia um texto que forma um conjunto de informações. Ela apanhava parte do Globo terrestre coberto pela figura de um Dragão de três cabeças. Tratava-se de uma pintura executada pelo pintor acadêmico vienense Horsnstein. Para o pintor o comunismo era expresso no bolchevismo; o Dragão-Bolchevismo era representado como um monstro de três crânios com três chifres. Assim, após conquistar a Rússia, agora, naqueles anos desde 1936 agia sobre a Espanha, o Dragão-

[827] *ANSAp*. Aparecida, 1938, p. 145. O mesmo desenho já tinha sido publicado na edição do *ANSAp* de 1932, p. 166.
[828] *ANSAp*. Aparecida, 1938, pp. 145-160.

Bolchevismo-Comunismo se lançava sobre outros espaços do planeta. O monstro apocalíptico lançava sobre a China as suas garras – patas e unhas.

Sobre o longinquo Japão, o monstro tentacular enrolava a sua calda peçonhenta. Em outros países asiáticos, na América e na Europa, a fera monstruosa lançava as temíveis, ameaçadoras e destruidoras chamas de fogo. O corpo do monstro sibilino assentava-se de modo pesado na Rússia. A sua posição e o seu gesto são de bote armado e do fogo inflamador. Para a hierarquia, se incendiário, era revolucionário; sendo fogo, indicava a sua cor vermelha; em sendo dessa cor, indicava se tratar do comunismo.

Na tradição cristã o vermelho é a cor pela qual se representam Satanás e o inferno. Segundo o autor do quadro, os representantes de Cristo, convocados "por Pio XI", emergem de dentro de uma nuvem: São Miguel e o seu corpo de centuriões se lançavam no combate e na luta contra a fera monstruosa.

À esquerda e na parte inferior da imagem, vê-se São Miguel portando em sua mão direita a sua arma principal: a Cruz. É em relação à Cruz de Cristo que uma das cabeças – a central – o Dragão do comunismo expele e jorra as chamas da discórdia. Na mão esquerda do Anjo em combate, em posição de luta, ele porta uma espada flamejante. Ela aponta em direção à fera bolchevique: ele combate com o "fogo divino o fogo satânico" do comunismo. Na base da imagem, à esquerda, dois querubins em luta para destruir as armas do comunismo: a foice e o martelo.

Os mesmos anjos demandam no aniquilamento dos símbolos do comunismo russo: encimando a foice e o martelo, uma estrela de seis pontas com seis cantos, ambos colocados sobre uma esfera que remete à figura do globo terrestre, envolto por uma braçada de trigo cingida por uma fita. Sob a imagem lemos o seguinte título em letras grandes: "**SÃO MIGUEL ARCANJO, EM NOME DE DEUS E DA IGREJA, COMBATE AS POTÊNCIAS E O DRAGÃO DO BOLCHEVISMO**".

Jacques Le Goff no ensaio "cultura eclesiástica e cultura folclórica[829] na Idade Média: S. Marcelo de Paris e o Dragão" ilumina pontos importantes sobre a representação desse ente mítico, o "monstro – serpente-dragão", como semeador do "terror entre as populações [...]".[830]

---

[829] Contemporaneamente falamos em *ethos* em vez de folclore, dada a carga negativa que a palavra adquiriu; pois folclore, principalmente nas abordagens sociológicas, passou a ser entendida como *locus* de expressão do atraso. Essa leitura se referia centralmente à organização social e ao modo de vida das sociedades tradicionais ou camponesas. Ora, coevamente, dada a dimensão adquirida pelo sagrado e pelo papel que os seus gestores passaram a desempenhar nas realidades urbanas, a abordagem dessas práticas sociais para a sua efetiva inteligibilidade deve ser haurida nas ações culturais dos agentes sociais. Sobre esse ponto, veja-se: LAGRÉE, Michel. "História Religiosa e História Cultural". In: SIRINELLI, Jean-François. *et* RIOUX, Jean-Pierre. [Dirs]. *Para uma História da Cultura*. Lisboa, Editorial Estampa, 1998, 432p; pp. 365-384.

[830] LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa, Editorial Estampa, 1979, pp. 221-261; cit. p. 222.

A representação do dragão, entidade que encarnava o mal, remontava ao albores do cristianismo, pois os homens que estabeleceram relações sociais insulares como os "[...] anacoretas e santos buscam cumes distantes para ali se purificar. [Eram] lugares remotos para isolar-se do mundano. [Espaços distantes] [...] protegidos pelos bastiões dos rios inacessíveis. [Deste modo, "os homens se abrigavam contra dragões", bandoleiros e salteadores, em terras que eram infestadas por eles, que os] espreitavam nos penhascos".[831]

Em Marcos [4,8] há o relato da tentação diabólica empreendida por Satanás sobre Jesus quando levava este "a uma montanha muito alta" e ali lhe mostrou "todos os reinos do mundo e sua glória". Nessa narrativa do evangelista o diabo não aparece em disfarces assumindo outras identidades como a de um dragão. Porém, acidente geográfico como uma montanha firma-se como um traço de permanência que remontava ao imemorial no imaginário cristão. Nestes termos, "cordilheiras como os Alpes estavam infestados de dragões, demonstrando, assim, sua contaminação diabólica" por todos os cumes.

O dragão tem desempenhado papel importante no imaginário cristão Ocidental. Nesse imaginário ele habitava altas montanhas, era visto como "[...] serpentes aladas e personificação da maldade satânica. [Assim] [...] matar uma aberração dessas equivaleria a exorcizar a montanha para o Senhor".[832]

Na Península Ibérica do século XIII há a narrativa de um rei cristão, na qual se registrava o seu embate com o ente demoníaco. Nela relatava-se a sua subida a uma montanha escarpada e íngreme, de modo a que ele atingisse o seu cimo, no qual havia um lago. Homem intrépido, diante do silêncio daquele lugar ermo, ele jogou pedra nas águas calmas. Foi o suficiente para fazer emergir em fúria "[...] um *terrível dragão* [...] [que] *se pôs a voar* e a *escurecer o ar com seu bafo*. [...]. [Assim] como *serpente satânica*, todavia, o dragão forneceu ao monarca ambicioso um certificado de autêntico guerreiro cristão. [...]. [Deste modo] *nos picos europeus, as forças do bem e do mal se externavam em homens santos e monstros* e *as batalhas eram terrivelmente sérias*".[833]

No século XVIII, em 1702, Johann Jacob Scheuchzer, professor de física e matemática da Universidade de Zurique, na Suíça, e correspondente do físico inglês Isaac Newton, aquele como este, homens da razão prática e do cálculo burguês, não obstante o suíço produziu uma extensa dracologia, na qual afirmava haver: "dragões com cara de gatos, dragões serpentes, dragões inflamáveis e dragões incombustíveis. Dragões voadores e rasteiros; malcheirosos e dissonantes; com escamas e com pernas, parecidos com morcegos e parecidos com pássaros; com crista e sem crista; com a calda bifurcada e com a língua bifurcada. E até mesmo dragões relativamente

[831] SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, 645p; cit. p. 415 ss.
[832] SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, 645p; cit. p. 413.
[833] SCHAMA, Simon. Op.cit, p. 413, itálicos meus.

amistosos".[834] Assim, nas proximidades do cantão suíço de Lucerna, localizava-se o monte Pilatos. Segundo um imaginário popular de *longue durée*,[835] ali era "habitado por um dragão".

Na sua origem, esse acidente geográfico era chamado de monte *Pileatus* [aquele que usa barrete, pois o seu cume estava sempre envolto por uma densa camada de nuvens, formando uma espécie de goro]. Posteriormente o lugar passou a ser chamado de "sepultura de Pôncio Pilatos". Em seguida "passou-se a acreditar que o execrável romano [para o imaginário cristão] estava enterrado ali e gerou um dragão particularmente repulsivo [...]. [Esse dragão tinha] sua cabeça [que] terminava na mandíbula denteada de uma serpente" e "ao voar ele lançava centelhas como uma ferradura em brasas, martelada pelo ferreiro".[836]

Simon Shama afirma "que melhor *morada para um dragão* que *o lago da montanha em cujas profundidades Pilatos jazia, emergindo só na Sexta-Feira Santa envolto no manto Vermelho-sangue de seu julgamento*".O autor lembra que *quando um santo coloca o "pé sobre o corpo de um dragão é o símbolo de um exorcismo bem-sucedido*".[837]

O articulista do *Almanak de N. S. Aparecida* na edição de 1932 registrava que "o quadro representa os dois fatos importantes que *bolchevismo é um perigo iminente e terrível para toda a humanidade civilizada e que este monstro por fim de contas só pode ser vencido [pela] Religião*".[838]

Lembrou Schama que os dragões habitavam covis. Assim, acidentes geográficos como as montanhas, lugares ermos e propícios à contemplação, cujo fim era chegar a estados de transcendência para deste modo atingir-se o sagrado, quando transformados na morada desses entes, viravam serpentários, covis que aninhavam o mal.

---

[834] A lista do professor suíço foi resumida por Simon Schama. In: SCHAMA, Simon. Op. cit, 1996, p. 414.
[835] Para esse conceito, veja-se: BRAUDEL, Fernand. "Histoire et sciences sociales: "la longue durée"". In: *Annales E. S. C.* Paris, Armand Colin, nº 4, Oct-déc., 1958, pp. 725-753. Entre os diversos planos que varrem o conceito de *longa duração*, Braudel lembra a contribuição ligada à história da religião na sua expressão das Cruzadas; ainda no século XIX, como atividade contínua de *longue durée* que, "incessantemente repetida, atravessa as sociedades, os mundos e os psiquismos mais diversos e alcança com um último reflexo os homens [...]". A repetição, a qual o historiador se refere, provavelmente, não seja aquela de uma experiência do século XIII, de S. Luís e seus pares. Mas a algo, o *ethos*, os "comportamentos coletivos" na expressão de M. Weber, em *Economia e Sociedade*; estes como uma antecipação daquilo que J. Le Goff tenta apreender em "As Mentalidades. Uma História ambígua", no qual o historiador afirma que por meio das mentalidades é possível perscrutar o "[...] quotidiano e do automático, é o que escapa aos sujeitos particulares da história, porque revelador do conteúdo impessoal de seu pensamento, *é o que César e o último soldado de suas legiões, São Luís e o camponês de seus domínios, Cristóvão Colombo e o marinheiro de suas caravelas têm em comum*". Cf. LE GOFF, J., *Op. cit.* In: _____ e NORA, P. [Dirs]. *História: Novos Objetos*. R. de Janeiro, Francisco Alves, 2ª ed., 1986, pp. 68-79; cit., p. 71, itálicos meus.
[836] SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, 645p; cit. p. 414.
[837] SCHAMA, Simon. Op. cit, 1996; para os trechos entre aspas pp. 414-415, itálicos e negritos meus.
[838] *ANSAp*. Aparecida, 1932; para todos os trechos entre aspas, p. 166, itálicos meus.

No plano simbólico atingir o cimo da montanha significava uma escalda cujo escopo era, por exemplo, "na tradição taoísta apontava o caminho da transcendência celestial",[839]

Nesta ordem de coisas, a pintura é ao mesmo tempo um alerta, aviso e conselho para o perigo que espreitava a Civilização Cristã: o comunismo, fonte de todos os males e de todo o tipo de iniqüidades, era o inimigo a ser aniquilado.

Pois, identificado o inimigo, e instaurado o pânico nos corações e mentes, a hierarquia católica apresentava as armas e o seu projeto para a sociedade civil. E elegia um *locus* do qual emergia a força e potência: a Padroeira da religiosidade da nação, que a partir de 1930 era hierarquicamente legitimada, mobilizava uma multidão na capital da República em 31 de maio de 1931.[840]

[839] SCHAMA, Simon. Op. cit, 1996, cit. p. 414.

[840] VARGAS, Getúlio. *Diário – 1930-1936*. São Paulo, Siciliano/FGV, Vol. I, 1995, pp. 63-64. São parcimoniosas as anotações de Vargas sobre a estadia da Imagem de Aparecida em 31 de maio de 1931: ele registra que o evento transcorreu em um domingo.

f.2.13] Textos e Imagens da propaganda anticomunista dos católicos nas décadas de 1930 e 1940, no pós-guerra, nas décadas de 1950 e 1960, em veículos como o anuário da Padroeira, em publicações católicas, na imprensa diária, em outros veículos impressos e outros suportes.

"Santinho" do "Apostolado da Oração ou Liga do Coração de Jesus no Brasil" do mês de julho de 1931 que cotidianamente deveria orar-se contra "o perigo bolchevista"[841]



JULHO DE 1931

CALENDARIO

1	IV F.	*Preciosissimo Sangue de N. S. J.C.*
2	V F.	Visitação de N. Senhora *HS*
3	VI F.	*1.o do mez*-S. Leão II. Ind 1.a gr.
4	S.	S. Theodoro B
5	D.	*6.o dep. de Pent.*-S. Aat. M. Zacharia
6	II F.	S. Tranquillino
7	III F.	Ss Cyrillo e Methodio Bb. Cc.
8	IV F.	S. Isabel Rainha de Portugal
9	V F.	S. Veronica Juliani V. *HS*
10	VI F.	Os 7 Irmãos Martyres
11	S.	S. Pio I. Papa
12	D.	*7.a dep de Pentec.*-S.João Gualberto
13	II F.	S. Anacleto P. M.
14	III F.	S. Bonaventura Dr.
15	IV F.	B. Ignacio de Azevedo e Cc. Mm
16	V F.	*N. Senhora do Carmo HS*
17	VI F.	S. Alexio C.
18	S.	S. Camillo de Lellis C.
19	D.	*8.a dep.de Pent.*-S. Vicen. de Paulo C.
20	II F.	S. Jeronymo Emiliani C.
21	III F.	Sta. Praxedes V.
22	IV F.	Sta. Maria Magdalena Z.
23	V F.	S. Apollinario B. M. *HS*
24	VI F.	Sta. Christina V. M.
25	S.	S. Thiago Maior Ap.
26	D.	*9.a dep. de Pentec.*-Sant' Anna
27	II F.	S. Pantaleão
28	III F.	S. Nazario e Cc. Mm.
29	IV F.	Sta. Martha V.
30	V F.	Ss. Abdon e Sennen Mm. *HS*
31	VI F.	S. Ignacio de Loyola C. Z.

Apostolado da Oração ou Liga do Coração de Jesus no Brasil

JULHO DE 1931

I Gráu — Intenção geral

O PERIGO BOLCHEVISTA

II Gráu — Rezar em honra de Nossa Senhora 1 P. N. e 10 Ave Marias *e honrar a*

IMMACULADA CONCEIÇÃO

III Gráu — Communhão reparadora no dia do Padroeiro do mês que é: 1. IV F. *Preciosissimo Sangue de N. S. J. C.* — Offerece-lo ao Eterno Padre em desconto dos peccados.

Offerecimento quotidiano

Offereço-vos, ó meu Deus, em união com o Santissimo Coração de Jesus pelo Coração Immaculado de Maria, todas as orações, penas e bôas obras deste dia, em desagravo de nossas offensas e por todas as intenções pelas quaes o mesmo Divino Coração está de continuo a interceder e sacrificar-se por nós em nossos altares.

Em vossas offereço em particular para que seja afastado o perigo do Bolchevismo e augmentem as vocações de medicos catholicos para as missões.

Pensamento a meditar. Oh se tivessemos sempre presente o valor infinito de uma alma, quanto mais faríamos para a salvar.

Jaculatoria: Jesus, por Vós vivo, por Vós morro, a Vós pertenço e na vida e na morte. Assim seja.

INTENÇÃO GERAL PARA

JULHO DE 1931

O PERIGO BOLCHEVISTA

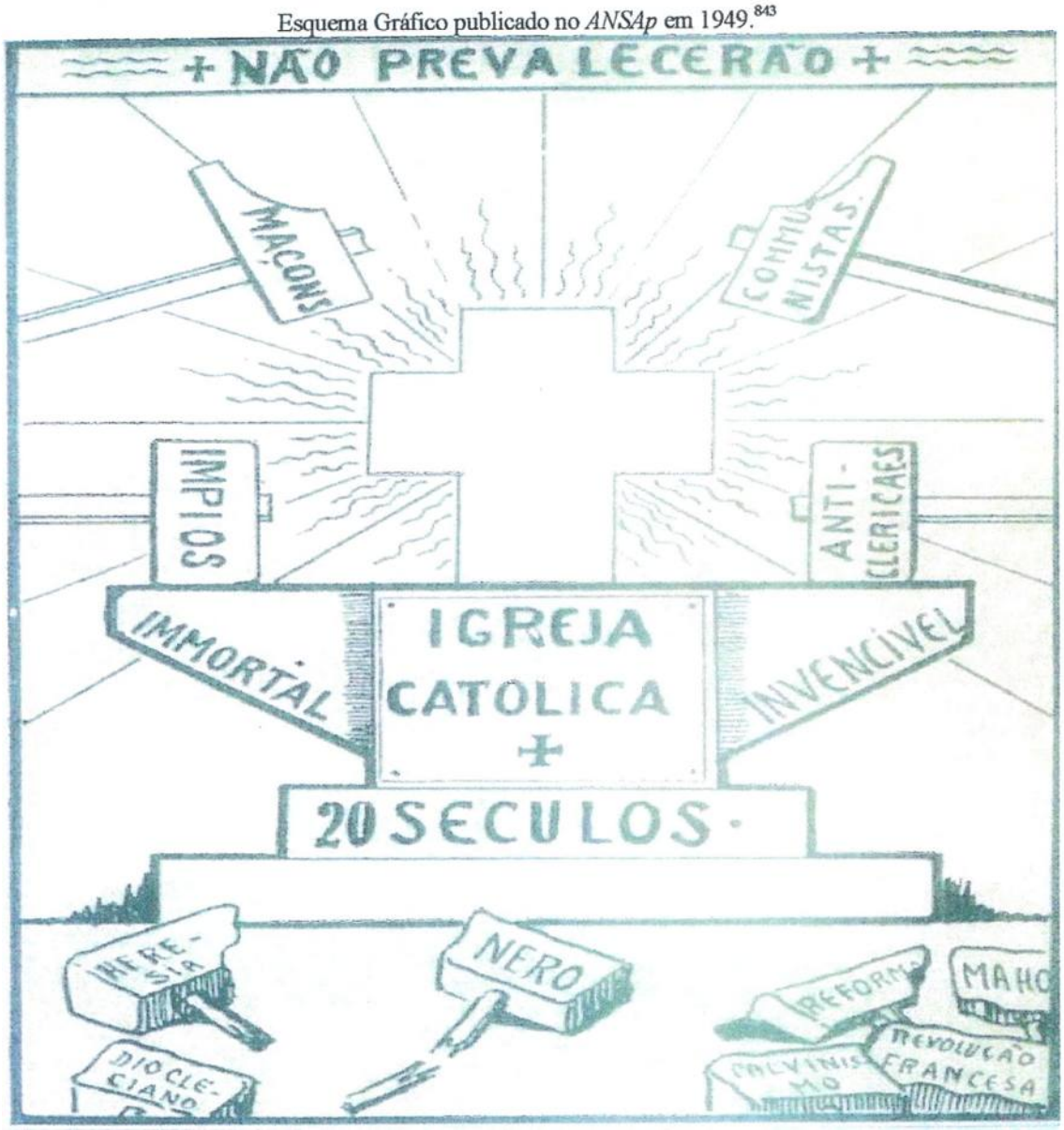
Missas ouvidas . . . Mortificações . . .
Communhões . . . Actos de caridade . . .
Visitas ao SSmo . . . Actos de zelo . . .
Terços . . . .

Em certo trecho do texto afirma-se que "para o Bolchevismo não existe Deus, nem lei alguma moral, tudo se reduz à técnica da matéria. Os indivíduos não têm direito, tudo deve obedecer unicamente aos interesses da classe proletária. Pretende acabar com a idéia Deus, pátria, família,

[841] Original in: Documentos Avulsos. ACMSP.

sociedade por meio da revolução universal socialista". Em 1951 celebrou-se em Fátima, Portugal, "uma homilia feita a 13 de Outubro, [quando se] revelou um grande segredo" uma revelação da Virgem a Pio XII, como ela o fizera as três crianças camponesas em 1917. Por ocasião do ano santo de 1950, o papa Pio XII mandava os católicos orar e se mobilizar pela "conversão da Rússia como conseqüência direta da consagração do gênero humano ao Coração Imaculado de Maria".[842]

Esquema Gráfico publicado no *ANSAp* em 1949.[843]

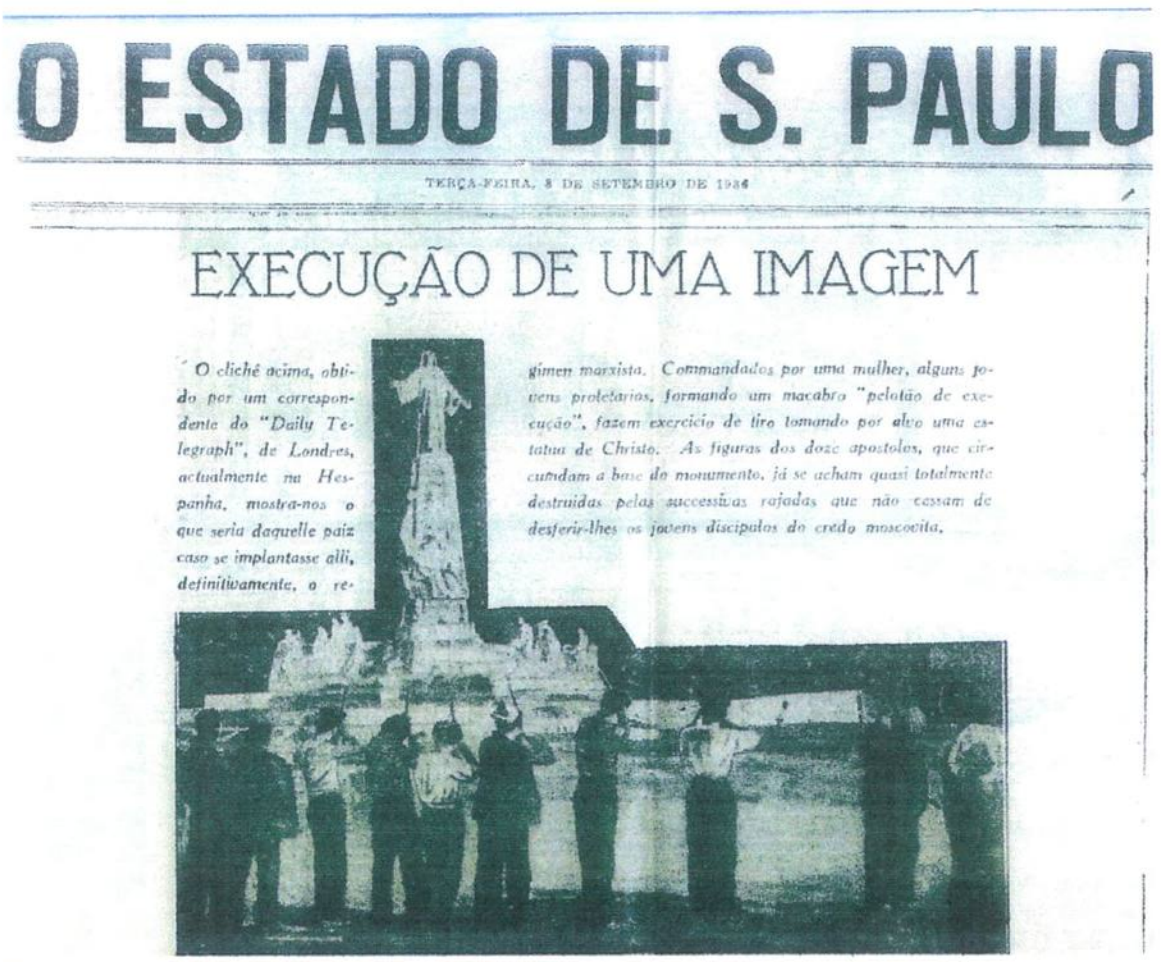


[842] *ANSAp*. Aparecida, 1953, cit. pp. 141 e 142, respectivamente. A mobilização dos católicos acontecia em várias partes do planeta. Em Melburne, Austrália, no dia 18 de novembro de 1951 formou-se "Um Rosário Vivo!" de Maria com mais de "80.000 pessoas" comandadas pelo pe. Norte-americano P. Peyton. Op. cit., 1953, p. 140.

[843] *ANSAp*. Aparecida, 1948, p. 52. Junto ao Esquema gráfico há "os retratos dos famosos ditadores vermelhos da Rússia – Stalin, Lênin, Kalinin". A mesma imagem foi reproduzida no ano 1949 acompanhada do mesmo Esquema gráfico à p. 52 do *ANSAp*.

O esquema gráfico da página anterior era constitutivo do arsenal da propaganda da Igreja católica, listou os inimigos da instituição romana desde a Igreja nascente: os imperadores romanos Diocleciano e Nero; as heresias; a Reforma Protestante; J. Calvino; a Revolução francesa; os maçons; os comunistas; os ímpios; os anticlericais. A Igreja católica se apresenta *imortal* e *invencível*: "20 séculos" de história, logo a estabilidade dos milênios a credenciava como a instituição chave do mundo ocidental.

Jornal "O Estado de S. Paulo",[844] terça-feira, 8 de setembro de 1936.



O ESTADO DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO DE 1936

EXECUÇÃO DE UMA IMAGEM

O cliché acima, obtido por um correspondente do "Daily Telegraph", de Londres, actualmente na Hespanha, mostra-nos o que seria daquelle paiz caso se implantasse alli, definitivamente, o regimen marxista. Commandados por uma mulher, alguns jovens proletarios, formando um macabro "pelotão de execução", fazem exercicio de tiro tomando por alvo uma estatua de Christo. As figuras dos doze apostolos, que circundam a base do monumento, já se acham quasi totalmente destruidas pelas successivas rajadas que não cessam de desferir-lhes os jovens discipulos do credo moscovita.

Com o título "EXECUÇÃO DE UMA IMAGEM" a foto de outra "morte" de Jesus, vinha acompanha por um texto que informava sobre o que "atualmente na Espanha, mostra-nos o que seria daquele país caso se implantasse ali, definitivamente, o regime marxista. Comandados por uma mulher, alguns jovens proletários, formando um macabro "pelotão de execução", fazem exercício de tiro tomando por alvo uma estátua de Cristo. "As figuras dos doze apóstolos, que circunda a base do monumento, já se acham quase totalmente destruídas pelas sucessivas rajadas que não cessam de desferir-lhes os jovens discípulos do credo moscovita".

---

[844] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 8 de setembro de 1936.

"O novo brasão oficial do governo soviético de Moscou" *ANSAp*, 1938.



O novo logo ou brasão do comunismo russo vinha acompanhado da legenda:

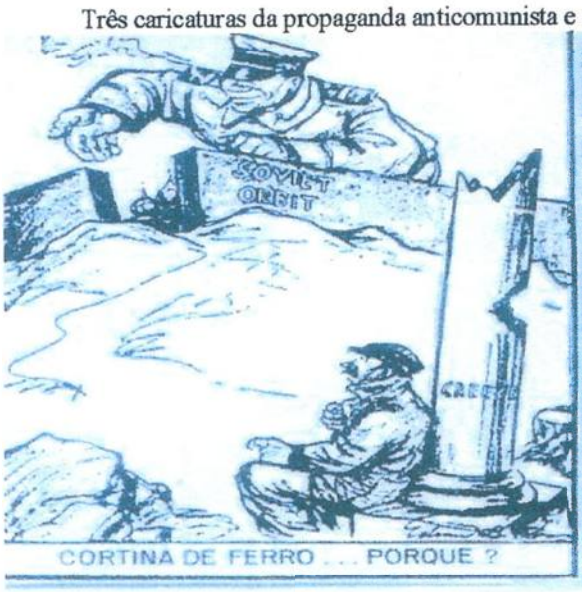
> "uma faixa enrolada em dois feixes de trigo traz em onze línguas diferentes a inscrição: "PROLETÁRIOS DE TODAS AS NAÇÕES, UNI-VOS!"".[845]

Talvez esse dilatamento da doutrina comunista em onze países em 1938 fosse a efetiva preocupação dos católicos, pois indicava a força da doutrina materialista em termos planetários.

---

[845] *ANSAp*. Aparecida, 1938, p. 155.

Três caricaturas da propaganda anticomunista e anti-soviética publicadas na *ANSAp* de 1948.[846]







As três imagens vinham acompanhadas do texto "caricaturas que com ironia dizem muito verdade" sobre a situação da Alemanha no pós-guerra com uma população de "mais de 70 milhões de almas", passando privações, sem roupas para vestir, que ficavam contentes quando conseguiam "linha para consertar e uns pedaços de pano velho". Porém, mais grave que o espectro da "fome e miséria" que os rondava, era o fantasma da "cortina de ferro" que os espreitava. Deste modo, *articulavam-se, desde caracteres atávicos* do aprisionamento – a jaula de aço –, *no plano psíquico, à privação material* que garantisse um mínimo vital. **O argumento pânico é didático: comunismo é sinônimo de erosão moral e definhamento físico. Os esquemas gráficos são pedagógicos: o comunismo sub-repticiamente infiltra-se**. A propaganda anticomunista da Igreja adoecia a alma dos católicos.

---

[846] *ANSAp*. Aparecida, 1948, p. 224.

Propaganda anti-soviética dos católicos, em tamanho de quase uma página. *ANSAp*, 1949.[847]



O cartaz graficamente consubstanciava o discurso católico sobre o Estado totalitário: à ausência de liberdade significava o esmagamento do homem pelo Estado, traduzido na mão de rapina - vimos que, sistematicamente, no *corpus* de fontes citadas, em diversas passagens, o significado para a Igreja católica do fim da propriedade privada -, cujas garras deveria causar, no plano psicológico, profundo mal estar em quem o visse, revelado nos corpos ceifados.

[847] *ANSAp*. Aparecida, 1949, p. 237.

Caricatura anti-soviética "O Brasil não tem clima para Ursos" da propaganda católica contra o comunismo. *ANSAp*. 1948.[848]



O imaginário popular liga à figura do urso ao meio geográfico por ele habitado: locais longínquos, pontos extremos do planeta, cujos rigores climáticos o faz um animal isolado, solitário. Mas, outro elemento, talvez mais potente, vê no urso a fera que age traiçoeiramente, logo bicho no qual não se deve confiar. O urso macho depende da mãe até certa idade, pois é mamífero, e também o é, simultaneamente, carnívoro. Assim, Após o desmame ele é treinado para caçar. Narra a tradição que o animal macho quando colocado em situação limite – por exemplo, falta de alimentos – mata e devora a própria cria. Nessa ordem de coisas, como adotar um doutrina – a comunista – identificada a uma fera como a que descrevemos?

Elias Canetti escreveu sobre os tipos nacionais, pelos quais vários países europeus são identificados.[849] As características que o imaginário popular atribui à fera urso, quando transferido e identificando ao comunismo provavelmente acionasse dispositivos arcaicos de medo e pânico. No conjunto de imagens analisadas nesta seção tais elementos são constitutivos.

---

[848] *ANSAp*. Aparecida, 1948, p. 225.

[849] CANETTI, E. *Massa e Poder*. São Paulo, Melhoramentos, 1983, 531p; cf. "Símbolos de massas das nações", pp. 185-220; especialmente pp. 187-197.

Encontrei, nas páginas de jornal com propaganda de filmes, um material excepcional que pode ser usado para exemplificar sobre o que afirmei acima. Em 1933 as salas de cinemas de São Paulo exibiram documentários sobre Mussolini e sobre os "15 annos de Bolchevismo". Este documentário durava "25 min. de exibição que nos transportam à Rússia de ontem e de hoje"; esta frase localiza-se na parte esquerda superior da propaganda. No canto esquerdo da propaganda há o desenho de um homem de rosto carrancudo segurando uma flâmula na qual estão impressos foice, martelo e uma estrela, símbolos que se identificavam com o comunismo. No mesmo espaço da propaganda, na parte inferior, sob um conjunto de frases do documentário sobre a Rússia, há a figura de um mostro, ente assustador. A ilustração é parte da propaganda do filme "O Passo do Monstro" protagonizado por Rex Lease e Vera Reynolds, que seria exibido logo após o documentário sobre a Rússia.

Segundo a propagando do filme produzido pela "Action Pictures" ele geraria no espectador sensações de alucinação e aguda "pressão nervosa".[850] Além de embaralhar o documentário com o filme, pois ambos ocupam o espaço contíguo na página, articulava-se à uma situação psicológica alucinógena. De fato, o comunismo enfrentava antipropaganda nas mais comezinhas das situações.

A documentário "Mussolini Fala!" apareceu novamente no *OESP* na edição do domingo, 3 de setembro de 1933.[851] Um desenho do "homem do momento universal" com o braço direito estendido e levemente erguido em direção a algum ponto não identificado no espaço - o célebre gesto fascista -, vinha acompanhado por uma série de frases: "SE AVANÇO, SIGMA-SE! SE RECUO, MATE-ME! SE CAIO, VINGUEM-SE!". A figura e a história do "Duce" se prestava a ser modelo para

> "a geração que passa, guarda, ansiosa, *o super-homem capaz de salvar o mundo*... E a Itália aponta, ao mundo e à geração que passava, "Il Duce"! Mussolini - surgindo da massa anônima do povo, filho de um humilde ferreiro de aldeia, e *convertido* no *apostolado* da *humanidade que sofria* e já desanimava!".[852]

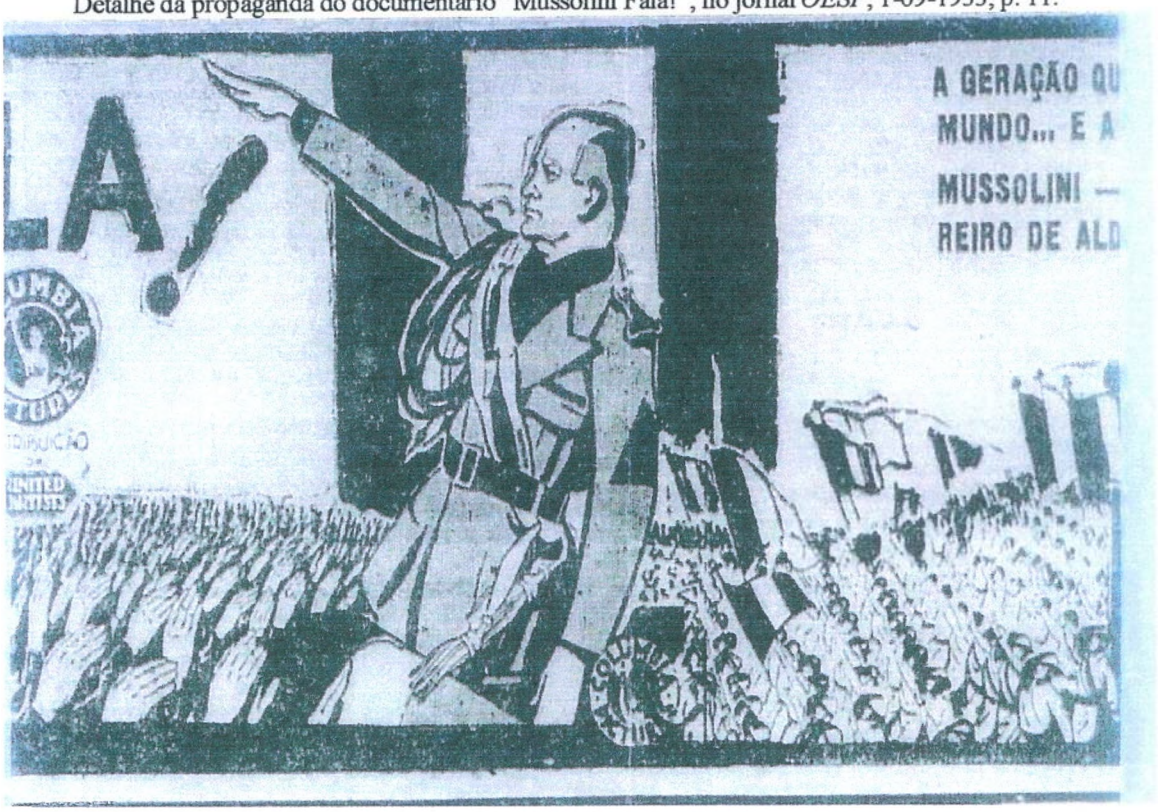
Ao contrário do comunismo e das suas lideranças que eram identificadas como materialista e delatora, a figura do líder fascista é articulada a elementos messiânicos: "*o super-homem capaz de salvar o mundo*". Ele surgia como um *convertido* que expressava um *apostolado*. Logo, uma missão e um credo. A solução fascista para as massas tinha matriz religiosa, cristã, católica em particular. Em vestes de militar, - pois **conduzir as massas era um empreendimento bélico** -, no desenho

---

[850] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 01-09-1933, p. 11. A propaganda do documentário "Mussoli Fala!" encontra-se na superior da página: "Il Duce" aparece, por ex., como "o Super-Homem ..."
[851] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 03-09-1933, p. 20.
[852] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 01-09-1933, p. 11, itálicos meus.

abaixo, o líder Mussolini executa o célebre gesto fascista. Para o papa Pio XI, após a assinatura do Tratado de Latrão em 1929, o líder fascista era "um homem enviado pela Providência".[853]

Detalhe da propaganda do documentário "Mussolini Fala!", no jornal *OESP*, 1-09-1933, p. 11.[854]



[853] PIO XI, [papa]. *Apud*. CORNWELL, J. *O Papa de Hitler. [...]*. Rio de Janeiro, Imago, 2ª ed., 2000, p. 131.

[854] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 1 de setembro de 1933, p. 11. Imagem próxima a esta, mas apenas a partir dos ombros do "Il Duce" no gesto fascista do braço direito erguido, cf. Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 3 de setembro de 1933, p. 22. As idéias fascistas circularam amplamente no país nos anos 1930. Em 1936 o professor François PERROUX, da Universidade de São Paulo, proferiu uma série de conferências na Faculdade de Direito do Largo de S. Francisco nas quais tratava do "Capitalismo e Corporativismo", e abordou "o Estado Liberal e o Corporativismo", "o Estado Proletário e Corporativismo" entre outros tópicos. Segundo o articulista do diário "... as realidades do momento a corporação é, sobretudo um instrumento de domínio e de absorção nas mãos dos Estados chamados totalitários" que era o corolário da "crise do Estado moderno e o corporativismo é necessário...". Cf. Jornal *OESP*. São Paulo, 3 de set. de 1936, pp. 9-10. Perroux afirmava que "o Corporativismo é, pois, o ideal dos que preferem governos fortes", pois "a base do Cooperativismo é a supressão das classes e, por esse meio, das próprias lutas classistas. Decorre isso do lema em que se esteia o Cooperativo: "um por todos, todos por um"", p. 10. O mesmo *OESP*. São Paulo, 22 de set. de 1936, p. 8, publicava as conclusões das conferências F. Perroux com o título "Cooperação e Capitalismo", na qual indicava as diferenças e áreas de intersecção entre corporativismo, cooperativismo e capitalismo. O corporativismo foi abordado conceitualmente por M. MANOÏLESCO um católico romeno, autor d' *O século do corporativismo*. Rio de Janeiro, L. J. Olympio Ed., 1938. O livro foi traduzido por Azevedo Amaral. Segundo A. LENHARO o economista romeno tomava "... a Igreja como protótipo da corporação ...", pois era uma "organização peculiar que engloba uma estrutura hierárquica e disciplinar específicas, no topo da qual está posta a autoridade supranacional do papa". _____. *Sacralização da Política*. Campinas, Ed. Papirus/Ed. da Unicamp, 2ª ed., 1986, 218p; cit. p. 156.
A partir de 1938 o pe. Eduardo M. LUSTOSA, S.J., publicou uma série de artigos sobre "corporativismo" no periódico católico *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1938, pp. [...], 198-209, 292-302, e 388-401.

Imagem que ilustra o texto "As propostas dos sem Deus".[855]



O texto ao lado da caricatura é o seguinte "em 1956: "agora recebo [o russo] suas ordens [da AL]... Mais tarde... você é que receberão as minhas!". O artigo aborda "a falta de palavra!" dos russos, cita "dez" tratados não cumpridos pelos comunistas soviéticos. A posição como se acha o homem que tem no braço esquerdo a foice e martelo lembra a figura de um urso semi-ereto prestes a dar um bote na América Latina.

A imagem de cunho caricatural se prestava para confirmar algo disseminado no imaginário social católico: arquetipicamente, a evocação do urso, fera de aparência simpática, mas animal cruel, pois inclusive matava, traiçoeiramente, a própria cria. O que esperar de homens identificados com tais bestas?

Os argumentos pânicos constituíam o léxico do idioma do medo, mesmo que a sua gramática fosse informada de certo humor.

---

[855] *ANSAp*. Aparecida, 1957, pp. 121-123; imagem p. 122.

Panfleto, década de 1950, da "Cruzada Brasileira Anticomunista".[856]



A mãe brasileira à mercê das ciladas dos comunistas que prometiam "emancipação" e entregavam morte. A CBA, funda em 1952, tinha o seu centro de irradiação no Rio de Janeiro, seu mentor era um militar, o alm. C. Penna Boto.[857] Um dos alvos das ações anticomunistas da ACB era a família, e visava à mulher no plano maternal e obediente ao cônjuge. Este era o modelo teológico mariano.

---

[856] Original *in* Documentos Avulsos, décadas de 1950-1960. ACMSP.

[857] MOTTA, Rodrigo P. S. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo, Perspectiva, 297p; sobre a CBA, pp. 143-148; cit. p. 143.

Imagem que acompanhava um longo "Comunismo" na *ANSAp*, 1959.[858]



Tendo essa imagem encimava o texto retirado da Ação Católica [AC], que em dez itens fazia uma avaliação avassaladora da doutrina comunista, e no qual se concluía com as palavras de Pio XI dos anos 1930 que afirmava "*o comunismo é intrinsecamente mau* e não se pode admitir em nenhum campo a colaboração com ele [...]".[859]

A imagem não se prestava apenas à ilustração do texto, ela era também um texto visualmente impactante: COMUNISMO, os dois elementos que identificavam a sua doutrina, a FOICE e o MARTELO, dos quais escorriam gotas de sangue sobre o planeta, ou dos locais onde ele se instalara, e, lembrava-se, num aviso pânico:

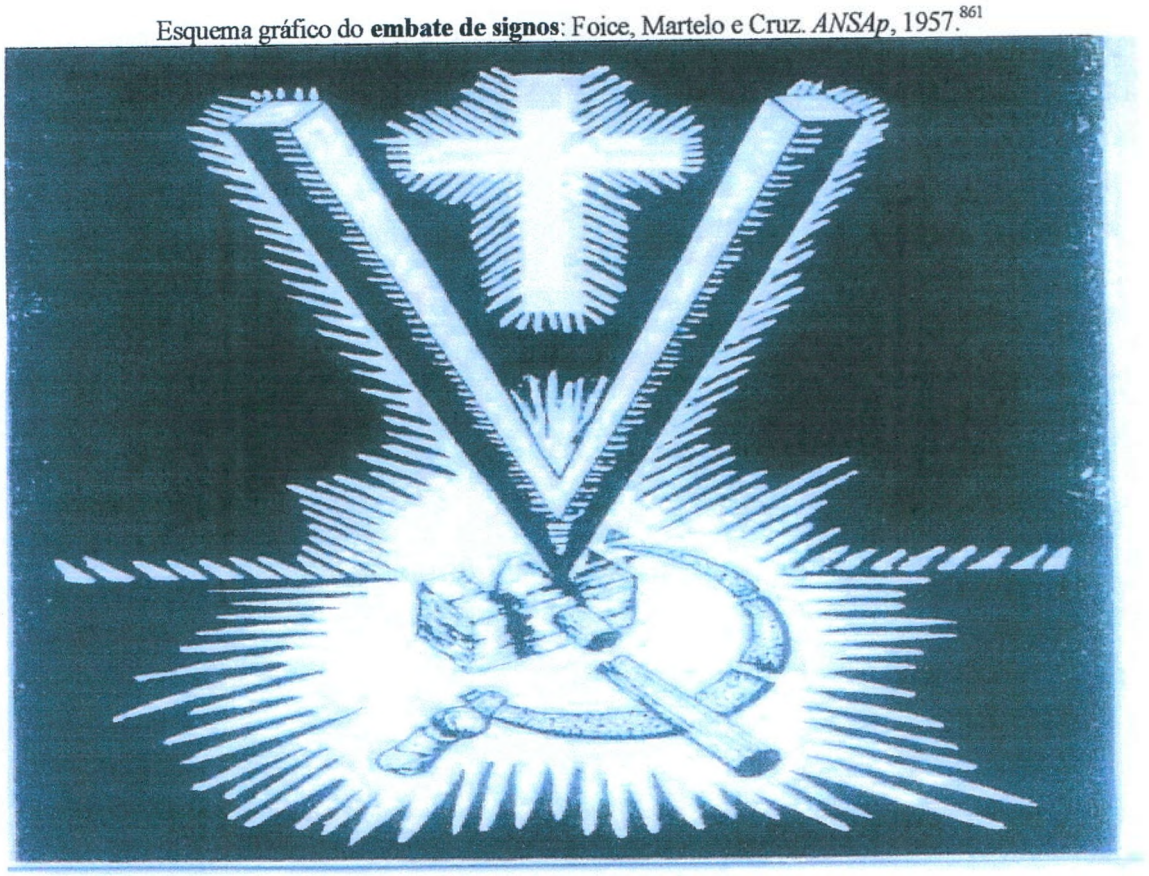
> "[...] não nos iludamos pensando que um Comunismo brasileiro seria diferente do Comunismo de qualquer outra parte do mundo. O Comunismo [...], é [...]: sem fé, sem Deus, sem humanidade, escarnecendo de Deus e dos homens".[860]

Nessa ordem de coisas, como o topo da hierarquia eclesiástica havia estabelecido: *o comunismo é intrinsecamente mal.*

---

[858] *ANSAp*. Aparecida, 1959, p. 94; texto pp. 94-95.
[859] *ANSAp*. Aparecida, 1959, p. 95, itálico meu.
[860] *ANSAp*. Aparecida, 1959, p. 95.

Esquema gráfico do **embate de signos**: Foice, Martelo e Cruz. *ANSAp*, 1957.[861]



Ladeando o Esquema gráfico à esquerda e à direita há a frase: "COM ESTE SINAL VENCERÁS". A imagem articula-se ao texto "paralelo entre o cristianismo e comunismo"[862] que na seqüência é acompanhado por outro texto em vinte e dois pontos comparando "católico ou comunista".[863]

Em todos o comunismo é *locus* da *erosão moral* e do *definhamento físico*.

Na guerra de signos, imagens, emblemas etc. foram amplamente utilizados pelos católicos por quase todo o século XX. Na década de 1960, a devoção mariana, além do seu rosário, utilizou-se, por meio da *Legião de Maria*, cujo emblema ou estandarte [*vaxillum*], em conjunto à Cruz cristã, como o signo no combate à foice e martelo. O *Vaxillum* da *Legião de Maria*[864] é um artefato composto por diversos elementos alegóricos, ele se prende a uma coluna que tem no seu centro uma imagem de Virgem, na base há um globo terrestre.

---

[861] *ANSAp*. Aparecida, 1957, p. 124. Já em 1947 o mesmo Esquema gráfico havia sido publico. *ANSAp*. Aparecida. 1947, p 253. Este Esquema Gráfico ou Emblema tornou-se o logotipo do *Boletim. Comitê Anticomunista do Brasil*. [C.A.C.B]. Jundiaí, ano 1, nº 1, jan.fev. de 1947, 4p. Trata-se da Cruzada Anticomunista de leigos católicos fundada na cidade de Jundiaí no Estado de São Paulo sob os auspícios da autoridade religiosa do Cardeal Mota.

[862] *ANSAp*. Aparecida, 1957, pp.123-124.

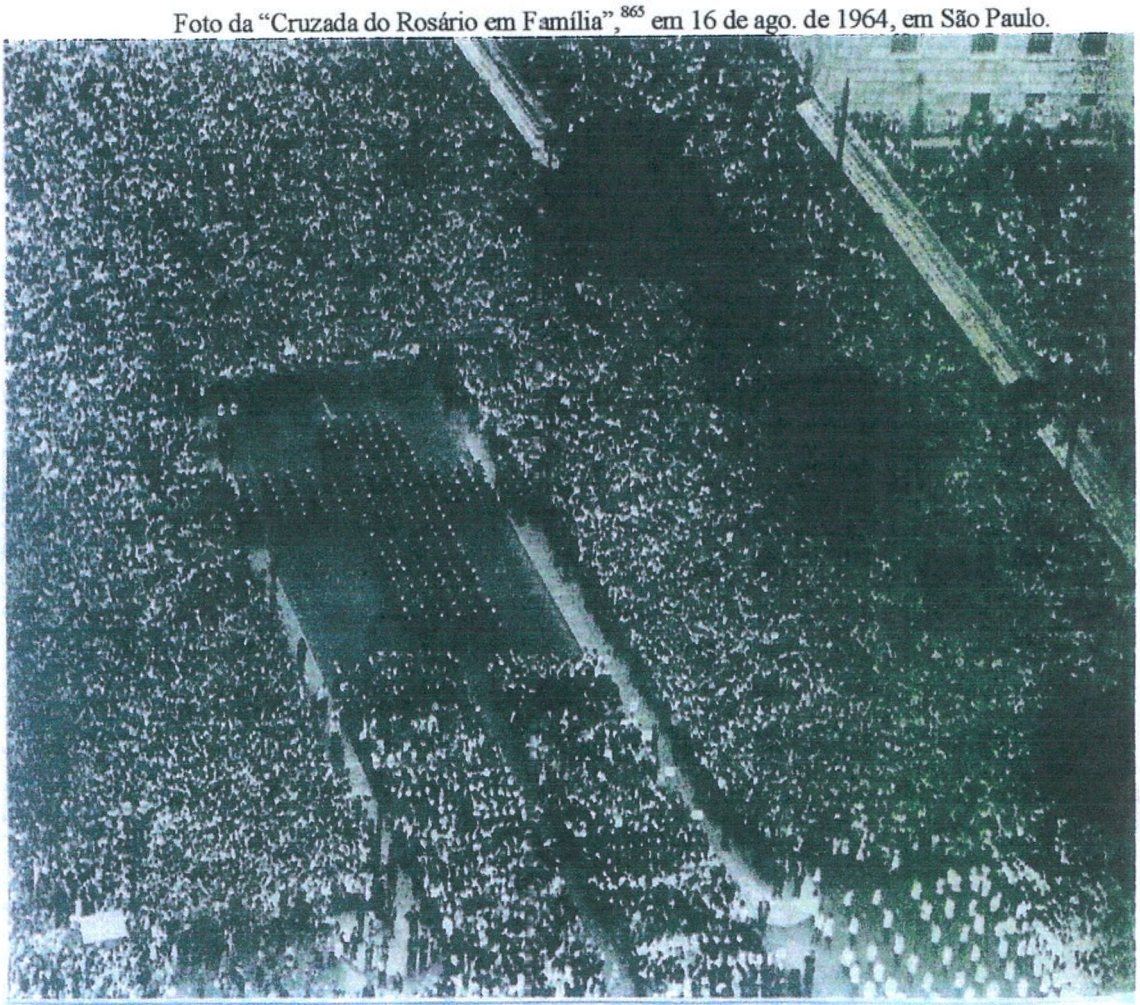
[863] *ANSAp*. Aparecida, 1957, p. 125.

[864] *ANSAp*. Aparecida, 1966, pp. 210-212, cit. p. 212.

A mensagem é didática ou pedagógica: a devoção mariana é a viga ou o esteio à estabilidade do mundo, o seu rosário o artefato a partir do qual o planeta se tornaria infeso ao *mal absoluto* do século. Às "Cruzadas do Rosário em família", principalmente o mariano, mobilizou multidões neste país.

Em 1964, no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, organizado pela hierarquia, sob a liderança do pe. Norte-americano P. Peyton reuniu-se uma massa humana estimada em "dois milhões de pessoas". A força mariana e a potência eclesiástica credenciava-se, ao apresentar às suas armas ao novos ocupantes do poder. A mobilização foi política, e era constitutiva dos mecanismos que nos lançou no que anteriormente denominamos da longa noite *orwelliana* neste país.

Foto da "Cruzada do Rosário em Família",[865] em 16 de ago. de 1964, em São Paulo.

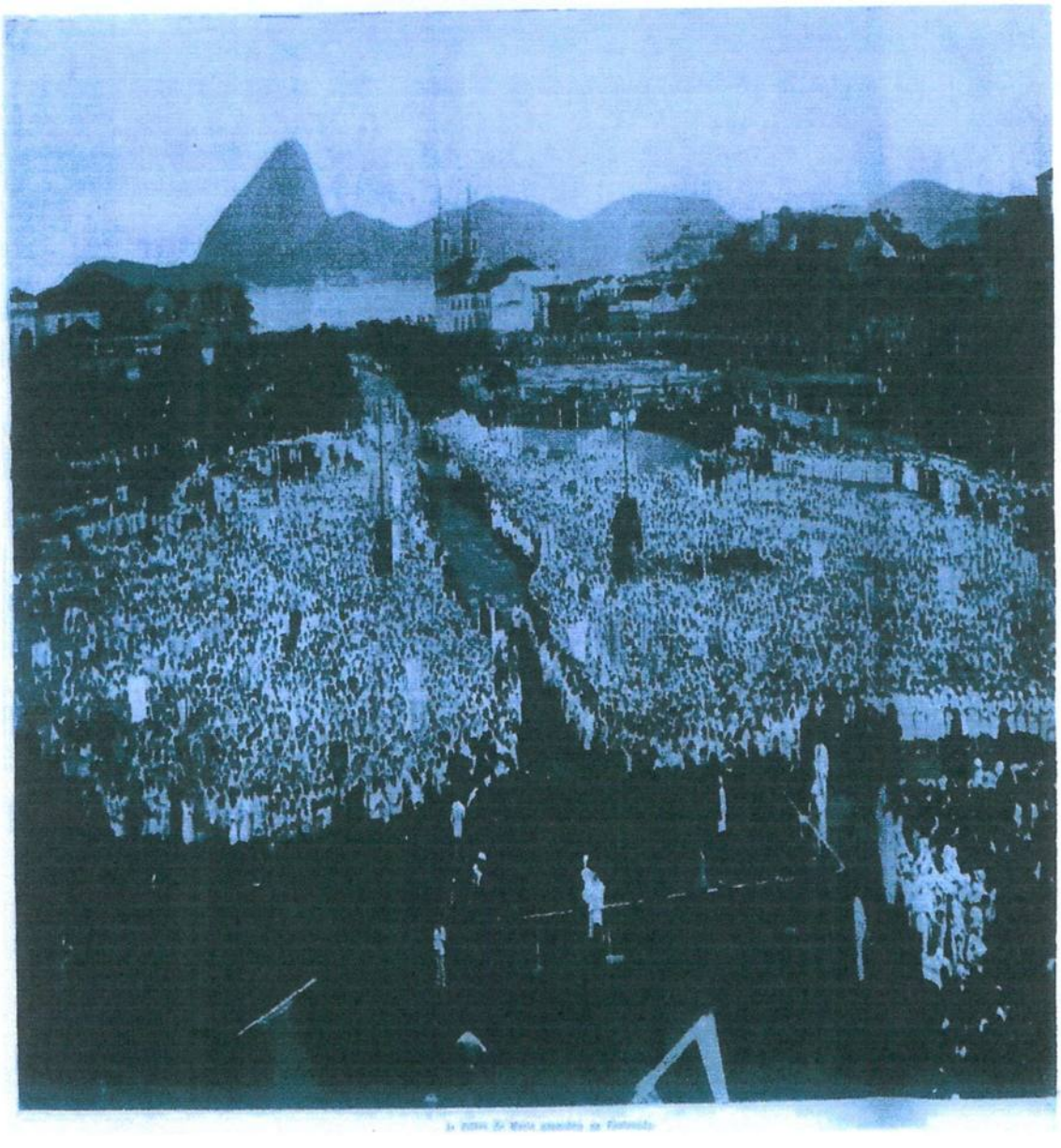


Assim como em 1931 no Rio de Janeiro, agora em 1964 em São Paulo as massas urbanas eram mobilizadas. Na base da sua adesão encontrava-se um artefato católico, mormente o mariano: o Rosário.

[865] *ANSAp*. Aparecida, 1965, p. 62.

g] *Ritual e Política.*

"As filhas de Maria aguardam na Esplanada" em 1931.[866]



Testemunhado por essa multidão, o Cardeal Leme ofereceu o Ícone de Aparecida a Vargas, ele o beijou. Interpretamos o gesto, no plano simbólico, como uma espécie de *noivado hipostático* entre o novo ocupante do poder máximo secular e a Mãe da religiosidade católica da Nação. No plano das representações, tornar-se-iam *nubentes hipostáticos* em 1939, pois a partir deste ano a hierarquia transferiu a data da Padroeira para o 7 de setembro: imbricavam-se os planos religioso e secular. Engastavam-se Igreja-Estado. O Estado-Novo se absolutizava.

[866] Imagem retirada do recorte de um jornal não identificado. In: Pastas do arcebispado de D. Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

g.1] Introdução: a definição de ritual e política, e do conceito teológico-político - na antropologia e na filosofia política.

Neste capítulo trataremos do que estamos intitulando *Ritual e Política*. Reporta-se, precipuamente, aos certames religiosos organizados pela hierarquia da Igreja católica no país, e que, de alguma maneira, a devoção à Nossa S. Aparecida era constitutiva.

Ritual. Este pendularmente oscila entre tecnicidade e encantamento.[867] Infere-se dessa conceituação de ritual *elementos de tensão* [tensionamento constituído e informado por elementos racionais e emocionais]. O que remete a noção, elaborada por Arnold von Gennep,[868] em termos morfológicos dos ritos, em conjunto com elementos de matriz weberiana, cuja abordagem de rito é investida dum caráter transcendente tanto dos atores que os produzem e os administram, quanto dos agentes que fluem dos mesmos. Para os ritos aqui abordados, aos quais aderiam grandes contingentes humanos, "multidões", para além do seu conteúdo religioso propriamente dito, com sua doutrina e predicas; os aspectos sempre vincados e ressaltados pelas fontes, é que a Igreja e os católicos em seus certames religiosos os realizavam em *ordem, disciplina e obediência*. Os Ritos, aqui analisados, se desenvolveram no espaço público.

Inicialmente, destacamos a ida, em 30-31 de maio de 1931, da Imagem de N. S. Aparecida à cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, para uma "consagração pública do seu padroado", pois no ano anterior um decreto papal a havia legitimada como Padroeira da nação. Essas saídas da "Imagem Milagrosa de Aparecida" ao espaço público iniciaram-se desde os anos 1930 [maio de 1931, RJ. Não obstante, deter-me-ei neste evento, pois ele estabelecerá um novo padrão – o da racionalidade organizatória, do planejamento, da logística – cujos fins visavam à aplicação de uma pastoral direcionada às massas], 1940 [julho de 1945, SP]; nos anos 1950 [1954, SP; 1955, RJ] até 1960 [1963, SP; e mais uma série no pós-golpe de Estado e no pós-Vaticano II, a partir de 1967. Na década de sessenta o Ícone de Aparecida deslocou-se por todo o território nacional.

---

[867] Adotamos a perspectiva do Ritual/Rito proposta por Edmund Leach que o define como movimento que se processa em sentidos opostos entre "[...] comportamento técnico-racional e o comportamento mágico [...] ou ritual". Veja-se: VALERI, V. "Rito". In: ROMANO, Ruggiero. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nacional-Casa da Moeda, Vol. 30: Religião-Rito, 1994, 487p; cit. pp. 325-359. E também: DETIENNE, Marcel. "Mito/Rito". In: ROMANO, R. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nacional-Casa da Moeda, Vol. 12: Mythos/Logos; Sagrado/Profano, 1987, 391p; pp. 58-74. CAPRETTINI, Gian Paolo. et FERRARO, Guido. "Mythos/Logos" In: ROMANO, R. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp.-Nac.-Casa da Moeda, Vol. 42: Sistemática, 2000, pp. 542-556. FABIETTI, Ugo. "Religião", "Rito"e "Sagrado/Profano". In: ROMANO, R. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp.-Nac.-Casa da Moeda, vol. 43: Sistemática, 2001, pp. 68-78, 79-89 e 90-103, respectivamente. BALANDIER, Georges. *Anthropologie Politique*. Paris, PUF, 1985, 202p. A par dessa bibliografia, as noções de rito aqui adotadas são originárias na Antropologia Histórica.

[868] GENNEP, A. Von. *Les rites de passage. Étude systématique des rites*. [1ª ed. 1909]. Paris, Mouton, reimp., 1969.

As saídas exacerbaram-se nos momentos de tensões: a hierarquia eclesiástica apropriou-se de N. S. Aparecida como núcleo e *locus* estruturante das instabilidades dos planos social e político. Abordaremos os Congressos Eucarísticos Nacionais [CENs], nos quais havia ritos específicos celebrativos e invocativos à Padroeira do Brasil. As manifestações, os discursos e os *gestos* dos participantes desses eventos, tanto os religiosos quanto os leigos, possuíam um conteúdo efetivamente político e era endereçado ao corpo social da Nação, e em particular a sua elite política. Aparecida, a Mãe simbólica do país e o seu Santuário tornariam a Nação infesa às "doutrinas dissolventes". *Política*. Esta abrange desde mecanismos que levam "à obtenção de vantagens [Hobbes]", passando por um complexo de "meios que permitam alcançar os efeitos desejados [B. Russell]", para chegarmos à fórmula: *o domínio sobre a natureza e sobre os homens*; porém o domínio sobre os homens não "é [...] um fim em si mesmo". Para Norberto Bobbio política deve ser entendida como "atividade ou *práxis* humana".[869] Nestes termos, a partir de uma prática política de *massas*, – essa palavra[870] era evitada pela hierarquia, ela preferia o termo *multidão* – a Igreja Católica no Brasil visava obter vantagens junto ao poder secular instituído, os eventos religiosos desenvolvidos em espaços públicos foram os meios para atingir os efeitos almejados. Neste sentido, a devoção a N. S. Aparecida foi instrumentalizada. A dominação sobre os homens, em termos teológicos, opera-se entre *pastor e rebanho*. Foucault afirma: "o pastor exerce o poder sobre um rebanho, não sobre uma terra. [...], o pastor reúne, guia e conduz seu rebanho".[871] Essas imagens são copiosamente apropriadas pela jerarquia religiosa. Porém, **elas não se restringem ao campo do sagrado**: são apropriadas pelos campos social e político. Logo, **são constitutivas dos mecanismos de dominação social**. Deste modo, a Igreja atua em termos teológico-políticos.

---

[869] Bobbio aponta a dificuldade de encontrarmos uma expressão sintética que remeta ao conceito de política, dada à plasticidade e abrangência que o informa: "política significa tudo o que se refere à cidade [a *Pólis*] [...], o que é urbano, civil, público, e até o que é mesmo social e sociável". Alerta que política "está estritamente ligada ao [conceito] de poder". De um decorre o outro. BOBBIO, N. "Política". In: BOBBIO, Norberto *et alii*. [Dir]. *Dicionário de Política*. Brasília, Ed. da UnB, 1986, 1328 p; cit. pp. 954-962. Para uma crítica ao projeto de Bobbio no concernente ao seu liberalismo, veja-se o ensaio esclarecedor: ANDERSON, Perry. "As Afinidades de Norberto Bobbio". [Publicado originalmente na *New Left Review*, nº 170, July/aug., 1988]. In: *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, nº 24, jul/1989, pp. 14-41.

[870] O termo *massas* se tornou um conceito sociológico, originado num campo não controlado pela Igreja, talvez esse fosse um dos motivos pelo qual a hierarquia não o utilizasse, preferindo *multidão*. Porém, o laicado se apropriava do mesmo em profusão, como no "... programa de 1933 da L. C. C. [Liga Eleitoral Católica]", documento fundamental na mobilização dos católicos em 1933 que fora assinado por: Pandiá Calógeras, Presidente; Alceu Amoroso Lima, Secretário Geral; Candido Mendes de Almeida, Hannibal Porto, Jonathas Serrano, Cecília Rangel Pedrosa. E também em "Sugestões para o programa de um partido político" que é o programa do "Partido Democrático Cristão", liderado por Alceu Amoroso Lima. In: *A Ordem*. Rio de Janeiro, 1945, pp. 84-104 e 105-120, respectivamente. Em termos políticos, os católicos tinham claro que as suas ações se direcionavam as massas.

[871] FOUCAULT, Michel. "*Omnes et Singulatim*: por uma Crítica da "Razão Política"" [Conferência proferida na Universidade de Stanford, out./1979]. In: *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, Nº 26, Mar./1990, pp. 77-99; cit. p. 80. E_____. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo, M. Fontes, 1999, 382p.

O conceito teológico-político tem sido alvo de uma série de autores.[872] Aqui operaremos, entre outras, com as formulações propostas por Claude Lefort, que após longo inventário da questão, indica que na modernidade, segundo a formulação de Hegel,[873] "[...] a religião permanece, [...] a base da moralidade social e do Estado". Deste modo, o cristianismo, na experiência Ocidental, condensa pontos fulcrais em dois aspectos: um é aquele no qual:

> "[...] O cristianismo subtrai o homem das necessidades, libera-o da imagem de sua finitude temporal, inspira-lhe o senso de comunidade, de fraternidade, de obediência a um princípio moral incondicionado, ensina-lhe o valor do sacrifício e que, na falta de crença cristã, não teria mais lugar para uma ética em proveito do Estado e do patriotismo – isto, em uma sociedade que tem base nas liberdades individuais".[874]

O outro é que, "[...] o cristianismo implica, em [...] princípio mesmo, uma depreciação dos valores mundanos e que o sentimento religioso doravante se refaz em ruptura com ele, investe-se no amor da nação e da humanidade".[875]

O autor constata que nos regimes políticos os ocupantes do poder não podem prescindir dessa realidade. Trata-se, esse *não prescindir*, no nosso entender, do *ethos*: experiência cultural como expressão do social com as suas regularizações não escritas, mas inscritas nas práticas humanas. Ora,

> "[...]. Toda e qualquer sociedade é estruturada por um sistema de regularizações que toma muitas formas. [...] as regulações sociais tomam, esquematicamente, quatro formas; as três primeiras são a regra *jurídica* [...], a "*lei*" moral, *ideal herdado do grupo, interiorizada mas também interpretada pelo indivíduo, e* ***as normas formuladas pela religião;*** *é o único* [o *ethos*] *que não tem sanções formalizadas: modelo, em princípio, facultativo mas que, contudo, é de todos o mais exigente e o mais bem obedecido; a pressão social é, com efeito, tão forte que ninguém pode subtrair-se ao* ethos,

---

[872] Há uma espessa bibliografia do conceito *teológico-político*. Os aportes conceituais adotados ao longo da pesquisa são oriundos de autores como: LEFORT, Claude. "Permanência do Teológico-Político?". In: _____. *Pensando o Político*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991, 331p; pp. 249-295. "Nação e soberania". _____. In: NOVAES, A. [Org]. *A Crise do Estado-Nação*. Rio de Janeiro, Ed. Civ. Brasileira, 2003, 544p; pp. 57-78. _____. "A Revolução como nova Religião" e "Dialogando com Pierre Clastres". In: _____. *Desafios da Escrita Política*. São Paulo, Discurso Editorial, 1999, 382p; pp. 245-257 e 299-331, respectivamente. _____. *As formas da História*. São Paulo, Brasiliense, 2ª ed., 1990, 345p. _____. *A Invenção Democrática*. São Paulo, Brasiliense, 2ª ed., 1987, 247p. KANTOROWICZ, Ernst H. *The King's Two Bodies*. Princeton University Press, 1957, 547p. BLOCH, Marc. *Les rois thaumaturges*. Paris, Éditiones Gallimard, 1983, 433p. SILVA, Roberto R. da. *Brasil: Igreja Contra Estado*. São Paulo, Kairós, 1979, 270p.

[873] HEGEL, G. W. F. In: LASCON, George. [Ed]. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion. Halbband I: Bagriff der Religion*. Hamburgo, Ed. F. Meiner, 1966. [*El Concepto del Religion*]. México, Fondo de Cultura Económica, 1981, 355p. De fato, são muitos os planos abordados pelo filósofo no concernente à religião. Ao escrever sobre o "culto popular", Hegel parte da experiência grega, em autores como Heródoto, Homero, Hesíodo, afirma que desde a infância a criança grega tomava parte nos cultos, aos quais iam devidamente asseados e corretamente vestidos; assim infere-se a gravidade ritualística em relação ao sagrado; elas, as crianças, participavam "en las funciones [...] del culto", cit. pp. 299-300 da trad. da FCE.

[874] LEFORT, Claude. "Permanência do Teológico-Político?". In: _____. *Pensando o Político*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991, 331p; pp. 249-295; cit. p. 267. Para cit. anterior, pp. 267-268.

[875] LEFORT, C. Op. cit., 1991, p. 267

simultaneamente convenções e conveniências cujo respeito condiciona a inserção do indivíduo no grupo".[876]

Claude Lefort indica o estágio histórico no qual a questão teológico-político havia atingido, que é o da contaminação, de "quiasmas [...] – não entre o teológico e o político [...] – [mas] *entre o teológico já politizado e o político já teologizado*".[877]

Ipso facto dessa realidade histórica: sacralização da política; secularização do religioso.

A par dessa constatação, como apontou Jürgen Habermas "o conceito de profano de tempos modernos expressa a convicção de que o futuro já começou", a partir do "*mostrum aevum* [nosso tempo]" no "Ocidente cristão"[878] o que implica no imbricamento das esferas seculares e religiosas, agindo sobre o aqui e agora.

A questão do *teológico-político* foi colocada por uma comentarista brasileira de Espinosa nos seguintes termos: "a teologia nada tem a ver com o conhecimento e o saber e sim com a política; é a forma privilegiada de suscitar o desejo de obediência, graças ao medo e à ignorância da massa e ao aparato do mistério e grandeza com que cerca o poder".[879] A nossa compreensão da questão do *teológico-político* aceita essas diretrizes apontadas por Marilena Chauí.

As manifestações de massas abordadas neste capítulo da pesquisa é constitutiva do que anteriormente intitulamos de *Organização Racional de Expectativas Messiânicas*, e será constitutiva de todos os certamos religiosos aqui abordados: desde a ida da Imagem de Aparecida em 1931 à capital da República; os Congressos Eucarísticos Nacionais [CENs] – nos anos de 1933, 1936, 1939, 1942, 1948: nestes eventos havia um dia específico com uma série de ritos e cerimônias dedicadas à Padroeira da Nação; novamente a saída da Imagem da Padroeira, agora para a capital paulista em 1945; em 1954 retorna à capital paulista; à capital da República pela segunda vez demandará o Ícone da Padroeira em 1955; irá à Brasília para a sua inauguração em 1960; na década de 1960, a partir de 1967 – ano no qual se comemorou os duzentos e cinqüenta [250] anos do encontro da imagem, ela se deslocará por todo o território nacional.

---

[876] POIRIER, Jean. "Introdução". In: _____. [Dir]. *Histoire des Moeurs*. Paris, Éditions Gallimard, 1990. A editora Gallimard publicou a obra em três tomos. A edição portuguesa: Lisboa, Estampa, 1998, 10 vols., cit., vol. I: *O tempo, O Espaço e Os Ritmos*, p. 12, ed. portuguesa; itálicos no original; negritos meus.
[877] LEFORT, Claude. Op. cit., 1991, p. 289, itálicos meus.
[878] HABERMAS, J. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. São Paulo, M. Fontes, 2ª ed., 2002, 540p; cit. pp. 9, 10 e 9 respectivamente.
[879] CHAUÍ, M. *Política em Espinosa*. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, 338p; cit. p. 74.

g.2] O Documento, de abril de 1931, a partir do qual se instaurou a política de massas no campo católico: a ida do Ícone de N. S. Aparecida à capital da República em 31 de Maio de 1931. A astúcia eclesiástica instrumentaliza o Padroado de Aparecida: potência devocional mariana e capital político da hierarquia. Arregimentar, racionalmente com elementos emotivos, *um milhão de pessoas* para celebrar a sua Padroeira e Mãe simbólica: N. S. Aparecida.

A série de fontes que apresento abaixo é inédita. Trata-se de um conjunto de documentos nunca perscrutado quer por investigadores acadêmicos que se debruçaram sobre Aparecida ou abordaram os padres Redentoristas que administram o Santuário Nacional da Padroeira; ou autores de textos narrativos de cunho memorialístico ou hagiológico. Mesmo quem escreveu sobre "O Padroado Nacional"[880] de N. S. Aparecida também não citou esse *corpus* documental. Começo esse percurso pelo documento que julgo ser o mais conspícuo de todos, pois ele inaugura uma nova prática devocional no país ao instaurar mecanismos de uma política de massas no campo[881] religioso.

O seu autor é o "arcebispo **D. Sebastião Leme da Silveira Cintra** escolhido" como "o 2º [...] cardeal Brasileiro e Sul Americano!".[882]

D. Leme escreveu ao arcebispo de São Paulo em abril de 1931: "Há dias que me atormenta a cabeça uma idéia. Para mim, vem do Céu. Não sei si V. Excia. assim pensará. Em toda o caso, aqui

---

[880] SANTO ROSÁRIO, Ir. Maria Regina do, [o.c.d]. *O Cardeal Leme [1882-1942]*. Rio de Janeiro, J. Olympio Ed., 1962; especialmente pp. 227-243, onde a biografa do cardeal aborda a ida da Imagem de Aparecida ao Rio de Janeiro em 31 de Maio de 1931.
No trabalho de uma pesquisadora carioca há um cap. cujo título é "Recrutando atores e preparando figurinos: a organização das "Semanas da Padroeira" e outro "Encenação barroca em tempos modernos", nos quais ela não trabalhou com as fontes aqui apresentadas por mim, principalmente as cartas entre o Cardeal Leme e o arcebispo D. Duarte. Cf. SOUZA, Juliana B. A. de. *A identidade posta no altar. Devoção a N. S. da Conceição Aparecida e questão nacional*. Niterói, Depto. de História, UFF, [Dissertação de mestrado], 1996, 250p; especialmente pp. 201-243.

[881] Não vou me reter no concernente à elaboração conceitual de *campo*, conforme as formulações sociológicas de Pierre Bourdieu. Aqui apenas indico, sinteticamente, trata-se do "espaço estruturado de posições ou de postos onde as propriedades dependem de sua posição dentro destes espaços e que podem ser analisados independentemente das características de seus ocupantes". O autor articula *campo* à noção ou conceito de *habitus*, a partir da sua matriz escolástica: *habitus* é um "sistema de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas, isto é, a funcionar como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor que se tenham em mira conscientemente estes fins e o controle das operações necessárias para obtê-los [...]". Os dois trechos foram retirados de: BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983, pp. 89 e 88, respectivamente.
Há trabalhos de historiadores que se apropriaram do conceito de campo a partir de Bourdieu, nos quais se abordam questões atinentes aos católicos, quer no plano ideológico: Cf. BEIRED, José L. B. *Sob o Signo da Nova Ordem. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. [1914-1945]*. São Paulo, Edições Loyola, 1999, 295p; especialmente pp. 31-43 [para questão do *campo*]; e pp. 66-68, 82-86, 97-101, 103-120, 30-138, 145-156, 157-165, 170-173, 180-194, 195-214, 226-232, 233-245-250, 253-262-266 e 268-283 [tratam dos católicos em múltiplos planos, mas é o político que enfeixa os demais, principalmente a vertente autoritária]; quer em suas organizações políticas: Cf. BUSETTO, Áureo. *A democracia cristã no Brasil. Princípios e Prática*. São Paulo, Ed. Unesp, 2002, 308p.

[882] In: *Boletim da Devoção de São José. Órgão das Boas Obras em Favor dos Pobres*. São Paulo, ano XXI, nºs 3 e 4, 19-05 a 19-06 de 1930, cit. p. 115, negritos no original.

o exponho. V. Excia. é o único juiz completo. Decidirá, como lhe parecer. E eu não ficarei zangado. Além de todos os motivos de fé e de gratidão. O patriotismo exige de nós, ao menos **aqui no Rio, uma grande afirmação de fé**".[883] Em outro trecho do documento o cardeal informava ao metropolitano de São Paulo sobre o seu plano:

> "Vou realizar, pois, a Semana da Padroeira do Brasil. Está **tudo organizado e minuciosamente preparado por mim mesmo**. Em reuniões sucessivas, já arregimentei os elementos todos. N. S. Aparecida terá a mais forte e expressiva consagração. **O seu nome bem dito empolgará a cidade**. Ninguém lhe escapará à manifestação. **Durante 15 dias, o Rio viverá para N.S[a] Aparecida**. Começaremos a 17 de maio. Em todas as paróquias, igrejas, e comunidades, terão início as "semanas locais"".[884]

Dom Leme detalhou, racionalmente, a D. Duarte a sua estratégia: "**Atos para as almas**, para os mais devotos, para os intelectuais etc. **Doutrinações populares**, infantis, elevados... Orais e impressas. Cerimônias culturais, procissões regionais etc. As "semanas locais" prepararão a final, que principiará a 24, à noite. Essa terá cunho oficial. *Toda a cidade tomará parte*, ris unum".[885] Deste modo, segundo o cardeal

> "Depois de 15 dias de **doutrinação**, **arregimentação e propaganda**, virá o fato culminante: – a 31, a procissão triunfal de N. S. Aparecida. Cinqüenta mil [50.000] moças vestidas de branco, 50 mil [50.000] senhoras de vestido escuro e mantilha preta, 50 mil [50.000] homens em traje escuro, 50 mil [50.000] moços com roupa clara... E o povo! Asseguro a V. Excia. que a Padroeira do Brasil vai ter uma aclamação formidável. Fins sobrenaturais: – óbvios. Fins patrióticos: – o momento trágico que atravessamos. Que melhor oportunidade para um apelo ao Céu?".[886]

Nessa ordem de coisas, o Cardeal almejava um evento constituído por imagens impactantes a partir de uma matriz de contrastes, o que vale ressaltar: por se tratar de um evento destinado à multidão de devotos, o acontecimento visualmente seria operado pelo mecanismo de oposição homóloga: duzentas [200.000] mil pessoas desfilando de forma organizada e ordeira, compostas por jovens *x* adultos, homens *x* mulheres; vestidos com cores claras *x* escuras [branco *x* preto], produziriam efeitos jamais vistos no espaço público deste país. [Os eventos de massas se caracterizam pelo contraste, o volume, o número: como veremos à frente o número que D. Leme estimou desses *corpos estáveis* de membros católicos somavam em seiscentos mil [600.000] a

---

[883] LEME, Sebastião [D]. Carta manuscrita, 7fs., enviada a Dom Duarte Leopoldo e Silva, o arcebispo de São Paulo, datada de "Rio, 24-IV-1931", assinada por "Sebastião, cardeal". Negritos meus. Outras referências a esse documento dar-se-á com a sigla: LEME, S. Carta manuscrita, Rio 24-IV-1931, 7fs. In: Pastas de Documentos Avulsos. Translado da Imagem de N. S. Aparecida. ACMSP. [Nas Pastas do Translado da Imagem há uma densa massa documental, desde fontes manuscritos até às impressas, tais como: circulares, imagens gráficas, "santinhos", recortes de jornais etc.].

[884] LEME, S. Carta manuscrita, Rio 24-IV-1931, 7fs., sublinhado no original; negritos meus. In: Pastas de Documentos Avulsos. Translado da Imagem de N. S. Aparecida. ACMSP.

[885] LEME, S. Carta manuscrita, Rio 24-IV-1931, 7fs., sublinhado no original. In: Pastas de Documentos Avulsos. Translado da Imagem de N. S. Aparecida. ACMSP.

[886] LEME, S. Carta manuscrita, Rio 24-IV-1931, 7fs. Negritos meus. In: Pastas de Documentos Avulsos. Translado da Imagem de N. S. Aparecida. ACMSP.

quantidade de participantes. As massas identificam-se por imagens. Estas não são produzidas no calor da hora – tratava-se, antes de tudo, de um processo racionalmente construído –, mas se remetem a elementos socialmente já internalizados. Aqui se explica o sucesso da adesão massiva aos ritos e cerimonias transcorridas na capital da República de 31 de Maio de 1931: a partir da devoção mariana respeitada secularmente na Nação, e em particular N. S. Aparecida. Ao instrumentalizar o Padroado de Aparecida o Cardeal Leme revelava-se um atilado estrategista e excepcional manipulador das massas].

Afirmava o religioso: "fins próximos, reservadamente, visados: a] **impormo-nos à gente nova**; b] uma [palavra ilegível no original] **em regra no comunismo**. **Com efeito, valerá mais que centenas de pastorais** e protestos. [...]".[887] Em seguida esmiuçava o seu plano "[...]. Agora a idéia. A pena treme O coração palpita. A confiança espera... É que, pelas mãos de seu anjo tutelar – o arcebispo de S. Paulo – **a própria Imagem de Aparecida venha receber a aclamação de toda a Capital da República**. Um só dia seria o bastante. E **teremos registrado o maior acontecimento religioso da história do Brasil**".[888] Noutro trecho do documento D. Leme apresentava a D. Duarte alternativas para viabilizar o plano da ida da Imagem de Aparecida à capital da República:

> "Ai tem V. Excia. a idéia. Se aceitá-la, entraremos em pormenores. Em trem especial, v.g., iria, 30, a Aparecida uma comissão de elite. Pelo noturno especial de sábado sairá daí. Um carro seria transformado em capela. Domingo de manhã estaria aqui. Grande recepção. À tarde a procissão oficial. Em seguida, acompanhamento à estação. Esse, um plano. Outro: viria de dia, com parada nas cidades para manifestações. Terceiro: de auto, em singular procissão, que, de cidade em cidade etc. o povo de Aparecida levaria até Guará, o de Guará até Lorena, etc. quando, na serra iria o cortejo do Rio, talvez, uns mil automóveis etc. Seriam cousas para [combinarmos], para não tirar de sua colina [por] muitos dias a Imagem. Preferia o primeiro plano: com o seguinte acréscimo: Domingo à noite, a Rainha seguiria para S. Paulo, onde se faria a aclamações".[889]

O arcebispo de São Paulo a quem recaía a responsabilidade sobre o Santuário e a Imagem de Aparecida foi exortado pelo Cardeal a aderir ao seu plano, e, ao concluí-lo, não obstante toda a série de argumentos respeitosos de "gratidão" a D. Duarte ou mesmo se ele apresentasse "planos diversos", D. Leme indicava que só aceitaria uma solução: a ida do Ícone até o Rio

> "Não lhe parece, sr. Arcebispo, que sobrenaturalmente e humanamente, daríamos um golpe decisivo! Para grandes momentos, só as resoluções capazes de agir como remédios maiores! Ora, **o momento está exigindo** uma cousa assim. **Coragem**, pois! Aguardando resposta urgente. **Convém segredo**. De contrário, sugeriam impasses. Só depois de tudo firme, publicaremos. Fui procurar precedentes. Encontrei um idêntico: a Padroeira da Bélgica. Outro: o braço de S. F. Xavier. Dirá V. Excia.: porque

---

[887] LEME, S. Carta manuscrita, Rio 24-IV-1931, 7fs. Negritos meus. Ele concluía o parágrafo com estas palavras: "V. Excia, portanto, está intimado a comparecer, pelo menos, nos últimos três dias. E deverá falar, na última sessão, 30, si não preferir falar na missa solene de encerramento, 30 catedral". In: Pastas de Documentos Avulsos. Translado da Imagem de N. S. Aparecida. ACMSP.

[888] LEME, S. Carta manuscrita, Rio 24-IV-1931, 7fs. Negritos meus. In: Pastas de Documentos Avulsos. Translado da Imagem de N. S. Aparecida. ACMSP.

[889] LEME, S. Carta manuscrita, Rio 24-IV-1931, 7fs. Sublinhado no original. In: Pastas de Documentos Avulsos. Translado da Imagem de N. S. Aparecida. ACMSP.

não vir, antes, a S. Paulo? Respondo: **Rio é a capital e, pelo gênio do povo, pelo governo, imprensa etc., terá maior repercussão** e preparará o triunfo das festas em S. Paulo. De acordo? Mande sua resposta pelo telegráfico. Não? Respeitarei planos diversos".[890]

Essa fonte deixa claro que o plano para o deslocamento da Imagem de Aparecida para celebrar o Padroado do ano anterior, tinha menos objetivos religiosos, e era mais uma demonstração de força que visava fins políticos. O cardeal que já havia se movimentado em conjunto com o Núncio, como apontamos anteriormente, no sentido do estabelecimento de uma Concordata com o Estado brasileiro, é absolutamente transparente com D. Duarte quando diz que evento serviria para "impormo-nos à gente nova" que ocupava o poder, logo instrumentalizava o Padroado em termos político. Conforme se infere em dado trecho do documento, tratar-se-ia de um certame dirigido às massas, pois "[...] teremos registrado o maior acontecimento religioso da história do Brasil", cujo significado e a repercussão dessa multidão no espaço público, é que "Rio é a capital e, pelo gênio do povo, pelo governo, imprensa etc., terá maior repercussão", de tal modo, pois "com efeito, valerá mais que centenas de pastorais e protestos. [...]", cujo alvo era combater[891] o "comunismo". Logo, o deslocamento do Ícone da Padroeira até a capital da República, exigiria o empenho do cardeal, em cuja figura estava centralizada a autoridade da Igreja no país, de modo a dar-lhe unidade de ação. Conforme o religioso deixa consignado, ele mesmo iria organizar detalhadamente o evento, assim após "[...] 15 dias de doutrinação, arregimentação e propaganda [...]" e de "Doutrinações populares" lograr-se-ia que "toda a cidade tomará parte, *ris unum*": a astúcia eclesiástica lançava mão da racionalidade revelada na organização, planejamento e detalhamento logístico do evento, mas para tanto demandava e fazia uso de elementos de conteúdo místicos e emocionais a partir da devoção mariana de Aparecida.

Há, no plano de D. Leme, a conjugação do cálculo político racionalmente elaborado e elementos de conteúdo emocional e místico, cujo fito era arregimentar multidões humanas. A tática do cardeal timbrava uma nova política da Igreja no país, e ela não almejava o plano transcendeste, mas o imanente: o sagrado se secularizava e divinizava-se o secular.

Dessa realidade, que se traduzia no imbricamento e contaminação de esperas, estabeleceu-se um novo paradigma das práticas políticas voltadas aos grandes contingentes humanos. Para se agir sobre as massas era necessário sacralizar o imanente e seus gestores. Mas para tento demandava-se empenho e ações dos seus agentes.

---

[890] LEME, S. Carta manuscrita, Rio 24-IV-1931, 7fs. Sublinhado no original; negritos meus. In: Pastas de Documentos Avulsos. Translado da Imagem de N. S. Aparecida. ACMSP.

[891] SANTO ROSÁRIO, Ir. Maria Regina do, [o.c.d]. *O Cardeal Leme [1882-1942]*. Rio de Janeiro, J. Olympio Ed., 1962; ela, que foi ex-secretária de D. Leme, faz referência "**a fisionomia da República Nova** – como se intitulava o regime instaurada pela Revolução – **mantinha-se enigmática, numa época em que a idéia comunista fermentava nos países da América**", p. 227, negrito meu.

g.3] As Negociações para a ida do Ícone de Aparecida para o centro do poder político em Maio de 1931. O "VOTO NACIONAL DO POVO" à Padroeira, de D. Leme: "queremos uma era de ordem, trabalho, paz e tranqüilidade para a família brasileira" cujo antípoda era o "*facho vermelho do ódio*" comunista.

À solicitação do cardeal, presente na fonte acima, o arcebispo de São Paulo respondeu-lhe em carta datada de "26 de abril de 1931". No rascunho da sua primeira resposta, Dom Duarte argumentava que a ida da Imagem de Aparecida até a capital da República seria uma manifestação "de Fé e de Patriotismo", mas argumentava "[...], entretanto, que não devo dar resolução definitiva, sem audiência do Cabido. Vou reuni-lo e consultá-lo, reservadamente, por estes dias, e do que ficar assentado darei parte a V. Emcia. Não creio que haja oposição; mas é prudente [...] a responsabilidade. [...] e merecimento".[892]

Em 8 de maio de 1931, sob a autoridade do arcebispo o Cabido Metropolitano de São Paulo se reuniu em "Sessão Extraordinária" para deliberar sobre a ida da Imagem até a cidade do Rio de Janeiro, pois de acorde com os argumentos apresentados e

> "Após as orações de estilo, o Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano expõe os fins da presente reunião a saber: *O Emmo. Sr. Cardeal Leme deseja, em 30 deste, promover excepcionais manifestações a N. S. Aparecida, proclamada Padroeira do Brasil. Para isso solicitou* S. Eminência ao Exmo. Snr. Arcebispo *o favor de se transportar ao Rio, por um dia a milagrosa Imagem de N. S. Aparecida.* O Exmo. Sr. Arcebispo não quis decidir sem que primeiro ouça a opinião do Cabido. Deseja que ela seja emitida com franqueza e sem constrangimento. *S. Excia. acha que as razões de ordem sobrenatural como sejam a incrementarão do* [*sic*] *culto à N. S. Aparecida, uma grandiosa manifestação de fé e as de ordem natural à demonstração, aos que presentemente governam o País discricionariamente, de que o Brasil é católico e portanto, seus direitos devem ser salvaguardados na futura constituição, são de molde a permitir a saida da Imagem de N. S. Aparecida, de sua Basilica*".[893]

Os religiosos capitulares presentes à reunião que autorizaram a ida ressaltaram sobre a excepcionalidade do ato, mas "o Cônego Adoniro Kraus vota contra para que [não] se abra um precedente que autorizará as outras dioceses do Brasil a pedir idêntico favor". Porém, "os demais Cônegos presentes são de parecer do Mons. Pereira Barros isto é: que se consentiria na saida Imagem de N. S. Aparecida, atesto à situação excepcional da vida nacional, de tal forma em épocas

---

[892] LEOPOLDO E SILVA, Duarte [D]. Manuscrito, datado de 26 de abril de 1931, como resposta de D. Duarte ao pedido de D. Leme. D. Duarte concluía a sua resposta ao cardeal Leme: "P.S. Saio, agora mesmo, do banquete do Dr. José Carlos [Macedo Soares]. O seu discurso foi violento e vibrante. Não sei quais serão as conseqüências". In: Pastas de Documentos Avulsos. Translado da Imagem de N. S. Aparecida. ACMSP.

[893] *Livro de Atas do Colendo Cabido da Arquidiocese de São Paulo.* [Não catalogado]. São Paulo, 1931, fl. 226. **Não me foi franqueado o acesso ao referido livro**. [A transcrição da ata é de autoria Roberto Júlio Gava, bibliotecário-chefe do ACMSP]. Atualizei a escrita.
Tomaram parte na deliberação os seguintes religiosos capitulares na matriz provisória de Santa Efigênia: "[...] achando-se presentes os Revmos. Cônegos: Mons. Dr. M. Ladeira, arcipreste e presidente e presidente interino do Cabido, Mons. Pereira Bastos, Chantre, Mons. Manfredo Leite, Adoniro Krauss, Luiz Gonzaga, Nicolau Constantino, Benedito Pereira, Assis Barros, José Maria Fernandes, José Rodriguez de Carvalho, Deusdedit de Araújo, reuniu-se o Cabido Metropolitano".

normais jamais poderá ser fato envocado como precedente a favor de quem quer seja, mesmo da própria Arquidiocese, no caso [... – ilegível] manifestação idêntica na Capital do Estado".[894]

Assim, após o deliberado na Sessão do Cabido, D. Duarte Leopoldo e Silva na sua resposta definitiva, data de 29 de Abril de 1931, informava sobre o *placet*, ele comunicava ao cardeal D. Sebastião Leme que:

> "Caríssimo Sr. D. Sebastião. *É com imensa satisfação que lhe venho trazer o desejado placet.* Com exceção de um único voto, *consentem os nossos capitulares na transladação da venerada Imagem,* mas a seguinte restrição: "Atendendo às circunstâncias expostas, abra-se uma exceção exclusivamente para a Capital do país, assentado, porém, que não se poderá invocar o precedente nem mesmo para a sede da Arquidiocese. [...]. Triunfo completo para V. Emcia. Meus calorosos parabéns. Combinaremos os por menores em Aparecida por ocasião da festa, pois seria difícil um acordo completo por carta ou qualquer outro meio. De mais, V. Emcia. está na obrigação de vir pessoalmente agradecer a N. Senhora o favor que tão generosamente lhe concede. Ficou assentado que *a Imagem ficará da saída até sua volta, sob a guarda de honra de uma comissão da Arquidiocese, composta principalmente de sacerdotes, além de alguns seculares de posição e destaque. O mais deixamos a cargo de V. Emcia. que tem dedo para essas cousas.* Pensando no caso, convenço-me sempre mais de que foi inspirador o pensamento de V. Emcia. *a situação complica-se cada vez mais, e já vejo até onde nos levarão os acontecimentos que se desenham no horizonte escuro e carregado. Precisamos fazer violência ao Céu, para que tenhamos ordem e paz, paz como a quer N. Senhora, sob o domínio da lei divina e humana. Nossa excelsa Padroeira terá pena de nós, de nós aqui, principalmente, onde as cousas parecem tomar um rumo nada tranqüilizador.* Sua bênção".[895]

Penso que seja interessante deixar anotado na conclusão da resposta de D. Duarte ao cardeal Leme, quando o arcebispo de São Paulo se pronunciou de forma subordinada e humilde, revelando, assim, que a autoridade, o cargo e a condição cardinalística de D. Leme enfeixava, pois, ao pedir a benção ao homem que ocupava o topo da hierarquia católica neste país, não obstante as questões que os aproximavam, como a relação íntima e quase filial entre ambos estabelecida desde 1904, o religioso da arquidiocese paulista com o seu gesto credenciava, de fato, o Cardeal como sendo a figura que investia a condição de autoridade religiosa máxima da catolicidade no país.

O arcebispo, na sua resposta, indicava a excepcionalidade do ato do translado da Imagem até a capital da República, condicionava a anuência à presença de uma comissão composta por religiosos e leigos, estes "*de posição e destaque*", pois no seu entender o momento histórico era complicado. Alegou: "*a situação complica-se cada vez mais, e já vejo até onde nos levarão os acontecimentos que se desenham no horizonte escuro e carregado. Precisamos fazer violência ao Céu, para que tenhamos ordem e paz, paz como a quer N. Senhora, sob o domínio da lei divina e humana. Nossa excelsa Padroeira terá pena de nós, de nós aqui, principalmente, onde as cousas parecem tomar um rumo nada tranqüilizador*", o que justificava o deslocamento do Ícone, e

---

[894] Livro de Atas do Colendo Cabido da Arquidiocese de São Paulo. [Não catalogado]. São Paulo, 1931, fl. 226.

[895] Manuscrito de D. Duarte informado a D. Sebastião do *placet* para a ida da Imagem de Aparecida até o Rio de Janeiro. In: Pastas de Documentos Avulsos. Translado da Imagem de N. S. Aparecida. ACMSP.

deixava à cargo do cardeal a organização do evento, pois nas palavras de D. Duarte ele tinha "[...] *dedo para essas cousas*".[896]

De fato, quando foi pároco ou orador das Igrejas de Santa Cecília, Santa Efigênia, da Consolação ou no Santuário do Coração Imaculado, este também no bairro de S. Cecília, desde os anos de 1908, D. Leme organizou as massas católicas da capital paulista em espécies de *meetings* para combater visões de mundo contrárias às da Igreja.[897]

Faço aqui uma observação importante: os *meetings* eram movimentos instantâneos – *nunca espontâneos* –, ações pontuais cujos participantes eram arregimentados no calor da hora. Claro que eles tinham uma racionalidade organizatória. Mas, ao contrário de eventos como o da ida do Ícone de Aparecida para a cidade do Rio de Janeiro, que estabelecerá um novo padrão: ao inaugurar uma política de massas no campo religioso católico, cuja racionalidade será de outra latitude, como veremos.

De acordo com a resposta de D. Duarte, demandava-se por uma comissão composta por religiosos para acompanhar a Imagem. Assim, provavelmente, para não ferir a susceptibilidade dos Redentoristas, D. Leme concedeu extensa entrevista ao jornal *Santuário de Apparecida*, publicação dos padres C.SS.R., – em dado trecho da entrevista, o Cardeal Leme elogiava o trabalho dos administrados do Santuário da Padroeira: "**guiados pelos Padres Redentoristas que aqui são os anjos custódios da Padroeira, vão eles levar Imagem, expô-la ao culto do Rio de Janeiro e do Brasil** [...]", na qual o Cardeal Leme fala sobre a ida da Imagem de Aparecida para o Rio de Janeiro no 31 pf., para o Cardeal o deslocamento da Imagem até a capital da República significaria:

> "[...]. **Um ato público de fé, proferido por toda a população da cidade sem distinção de classes sociais**. E como a cidade é Capital do Brasil, o seu **ato de fé coletiva será como um hino que aos pés de N. Senhora vai cantar o coração da Pátria**. Assim as **homenagens nacionais à Padroeira do**

---

[896] Trechos do manuscrito de D. Duarte informado a D. Sebastião do *placet* para a ida da Imagem de Aparecida até o Rio de Janeiro, itálicos meus. In: Pastas de Documentos Avulsos. Translado da Imagem de N. S. Aparecida. ACMSP.

[897] O padre Sebastião Leme combateu o "anticlericalismo", os "anarquistas", o "bolchevismo" e laicistas em geral como o criminalista italiano Enrico Ferri que era genro e discípulo de Lombroso. Ferri pronunciou uma série de conferências públicas em São Paulo nas quais combatia, "à luz da Antropologia e do Direito Criminal", o misticismo da "Crendice e do Obscurantismo" religiosos; e o político francês Clemanceau [em 1910], que era considerado um anticlerical de quatro costados. Quem inicialmente os combateu foi o Pe. J. Gualberto numa série de conferências de refutação, mas cujos resultados foram limitados. Assim, o já "cônego Sebastião promoveu contra Clemanceau a maior manifestação pública até então vista em São Paulo. Preparando-a, visitando a Arquidiocese, paróquia por paróquia, a fim de pedir a adesão [...]. Imensa massa popular formou no Largo da Sé. [...]. Seguiu, em passeata de desagravo, pela rua F. de Abreu até em frente ao Santuário Episcopal [no bairro da Luz], onde, num coreto, o cardeal Arcoverde e os Bispos [PEM, que achavam em reunião] receberam [...] [a] multidão". SANTO ROSÁRIO, Ir. Maria Regina do, [o.c.d]. *O Cardeal Leme [1882-1942]*. Rio de Janeiro, J. Olympio Ed., 1962; cit. pp. 32, 34, 40-41, respectivamente. *Mutatis mutandis*, como consta na fonte de 1931 que abre este seção, a multidão nas ruas valeria muito mais que centenas de pastorais, tal qual em 1910. Observe-se que, num dos documentos aqui trabalhado, o agora cardeal Leme informava a D. Duarte que havia se deslocado até os grotões - para os padrões da época -, um dos pontos extremos da Arquidiocese carioca: ele havia ido até Cascadura, um subúrbio fluminense.

Brasil valerão como afirmação de que o nosso povo nasceu católico, nos princípios católicos foi civilizado e católico quer continuar a ser o que houver e custe o que custar. Mais do que festa exterior as solenidades pomposas do Rio de Janeiro. Avultarão **como um plebiscito nacional em favor da Santa Igreja** de N. Senhor Jesus Christo e, portanto das forças vivas da nacionalidade. **Na encruzilhada perigosa da hora difícil que o Brasil atravessa, vamos dizer diante do mundo, onde está a salvação da Pátria**".

Em certo trecho da entrevista quando perguntado sobre o comparecimento em massa "do povo do Rio de Janeiro" ao evento o próximo dia 31 Dom Leme respondeu que: "não tenho a menor dúvida, conheço o meu povo e posso garantir que só não irá à rua festejar N. Senhora quem por enfermo ou motivo grave não puder sair de casa. No Congresso do Centenário [da Independência, em 1922] calcularam os jornais que oitocentas mil pessoas aclamaram a passagem triunfal do Santíssimo Sacramento. **Agora prevemos que excederá de um milhão o número de almas que formarão alas à passagem de N. S. Aparecida**". Numa das passagens da entrevista, Dom Leme fala do apoio e da participação "**calorosa e disciplinada**" tanto do clero quanto "de mais de 428 associações católicas confederadas". Apoio igualmente obtido, também, junto à "[...] **boa vontade de toda a imprensa da Capital Federal, que já abriu colunas à propaganda da idéia e finalmente temos certeza das simpatias do Governo Provisório**. [...]".[898]

Outro aspecto abordado foi o referente às mulheres que "[...] em reunião das diretorias de algumas associações femininas, em representação de 40 e tantas mil senhoras ficou assentado que cada uma dessas senhoras convidaria, persuadiria e levaria à Procissão nunca menos de 5 Virgens Vestidas de Branco, 5 senhoras vestidas de Preto ou Escuro e 5 Cavalheiros. **Só aí teríamos na pior hipótese 200 mil Virgens, 200 mil senhoras e 200 mil homens a desfilarem no Préstito.** Ora, eu só pedi 50 mil pessoas para cada grupo! [...] o mesmo foi feito com os 15 mil membros das Ligas Católicas". No passo seguinte da entrevista, Dom Leme fala da "[...] propaganda entre católicos não alistados em associações", e citava o exemplo de **"um católico que saiu a fazer convites entre os pescadores da praia do Leblon, conseguindo reunir 200 que vão comparecer incorporados**". Quando inquirido sobre o evento único, como se infere da sua resposta, que seria a Procissão Triunfal, o Cardeal afirmou com absoluta segurança que "[...] **perfeitamente, como nunca se viu no Brasil e em parte algum. Uma Procissão única [...] nem pode ser de outra ordem. Única no mundo por sua beleza e expansão religiosa é a cidade do Rio de Janeiro. Única na circunstância da visita de N. S. Aparecida à capital do país. Únicas, por conseguinte devem ser também as festas que se projetam. Estou em condições de lhe informar que no Rio de Janeiro desde já lavra um incêndio de entusiasmo**. [...]". Noutro trecho Dom Leme afirmou

[898] LEME, Sebastião [D]. "Entrevista". In: jornal *Santuário de Apparecida*. Aparecida, 16-05-1931, p. 1, negritos e itálicos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP. Todas as citações dentre aspas na presente página foram tiradas dessa fonte.

que "[...]. a Imagem venerada vai ser exposta aos olhos de todo o Brasil ali na Capital [...]. Ora, olhos que se encontram uma vez com as doçuras e bençõs da Senhora Aparecida, nunca mais dela se esquecem e vivem alimentando de dia e de noite o sonho filial de tornar a vê-la. Não é necessário ser profeta para se prever que **depois da aclamação da Padroeira na Capital da República, aumentará de muito o número de fiéis que, em romaria de amor visitarão este Santuário**".[899]

São múltiplos os planos que a entrevista do cardeal abordou, mas ao menos dois se destacavam: tanto a questão política quando ele afirmar sobre a adoção, quase na marra, dos princípios católicos, pois "[...] o nosso povo nasceu católico, nos princípios católicos foi civilizado e católico quer continuar a ser o que houver e custe o que custar", e o que proporcionava essa condição era a situação do país, pois "na encruzilhada perigosa da hora difícil que o Brasil atravessa, vamos dizer diante do mundo, onde está a salvação da Pátria"; quanto à política de massas no campo religioso católico, "[...] prevemos que **excederá de um milhão o número de almas** que formarão alas à passagem de N. S. Aparecida".[900]

Mas para se atingir esse montante impactante, só seria possível respeitando uma logística, pois: "[...] **na pior hipótese 200 mil Virgens, 200 mil senhoras e 200 mil homens a desfilarem**

---

[899] LEME, Sebastião [D]. "Entrevista". In: jornal *Santuário de Apparecida*. Aparecida, 16-05-1931, p. 1, negritos e itálicos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP. Todas as citações dentre aspas na presente pág. foram tiradas dessa fonte.

[900] LEME, Sebastião [D]. "Entrevista". In: jornal *Santuário de Apparecida*. Aparecida, 16-05-1931, p. 1, negritos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP. Anteriormente abordei sobre a experiência de D. Leme em lidar com as massas católicas a partir de eventos religiosos, espécies de *meetings*. Nesse trecho da entrevista o religioso evocava o Congresso da Independência em 1922 que arquidiocese fluminense havia realizado sob a sua organização. Uma distinção importante deve ser aqui apontada. O Congresso da Independência será o ponto de inflexão desses certames, pois inaugurará uma nova prática. Ele foi racionalmente concebido, pois atendeu uma lógica organizacional nova ao dilatar o seu planejamento. O evento inicialmente se chamava *Congresso Eucarístico durante o Centenário da Independência*, conforme a massa documental que o convocou a partir de 15 de junho de 1922. Na dinâmica do seu processo o seu título foi mudado para *Congresso Eucarístico do Centenário da Independência do Brasil*. Não se tratava da realização de um evento religioso durante a celebração de uma festa cívica, mas astuciosamente se imbricavam religião e pátria, logo um conteúdo político revelava-se. **Questão que não estar devidamente esclarecida do ponto de vista histórico é a transferência de D. Leme que a partir de agosto de 1921 assumiu o posto de bispo-coadjuntor com direito a sucessão da arquidiocese da capital da República. Sempre se enfatiza que a sua mudança atendeu a uma necessidade de cunho institucional, devido ao estado de saúde do seu titular, o cardeal Arcoverde. Penso que esta seja apenas a versão que a instituição deseja que seja crível. Mas, creio que o seu retorno à arquidiocese mais importante do país, às vésperas de um importante marco da história política da Nação, deva ser explicado a partir desse núcleo político: a capacidade de D. Leme em mobilizar os católicos em eventos cujos fins eram efetivamente políticos**. Eram certames voltados às massas como o de 1922 que teve a adesão de aproximadamente "800.000" pessoas. Cf. Anais: *Primeiro Congresso Eucarístico Nacional*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1923, 558p. Há pesquisa que abordou os Congressos religiosos e analisou o Congresso de 1922, mas não apontou esses elementos fulcrais à compreensão do problema do *poder* e *autoridade* apontando a sua historicidade e do imbricamento do teológico e do político neste país. Cf. DIAS, Romualdo. *Imagens da Ordem. [...]. 1922-1933*. São Paulo, Ed. Unesp, 1996, 161p. esp. pp. 109-119.

no Préstito",[901] estes organizados nos moldes indicados pelo cardeal: das Associações católicas, além de uma expressiva massa de adesões "espontâneas", conforme o exemplo do pescador da Praia do Leblon que, sozinho, convenceu e arregimentou "200" dos seus pares.

Se o momento social e político mostrava-se adequado à ida do Ícone da Padroeira à capital da República, todos lograriam êxitos: tanto a Instituição católica em geral, quanto o próprio Santuário em particular, pois "depois da aclamação da Padroeira na Capital da República, **aumentará de muito o número de fiéis que em romaria de amor visitarão este Santuário**".

Nessa ordem de coisas, o cardeal apresentava argumentos que apontavam para um núcleo material do deslocamento do Ícone de N. S. Aparecida até o Rio de Janeiro em 1931: *mobilizar as massas em relação ao Padroado de Aparecida funcionaria qual butim a ser fracionado entre alta hierarquia e os padres afonsinos que administravam a sua Basílica. A provável multidão de peregrinos que demandaria à Basílica tinha um significado importante: reverteriam à sua crença e fé em óbulos no seu cofre.*.

Com efeito, esclarecida e dirimida possíveis dúvidas e resistências à ida da Imagem de Aparecida ao Rio, o cardeal Leme remeteu carta à D. Duarte; ela foi datada de 25 de maio de 1931, enviada do Rio de Janeiro, na qual ele comunicava ao arcebispo de São Paulo que mediante uma série de táticas de propaganda "o *Rio está um braseiro de entusiasmo. O assunto empolgou a cidade*", inclusive havia obtido o interesse efetivo de membros do Governo Provisório que queriam tomar parte no certame religioso, pois informava D. Leme que "*até o governo está impressionado. Dois dos seus líderes já se ofereceram para tomar parte [confidencial] e falar*":[902]

> "Meu querido Sr Arcebispo. Após as "semanas paroquianas", tiveram início ontem as solenidades do Congresso Arquidiocesano. Ontem, percorri os bairros até depois de Cascadura. *As praças, e as ruas dir-se-iam templos. A Padroeira era aclamada por toda parte. O Rio está um braseiro de entusiasmo. O assunto empolgou a cidade*. Mais de 70 cinemas, todas as sociedades de rádio... *Até o governo está impressionado. Dois dos seus líderes já se ofereceram para tomar parte [confidencial] e falar*. A imprensa está a postos. *Um dos fins do movimento já foi atingido*. O meu D. Duarte deve estar contente. A maizinha do Céu está tomando nota. V. Excia. está construindo a mais bela basílica. A basílica das almas. *Agora, sim, N. S. Aparecida começou a ser Padroeira do Povo*. O trem, pago pelos funcionários do Ministério e da Estrada, partirá de Aparecida às 10 ¼ da noite em ponto. *A estação, povo. Cortejo, automóveis*. Praça S. Francisco de Paula. Missa de V. Excia. Faço questão. Avise-me si aquenta. Para almoço 11 horas e jantar – 7 – na Catedral, uma comissão levará para hotéis vizinhos. Os carros dão para 30 pessoas. V. Excia. e quatro padres virão no carro de N. Senhora, dormitório; junto, o salão transformado em capela. Volta às 9 ¼ da noite. [...]".[903]

---

[901] LEME, Sebastião [D]. "Entrevista". In: jornal *Santuário de Apparecida*. Aparecida, 16-05-1931, p. 1, negritos meus. In: Papéis de Dom Duarte Leopoldo e Silva. ACMSP.

[902] Carta manuscrita, datada do Rio de Janeiro '25-V-[1931]', do Cardeal d. Sebastião Leme a Dom Duarte, em 2fs., assinada por D. leme In: Pastas de Documentos Avulsos. Translado da Imagem de N. S. Aparecida. ACMSP

[903] Carta manuscrita, datada do Rio de Janeiro '25-V-[1931]', do Cardeal d. Sebastião Leme a Dom Duarte, em 2fs., assinada por D. leme In: Pastas de Documentos Avulsos. Translado da Imagem de N. S. Aparecida. ACMSP.

D. Leme tinha claro que o Padroado de Aparecida só teria legitimidade se houvesse uma grande adesão popular – uma celebração das multidões, em escala de milhões – ao evento programado para o dia 31 de maio, pois "*agora, sim, N. S. Aparecida começou a ser Padroeira do Povo*".[904]

Assim, a série de mecanismos que foram colocados em curso para fazer propaganda do evento, um mês antes se mostrara eficaz, pois contava com efetivo apoio da imprensa diária,[905] e de outros meios de comunicação de massas do período: cinema e rádio. Não era à-toa o interesse de líderes e membros do governo Vargas em discursar no evento.

Já em 22 de abril de 1931 o Cardeal Leme produziu o documento "O apelo de Sua Eminência" no qual explicava sobre a ida da Imagem de Aparecida à capital da República. O religioso afirmava sobre o "VOTO NACIONAL DO POVO" à Padroeira e explicitava o sentido forte do evento: "queremos uma era de **ordem, trabalho**, paz e tranqüilidade para a **família** brasileira",[906] [desse Voto Nacional, imprimiu-se milhões de panfletos], cujo inverso originava-se no "[...] *facho vermelho do ódio*",[907] clara referência ao comunismo que, segundo o Cardeal, incendiava e corroia valores, como o da família cristã, nos quais se assentava a Nação brasileiro. E o instrumento para combater era a Mãe simbólica do país: N. S. Aparecida.

Para enfrentar essa realidade, o religioso estabeleceu uma série de Programas a serem desenvolvidos a partir de 17 de Maio. Será sobre o material organizatório e de arregimentação das pessoas ao evento que iremos nos debruçarmos em seguida.

---

[904] Carta manuscrita, datada do Rio de Janeiro '25-V-[1931]', do Cardeal d. Sebastião Leme a Dom Duarte, em 2fs., assinada por D. leme In: Pastas de Documentos Avulsos. Translado da Imagem de N. S. Aparecida. ACMSP.

[905] Para uma amostragem desse apoio quase incondicional da imprensa carioca ao evento, veja-se: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; especialmente pp. 183-192. *O Globo* e o *Jornal do Commercio* adeririam ostensivamente ao certame.

[906] LEME, Sebastião [Cardeal]. "Voto Nacional do Povo". In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 10-11, cit. p. 10, original em caixa alta, negritos meus.

[907] LEME, Sebastião [Cardeal]. In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; cit. p. 4.

g.4] *Organização. Planejamento*, logística, ou seja: racionalidade. Os programas que antecederam a ida do Ícone de Aparecida à capital da República - das Zonas Norte a Sul, do Campo de Santana a Cascadura: o Rio de Janeiro se transformou num "braseiro" festivo e celebrativo à Aparecida.

Irei detalhar os Programas que o evento do deslocamento do Ícone de Aparecida gerou, para assim poder conferir o que tenho afirmado sobre o que estava na base desse evento de massa: **organização, planejamento, logística, ou seja: racionalidade**. O *locus* era uma fonte extra-humano: a divindade de N. S. Aparecida.

A primeira parte do Programa foi organizada para ter início no dia 17 e se encerrava em 24 de maio: era a ""Semana Paroquial" em todas as paróquias do Rio de Janeiro". D. Leme ordenava: 1º "nas matrizes e comunidades religiosas, *novenário*, [...] com pregação, em *honra da Padroeira do Brasil*; 2º que "em todas as paróquias, na matriz, outra igreja ou local vasto" se realizassem "[...] ao menos *uma sessão, em forma de congresso paroquial*" e indicava que o horário deveria ser, "preferencialmente, [...] à noite" para assim se lograr maior êxito na adesão quantitativa de devotos, cujo tema era "estudos mariano".

A mesma diretriz deveria ser observada nos "colégios católicos". Exigia-se que os párocos intensificassem "[...] [a] restauração das *Congregações Marianas de moços*". Mesmo critério deveria ser aplicado às "*Filhas de Maria*", porém observando-se que as reuniões ocorressem em dia e horário diferente das dos moços.

Diariamente, ordenava o Cardeal que se rezasse "*missa com cânticos e comunhão geral*". O alvo dessa ação eram os "pais e mães de família, mocidade, crianças, operários, empregados domésticos, etc". No 5º item continua a instrução referente à unicidade das ações: "em todas as paróquias, domingo, 24 de maio, *missa festiva, consagração do povo a N. S. Apparecida*". De modo que, no mesmo dia "à tarde, nas paróquias suburbanas e rurais, em cada uma ou em grupo de mais paróquias, *solenissima procissão de N. S. Aparecida*".[908]

Esta foi a primeira parte do roteiro traçado pelo Programa a ser observado e executado.

Contudo, essas questões só seriam críveis mediante o conjunto de "temas" desenvolvidos nas ""pregações" da "Semana da Padroeira do Brasil"". O 1º dos temas era o que versava sobre o "culto e ao amor de todos os homens [à N. Senhora como Mãe e]: como padroeira do Brasil [...]". Tema 2º "N. Senhora [...]. Como padroeira do Brasil, é mãe especial do povo brasileiro". Abordar-se-ia no 3º tema "os males da propaganda da heresia e erros contrários à fé católica". A heresia evocada provavelmente fosse o comunismo, "N. Senhora, defensora e baluarte de nossa Santa Religião". No

[908] Todos os trechos entre aspas foram tirados de: "II – Exortações, avisos e circulares". In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 10-20; cits. entre aspas p. 11, itálicos no original; sublinhado meu.

5º item há o tema sobre "N. Senhora e a conversão dos pecados. [...]". O 7º item indicava sobre "N. S. Apparecida – rainha e padroeira do Brasil, por aclamação do povo e concessão expressa do Vigário de Jesus Cristo. Gratidão e confiança nacionais".[909]

Observe-se como o conjunto de cerimonias planejadas operava num *tensionamento* ritualístico: da gravidade litúrgica da *missa com cânticos e comunhão geral*, ou da *solenissima procissão de N. S. Aparecida* articulado à "*missa festiva, consagração do povo a N. S. Apparecida*". **Sagrado e profano imbricavam-se *racionalmente* no encantamento ritual.**

A "segunda parte" da Programação seria a "Semana Arquidiocesana" que teve início em "24 de Maio – às 20 horas – *Matriz da Glória – Sessão solene*".

Planejaram-se atividades até o dia 31, quando se daria o fecho do evento, a partir das 14 horas, com a "*Procissão triunfal de N. S. Aparecida*". Para o dia "25 [...] – 10 hs. da manhã – *Missa solene* na Igreja da Mãe dos Homens; 15 hs – Círculo Católico – *Sessão solene de estudos par o clero*; 20 hs. – *Matrizes da Lagoa e S. Francisco Xavier – sessão solene*".

No dia seguinte, 26, as atividades foram planejadas tanto para a parte da manhã quanto da noite. Às "10 hs. – missa solene na Igreja de N. S. do Parto; 20 hs. – *Igreja Abacial de S. Bento – Sessão solene*. Para o "27 de Maio – 10 hs. – *Missa solene na Igreja de N. S. da Boa Morte*; 20 hs. – *N. S. da Paz e Santa Terezinha – Sessão solene*". Para o dia "28 [...] – 10 hs. – *Missa solene* na Igreja de N. S. do Carmo; 20 hs. – *Sessão solene no Convento de Santo Antonio*. Em "29 de Maio – 10 hs. – *Missa solene* Igreja de N. S. do Carmo da Lapa; 20 hs. – *Sessão solene* na Matriz de Copacabana e Igreja Santo Afonso". No dia 30 às 10:30 hs., na "Catedral – Pontifical de S. Eminência, com assistência de todo o clero e alunos do Seminário", quando se daria a cerimônia da "consagração do Brasil a N. S. Apparecida; 20 hs. – *Sessão solene de encerramento* no Externato de Santo Inácio, rua S. Clemente" em Botafogo.

Todo esse planejamento logístico visava não só "exortar" e arregimentar devotos e fiéis, mas produzir um certame de cuja organização fariam parte "[...] mais de trinta bispos e representantes do clero, o povo de todas as dioceses do Brasil. Farão o cortejo de N. Senhora alguns milhares de moças, vestidas de branco, senhoras vestidas de preto, cavalheiros em traje de rigor, e homens, incorporados às Ligas Católicas. Ao encerrar-se a procissão, coroação de N. Senhora".[910]

---

[909] Todos os trechos entre aspas foram tirados de: "II – Exortações, avisos e circulares". In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 10-20; cits. entre aspas p. 12; sublinhado meu.

[910] "II – Exortações, avisos e circulares". In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 10-20; cits. entre aspas pp. 11-12, itálicos no original.

As teses das sessões solenes foram as seguintes: iam desde temas da Igreja universal como a celebração "do centenário do Concílio de Efésio" abordado no item 1°; até, especificamente, "N. Senhora" como *locus* de: "*correndentora* do gênero humano e *mãe dos homens*"; "[...] *mediadora* de todas as graças"; "[...] *defensor* da cristandade"; "[...] e a *família*"; "[...] e a *mocidade*"; "[...] e o *operariado*"; "[...] e *o reino social* de J. Cristo no mundo"; "os santuários celebras de N. Senhora"; "os santuários brasileiros. Apparecida"; [...]; "o padroado Nacional de *N. S. Apparecida*" e "N. Senhora – *salvação do Brasil*",[911] tudo desenvolvido em 14 temas.

A partir do conjunto de assuntos acima se distingui dois públicos alvos. Às paróquias da periferia e rural, eram direcionados os temas; e as teses tinham por alvo as classes médias e a elite do laicado católico, habitantes dos bairros centrais e da zona sul. Na base, o Cardeal Leme, o principal responsável pelo evento, estabelecia a diferença de classes.

Instituíam-se táticas e mecanismos diferenciados ao público alvo: à massa de gente pobre e humilde que morava nos subúrbios e meio rural, apresentavam-se como tática arregimentadora para mobilizá-los uma solução pelo alto: missas festivas e procissões solenes – em ambas, a massa de fiéis tomava parte de um conjunto de cerimônias e rituais já prontos, pensados e elaborados pela hierarquia, assim relevando o *lugar* dessa massa no corpo social - regadas por cânticos. A adesão dar-se-ia de forma entusiástica e emocional, ou seja, *imageticamente.*

As elites leigas seriam envolvidas mediante "teses" apresentadas em atos solenes: aqui os assuntos estabelecidos pela hierarquia seriam abordados *conceitualmente*. Elites leiga e eclesiástica racionalmente imbricavam-se a partir da "família", do "social", das questões atinentes à juventude e ao "operariado" a partir dos valores cristãos: a solução a esse conjunto de questões era enfeixada por N. S. Aparecida a Padroeira do país.

Mas, a espessura e densidade racional que estamos procurando evidenciar, encontravam-se cristalizadas no "Aviso n° 210" Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, que estabelecia o roteiro e os elementos constitutivos da "Procissão de N. S. Aparecida", pois assim podemos apreender o seu **planejamento, organização e logística**. Racionalidade que alimentava expectativas messiânicas disseminadas no corpo social e que foram apropriadas e instrumentalizadas politicamente pela hierarquia e elite leiga católica.

---

[911] "II – Exortações, avisos e circulares". In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 10-20; cits. entre aspas p. 12, itálicos meus.

g.5] *Persuadir e Arregimentar* a massa dos católicos. A quinzena que antecedeu a chega do Ícone de Aparecida no Rio de Janeiro. O discurso do Cardeal Leme no dia 30 de Maio de 1931 no Auditório do Colégio Santo Afonso. O religioso condenava "o laicismo repugnante" e apontava ser o Parlamento um tablado circense: **em maio de 1931 a Igreja apresentava as vigas do edifício do Estado-Novo**.

Na quinzena que antecedeu o dia 31 de maio de 1931, o translado da Imagem de Aparecida até a cidade do Rio de Janeiro, com o seu deslocamento de Aparecida, que fez o seu percurso até a capital da República pelos trilhos dos trens da Central do Brasil, conforme a solução definitiva presente na fonte acima, pois o "*trem, pago pelos funcionários do Ministério e da Estrada*, partirá de Aparecida às 10 ¼ da noite em ponto. *A estação, povo* [Em Aparecida]. *Cortejo, automóveis* [no Rio]". Mas, agora, vou-me estender nesse **planejamento, organização e logística** do evento de 1931, pois tais elementos estabeleceram um novo padrão neste tipo certame religioso que tinha por mira as massas do meio urbano desse país, e que seria repetido nos *Congressos Eucarísticos Nacionais* [CENs].[912]

No "Aviso 210" D. Leme afirmava, já com antecedência, que se houvesse empenho dos agentes evolvidos, atingiria-se "êxito" e sucesso naquele conjunto de "Solenidades extraordinárias" que iriam celebrar "N. S. da Conceição Aparecida, Padroeira do Brasil". Para tanto estabelecia uma série de regras que deveriam ser escrupulosamente observadas, pois se tratavam ações que seriam desempenhadas por um contingente estimado em seiscentas [600.000] mil pessoas, além de uma expectativa de igual número de espectadores participantes que assistiriam ao conjunto de ritos. Essa escala numérica não deixa dúvidas: o evento era um acontecimento de massas. O item 1º do "Aviso 210" ordenava que "*em todas* as Igrejas matrizes, Igrejas de religiosos, Irmandades, Capelas [...]" fossem divulgadas "lidos e explicados" aos presentes em "*todas* as missas" a Carta Circular do Cardeal que estabelecia e instruía sobre as celebrações do Padroado de Aparecida. No 2º item também se frisava que em "*todos* os dias [...]" de Maio fossem reafirmados a série de "*avisos, exortações* e *convites* ao povo" produzidos pela Cúria em todas as igrejas cariocas e que "à porta de *todas* as igrejas e lugares públicos, [...]" afixassem "[...] o *programa* geral das festividades e o particular de cada paróquia", estabelecia o 3º item.

Obrigava-se que "[...] *todos* os Srs. Vigários, superiores religiosos, reitores, capelães, inclusive os das comunidades religiosas femininas, mandar buscar na Cúria Metropolitana" a série

[912] Esses certames religiosos foram: os CENs de 1933 [Salvador], 1936 [Belo Horizonte], 1939 [Recife], 1942 [São Paulo]. Em 1945 [São Paulo] houve a *Noite da Padroeira*, cuja organização se aproxima mais de um *meeting* ; em 1954 [São Paulo] o *Primeiro Congresso da Padroeira*. Em 1955 [Rio], no XXXVI CEI. E a série de saídas da Imagem de Aparecida nos 1960 etc.

de ""*impressos*" de propaganda, a serem distribuídos pelo povo nas respectivas igrejas", conforme consta no 4º item.

Os padres ficavam responsáveis, a partir do dia 24, logo próximo ao dia 31 de maio, quando se encerraria à Semana da Padroeira, pela distribuição de uma série de panfletos e impressos "em *cada* paróquia", instruía o 5º item. Para se atingir o êxito planejado demandava-se por "elemento de zelo" na "distribuição dos trabalhos" que deveria ser combinado com a devida antecedência, de modo que a "organização e propaganda" a ser desenvolvida pelos vigários urgia executar-se o "*quanto antes*", a partir da base paroquiana e de "reunião coletiva" com "todas as associações religiosas de suas paróquias".[913]

Estabelecia como "*palavra de ordem*: cada um dos membros de todas as associações deverá *convidar, persuadir* e *inscrever*, pelo menos, cinco pessoas em cada um dos quatro grandes grupos do préstito, que acompanhará a imagem de N. S. Aparecida na procissão de 31 de Maio", registrou-se no 6º item.

Em seguida a instrução detalhava sobre os "quatro grandes grupos do préstito": "1 – *moças*, filhas de Maria ou não, vestidas de branco [mangas compridas e sem decote], véu branco; 2 – *senhoras*, quando possível, vestidas de preto, véu preto ou branco; 3 – *moços e senhores* que desfilem incorporados às Ligas Católicas [não há traje determinado]; 4 – *cavalheiros* em traje de rigor [casaca ou fraque e calça listada] formarão a Guarda de Honra".

O 7º item apontava o cuidado escrupuloso que os padres deveriam observar para a "*concreta*" efetivação de "todos os trabalhos" referentes "à organização e propaganda das duas "semanas", a paroquial e a geral",[914] e os orientava de forma taxativa: "a] marcar dia e hora para [...] reunião coletiva, em que cada membro das associações deverá trazer a indicação precisa do *número* de pessoas que conseguir inscrever em cada um dos grupos: 1] moças, 2] senhoras, 3] homens, 4] guarda de honra. b] nomear comissões especiais de pessoas zelosas e influentes que, não pertencendo a associações, se comprometam a fazer o *trabalho* de convite, persuasão e inscrições de moças, senhoras e homens para os quatro grupos do préstito. c] distribuir por associações ou pessoas zelosas os respectivos trabalhos de; 1] distribuição de "impressos" ou convites, de casa em casa, para a procissão triunfal de 31 de Maio; 2] [...]; 3] tudo que possa concorrer para o maior brilhantismo dos atos das "Semanas".

---

[913] Todos os trechos entre aspas foram tirados de: "Aviso nº 210". In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 12-19; cits. p. 12; itálicos e sublinhado meus.

[914] Todos os trechos entre aspas foram tirados de: "Aviso nº 210". In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 12-19; itálicos e sublinhado meus.

4] cartazes, cartões, etc. d] instruir bem as associações sobre o traje e outros pontos já assentados ou que vierem a ser determinados pela Comissão Geral [...]".[915]

Assim, estabelecia que "desde já, insistir no seguinte: 1] as Filhas de Maria, de cada paróquia comparecerão incorporadas, com estandarte, mas sem fitas. 2] as outras moças, de branco, vestidas de acordo com o decoro e a modéstia cristã, *poderão incorpora-se à Pia União que preferirem*, da paróquia ou outra, conforme as conveniências da família.

O 3º item estabelecia o mesmo critério acima às] [...] associações de senhoras. Estandartes, sim; fitas ou distintivos, não; traje, *de freqüência*, preto e véu preto. As outras senhoras poderão incorporar-se à associação que preferirem, da paróquia ou não, conforme as conveniências de família. 4] As Ligas Católicas, com *estandartes* e *distintivos*. A elas se incorporarão os homens, que o quiserem, sem traje de rigor. 5] Guarda de Honra [composto apenas por homens], traje a rigor: casa e fraque, calças listas [...].

6] Ordens Terceiras e Irmandades deverão, *todas*, comparecer. [...]. Se comparecerem de hábito ou com opa, tomarão o lugar que lhes compete nas procissões. Se preferirem incorporar-se à Guarda de Honra, usarão traje de rigor e, nessa hipótese, bastará que, levando a cruz alçada ou estandarte [que deverá faltar], esteja uma pequena comissão vestida de hábito ou opa. Os outros, em traje de rigor, formarão incorporados à Guarda de Honra, ou seguida ao respectivo estandarte. Nada impede que ao grupo de cada Ordem ou Irmandade, em traje de rigor, se agreguem outros cavalheiros nas mesmas condições".[916]

Nos excertos acima reproduzidos podemos destacar a obsessão dos organizadores do certame religioso com a imagem e apresentação externa dos participantes.

---

[915] Aviso nº 210". In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 12-19; cits. p. 13, para todas as citações aqui; itálicos no original; sublinhado meu. Monsenhor Gonzaga do Carmo era o responsável pela organização e direção da Procissão triunfal.

[916] Aviso nº 210". In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 12-19; cits. p. 13, itálicos no original; sublinhado meu.

Convidar, persuadir e *inscrevê-los* indicava um traço importante em relação aos devotos: a fé na divindade cristalizava-se em imagens que eram traduzidas em cores e formas: em contraste binário ou nas oposições homólogas: branco *x* preto, em gêneros e faixas etárias opostas, cujos significados são múltiplos - puro *x* impuro; pecadores *x* inocentes; cristãos *x* hereges etc.[917]

Deste modo, a fé não seria mais algo interno do ser, ou algo quase imperscrutável nas entranhas do crente. Mas *entusiasmo* e *emoção* transformada em *volume*, *imagens* e *cores*: exibida no espaço público, a fé na Padroeira da Nação consubstanciava-se em força política - N. S. Aparecida era uma potência!

A questão da mobilização de todos os "corpos estáveis" e a absoluta adesão ao evento, logo acarretando a unidade harmônica da sociedade, foi ressaltada no 8º item. *A preocupação com elementos formais* como as cores também aparecem no 9º item, quando estabelece que os religiosos estavam proibidos de usar casula, dálmata ou pluvial nas cores "preta ou roxa".[918]

De imediato deixemos consignado: há no itinerário a ser descrito pela Imagem um propósito claramente de **encantamento ritual na peregrinação e de enlevo operado pela Imagem**, no percurso múltiplo e sinuoso do deslocamento que a Estátua da Padroeira percorreu. Ele foi enfrentado com as energias do sagrado e regados na fé à Virgem Aparecida, como veremos. Após a série de consultas, planejamento e organização – aspectos que apontam o seu índice cabal de racionalidade –, em 22 de abril de 1931, o D. Sebastião Leme dirigiu ao Clero e aos fiéis Circulares convocando-os para os trabalhos de preparação à recepção da Imagem de Nossa Aparecida na cidade do Rio de Janeiro no próximo mês de maio. O religioso inicia a

---

[917] A história milenar do cristianismo, em particular o catolicismo, acumulou um acervo expressivo de denominações aplicadas aos seus opositores que foram diabolizados desde a Igreja primitiva como: "pagãos, judeus, bárbaros, sarracenos, mouros, turcos, negros, bruxos, feiticeiras, magos, e hereges – outrora –, deístas, ateus, anabatistas, reformadores e papistas – mais tarde –, materialistas, comunistas, anarquistas [...]". Cf. CHAUÍ, M. "Sobre o Medo". In: NOVAES, A. [Org]. *Os Sentido da Paixão*. São Paulo, 1987, 508p; pp. 35-75; cit. p. 41. A questão do herege será central na mobilização das massas cristãs desde a Idade Média. A invocação de Maria e o seu artefato o rosário mariano desempenharão papel fundamental no combate ao outro apontado como inimigo da Igreja. Cf. LADURIE, E. Le Roy. *Montaillou. Povoado Occitânico*. [*1294-1324*]. São Paulo, Cia. das Letras, 1997, 576p; especialmente pp. 397-407. São Domingos, fundador da Ordem dos Pregadores, [também conhecidos pela alcunha de *Domini canes* (*Dominicanes*) "os cães de Deus"], cuja influência, [...], foi imensa na região [...]", p. 404.
De acordo com Leão XIII o rosário de Maria, a partir do exemplo do "ínclito S. Domingos", foi "[...] um instrumento de guerra eficacíssimo pata combater os inimigos da fé", p. 26; "os hereges Albigenses, [...] [que] haviam infectado de perniciosos erros a França meridional", p. 5. Cf. LEÃO XIII [Papa]. *Encíclica Supremi Apostolatus*. [01-09-19883]. E *Encíclica Octobri Mense*. [22-09-1891]. Petrópolis, Vozes, 1960, cit. entre aspas pp. 26 e 5 das respectivas Encíclicas.
A partir de 1930, neste país, o comunismo será o ente repugnante e pestilento que deveria ser massacrado. O padroado de Aparecida foi a arma levada ao campo de batalha pela hierarquia e elite leiga católica.

[918] Essa instrução foi composta de 11 itens. Datada de "30 de abril" e assinada pelo secretário de D. Leme, Mons. Francisco de Assis Caruso. In: "Aviso nº 210". In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; cit. p. 14.

primeira Circular justificando-a a partir do decreto de Pio XI, que havia instituído Nossa Senhora Aparecida Padroeira do Brasil: monta para **os sentimentos religiosos de uma pátria**, bem merece o relevo de **extraordinária comemoração**. Daí a idéia de consagrar uma semana de **solenidades em honra de Nossa Senhora Aparecida**. [...]. Essencialmente religioso, amorosíssimo de Nossa Senhora da Conceição, a quem **mesmo sem fundamento litúrgico**, invocou sempre como gloriosa Padroeira, o Brasil tem agora a aprovação oficial de sua devoção predileta. [...]. É de justiça, pois, que, **aos pés de Nossa Senhora da Conceição, sob o título querido e popular de 'Aparecida', aclamemos, em plebiscito de amor, a Rainha e Padroeira do Brasil**". Noutro trecho da Circular o cardeal escreveu que: "[...] **na hora amarga que atravessa o País assoberbado pela repercussão da formidável crise social e econômica no mundo inteiro**, tendo entre nós a agravá-la os sacrifícios nem sempre evitáveis após as **transformações violentas de ordem política**. Cônscios de que, sem a força e a graça do Altíssimo, em vão se agitariam os homens, vamos apelar para Aquele que tem nas mãos a vida e a sorte dos indivíduos e dos povos".[919]

Na análise de trechos da Circular acima citados constatamos que o evento da ida da Estátua Aparecida à cidade do Rio de Janeiro tinha por justificativa: a] comemorar os sentimentos religiosos da pátria; **celebrar o que já era antecipadamente qualificado como evento extraordinário, o que provavelmente operaria entre os participantes expectativas extra-humanas ou messiânicas**; b] D. Leme, hierarca cumpridor da norma ortodoxa, estranhava o título de Padroeira dado à Imagem de Aparecida, já que não havia fundamento litúrgico ou canônico; c] por se tratar de um evento "essencialmente" religioso – mas a série de documentos, inclusive os de sua autoria, acima apresentados, desmente-o –, como estabelecia a autoridade eclesiástica, as celebrações a serem transcorridas proximamente deveriam expressar no espaço público da capital da República, por meio dos gestos de *submissão* e de *contrição*, devoção e amor filial dos populares à N. S. da Conceição, doravante legitimada canonicamente pela invocada de Aparecida; d] homem atento a conjuntura histórica, quer no âmbito nacional – a transferência do controle político da Nação; quer em termos internacionais – a crise econômica nos país centrais do capitalismo – , a astúcia do prelado e líder da instituição eclesiástica no País apresentava para aquele contexto de crises, *uma solução religiosa como caução às instabilidades do mundo e do poder secular*.

---

[919] "Circular Dirigida ao Clero e aos Fiéis da Arquidiocese do Rio de Janeiro, de 22 de abril de 1931", por seu Cardeal, Arcebispo Dom Sebastião Leme. *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; cit. pp. 10-11, negritos meus. Veja-se também: SANTO ROSÁRIO. Op. cit., ed. cit., 1962, p. 229 ss.

Imagem e Padroado de Nossa Senhora da Conceição Aparecida foram o símbolo e o motivo escolhidos para essa tarefa. Nos quinze dias que antecederam a chegada da Imagem de Aparecida à cidade do Rio de Janeiro, sob a coordenação de D. Leme e de uma equipe de religiosos e de membros do laicado católico, houve uma série de eventos preparatórios que objetivavam afinar o planejamento geral da "Semana de N. S. Aparecida" que culminaria com os festejos do dia 31 de maio de 1931. Para tanto se constituiu uma série de Comissões, destacando-se entre elas três, a saber: [a] Comissão Central que coordenava as demais e era presidida pelo Cardeal-Arcebispo; b] Comissão Mista formada por homens e mulheres cujas tarefas eram executivas; c] Comissão de Honra. A Comissão Mista era composta por católicos leigos[920] próximos do Cardeal.

Já os membros da Comissão de Honra foi pensado, – aí residia um dos aspectos da astúcia política do Cardeal –, para ser composta por católicos representantes das mais variadas profissões: homens cuja atividades vinham do comércio e da indústria, catedráticos de escolas superiores ou militares de alta patente e também médicos, engenheiros, advogados e escritores.[921]

Pelas profissões listadas D. Leme envolveu efetivamente a elite e as classes médias do período no seu projeto ultramontano de recristianizar o Brasil a partir do Padroado de Aparecida no espaço urbano mais importante e conhecido: a cidade do Rio de Janeiro – centro do poder político da Nação.

Os documentos que o evento produziu foram intitulados de "exortações, avisos e circulares". Assim o Aviso nº 210 de 30 de abril dirigido principalmente aos vigários, nele o cardeal foi enfático, quando ressaltava as palavras de ordem: "*convidar*, *persuadir* e *inscrever*" fiéis e membros das Associações e Ordens convocando-os e instando-os à tarefa de conseguir "pelos menos cinco pessoas em cada um dos *quatro grandes grupos* do préstito que acompanhará a imagem de Nossa Senhora Aparecida, no dia 31 de maio".[922] Os quatro grupos seriam compostos por: a] Senhoras; b] Moças; c] Homens e rapazes; d] Guarda de Honra masculina vestida a rigor; os membros desta comissão ficaram em volta à Imagem.

O certame foi detalhadamente planejado: a] equipes para distribuir impressos de propaganda do evento com a sua programação. *O Voto Nacional*, que pedia *uma Era de Paz, Trabalho e Ordem para família brasileira*, sob o manto protetor da sua divindade máxima, N. S. Aparecida,

---

[920] Para a série de Comissões como a "[...] Central", de "[...] Honra", Executivas de "Homens" e de "Mulheres" etc. Cf. *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; especialmente pp. 20-23.

[921] SANTO ROSÁRIO, Ir. Op. cit., 1962, pp. 230-231.

[922] *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; cit. pp. 12-14. As palavras e os trechos em itálico estão no original expedido pela Cúria.

foi o principal panfleto impresso, cuja quantidade atingia o número de milhões; b] trajes diferenciados para indicar os respectivos grupos aos quais pertenciam e quais os lugares que iriam ocupar na procissão; c] pessoas treinadas para orientar e incorporar aqueles que se inscrevessem como avulsos; d] a obrigatoriedade da participação dos membros das Irmandades e Ordens Terceiras; e] estabelecimento das vestes do padres; f] previsão do número de participantes no cortejo-procissão.

Entre os dias 17 e 24 de maio, nas paróquias cariocas realizou-se uma série de atividades que visavam envolver os fiéis, de modo a garantir a sua participação no dia 31 de maio. Para tanto houve missas e comunhões gerais: a] consagrações paroquianas à Nossa Senhora Aparecida; b] ronda das matrizes suburbanas e rurais; c] uma série de pequenas procissões de Nossa Senhora, que funcionaram com teste e ensaios para a grande marcha do dia 31 de maio. O estrategista D. Sebastião Leme com essas táticas de *arregimentação* e *propaganda*; do uso do *mecanismo binário de contrastes*, ou seja, as *oposições homólogas*: homens *x* mulheres; jovens *x* adultos; cores claras *x* cores escuras; objetivava apresentar, no espaço público, o corpo social que o projeto católico queria para a Nação: uma sociedade ordeira e harmônica ritmada na fé em sua Padroeira e conduzida pela hierarquia católica.

Mas, foi o Rádio o meio de comunicação chave à propaganda do evento. Quase que por unanimidade as estações de rádio aderiram ao pedido do Cardeal. [Se majoritariamente a população da capital da República não era alfabetizada, logo a difusão do evento pelo Rádio contribuiria de modo decisivo para *incendiar* corações e mentes]. A mesma recepção e propaganda pode ser aferida nos jornais cariocas[923] no período próximo ao evento.

Outra estratégia desenvolvida durante os preparativos que antecederam o evento, foi aquela que envolvia os intelectuais. Havia o propósito de D. Leme em vergar a elite intelectual e transformá-la em "uma espécie de milícia de Cristo". Também houve sessões de estudos no Círculo Católico; eles voltavam-se ao clero regular e secular.

Em 30 de maio, véspera da chegada da Imagem de Aparecida, o cardeal fechou os trabalhos preparativos acima elencados, em sessão transcorrida no Colégio Santo Inácio. Abaixo sumariamos pontos do discurso do Cardeal, pois nele estão resumidos posições que foram matriciadas já na Pastoral de 1916 e atualizadas com a experiência de D. Leme até 1931. De certa forma, **esse discurso é a síntese do pensamento e das ações da hierarquia católica brasileira até o pós Segunda Guerra Mundial**.

---

[923] Jornais consultados: *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Diário do Comércio*. Edições a partir 20 de maio até 15 de junho de 1931. Utilizei-me, sobretudo, dos recortes depositados no ACMSP.

D. Leme abordava "duas realidades sobrenaturais que na história da Igreja sempre viveram juntas: A Virgem e a Eucaristia". "O amor da Eucaristia e o amor da Virgem Santíssima são amores que não se pode separar".[924]

Dom Leme lembrou o evento do Congresso Eucarístico do ano de 1922. Em seguida afirmou que o certame de 1931 era um "plebiscito nacional" em favor de Maria.

Não obstante, ele reafirmava o seu projeto para o catolicismo militante traçado na Pastoral de 1916. Repetiu trechos do documento de 1916 quando disse que

> "O Brasil católico está cansado de ser uma maioria sem direitos. [...]. Com Jesus e por Jesus – com Maria e por Maria – é chegado o tempo de fazermos valer os direitos religiosos da consciência nacional. [...]. Felizmente que **os mentores da República começaram a capacitar-se de que a honestidade do ideal democrático lhes impõe o dever de não fechar aos clamores da alma religiosa do Povo**. Que se não desviem desse caminho. É ao único que corresponde aos interesses superiores da Pátria. **É o único que pode salvar o Brasil**. [...]. Lembrem-se de que **já passou o século da equação estulta entre política e progresso material, como se o bem público consistisse apenas do interesse econômico**! [...]. Não é só de pão que vive o Homem, diz o Evangelho, e não será demais repeti-lo [...]. Ou os governantes tomam conhecimento da Alma e da Consciência do Povo, **acabando de vez com esse laicismo obsoleto que teima em ignorar os valores espirituais ou o Brasil será o eldorado da politicagem de nomes a se digladiarem no circo em que a alma da Pátria é a única vítima a ser estraçalhada**. [...]. Ninguém dirá que para nós representa uma conquista ideal. Seria injustiça, contudo, negar que já é alguma coisa, representa um benefício e foi um passo notável que demos. Daí **nossos aplausos ao Governo a quem confiou Deus a honra de promovê-lo e assiná-lo**. [...]. Quando menos, **agora, temos a liberdade na escola**. Antes, a liberdade era só para a minoria dos ateus, agnósticos e acatólicos. Eles não queriam o ensino religioso: a sua vontade era respeitada; não o tinham. [...]. Respeitados na liberdade de não crer, impunham a nós o jogo da Descrença. Era a tirania do Governo a impor despoticamente à maioria a vontade desumana da minoria. [...]. Bem sei que nem todos os divorcistas brasileiros são homens de má fé ou susceptíveis de ódio anti-religioso. Em alguns é visão errada dos princípios e leis que regem o estatuto de família, princípios e leis que, dizendo com interesses inalienáveis da Sociedade, pairam e devem pairar acima das conveniências deste ou daquele indivíduo. Mas, por Deus e pelo Brasil, que o sentimentalismo jurídico de alguns espíritos não vá servir ao desdobramento de **um plano diabólico contra a Família e contra a Sociedade** [...]. **Não! O Divórcio não entrará no Brasil**. Primeiro porque o divórcio é formal e expressamente proibido pela Lei de Deus. Segundo, porque **o Divórcio repugna à consciência moral da família brasileira, austera, virtuosa e cristã**, como as que mais o sejam. [...]. Que **os responsáveis pelo país não dêem crédito aos observadores superficiais que só nos julgam capazes de defendermos os nossos direitos ao perfume das flores que ajardinam ou das flores de retórica que trescalam em nossas assembléias**. [...]. Enganam-se! **Para defender os direitos de Cristo, sabemos também sair às ruas e cerrar fileiras junto das urnas**".[925]

Vários são os pontos que merecem atenção na fala do Cardeal Leme: a] trata-se de um discurso claramente com fins políticos; b] a solução para os problemas do país, quer fossem sociais, econômicos ou políticos, encontravam-se na recristianização da Nação; c] a liderança hierocrática elegeu inimigos a serem massacrados – todos os atores políticos e socais que se

[924] SANTO ROSÁRIO, Ir. Op. cit., 1962, p. 227 ss.
[925] LEME, Sebastião. [D]. "Alocução de Sua Eminência". In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 143-145, negritos são meus.

opusessem às diretrizes da política católica; política emanada da vontade e desejo da autoridade eclesiástica; política que deveria ser aceita e aderida por todo o corpo social e segundo a determinação episcopal; d] o *prelado brasileiro operava com o argumento do pânico, do medo, da anátema e do complô como mecanismo de convencimento para a adesão ao projeto da Igreja*; não havia, nessa acepção, outra solução que não fosse aquela que a instituição apostólica romana e o que a sua liderança havia estabelecido; quem não aceitasse deveria ser esmagado, como pode ser aferida na sua condenação a outros projetos sobre a família e o divórcio.

Mas foi principalmente na sua "Alocução" que o Cardeal se posicionou de modo belicista em relação à questão do divórcio, afirmando que ele "não entrará no Brasil", porque ele "repugna" à consciência cristã do povo brasileiro, pois "o projeto do divórcio" que naquele momento, qual "ronda sinistra" era obra dos "chefes do bolchevismo"; ele era mais uma tática do complô comunista "para defender a cidadela vermelha" e assim ""bolchevizar" o mundo inteiro", de modo a "destruir a idéia de Deus e da família", pois ambos "são as muralhas da civilização cristã". Assim, os comunistas queriam destruir tanto Deus quanto "a mulher [que tinha que deixar] o [...] lar! Que a mulher vá para o mercado das ruas... E o bolchevismo terá conquistado o mundo inteiro – Eis o que eles dizem abertamente".

Mas "os comunistas brasileiros", para o Cardeal, eram covardes e não colocavam as coisas às claras, pois agiam sub-repticiamente, querendo "que na legislação brasileira se introduza o cancro do divórcio".[926]

Um registro: a astúcia do religioso ao ligar divórcio-mulher-e-Aparecida. Assim, sair às ruas seria uma das táticas empreendida pela hierarquia católica para dar visibilidade e fazer propaganda à sua força e poder político no espaço público.

O prelado já reconhecia a proximidade com os novos ocupantes do poder político, que era revelada pelo decreto-lei nº 19.941dc 30 de abril de 1931.

---

[926] LEME, Sebastião. [D]. "Alocução de Sua Eminência". In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 143-145.

Esse decreto-lei havia instituído o ensino religioso facultativo nas escolas públicas. O Decreto Lei 19.941[927] foi avaliado pela historiografia[928] como o primeiro passo para a efetiva aproximação da Igreja com o Estado após quarenta [40] anos de afastamento formal do poder político.

Não obstante, dos vários pontos do discurso acima do Cardeal Sebastião Leme o mais danoso para o regime republicano e a representação política da democracia liberal é o que está contido no penúltimo parágrafo: ali a representação política da Nação no Parlamento, segundo o Cardeal, exalava odores fortes: ela era composta por vândalos fétidos. Assim, *para que manter o mecanismo da representação política no Parlamento? Ele apontava os opositores da Igreja: laicistas, comunistas, anarquista, divorcistas etc., estes eram os inimigos das posições do projeto católico, eles deveriam ser subtraídos do convívio social nas várias esferas da sociedade. Nesse clima e atmosfera se deu a recepção ao Ícone de Aparecida.*

Neste ambiente, *o discurso do Cardeal emitido para uma seleta platéia composta por membros dos "corpos estáveis" da sociedade, a elite do laicado católico, em 30 de maio de 1931, a maior autoridade da Igreja brasileira* **lançou os canteiros de uma construção que seria consubstanciado em 1937: em maio de 1931 a Igreja apresentava as vigas do edifício do Estado-Novo.**

---

[927] *Coleção de Leis do Brasil. República dos Estados Unidos do Brasil de 1931. Atos do Governo Provisório.* [Vol. 1, Jan./Abr. de 1931]. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932, p. 703. Assim, o Decreto Lei nº 19.941 de 30 de abril de 1931, dispõe sobre a instrução religiosa nos Curso Primários, Secundários e Normal: "Art. 1º. Faculta aos estabelecimentos de ensino acima, o ensino da religião; O art. 2º dispõe sobre a necessidade de os pais ou assemelhados solicitarem a matricula respectiva; Art. 3º. Estabelece que nas escolas oficiais, é necessário que haja um número de pelo menos vinte [20] alunos; Art. 4º. Cuida do programa a ser seguido, diz que os livros e textos de ensino ficam a cargo dos ministros dos respectivos cultos (como se houvesse pluralidade de cultos religiosos à época); e que o programa deverá ser comunicado à autoridade escolar; Art. 5º: Cabe ao Estado vigiar e inspecionar a disciplina escolar e as autoridades religiosas o conteúdo e doutrina moral do corpo docente; Art. 6: O corpo docente será de responsabilidade da autoridade eclesiástica; Art. 7º: Dispõe sobre o horário e a carga horária a ser cumprida; Art. 8º: As aulas devem ser ministradas de modo que não prejudique as demais matérias do curso; Art. 9º: Veda que professores de outras disciplinas o ensino religioso [...], não ofendam os direitos de consciência dos alunos; Art. 10º: Autoridades laicas e religiosas, esclarecerão em comum acordo as dúvidas do decreto; Art. 11º: Cabe ao Governo, a seu critério, suspender o ensino religioso nos estabelecimentos oficiais de instrução "quando assim exigirem os interesses da ordem pública e disciplina escolar.Assinado: Getúlio Vargas. Francisco Campos – Ministério da Educação e Saúde Pública". Documento in: Biblioteca da Faculdade de Direito da USP.

[928] SCHWARTZMAN, S. *et alii. Tempos de Capanema.* São Paulo, Edusp; Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, 388p; pp. 44-61; sobre o decreto, p. 57 ss.

Fotografia que registrou a audiência na "sessão solene no salão de festa do Externato Santo Ignácio".[929]



[925] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 24.

À direita da imagem, ao fundo, no alto, uma bandeira do Brasil compõe, com outros elementos a decoração do ambiente. A audiência, composta por homens e mulheres vestidos de forma solene, rigorosa e severa como mostram os seus trajes, têm as suas atenções voltadas àquele que discursa à sua frente.

Esse conjunto de cidadãos ouviu, da maior autoridade católica deste país, o discurso acima cujo sentido forte era que se deveria fechar o Parlamento; a sua fala, cujo teor bélico apontava os inimigos – *laicistas, comunistas, anarquista, divorcistas* [este conjunto enfeixa, na concepção teológica "o mal [que] é sem dúvida a coisa do mundo que, por unanimidade mais [...] [revolta o cristão]. Ele perturba ao mesmo tempo o coração e a razão [...] [dos católicos e das suas] interrogações mais últimas"[930]] entre outros – do projeto católico deveriam ser subtraídos do conviveu social, o que significava, na prática, a eliminação física dos mesmos.

Porém, penso que, sobretudo, a fala do cardeal, de cunho anatemizante, tinha por objetivo convencer as elites do país a partir da elite do laicado católico da capital da República. E essa elite era composta principalmente por homens e mulheres, membros ilustres que constituíam um dos corpos fundamentais da Nação: a família brasileira que referenciava sua Padroeira. Vimos que o cardeal Leme, no seu "Voto Nacional", exortava à Nação, a partir da devoção à Aparecida: a pedir *uma Era de Paz, Trabalho e Ordem* para **família brasileira**.

Antes da análise da Procissão Triunfal do dia 31 de Maio de 1931, a partir das 14 horas, vejamos como transcorreu o translado da Imagem de Aparecida até a cidade do Rio de Janeiro.

---

[930] GESCHÉ, Adolphe. *Le Mal*. Paris, CERF, 1995, 180p; cit. p. 11. O autor, teólogo belga, exerce o magistério na Universidade Católica de Louvain, fez nesse texto um longo e importante inventário sobre a questão do mal na filosofia, não se restringindo a uma abordagem de autores cristãos.

g.6] Percurso Místico. Sobre trilhos de aço a Padroeira percorre um itinerário extraordinário. O Ícone de Aparecida desloca-se na noite de 30 de maio de 1931 até a capital da Nação: do *breu* noturno emergiria o *clarão* diurno da Padroeira a ser obedecido pela Nação.

Fotografia da manhã do dia 31 de maio de 1931, quando a imagem de Aparecida saía da Estação ferroviário do D. Pedro II no Rio de Janeiro, "Forma-se o grande e devoto cortejo que há de acompanhar N. S. Aparecida até em direção ao Largo São Francisco de Paulo",[931] onde ocorreria a Missa Campal.



Toda essa multidão seria carreada e desembocaria na Esplanada do Castelo onde se daria o encerramento de toda a agitação e movimentação do dia em homenagem a Nossa Senhora Aparecida. A multidão seria mais visível a partir das 14 horas, no cortejo de Ícone Aparecida que

[931] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 36.

seguiria lentamente, pois tinha dificuldade em romper o mar humano perfilado no itinerário da procissão até chegar na Esplanada às 17:30 hs. O domingo 31 de maio de 1931 do ponto de vista meteorológico fora perfeito, pois durante toda a semana que antecedeu à chegada de Aparecida, na cidade do Rio de Janeiro choveu sem cessar, o que aprendeu muito os organizadores do evento. Espécie de prodígio, *o domingo fez sol por todo o dia, soprava uma suave brisa desde de manhã até à noite*.[932] Mas antes de abordar esse dia extraordinário, vejamos o que ocorreu na véspera.

Aparecida, São Paulo. Eram oito horas e trinta [8:30] minutos da noite do dia 30 de maio de 1931. Em frente ao Largo da Basílica de N. S. Aparecida concentra-se um número expressivo de pessoas. É gente do povo, e principalmente membros das Associações religiosas paroquianas. Eles são organizados, de modo que se perfilam umas atrás das outras. Assim, uma procissão vai tomando forma. Na fachada externa da Basílica, escrito em letras grandes de néon "SALVE, PADROEIRA DO BRASIL". Do interior da Basílica, transportada pelo vigário, irrompe a Imagem de Aparecida. A Estátua é colocada em um andor. O vigário puxou a reza, a massa humana aglomerada no Largo da Basílica o acompanha: três Salve Rainha e três Ave-Maria. A emoção toma conta do celebrante e contagia os participantes da cerimônia.

Segundo o cronista[933] que narrou o acontecido, o conjunto de pessoas presentes à solenidade chorou copiosamente, produzindo um estado de comoção e enlevo nos presentes.

O ritual de despedida se torna mais grave, pontudo de comoção, atingiu certo estado de êxtase quando a principal autoridade eclesiástica do Estado de São Paulo, o arcebispo D. Duarte Leopoldo e Silva, em frente à Estação Ferroviária da Central do Brasil em Aparecida, rezou em voz alta uma Ave-Maria "pelo povo de Aparecida que tão generosamente tinha cedido a Santa Imagem".

Essa movimentação era acompanhada por duas procissões que cortejava o Ícone de Aparecida: uma procissão dos fiéis da cidade de Aparecida e outra dos que acompanhavam o arcebispo.

Sob o olhar da multidão presente Dom Duarte retirou a Imagem do andor e a entronizou em um altar no Vagão-Capela que compunha o Trem-Santuário; altar que segundo a fonte, havia sido especialmente confeccionado para a viagem até a cidade do Rio de Janeiro.

---

[932] SANTO ROSÁRIO, Ir. Op. Cit., 1962, p. 240. E *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 02 de junho de 1931, Coluna Vida Católica, p. 12. O articulista fala que a chuva que caiu durante toda a semana havia transformado a cidade num verdadeiro charco, mas que por dádiva divina o domingo amanheceu ensolarado.

[933] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, Ano VI, 1932, pp. 18-63 ss.

Antes da partida do trem,[934] D. Duarte em gesto pastoral "dirigiu palavras de consolo ao povo, falando dos **fins grandiosos desta viagem extraordinária**".[935] À saída do Trem-Santuário o povo presente aclamou a partida da Imagem com músicas, cânticos e choros copiosos.

Dom Duarte, que juntamente com D. Leme foi um dos articuladores da ida da Imagem de Aparecida para o Rio de Janeiro, tinha claro quais os objetivos e ganhos da empreitada: a viagem grandioso e extraordinário, como já apontamos, para hierarquia episcopal, visava fins políticos. Uma nova tática era colocada em prática.

O momento político era propício: recém instalados no poder, Vargas e os tenentes viviam uma conjuntura na qual necessitavam de reconhecimento e legitimidade. Os astuciosos promotores do evento perceberam o quadro político, e, assim, aproveitaram o recente decreto papal de reconhecimento da Imagem de Aparecida como Padroeira da Nação para levá-la até a capital do país. O percurso provavelmente foi pontuado e ritmado por hinos como esse:

> *Canto dos Peregrinos.*
> "Virgem Santa Aparecida, /– Flor da epopéia cristã – /Que encheis de perfume à vida, /Como luz enche a manhã. /Segredo que o rio, ao fundo, /Levava ao mar, sem saber /Que iria privar o mundo /Do seu mais doce poder. /Tesouro de graça estranha,[936] /Que, para ao Céu levantar, /A terra se fez montanha, /Se fez a montanha altar. /Flor das águas, Virgem salva /Na rede do pescador, /Para ser a estrela d'Alva /Da noite de nossa dor. /Cantando vimos trazer-vos /As rosas da contrição, /Nas harpas de nossos nervos, /Ungidas de extrema unção".[937]

O relato que segue foi registrado pelo articulista do *Almanaque de N. S. Aparecida* [*Ecos Marianos*] – *ANSAp*. Segundo a sua narrativa o relógio marcava "dez e um quarto [de hora] da noite" quando partiu da Estação Ferroviária de Aparecida a Imagem da Padroeira rumo à cidade do Rio de Janeiro. O cronista diz que mesmo após a saída, ainda era possível ouvir ao longe "aclamações" dos fiéis, que pediam "dai-nos a benção, Ó Virgem-Mãe".[938] A locomotiva avançava noite adentro puxando os vagões.

A primeira cidade a ser atingida era **Guaratinguetá**. Nas proximidades da Estação-Ferroviária formou-se, pelos dois lados dos trilhos do trem, "uma *muralha viva de milhares de pessoas*" para assistir à passagem de Aparecida e lhe prestar homenagem e reverência.

---

[934] O relógio marcava "vinte e três horas e meia do dia 30, sábado", quando a Imagem da Padroeira partiu de Aparecida. Cf. *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; cit. p. 150.
[935] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, Ano VI, 1932, p. 38, negrito meu.
[936] O que seria essa "graça estranha" da Padroeira? Estaria o autor se referindo *à cor da Imagem*? Aspecto sobre o qual a hierarquia faz o maior silêncio.
[937] Autor: LUIZ CARLOS. Esse cântico provavelmente foi cantado quando da saída da Imagem da Basílica, repedido durante o percurso da procissão até a Estação Ferroviária e na hora da saída do Trem da Estação quando houve a despedida dos fiéis da Imagem. In: *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 28.
[938] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, Ano VI, 1932, p. 32, para todos os trechos entre aspas.

Lorena era a cidade seguinte do roteiro. Ali a Imagem foi recepcionada com "entusiasmo". O calor efusivo dos devotos tinha uma explicação: por "três dias" o vigário da Matriz os havia mobilizado preparado-os com "cânticos', de modo que se obteve uma "*iluminação feérica*", pois "toda Lorena" tomou parte nos festejos.

Em seguida à Lorena vinha **Canas**. Nesta localidade "e nas estradas que cruzam a linha" achavam-se "*ajoelhadas centenas de pessoas*", elas portavam "*velas acessas*". Os populares também reagiram à passagem do Ícone com "entusiasmo".

Em seguida atingiu-se **Cachoeira**. O pároco havia mandado iluminar a torre da Matriz, e o efeito obtido era o "[...] de um Castelo de Fadas": o "povo aclama delirantemente a Padroeira do Brasil".

Em **Cruzeiro** quem esperava pela passagem de Aparecida eram as "Associações religiosas" da cidade que se fizeram presentes com os seus "estandartes e insígnias": elas davam "vivas, cânticos, música enchiam o espaço", e lançavam "aos pés do altar" no vagão-santuário "ramalhetes e braçadas de flores".

Já em **Lavrinhas** "preparou-se uma manifestação singela e devota": um conjunto de moças cantou "com fervor" hinos devotos.

Segundo o relato do cronista a essa altura o relógio marcava "meia noite". Um novo dia irrompia, e no intervalo entre uma estação e outra os membros que acompanhavam a Imagem fizeram a "[...] recitação do Ofício, mais comovente pelo *extraordinário do ambiente* e o *mistério* da hora".

Mesmo constatado o adianto da hora, a população do município de **Queluz** iluminou a cidade, jogou "flores" e fez "aclamações" ao Ícone. O arcebispo D. Duarte o mais destacado religioso que acompanhava a Imagem permaneceu por todo o percurso numa espécie de vigília, ele se mostrava "à janela" do vagão-santuário em agradecimentos "as manifestações" dos devotos de N. Senhora Aparecida.

Outra passagem da Estátua foi na localidade de **Barão Homem de Melo**, "de certo ninguém ficou em casa".

Situação simular dessa adesão massiva foi em **Rezende**. Aqui as mais "belas" flores foram lançadas e oferecidas "à Virgem".

O tempo avançava e o relógio registrava ser "duas horas da madrugada", chegava-se a **Floriano**. A estação se encontrava "lindamente" adornada com "fogos de bengala em toda a linha e grande massa de povo" presente.

Populares de **Quatis**, localidade que ficava distante "seis" kms. de Floriano, por iniciativa do seu Vigário, fez "a pé" esse percurso e expressou um "entusiasmo [...] indescritível" à Aparecida.

Ainda na escuridão da noite o trem chegou à **Barra Mansa**. Na sua estação esperava por Aparecida "milhares de pessoas, todas com velas acesas na mão". O Vigário puxou reza e o povo "em voz alta" declinou "a Ave-Maria": um estado de êxtase foi obtido. Em seguida "o trem põe-se em movimento e ainda uma menina correndo atrás, atira uma rosa para dentro do carro-capela".[939] O gesto da adolescente foi interpretado pelo cronista como sendo de contentamento e satisfação.

Volta Redonda seria a próxima passagem da Imagem. O trem não chegou a parar, mas diminuiu drasticamente a velocidade, "e o povo acompanha-o um bom trecho entre vivas que ainda se ouvem quando o trem" se encontrava "bem longe".

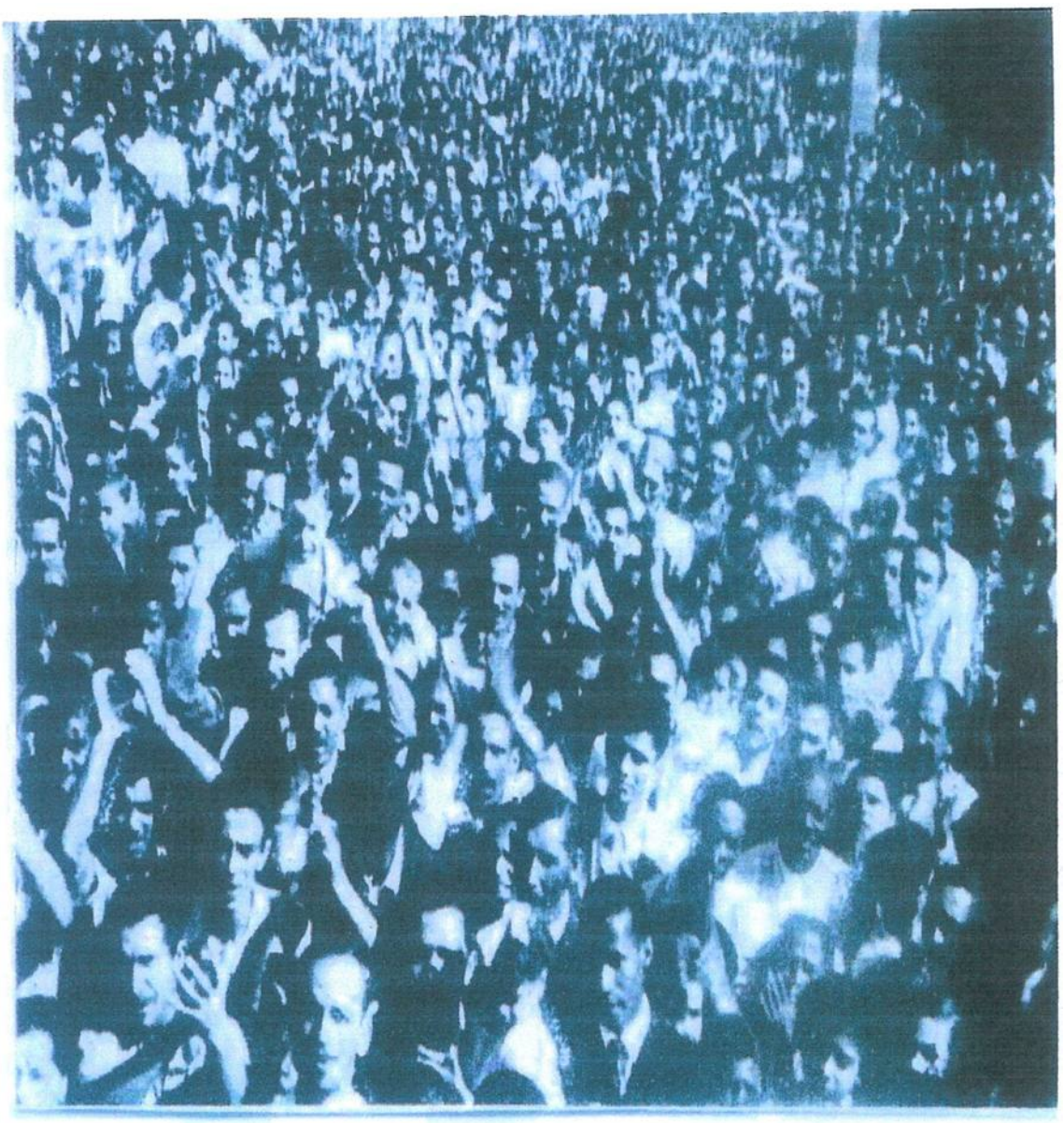
Esse mesmo percurso ferroviário, agora na manhã do dia 17 de julho, foi repetido em 1955 quando a Imagem de Aparecida novamente foi levada à capital da República na condição de *peregrina* para presidir o "XXXVI Congresso Eucarístico internacional".

Mutatis mutandis, constatava-se sobre "o grande entusiasmo popular, o poder de atração que N. S. Aparecida exerce sobre o povo brasileiro".[940]

O articulista citou o conjunto de cidades pelas quais a Imagem passou, e detalha sobre a "maior, a mais bela e a mais espontânea recepção foi a oferecida pela cidade de **Volta Redonda**, denominada "Cidade do aço". Mais ou menos 20.000 pessoas comprimiam-se delirantemente nas plataformas e adjacências. [...], todos vieram para a estação. [...]. Quantos não choravam de comoção! Quando, afinal, o cambôio se pôs em movimento, muitos o foram acompanhando com quase desespero de quem não quer apartar-se de uma pessoa querida".[941]

---

[939] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, Ano VI, 1932, p. 32, para todos os trechos entre aspas neste parágrafo; os itálicos são meus.
[940] *ANSAp*. Aparecida, 1956, p. 34.
[941] *ANSAp*. Aparecida, 1956, pp. 35-36.



Esta imagem está acompanhada da legenda: "TODA A POPULAÇÃO DA CIDADE DE VOLTA REDONDA comprime-se na Estação para saudar N. Senhora em sua passagem para o Rio".[942] Não era inocente esse detalhamento sobre a adesão entusiástica e unânime de "Cidade do Aço" à Aparecida: com uma população composta majoritariamente por trabalhadores, infere-se que eles eram marianos e devotos da Padroeira, de modo que rechaçariam quaisquer outras ideologias estranhas, como a comunista que seria objeto de uma série de ritos condenatórios neste CEI de 1955.[943]

---

[942] *ANSAp*. Aparecida, 1956, p. 36, inclusive a imagem.
[943] *ANSAp*. Aparecida, 1956. Às pp. 240-241, relata-se sobre os ritos consagrados à "Igreja do Silêncio", vítima dos regimes da "Cortina de Ferro".

Continuemos a análise do deslocamento de 1931.

Em **Barra do Piraí** houve "*manifestação estrondosa*; a banda de música toca: "Graças Vos damos" e "Queremos Deus" e *todo o povo canta* estes hinos cujo eco" era reverberado nos "flancos das [...] montanhas" próximas.

Em **Mendes** algo de especial aconteceu. Ainda era noite. Um grupo de crianças, preparadas por religiosos Maristas, permaneceu acordado e vigilante a aguardar N. S. Aparecida: elas expressaram "alegria" jubilosa a sua Mãe do Céu, como havia dito o salmista: *Ex ore infantium.*

Neste ponto da viagem já havia sido atingido o topo da Serra, doravante o trem seguia "serra abaixo", e passava-se por "muitas e pequenas estações".

Nesses lugarejos "*ninguém dorme*". O que se via eram "*cenas comoventes*" com "*o povo piedoso de joelhos* ao longo da Estrada, *de mãos erguidas para a Virgem*". Assim constatava o articulista: "como *são cheios de entusiasmos os fluminenses e cariocas*: *gesticulam*, mostram uns aos outros o altarzinho, *batem palmas*, *atiram beijos* à Imagem Santa [...]".[944] À capital do país se aproximava.

Atingiu-se **Deodoro**. A manhã se rompia e um "*dia* [...] *festivo*" acordava num "*céu de anil*" que se estendia sobre toda "a Capital Federal". Já na periferia do Rio na estação de **Deodoro** havia uma "*multidão*" que fazia "*aclamações delirantes*!" à Aparecida. Assim, "cheia de *entusiasmo e fé* [...] uma Senhorita fez [...] saudação à Virgem".

Depois de **Deodoro** tudo passou a ser "[...] *uma só aclamação*: vê-se que todo o *povo está em alvoroço*, formam longas fileiras, *batem palmas*, *dão vivas*, [...]", situação que permaneceu até o cortejo atingir a "estação D. Pedro II".[945]

Todo o percurso foi ritmado por cânticos, hinos e rezas; a população que assistiu à passagem da Padroeira o fez num estado de suspensão: retirados do seu cotidiano os devotos pernoitavam em vigília.

Outra fonte que registrou o deslocamento enfatiza a questão da *adesão unânime dos devotos* "em todas as estações por onde o trem passou ou parou", eram "cenas de fervorosa exaltação de fé à Santa Imagem", de modo que eram "cenas de especial exemplo de *fervor*, as que ofereceram *as*

---

[944] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, Ano VI, 1932, p. 34, para todos os trechos entre aspas neste parágrafo; os itálicos são meus. O articulista afirma que à altura que o trem atingiu o topo da Serra e começava a sua descida, os membros das Comissões encontravam-se no "carro-capela [...] rezando o terço".

[945] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, Ano VI, 1932, p. 34, para todos os trechos entre aspas neste parágrafo; os itálicos são meus.

Nas páginas acima, teve por base a narrativa do cronista do *Almanaque de N. S. Aparecida*, a partir da qual descrevemos o deslocamento do Ícone de Aparecida na noite do 30 de maio de 1931.O Ícone de Aparecida chegou à estação Ferroviária D. Pedro II "às 7 horas e 15 minutos, precisamente" da manhã do domingo 31 de maio. Cf. *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; cit. p. 152.

populações perdidas em tão longo trajeto, as casas, casebres e cabanas ao longo da estrada, que tomavam *um ar santo de festa na noite fria*, mostrando as suas *luzes*, deixando *ouvir, na vertigem do trem*, as *vozes* que partiam distantes e se quebravam súbitas, dando vivas à Senhora Aparecida", por todo o percurso "um devoto, ou uma família, de *velas acesas* à beira do caminho", o que se configurou freqüentemente "o espetáculo dos *adoradores ajoelhados* à passagem do trem, e das *fogueiras que crepitavam dentro do frio cortante da madrugada*".[946]

Esta narrativa evidencia, como na anterior, sobre a longa jornada do Ícone de Aparecida noite adentro. Sob o jugo das intempéries da gélida madrugada, os fiéis expressavam a sua fé à Padroeira: aos rigores do frio cortante eles respondiam com o calor fervoroso da sua devoção; à escuridão noturna eles iluminavam com crepitantes fogueiras, velas, luzes, tochas etc. Os rigores físicos eram enfrentados pelos devotos energicamente como o calor que os enlaçavam e era expresso na sua crença na diminuta imagem de Aparecida de 37 cm.

Mas, talvez, as luzes com as quais os devotos iluminaram o percurso da sua ida até à capital da República, tão ressaltadas nas fontes, tenha sido um mecanismo colocado em relevo pelos organizadores e promotores do evento, para dizer que a fé na Padroeira era o Sol que doravante iluminaria os destinos da Nação.

Todo esse conjunto de expressões de *entusiasmo* e *ardor* devocional à Aparecida foi *imediatamente apropriado pelos organizadores do evento.*

O pe. Antonio de Andrade, depois da Missa Campal da manhã do dia 31 de maio, quando o Ícone de Aparecida já se encontrava depositado no interior da "catedral" do Rio de Janeiro, "[...] descreveu com maiores detalhes a viagem de Aparecida ao Rio mostrando aos *fiéis que enchiam o templo o quanto era fervente a fé do nosso povo* e como foram tocantes aos corações católicos as manifestações de amor religioso tributados a N. S. Aparecida e Padroeira do Brasil".[947]

Como apontamos anteriormente, D. Leme havia afirmado que o Rio estava uma "braseiro" no período preparatório à celebração do Padroado de Aparecida. O seu propósito de envolver toda à capital de República no evento esteve ameaçado pois, durante toda a semana que antecedeu à achegada da Estátua da Padroeira, pesadas nuvens cobriram os céus e choveu torrencialmente na cidade. O que gerou profunda apreensão negativa nos organizadores do certame, pois todos os esforços poderiam se traduzir num rotundo fracasso, já que as principais cerimônias – à procissão triunfal da tarde que se encaminharia à Esplanada do Castelo e os ritos da consagração do Brasil a

---

[946] A viagem também se acha narrada nas: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 150-152; cit. p. 151, itálicos meus.

[947] In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 150-152; cit. p. 154, itálicos meus.

N. S. Aparecida –, que dar-se-ia ao ar livre, e contaria com à adesão de uma multidão. Mas, com que por milagre da divindade, na manhã de domingo 31 de maio de 1931, descortinou-se sobre o céu da capital um sol irradiante que iluminou[948] e aqueceu a todos.

A Estátua da Padroeira ao chegar na manhã de domingo 31 de maio à Estação D. Pedro II, foi recepcionada por "uma vasta e incontável massa popular" que sofreu o impacto de uma estampa de Aparecida fixada na locomotiva que lhe transportou, na sua frente – da locomotiva – "uma excelente óleogravura" da Padroeira "iluminada pelos próprios faróis da máquina possante". Ato contínuo, "começaram estão a chover flores sobre os carros e a fazer-se ouvir o clamor da multidão entusiasmada até ao delírio". De fato, com já havia previsto D. Leme, que dizia conhecer o povo carioca, a capital da República estava um "braseiro", e as cerimônias de recepção à Imagem eram o primeiro termômetro do que iria ocorrer ao longo daquele dia 31 de maio de 1931.[949]

Havia sido planejado um cortejo composto por membros de destaque do laicado católico, como "o min. Cardoso Ribeiro e o conde Pereira Carneiro" entre outros, que fariam o percurso de automóveis até o Largo São Francisco de Paula. Mas, antes da partida o cardeal Leme pediu a apalavra ao que foi atendido pela "incalculável quantidade de gente que se achava no largo fronteiro à estação", não obstante toda essa massa humana, o que poderia causar desordem e tumultos, "mas graça à índole do nosso povo e à calma e eficiente das autoridades eclesiásticas [...]", tudo transcorreu em ordem disciplina. No instante antes da partida da comitiva ele "pediu dois momentos de silêncio" ao que "todo o povo rompeu num coro imenso e arrebatador" rezando inicialmente "uma Ave-Maria pelo Brasil" e a outra "pelo Rio de Janeiro" e os "*doentes*, pela *paz*, pela *tranqüilidade da família brasileira*, [...], pelos *pobres*, pelos que *sofrem*, pelos que *choram*, [...], [pelos que] *não puderam vir*, [...] [que] N. Senhora *esclareça aqueles que estão dirigido o* país. [...], que *convertam os que não são católicos*, [...], [e pelos que se achavam] fora da Pátria, choram *o desterro*",[950] ao que a multidão respondeu com "frementes" vivas e "palmas" estrepitosas de apoio às intenções apresentadas pelo cardeal.

---

[948] SANTO ROSÁRIO, Ir. Op. cit., 1962, à p. 240 faz referência ao "luminoso" dia 31 de maio, e que havia contaminado a cidade do Rio de Janeiro com "aquela alegre plenitude de beleza que torna um quadro incomparável para as cerimônias ao ar livre [...]".

[949] Em 1955, segundo o articulista do *Almanaque* de Aparecida, a Imagem da Padroeira foi recepcionada com igual fervor e entusiasmo pelos cariocas, pois "o povo, impedido de entrar até as plataformas, aguardava ansiosamente lá fora". Assim, o cortejo que lhe seguiu pela Av. Rio Branco, "a multidão, oceano imenso". *ANSAp*. Aparecida, 1956, cit. pp. 36-37, respectivamente. Afirma-se que "calculou-se em um milhão, o número de pessoas que vieram receber N. S. Aparecida", p. 37, na manhã de 17 de julho de 1955.

[950] *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; cits. entre aspas, p. 152, itálicos meus.

Em seguida o cardeal D. Leme e o arcebispo D. Duarte entraram nos automóveis que os levaria até o Largo São Francisco. D. Duarte trazia consigo a Imagem de Aparecida. Este carro abria o cortejo aos demais automóveis, que descreveu o seguinte trajeto: "rua Mal. Floriano, onde se viam milhares de pessoas paradas, à espera da procissão".

A continuidade de práticas culturais[951] que se remetiam às expressões externas do sagrado desde a América portuguesa pode ser conferida quando na manhã de 31 de maio de 1931 "*os moradores abriam nos balcões e janelas colchas fortemente coloridas*".[952]

Segundo a fonte estabeleceu-se um clima de contentamento durante o percurso com "animação [...] grande. Automóveis em grande número, conduzindo famílias" para se atingir o destino, o Largo São Francisco. Os trabalhos contaram a participação ativa das autoridades constituídas, como a "Inspetoria de Veículos" que havia interrompido o transito. E com a adesão dos comerciantes que "fechou as portas" dos seus estabelecimentos. "O cortejo [passou] pelo Largo de São Domingos, [...] o povo bateu de novo palmas [...]. Os templos e igrejas estavam desses logradores "totalmente aberto, ornamentados e iluminados" à passagem do cortejo com a Imagem de Aparecida; em seguida chegou-se às "proximidades das ruas da Alfândega e Buenos Aires".

Assim, em velocidade reduzida, pois o ritmo era ditado pelo número gigantesco de devotos que "de espaço a espaço, o cortejo parava. Redobravam os *aplausos*. Repetiam-se as *preces*. Ressoavam *cânticos*", de modo "que as ruas se haviam transformado num vasto templo".[953]

Nesta ordem de coisas, pontuado por *aplausos, preces* e *cânticos* obtinham-se uma *atmosfera de enlevo onírico* e um *clima de suspensão*. Estava racionalmente produzido o ambiente para a celebração da Missa Campal.

---

[951] Marta Abreu analisou essas expressões externas do sagrado em "procissões", festas etc. para o século XIX. Veja-se: ABREU, M. *O Império do Divino. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro, N. Fronteira, 1999, 406p; especialmente pp.33-127. A Estação D. Pedro II onde a Imagem de Aparecida desembarcou na capital da República em 1931, esta localizada nas imediações do Campo de Santana, espaço no qual transcorriam os festejos do Divino que foram objeto da sua análise.
Noutro trabalho, Abreu apontou sobre Irmandades religiosas que organizavam "cultos para a ostentação". ABREU, M. "Festas Religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX". In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, CPDoc-FGV, vol. 7, nº 14, 1994, pp. 183-204; cit. p. 197. Nestes dois trabalhos realiza-se a difícil tarefa da *thick description* - a "descrição densa" - no campo da história. Resultado que não foi obtido em abordagem no próprio campo antropológico que propôs tal metodologia, como em: SCHWARCZ, L. M. *O Império em procissão. Ritos e símbolos do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro, J. Zahar Ed., 2001, 84p. SCHWARCZ, Lilia M. e MACEDO, Valéria M. de. "O Império das festas e as festas do Império". In: SCHWARCZ, L. M. *As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo, Cia. das Letras, 4ª reimp., 2000, 623p; especialmente pp. 247-294.

[952] *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; p. 153, itálicos meus.

[953] *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; p. 153, itálicos meus.

À porta da Igreja de São Francisco de Paula foi construído um altar, "levantado no pórtico" do templo, "[...] o qual estava formado por um frontal de *brocado de seda*, – *tecido de damasco*, com *flores em relevo entrelaçado de fios de ouro* – tendo sobre a mesa do santuário uma rica *toalha de finíssimo linho com custosas rendas de Bruxelas*".[954]

Toda essa riqueza revelada pelos tecidos nobres tinha outros elementos de igual qualidade na composição do cenário, como os "quatro pequenos e antigos castiçais de *prata*, finamente lavrada [...]. Duas banquetas, enfeitadas e guarnecidas de jardineiras baixas, com escolhidas *flores, ornamentavam o altar, e a Sagrada Imagem da Conceição Aparecida*, que *em seu próprio nicho, aberto, erguia-se, no extremo superior* [...]".

Mas, esses eram apenas parte dos adornos e elementos cênicos, pois "na parte posterior do altar, estava confeccionado uma grande roseta, figurando uma estrela irregular, com hastes de tamanho diferentes, tendo essas hastes, a parte interior, revestida com flores naturais". Tudo isso tinha por objetivo *engastar religião e Pátria*, pois "ao fundo desse conjunto, via-se uma *bela e mágica decoração*, feita por alto e largo troféu, de *grandes bandeiras nacionais*: que, com os seus *fortes matizes, verde e amarelo*, o fazia realçar e sobressair".

Toda a parte da frente da Igreja foi forrada "com belas colchas de sedas, de cores variegadas e com bandeiras brasileiras" e do vaticano, e "foi fortemente iluminada" com o que havia de mais moderno no período " – Gás Néon – " em vermelha na parte superior do Templo, também "com lâmpadas brancas, elétricas e incandescentes", assim lia-se "logo abaixo do entablamento da fachada, em letras também de lâmpadas elétricas, *verde* e *amarela*, a seguinte invocação: SENHORA APARECIDA /ABENÇOAI O BRASIL".[955]

O promotor do evento, o cardeal Leme, também vinculou o seu próprio nome ao da Padroeira. Mandou instalar nas "pilastras paralelas às colunas" da igreja "dois escudos com as [suas] armas", que se achavam "circundado por bandeiras, onde se lia a [...] a divisa: *Cor unum et anima una*". A partir da Padroeira da Nação enlaçavam-se religião, pátria e o organizador do evento. A devoção mariana de Aparecida foi instrumentalizada individualmente por D. Leme.

Toda uma série de detalhes foi pensada, como aqueles dos "fustes das colunas do Pórtico da Igreja, onde foi assentado o altar *em forma de espiral*, e do tímpano [este tem, entre outras

---

[954] *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; p. 153, itálicos meus.

[955] *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; p. 153.

definições: "[...] espaço liso ou esculpido, circunscrito por vários arcos e retas; painel entre molduras" etc] caíam festões de igual espécie".[956]

Assim, com as cascatas de ramalhetes – os festões – que a partir das formas em aspirais – o saber geométrico a serviço da divindade! – apontavam *um sentido ascensional* de espaços imperscrutáveis pelo humano, e que estes deveriam atingi-los – há sempre a reminiscência do elemento sacrifical nestes momentos – qual espécie de desejo místico que demandava à cidade de Deus. Estes dados são constitutivos da equação celebrativa do cardeal Leme ao Padroado de Aparecida, mas não escapava à sua engenharia messiânica a concretude do real: o *amarelo e o verde* da flâmula nacional engastando-se à *bela e mágica* Estátua da Padroeira – os *sentidos* eram *racionalmente embriagados*!

Antes de concluir essa parte da análise, quero fazer uma digressão a respeito da questão dos *homens demandando por um sentido ascensional que ultrapassava à condição humana.*

O leigo católico Alceu Amoroso Lima no seu discurso "Pio XII" lido durante o IV Congresso Eucarístico Nacional [CEN], evento religioso dirigido às massas, realizado em 1942 em São Paulo, escreveu sobre o papel tanto do papado quando o da Igreja, que não poderia ser meramente "humana e temporal", pois "a verdadeira figura da Igreja ou de um Papa é sua face invisível, é o seu sentido interior". Para tanto Amoroso Lima evocou uma imagem do poeta Charles Baudelaire sobre o Albatroz. Segundo o poeta, este pássaro quando capturado por "marinheiros de um barco [...], o seu andar [torna-se] desajeitado e até ridículo no convés do navio", os seus passos ficam no mesmo nível dos do homem andrajo. Mas o contrário é o aspecto majestoso e "magnífico" do Albatroz quando em vôo plana "nos espaços"[957] infindos.

No plano do discurso, religiosos e leigos timbravam as suas falas sobre o papel que caberia à instituição romana: ela deveria pairar sobre os embates políticos e as vicissitudes humanas. Assim, *escrutinar a realidade e concretude histórias dos homens era uma atividade que não interessava à Igreja. Questão que era enfatizada principalmente em eventos que tinham por fito convencer e conclamar as massas urbanas de que a Igreja visava tão-somente o plano divino, logo o discurso dos seus agentes era crível e legítimo*, pois se apresentava para além das fricções terrenas.

Mas como vimos noutras partes da pesquisa, a ação da Igreja e dos seus agentes tinham por alvo o plano imanente, principalmente o político.

---

[956] *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; p. 153, itálicos meus.

[957] LIMA, Alceu A. "Pio XII". In: *IV Congresso Eucarístico Nacional. Guia da Cidade de São Paulo*. São Paulo, Gráficas Siqueira, 1942, 220p; pp. 30-33. cit. pp. 31 e 30, respectivamente. O trecho referente a Baudelaire foi adaptado por mim.

Como vimos acima *se elaborou todo um itinerário* – o do deslocamento da Imagem a partir da Estação do D. Pedro II até o Largo São Francisco –, e *montou-se um cenário em escala ímpar na sua magnificência*, e digno da divindade.

Tratava-se de uma paisagem composta por elementos cênicos confeccionados com artefatos em materiais nobres – prata, ouro, seda etc. –, adornaram-se paredes, fachadas etc.

Assim, construiu-se mediante o esforço dos promotores e organizadores do evento o ambiente e a atmosfera onde ocorreu o primeiro rito litúrgico, à Missa Campal – o altar foi todo decorado com cravos e "flores naturais, *amarelas e azuis* [...] tendo por todo o fundo o *pavilhão nacional*" – no Largo de S. Francisco de Paula, celebrada pelo arcebispo de São Paulo D. Duarte Leopoldo e Silva, que foi assistido pelo pe. Henrique de Magalhães.

Este "falou ao *povo* convidando-o a rezarem *todos* conjuntamente e *em voz alta* [...]" em prol da "Pátria, aos Chefes [políticos?], à Constituição, [...]; aos atribulados e aos pobres; [...] à conversão dos pecadores".

Assim, instada pelo religioso lhe respondeu "*a grande massa popular* [que] *rezava* e *chorava*". Esse estado de suspensão era entremeado das "mais fortes, *explosões de acendrado entusiasmo*", pois "*a alma brasileira, pedia diante da Senhora Aparecida a sua proteção para o Brasil e os brasileiros*, [...], para *o chefe da Nação, para os pescadores, os ímpios, os incréus, os hereges, os pobres* e *os atribulados*".[958]

Nossa Senhora Aparecida elevada e legitimada canonicamente à condição de divindade máxima dessa Nação, a partir do seu Padroado, ela era o *locus* de arrimo para a Nação. No seu colo aninhavam-se os desvalidos. Sob o seu manto o rico e o pobre, o instruído e o iletrado, o dirigente máximo do país ou o humilde pescador encontravam proteção, e Ela os nivelava: não havia diferença de classe, de gênero, de idade etc.

Não obstante era, principalmente, em relação ao outro que a astúcia do religioso direcionava a sua fala a partir da Padroeira como a Mãe simbólica da Nação que a todos acolhe.

---

[958] *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; p. 154, itálicos meus.

Mas, de acordo com um historiador essa tática visa "à submissão"[959] do diferente, do outro: "*os ímpios, os incréus, os hereges*".

Como já apontei anteriormente, o conjunto de cerimônias e ritos foram ritmados por rezas, preces, "votos", hinos e cânticos. Noutra parte da pesquisa apresento um conjunto inédito dessas manifestações. A intenção é apreender às apropriações e significados contidos nos mesmos para assim operarmos a sua compreensão, e a latitude que devoção mariana de Aparecida possuía.

Antes, vejamos a tarde do domingo, trinta e um de Maio de 1931, a Grande Procissão Triunfal dedicado à Padroeira do Brasil.

---

[959] GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira*. São Paulo, Cia. das Letras, 2001, 311p; especialmente o cap. "Um lapso do papa Wojtyla", pp. 219-227, onde o historiador discute a relação entre cristãos e judeus a partir da visita do papa João Paulo II a uma Sinagoga romana em 1986.
Não obstante Ginzburg concluir a sua reflexão com pessimismo absoluto, o que aponta um devir histórico quase intransponível entre as duas religiões, penso que todo o pesquisador das *relações Igreja-Estado*, do *Ecumenismo religioso* etc., encontrará neste ensaio um texto estratégico, mesmo não sendo o autor um especialista no problema.
A questão do ecumenismo levada a curso pela Igreja católica atualmente é uma tática sua, penso, para lhe garantir a hegemonia política em relação às religiões monoteístas. Pois, outras expressões do sagrado timbrado em termos politeístas, para Igreja católica não passam de "animismo", de "seitas" etc., e nem chegam a contemplá-las, no seu cálculo político, no respeitante ao concerto às demais instituições religiosas.
O pós-Vaticano II mobilizou largo espectro dos católicos em relação ao ecumenismo. No Brasil, o periódico *Paz e Terra* é um exemplo.
No seu primeiro número afirmava que "ecumenismo significa o mundo habitado, o que quer dizer a casa, o campo, a cidade, a família, a economia, a política – hoje, a casa do homem é o universo"; noutro trecho se referia à "terra" que "não é mais o isolamento"; apontava sobre "o acesso do homem a novas virtualidades de sua existência biológica"; em seguida denunciavam sobre os que "desnudaram por inteiro a miséria de milhões, a sua desnecessária marginalidade do processo de secularização e de humanização"; a par da "plena consciência, o homem assume o seu papel de protagonista da história", e concluía: "os diálogos dos homens de boa-vontade superam as diferenças de estrutura e instituição, raça e credo, cultura e partido, para se encontrarem no reconhecimento da necessidade de defender e promover os valores que se ligam à dignidade e à grandeza da vocação humana". Revista *Paz e Terra*. Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, ano I, nº 1, jul./1966, [242p], cit. pp. 3-4. Entre os membros do seu conselho de redação aparecem os nomes de Alceu Amoroso Lima, José Honório Rodrigues, Jânio de Freitas, Alfredo Bosi, Francisco Whitacker Ferreira, Luiz Eduardo Wanderley; Maria Helena Kühner, Lúcia Ribeiro de Oliveira Ramos e outros.
Esses homens e mulheres constatavam contextos históricos e situações econômicas; mas indicavam às soluções "ecumênicas" a partir da instituição romana.
Diálogo, evidentemente, viciado na sua origem, pois apontava o seu limite, que era católico, apostólico e romano. Logo, o *outro* e o *diferente* deveriam submeter-se aos valores originados no cristianismo católico. Pier Paolo Pasolini quase uma década após a proposta do diálogo ecumênico dos católicos brasileiros, apontava os limites dessas proposituras, que continuava "eurocêntrica e culturocêntrica".
Cf. "O pequeno discurso histórico de Castelgandolfo". [Sobre uma fala do papa Paulo VI em 1974]. In: PASOLINI, P. P. *Os Jovens Infelizes*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990, 252p; pp. 103-108; cit. p. 104.
A dimensão do *ecumenismo* na sua expressão da *tolerância* e da *liberdade* religiosa foi objeto da análise do antropólogo Emerson GIUMBELLI na sua abordagem da Igreja Universal do Reino de Deus. _____. *O Fim da Religião. Dilemas da Liberdade Religiosa no Brasil e na França*. São Paulo, CNPq/Pronex; Attar Editorial; Brasília, São Paulo, 2002, 456p. Penso que há um elemento latente na pesquisa de Giumbelli que não foi satisfatoriamente explorando: *o imbricamento dos interesses do católicos e do aparato liberal presente no código positivo ordenador dos mecanismos voltados ao controle das massas a partir das expressões do sagrado.*

g.7] *A Tessitura hierárquica do tecido social e a ocupação do mesmo na ordem social: ele se apresentava no espaço público* - a Grande Procissão Triunfal à N. S. Aparecida, Rio de Janeiro, tarde do dia 31 de Maio de 1931.

Vimos em passagens anteriores que todos os elementos da **organização, planejamento, logística, numa palavra, racionalidade,** tinha por fito a "Procissão de N. S. Apparecida" a ser desenvolvida a partir das "14 horas" da tarde do dia 31 de Maio, pois ela deveria ser "grandiosa e imponente", de modo que todos os esforços fossem feitos à adesão massiva da "população desta católica cidade, incorporada a diversos grupos de pessoas", conforme o roteiro listado em 17 itens.[960]

A hora e o itinerário da Procissão ficou assim estabelecido: ela sairia da Catedral Metropolitana às 14 horas "precisas", e faria o seguinte percurso: "ruas 1° de Março e Visconde de Inhaúma, Avenidas Rio Branco, e das Nações e Esplanada do Castelo".

A intenção de D. Leme era que a procissão fosse um acontecimento ímpar, no qual tomasse parte o mais possível "[...] *a população desta cidade a elas incorporada, obteve tal êxito que, subido a milhares o número de inscritos* [...]", mas colocava limites, pois caso contrário o desfile iria se prolongar "pela noite a dentro".

Os grupos ou "corpos" que iriam desfilar eram os seguintes, nesta ordem:

> "1] Escoteiros e Bandeirantes; 2] Ligas Católicas; 3] Homens sem traje de rigor, incorporados às Ligas; 4] Moças vestidas de branco; 5] Congregações Marianas masculinas; 6] Cavalheiros de Honra [traje de rigor]; 7] Clero Regular e Secular; 8] Cabidos de S. Pedro e Metropolitano; 9] Episcopado; 10] Pagens de N. Senhora; 11] Autoridade civis; 12] Representações oficiais das associações civis e militares".[961]

Em seguida indicavam-se os locais que os grupos que desfilariam deveria localizar-se ao longo do itinerário:

> "1] As Bandeirantes e escoteiros, na Av. das Nações, [primeira ala ao lado dos edifícios], estando a retaguarda junto ao obelisco na Av. Rio Branco; 2] As ligas Católicas e o grupo dos homens a elas incorporados [concentração na Pça. Mauá, às 12 ½ horas], na Av. Rio Branco, desde o Obelisco até a rua Visconde Inhaúma. 3] Moças vestidas de branco, nas ruas Visconde Inhaúma e 1° de Março até a Igreja da Cruz dos Militares, ocupando os lugares à medida que forem chegando. 4] As Congregações Marianas masculinas, na rua 1° de Março, entre a Igreja da Cruz dos Militares e a Catedral. 5] Os Cavalheiros da Guarda de Honra [traje de rigor], no interior da Igreja do Carmo, junto à Catedral [entrada pela rua 1° de Março]. 6] Clero Regular, Secular e Seminário, no corpo da Igreja Catedral, [entrada pela porta principal]. 7] Os Capitulares de S. Pedro e da Metropolitana, na Catedral [entrada

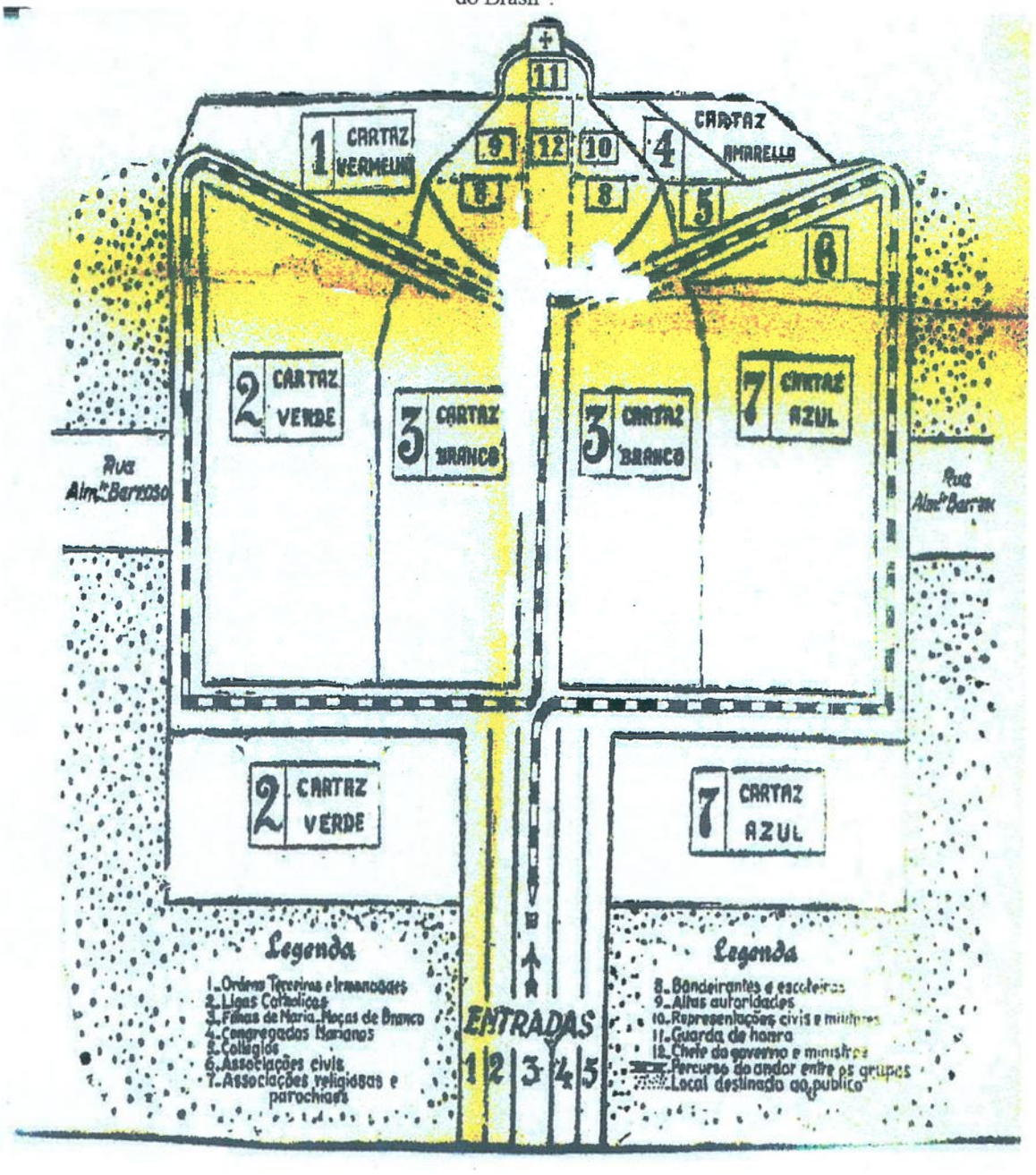
---

[960] *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; p. 14.

[961] *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; cit. p. 15. Os grupos que iriam desfilar eram os seguintes: "1] Colégios de meninos e de meninas; 2] Associações civis; 3] Associações religiosas; 4] Senhoras vestidas de preto, incorporadas às associações religiosas; 5] Irmandades e Ordens Terceiras; 6] Anjos". Eles deveriam se reunir a partir das 13 horas na "Esplanada do Castelo" e seriam identificados "por cartazes de cor com letreiros, de modo que "[...] formarão na Esplanada do Castelo, entrando pela Av. das Nações [entrada n° 4 e 5]". Os elementos dos itens 1° e 2° seriam identificados com cartazes amarelos; dos 3° e 4° itens cartazes azuis; e dos 5° e 6° itens cartazes vermelhos. Trechos cits. p. 15.

pela rua Sete de Setembro]. 8] Os Exmos. Srs. Bispos, na Catedral, sala Capitular [entrada pela rua Sete de Setembro]. 9] Os representantes dos Exmos. Srs. Bispos, na Catedral [entrada pela rua Sete de Setembro]. 10] As autoridades civis, na Catedral [entrada pela rua Sete de Setembro]. 11] As representações oficiais, na Catedral [entrada pela rua Sete de Setembro]. 12] Os pagens de N. Senhora, na Catedral [entrada pela sua Sete de Setembro]".[962]

Esquema do local na Esplanada do Castelo onde ficariam os participantes da "Procissão Triunfal da Padroeira do Brasil".[963]



[962] In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 15-16.
[963] *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, sábado, 30 de maio de 1931, p. 8. In: Pastas de recortes. ACMSP.

A par desse planejamento e organização logística, ponto fundamental era o que tratava do *lugar* e da *ordem* que os grupos ocupariam dentro da procissão, de modo que se revelava *o corpo social hierarquicamente organizado*, assim se instruía no sentido de que a partir das 14 horas "[...] *todas as igrejas da cidade darão sinais festivos nos sinos e o préstito começará a mover-se em direção à Esplanada do Castelo*, observando a ordem já preestabelecida". Assim, ficariam distribuídas as "Bandeirantes, Escoteiros e Ligas Católicas [...]. As Moças vestidas de branco e as congregações Marianas masculinas desfilarão em fileiras de dez pessoas de frente, em duas alas de cinco de cada lado, ficando livre o espaço do meio reservado aos porta-estandartes e aos organizadores do préstito, e guardando a distância máxima de um metro entre cada fileira", conforme o seguinte diagrama:

"**1-2-3-4-5 Estandarte 6-7-8-9-10.**
1-2-3-4-5 6-7-8-9-10".[964]

Os participantes deveriam observar o seguinte: "os Cavalheiros de Guarda de Honra, em alas singelas", como o "Clero" também "em alas singelas" ocuparia o centro do espaço da Esplanada do Castelo e seriam ladeados pelos membros da Guarda de Honra. A Imagem de N. S. Aparecida seria conduzida em andor e transportada por "Sacerdotes das Arquidioceses do Rio e S. Paulo"; em seguida "a Comissão de S. Paulo e da cidade de Apparecida"; logo atrás "os representantes dos Exmos. Srs. Bispos, em alas singelas [...]" posicionados após o andor; assim, nessa ordem e esquema hierárquico os próximos participantes do cortejo eram "os Exmos. Srs. Bispos e Arcebispos, cada um de per si, tendo de cada lado um sacerdote"; imediatamente vinha "o Exmo. Sr. Núncio Apostólico [D. Bento A. Masella], conduzindo o Santo Lenho"; seguindo todo esse conjunto da hierarquia cujo aspecto circunspeto indicava certa gravidade ritualística, vinha "o grupo de pagens de N. Senhora; imediatamente depois encontravam-se "os Capitulares de S. Pedro e da Metropolitana, vestidos de hábito coral, em alas singelas", estes abriam frente, para em seguida surgir "o Exmo. Sr. Cardeal Arcebispo, seguido de sua corte" e finalizando "as autoridade e representantes oficiais em Fileiras cerradas".[965]

No esquema reproduzido acima o espaço nº 11 estava reservado à Guarda de Honra; o nº 9 Altas Autoridades; o nº 12 ficaria o "Chefe de governo e ministros"; o nº 10 Representantes Civis e

---

[964] In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; p. 16 para os trechos entre aspas, itálicos e negritos meus.

[965] In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; p. 16.

Militares etc. O nº 3, no centro da Esplanada do Castelo, as Filhas de Maria vestidas de branco etc. E toda a área pontilhada destinava-se ao público em geral.

Podemos afirmar que tudo foi planejado para causar impacto, para a Igreja "impor-se" a gente nova que havia tomado o poder: o espaço nº 12 no qual Getúlio Vargas e Ministros ficariam durante as cerimônias era um local privilegiado: eles poderiam mirar aquele mar humano à sua frente – tão impactante quanto o da Baía da Guanabara, logo atrás da massa humana –, assim descortinando as potências do sagrado que devoção mariana de N. S. Aparecida enfeixava. De modo que daí decorriam forças religiosas e poder político à Igreja católica.

Nestes termos, após a Imagem de Aparecida percorrer no interior da Esplanada do Castelo o itinerário marcado com traçado em branco e preto em seqüência, no diagrama acima, seria "colocado o andor no altar, S. Eminência incensará a Sagrada Imagem e depois lerá a Consagração do Brasil a N. Senhora. Cantar-se-á, um hino, enquanto os anjos, dispostos em torno do altar, atiram braçadas de flores".[966]

Recomenda-se, vivamente, que os membros do clero "na mesma ordem da chegada" deveriam fazer o percurso de volta à Catedral. Assim, "terminada a cerimônia, o escoamento do público e dos grupos que tiverem comparecido à procissão far-se-á facilmente pelas diversas ruas adjacentes à grande praça da Esplanada: Misericórdia, Carmo, Almirante Barro, Heitor de Mello, Porto Alegre, Pedro Lessa, México e Av. das Nações", que o público em geral respeitasse o cordão de isolamento que os separava dos participantes da procissão, principalmente quando da passagem do andor com a Imagem e que "[...] muito menos procure acompanhá-la de perto, forçando os cordões".[967]

Relacionadas à divisão dos trabalhos, foram constituídas Comissões, como a: "Central", "de Honra" e as "Executivas" de Homens e a de Senhoras. Elas eram compostas por religiosos, leigas e leigos membros da laicado católico. Fizeram parte da Comissão de Honra a elite do laicado, eram homens cujos títulos eram "doutores", militares de patente, altos funcionários da burocracia estatal como desembargadores e ministros, professores, comendadores, condes e barões. Além de membros de Irmandades, como a "do SS. Sacramentos da Candelária" e os "Irmãos da Venerável Ordem

---

[966] In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; p. 17.

[967] In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 17-18, respectivamente.

Terceira de N. S. do Monte do Carmo" a quem ficou incumbida de recrutar de seus quadros os elementos "que fizeram parte da Guarda de Honra de N. S. da Conceição Apparecida".[968]

Os sobrenomes presentes nas listas das Comissões eram de pessoas da elite social. O que apontava a opção da Igreja pelos ricos e poderosos.

Imagem fotográfica que registra a Pça. da República na capital federal no dia 31 de maio de 1931, que estava "apinhada de povo, que aclamava N. S. Aparecida e lhe dirige fervorosas preces".[969]



[968] In: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 20-23; cit. p. 22. .
[969] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 37.

Imagem que registra "a passagem de N. S. Aparecida pela av. Rio Branco, recebendo as ovações fervorosas de centenas de milhares de seus devotos".[970]



[970] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, anc VI, 1932, p. 48.

Instantâneo que captou "mais de cinqüenta mil filhas de Maria, vestidas de branco, desfilaram na grandiosa Procissão de N. S. Aparecida".[971]



A imagem flagra um dos instantes da passagem das Filhas de Maria. A quantidade de participantes foi calculada em 50 mil mulheres. Vestidas de branco, portando estandartes com as muitas invocações de Maria.

O número expressivo de mulheres que compunham o cortejo das Filhas de Maria tinha principalmente um significado simbólico, pois naquele momento as mulheres não tinham vozes ou participação política efetiva, elas não votavam, por exemplo. Condição alcançada com restrições

[971] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 47.

só em 1934. Entre as restrições ao voto feminino podemos citar: era necessário que as mulheres fossem alfabetizadas e exercessem cargos públicos ou trabalhassem em órgãos estatais.

Tratava-se de um cortejo religioso encenado no espaço público da capital da República, que tradicionalmente era o local onde ocorriam eventos cívicos. Em 1931 as mulheres não votavam neste país. Assim, a procissão das Filhas de Maria possuía um significado simbólico.

Neste sentido, a Imagem de Nossa Senhora Aparecida/Filhas de Maria remetiam a um universo cultural diverso do masculino, de modo que a Imagem da Virgem agora elevada à condição Padroeira do Brasil e o seu séqüito de Filhas de Maria vestidas de branco, com as suas cabeças cobertas com mantilhas e faces protegidas por véus eram um veículo apropriado para a representação de uma concepção de mundo e de uma sociedade de unida e harmoniosa.

Assim, "[...] as mulheres, não sendo eleitoras, podiam evocar uma o ideal de uma nação ou cidade livre de divisões partidárias".[972]

Outra possibilidade da alegoria feminina presente nesse contingente das Filhas de Maria é o da vocação de um imaginário enraizado, que as apreendiam como harmoniosas, apaziguadoras – vários dos hinos e cânticos que serão analisados noutro passo da pesquisa se referem a essa condição a partir da Imagem de Aparecida –, além de um aspecto capital da condição feminina: a maternidade e a nutrição.

O ritual religioso da procissão e participação as Filhas de Maria apontava também para outra hipótese. Elas exibem elementos constitutivos da ordem social e urbana que a hierarquia católica desejava para o país. As Filhas de Maria e a Imagem de Aparecida eram símbolos que ultrapassam realidades concretas e nivelam, aplainam ou mesmo eliminam as diferenças efetivas de políticas e classes.

Assim, pois, "[...] o imaginário fundamentado no gênero invocava uma representação simbólica". Ainda segundo a historiadora Mary Ryan:

> "[...] um campo cultural feminino e despolitizado para os símbolos abstratos ao redor dos quais a República podia buscar uma unidade ideológica. [...]. [...] tinha **investido os *símbolos femininos* de um *significado doméstico*, criando todo um *confortante imaginário de pureza, passividade* e conseqüentemente de *harmonia social*".[973]

Neste sentido, a procissão não era apenas a resposta, o resultado do chamado do principal hierárquica do país.

---

[972] RYAN, Mary. "A Parada Norte-Americana: Representação da Ordem Social do Século XIX". In: HUNT, Lunn [Org]. *A Nova História Cultural*. São Paulo, M. Fontes, 2ª ed., 2001, pp. 177-209, cit. p. 204.
[973] RYAN, M. Op. cit., 2001, pp. 204-205, respectivamente, negritos e itálicos meus.

Ela ia além de uma demonstração de fé, de devoção, de um exercício e de um gesto de contrição da religiosidade de cariz ultramontano: *era centralmente disciplina social*, cujo significado foi apropriado pelo poder hierocrático.

A procissão das 50 mil Filhas de Maria naquele 31 de maio de 1931 expressava muito mais que uma demonstração da fé: explicitava, segundo o modelo ultramontano, o lugar e a qualidade da mulher na sociedade brasileira, tomando como matriz desse modelo a figura de Nossa Senhora Conceição de Aparecida. As mulheres presentes naquela tarde de Domingo cristalizavam uma identidade pretendida para elas pela Igreja Católica.

O percurso do cortejo foi ocupado por uma multidão humana nunca vista na capital da República.[974] Essa massa humana presente ao evento do dia 31 de maio de 1931 foi estimada em um [1] milhão de pessoas. Ao longo do itinerário e por toda a sua extensão a multidão comovida dão gritos de vivas à Imagem de Aparecida. As casas e os prédios das ruas e avenidas por onde percorreria o cortejo se enfeitaram. Assim, fachadas, sacadas e janelas portavam bandeiras, fitas, emblemas etc. Mas foi principalmente às chuvas de pétalas jogadas sobre a imagem o que mais causou impacto aos presentes.

> "[...] em marcha lenta [do automóvel que transportava a Imagem] as ruas e avenidas, multidões cheias de entusiasmo batiam palmas, davam vivas, entoavam hinos, atiravam flores. [...]. E a cada instante a Imagem milagrosa defrontava novas multidões e recrudesciam as palmas e aclamações".[975]

Neste sentido, se as aclamações eram demonstração de fé e devoção do povo brasileiro representado naquele dia pela população da Capital da República; e foi também ocasião para apontar essa fé e devoção como força e unidade entre catolicismo e brasilidade:

> "em certo ponto da rua 1° de Março estava estendida por cima da rua uma corda com a bandeira nacional enrolada. Quando a Imagem passou, desenrolou-se a bandeira deixando cair sobre a Virgem uma chuva de pétalas".[976]

Cortejando a Imagem, sobrevoaram o percurso da procissão seis [6] aviões da Marinha.

Todo o percurso da Imagem, narrou o articulista, foi pontuado por um agrupamento humano que uníssono mostravam as suas mãos: "[...] a agitar-se e espalhar flores [...] numa **prece ardente** e olhos a **derramar lágrimas de comoção** e de **fervorosa súplica** [à Virgem]".[977]

---

[974] A população do Estado do Rio de Janeiro em 1931 era de 1.902.999, e a do Distrito Federal era de 1.544.612; perfazendo um total de 3.447.611. Este era o número da população mais próxima ao evento. **A População total do país era em 1931, segundo os dados do IBGE, era de 38.381.385 brasileiros**. Cf. *Anuários Estatísticos do Brasil*, Rio de Janeiro, IBGE, 1939-1940. In: Biblioteca da Fac. de Direito da USP.

[975] *ANSAp*. Aparecida, n° 6, ano VI, 1932, p. 44.

[976] *ANSAp*. Aparecida, 1932, n° 6, ano VI, p. 44.

[977] *ANSAp*. Aparecida, 1932, n° 6, ano VI, p. 44, negritos meus. Se cotejarmos algumas das palavras do articulista e com o repertório contido no *Oratio* do Cardeal Arcoverde de 1904, constatamos que o elemento central do "argumento" religioso é a emoção.

A Imagem iria percorrer de carro toda a Esplanada do Castelo, e em seguida levada por Dom Duarte Leopoldo e Silva para o altar. Em outro momento o Cardeal Leme beija a Imagem.

Ato contínuo oferece-a ao Presidente Vargas, que, meio hesitante beijou-lhe os pés.

Um enlace hipostático entre as duas esferas, a partir de Vargas e Aparecida, patrocinado pelo Cardeal Leme, estava efetivado.

A maior autoridade laica da República se vergava à força de um poder simbólico da Igreja católica: a devoção mariana à Aparecida mostrava-se uma potência!

Após ser colocada no altar a Imagem recebeu uma série de aclamações e invocações.

Nesta ordem de coisas, a multidão, calculada em um milhão de pessoas presente na Esplanada do Castelo na tarde de 31 de Maio de 1931, provavelmente contrita e genuflexa, respondeu em coro uníssono o voto abaixo no fecho dos ritos e cerimônias:

> "Senhora Aparecida, *o Brasil é Vosso*"; /Rainha do Brasil, *abençoai a nossa gente*; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *tende compaixão do nosso povo!*; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, */socorrei os pobres!*; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *consolai os aflitos! – iluminai* os que não tem fé!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *convertei os pecadores!;* /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *curai os nossos enfermos!*; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, lembrai-vos dos nossos parentes e benfeitores!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *guiai a mocidade!;* /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *guardai a família!*; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, visitai os encarcerados!; / Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *norteai os navegantes!*; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *ajudai o operário!*; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, santificai o nosso Clero!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, assisti os nossos Bispos!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, conservai o Santo Padre!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, defendei a Santa Igreja!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, não vos esqueçais dos ausentes!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, paz ao nosso povo!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, esclarecei o nosso Governo; / Nossa Senhora da Conceição Aparecida, abençoai o Presidente da República; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, ouvi os que estão presentes / Nossa Senhora da Conceição Aparecida, **tranqüilidade para a nossa terra!**; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, **prosperidade para o Brasil!**; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, **salvação para a nossa Pátria**!. /Senhora Aparecida, **o Brasil vos ama, o Brasil em vós confia**! /Senhora Aparecida, **o Brasil tudo espera de vós**! /Senhora Aparecida, **o Brasil vos aclama**! Salve, Rainha!".[978]

Invocou-se à proteção de Aparecida - em múltiplos planos -, desde a sua compaixão pelos desafortunados materiais - o socorro aos pobres; a citação de ajuda aos operários -, e espirituais - *locus* de apaziguamento às vicissitudes humanas; guardião da família brasileira - tornando a Nação infesa às "doutrinas impias"; e à instabilidade nos planos social e político Aparecida era a solução a uma era de "tranqüilidade para" o Brasil.

A partir desse evento de massas que celebrou o padroado de N. S. Aparecida, foi apresentado o programa social e político dos católicos para o país. O mesmo seria executado por Vargas e os tenentes ulteriormente.

---

[978] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, p. 50. Itálicos, negritos e sublinhados são meus.

Fotografia com "vista parcial da imensa reunião reunida na Esplanada do Castelo, pela solene consagração do Brasil"[979] à N. S. Aparecida.



Esse evento não transcorreu no interior de algum templo. Deu-se em espaço público, mobilizou não só a burocracia eclesiástica e o laicado católico; utilizou-se e fez uso de ampla propaganda na imprensa diária e no Rádio, desse modo atingindo um público dilatado, que ia além dos católicos, e contou com evidente apoio estatal.

Ele foi, a partir de um *grande esforço e capacidade organizacional, uma demonstração de força que mobilizou uma gigantesca massa humana.*

---

[979] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p 53.

Fotografia com a "vista parcial da multidão que ma Esplanada do Castelo aclamou N. S. Aparecida como Padroeira do Brasil".[980]



Esplanada do Castelo: vista parcial da multidão que participou das celebrações em homenagem a N. S. Aparecida.

Na parte central da fotografia destaca-se, por contraste, a imensidão "branca" das Filhas de Maria. Foi o cortejo das filhas de Maria que mais chamou a atenção do articulista do *Jornal o Estado de S. Paulo* na sua edição de 02 de junho de 1931.

Assim como as demais fontes, o texto jornalístico enfatizou a afluência da "população do Rio de Janeiro [que] se prepara para a grande procissão [...], teve a presença da grande maioria da população católica desta cidade".

---

[980] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, anos VI, 1932, p. 49.

As filhas de Maria, o seu número era tão expressivo que o seu deslocamento pela avenida Rio Branco demorou mais de uma hora, foi um impressionante espetáculo "numa alvinitante faixa de Véus". [981] A imagem registrou um dos momentos de maior concentração de pessoal na Esplanada do Castelo.

A fotografia foi tirada de cima do altar. O Altar media 120 metros de comprimento. Duas mil velas iluminaram a cerimônia.[982]

A dimensão do que havia transcorrido no dia anterior foi expresso nos seguintes termos pelo Cardeal Sebastião Leme em um texto cujo título é sintomático, no sentido dos fins que se queria atingir: "**Incêndio de Corações**":

> "[...] vi espraiar-se aos pés do altar de Aparecida a onda humana que na Esplanada se comprimia, mais que nunca senti **orgulho da minha fé, da minha pátria e da minha cidade**. Penso que ninguém me poderá levar em conta de exagero, se afirmar que espetáculo como o de ontem nenhuma cidade do mundo poderia apresentar. Não são muitas as capitais que contam mais de um milhão de habitantes, e não chegam a meia dezena as grandes cidade de população católica como a nossa. Bastaria essa reflexão para demonstrar a razão e justiça da minha afirmação. Além disso, qual a cidade do mundo compatível à nossa pela espontaneidade e vibração de sua fé religiosa, intensa, expansiva e transbordante? O Rio de Janeiro foi na aclamação de ontem a voz de toda a terra brasileira. **Ato de fé, expressão de confiança, a procissão valeu como um plebiscito nacional, cujo voto proclamou Nossa Senhora da Conceição Aparecida não só como Padroeira, mas ainda como Rainha do Brasil**. E o voto do povo brasileiro foi tão unânime e ardoroso que explodiu nas chamas de um imenso e portentoso incêndio de corações". [983]

Ao contrário do que afirma o Cardeal Leme, como ficou demonstrado anteriormente, a adesão ao evento não foi "espontânea". Ele foi detalhadamente planejado. A mobilização de todo esse contingente humano foi fruto da astúcia eclesiástica.

Dom Leme apontou outros elementos importantes e mobilizadores de grandes massas: fé, pátria e espaço urbano. Fé: a energia mobilizadora. Pátria: o elemento de união das massas. Cenário: o espaço urbano.

Assim, **o plebiscito nacional** possuía significado e endereço: o poder secular. Sem a presença da Igreja, não era possível governar.

---

[981] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 02 de junho de 1931, p. 1.
[982] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 31 de maio de 1931, p. 1.
[983] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 55, negritos meus.

No dia 1 de junho de 1931, Getúlio Vargas recebeu "no Palacete do Catete"[984] um grupo de religiosos liderados pelo Cardeal Leme, que se acha à direita de Vargas.



Getúlio Vargas, o Presidente da República, recebeu no dia seguinte ao evento uma comitiva de religiosos liderados pelo Cardeal Leme. O bispo de Campanha, D. João escreveu que

> "[...] vim à Capital da Nação para render minha homenagem filial à Virgem Santíssima e para testemunhar o quanto de alegria me vai ao coração e no de meus diocesanos por este testemunho brilhante de amor com que o Brasil honra e Excelsa Padroeira. [...] hoje, dia em que recebeis a maior homenagem que registra a história religiosa da América".[985]

[984] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 60.
[985] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 56.

Neste sentido, o evento foi entendido por membros do clero brasileiro como "A maior homenagem na história religiosa da América", conforme o título do texto do bispo de Campanha.

O conteúdo devocional do ritual em torno de Aparecida explicitava outra questão: a autocompreensão da ação eclesiásticas com ida da Imagem de Aparecida para a Capital da República, que inaugurava uma nova estratégia para arregimentar contingentes de fiéis para os propósitos eclesiásticos: imantados pela fé, deslocamentos de grandes massas humanas ao redor de eventos religiosos em espaços urbanos.

g.8] Astúcia Eclesiástica em Júbilo. A repercussão na Europa: "um millione di persone alla festa indimenticabile. Um omaggio senza precedenti alla Vergine "Apparecida". Regine e Signora del Brasile".

Astúcia Eclesiástica em Júbilo.[986]



[986] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 21.

O Cardeal Sebastião Leme do Rio de Janeiro e o Arcebispo Duarte Leopoldo e Silva de São Paulo, responsáveis pela organização do evento que levou a Imagem de Aparecida à cidade do Rio de Janeiro em solenidade que registrou, até então, o maior número de pessoas reunidas no Brasil – um milhão de pessoas. Eles sorriem pelos feitos alcançados. O resultado do evento foi avaliado, no Brasil, como o trabalho do grande estrategista da Igreja no Brasil: "D. Sebastião Leme, o nosso grande Cardeal Arcebispo, em uma pastoral cheia daquele calor apostólico de uma alma que sabe arrebatar multidões, [...] as manifestações suntuosas do Cristo Redentor e a memorável Procissão de Nossa Senhora Aparecida".[987] Em telegrama enviado ao Vaticano e endereçado ao Secretario de Estado, Cardeal Pacelli, Dom Leme volta à frisa a dimensão do evento:

> "Multidão, cerca talvez de um milhão de pessoas, presença de 25 bispos, Núncio Apostólico, membros dos corpos diplomático, Presidente da República, autoridades civis, militares, instituições religiosas, civis, classes populares, levou triunfante Imagem Padroeira, Mãe povo brasileiro. A cidade inteira, representando a Nação, jurou fidelidade Cristo-Rei, adesão Santa Sé, Romano Pontífice, cuja benção imploro todo Brasil genuflexo, vibrante, através alma religiosa povo fiel, generoso e bom minha capital – [a] Cardeal Leme".[988]

O evento cacifou Dom Leme perante o poder secular do país; e o credenciou junto aos seus pares no Vaticano. A Cúria romana se impressionou com a multidão da tarde de 31 de maio de 1931, conforme o seu periódico. A cúpula curial romana, na figura do Secretário de Estado, expressou-se nos seguintes termos ao saber dos acontecimentos transcorridos no dia 31 de maio:

> "Eminentíssimo Cardeal Leme. Rio – O Santo Padre, com a maior satisfação, agradece o novo testemunho de filial devoção e piedade mariana do dileto povo brasileiro e, invocando de coração, para V. Emcia. bispos, clero e todos os fieis, perene proteção de Nossa Senhora, envia de todo coração sua benção apostólica. – Cardeal Pacelli".[989]

A leitura eclesiástica do evento repete o mesmo diapasão: a devoção e piedade mariana, que para a experiência brasileira se externava e era expressa na Imagem N. S. Aparecida, apontava a sua capacidade de gerar união indiferenciada.

Aparecida é a representação de um mundo, ao menos no plano simbólico, de uma formação social e de um povo que não distinguia etnias, gênero ou classe. Ela a tudo e a todos unificava.

O evento teve imediata repercussão, tanto no Brasil quanto no exterior.

---

[987] Revista *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº 22, Ano XII, dez/1931, p. 321.
[988] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 54.
[989] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 54.

Na Europa o jornal do Vaticano *L'Osservatore Romano* na sua edição de 3 de julho de 1931 traz uma extensa reportagem, em quatro colunas, do evento de 31 de Maio no Rio de Janeiro. Com o título "Um omaggio senza precedenti alla Vergine "Apparecida". Regine e Signora del Brasile".

O subtítulo informa sobre a presença das autoridades religiosas, leigas e do povo presentes ao evento: "25 Arcivescovi e Viscovi, il Presidente della Repubblica e **um millione di persone alla festa indimenticabile**".[990]

Assim, como na carta citada do Cardeal Leme a Dom Duarte, aqui também aparece o número canônico de um milhão de participantes naquele 31 de Maio de 1931.

A revista católica francesa *Notre-Dame*[991] também dedicou uma ampla matéria sobre o evento. A matéria relatava a história da imagem e da devoção de Aparecida; falava a respeito do encontro da imagem, e sobre a presença do agente da Coroa portuguesa, "le gouverneur de la ville de São Paulo, Dom Pedro de Almeida, comte de Assumar, qui se rendait à Minas, passa par une localité nommée Guaratinguetá, au bord du Parahybe du Sul".

Ainda em 1931, conforme se infere na reportagem, não se sabia com precisão a data da "Apparition" do Ícone, provavelmente entre "la fin de seteptembre ou au début d'octobre de l'année 1717".[992]

Há uma estampa que vem acompanhada da seguinte legenda: "La petite statue de l'Immaculée "Apparecida"", retirada do "*América Mariana*. D'après l'ouvrage du R. P. Cepeda".[993]

Contudo, o cromo não é o da Imagem de Aparecida.

---

[990] Jornal *L'Osservatore Romano*. Roma, 03 de julho de 1931.

[991] *Notre-Dame*. Paris, 21° Année, n° 87, 2 Nov-Déc., 1931, pp 333-387 ; reportagem « Notre-Dame l'Apparecida", patronne du Brésil » », às pp. 371-377. Uma das fontes de *Notre-Dame* é o *ANSAp*.

[992] *Notre-Dame*. Paris, 21° Année, n° 87, 2 Nov-Déc., 1931, pp 333-387 ; reportagem « Notre-Dame l'Apparecida", patronne du Brésil » », às pp. 371-377 ; cit. p. 371.

[993] *Notre-Dame*. Ed. cit., 1931, p. 372.

"*La Petite* [sic] *Statue de L'Immaculée "Apparecida*"".[994]



Assim, confirma um problema constado ao logo da pesquisa: o da disputa entre o Ícone verdadeiro de Aparecida e outras imagens da Virgem Imaculada. No processo ultramontano, às celebrações à Imaculada Conceição foram intrinsecamente ligados a tal processo que veiculava, por meio de estampas, cromos, estátuas, imagens, ícones e mais toda uma série de artefatos, cujas representações da Virgem eram de cor branca, de modo que, para experiência brasileira, em especial Aparecida cuja cor não era branca, revelava e significava um *mecanismo hiper eficiente no controle das devoções populares cujo veículo eram as imagens da Virgem Imaculada Conceição de extração apenas eurocêntrica.*

Nesta ordem de coisas, negava, no plano local, a religiosidade e práticas devocionais populares centenariamente expressas.

Notre-Dame tributou o êxito do evento aos seus dois promotores "Mgr. Duarte e Silva, premier Archevêque de São Paulo",[995] e "le cardinal Leme, promoteur des manifestations de 1931".[996] A reportagem descreveu a ida e a chegada da Imagem no Rio, e abordou sobre "la

[994] Revista *Notre-Dame*. Paris, 21° Année, n° 87, Nov-Dèc., 1931, pp, 371-377; Imagem: p. 372. [Tamanho original da estampa: 10x6,5 cm].
[995] *Notre-Dame*. Ed. cit., 1931, p. 373.
[996] *Notre-Dame*. Ed. cit., 1931, p. 374.

procossion" impressionante "[...] d'un enthousiasme indescriptible", capitaneada pelo "cardinal Leme".[997]

O religioso, com o evento na cidade do Rio de Janeiro, estabelecia um novo padrão de manifestações de massas. Racionalmente concebido, planejado e executado, galvanizando multidões em certames desenvolvidos no meio urbano.

O estrategista Leme credenciava-se a ser o co-gestor dos destinos da Nação. E o fez até novembro de 1942, quando veio a falecer. Nessa ordem de coisas, N. S. Aparecida e o seu Padroado jogaram um papel central.

Como afirmei anteriormente, o cardeal Leme desempenhou, no plano político, papel decisivo nos destinos do país a partir do evento do translado da Efígie de Aparecida à capital da República em maio de 1931. O certame religioso, como demonstrei detalhadamente, foi desenvolvido tendo por base uma minuciosa racionalidade, planejamento e logística. Ele foi constitutivo do que denominei à "Construção racional de expectativas messiânicas". Em relação à questão do messianismo matriciado do *ethos* mariano, ela diz respeito ao modo pelo qual a devoção à Nossa S. Aparecida foi episcopalizada – a partir do momento que a hierarquia passou a exercer controle acirrado sobre a devoção popular centenariamente expressa no Santuário.

Nessa ordem de coisas, a hierarquia, a par dos problemas mais prementes da população, tanto pelo acesso que tinha às questões encerradas nos recônditos dos devotos [lembremos que à época a confissão era uma prática estrutural da Igreja romanizada], e também por ser composta por homens que formavam quadros preparadíssimos à atuação no plano político, a partir do campo teológico elaboravam programas articulando-os racionalmente às demandas que mais afligiam os fiéis invocando a mediação e intercessão do sagrado na figura simbólica da Mãe religiosa da Nação.

Na conclusão desta parte da pesquisa, que se reporta imediatamente ao evento do dia 31 de Maio de 1931, apresento uma amostragem de cânticos, hinos, poesias – todas tinham a legitimidade eclesiástica, espécie de *nihil obstat* desta – nas quais encontramos plasmadas tais questões. E tenho por fito apontar, indiciaticamente, a partir da questão da família católica como o paradigma ao qual o corpo social deveria se referendar. E, igualmente, elementos nos quais, julgo, estão plasmados os princípios e os valores do cristianismo católico às classes populares: os Cânticos, Hinos e Votos celebraram Aparecida. O programa social e político dos católicos para o país estão presentes neste conjunto de cânticos, hinos e poesias.

---

[997] *Notre-Dame*. Ed. cit., 1931, pp. 376-77.

g.9] Multiplicidade de apropriações e polissemia de significados: cânticos, hinos e votos celebrativos à Aparecida. O *ethos* cristão e a familiar católica como paradigma para a Nação.

Em seguida apresento uma série de textos nos quais estão registradas essas manifestações. O critério de seleção desse repertório foi que eles foram veiculados durante os festejos. São constitutivas dos mecanismos operados para se criar uma atmosfera onírica. Transmitiam mensagens nas quais se engastavam questões políticas às religiosas etc. Alguns desses hinos e cânticos foram selecionados em concursos.

O que indica o "filtro" da hierarquia em relação aos mesmos. A intenção é apreender às apropriações e significados contidos nos mesmos para assim operarmos a sua compreensão, e a latitude que devoção mariana de Aparecida possuía.

"*A Sagrada Virgem*".[998] "*A Teus Pés, Maria*".[999] "*Nossa Padroeira*".[1000] "*O voto da Nação brasileira*".[1001]

---

[998] Canto dos católicos do Rio de Janeiro a N. S. Aparecida, por ocasião da primeira estadia da Imagem de Aparecida na capital da República. In: *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 30. "1 – Nossa Rainha altaneira, /que, em trono feito alcantil, /Sois a maior brasileira, / Reinando sobre o Brasil. /2 – Vinde a nós, Virgem viageira, /Que a terra de ardor febril /Ampara, em cada palmeira, /Vosso pálio: um só céu de anil. /3 – Vinde a nós que, ao fim da viagem, /Para vos dar hospedagem, /De joelhos, tal mereceis; /O Corcovado achareis, /Abrindo os braços, na imagem /Do Redentor , Rei dos Reis". Quando da estadia de Aparecida no Rio de Janeiro em maio de 1931, a estátua do Cristo Redentor ainda não havia sido inaugurada. A sua inauguração deu-se no dia 12 de Outubro de 1931.

[999] PEREIRA DE CARVALHO. "Suplica à Rainha e Padroeira do Brasil". In: *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 30. "1 – Virgem e Mãe, pureza e formosura, /Anjo de amor, Estrela de bondade, /Sob teu manto extingues a amargura, /E das, no teu olhar, felicidade. /2 – És a vida sem par, és a ventura, /Neste mundo ilusório és a verdade, /Exclusivo fanal de luz segura, /Que ao Bem conduz a triste humanidade. /3 – Dá-nos alívio, dá-nos alegria /No amor do meu Jesus. Ave Maria! /Conserva-nos na paz do teu redil /4 – E o teu conforto e o teu carinho santo /Estende à minha terra, em teu encanto, /Rainha e Padroeira do Brasil".

[1000] NORBERTINO, Laura. "Poesia", lida durante a Missa Campal no dia 31 de maio de 1931 na Esplanada do Castelo. In: *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 38. "1 – A Pátria será bendita /Neste ano assinalado: /Tendo da Mãe a visita /E o filho no "Corcovado". /2 – Depois desta graça imensa, /Sendo o país reformado, /Seus filhos terão mais crença, /Hão de esquecer o passado. /3 – A paz virá certamente, /Pois Jesus, que nos vigia, /Ouvirá a voz clemente /Da Santa Mãe que nos guia. /4 – Esteve a Pátria a perigar, /Havendo tanta heresia, /Agora se vai salvar /Com a visita de Maria. /5 – Que idéia maravilhosa /Teve o nosso Cardeal! /Com esta cura milagrosa /Arredou da Pátria o mal. /6 – Seus filhos queiram, agora,
Seguir em retos caminhos, /Que a Virgem Nossa Senhora /Afaste deles espinhos. /7 – Deve a Pátria brasileira, /Honrada com esta visita, /Prometer a vida inteira /Ser fiel à Mãe bendita. /8 – Estando o filho lá na altura, /Seu olhar a nos seguir, /Nossa paz será segura, /Nem um mal nos pode vir. /9 – Volte a Mãe, seu trono tome, /Deixe o Filho ao nosso lado; /Da peste, da guerra, ou fome /O Brasil será poupado!".

[1001] PEREIRA, Alcidino [Cônego]. Lido durante os ritos de consagração do Brasil à Aparecida na Esplanada do Castelo em 31/05/1931, um tarde de domingo. In: *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 55. "Na penumbra do horizonte, /À sombra do austral cruzeiro /Um Povo, um povo inteiro /Erguendo-se ardente em pé, /Num movimento convulso, /Num invencível impulso /De amor vibrante e de fé. /Em todos os lábios cantos, /De todos no olhar a prece /E o coração que estremece /De amor em estos filiais! /Do Brasil, turíbulo imenso, /Sobe ao Céu o puro incenso /Em festivas esperais /Sobe perene e abraça /A Imagem de Aparecida
Orgulho, esperança e vida /De um povo que igual não tem, /De um povo jovem e forte, /Que n'Ela tem o seu norte, /Que a invoca: Senhora e Mãe! /Senhora e Mãe; há dois séculos /De nossa Pátria na história /Quanta página de glória, /Que o seu amor escreveu! /Quanta angústia! Quanta prece! /Que logo em risos floresce /À

"*Hino a N. Senhora Aparecida*".[1002] "*À Virgem Aparecida*".[1003]

"*A Pátria aos pés da Virgem*".[1004] "*Súplica a N. Senhora Aparecida*".[1005]

---

sombra do manto seu! /Por isso, do norte ao Prata, /Do sertão ao vasto oceano, /Seu amor reina soberano /Num trono de corações; /Neles fulge a oiro escrita /O seu nome, astro bendito /De etéreas cintilações".

[1002] TEOBALDO RECIFE, Letra; PLÁCIDO DE OLIVERIA [D], Música. "Hino", cantado por uma multidão estimada em mais de 1.000.000 de pessoas no dia 31 de maio de 1931. In: *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, pp. 63-64. Estribilho: /Ó Virgem da Aparecida /Rainha nossa querida, /Valei-nos em nossa vida, /Ó doce Virgem Maria! /Em honra da Virgem Santa /De cada peito à garganta /Sobem palavras de amor; /Acordes há que extasiam /Nas vozes que se irradiam /De tantas almas em flor /[Repete-se o estribilho] /Quem no mundo pode haver, /Que não queira merecer /O santo amor de Maria? /Para servir-lhe de escudo /Contra o mal e contra tudo, /Seu doce olhar bastaria. /[Repete-se o estribilho] /Ó Maria Imaculada /Toda a Pátria ajoelhada /Aos vossos pés se prostrou; /Sois excelsa Padroeira, /Que na terra brasileira /Seu grande altar encontrou. /[Repete-se o estribilho] /O velho, o moço, a criança, /Até onde a vista alcança, /Ninguém deixa de cantar; /Foge a dor ante a alegria, /Que a noite transforma em dia /De uma beleza sem par. /[Repete-se o estribilho] /A Igreja tem bons Pastores, /Tem santos padres, doutores, /Que não medem sacrifício; /Sigamos o nobre exemplo, /Transmudando em lindo templo /Cada oficina do vício. /[Repete-se o estribilho] /Atraí para o Brasil, /Este zimbório de anil, /As bênçãos do Criador; /Daí a todos a ventura /De uma fé sincera e pura /Em Jesus, Nosso Senhor. /[Repete-se o estribilho] /Mãe piedosa, ó Mãe clemente! /Protegei a nossa gente, /Dá-lhe paz, tranqüilidade; /Fazei que nos lábios seus /Viva a palavra de Deus /Anunciando a verdade. /[Repete-se o estribilho]".

[1003] SANTOS, A. *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 188. "Estribilho: /Salve, salve Senhora Aparecida, /Doce guarida /De compaixão. /Sois do peregrino que em vós confia, /Sublime guia /Do Coração. /I – Vós sois a brisa, /que nos suaviza, /Quando desliza /Em nós a dor; /Sois a doçura. /Dois a ternura, /Ó virgem pura /De santo amor. /II – Sois a bonina /Que na campina /Da nossa sina /Dá força e luz. /Ó virgem bela, /Doce procela, /Fulgente estrela, /Mãe de Jesus. III – Sois a açucena /Que em tarde amena, /Meiga e serena, /Nos quer levar; /Numa alta serra, /Longe da terra, /Livres da guerra, /Celeste lar. /IV – Virgem Maria, /Sede-nos guia /Na travessia /Do mundo tal; /Sempre guiai-nos, /E confortai-nos, /Também livrai-nos, /De todo o mal. /V – Virgem querida, /D'Aparecida, /A nossa vida /Sempre amparai /E o nosso pranto /Com vosso manto, /Que é puro e santo, /Sempre enxugai. /VI – Em vós a aurora, /Sorri sonora, /Meiga e canora, /Com terna luz, /Pois sois a flor /De grande amor, /De muito odor, /Mãe de Jesus. /VII – Virgem tão pura, /Dá-nos ventura /Da luta dura, /N'imigo atroz. /Ó Virgem santa, /Que o mal quebranta, /Que a dor espanta, /Rogai por nós. /VIII – Nesta renhida /Luta da vida /Sede guarida /Do pecador. /Que vos procura /Na desventura /Ó Virgem pura, /Mãe do Senhor! /IX – Nós peregrinos /Cantamos hinos /Santos, divinos, /De eterno amor, /A vós, Maria, /Nossa alegria, /Mãe santa e pia, /Do redentor /X – Rogai clemente, /Mãe complacente, /Por todo o ente /Que busca a vós. /Rogai, ó santa /Que o mal quebranta, /Que a dor espanta, /Rogai por nós!...".

[1004] LIEDA CRISTINA. Gênero: "Poesia". Texto lido pela criança Dalila Geraldo Siqueira de Morais. In: *ANSAp*. Aparecida, nº 6, Ano VI, 1932, p. 52. "I – A voz que assim festeja, hoje te aclama, /Escuta: é a voz da Pátria combalida! /Tua benção de amor pede, reclama, /Ó Mãe, Nossa Senhora Aparecida! /II – Inclinam-se cabeças alvejantes... /É a velhice em humilde reverência; /E a infância, em sorrisos suplicantes, /Vem trazer-te os beijos de inocência. /III – A juventude vibra a se enternece... /Há um sussurro de Fé na multidão... /O Céu viria à terra, si pudesse, /E a nós o esplendor da Procissão. /IV – Exulta o clero em místicos ardores; /E o nosso Cardeal... nem sei dizer!... /Do bem que nos tem feito aceite as flores! /O seu belo jardim faz crescer! /V – E, pois, que é posse tua esta querida /E ora angustiada Pátria brasileira, /Cura-lhes os males, sim doira-lhe a vida, /Dá-lhe paz duradoura e verdadeira! /VI – Compadecida, os ânimos levanta /Numa benção de luz e redenção! /De teu filho Jesus, Ó Virgem Santa, /Agasalha o coração do Brasil!".

[1005] BASTOS, Cassiano Tavares. Ele foi credenciado com sendo "Sr. e Dr.". A fonte informa que o texto foi inspirado no voto nacional "***Queremos uma era de ordem, trabalho, paz e tranqüilidade a família brasileira***" de autoria do Cardeal Sebastião Leme. In: *ANSAp*. Aparecida, nº 6, Ano VI, 1932, p. 52. "I – Ouvi, Senhora, o voto do meu povo, /Pelo voz do Pastor viril e ardente: /Que nesta região do Mundo Novo /Viva Jesus, reine Jesus somente! /II – Nem haveis de ser indiferente /À voz da fé que reproduzo e louve, /Porque sois Mãe amável para o crente, /E é crente o meu Brasil, todo o meu povo. /III – Ouvi-nos pois! Da Pátria, neste instante, /É o próprio coração vivo e vibrante /Que vos implora a material piedade: /IV –

No conjunto, os poemas, hinos e cânticos etc., tematizavam um feixe de questões que à época interessavam à hierarquia eclesiástica.Lembremos que os textos foram produzidos a partir da organização do evento, cujo estrategista foi o Cardeal Leme com a colaboração direta de Dom Leopoldo e Silva.

A maioria dos autores, como pode ser se verificar, são membros do laicado, e apenas um religioso é o co-autor dos textos. Invocou Aparecida como: a Mãe protetora e ordenadora da vida social. Ela é "pálio", "norte", "guia" e "luz" para a Pátria e a Nação. *Mas, a apropriação simbólica de Aparecida como um centro estruturante e caução às instabilidades sociais e políticas é a mais evidenciada.*

Os temas da emoção e o da atuação sobres os sentidos dos fiéis aparecem nos textos: o poder doce da Imagem. Ela, flor que emergiu do fundo de um rio, e que exala perfume à Nação e incensa a Pátria. Neste sentido, evoca-se a sua condição divina e a sua capacidade para *purificar, assear, higienizar* a Nação ao menos no plano simbólico.[1006]

O monumento o Cristo Redentor foi citado em um dos textos, ele estava em construção, tendo sido inaugurado em 12 de outubro do mesmo ano.

A Pátria e a Nação são abordadas no texto de autoria de Laurita Norbertino, diz a autora: "Esteve a Pátria a perigar /Havendo tanto heresia, /Agora se vai salvar /Com a vinda de Maria". A figura do Dom Leme é também citada como núcleo legimitador do evento. Certame religioso dirigido às massas católicas, cujo sentido era que ele se prestava a ser o paradigma para a sociedade brasileira, pois: "[...] o nosso Cardeal! /Com esta cura milagrosa /Arredou da Pátria o mal /Da peste, da guerra, ou da fome /o Brasil será poupado".

O provável mal ao qual se refere a autora talvez fosse, entre outros, em termos políticos, positivistas, liberais etc. O evento celebrativo do Padroado de Aparecida, cujo mentor e organizador foi a mais alta autoridade episcopal brasileira, foi entendido pelos autores dos textos com uma ação milagrosa e curativa para *expulsar o espectro maligno que rondava o país*. O mal absoluto para a Igreja no período era *o comunismo*.

Há o elemento que perpassa a maioria dos textos, ele é a contrição, cujo gesto devocional é o de prostração do fiel perante a autoridade religiosa, expressa na Imagem de Nossa Senhora Aparecida. No gesto da contristação o devoto católico curva-se dobrando os joelhos ao curvar-se, genuflexo, o que significa que o seu tamanho diminua em um terço. Nesta ordem de coisas, a multidão, calculada em um milhão de pessoas presente na Esplanada do Castelo na tarde de 31 de

---

Queremos, ó Rainha e Padroeira, /Para toda a família brasileira, /Ordem, trabalho, paz, tranqüilidade". Negritos meus.

[1006] TRÍAS, Eugênio. "Pensar a religião. O símbolo e o sagrado". In: DERRIDA, Jacques. VATTIMO, Gianni. [Orgs]. *A Religião*. Lisboa, Relógio D'Água, 1997, 250; pp. 115-132.

multidão, calculada em um milhão de pessoas presente na Esplanada do Castelo na tarde de 31 de Maio de 1931, provavelmente contrita e genuflexa, respondeu em coro uníssono o voto abaixo no fecho dos ritos e cerimônias:

> "Senhora Aparecida, *o Brasil é Vosso*"; /Rainha do Brasil, *abençoai a nossa gente*; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *tende compaixão do nosso povo!*; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, */socorrei os pobres!*; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *consolai os aflitos! – iluminai* os que não tem fé!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *convertei os pecadores!;* /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *curai os nossos enfermos!*; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, lembrai-vos dos nossos parentes e benfeitores!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *guiai a mocidade!;* /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *guardai a família!*; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, visitai os encarcerados!; / Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *norteai os navegantes!*; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, *ajudai o operário!*; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, santificai o nosso Clero!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, assisti os nossos Bispos!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, conservai o Santo Padre!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, defendei a Santa Igreja!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, não vos esqueçais dos ausentes!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, paz ao nosso povo!; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, esclarecei o nosso Governo; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, abençoai o Presidente da República; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, ouvi os que estão presentes / Nossa Senhora da Conceição Aparecida, **tranqüilidade para a nossa terra!**; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, **prosperidade para o Brasil!**; /Nossa Senhora da Conceição Aparecida, **salvação para a nossa Pátria**!. /Senhora Aparecida, **o Brasil vos ama, o Brasil em vós confia**! /Senhora Aparecida, **o Brasil tudo espera de vós**! /Senhora Aparecida, **o Brasil vos aclama**! Salve, Rainha!".[1007]

A quantidade e o campo de abrangência das invocações, logo *a multiplicidade de apropriações e polissemia de significados presentes nos cânticos, hinos e votos que celebraram Aparecida são de tal magnitude que só a capacidade de ubiqüidade de um ente demiurgo era capaz de atingir.*

Neste sentido, a invocação Padroeira da Pátria em relação ao povo dá-se em termos de: ajuda, consolo, benção, compaixão, socorro; guia, ilumina, converte, norteia, guarda, protege, pacifica. É na Imagem da Padroeira que a Nação encontra o seu centro estruturante e lugar de apaziguamento em relação às vicissitudes da condição humana.

Explicitamente, *a família e o operariado são chamados à proteção de Aparecida.* Pedia-se que a Padroeira santificasse, assentisse, defendesse e esclarecesse os membros do corpo burocrático tanto o eclesiástico quanto o laico.

Mas são as autoridades máximas dos dois poderes – religioso e secular – que a Padroeira deve conservar e abençoar. Ora, manter o detentor e ocupante de um poder poderia confundir – e confunde – quem, provisoriamente ocupa o nicho, o *locus* do poder, como sendo o próprio poder encarnado.

Nesta ordem de coisas, tal legitimidade originária no campo religioso, apontava o aspecto de sacralidade de quem estava investido de autoridade e ocupava espaço de poder.

[1007] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, p. 50. Itálicos, negritos e sublinhados são meus.

Infere-se, dessa celebração, a unção hierocrática aos ocupantes do poder e do mando secular. Assim, compreende-se o motivo pelo qual Aparecida é invocada para abençoar o Presidente da República.

Outro aspecto que chama atenção das invocações e aclamações de Aparecida em relação ao Brasil é a seguinte: esperava-se que a partir da devoção e da mediação da Padroeira o social encontre tranqüilidade, prosperidade, salvação, amor, confiança e esperança.

Tanto o país quanto o regime político em curso de matriz republicana, suscitados nas aclamações e invocações, não pressupunham o contrato social como mediador e árbitro dos conflitos, mas se transferiam a uma força e potência transcendente, o *locus* no qual se daria a solução dos embates sociais e cuja relação operava-se, em termos individuais, mediante súplicas e não regras, estas estabelecidas no pacto social coletivo.

Assim, o direito do povo – *a palavra* **cidadão** *nessa concepção de pacto social é anátema* – se realiza mediante a *vontade* maternal ou paternal [originadas na sua Mãe simbólica Aparecida ou na autoridade que investida de poder exercia mando secular] e não segundo os critérios de impessoalidade e mérito que iguala os membros do corpo social em termos políticos, sociais, econômicos e de credos.

Ora, a divindade elege, agracia e escolhe os seus, a partir de critérios que escapam aos homens. Logo, o conjunto de critérios eletivos originários no sagrado apontam um grau absoluto de autoritarismo - lembremos: cabe ao homem apenas aderir ao divino. Tais princípios - de origem religiosa, quando aplicados aos detentores do poder secular adquirem matizes totalitárias.

As invocações e aclamações acima citadas foram discursadas na presença das mais altas autoridades sociais e políticas deste país, do corpo diplomático presente etc. Há um aspecto a ser salientado: todos eles estavam acompanhados de "suas famílias".[1008] A família será um dos núcleos das relações Igreja-Estado no período da nossa análise. A Instituição Católica, Apostólica e Romana produziu ações para que os seus fossem contemplados na lei positiva da República.

A Constituição de 1934, como vimos anteriormente, contemplou demandas católicas como a do reconhecimento constitucional da indissolubilidade do matrimônio e da validade civil do casamento religioso, a instrução religiosa obrigatória nas escolas e a concessão de assistência religiosa oficial às Forças Armadas, nas prisões e nos hospitais.

No plano simbólico, a vitória mais expressiva foi a que, penso, pois quase não mensurável, a Carta Magna deste país promulgada em 16 de julho de 1934 se abria à "cidadania republicana" desta Nação invocando-se "à proteção de Deus", conforme já apontamos acima quando o Cardeal

[1008] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 50.

Eugênio Pacelli fez menção nesse particular, ao discursar perante autoridades brasileiras em 1934 no Rio de Janeiro.

Mas, como dissemos, o *núcleo* mais expressivo das demandas católicas dizia respeito à indissolubilidade do matrimônio, ao impor força legal e legitimidade ao casamento religioso: ao fim e ao cabo, questões atinentes à família cristã católica.

Ela era o paradigma para a sociedade como um todo: pai, mãe e filhos. Encabeçada por um varão provedor e por uma mãe subalterna cujos papéis que cabiam a esta era exercer a *maternidade* monogâmica e *obediência* ao marido - penso que reside, na questão da subordinação da mulher ao homem um dos núcleos da violência masculina em relação às mulheres, tomando, por exemplo, Maria - e a produção de uma prole larga. A este modelo e estrutura familiar, em setembro 1943 foi instituído o "abono familiar" que em dinheiro beneficiava esse modelo familiar.

O próprio Getúlio Vargas, como já registramos, havia formalizado a sua união com a sua mulher Darci, numa cerimônia religiosa católica ocorrida numa propriedade sua no interior do Rio Grande do Sul. Vargas disse que o fez por um duplo motivo: atendendo a um pedido da esposa, e outro era que respondia a uma questão da sua "consciência".

Se a questão de consciência significaria que ele havia aderido aos valores do cristianismo católico, não podemos afirmar.

Afinal, um dos valores estruturantes originados na doutrina cristã é o grau de *absoluto* em relação à vida, cujo único árbitro é Deus.

Ora, se o seu casamento religioso, em dezembro de 1934, não teria sido um sinal inequívoco – dada a concretude do mesmo – de cunho político à hierarquia católica? Ele precisou e contou com o apoio efetivo da Igreja por todo o período de 1930-1945.

Mas, como já apontamos, se cabe a Deus todos os atos em relação à vida, o suicídio de Vargas em 1954, é aqui interpretado, em hipótese, com uma fraqueza de sua nova "consciência [...] transformação lógica do pensamento",[1009] ou da fraqueza dos próprios valores do cristianismo que não foram sólidos o suficiente para inibi-lhe o ato que lhe subtraiu a vida.

Ou o seu casamento religioso católico em 1934 e o seu gesto que lhe ceifou a vida em 1954 são constitutivos de um arsenal de atitudes efetivamente políticas?

Vargas foi, de fato, um animal político na sua acepção mais dilatada.

E a resposta às duas questões deve ser buscada nessa tensão da "transformação" da consciência, nos contextos sociais e no cálculo e astúcia do homem político.

[1009] VARGAS, Getúlio. *Diário*. [1930-1936]. São Paulo, Siciliano; Rio de Janeiro, Ed. FGV, [vol. I], 1995, 575p; cit, p. 343.

Afinal, penso, a subjetividade do sujeito é *locus* quase imperscrutável, que significa que não se atinge na sua totalidade. Da subjetividade do sujeito apenas podemos haurir fiapos. E, antes de tudo, para evitarmos uma interpretação trágica do seu ato em 1954, pois ele foi o resultado da conjunção de contextos sociais e políticos – essa dupla de fatores: a transformação como corolário de uma nova consciência e o cálculo político, o que nos possibilita operar a inteligibilidade e compreensão histórica do gesto de Vargas. O gesto - do suicídio - anti-cristão de Vargas em 1954 evidência uma questão que tenho procurado lançar ao longo da pesquisa: a laicização do campo religioso e da sacralização do campo secular: qual mártir que se imolava por uma causa superior aos comuns dos mortais, na sua Cartas Testamento ele afirmava que "saia da vida para entrar na história". O imaginário popular se apropriou do gesto de Vargas de 1954 como um ato de sacrifício e passou a lamentá-lo.

Instantâneo que registra nas proximidades do altar da Padroeira montado na Esplanada do Castelo, na tribuna de honra "o Exmo. Sr. Presidente do governo provisório, ministros, membros do corpo diplomático, altas autoridades, altas patentes do exército e da marinha".[1010]



Tudo neste evento de 1931 tinha escala e dimensões ímpares O Altar-Monumento media aproximadamente cento e vinte e cinco [125m2] metros quadrados! E tinha altura suficiente para ser

[1010] *ANSAp*. Aparecida, nº 6, ano VI, 1932, p. 54.

divisada por toda a multidão presente na praça do certame na tarde de 31 de Maio de 1931. Ele foi construído e montado por um exército de mais de oitenta [80] operários, e localizava-se "ao fundo da Esplanada do Castelo". Foi ocupado por religiosos e membros destacados do laicado católico que, segundo a hierarquia, eram os elementos que constituíam os *corpos estáveis* da sociedade brasileira, pois tinham *por princípios os valores do cristianismo na sua expressão católica*, principalmente *em termos da família nuclear e monogâmica*. E esses *corpos estáveis* [os seus membros vinham de organizações católicas como Congregações Marianas,[1011] Ordens Terceiras etc] eram *originários nas elites econômicas e políticas, e encimados por homens provedores, chefes de família, que exerciam profissões nos mais variados setores*, a saber. "médicos, engenheiros, advogados, militares de alta patente, escritores, catedráticos de escolas superiores, representantes do alto comércio e indústria"[1012] que legitimava, reciprocamente, o conjunto das ações entre hierarquia e laicado. Igualmente, serviam de paradigma a ser seguido pelo resto da Nação.

Mas, no Altar-Monumento erigido na Esplanada do Castelo onde transcorreu os principais ritos e cerimônias de consagração do Brasil à Nossa S. Aparecida, não havia lugar para os operários que com o seu trabalho executaram a obra. **Aos trabalhadores caberia mirar-se nas elites católicas, resignar-se à sua condição de subalternidade e obedecer ao reto caminho traçado pela hierarquia**. Todo o acervo de *conquistas* trabalhistas no varguismo[1013] tem essa

---

[1011] A relação com os nomes desses membros do laicado católico encontra-se em: *Homenagens Nacionais a N. S. da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil. Rio de Janeiro 17 a 31 de Maio de 1931*. Rio de Janeiro, Ofs. Gráfs. do "Jornal do Brasil", 1931, 192p; pp. 20-23.

[1012] SANTO ROSÁRIO, Ir. Op. cit., 1962, cits. entre aspas, p. 230.

[1013] FRENCH, John D. *Afogados em leis. A CLT e a cultura Política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo, Ed. F. P. Abramo, 2001, 121p. No cap. "A CLT na prática: generosidade como jeito de fraude", o leitor encontrará elementos para o que aponto em relação à tutela a partir da matriz cristã-católica: principalmente em relação à Justiça trabalhista. À p. 18 há imagens de trabalhadores no 1º de Maio, em uma delas há uma faixa que sentencia: "Trabalhador Sindicalizado é Trabalhador *Disciplinado*" de 1944; e outra de 1940 na qual está consignado que "O Trabalhador também tem lugar no Estado Novo" obra de Getúlio em consórcio com a hierarquia católica. Mas, o mais revelador desse mecanismo da tutela getulista acha-se num faixa de 1954, onde se ler: "GETÚLIO CRIOU O SALÁRIO MÍNIMO. GETÚLIO SABERÁ ELEVÁ-LO".
À p. 71 o professor French cita a seguinte frase: "A CLT é o AI-5 da classe trabalhadora" que segundo ele foi dita por "Luís Inácio Lula da Silva, numa citação em que compara a CLT ao Ato Institucional nº 5 promulgado em 1968", [sim leitor, o AI-5 foi promulgado!], "pelo Regime Militar que fechou o Congresso, acabou com o *Habeas-Corpus* e iniciou a fase mais radicalmente repressiva da Ditadura Militar após 1964".
Sobre a matriz cristã-católica que norteava às ações cujo alvo eram as classes trabalhadoras e a presença de membros do laicado católico cuja origem era de congregado mariano em associações de classes e sindicatos de trabalhadores. Cf. SOUZA, Jessie Jane V. de. *Círculos Operários. A Igreja Católica e o mundo dos trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2002, 317p. A autora lembra que, neste particular, "Augusto do Rêgo Monteiro foi militante católico desde a década de 1920", sob a sua gestão no "poderoso Departamento Nacional do Trabalho", e principalmente durante o ministério de "Waldemar Falcão em 1937" que ocupou o cargo devido à "pressão católica", Rêgo Monteiro era "presidente da Congregação Mariana Nacional", íntimo de Alceu Amoroso Lima, e foi o arquiteto principal dos "sindicatos pelegos [que] nasceram na gestão" dele no DNT. Cits. entre aspas, pp. 41 e 31, respectivamente.

matriz: na verdade trata-se da *concessão* dos superiores aos membros da base social: *a tutela* adquire ossatura e musculatura. E produziu um corpo monstruoso: o Estado-Novo.

Penso que reside na relação entre *conquista* e *concessão* uma das chaves à compreensão dos mecanismos de controle social no plano do imaginário – porém, sempre frisando que o imaginário remete a uma concretude histórica, logo a uma base social efetiva. Nesta ordem de coisas, concretude histórica e imaginário social ou representações coletivas se retroalimentam.[1014]

A *concessão* é um ato ou gesto de alguém a outrem – e tal permissão só pode ser entendida se tivermos em mira os valores e princípios aos quis se referenciam – num *ethos* cristão, e em particular, como no caso brasileiro, católico e mariano –, sendo o católico portador duma "pretensão à universalidade"[1015] inscrita nos seus valores, e que apreende aquele que é objeto do seu gesto de caridade - *caritas*. Para a questão da *caritas*[1016] cristã, veja-se a abordagem de Arendt. A interpretação aqui adotada da *caritas* ou do amor – *dilectio* – cristãos é de que estes são constitutivos do acervo dos mecanismos de dominação concessiva a alguém que deve aderir à sua mensagem autêntica e legítima, pois única e verdadeira: a origem da mensagem é sagrada, e se origina no divino do Deus único e monoteísta. Assim, a aceitação se traduz como tutela, pois o agente objeto do ato de concessão a recebe já pronta – ela foi anteriormente elaborada por outros atores – originária num centro cognicente: em teólogos, membros da hierarquia etc. – e passivamente. Na série de movimentos e ações empreendidas pela hierarquia católica nos eventos e certames religiosos no período da nossa análise, como especificamente a ida do Ícone de Aparecida ao Rio de Janeiro que inaugurou os deslocamentos de multidões católicas para celebrar a sua Padroeira, ou em cerimônias dos Congressos Eucarísticos Nacionais, as massas católicas eram estimuladas a aderir ao que a hierarquia estabelecia, deste modo revelava-se a outra face perversa dessa realidade: o *autoritarismo político* se entranhava nas práticas sociais a partir do seu *ethos*.

A mobilidade das massas católicas na quadra histórica aqui contemplada, não significava, de modo algum, um *conquista* ou que eles haviam atingido um patamar de consciência social originada na concretude histórica das suas realidades que os levava a um projeto emancipatório.

[1014] BACZKO, Bronislaw. "Imaginação Social". In: ROMANO, R. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nac.-C. da Moeda, vol. 5, [Anthropos-Homem], 1985, 396p; pp. 296-332. O autor refere-se aos agentes sociais envolvidos no "imaginário social" e nas imagens que a sociedade elabora de se mesma por meio das suas classes, da raça, da nacionalidade, da religião. Assim, as imagens, as representações etc., destes atores sociais geram ações e comportamentos que mobilizam as suas energias. A par dessa realidade – atividade e força –, de certo modo a violência é legitimada a partir das representações sociais, principalmente as originadas na religião. Cf. pp. 299, 306 ss.

[1015] ARENDT, Hannah. *Der Liebesbegriff Bei Augustin*. [1ª ed. 1929]. [*O Conceito de Amor em Santo Agostinho*]. Lisboa, Inst. Piaget, 1997, 189p; cit. p. 174.

[1016] ARENDT, H. Op. cit. 1997, pp.25-61

Mas não só. Elas respondiam e aderiam aos apelos da hierarquia, e, concomitantemente, a partir das suas experiências de vida, pois desde a sua idade mais remota foram lançadas nessas devoções religiosas – espécies de teias que os capturavam para sempre –, centralmente as marinas, o que instituía, de fato, valores em todos planos, inclusive o político, ou neste principalmente.

Daí a capilaridade que a fé em Maria adquiriu entre as multidões católicas em termos planctários no século XX [França, México, Portugal, Brasil etc]. Neste sentido, será a partir dessa ordem de coisas, que podemos compreender a dimensão da adesão e da legitimidade, o que autorizava a hierarquia a selecionar – tal eleição atendia a múltiplos critérios, mas o diretor era o político – certas invocações de Maria e levá-las à condição de Padroeira de Nações. Complementado os comentários concernentes à imagem acima: o presidente Vargas e mulher encontram-se no centro de um cenário composto por uma paisagem humana, e no conto direito há um grupo de jovens vestidas de branco. Os adultos, homens e mulheres, presentes no instantâneo portam trajes de gala – lembremos que essa era uma das condições para que se tomasse parte na cerimônia. O casal presidencial – Vargas e Darcy – deveria ser o modelo familiar cristão. Mas, uma questão de fundo negava tal condição. Eles não eram casados no rito da Igreja católica. Como apontamos anteriormente, em 1930, a esposa de Getúlio havia se envolvido com a organização de uma romaria à Aparecida, revelando, assim, ser ela uma católica praticante. Não podemos mensurar com precisão o impacto que esse evento de 1931 teve sobre o casal Vargas, mas em 1934, escreveu o presidente no seu *Diário*, entre 11 a 14 de dezembro

> "[...], casei-me... religiosamente. Não o havia feito ainda, por ausência eventual do padre na época do casamento civil, e também por um caso de consciência. Fi-lo agora para atender minha mulher, e também por um caso de consciência... transformação lógica do pensamento. O padre da sede, Petit-Jean, foi trazido à tarde pela mulher do Protásio, e o casamento realizou-se em segredo, com conhecimento de poucas pessoas, assistindo como testemunhas o Agnelo e o Protásio com as respectivas esposas".[1017]

[1017] VARGAS, *Getúlio. Diário*. [1930-1936]. São Paulo; Rio de Janeiro; Siciliano; F. G. Vargas, [Vol. I], 1995, 575p; cit. p. 343. Celina Vargas do Amaral Peixoto, neta do casal Getúlio e Darcy, ao fazer a apresentação do volume lembrou do enlace religioso dos seus avós, assim ele "revela que casou no religioso, no final de 1934, por uma questão de consciência". PEIXOTO, Celina V. do A. "Apresentação". In: VARGAS, G. Op. cit., vol. I, 1995; pp. vii-xx; cit. p. xi. Esta neta de Getúlio já se prestava à propaganda política do regime político, o Estado-Novo, liderado pelo Vargas em 1945. Cf. fotografia publicada no periódico *Cultura Política*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 50, mar./abr./mai./1945, a fotografia do "Presidente Vargas, com sua netinha Celina ao colo, [...]" encontra-se entre às pp. 8-9. A tentativa em humanizar o ditador é evidente: sorridente e à mesa, ele está prestes à fartar-se com os seus comensais num refeição pantagruélica, enquanto o restante da Nação passava por privações, pois havia escassez de alimentos e a massa da população, principalmente nos grandes centros urbanos, não fazia refeições, mas tinha acesso à "rações", quinhão ou punhado de farinha etc. A cena familiar e harmoniosa de Vargas com a neta e com um casal de filhos, Alzira e Luthero, em outra foto, provavelmente amortizaria possíveis críticas dos seus opositores.

Para além da pressão feita por sua mulher em relação ao casamento religioso católico[1018] – de fato, a questão da demandas das mulheres em relação ao sagrado e aos seus ritos geridos e executados pelos religiosos é um dado efetivo[1019] – para que casassem numa cerimônia religiosa católica, a mudança de consciência de Vergas – homem formado em valores positivistas, conforme afirmam alguns que glosaram sobre a sua formação política, como veremos e questionaremos à

[1018] O juiz de Direito Batista de Melo, lotado em Rio Preto, Minas Gerais, no terceiro de uma série de artigos aborda a política nacional da família a partir do "casamento religioso de efeitos civis, sua gratuidade e pensões alimentícias". Lembra sobre "o casamento na Constituição de 1934", aponta que o que foi contemplado na Carta de 1934 foi totalmente "inspirado na concordata entre a Santa Sé e a Itália", o Pacto de Latrão, e verticalizava a sua abordagem no respeitante "as modificações impostas" pelo decreto-lei "nº 379 de 16 de janeiro de 1937". MELO, B. de. "A política nacional da família. III. O casamento religioso de efeitos civis, sua gratuidade e pensões alimentícias". In: Cultura Política. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 13, ano II, mar./1942, 303p; pp. 108-117; cit. pp. 108 e 110, respectivamente.

[1019] PIERROT, Michelle em seu ensaio "As mulheres, o poder a história" afirma sobre o papel da mulher burguesa no espaço urbano, a partir do século XIX, a autora lembra que "na família, o poder principal continua a ser o do pai, de direito e de fato", informa que "a penetração da ordem republicana nas aldeias veio acompanhada por um reforço do poder do pai, único cidadão integral, sobre a mulher e filhos; [...] [na] República triunfante [...]". Recorda Pierrot que recaía sobre as mulheres um imaginário no qual ela era apreendida nos seguintes termos, a mulher era "a fé contra a razão, a caridade contra o capitalismo e a reprodução como justificativa fundamental constituem os eixos principais dessa moral". A autora lembra que essa era uma parte da equação do imaginário sobre as mulheres da elite burguesa, pois elas "não são simplesmente resignadas ou passivas, mas tendem, pelo contrário, a erigir sua visão de mundo como julgamento das coisas". Para Pierrot aqui se trata "feminismo cristão", cuja performance dar-se no âmbito doméstico, "onde se enfrentam o bel e o mal: as mulheres e os homens. Estes, pelo gosto do poder e do dinheiro, engendram o caos e a morte. As heroínas domésticas, pelos seus sofrimentos, sacrifícios e virtudes, restabelecem a harmonia do lar e a paz da família. Elas têm poder – e o dever – de agir bem". E nas camadas populares, "as mulheres do povo têm outros saberes e poderes, principalmente [...], religiosos [...]. Seu papel na primeira educação dos filhos [...]". E mais, sobre a fêmea citadina "solicita-se cada vez mais às burguesas – as mulheres do mundo que saíam de casa e pratiquem a caridade ou filantropia". Cf. _____. Op. cit. In: *Os Excluídos da História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, 332p; cits. pp. 180, 181, 182, respectivamente. A brasilianista Muriel NAZZARI em pesquisa que trata do casamento a partir de uma documentação de São Paulo, entre 1600 e 1900, constata a dimensão adquirida pela família conjugal na ordem burguesa, a partir de meados do século XIX, realidade incorporada ao "Código Civil de 1917". _____. *O Desaparecimento do Dote*. [...]. São Paulo, Cia. das Letras, 361p; especialmente, pp. 263-271; cit. p.270. Um dos papéis que estancieira Darci Vargas desempenou, no espaço urbano a partir da capital da República, na condição de 1ª Dama da Nação diz respeito às suas ações filantrópicas e caridosas – num registro feminino cristão – como podemos verificar que ela aparecia inaugurando restaurantes voltados aos "descamisadas" ou quando espaços asilares voltados aos leprosos levavam o seu nome. A Primeira Dama tomou parte na fundação da Legião Brasileira de Assistência [L.B. A], instalada em 2 de outubro de 1942, pois a "Sra. Darci Vargas, fundou-a, emprestando a ela a sua colaboração e a sua solidariedade". Cf. "Legião Brasileira de Assistência. [Reportagem especial ...]". In: *Cultura Política*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 21, ano II, 1942, 421p; pp. 308-322; cit. p. 309. O ministro do Trabalho Marcondes Filho discursou na ocasião: "proteger a maternidade, defender a infância, amparar a velhice, criar, educar, acudir, assistindo em todo o imenso território, acompanhar o desvalido desde o seu nascimento até a sua senectude, [...]", de modo que LBA, segundo Marcondes Filho seria um "instrumento da Divina Providência", p. 309. Se instrumento extra-humano ou não, efetivamente a LBA foi instrumentalizada pelo poder estatal e protagonizada por sua presidente Darci Vargas quando o país entrou na Segunda Guerra mundial. Ela tomou parte em atos públicos nos quais distribuía cartões para o "desjejum escolar" no Rio de Janeiro. Cf. "A campanha da nutrição no Brasil". Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, ano III, nº 30, 263p; a cit. é parte de uma legenda que acompanha uma foto da Primeira dama entregando cartões às crianças em idade escolar. A foto acha-se junto à p. 248.

frente –, ao aderir aos originados no cristianismo católico, quando se cedeu aos reclames da esposa Darci, também revela que, a tal "mudança de consciência", ancorava-se na sua astúcia política, pois ele tinha o apoio efetivo dos católicos. Ora, não esqueçamos que o casamento religioso havia adquirido valor de legalidade civil a partir da Constituição de 1934, e, provavelmente, Vargas no seu cálculo em relação à *sua mudança de consciência* tenha contemplado todos esses aspectos. Assim, mesmo que a cerimônia do seu casamento tenha ocorrido de modo discreto e no ambiente privado, a notícia chegaria aos ouvidos dos religiosos, o que lhe possibilitava que o seu governo contasse com o consórcio da hierarquia. De fato, conforme demonstrou consistentemente uma historiadora, na produção imagética de uma Vargas líder das massas e portador de um carisma[1020] messiânico – ele não poderia prescindir dessa concretude história, como a do seu casamento religioso católico, afinal no plano das representações. Vargas surgia na propaganda política como o homem portador de um "poder místico" e se identificava "com o divino" de modo que ligava "o destino do homem-deus ao da pátria. Sua imagem mesclava-se à da pátria una e imortal", *ipso facto* "o destino desse homem era o destino mesmo do Brasil". Nesta ordem de coisas, articulavam-se a racionalidade informada no "*esprit géométrique*"[1021] de Getúlio Dornelles Vargas – ele inclusive,

---

[1020] O sociólogo alemão Max Weber abordou os vários tipos e formas de dominação. Sobre a dominação carismática fez referência em outras obras suas e especificamente na sua análise, cf. WEBER, M. *Economía y Sociedad*. México, FCE, 9ª ed., 1992, 1237p; pp. 193-203. Weber ao se referir à legitimidade da autoridade no registro carismático, ele claramente o faz remetendo a sua compreensão a um entre "metafísico por natureza", que é, em última análise, "Deus". O pensador alemão tinha claro que essa condição originava-se numa teia de aprisionamentos anterior à conscientização do indivíduo, ou seja, ao *ethos*, pois o homem nasce dentro de certo gradiente de valores e normas que operava nexos à inteligibilidade enquanto indivíduo no mundo, o que gerava dado conformismo, mas tal realidade para Weber, também geraria potencial de confronto. Não obstante, o confronte indicado por Weber é individual, não coletivo. Tal confrontação ou mesmo revolução parte de uma constatação individual, cujo corolário é, na elaboração weberiana, o surgimento de uma liderança que a sua pessoa passa a ser investida, a partir da qual consegue arregimentar a sua causa um conjunto de adeptos ou discípulos. Nessa ordem de coisas, o sociólogo alemão apontou o carisma em dois registros: o que é constitutivo "à personalidade individual dos profetas e revolucionários" e o atinente ligado "aos títulos de cargos, em virtude da própria função". Cf. LEACH, Edmund. "Anthropos". In: ROMANO, R. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp. Nac.-C. da Moeda, 1985, 396p; pp. 11-66; cit. p. 52. Jürgen Habermas, comentador da obra weberiana, aborda tais compreensões do problema da autoridade carismática, in: HABERMAS, J. *Teoría de la acción comunicativa, I. [Racionalidad de la acción y recionalización social]*. Madrid, Taurus, 2ª ed., 2001, 517p; especialmente pp. 197-284. O pesquisador francês Laurent Fleury na sua pesquisa aborda a questão do poder carismático a partir do *ethos*. Cf. FLEURY, L. *Max Weber*. Paris. PUF, 2003, 118p. Especialmente pp. 77-86.

[1021] BOSI, Alfredo. "A arqueologia do Estado-Providência. Sobre um enxerto de idéias de longa duração". In: ____. *Dialética da Colonização*. São Paulo, 2ª ed., 1993, 404p; pp. 273-307 e notas: pp. 398-401; cit. p. 294. Aqui reside um dos "nós" das abordagens concernentes à figura pública de Vargas. Segundo o intelectual católico Alfredo Bosi – que não é especialista do tema, mas exerce espessa influência a partir dos seus escritos, mormente no campo universitário –, Getúlio era, de fato, um positivista. Para o professor da USP e imortal da Academia Brasileira de Letras, o que explica as suas ações entre 1930-1937, e entre 1937-1945, este último data Bosi artificialmente denomina de "protetorado". Na abordagem de Bosi não há referência à Igreja e à co-gestão da Nação exercida pelo Cardeal Leme. O prof. Bosi elegeu como seus interlocutores a produção gaúcha sobre Vargas, olvidando a importante abordagem paulista sobre o político dos pampas.

por conveniência, chegou a falsificar a sua data de nascimento, adicionando um ano –, à grande obra "do Divino Mestre".[1022]

Assim, racionalidade técnica burguesa e encantamento mítico originado no campo religioso do cristianismo católico irmanavam-se em mecanismos de dominação, cuja revelação pode ser conferida na sacralização da política, mormente quando a aplica às massas. O translado da Imagem da Imagem de N. S. Aparecida em 1931 à capital da República foi constitutivo desse acervo de aprisionamentos racionalmente planejado, organizado e logisticamente executado.

Neste sentido, aponto sobre a visita de Vargas a São Paulo no dia 1 de maio de 1944.

Tratava-se de uma excepcionalidade, pois Getúlio jamais havia se ausentado da "Capital da República" nessas ocasiões do Primeiro de Maio. Tal exceção tinha por base atender uma solicitação "de quase meio milhão de obreiros" de São Paulo. Mas, o motivo forte talvez tenha sido o referente aos "dias difíceis e conturbados"[1023] pelos quais passavam tanto o país quanto o mundo. Ele foi recepcionado por uma massa de operários no Estádio do Pacaembu, tendo sido saudado por membros das Federações dos Empregados e/ou Trabalhadores no *Comércio*, nas *Indústrias de Fiação e Tecelagem*, em *Construção e Mobiliário*, *Indústria de Alimentação*, *Indústrias Metalúrgicas*[1024] Planejou-se um evento em escala monumental: "cerca de cem mil [100.000] trabalhadores [...]", em "uma grande festa", e que teria "um almoço de confraternização, entre cariocas e paulistas, de mil talheres, e um jogo de futebol, entre [...] [os] quadros de trabalhadores do Rio e de São Paulo". Além de Vargas, o Min. do Trabalho Marcondes Filho e o Interventor Federal Fernando Costa" iriam discursar no evento. Este contava com o apoio do "secretário da Justiça e Negócios Interiores" do Estado de São Paulo, "o Sr. Marrey Júnior", que inclusive pronunciou "palestra" pelo rádio na qual enfatizou sobre o "significado" da obra de Vargas "no campo da legislação social".[1025] Marrey Jr. um dos fundadores do Partido Democrático, que na feliz expressão da historiadora Maria Lígia C. Prado, queria representar a "Democracia Ilustrada"[1026] entre nós, na alocução transmitida pelo rádio afirmava que "Vargas é que *o Brasil cristão* e civilizado e a sua *crescente população operária* devem esta notável legislação trabalhista, [...], na

---

[1022] CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em Cena*. Campinas, Papirus, 1998, 311p; cit. p. 259. A última frase entre aspas é uma cit. que a autora retirou de biografo de Vargas. Cf. VIEIRA, L. *Getúlio Vargas. Estadista e sociólogo*. Rio de Janeiro, Depto. de Imp. Nacional, 1951.

[1023] VARGAS, G. "O "Discurso do Pacaembu"". In: "A visita do Presidente Getúlio Vargas a São Paulo". In: Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 40, ano IV, mai./1944, 287p; pp. 13-23; pp. 19-23; cit. p. 19 para todos os trechos entre aspas. .

[1024] "A visita do Presidente Getúlio Vargas a São Paulo". In: Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 40, ano IV, mai./1944, 287p; pp. 13-23; cit. pp. 14 e 15.

[1025] "A visita do Presidente Getúlio Vargas a São Paulo". In: Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 40, ano IV, mai./1944, 287p; pp. 13-23; cit. p. 16.

[1026] PRADO, M. L. C. *A Democracia Ilustrada*. [*O Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934*]. São Paulo, Ática, 1986, 197.

objetivação das mais elevadas conquistas de espírito, do homem em favor do trabalho do homem".[1027] Além da presença da aludida presença de "100.000 pessoas" havia uma multidão presente à "colina que margeia o estádio [que] estava apinhada de gente".[1028]

Vargas chegou ao Estádio por volta das dezesseis horas – mais precisamente às 15:55 da tarde –, atravessou a parte interna do Pacaembu à carro, ele achava-se em pé dentro do automóvel, e foi acompanhado por uma "multidão, de pé ovacionando o Chefe do Governo". No centro do estádio havia "um grande cartaz, [...], lia-se "Presidente Getúlio Vargas, nós, os trabalhadores, estamos convosco em qualquer atitude".

Após os discursos de Fernando Costa e Marcondes Filho, Vargas falou. Ao discursar aos trabalhadores ele enfatizou sobre a "cooperação" e a respeito do "apoio de homens afeitos às duras labutas da indústria", informados num "mourejando solidários", o que garantia que "entre as agruras da guerra o país prospera e o ambiente de ordem interna, construtiva e saudável, mostra a firma disposição de trabalhar".[1029] Nessa ordem de coisas, Vargas constatava sobre a conduta exemplar dos trabalhadores: "nem greves, nem perturbações, nem desajustamentos". Afirmava que não havia dissenso no país: "os elementos de discórdia, os motivos de desentendimento interno, não existem". [...]. Ao contrário,

> "dentro de *uma sadia concepção cristã*, estamos resolvendo, gradativa e satisfatoriamente, os dissídios passageiros entre as duas grandes fontes de produção, *mostrando a empregados e empregadores que a colaboração sob a égide do Estado*, em benefício do *superior interesse da Nação*, ao invés de proveitos de grupo é a mais vantajosa solução para todos".[1030]

Nessa ordem de coisas, em dado trecho do discurso Vargas conclamava os "trabalhadores do Brasil" à "Cooperação e solidariedade" e "da concórdia de classes", mas tal condição se remetia estritamente aos valores hauridos do cristianismo.

Getúlio informava sobre "o fim da guerra, coma vitória das Nações Unidas, aproxima-se".[1031] Penso que esse discurso tinha por alvo um cenário informado pela astúcia e pelo cálculo político de Vargas, numa projeção do que estava preste a ocorrer – o fim da Guerra e massa de homens e

---

[1027] MARREY JÚNIOR, José A. "Trechos da sua fala radiofônica por ocasião da visita de G. Vargas em 1° de maio de 1944". In: "A visita do Presidente Getúlio Vargas a São Paulo". In: Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, n° 40, ano IV, mai./1944, 287p; pp. 13-23; cit. p. 17. Outros trechos de Marrey Jr., p. 16.
[1028] "A visita do Presidente Getúlio Vargas a São Paulo". In: Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, n° 40, ano IV, mai./1944, 287p; pp. 13-23; cit. p. 18.
[1029] VARGAS, G. "O "Discurso do Pacaembu"". In: "A visita do Presidente Getúlio Vargas a São Paulo". In: Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, n° 40, ano IV, mai./1944, 287p; pp. 13-23; pp. 19-23; cit. pp. 19-20.
[1030] VARGAS, G. "O "Discurso do Pacaembu"". In: "A visita do Presidente Getúlio Vargas a São Paulo". In: Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, n° 40, ano IV, mai./1944, 287p; pp. 13-23; pp. 19-23; cit. p. 20, itálicos meus.
[1031] VARGAS, G. "O "Discurso do Pacaembu"". In: "A visita do Presidente Getúlio Vargas a São Paulo". In: Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, n° 40, ano IV, mai./1944, 287p; pp. 13-23; pp. 19-23; cit. pp. 23 e 22, respectivamente.

mulheres, potencial capital político [em Vargas, no concernente aos trabalhadores, tudo se remete para os capturar para o seu projeto de poder e mando] –, quando ele aponta sobre a necessidade da incorporação da "quinta parte de nossa população total [que] trabalha e vive na lavoura e não é mais possível permitir, por mais tempo, a situação de insegurança existente para assalariados e empregados", indicava sobre a urgência de inscrevê-los nas "agremiações sindicais". O que lhe garantiria um denso capital político, ao "amparar economicamente os trabalhadores".

Atendidos e amparados nas suas necessidades básicas, segundo Vargas, "a liberdade" para os trabalhadores seria um artigo de luxo: ele vaticina que tendo sido o trabalhador assistido em termos econômicos, o que significava estabilidade e "segurança" não havia necessidade para eles expressarem "as suas opiniões políticas".[1032]

Concluo essa parte da análise com imagens referentes ao período do Estado-Estado, pois, como veremos, elas registram apropriações das práticas católicas a partir de 1931.

Conjunto de cinco imagens fotográficas que registram quando pela primeira vez Vargas participou dos festejos do 1° de Maio fora da capital da República, no Estádio Pacaembu na capital paulista.[1033]

Foto n° 1.

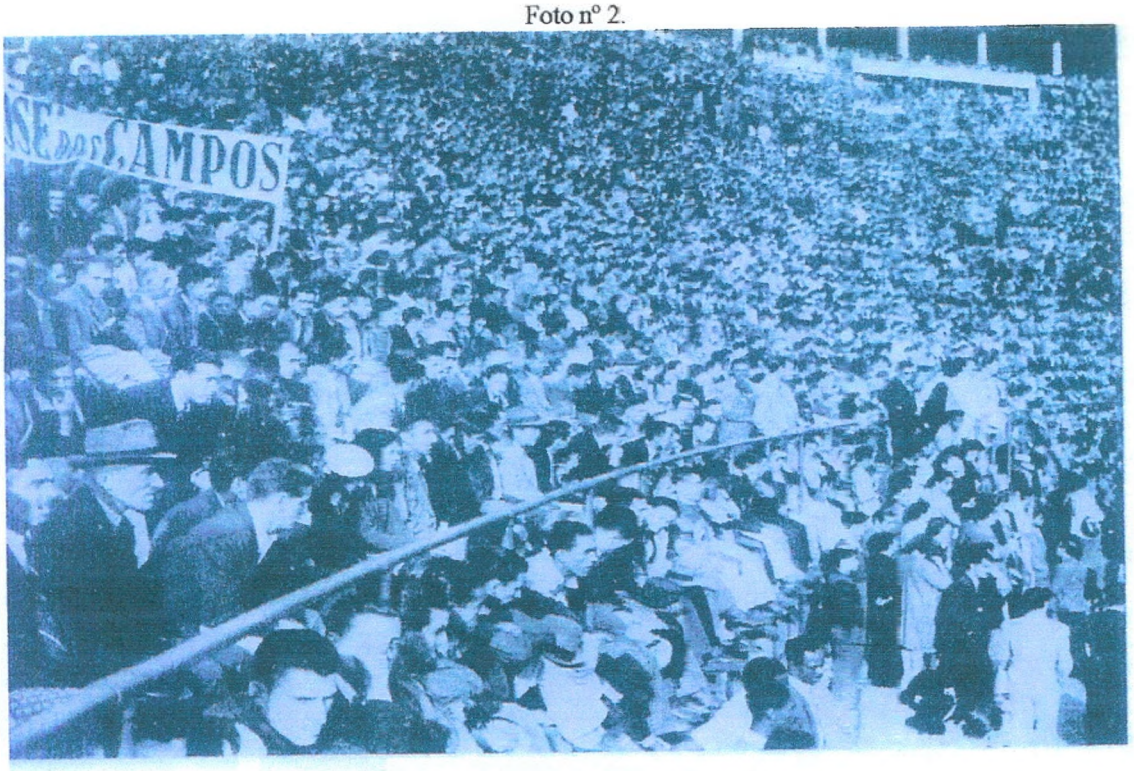


Vista parcial das arquibancadas do estádio do Pacaembu

[1032] VARGAS, G. "O "Discurso do Pacaembu"". In: "A visita do Presidente Getúlio Vargas a São Paulo". In: Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, n° 40, ano IV, mai./1944, 287p; pp. 13-23; pp. 19-23; cit. pp. 21 e 22, respectivamente.

[1033] In: Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, n° 40, ano IV, mai./1944, 287p; as imagens encontram-se entre às pp. 16 e 17.

Foto nº 2.



A concentração operária no grande estádio bandeirante

Foto nº 3.



Carros organizados pelas associações trabalhistas

Foto nº 4.

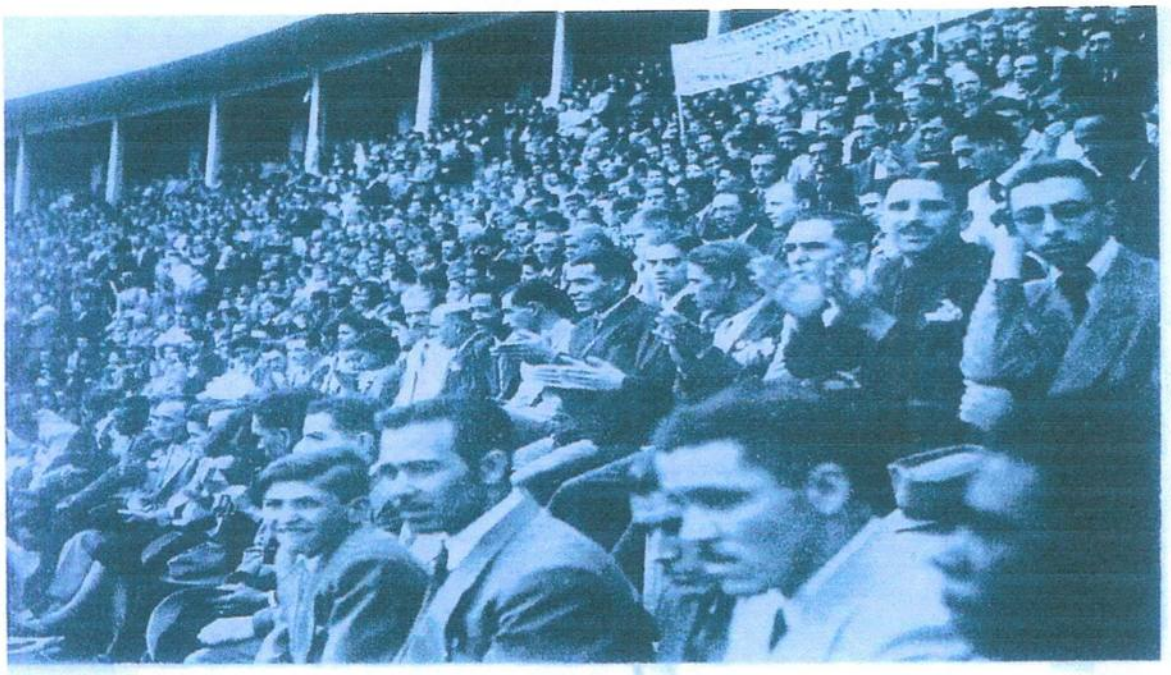


Foto nº 5



Acima, na primeira imagem da série fotográfica, trabalhadores carregam painéis e faixas nas quais publicitam os seus sindicatos; noutras celebram, em *slogans*: "O TRABALHADOR SINDICALIZADO É TRABALHADOR A SERVIÇO DO BRASIL"; ou "OS SINDICATOS [...] SAÚDAM O PATRONO DO PROLETARIADO NACIONAL", referindo-se a Vargas.

Na primeira foto, à esquerda, podemos observar uma longa mancha branca – composta de trabalhadores – e que preenche largo espaço das arquibancadas; e mais à frente, à direita outra mancha branca em menor escala.

Essa técnica de identificação por contrastes de cores em eventos destinados às massas no Estado-Novo era uma apropriação das técnicas e práticas católicas em certames religiosos como os Congressos Eucarísticos Nacionais. Nos demais instantâneos fotográficos podemos constar à presença maciça de homens.

Na quarta foto, na primeira fila, à esquerda, podemos ver uma mulher sentada entre as centenas de homens. Mas, a mais significativa é a imagem que registra, no primeiro plano o menino e velho, e que tem ao fundo uma massa compacta de homens em idade de pleno vigor físico.

A quinta foto é a mais conspícua das imagens, pois nela há uma mensagem sublinhar: o trabalhador já idoso, de cabelos brancos assiste, ordeiramente, os discursos dos homens do Estado brasileiro, que na suas falas os instruíam, a partir dos princípios cristãos,[1034] ao conformismo.

Ao lado do homem idoso, o garoto em tenra idade aprenderia a lição: respeitar Vargas "o patrono do proletariado" e que o jovem proletário não necessitava de liberdade, já que o patrono dos assalariados assim determinara, pois lhe garantiria amparo econômico às suas necessidades vitais de

---

[1034] Já em 1931, homens que viriam a desempenhar papel de relevo no plano político deste país, apontando sobre as "relações entre fascismo e catolicismo", p. 38", aquele, se não como desdobramento deste, ao menos realizava os princípios esposados pelo cristianismo, como o "conceito ético de propriedade e harmonizadora de interesses divididos, que uma sociedade se vá restabelecer nas suas bases cristãs", p. 36. Segundo o articulista, no "estado fascista não há a absorção de nenhuma manifestação da iniciativa privada [o autor afirma que essa absorção dava-se no socialismo; assim, autor em pauta, San Tiago Dantas rebatia afirmações de Tristão de Ataíde que havia afirmado que tanto fascismo quanto socialismo obstavam e absorviam à iniciativa privada, principalmente em termos econômicos], e que continua a agir livremente, dentro dos limites de coexistência harmônica que o Estado lhe impõe. É o que o Estado chamou a si, além desse poder coordenador, não foi mais que os serviços de ordem pública, de interesse público, que a organização liberal abandonava à iniciativa particular": de modo que, "na esfera econômica, a iniciativa privada é a fonte primordial de toda atividade, em que traveja toda a estrutura econômica do Estado Corporativo", p. 38, ou Fascista. Neste particular o autor citava, para corroborar as suas afirmações em relação ao Estado Corporativo ou Fascista, trechos dos arts. 7° e 9° da *Carta del Lavoro*: "Lo Stato Corporativo considera l'iniziativa private nel campo della produzione, como lo strumento piú efficace e piú utile nel interesse della Nazione. [...] L'intervento dello Statonella produzione economica ha luogo soltanto quando manchi a si insufficienti l'iniziativa privata, o quando siano in giuoco interesse politici dello Stato. Tale intervento puó assumere la forma del controllo, dell'incoraggiamento e della gestione diretta", pp. 38-9; em seguida Dantas vincava: "[...] é, sobretudo aqui, comparando a organização do estado fascista, com a doutrina cristã, em face do conflito de classes, que eu sinto com uma evidência enorme que o fascismo está mais perto dessa doutrina, que de nenhum outro sistema social contemporâneo", p. 39. Nesta ordem de coisas, o articulista reafirmava "sobre o fundo cristão do fascismo [...], porque o fascismo não prega a cooperação das classes sem um fim, evidentemente, e é esse fim, – a **nação** que é preciso ver se não se choca contra quaisquer princípios cristãos", p. 41. Assim, "[...] o fascismo [...] **é o mais cristão dos sistemas políticos modernos**", p. 43. Esta conclusão de Dantas é, segundo ele, o corolário "da *fórmula cristã*: "*O indivíduo existe para a sociedade, a sociedade para a pessoa, e a pessoas para Deus*"", p. 42, itálico meu. San Tiago Dantas adensava os seus argumentos sobre o imbricamento de fascismo e/ou catolicismo, citando o próprio Mussolini, "La Riforma Syndacale, in Discorsi", às classes trabalhadoras: "a organização sindical fascista faz aceitar o princípio da **colaboração das classes**", p. 40: nestes termos "[...] quem conhece na sua estrutura política e econômica, o estado corporativo, a disciplina jurídica sobre as relações coletivas de trabalho, o articulado organismo sindical, cujas extremidades radiculares mergulham nos menores centros de vida do país, certamente reconhecerá nesse aparelho político, todo o que os sociólogos cristãos têm reclamado pata a sociedade. [...]. [Assim], tirando das relações de trabalho terreno da luta natural em que as deixara o liberalismo, e onde sucessivamente as dominaram o capitalismo e o comunismo, para tratá-las no terreno jurídico, condenando toda violência e estabelecendo os meios judiciários de dirimir conflitos de trabalho, bem se pode dizer que o Fascismo faz obra cristã, [...]. [Deste modo] o fascismo conduz a soluções tão próximas das católicas", p. 40. CF. DANTAS, San Tiago. "Catolicismo e Fascismo. [Ensaio para um estudo sobre a doutrina Fascista e a Questão Social]". Revista *A Ordem*. Rio de Janeiro, [jan./1931], pp. 36-43, negritos no original. A partir deste mês o periódico passa a ser mensário. No seu texto de abertura, "Posições" pp. 3-8, à guisa de editorial, afirmava-se sobre "a queda da 1ª República", de modo que o país achava-se "em plena disponibilidade" fruto "da falência do individualismo" à mercê da "insegurança, a instabilidade, a crise", pp. 3-4. O que significava um vasto campo à ação do "**materialismo**", que se traduzia na confrontação entre "capitalismo e comunismo", cujo alvo era "o **proletário**", p. 4, que haviam sido seduzidos por doutrinadores socialistas de "Marx, a Lênin e hoje a Stalin e Trotsky", p.5. Contudo, a solução para a crise e instabilidade estava na "Igreja Católica", numa "reação anti-materialista" p. 6, a partir de um programa a ser implementado pelo laicado.

subsistência, de modo que não lhe caberia contestar o estabelecido ou rebelar-se em: "greves, nem perturbações, nem desajustamentos".

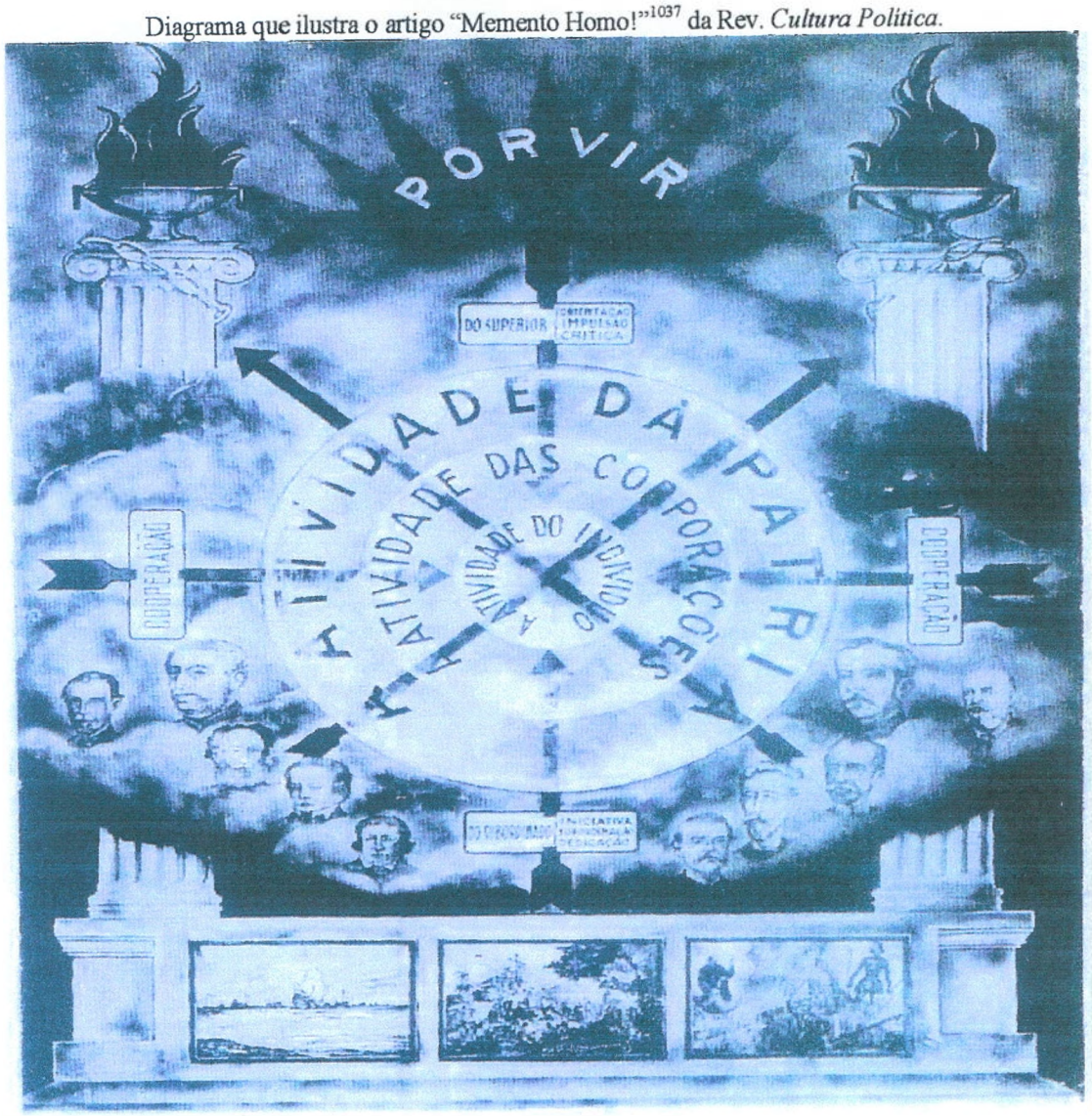
Atrás do menino e do velho, o conjunto de homens trabalhadores era o exemplo efetivo e testemunhal da mensagem que a fotografia se prestava e veicular: vestidos de modo alinhado, com terno e gravata – não obstante, os seus rostos pálidos por vezes feios; contudo, não vulgares [índice de uma celebração ritualística de cunho grave], há inscrito na imagem a lei férrea do *ethos* cristão que prega *estabilidade* e *eternidade* – cujo paradigma é o Deus único –, logo eles obedecer à regra tácita que os silenciavam e os mantinham à parte e incógnitos.

Os trabalhadores tomavam partes nesses eventos de massas na condição de anônimos, não tinham direito à fala; pois eles eram apreendidos pela hierarquia e pelos homens do Estado como rústicos, de mentalidade abstrusa, arcaica e supersticiosa; eram "analfabetos" – quase em estado de natureza –, incapazes de apreenderem conceitualmente – abstratamente – o mundo; este era apreendido por eles, segundo os detentores do poder e do mando, em termos externos e imagéticos: *ipso facto*, compreende-se quando o liberal Marrey Jr. afirma que "*o Brasil cristão* e civilizado[1035] e a sua *crescente população operária*", ou Vargas fazendo uso de argumentos pânicos apontava sobre "os elementos de discórdia, os motivos de desentendimento interno, não existem", para o trabalhador do país que respeitasse "dentro de *uma sadia concepção cristã*, estamos resolvendo, gradativa e satisfatoriamente, os dissídios passageiros entre as duas grandes fontes de produção, *mostrando a empregados e empregadores que a colaboração sob a égide do Estado*, em benefício do *superior interesse da Nação*, ao invés de proveitos de grupo é a mais vantajosa solução para todos".[1036]

[1035] Essa questão do Brasil cristão e civilizado a partir dos *valores católicos articulados à questão social* havia sido amplamente debatida nas hostes do laicado desde 1934 no bojo do processo constituinte em curso. Cf. CAMPOS, Ruy B. de. "A Questão Social". In: *A Ordem*. Rio de Janeiro, jan./1934, pp. 26-39; no mesmo volume do periódico, há o texto não assinado – provavelmente o seu autor fosse A. Amoroso Lima; editor da Revista à época – que abre a edição, à guisa de editorial, cujo título é: "Razões de Inquietação e de Esperança", pp. 1-8. Constatava que "o momento não é de indolência confiante nem de pessimismo demasiado"; admoestava para se ficar em alerta e vigilante "contra o bolchevismo crescente das congregações, a indiferença ambiente e a dissolução moral das novas gerações", principalmente entre os "universitários", p. 7.

[1036] VARGAS, G. "O "Discurso do Pacaembu"". In: "A visita do Presidente Getúlio Vargas a São Paulo". In: Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro, nº 40, ano IV, mai./1944, 287p; pp. 13-23; pp. 19-23; cit. p. 20, itálicos meus. A fala de Marrey Jr. encontra-se nessa fonte.

Diagrama que ilustra o artigo "Memento Homo!"[1037] da Rev. *Cultura Política*.



O diagrama é composto de frases e imagens: colunas, archotes, vetores que se cruzam ou se interpenetram; rostos de figuras humanas e na sua base três cenas que narram a história do país. A frase da parte de baixo, em sentido vertical, do diagrama afirma "Do Subordinado [em termos sociais espera-se]: Iniciativa. Subordinação. Dedicação".

Já na parte de cima na mesma orientação de sentido, que se liga com a frase anterior pela seta que interpenetra, a expressão: "Do Superior [em termos sociais espera-se]. Orientação.

[1037] MAGALHÃES, J. B. "Memento Homo!" [Cel. do Exército Nacional]. In: *Cultura Política*, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 23, ano III, jan./1943, 167p; pp. 113-116. No texto militar aborda que uma sociedade "SADIA [...] demanda *disciplina* e *iniciativa*", aponta sobre a necessidade pôr "limites" e "restrições" à "liberdade", pois há o imperativo de se conservar "a comunidade" de modo "ao equilíbrio das sinergias da prosperidade da vida social", p. 113. O autor lembra que "o motivo dos ritos e fórmulas dos cultos religiosos, organizados sempre de modo a exaltarem a subordinação do indivíduo a seres ou entidades superiores. [...], despertam neles idéias de comunidade de interesses e os levam a uma solidariedade natural em face de um destino que todos almejam ou temem, com dúvidas e incertezas tenebrosas", p. 114.

Impulso. Crítica". Encimando a seta há a palavra "PORVIR". O vetor no sentido horizontal tem na suas duas extremidades a palavra "COOPERAÇÃO". No centro dessas palavras e conjunto de expressões há três frases em forma circular, na seguinte ordem, de dentro para fora, do absorvido ao absorvente: "ATIVIDADE DO INDÍVIDUO. ATIVIDADE DAS COORPERAÇÕES. ATIVIDADE DA PÁTRIA".

Na base do diagrama há três painéis. O 1° à esquerda evoca "a era das navegações", no centro "recorda o descobrimento do Brasil, simbolizado pela tela de Pedro Américo sobre a primeira missa [...]" e à direita o 3° painel que "sintetiza o período colonial, a fase de *gestação da grande nação brasileira*".

Vários dos elementos presentes nestes três painéis que dão bases ao quadro que narra a história da Nação são constituídos de elementos referentes à atuação da Igreja católica.

No terceiro, no canto superior esquerdo "vê um jesuíta catequizando uma índia; no canto oposto, o índio ainda rebelde na floresta".[1038] No mesmo painel há o desenho que narra sobre o trabalhador, as suas condições e equipamentos de trabalho em "um canavial onde trabalha um negro vigiado por um feitor de açoite em punho; no canto inferior da direita, um *monjolo*, significando nossa incipiência industrial. Move-o a força de uma corrente de água que vem de mata longínqua, vista no fundo do painel".

O sentido que o relato deveria ter era, segundo o militar do Exército, evocar sobre "o curso natural do nosso processo de civilização, seguindo as linhas de menor resistência, e a marcha de penetração para a conquista e posse de toda a terra. O canavial, o negro, o feitor e mata longínqua" não eram apenas elementos alegóricos e ilustrativos da narrativa, segundo o autor, mas eles "fazem pensar nos diversos aspectos e procedimentos seguidos no crescimento da colônia".

No mesmo quadro há o espectro de "Tiradentes, que paira alto e diáfano sobre [...] [o mesmo], recorda os aspectos de liberdade e as lutas em prol da mesma [...].[1039]

Em seguida o autor discorre sobre a série de figuras humanas que têm os seus rostos reproduzidos no quadro. À esquerda, enquadrados pelas colunas, homens do período monárquico: "no primeiro plano José Bonifácio [...]. É coadjuvado por Feijó e Tamandaré".

Para o militar autor do artigo, a presença do padre Feijó simbolizava e sintetizava "as lutas pela instalação do Império. Dominando todo o quadro desse lado, aparece o vulto imponente [a figura em destaque] de Caxias, o consolidador do Império. É visível, também, a efígie de Mauá, que representa a atividade construtiva dos particulares e patriotas".

[1038] MAGALHÃES, J. B. "Memento Homo!" [Cel. do Exército Nacional]. In: *Cultura Política*, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, n° 23, ano III, jan./1943, 167p; cit. p. 115, itálicos no original.
[1039] MAGALHÃES, J. B. Op. cit. In: *Cultura Política*. Rio de Janeiro, 1943, n° 23, cit. pp. 115-116 e 116, respectivamente.

Já "à direita", há figuras representativas do período republicano, "aparecem no primeiro plano, correspondendo à figura de José Bonifácio [período monarquista] a efígie de Benjamim Constant, que sintetiza o processo de propaganda e instalação da República. É acolitado, em plano mais recuado, por Quintino Bocaiúva, que representa o elemento civil. Domina esse quadro, em situação análoga à de Caixas, a figura de Floriano". Também se destacam as figuras do "Barão de Rio Branco e, [...], perto de Floriano, Rui Barbosa".[1040]

Não fica claro no texto do cel. J. B. Magalhães quem foi o artífice do quadro "Memento Homo!" que deveria "figurar sempre onde brasileiros exercem suas atividades" tais como: "na fábrica, na escola, no banco, no gabinete, na caserna".

Logo, a intenção era que quadro ao ser divisado pelo povo, fosse objeto de ato ritualizado e cerimonioso, pois os seus protagonistas e narrativa que lhe dava base, relatavam um conteúdo a ser internalizado pelos espectadores: COOPERAÇÃO *comunitária* daqueles cujo único valor que possuíam era a sua força de trabalho, de modo que deveriam subordinassem aos donos dos meios de produção, o patronato, e ambos os atores sociais e políticos se submeteriam a uma estância superior: o Estado. Este deveria ser dirigido por um homem "providencial".

Pela condição do autor do texto, militar, ele ressalta a presença dos seus pares em episódios chaves da história do país, sendo que os desfeches positivos foram, de certa forma, o resulto do esforço pessoal em prol da comunidade. Nesse particular: o Duque de "Caxias consolidador do Império" e para o regime republicano "Floriano" teve "situação análoga à de Caxias". Interessante notar que ao se referir à figura de Rui Barbosa e como ele está localizado no quadro, o civilista acha-se "meio perdido".

Para o autor a presença do quadro em espaços de grandes concentrações humanas, era uma forma reafirmar as ações que aqueles vultos desempenharam deveria ser um modelo a ser seguido pelo conjunto da Nação, pois

> "o motivo dos ritos e fórmulas dos cultos religiosos, organizados sempre de modo a exaltarem a subordinação do indivíduo a seres ou entidades superiores. [...], despertam neles idéias de comunidade de interesses e os levam a uma solidariedade natural em face de um destino que todos almejam ou temem, com dúvidas e incertezas tenebrosas".[1041]

Se o cel. J. B. Magalhães tive um uma formação dentro dos valores positivistas, no seu trecho acima que evidente a contribuição religiosa, quando ele argumenta sobre a sociedade constituída por inferiores e superiores – os elementos que ilustram o diagrama são de uma clareza absoluta: estabelecem um baixo e um alto [trabalhadores e proprietários] –; do controle e mando

[1040] MAGALHÃES, J. B. "Memento Homo!" [Cel. do Exército Nacional]. In: *Cultura Política*, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 23, ano III, jan./1943, 167p; cit. p. 116.
[1041] MAGALHÃES, J. B. "Memento Homo!" [Cel. do Exército Nacional]. In: *Cultura Política*, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 23, ano III, jan./1943, 167p; cit. p. 114.

destes sobre aqueles, e principalmente dos argumentos pânicos em favor da "*comunidade*" idéia solidamente elaborado pelos cristãos, em particular os católicos, e executada, à brasileira, pelo Estado-Novo.

O Ministro do Trabalho, o católico Alexandre Marcondes Filho se pronunciou por diversas vezes na "Hora do Brasil" evocando a Comunidade[1042] a partir da figura da mulher e mãe operária que alimentava com o seu ventre um exército que tocava a grandeza do país, ele evocava "as mulheres [que] têm uma força de inteligência que os homens não possuem", e sentenciava: elas são "a força poderosa da intuição".[1043]

Significava, para Marcondes Filhos que as mulheres não passavam do plano da natureza, se articularmos à sua *intuição* à questão da *maternidade*.

[1042] MARCONDES FILHO, A. "O Governo e os intelectuais brasileiros". In: *Cultura Política*, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 13, ano II, jan./1942, 302p; pp. 7-10; cit. p. 9. Este texto é o discurso do Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio pronunciado no dia 19-02-1942 na "Hora do Brasil", no qual ele convocava os escritores brasileiros – os estrangeiros foram excluídos – a tomar parte no concurso que tinha por fito "levar ao homem que luta nas fábricas nas oficinas, para desenvolvimento das forças do país, [...] [em] mensagem de valor educativo," p. 7, "[...] [para] o êxito humano e traçar o rumo de uma comunidade, o Brasil", p. 9. O católico Marcondes Filho afirma que o conteúdo do "romance ou comédia", p. 7, deveria pauta-se no exemplo do "milagre político" de Vargas em relação aos trabalhadores, e tal milagre era o da "saudabilidade de sua atmosfera de trabalho", o que reforçava a noção de comunidade, pois "nenhum ressentimento de classes e todos os direitos reconhecidos", de modo que o que havia era "um proletariado cheio de galhardia e de boa vontade", p. 9. A partir dessa constatação os escritores deveriam inspirar-se nessas "energias humanas. Um grande Estado, um grande Chefe, um grande Povo". Este era um [...] esplendido material para a fulgurante inteligência dos nossos escritores!", p. 9. O conteúdo do trabalho dos escritores era "educar os homens simples e bons que formam as classes trabalhistas, encher de coragem os tímidos! [...], [e que] sirva a Humanidade!", pp. 9-10. O Ministro rechaçava o modelo do romance social europeu do século XIX, daí a exclusão de romancistas de outras nacionalidades no concurso, pois eles deveriam "servir ao povo, descrever os seus dramas, interpretar-lhes os anseios, indicar-lhe os rumos e os caminhos" não o fizeram, o que eles produziram foram narrativas cheias de "[...] amargura, cheia de gritos, marcada de revoltas, literatura que incentivava o rancor do povo", p. 8.

[1043] MARCONDES FILHO, A. "Aspectos do Pensamento Político do Presidente". Discurso veiculado na "Hora do Brasil" em 05-03-1942. In: *Cultura Política*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 14, ano II, 1942, 269p; pp. 81-85; cit. p. 85. Neste pronunciamento Marcondes Filho aborda a questão da "comunidade" a partir da "mulher proletária" cuja missão era o da "continuidade da vida nacional", pois a mulher operária era a responsável "prole" extensa, ela era a "classe que tem muitos filhos, pois à mulher operária havia a "consagração à esposa, [...] a gloria da maternidade, evoca a música dos berços; e, povoando de imagens de crianças o nosso pensamento", o que significava que "é da classe operária que advém o maior número de cidadãos", ele lembra sobre o "[...] esforço e na capacidade de sacrifício que a existência exige da mulher operária". Compara a situação anterior a 1930 do "trabalho feminino", quando havia "o trabalho noturno" feminino, "depois de se dedicar durante o dia ao fatigantes cuidado das crianças, procuravam empregos noturnos, de parca remuneração. Eram mulheres mal dormidas, sem nutrição sadia, vencidas pelo cansaço". Continua o autor em relação àquelas que "trazendo já no ventre o divino fruto, que era a razão principal do seu labor, as pobres mães passavam longas horas do seu dia em locais insalubres ou perigosos. Muitas foram vítimas de graves acidentes de emanações tóxicas, de poeiras nocivas, de vapores venenosos, que não só lhes enfraqueciam a saúde, como sacrificavam sobretudo, o pequenino ser que ansiosamente aguardavam. Não raro, [...]. Vinha retirar do meio dos teares, em pleno trabalho, a mulher que ia ser mãe e que não pudera preparar-se no remanso do lar para o momento sublime. [...] [de modo que] os filhos nasciam raquíticos. [...]. A mortalidade infantil enlutava os casais", p. 84.

Após um relato devastador da condição e situação da mulher e mãe proletária antes de 1930 [cf. notas na p. acima], o Ministro apontava uma série de benefícios e concessões. A chegada de Vargas ao poder inaugurou uma nova realidade alterando totalmente o cenário, para tanto apontava sobre "o testemunho das mães operárias" que graças ao "advento do Presidente Getúlio Vargas", que lhes garantiu qual um pai cuidadoso "todo esse patrimônio de direitos" à mãe proletária, como "o ordenado da gestante durante as férias de quatro semanas antes e depois do parto, e em certas circunstâncias concede a prorrogação do prazo. Há dois períodos de descanso diário para a amamentação. [...] [a] organização de creches. O Serviço de Alimentação. [...] A Previdência constrói a casa do operário, fornece assistência médica e antepara a velhice".

Mas todo esse conjunto de concessões tinha um preço, e o Ministro católico era claro: caberia "às mães" proletárias "assinalar aos filhos e aos maridos o bem que hoje possuímos, e que somente a união espiritual, o labor ininterrupto, a obediência à lei, o respeito à autoridade, à dedicação ao grande benfeitor [Vargas] dos lares operários e o amor ao Brasil sobre todas as coisas", pois era "dever das mães operárias, que são o exemplo das virtudes populares", para que assim fosse evitado que os seus "maridos viessem para a rua a lutar e morrer pela companheira e pelos filhos".[1044]

A devoção mariana era o paradigma desse tipo de representação saída de uma pena masculina e secular, no qual se exigia da mulher, principal as das camadas populares, esforço, abnegação e renúncia. Para o caso brasileiro quem o matriciava era sua Padroeira N. S. Aparecida.

[1044] MARCONDES FILHO, A. "Aspectos do Pensamento Político do Presidente". Discurso veiculado na "Hora do Brasil" em 05-03-1942. In: *Cultura Política*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, nº 14, ano II, 1942, 269p; pp. 81-85; cit. p. 84-85.

g.10] O *Voto Nacional ao Padroado de N. S. Aparecia* em 1931 no Rio de Janeiro como paradigma organizacional e logístico dos Congressos Eucarísticos Nacionais [CENs] e outros eventos religiosos dirigidos às massas. Arregimentação e mobilização dos católicos pela hierarquia como mecanismo de despolitização: o poder hierocrático apresentava no espaço público o seu controle sobre as multidões: *ordem* e *estabilidade*; *obediência* e *unicidade* do corpo social a partir dos valores cristãs.

Encerro o capítulo *Ritual e Política* referindo-me, pontualmente, às saídas da Imagem, e aos Congressos Eucarísticos Nacionais.

Nestes certames religiosos havia um dia específico dedicado à Aparecida. Os CENs aos quais me reportarei são os de 1933 em Salvador, Bahia; 1936 em Belo Horizonte, Minas Gerais; 1939 em Recife, Pernambuco; 1942 em São Paulo, São Paulo; 1948 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Entremeados aos CENs, houve ritos e celebrações específicas à Aparecida, em eventos de massas nos quais transcorreram o translado da Imagem: em 1945 São Paulo, capital [*A noite da Padroeira*]; em 1954 São Paulo, capital [*Congresso da Padroeira*]; em 1955 para Rio de Janeiro, capital [XXXVI Congresso Eucarístico Internacional – CEI]; e uma série de deslocamento da "Imagem Peregrina" na década de 1960.

A abordagem, não obstante a massa documental que compulsei, será econômica, pois os princípios nos quais se reportavam já os trabalhamos no evento de 1931: as manifestações de multidões devotas no espaço público, que segundo o cardeal Leme tinham maior dimensão e validade do que "centenas de pastorais".

g.10.1] O Primeiro Congresso Eucarístico Nacional [CEN], em 1933. Dos valores de ordem e obediência pregados pelos católicos aos desagravos à *Causa Paulista* de 1932.

"Escudo-emblema" do 1° CEN.[1045]



Elaborado pelo religioso Ir. Paulo, do Mosteiro da Ordem Beneditina da Bahia, o escudo-emblema em forma de losango remetia a mesma forma presente "na bandeira nacional" - desta forma apontava os esforços da hierarquia hierocrática em *engastar-se* ao poder secular instituído -, em "esmalte sinopla ou verde"; no "escudo um ostensório, em cujos raios fulguram 21 estrelinhas, simbolizando os 21 Estados da União".

A expressão em latim nas extremidades externas, cuja tradução é "Vinde, Adoremos o S. S. Sacramento".

Nos elementos gráficos que compõem o conjunto imagético do escudo-emblema, há o "alfa" e "ômega" primeira e última letras do alfabeto grego cujo significado para os cristãos se traduzia na sua "fé na eternidade", além da figura do "PEIXE" que "no mundo pagão, se davam a conhecer os cristãos": para se fazer conhecidos e difundir a sua doutrina no período, os católicos recolhiam *os signos da sua tradição* - provavelmente fosse *eficaz numa conjuntura de instabilidade social e indefinições políticas* - e os colocavam em circulação em eventos de massas como os Congressos Eucarísticos Nacionais.

[1045] In: *Guia-Programa do I° CEN*. Salvador, "Era Nova", 1932, pp.1-2.

O CEN de 1933 em Salvador transcorreu entre os dias 3 a 10 de setembro. A data coincide com a semana da Pátria. É também o período de preparação e que antecede as eleições da Constituinte de 1934.

O número de arcebispos e bispos que estavam presentes no Congresso foi de quarenta e dois. Sessões solenes, reuniões de estudos etc., pontuaram os trabalhos durante a semana. Para os organizadores do evento "[...] **a comunhão** [como] fonte de graça e felicidade para cada um, **para a família e a sociedade** [...], afim de que Nosso Senhor tinha **na vida de cada um e na vida pública** o lugar que lhe é devido".[1046]

A comunhão familiar e na sociedade, ou seja, imbricavam-se vida privada e vida pública. A separação das esferas imanentes e transcendestes não eram, neste contexto, levadas em conta pela Instituição católica no país.

Entre a série de rituais levados a efeito durante o Congresso, houve missas campais que ocorreram no espaço público, no Campo Grande. Diariamente havia tais cerimônias essas missas campais e as comunhões gerais, que segundo a fonte, com a participação de "milhares" de pessoas. Salientava-se, igualmente, que as Missas Pontifícias eram "celebradas com o maior esplendor".[1047] Nesta ordem de coisas, tratava-se de ressaltar o espetáculo encenado em espaço público.

A procissão de encerramento, no dia 10 de setembro, foi um momento alto dessa apoteose programada: "Todas", sem exceção, informava o articulista, "associações religiosas confrarias e ordens terceiras, com seus distintivos ou hábitos e com seus estandartes enfileiraram-se na procissão, numerosos colégios de meninos, meninas assim como escolas secundárias e superiores tomaram parte, algumas centenas de sacerdotes do clero secular e regular, os arcebispos e bispos, o cardeal rodeado de sua corte cardinalícia, as autoridades civis, federais estaduais e municipais, as militares, as judiciárias, forças militares a abrir e fechar o cortejo, uma esquadrilha de aviões a cruzar pelos ares, quatorze bandas de música distribuídas pelas longas fileiras: eis o que foi o enorme e brilhante cortejo [...] passou pelas ruas principais da Bahia [Salvador], levando em triunfo o Rei do mundo, Cristo Senhor[1048]".

Contudo, o que mais impressionou o narrador foi "O povo em peso [que] assistiu ao desfile da procissão, quer nos passeios das ruas e das praças, quer das janelas e terraços das casas. **Era talvez umas duzentas mil pessoas** que ali se aglomeravam. [...] todos **aclamavam-no** [o Jesus Sacramentado] com o mais **vivo entusiasmo, batendo palmas, dando vivas** ou acompanhando os

---

[1046] *ANSAp*. Aparecida, 1934, p. 171, negritos meus.
[1047] *ANSAp*. Aparecida, 1934, p. 172.
[1048] *ANSAp*. Aparecida, 1934, pp. 172 e 174.

cânticos de louvor que o clero entoava. [...], **encheram a cidade de um ambiente de entusiasmo e fervor** [...]".[1049]

Assim, "As últimas palavras e preces do cardeal, a benção solene, **as aclamações daquele povo imenso comoviam a alma profundamente** [...]". Neste sentido, o efeito obtido nessas solenidades é algo próximo ao transe.

O aspecto mágico e a sensação de suspensão da realidade ordinária dos fiéis é outro efeito atingindo nesse tipo de manifestação: embriagamento dos sentidos e fervor devocional, como elementos chaves das manifestações de massas.

No livro no qual biografou o Cardeal Leme, a Irmã do Santo Rosário abordou os Congressos Eucarísticos organizados pelo religioso. Ela falou da apreensão que esse evento de 1933 suscitou no seu mentor, pois havia "[...] rivalidades fraternas, de região para região, haviam-se extraordinariamente exacerbado, desde que o Governo da União, para vingar-se de São Paulo [a autora se refere aos acontecimentos de 1932, a revolução Constitucionalista encabeçada pelo Estado de São Paulo e que foi derrotado pelas forças Federais]". "[...]. O Congresso da Bahia ungiu feridas".

Os peregrinos sentiram-se ali não somente católicos, senão também *brasileiros*, filhos de uma pátria comum".[1050] Assim, por um lado a religião foi apropriada como mecanismo de caução às instabilidades do mundo político. De fato, a questão da Revolução Constitucionalista – logo, a questão política – foi objeto de várias "manifestações de desagravos aos paulistas".[1051]

O noticiário concernente ao Congresso Eucarístico de 1933 apareceu na impressa paulista a partir de 12-09-1933. Em sua edição desta data, o Jornal *O Estado de S. Paulo*, noticiou sobre o "Congresso Eucarístico"; registra "O dia de S. Paulo – A grande procissão de encerramento das solenidades – Homenagens à peregrinação paulista". Narra fatos do evento transcorridos no dia 10-09, diz que

> "A sessão solene do Congresso Eucarístico, consagrado a S. Paulo, apresentava um aspecto importante dada a grande multidão que a ela compareceu. Foi uma das mais concorridas sessões do Congresso. Abrindo a sessão, o padre João Baptista de Carvalho, após ler, entre ruidosos aplausos, o telegrama em que o interventor federal em S. Paulo dava a sua adesão ao Congresso, pronunciou um vibrante discurso que arrebatou a numerosa assistência. Em seguida, usaram da palavra o sr. Magalhães Netto, diretor da Saúde Pública da Bahia, o bispo de Assis, dr. Vicente Melillo e o arcebispo de S. Paulo, d. Duarte Leopoldo e Silva. Após os discursos, o arcebispo da Bahia leu as conclusões do Congresso, cujas principais são: a criação da Ação Nacional Católica, sob a presidência do cardeal d. Sebastião

[1049] *ANSAp*. Aparecida, 1934, p. 174, negritos meus.
[1050] Ir. SANTO ROSÁRIO. Op. Cit., 1962, p. 325.
[1051] Ir. SANTO ROSÁRIO. Op. Cit., 1962, Cap. XXV.

Leme e a escolha de Belo Horizonte para sede do 2º Congresso Eucarístico, a realizar-se em 1937. **Encerrando o Congresso falou o cardeal e a peregrinação paulista cantou um hino de N. S. Aparecida**".[1052]

Interessante anotar que Romualdo Dias pesquisou os CENs, ao abordar o evento de 1933 não fez nenhuma menção à questão política imediata, que inclusive adiou o certame de 1932 para o ano seguinte; inclusive produziram-se dois *Anais*, um que consigna o conjunto de ritos e cerimônias a serem desenvolvidos em 1932[1053] e outro que registra os do ano de 1933[1054] – aspecto importante também ignorado pelo autor –, não obstante a sua pesquisa ser uma análise da perspectiva da filosofia política,[1055] o autor não apreendeu a questão seminal - pois nela encontrava-se os embriões dos elementos constitutivos da sociedade liberal de massas - da arregimentação, movimento e mobilização dos católicos pela hierarquia como mecanismo de despolitização: o poder hierocrático apresentava no espaço público o seu controle sobre as multidões: *ordem* e *estabilidade*; *obediência* e *unicidade* do corpo social a partir dos valores cristãs.

Valores esses apontados pelo autor, mas não nuançados e contextualizados. O contexto histórico brasileiro da primeira metade do século XX em relação à instituição romana, levando-se em conta a questão política do liberalismo era, pois, bastante diferente do período anterior da segunda metade do século XIX.

Para a Igreja Católica no século XIX tanto o ambiente social quanto o político do período foram de absoluta hostilidade. *Tout court*, na Europa - o caso brasileiro da Questão dos Bispos no II Império é eloqüente para o nosso exemplo - operou-se a separação da Igreja em relação ao Estado.

Nesse processo de secularização, elaborou-se uma legislação sobre o divórcio.[1056]

[1052] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 12-09-1933, p. 5, negritos meus. O próximo CEN foi em 1936.

[1053] *Guia-Programa do 1º Congresso Eucharistico Nacional Brasileiro*. [de 2 a 9 de out. de 1932, Bahia-Brasil]. Salvador, Offs. Graphicas "Era Nova", 1932, 186p. Interessante registrar que o Guia foi utilizado no evento do ano de 1933. A programação do evento para o ano de 1932, pp. 61-69.

[1054] *Primeiro Congresso Eucharistico Nacional Brasileiro. Bahia. De 3 a 10 de setembro de 1933*. Salvador, Offs. Liv. "Duas Américas", 1936, 475p.

[1055] DIAS, Romualdo. *Imagens da Ordem. Doutrina Católica sobre autoridade no Brasil* [1922-1933]. São Paulo, Ed. Unesp, 1996, 161p; o CEN de 1933, pp. 119-126.

[1056] Esse processo deu-se na própria Itália. Na Alemanha a *Kulturkamp*, 'luta da cultura', de Bismarck também mostrou essa situação de perseguição à instituição romana. Os Redentoristas alemães, oriundos da católica Baviera, que foram atuar no Santuário de Aparecida, a partir de outubro de 1894, tinham vivido essa experiência de violência com a sua expulsão do Santuário mariano de Altötting. As atividades pastorais dos padres da Congregação do Santíssimo Redentor no santuário bavário foram interditadas por decreto de Luís II, Rei da Baviera, em 18 de agosto de 1873. Cf. WERNET, Augustin. *Os Redentoristas no Brasil*. Aparecida, Ed. Santuário, [Vol. I], 1995, p. 42 ss.

Igualmente, as procissões[1057] públicas foram interditadas; houve a secularização das escolas.

Questão nuclear é a concernente ao cancelamento, por parte do poder secular, de expressivo número de dias santos. Evidente tentativa de republicanizar ou laicizar o ethos. A nulidade dos dias santos foi uma grande derrota política da Igreja católica. *Ora, os elementos simbólicos, como os feriados religiosos, são fulcrais em termos de compromisso culturais e da sua prática, o ethos.*[1058]

Nesta ordem de coisas, na pesquisa empreendida por Romualdo Dias não há a apreensão desse conjunto de problemas apontados acima. A sua intelecção, penso, apontaria para a apreensão da questão tanto da ação Igreja católica e os seus valores quanto ao liberalismo e a sua doutrina. O autor em tela iniciou a sua análise dos CENs a partir do ano de 1922 quando se realizou na capital da República o Congresso Eucarístico do Centenário da Independência,[1059] cuja organização foi do bispo auxiliar D. Sebastião Leme. O imbricamento dos interesses da esfera religiosa e do poder secular republicano instituído, já no começo daquele ano, o dia 25 de Dezembro, data cristã que

---

[1057] As procissões foram aqui interpretadas como ritos. Estes, conceitualmente, são oriundos da antropologia, e foram objeto de uma série de tentativas para apreendê-los em termos sintéticos, dada a dificuldade que o complexo rito/ritual enfeixa. De acordo com Ugo FABIETTI que realizou um extenso inventário da abordagem de rito em diversos autores, entre outros: A. Van Gennep *Les Rites de passage*; E. Lech "Ritual", *in*: *International Encyclopedia of the Social Sciences*, vol. XIII, 1968]; V. W. Turner *The Ritual Process: Structure and Anti-Structrure*; e no campo historiográfico M. Bloch *Les rois thaumaturges: [...]*. Segundo Fabietti, o rito compreende uma dimensão de comunicação que se "[...] reproduz num contexto ritual [de] representações preexistentes [...]". Já o conceito de cerimonial se distingue "do rito enquanto conjunto de atos que faz referência, não a uma entidade transcendente, sobrenatural" por ex. uma divindade, "mas a uma sacralidade imanente à própria humanidade" sacralidade que se exprime nas noções de prestígio, de honra, de reputação, etc., "possui", a cerimônia, "uma direção puramente comunicativa". Nesta ordem de coisas, **no processo ritual o que se visa é operar uma comunicação com a divindade que habita o plano invisível. Donde se infere o laço entre rito e cerimônia, dado que os atores do cerimonial *contaminam-se* por uma sacralidade que lhe é atribuída nesse imbricamento rito-ritual/cerimônia-cerimonial**. _____. "Rito". In: ROMANO, R. [Dir]. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imp.-Nac.-Casa da Moeda, vol. 43: Sistemática, 2001, pp. 79-89; cit. p. 80.

[1058] Desde o século XVII, a instituição romana vinha produzindo mudanças no seu calendário. O marco no período moderno é a Bula *Universa per ordem* de 13-09-1642 do papa Urbano VIII.Como resultado desse processo, em 2 de Julho de 1911, o Papa Pio X publicou "*Motu próprio sobre os dias Festivos*". Portanto, é nesse ambiente social e clima político de instabilidade – que obrigou a Igreja católica a se adequar –, assim apreendemos a autocompreensão ou *aggiornamento* dos princípios pelos quais a Igreja Católica irá operar as suas mudanças e atualizações, quer no plano social, quer no político; quer na história *lato sensu*. Neste particular, Giacomo Martina **apontou o processo pelo qual se operou a secularização eclesiástica e "[...] a laicização das obras pias", mormente indica que a partir de 1870 "cessa o controle rigoroso do cumprimento do preceito pascal [...]"**, cit. p. 885. Assim, para G. Martina **a história da Igreja deve ser apreendida na sua dimensão histórica, "pois é", a sua ação, "contingente e condicionada aos tempos".** Deste modo, **a instituição no seu processo de mudança e adequação ao século se faz presente "como alguém pronta a servir"**. Cf. MARTINA, G. "A Influência do Liberalismo e do Socialismo para uma Melhor Autocompreensão da Igreja". In: Revista *Concilium*. Petrópolis, Vozes, [Vol. 67], nº 7, 1971, pp. 883-889, cit. p. 884.

[1059] Anais. *Primeiro Congresso Eucarístico Nacional. MCMXXII*. Rio de Janeiro, "Jornal do Brasil", 1923, 558p. Os primeiros documentos que anunciavam o evento o intitulava de *Congresso Eucarístico do Centenário da Independência*

celebra o nascimento de Jesus, tornou-se feriado nacional pelo Decreto Lei nº 4.497 de 18 de janeiro de 1922.[1060]

O mesmo feriado foi mantido pelo Decreto Lei nº 19.488 de 15 de Dezembro de 1930, cuja responsabilidade política coube a G. Vargas e os tenentes. O Governo Provisório, ao manter a data no calendário da Nação, sinalizou, inequivocamente, tanto a hierarquia quanto aos católicos em geral, a *continuidade no plano das práticas culturais*, e *da conciliação na espera política*: a não interrupção da efeméride, sintomaticamente, apontava o limite do projeto "revolucionário" de Vargas e dos Tenentes.

Nestes termos, como vimos em outra parte da pesquisa no concernente à hierarquia católica e ao poder secular, interpretamos, vivamente que, no período 1930-1945, colocou-se em curso e foi executado o programa político católico. Afinal, como já argumentava em 1916 o bispo Sebastião Leme, o país era majoritariamente católico. Ora, o corolário político dessa realidade concernia no sentido moderno da política e do poder: detinha este, o poder nos planos simbólico e físico, quem efetivamente tivesse maior controle numérico e assim garantido o domínio político sobre as multidões ou as massas.

As manifestações de massas político-religiosos aqui analisadas eram momentos de afirmações das forças católicas e dos valores cristãos.

O diário *O Estado de S. Paulo*, insistia na questão do desagravo à *Causa Paulista*,[1061] e informava aos leitores sobre fatos transcorridos no dia 10-09, o articulista do periódico registra que

> "A Oração do Padre João Baptista de Carvalho", assim, "quando discursava na "sessão" solene dedicada a S. Paulo, o padre João Baptista de Carvalho, ao se referir ao nome do atual interventor federal em S. Paulo, dr. Armando Salles de Oliveira, foi por vezes interrompido com calorosos aplausos e aclamações ao novo governo paulista. A seleta e distinta multidão que enchia literalmente o *Studium* da Graça, quando mais eloqüente e arrebatadora era a oração do podre João Baptista de Carvalho, mais ovacionado o Estado de São Paulo e o nome do atual interventor".[1062]

O interventor federal de São Paulo foi objeto de um telegrama: "o sr. Carlos Spinola enviou o seguinte telegrama ao dr. Armando de Salles Oliveira, interventor federal em S. Paulo: "Bahia,

---

[1060] BARBOSA, Manoel [pe]. *A Igreja No Brasil. [Notas para a sua História]*. Rio de Janeiro, Ed. e Obras Gráfs. "A Noite", [1945], 335p; cit. p. 240 ss.

[1061] Essa expressão é da historiadora Maria Helena R. CAPELATO, que a forjou no seu esclarecedor opúsculo sobre os eventos de 1932. Cf. _____. *O Movimento de 1932. A Causa Paulista*. São Paulo, Brasiliense, 1ª ed. 1981, 89p. O representante do Governo paulista no certame, o "pe. dr. João Baptista de Carvalho" ressaltava sobre a série de cerimônias dedicadas ao Estado de São Paulo, e lembrava a respeito do apoio dos "Arcebispos de São Paulo, Bahia, Recife, Belo Horizonte e Porte Alegre" além do Cardeal Leme da do Rio de Janeiro as solenidades dedicadas aos paulistas. Cf. CARVALHO, J. B. de. "Bahia e São Paulo". In: *Primeiro Congresso Eucharistico Nacional Brasileiro. Bahia. De 3 a 10 de setembro de 1933*. Salvador, Offs. Liv. "Duas Américas", 1936, 475p; pp. 463-468; cit. p. 464.

[1062] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 12-09-1933, p. 5.

9/9/33 – Tenho a grande satisfação de comunicar a v. exa. que o dia de hoje do Congresso Eucarístico foi consagrado a São Paulo [...]".[1063]

As boas relações entre o interventor de São Paulo e o da Bahia são enfatizadas pelo *O Estado de S. Paulo*, ao publicar um balanço do certame pelo pe. "dr. João Baptista de Carvalho, representante do governo paulista [...]" no evento religioso transcorrido na capital baiana".

> "[...]. Do dr. capitão *Juracy Magalhães*, a quem visitei oficialmente, de todos os deputados recém-leitos e de *todos os membros do governo*, os quais estão encontrei em palácio em seguida a uma reunião, *ouvi as mais justas referências ao nosso interventor* [de São Paulo, Armando de Salles Oliveira], *ao nosso governo, ao nosso povo. Muitos daqueles elementos oficiais têm em S. Paulo, segundo me asseveraram, parentes próximos totalmente integrados na alma paulista*. O dr. Armando de Salles Oliveira é pessoalmente conhecido do sr. interventor baiano que lhe fez as melhores referências, bem como ao dr. Valdomiro Silveira. Acentuei a ss. exas. que *o novo governo paulista está inteiramente prestigiado pela opinião pública do Estado e que se experimenta aqui agora uma sensação de bem estar, de desafogo, de esperança a refletir-se em toda a vida do Estado*. [...]. Pois, quando eu disse ali, entre outras coisas, fragorosamente aplaudida que o atual governo do sr. dr. Armando de Salles Oliveira se vê aureolado pelo aplauso, pelo apoio, pela bênção pela consagração de todo o bom povo paulista, no Estado retumbou uma estrondosa aclamação que durou minutos. Creio que o ato do nosso governo foi uma nota de excepcional relevo no Congresso Eucarístico e repercutiu de maneira mais grata no coração do sr. cardeal, que é paulista, na alma do povo baiano, que é nosso amigo, e *no sentimento de todos os brasileiros ali congregados num só pensamento de fé e de patriotismo*. Isto já vai longe e eu quero terminar com uma observação interessante. *Tinha eu a preocupação de sentir também a alma popular da Bahia. Pois de todos os populares com quem encaminhava conversação, ouvia frases de arroubado entusiasmo por S. Paulo com a afirmação de que o que mais desejavam conhecer do Brasil era S. Paulo*. Isto invariavelmente. E muitos falavam com inveje em parentes e amigos aqui [S. Paulo] residentes". [1064]

A figura do interventor federal da Bahia Juracy Magalhães foi peça chave no sucesso do Congresso: ele "[...] que fora em tempos um "mariano" piedosíssimo, deixava-se agora empolgar pelo ambiente de fé e espiritual entusiasmo do Congresso, a ponto de **comungar por três vezes das mãos do Cardeal**".[1065] Uma Comitiva de católicos paulistas liderada pelo Arcebispo metropolitano D. Duarte Leopoldo e Silva participou do evento, entre eles

> "[...] a sra. d. Alayde Borba desfraldou a bandeira da Bahia, que trazia nas mãos, os estudantes aclamaram longamente S. Paulo, o atual interventor e a mulher paulista. O arcebispo, ladeado pelas sras. Alayde Borba e Olívia Guedes Penteado teve o lugar de honra na sessão. O doutorando Antonio Vianna, abrindo a sessão, disse que a manifestação não tinha outro cunho senão o de patentear aos paulistas o alto conceito em que é tida a sua terra na Bahia e reafirmar mais uma vez, *a solidariedade da Bahia a S.Paulo*. Concedendo a palavra ao primeiro orador, doutorando Luiz Fraga, este saudou em brilhante oração a sra. d. Olívia Guedes Penteado [...]".[1066]

Na sua volta à capital paulista o religioso foi recepcionado na "Estação do Norte". O *OESP*, na edição de 19-09-1933, publicou foto com o título "A recepção festiva do sr. Arcebispo

---

[1063] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 12-09-1933, p. 5.
[1064] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 17-09-1933, p. 5, itálicos meus.
[1065] Ir. SANTO ROSÁRIO. Op. cit., 1962, p. 326, negritos meus.
[1066] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 13-09-1933, p. 12. O número de pessoas que tomou parte na comitiva paulista foi estimada em 70 pessoas, cf. a edição d'*OESP* de 17 set. de 1933, p. 5.

metropolitano", na qual apanhava dom Duarte juntamente com elementos do clero e do laicado sendo recepcionados .

> [...]. *À estação do Norte compareceu grande multidão*, a fim de receber, festivamente, o venerado antistite da igreja paulopolitana. Achavam-se *presentes representantes das altas autoridades federais e do Estado* [...]. [...]. *Sob vivas aclamações a S. Paulo, à religião católica* e ao sr. arcebispo, *o povo formou ala na praça fronteira para a passagem do automóvel que, em marcha lenta, demandou à cidade* com rumo à residência episcopal". [1067]

O fecho do evento foi a "A grande procissão de encerramento", ela "saiu da Igreja da Graça às 16 horas e 40 minutos e chegou à da Conceição às 19 horas e 40". Assim,

> "chegando à procissão à Igreja da Conceição, *o cardeal* subiu a um altar armado no alto da escadaria e *proferiu palavras de exaltação a Jesus aos sentimentos católicos* da Bahia, que chamou de coração do Brasil, e *pediu a Deus diversas graças par o país, inclusive que a lei brasileira seja cristão porque do contrário não será brasileiro*. Em seguida, expôs o Santíssimo Sacramento, ao mesmo tempo que ia *ditando à multidão ajoelhada* as seguintes promessas que a assistência repetia: "Jesus não sairá jamais do nosso coração: **o Brasil não será nunca um pedaço da Rússia**; o Brasil será a terra mais cristã do mundo". Tomaram parte *na procissão milhares de senhoras que fizeram todo o trajeto a pé*". [1068]

Segundo a fonte jornalística tudo foi pontuado por músicas e cânticos, de modo a gerar uma espécie de enlevo onírico nos participantes.

A procissão que serpenteou as ruas de Salvador, conforme o registro fotográfico,[1069] apresenta-nos que ela ocorreu em *ordem e disciplina*, estas são as chaves para se compreender o projeto de sociedade elaborado pela Igreja católica para o Brasil.

Como vimos acima, essa procissão apoteótica concluiu os trabalhos do **"Congresso [quando] falou o cardeal e a peregrinação paulista cantou um hino de N. S. Aparecida"**.

Nessa ordem de coisas, articulava-se à proteção da Padroeira ao combate às doutrinas ímpias, pois como afirmou o Cardeal Leme: "**o Brasil não será nunca um pedaço da Rússia**".

Temos enfatizado a questão da religião apropriada na sua dimensão política. Não obstante, o elemento religioso e o devocional eram efetivos, pois só assim é inteligível atos como aquele que transcorreu durante a viagem para Bahia pela comitiva que acompanhava o Cardeal no navio Pedro I.

[1067] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 19-09-1933, p. 5, itálicos meus.
[1068] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 12-09-1933, p. 5, negritos meus.
[1069] *Álbum fotográfico do I CEN. Salvador, Bahia. 1933*. Este registro fotográfico foi um presente enviado por Juracy Magalhães ao cardeal Leme. In: ACMRJ. O material depositado no Arquivo da Cúria carioca encontra-se em péssimo estado de conservação. Outra fonte que registrou o evento foi: *ANSAp*. Aparecida, 1934, p. 178.

Durante o percurso houve uma série de serviços religiosos, tais como missas e comunhões. O padre Leonel Franca que era um dos membros da comitiva, no dia 2 de setembro organizou dentro do navio uma procissão e em dado momento "**abençoou a imensidão dos mares**".[1070]

Conforme afirmamos na introdução da pesquisa, os ritos[1071] pressupõem e têm o seu enraizamento partilhado no mesmo conjunto de práticas culturais que lhes dão sustentação, e são experienciados e vivenciados por expressivo número de ritualistas, cujas características são informadas por enunciados simbólicos da ordem social na qual se encontram inseridos, eles carregam traços consistentes de estratégias da instituição que os executam.

Logo, apontam o compartilhamento de valores entre os administradores dos ritos e dos aderentes, os agentes religiosos e seculares envolvidos".

Nesta ordem de coisas, "*os ritos têm por características serem constituídos de grande inércia: eles são arrastados e espessos*", pois visavam ao plano transcendente.

[1070] Ir. SANTO ROSÁRIO. Op. cit., 1962, pp. 323-324, negritos meus.
[1071] BOURDIEU, P. "Les rites comme actes d'institution". In. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Paris, nº 43, 1982, pp. 58-63.

g.10.2] O II e III CENs: Belo Horizonte, 1936 e Recife, 1939; respectivamente.

O Segundo Congresso Eucarístico Nacional [CEN][1072] foi realizado na capital Mineira entre os dias de 3 a 8 de setembro de 1936. Ele foi outro marco da força da Igreja católica no Brasil.

Em decorrências dos acontecimentos de ordem política do ano anterior 1935, e das agitações sociais em curso que radicalizaram a crise, o Congresso Nacional havia decretado, desde o dia 25 de novembro de 1935, o estado de sítio no país,[1073] logo as manifestações públicas estava proibidas. Contudo, esse critério não foi aplicado às manifestações de massas desenvolvidas nos eventos e certames político-religiosos dos católicos. Pois de acordo com D. Sebastião Leme que na abertura do evento leu um telegrama que havia remetido ao presidente da República Getúlio Vargas no qual informava:

> "Cinqüenta bispos e *grande multidão de católicos*, reunidos em Congresso Eucarístico Nacional *aclamam o chefe da nação brasileira*, fazendo votos pela prosperidade pessoal de v. exa., pelo maior engrandecimento da *Pátria na paz de Cristo*, *garantia* suprema *de ordem*, *da estabilidade* das nações e dos seus governos. [a] – D. Sebastião Leme, legado pontifício". [1074]

O evento contou novamente com a afluência expressiva de pessoas. Foi calculado em 200 mil o número dos presentes. A população da cidade de Belo Horizonte em 1936 era de aproximadamente 150 mil pessoas. E todo o Estado de Minas Geral tinha uma população de 7.706.847 pessoas, conforme dados do IBGE.[1075]

Foi construído especialmente para o evento um gigantesco Altar-Monumento na praça Raul Soares. Chamou atenção, igualmente, a custódia que foi especialmente confeccionada para o

---

[1072] Além da cobertura da imprensa diária, como a do jornal *O Estado de S. Paulo*, que publicou matérias na coluna "Movimento Religioso" desde a edição do dia 1 de set. de 1936, e nas dos dias: 1, 2, 3, 4, 5, 8, 12, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 26 e 30. O maioria dos textos foram assinado por "JR", enviado do jornal ao evento. Nas matérias, pós-certame, ele fez um balanço dos acontecimentos daquela semana. Por exigüidade de espaço, não posso abordar o evento a partir desse rico material originado na cobertura de "JR". Tenho armazenado no meu PC um conjunto de mais de 50 páginas que pretendo transformar em um artigo, pois julgo que o que transcorreu em setembro de 1936 em Belo Horizonte foi a ante-câmara de novembro de 1937: o Estado-Novo. O evento também gerou um denso *corpus* de fontes, cf. *II Congresso Eucharistico Nacional. Belo Horizonte - 1936*. S/L, "Cruzada da Boa Imprensa", [1937]. *Segundo Congresso Eucharistico Nacional de Belo Horizonte.Programa Official* [Definitivo]. Belo Horizonte, Offs. Da Imp. Offcial, 31p; [mais Anexo c/15fs com os esquemas das ruas e avenidas da cidade], 1936. *Estatutos do 2º Congresso Eucharistico Nacional*. Belo Horizonte, 1936, 14p. In: Biblioteca da Faculdade Teologia N. Assunção da CMSP.

[1073] Cf. "Cronologia". In: *Nosso Século. Brasil. 1930/1945. A Era de Vargas. 1ª Parte*. São Paulo, Abril Cultural, 1980, 163p; pp. 7-10; cit. p. 9; especialmente o cap. "Radicalização e Crise", pp. 136-163, de autoria Leôncio M. RODRIGUES. O autor afirmou que "..., o saldo político mais grave da chamada Intentona Comunista foi abrir caminho para o golpe autoritário de 1937". _____. Op. cit., ed. cit. p. 155. A interpretação aqui adotada é que a instauração do Regime Autoritário de novembro de 1937, remetia-se, nuclearmente, para a adoção do projeto político dos católicos que prescindia, como vimos noutra parte da pesquisa, já em maio de 1930, por exemplo, da representação política no Parlamento.

[1074] Cf. *OESP*. São Paulo, 08-09-1936, p. 9, itálicos meus.

[1075] *Anuários Estatísticos do Brasil*, do IBGE, de 1939/1940. [Onde constam os dados referentes aos anos de 1929 a 1939].

Congresso. As dimensões da custódia eram também monumentais: 2 metros de altura, sendo que o material utilizado foi "o ouro de Minas e segundo desenhos tirados das obras do Aleijadinho".[1076]

A manifestação de massas se apropriava de elementos da tradição: o ouro das gerais e o legado cultural de um artista de origem popular.

Havia um sentido profundo da custódia: ela consubstanciava, no plano simbólico, o corpo social uno, pois a sociedade se transformava numa comunidade que tinha por base os mesmos valores cristãos.

As ruas e avenidas retas[1077] da cidade Belo Horizonte foram palco de inúmeros rituais. A cidade se preparou para o evento: suas praças e jardins foram cuidados e ornamentados para receber um contingente expressivo de prelados: "[...] uns 400 sacerdotes e seminaristas, 52 bispos, o Cardeal Legado, D. Sebastião Leme e o Núncio Apostólico, D. Bento Aloisi Masella. A presença da dupla se repetia como no CEN de 1933 em Salvador.

Missa Pontificia[1078] inaugurou o II CEN, no dia 03/09, às 9 horas da manhã na praça Raul Soares, que foi celebrada por "Dom Bento Aloísio Masella", o Núncio Apostólico. A celebração litúrgica contou com a participação de Dom Antonio dos Santos Sobral, Arcebispo de "Belo Horizonte, [que] fez o seu discurso ao microfone", também presentes "S. Excia. o Sr. Governador do Estado e o Sr. Secretário da Aviação" que estavam no local "[...] para assistirem à abertura do Congresso".[1079]

A lista das autoridades civis presentes era encabeçada pelo Governador de Minas Benedito Valadares, juntamente "com todo o seu secretariado".[1080]

[1076] *ANSAp*. Aparecida, 1937, p. 247. Frise-se a respeito do esforço dos organizadores do certame em colher a matéria-prima com a qual a custódia seria confeccionada: ouro, pedras preciosas etc. A fabricação ficou a cargo da empresa gaúcha Eberle, de Caxias do Sul.

[1077] Veja-se: *Segundo Congresso Eucharistico Nacional de Belo Horizonte.Programa Official* [Definitivo]. Belo Horizonte, Offs. Da Imp. Offcial, 31p; [mais Anexo c/15fs com os esquemas das ruas e avenidas da cidade], 1936.

[1078] Nesta cerimônia foram lidas carta remetida "Castel Gandolfo, junto a Roma, no dia 27 de Julho do ano de 1936..." na qual o papa Pio XI investia o cardeal Leme como o seu representante na presidência do certame. Cf. Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 08-09-1936, p. 9. Em vários trechos da carta originalmente escrita em latim, o papa enfatizava que o II CEN era um momento de afirmação da "Ação Católica" no país. No dia 06 de setembro foi lido em praça pública um telegrama do papa Pio XI no qual agradecia as homenagens prestadas a sua pessoa. O texto foi assinado pelo secretário de Estado, cardeal Eugênio Pacelli, que foi lido pelo cardeal Sebastião Leme no dia 6 de setembro, eis o texto: "Comovido pela devota homenagem que em nome dos bispos, autoridades políticas, clero e povo lhe foi solenemente endereçado pelo Congresso Eucarístico Nacional, o soberano pontifício, ao mesmo tempo em que aplaude a *fervorosa piedade*, *penhor de concórdia* e fator de magnânimos empreendimentos, abençoa a quantos tomam parte no Congresso, augurando que *nesta quadra sombria* desfralde bem alta a bandeira da fé, rica em ensinamentos de altivez e virtudes cristã. [a] – Cardeal Pacelli". Cf. *OESP*. São Paulo, 08-09-1936, p. 9.

[1079] *Álbum Revista. II Congresso Eucarístico Nacional. Belo Horizonte*, setembro de 1936. Quando compulsei essa fonte no ACMSP o seu estado de conservação era péssima, as suas folhas se esfarinhavam.

[1080] *ANSAp*. Aparecida, 1937, p. 245.

Em uma legenda de um foto do Governador, afirmava-se ser ele "[...] figura proeminente de estadista, que, **como raro tacto politico e administrativo**, conduz os destinos da terra montanhesa. S. Excia. **contribuirá decisivamente para o máximo brilhantismo do II Congresso Eucharistico Nacional, patrocinando-o** com o prestigio de seu nome e do seu alto cargo".[1081] Esse tipo de evento servia para que políticos aliados da Igreja fizessem proselitismo e se promovessem. Foto do Prefeito de Belo Horizonte, com a seguinte legenda: "O Governador da Cidade":

> "Valor novo que já se firmou na sena política de Minas Gerais, o dr. **Octacílio Negrão de Lima** tem a sua individualidade marcada por notável tino administrativo. Com **o seu governo impessoal e vigoroso**, S. Excia., vem realizando obra ingente e transformando o "Fácies" da Capital Mineira, que já se transfigura nas idéias novas surgidas do seu espírito dinâmico e moderno". "Reflexo do **seu alto espírito católico** foi o constante amparo que a Municipalidade dispensou à organização do Congresso Eucharistico Nacional, com iniciativas de alto valor que muito contribuíram para o brilhantismo dessa grande parada do catolicismo brasileiro".[1082]

Na página central da fonte que estamos citando, em folha dupla, uma fotomontagem, registra momentos relativos ao dia 03/09:

> "[...] na abertura II CEN [...]. Uma **multidão incalculável de peregrinos de todos os rincões da Pátria, genuflexa e contrita**, recebeu a benção de S. Emcia., o Núncio Apostólico D. Aloisio Masella. Jamais as montanhas que circundam a capital mineira emolduraram quadro de cores tão vivas e tão sinceras. Esse espetáculo surpreendente foi a afirmação positiva de que, sobre **a terra feliz de Santa Cruz, Christo reina, Christo impera**".[1083]

Entre os rituais desenvolvidos, destacaram-se as orações, as comunhões, as adorações noturnas; as muitas "sessões de estudo do clero, das associações masculinas e femininas", onde foram tratadas questões como "escolas e ensino, dos operários". Esses rituais eram pontuados por "ovações, orações, cânticos, vivas e aclamações".[1084]

No sábado 05/09: "**Dia da Família, dedicado a Nossa Senhora da Conceição Apparecida Padroeira do Brasil**". "As 7:30 horas comunhão geral das senhoras e senhoritas, para o que em cada paróquia haverá missa campal celebrada por um dos exmos. srs. Bispos, em local previamente anunciado".

No mesmo dia, na parte da manhã, "Comunhão geral das mulheres". No dia anterior 04/09 "[...] **solenidade**, a um tempo **simples e grandiosa**, de **comunhão de 20.000 crianças na manhã radiosa** de 4 de setembro",[1085] o ato foi conduzido pelo Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil,

---

[1081] *Álbum Revista. II Congresso Eucarístico Nacional. Belo Horizonte*, setembro de 1936. Negritos meus.
[1082] *Álbum Revista. II Congresso Eucarístico Nacional. Belo Horizonte, setembro de 1936*. Negritos meus.
[1083] *Álbum Revista. II Congresso Eucarístico Nacional. Belo Horizonte, setembro de 1936*. Página central, negritos meus.
[1084] *ANSAp*. Aparecida, 1937, p. 246.
[1085] *Álbum Revista. II Congresso Eucarístico Nacional. Belo Horizonte, setembro de 1936*. Página central, negritos meus.

Dom Augusto Álvaro da Silva. Fotomontagem com três momentos do II CEN, que, segundo a fonte "[...] **empolgou todas as classes sociais, cujos representantes, em multidão incontável,** atenderam pressurosos ao apelo do **Coração Eucharistico de Jesus**".[1086]

Imagem de "um aspecto da procissão do encerramento do Congresso Eucharistico Nacional [07.09.36]".[1087]



Segundo Heloísa M. M. Starling construiu-se uma imagem da mulher mineira tendo por base um "comportamento feminino tradicional, social e politicamente passivo". Alceu Amoroso Lima foi um dos formuladores contemporâneo dessa representação da mulher mineira. Tal paradigma do feminino é religioso, pois cabe a mulher apenas: maternidade, nutrição e subordinação. Nessa ordem de coisas, elas desempenharam papel fundamental os acontecimentos de 1964, a partir da

---

[1086] *Álbum Revista. II Congresso Eucarístico Nacional. Belo Horizonte, setembro de 1936.* Página central, negritos meus.
[1087] *II Congresso Eucharistico Nacional. Belo Horizonte - 1936.*

"mística feminina" como "mães e donas de casas". Deste modo, "foi, [...], em nome da preservação desses valores, que essas mulheres interpelaram seus filhos, maridos, irmãos e noivos, também mineiros e, conseqüentemente, os principais responsáveis pela defesa e manutenção desses valores".

Neste sentido, o desfile da mulher mineira em 1936 foi um marco na "tecnização do mito" e profusamente eficaz "na campanha de desestabilização do governo Goulart"[1088] a partir de 1962

Na edição d'*OESP* do dia 26-9-1936 no corpo da matéria foram reproduzidas duas imagens que registraram e flagraram dois momentos do Congresso. Na maior delas, ao centro vê-se, numa extensa mancha branca, figuras femininas com as suas vestes de Filhas de Maria, inclusive com as suas cabeças cobertas por mantilhas, signo do recolhimento e obediência das mulheres aos ditames masculinos, segundo a exigência teológica, e cujo paradigma era Maria, mãe do Ungido.

As mulheres mineiras empunhavam e carregavam em suas mãos bandeirolas e estandartes que tinham estampados ícones de N. Senhora, do Sagrado Coração etc. Circundando-as, formando um longo cordão, populares assistem à sua passagem. Tudo em conformidade ao que a hierarquia estabelecera: disciplina, ordem e internalização da mensagem cristão. Tudo apresentado em espaço público: a instituição eclesiástica exibia a sua força de potência da religiosidade e devoção mariana, transformada em capital político.

Na segunda imagem, a menor, que registrava o desfile das Filhas de Maria, está plasmado outro momento da Procissão Triunfal, provavelmente já na praça Raul Soares: mesmo com o grande aglomerado de pessoas, observam-se trechos ainda organizados segundo os agrupamentos que foram previamente alocados: grupos infanto-juvenis se destacam, na parte inferior da imagem, à direita, meninas exibem, inclusive com diademas, as suas roupas brancas, sinal de sua inocência e pureza. Na parte superior da fotografia, à direita, meninos trajados uniformemente. E à esquerda da imagem uma massa humana, compacta, formava um mosaico pontilhado de banco e preto: a multidão indistintamente constituída perdia a sua individualidade e condição humana – torna-se instrumento a serviço da hierarquia: respondia em uníssono às suas ordens. Se assim o faziam em relação aos aspectos religiosos e divinos; assim, por corolário, procederiam quando instados a acatar os ditames do poder secular. Nesta ordem de coisas, D. Sebastião Leme, Getúlio Vargas e os liberais apropriaram-se, largamente, dessas práticas por várias décadas do século XX.

Para o Dia da Pátria programou-se uma série de atividades. No 7 de setembro, a partir das 9 horas solenidades: hasteamento de Bandeiras, execução de hinos etc., na praça Raul Soares local principal das cerimônias. "Às 15 hs. [...]. Soleníssima Procissão do Triunfo da Eucaristia da

---

[1088] STARLING, H. M. M. *Os Senhores das Gerais.Os novos Inconfidentes e o Golpe de 1964*. Petrópolis, Vozes, 3ª ed., 1986, 375p; todas as cits. entre aspas pp. 152,152, 154 e 156, respectivamente.

Catedral da Boa Viagem para a praça Raul Soares, percorrendo as ruas Aymorés, Pernambuco, praça 13 de Maio, avenida Christovam Colombo, praça da Liberdade e avenida Bias Fortes". No dia da Pátria houve um desfile ressaltado pelas fontes:

> "O desfile será constituído do seguinte modo: [formando] **Cruz falange** de coroinhas, colégios femininos [pela ordem de fundação em filas de dez], congregações de filhas de Maria [pela ordem das paróquias], representações de Associações Femininas, Juventude Católica, Liga Feminina de Ação Católica, Ordens Terceiras Femininas, Escoteiros, Colégios Masculinos [pela ordem de fundação] em filas de dez, Liga Católica Jesus, Maria José, representação das Associações de Homens, Congregação Mariana de Moços, Juventude Masculina Católica, Homens de Ação Católica, Ordens Terceiras de Homens, Irmandade do S.S. Sacramento, Seminaristas, Irmãos Leigos, Clero Regular, Clero Secular, Vigários da Capital [BH], Cônegos, Monsenhores representantes das Dioceses, Prelados, Bispos, Arcebispos, Arcebispo Primaz, Arcebispo de Belo Horizonte, Núncio Apostólico, Pálio do SS. Sacramento conduzido pelo Em. Cardeal Legado, Governador, Secretários de Estado, Prefeito da Capital, Cônsules, Chefes de Polícia, Diretor de Imprensa, Poder Legislativo, Presidentes e Membros das Cortes de Apelação, Reitor e Diretor das Escolas, Professores, Oficialidade do Exército, Força Pública, Banda e Batalhões da Força Pública. Depois da Procissão Solene, Te-Deum congratulatório, seguido de Benção do SS. Sacramento, encerrando-se, então, o Congresso".[1089]

Em outro trecho da fonte, fotos de uma multidão de homens sob uma grande cruz, no "Obelisco da praça 7 de Setembro: - "A Cruz e as iniciais sagradas – JHS – o "in hoc signo vinces" do Brasil", assim, "em pleno coração da Capital Mineira, **vinte mil homens de todas as classes sociais e de todos os recantos da Pátria** escreveram o atestado eloquentíssimo da fascinação, do poder e da mística Sagrada Eucaristia", naquela "meia noite" do dia 4 de setembro, "**a cidade inteira assistiu, maravilhada, as cintilações da fé, cujos reflexos iluminaram os meios longínquos recôncavos do Brasil e cujas sonoridades repercutem nos céu** [...]".[1090]

Ressalte-se, do trecho acima, a racionalidade organizacional e os mecanismos da construção hierárquica do corpo social e do *locus* a ser ocupado pelos membros sociais e os agentes políticos. A "cruz falange" que abriu o cortejo e os militares que o fechou, apontavam o projeto da Igreja católica para o país às vésperas da instauração do Estado Novo. Em uma das sessões de estudos, a do "dia 6 de setembro", seria desenvolvida a tese "Eucaristia, **Ação Católica e Espírito de Obediência e Caridade** no Seminário", tendo como "oradores: **Roberto Campos** e Genésio Borges [Uberaba]".

O orador Roberto Campos acima citado, tornar-se-ia o homem público que adotou os princípios do liberalismo econômico e político, e serviu aos militares no período do Regime Militar a partir de 1964.

[1089] *Álbum Revista. II Congresso Eucarístico Nacional. Belo Horizonte, setembro de 1936.* Belo Horizonte, 106p. [Não numeradas]. Trechos citados até aqui fs. 1-4, não numeradas, negritos meus.

[1090] *Álbum Revista. II Congresso Eucarístico Nacional. Belo Horizonte, setembro de 1936.* Página central, negritos meus.

Houve, no dia 5, a "Mensagem de 6.000 operários paulistas",[1091] quando transcorreu na capital mineira o desfile d': "Os peregrinos paulistas apresentaram saudações aos preclaros arcebispos de São Paulo e Belo Horizonte. Uma romaria chefiada por d. Gaspar, bispo auxiliar de São Paulo, interpretando os sentimentos dos manifestantes, entregou a d. Cabral *uma mensagem assinada por mais de seis mil operários paulistas* aderindo ao Congresso Eucarístico e *jurando fidelidade à fé católica*".[1092]

As cerimônias do dia 6 teve, entre seus oradores, o "**Acadêmico André Franco Montoro**"[1093] **que desenvolveu a tese: "Eucaristia e Ação católica – Salvação Social dos Operários**".[1094]

Na Praça Raul Soares foi anunciada, pelo microfone, as homenagens ao operariado quando houve um aviso no qual se informava que

> "[...] Ia falar um *representante do operariado nacional.* Toda a enorme assistência [presente na esplanada monumental que se torna a praça Raul Soares] *se agita e, quando apareceu na tribuna, o Sr. Carlos Santos, deputado da classe operária do Rio Grande do Sul, indescritível entusiasmo se apossou da multidão que faz verdadeiro ovação ao inteligente e culto operário metalúrgico*".

Entremeado a descrição da recepção apotcótica na Praça R. Soares, o articulista de OESP lembrou um episódio relativo ao metalúrgico gaúcho quando ele estreou na tribuna estadual

> "[...], **o representante do trabalho, homem de mãos calosas e de pele negra, mas de alma branca e de senso fortemente equilibrado**, que falara [na Assembléia estadual] com o coração nas mãos para dizer à sua terra o que **de sofrimentos havia na vida do operário, quais os direitos e garantias que vinha ali pleitear, e qual a consciência dos seus deveres, para com a Pátria, consciência que bem havia dito, à Nação, a atitude patriótica do operariado nacional aos acontecimentos de Novembro de 1935** [referência à Intentona Comunista]. **Operário cristã**, a sua palavra não foi agressiva; mas não foi suplica como os gemidos do escravo. **Foi a voz forte e limpida do homem que sente a dignidade de sê-lo; que quer disputar o seu lugar ao sol e na sociedade, que não ameaça o que não ruge vinganças e não maquina crimes e revoltas: do homem que conhece as leis do seu país e, à sobra deles, quer ficar de pé, clamando justiça e não pela generosidade de uma esmola, que o homem**

[1091] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 08-09-1936, p. 9.
[1092] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 08-09-1936, p. 9, itálicos meus.
[1093] O político paulista graduou-se em filosofia em 1933 na Faculdade de Filosofia do Mosteiro de São Bento. Quanto participou do evento religioso em Belo Horizonte, estudava direito no Largo de São Francisco. Ter discursado e "falar em público, instrumento indispensável de todo o político interessado em explicar e convencer", provavelmente o havia credenciado à disputa pela "presidência do XI de Agosto" em novembro de 1937, quando foi o segundo colocado. Cf. MONTORO, A. F. *Memórias em Linha Reta*. São Paulo, Ed. Senac, 2000, 252p; cits. entre aspas pp. 42 e 45, respectivamente. Ele afirmou em suas memórias que "vi oradores brilhantes, como o Alceu Amoroso Lima ...", "o dr. Alceu foi um dos maiores oradores de seu tempo", p. 42. Provavelmente o contato entre Alceu e o jovem acadêmico, em Minas, tenha marcado a memória do político Montoro. Na edição do dia 5 de set. de 1936, o jornal *OESP* informava aos seus leitores que a "Eucaristia a ação católica nas organizações femininas e masculinas operárias" [...]" fora debatida pelo "sr. Tristão de Athayde".
[1094] *Álbum Revista. II Congresso Eucarístico Nacional. Belo Horizonte, setembro de 1936.* fs 5-6, negritos meus.

que trabalha não a pode porque está acostumado a lutar e a viver dentro de suas possibilidades, – do salário justo que lhe remunere os suores. Essa vós serena da verdade arrebatou a Assembléia [estadual] e, logo após, deputados da maioria e da minoria vinham à tribuna para aos operários, que **as necessidades de sua classe, tão bem expostas pelo seu representante, seriam todas atendidas, sem demora, estando os representantes federais dispostos a concluir a obra dos poderes estaduais, pleiteando no Legislativo Federal as medidas dele dependentes, bem como do executivo. As promessas foram cumpridas e, já hoje, no Rio Grande do Sul o operário está bem organizado em numerosos centros e as suas relações sociais assentam sobre um entendimento leal entre trabalho e capital, entre trabalho e poderes públicos. A imensa maioria dos operários ali são católicos praticantes, pois que elementos de ordem, entre eles não têm encontrado guarida os agentes dos extremistas e a agitação comunista** se ali se manifesta, é, entre outra gente, letrados com tinturas de sociólogos, mas mais fortemente coloridos de desmedidas ambições". [1095]

Este foi o perfil que o correspondente d'*OESP* traçou tanto do líder operário gaúcho quanto do panorama político e social no qual ele se inseria, *ipso facto*: os valores cristão na sua prática católica brasileira serem o *locus* que nação deveria adotar. Assim, ao especificar a participação do líder gaúcho na sessão do II CEN, escreveu o correspondente que o operário riograndense não era

"[...] um desconhecido o **simpático e culto negro brasileiro, o operário digno** que ali se ia fazer ouvir, quando cessaram as **aclamações ao operariado nacional, ao trabalho e aos seus mártires**. Com voz forte, com desenvoltura e cheio da consciência do valor de seu trabalho, o bravo operário, riograndense do sul [...] [desenvolveu] uma [...] dissertação sobre a sua classe, e suas reivindicações, sobre a nova legislação social eminentemente inspirada nos princípios cristãos e também, acentuou ele, [...] [as] peias que, sua prática vem entorpecendo a ação benéfica dessas leis. Depois **o orador faz a apologia da fé cristã** e teve palavras belíssimas para **mostrar como nos lares operários cristãos a virtude melhora e cresce** sem temor de serem vencidos pelos lares nobres e fidalgos. A cada período forte do seu discurso, a assembléia **o interrompia com bravos e aplausos. Entrou a analisar os erros e ilusões perigosas das doutrinas comunistas; e teve palavras de grande caridade para com os inditosos operários brasileiros, que seita moscovita se fizeram prisioneiros.** E mostrou que o grande erro que foi o desamparo em que a sociedade deixou o operariado, no terreno da instrução literária e da formação moral de sua cultura cívica. **A assistência vibrando de emoção subscrevia com retumbantes apoiados e palmas**, os conceitos verdadeiros, por vezes fontes, **do homem do povo** [o líder operário] **que ainda não aprendeu a dissimular o que sente, sob palavras eivadas de astúcia**. Como remate de seu discurso, o deputado operário, sr. Carlos Santos abriu sua alma alcandorada pelos ensinamentos cristãos e revelou-se um estudiosos notável das coisas da religião. Esta parte de seu discurso, diante de cinqüenta e dois bispos, do sr. cardeal legado, de milhares de clérigos e de **cem mil católicos, arrebatou a multidão: todos de pé saudando o patriotismo dos operários brasileiros, operário católico, os homens do trabalho, a classe nobre e patriótica à qual todo o Brasil saiba o que deva, pela sua atitude nos recentes surtos do comunismo**". [1096]

O correspondente de "O Estado" destacava um fato importante decorrente do discurso do líder operário gaúcho, ao vincar que

"Quando o sr. Carlos Santos desceu da tribuna, **o sr. cardeal legado fel-o vir à sua presença e o abraçou demoradamente, de pé no seu trono**; os srs. bispos todos de pé, batiam palmas, o povo, na imensa praça, arguta saudações aos heróis do trabalho , e **agitavam-se com cem mil lenços nas mãos**

[1095] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 23-09-1936; para todos os trecos em destaque até aqui; itálicos e negritos meus.
[1096] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 23-09-1936, negritos meus.

de homens e de senhoras, de jovens marianos e estudantes e de vinte mil filhas de Maria, num verdadeira apoteose."[1097]

Ressaltava que houve uma única exceção à recepção e ao acolhimento do líder operário, ela havia sido dirigida ao Cardeal Leme

> "[...] Exceção durante o Congresso [...], [a que foi dada ao Cardeal Legado] ninguém recebeu **manifestação tão viva e espontânea como o representante da classe operosa e patriótica, operariado nacional**". Assim, foi segundo afirma "J.R." "[...] comovente e notável, a consagração do operariado e do trabalho, no memorável [...]".[1098]

Homem astuto e político calculista, o Cardeal Leme permaneceu, durante as cerimônias e ritos - que eram demorados e arrastados - dessa manhã, ajoelhado - em gesto genuflexo e em atitude de purga e sacrifício em nome do valores católicos e Pátria. A postura do corpo do religioso articulada a fala do "Operário cristã" arrebatou a multidão calculada em "cem mil católicos".

Houve Sessões Solenes. Nelas, entre os oradores, destacavam-se Waldemar Falcão, Alceu Amoroso Lima etc. A fonte informava que para a "constituição da lista de oradores do Segundo Congresso Eucarístico Nacional, foi adotado **o critério da mais apurada seleção de valores intelectuais militantes no Brasil, expoentes e representantes de todas as classes sociais**".[1099] O encerramento do II CEN deu-se com a

> "Grande **procissão do Triunfo Eucharistico, [...] encerrou-se** com fecho de ouro. [...]. A luz incomparável da Hóstia Sagrada **penetrou em todos os recessos – nos palácios e nas choupanas, na cidade e no campo, nas escolas e nos lares, nas officinas e nas forjas** – atraindo dali para as ruas, para a glorificação triunfal do Coração Eucharistico de Jesus, **dezenas de milhares de homens, mulheres e crianças**. – Esse desfile grandioso de encerramento foi uma demonstração vivíssima do **profundo sentimento católico do Brasil**, que é, sobretudo, o melhor índice do **sentimento de brasilidade do povo brasileiro**".[1100]

Há uma fotomontagem com imagens que impressionam: a multidão presente ao evento no seu momento de encerramento: todos em ordem, indicando, conforme as suas roupas de cor branca:

[1097] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 23-09-1936, itálicos meus.

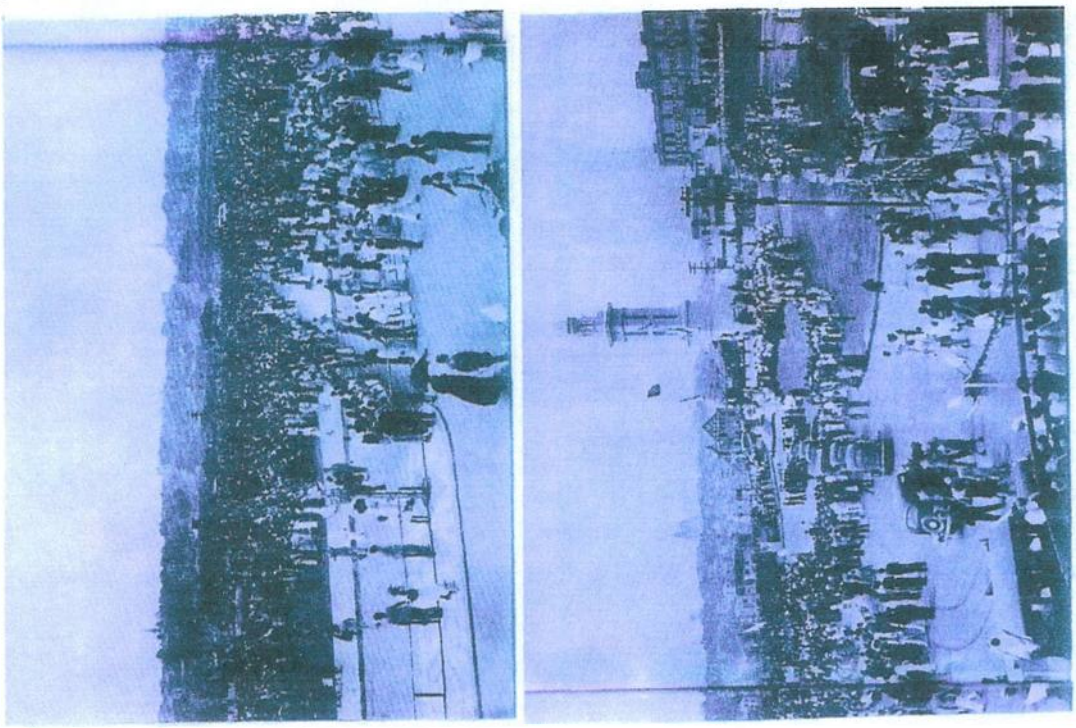
[1098] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 23-09-1936, itálicos meus. "J.R." fecha a sua narrativa desse episódio nos seguintes termos: "[...] *o homem que da forja galgara uma cadeira de legislador* no culto Estado Gaúcho, [...] [após percorrer por] entre [as] alas de congressistas e *entre aclamações populares*, [...] foi *conduzido à tribuna nobre onde estavam as altas autoridades*, assentando-se entre as mais graduadas que ali estavam". Deste modo, o corolário dessa mobilidade social devia-se, como se infere, porque a liderança operária praticava os valores cristãos. Fora desses valores, restava aos trabalhadores, conforme aponta a fonte: instabilidade, desordem e caos. Ou seja: mundo diabólico e demoníaco do comunismo. Trechos entre aspas, Op. cit., itálicos meus.

[1099] *Álbum Revista. II Congresso Eucarístico Nacional. Belo Horizonte, setembro de 1936*. f. 5, negritos meus. À página 15 propaganda da "Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira".

[1100] *Álbum Revista. II Congresso Eucarístico Nacional. Belo Horizonte, setembro de 1936*. Negritos meus.

esse era o paradigma que a hierarquia católica apresentava em praça pública para o restante do conjunto do país. Junto à imagem maior, outra da Custódia confeccionada para o II CEN.

O Congresso foi avaliado nos seguintes termos: "[...] a mais completa demonstração da catolicidade do povo brasileiro [...]. Pois, eis o exemplo dado pelos católicos em Belo Horizonte: "Enquanto o mundo se afoga em sangue, em ódios e lutas fratricidas, as terras de Cristo Redentor, as imensas terras brasileiras curvam-se a homenagear, a adorar a desagravar o Deus da Eucaristia, o Deus do Sacrário."[1101] A procissão de encerramento foi um dos momentos que mais impressionou aos presentes. Após descrever a procissão, o articulista do jornal *O Estado de S. Paulo*, [1102] na longa cobertura do evento, pois "tanto quanto possível", informava o correspondente, ela deu "uma idéia forte do que foi a Procissão Triunfal de Jesus Eucarístico".[1103]



Estas duas fotografias compõem uma única imagem, acompanhada da legenda: "A vasta praça de Belo Horizonte, onde se realizaram os principais atos públicos do II Congresso Eucharistico Nacional".[1104] O correspondente de *OESP*, que assinava "JR", sintetizou o sentido do II CEN, a partir das cerimônias do dia 7 de setembro: "[...]. E assim, *o harmonioum e o coro*, instalados na praça Raul Soares, junto do Altar Monumento, quando *faziam ressoar a música e a letra dos*

[1101] *ANSAp*. Aparecida, 1937, p. 247.
[1102] O periódico publicou matérias longas nas seguintes edições: *OESP*, São Paulo: 02-9, 03-9, 4-9 [1ª página] e p. 9; 05-9, 08-9, 16-09, 17-09, 18-09, 22-09, 23-09, 24-9, 26-9 e 30-09-1936.
[1103] Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 24 de setembro de 1936, p. 8.
[1104] *II Congresso Eucharistico Nacional. Belo Horizonte - 1936*. A fotografia se encontra no centro da fonte.

nossos hinos sacros e do hino do Congresso, todos os rádios domiciliares os repetiam. Nos jardins e balcões, as famílias os cantavam, ao mesmo tempo em que duzentas [200.000] *mil vozes, em pleno céu aberto os repetiam em unissono.* [...]".[1105]

Noutro texto do correspondente d'*OESP*[1106] ele voltou a frisar a respeito do **impacto da união do corpo social** conjugada ao **sacrifício na expiação pelas doutrinas ímpias** foram elementos importantes presentes no encerramento do evento na tarde de 7 de setembro quando se desenrolou a Procissão Triunfal: "Uma coisa inédita, deu aquela procissão beleza, *emotividade e unidade* jamais atingidas em parte alguma; e isto foi resultante de *inteligente utilidade aproveitamento dos aparelhos dos de rádio. Em todo o percurso, as casas que não dispunham de receptores das irradiações emitidas pela estação da Inconfidência Mineira, foram dotadas desse aparelhamento*", assim "*ouvia-se o popular cântico de "Queremos Deus" clamado por duzentas [200.000] mil vozes*", e "cantando com *grande vibratilidade por toda aquela multidão reunida numa extensão de mais de quatro [4] km*" de extensão da Procissão.

O Cardeal Leme fez esse percurso sendo transportado por uma carreta na qual se encontrava a Custódia. O religioso permaneceu

> "*ajoelhado aos pés da Custódia,* [...], – na qual a multidão adorava a Eucaristia Divina [...] *o sr. cardeal legado, de joelhos, mergulhado em profunda oração,* odora a Jesus Cristo ali presente e a *Ele exortava Paz para o Brasil e Paz para a Espanha Mártir,* para que abrisse o seu divino e compadecido coração e consolasse os mártires e libertasse das garras de seus inimigos os seus fiéis, que ali estão, por seu amor, morrendo aos milhares. *Durante três horas e meia, alheado do que ao decorrer ia ocorrendo, sem dar atenção às aclamações da multidão, o sr. cardeal d. Sebastião Leme quedou-se como uma estátua e deixou-se absorver pelas preces.* E de que *ali estava ele mesmo vivo, só davam testemunhos os seus soluços e as suas lágrimas,* que molhavam as almofadas onde descansava os seus joelhos. *Este inaudito sacrifico de três e meia [3,5] horas seguidas, de coração e de joelhos, foi uma prova de sincera piedade e dos transportes em arrebatamento de oração a que entregavam a alma e o coração do grande apóstolo da Eucaristia, como o povo o aclamava desde o início de sua carreira sacerdotal* [...]".[1107]

A **unicidade** foi o paradigma a ser aplicado ao corpo social da Nação. Projetos não matriciados nos valores do catolicismo seriam anatemizados. O seu mentor foi o cardeal Leme, e quem o executou, ao menos até 1942, foi Vargas.

[1105] Jornal *O Estado de S. Paulo*, 24 de Setembro de 1936, itálicos meus.

[1106] Jornal *O Estado de S. Paulo*, 24 de Setembro de 1936.

[1107] Jornal *O Estado de S. Paulo*, 24 de Setembro de 1936; itálicos meus. "J.R." fechou a narrativa da Procissão Triunfal, *tout court*, nos seguintes termos: "Procuramos dar aos leitores do "O Estado de S. Paulo", tanto quanto possível, *uma idéia forte do que foi a Procissão Triunfal* de Jesus Eucarístico. Mas, *sentimos que bem mal conseguimos esfumar o quadro que tivemos a ventura de presenciar.* E isto o sentimos, bem nitidamente, *quando surge, em nossa mente o espetáculo inesquecível que contemplamos* do alto da avenida Christovam Colombo, quando nela penetramos, então colocados bem ao lado da carreta altar. *O quadro que aos nossos olhos se abriu foi extra-terreno*; parecia que *estávamos a sonhar e tinhamos, diante de nós, uma visão do céu.* É que *a procissão mais linda que já se fez no Brasil se realizava num cenário* que se não descreve: – que *a alma que o contemplou, arrebatada, o gravou de modo indelével para, em todos os tempos, gozar um momento de êxtases e sentir orgulho de ser brasileiro, pois que só no Brasil o homem, aliado à natureza, poderia criar* tão grande beleza panorâmica". *OESP*, ed. .cit., 24-09-1936, itálicos meus.

E tal unidade foi efetivamente ressaltado quando os religiosos redentoristas de Aparecida afirmava a respeito do sentido do III CEN em Recife em 1939:

> "Norte, centro e sul do país estão **unidos** numa só **Pátria** querida pela língua, mesmo **governo**, mesma **fé**, mas também pela **mesma devoção a Nossa Senhora Aparecida**. Esse culto, além de ser um ato de **Religião** do **povo** brasileiro, é eminentemente patriótico, porque **une** os **Estados da Federação** pelos **laços inquebrantáveis da identidade** de sentimentos".[1108]

O III CEN ocorreu em Recife Pernambuco "entre os dias 3 e 7 de setembro de 1939".[1109]

Repetiu-se o mesmo esquema organizacional e de logística, das sessões solenes, de estudos etc. do II CEN. Pio XII na Bula ao Legado "A Latere" ao III CEN, o Cardeal Leme, o papa reconhecia os frutos colhidos anteriormente nestas manifestações de massas, ao se referir "..., quemadmodum in anteactis istic Eucharistiticis e tota natione Coetibus, sive Bahia, sive in Bello Horizonte urbe concelebratis, perhonorificum munus praeclare utiliterque esse obtiturum", assim augurava para que houvesse igual sucesso no certame a ser desenvolvido na arquidiocese "Olindensi et Recifensi".[1110] Neste sentido, frisemos, como já pontuado noutras partes da pesquisa: esses eventos de massas, de caráter político-religiosos, contavam com a anuência da cúpula curial desde de Roma até o Brasil e envolvia todo o edifício da hierarquia católica. Participaram as autoridades políticas principais do Estado, a partir do Interventor Federal "Agamenon Magalhães", do prefeito da capital "Novais Filho" etc. E também o cardeal Leme, o Núncio Apostólico D. Bento Aloisi Masella, entre outros. O arcebispo metropolitano de Olinda e Recife, D. Miguel de Lima Valverde, na sua Carta Pastoral de anúncio do evento, informava que o escopo do certame era "libertar o Brasil do jugo estrangeiro e herético".[1111] Um Comitiva de São Paulo participou do certame. No hino do congresso em um dos versos há referência indireta à Aparecida, quando menciona "[...] /Sob as bênçãos da Virgem do além /Pela Pátria de que tanto queremos /[...]".[1112] Nos *Anais*... foram publicados, caso raro na Igreja, pois se trata de valores, balanço no qual se consignava a "receita" num montante de "Rs. 961:115$300"; e "despesa" num

---

[1108] *ANSAp*. Aparecida, 1939, p. 6, negritos meus.
[1109] *Annais do III Congresso Eucharistico Nacional. Realizado no Recife entre os dias 3 e 7 de setembro de 1939*. Recife, s/ed., [1940], 409p.
[1110] PIO XII. "Bula", datada de Roma em 21 de julho de 1939, ao Cardeal Leme, Legado "a latere" ao III CEN em Recife-PE. In: *Annais do III Congresso Eucharistico Nacional. Realizado no Recife entre os dias 3 e 7 de setembro de 1939*. Recife, s/ed., [1940], 409p; pp. 13-14, cit. p. 14.
[1111] VALVERDE, Manuel de L. [D]. "Carta Pastoral, Recife, 11 de abril de 1938". In: *Annais do III Congresso Eucharistico Nacional. Realizado no Recife entre os dias 3 e 7 de setembro de 1939*. Recife, s/ed., [1940], 409p; pp. 15-20, cit. p. 17.
[1112] "Hino do III CEN". In: *Annais do III Congresso Eucharistico Nacional. Realizado no Recife entre os dias 3 e 7 de setembro de 1939*. Recife, s/ed., [1940], 409p; pp. 15-20, cit. p. 36.

total de "Rs. 613:776$100". O que acarretou um "saldo" positivo de "Rs. 347:339$200".[1113] Entre aqueles que contribuíram com valores significativos, destacavam-se os Governos estadual e municipal; o "Sindicato dos Usineiros" que contribuiu com "Rs. 200:000$000"; a "Família "Lundgren" etc.

Imagem fotográfica de "13 filhas de Maria" com estátuas de N. S. Aparecida. *ANSAp*, 1939.



[1113] *Annais do III Congresso Eucharistico Nacional. Realizado no Recife entre os dias 3 e 7 de setembro de 1939*. Recife, s/ed., [1940], 409p. Balanço, pp. 396-407, ele foi assinado pelo contador Sizenando Gonçalves da Silva; cit. p. 396. Na aprovação das contas, op. cit. pp. 408-409, o Arcebispo d. Miguel informava onde seriam alocados os valores que sobraram, cuja aplica seria, entre outras, destinada à edificação de uma Igreja dedicada a São Sebastião, num total de "Rs. 247:339$200", em homenagem ao "Cardeal D. Sebastião Leme", cit. p. 409.

A fotografia de treze Filhas de Maria segurando Ícones de Aparecida impacta, pois a sua difusão passaria a ser massiva, eles destinavam-se "... aos diversos Estados do Norte do Brasil". Um outro fac-símile de Aparecida havia presidido o III CEN em Recife, cujas "... homenagens por Ela recebidas equivalem à consagração nacional" e "... foi recebido no Recife pelo povo que delirava de fervor religioso; os milhares de recifenses e de peregrinos ovacionaram em várias ocasiões a excelsa Padroeira, mormente [...], no dia a Ela consagrado.

O mesmo deu-se nas diversas Capitais nordestinas, a começar pelo Rio de Janeiro: Vitória, Baía, Maceió e, sobretudo João Pessoa".

Mas lembrava-se que eram os "Estados de S. Paulo, Rio e Rio Grande do Sul, bem como no Paraná e Santa Catarina" que era "intensa e grande essa devoção a N. S. Aparecida". [1114]

[1114] *ANSAp*. Aparecida, 1939. Foto, p. 5; para os trechos entre aspas pp. 5-6, respectivamente. A comitiva de paulistas que participou do certame presenteou "... outras capitais do Norte com fac-símiles de N. S. Aparecida". A adesão a devoção à N. S. Aparecida mediante a difusão dos seus ícones também se estendia à Europa: na França, na Alemanha e em Roma. Uma imagem de Aparecida presenteada por brasileiras ao papa Pio XII encontra-se depositada junto a outras imagens marianas famosas: "Lourdes, Lujan, Fátima, Loreto, Pilar, Guadalupe, Czestochowska" etc. Op. cit., 1939, p. 6. Vincava-se que os operários ferroviários de S. Paulo haviam escolhido Aparecida por sua Padroeira, cuja festa celebrava-se no 1º de Maio na "Estação do Norte" e contava "... com a presença de altas autoridades estadual, federal e ferroviária", cit. p. 6. Aparecida era o *locus* de unidade no qual "... empregadores e empregados, ... homens do governo e do povo" iriam aderir, pois "... **não haverá mais greves nem revoluções**, mas verdadeira ordem e progresso" sob a sua devoção e proteção maternal para a Nação brasileira. Cit. p. 6, negritos meus.